MARIA DO CARMO MARQUES PIRES

O Ateliê de Arquitetura/Urbanismo de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins
VISIBILIDADE DA MEMÓRIA

I VOLUME

Dissertação de Doutoramento em História da Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Orientadora Científica: Prof.ª Doutora Maria Leonor Barbosa Soares.

Projeto comparticipado por FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA
POPH QUADRO DE REFERÊNCIA ESTRATÉGICO NACIONAL
UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu

2012

Aos meus Irmãos

À memória presente dos meus Pais e da Patrícia

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação de doutoramento constitui um momento de enriquecimento pessoal enquanto investigadora e docente nas áreas de História da Arte Portuguesa e de História e, por permitir um desenvolvimento/aperfeiçoamento das metodologias de investigação, uma atualização científica, um estreitamento de relações e uma possibilidade de colaboração com algumas das instituições de cultura nacionais e, ainda, permitir uma maior compreensão, sensibilização e abertura nas relações interpessoais.

O presente estudo não resulta, apenas, da nossa pesquisa documental e bibliográfica, mas, ainda, de um conjunto de solidariedades e cumplicidades com todos aqueles que se identificam com o nosso objeto de estudo e connosco colaboraram.

O nosso primeiro reconhecimento dirige-se à nossa última orientadora científica, Prof.ª Doutora Leonor Barbosa Soares, que nos propôs o tema em estudo, nos incentivou à sua realização, nos apontou caminhos, acreditou na sua realização e orientou de uma forma incansável todo o nosso trabalho.

Não podemos de forma alguma esquecer a anterior orientação prestada pelos Professores Doutores Joaquim Jaime Ferreira-Alves e Domingos Tavares, respetivamente os nossos primeiros orientador e coorientador e a da Prof.ª Doutora Lúcia Maria Cardoso Rosas que aceitou e assumiu a nossa orientação durante o período da aposentação do nosso primeiro orientador, possibilitando-nos dar continuidade ao nosso projeto.

Recordamos com saudade o Professor Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida e prestamos aqui uma homenagem a uma Professora que nos marcou e marca, ainda, enquanto investigadora, a Professora Doutora Natália Marinho Ferreira-Alves.

À Dr.ª Maria João Borges o reconhecimento da importância de todas as nossas conversas, diálogos e reflexões.

Neste nosso percurso agradecemos todos os diálogos tidos, todas as orientações do olhar, todas as sugestões e qualidade da colaboração gráfica do arquiteto Miguel Tomé.

Lembramos todo o profissionalismo demonstrado no excelente apoio técnico de Tânia Cerqueira.

Agradecemos a disponibilidade, solidariedade e a partilha de informação/conhecimentos, a todos os que tendo recentemente elaborado trabalhos de investigação ou os que se encontram a iniciar a elaboração desses trabalhos, nomeadamente os arquitetos Gonçalo Canto Moniz, Gisela Lameira e Ana Cristina Pereira.

O nosso muito obrigado, aos arquitetos José Carlos Loureiro, Tasso de Sousa, Menéres e Madureira, à Dr.ª Inês Sarmento, ao colaborador de DMS, Sr. Jorge Portela, ao sobrinho do arquiteto, engenheiro Baptista Barros, ao Sr. Américo Costa da direção da SCPOPP pelos depoimentos prestados sobre os arquitetos em estudo.

O nosso agradecimento a todas as instituições a que recorremos:

Ao Instituto arquiteto José Marques da Silva/Fundação arquiteto José Marques da Silva através do Professor Doutor Ribeiro da Silva e da Professora Doutora Maria de Lurdes Correia Fernandes que nos possibilitaram o trabalho de investigação naquele arquivo, à Dr.ª Paula Abrunhosa, a toda a colaboração e apoio prestados por parte da Dr.ª Conceição Pratas, Ana Ramos, Dr.ª Odete Santos e Dr.ª Inês Sarmento.

Ao Dr. Luís Manuel Real e a todos os técnicos do Arquivo Histórico do Porto e da Biblioteca Pública do Porto.

À Dr.ª Fernanda e técnicas do Arquivo da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Às técnicas do arquivo Municipal da Câmara de Matosinhos.

Na cidade de Guimarães ao Dr. Amaro das Neves e à Sociedade Martins Sarmento; aos arquitetos Miguel Frazão, Rosa Maria Ferreira da Câmara Municipal de Guimarães; ao Sr. Paulo Almeida do DPPU e à Dr.ª Joana desta Câmara; aos técnicos do Arquivo Geral da Câmara de Guimarães e do Arquivo Alfredo Pimenta.

Na cidade de Lisboa aos técnicos do MOPC e da DGOTDU.

No Funchal, à Dr.ª Fátima Barros e à Dr.ª Maria da Cunha Paredes do Arquivo Regional da Madeira.

À FCT agradeço o apoio financeiro concedido através da bolsa de doutoramento em 2006 (SFRH/BD/3037/2006).

À Rosário Pires (minha Irmã), Ana Cristina Sousa, à Priscila Matos e Cristina Tomé pela enorme paciência e colaboração prestada.

Aos amigos e família.

RESUMO

Um ateliê de arquitetura e urbanismo aqui entendido enquanto espaço existencial partilhado pelos diversos diálogos de um casal de arquitetos, duas personalidades distintas mas complementares. Os diferentes projetos de arquitetura e urbanismo e os diversos registos de vida que integram o imenso *corpus documental* foram por nós selecionados, compilados e analisados permitindo, assim futuras investigações nesta e noutras áreas do conhecimento.

Neste estudo fazem-se duas biografias que pretendem dar a conhecer a formação académica e a atividade profissional nas áreas de arquitetura e de urbanismo, assim como toda a sua vasta produção e, através da sua análise, entender a obra projetada e concretizada.

Formados em instituições de referência a nível nacional, a EBAP, e internacional, a École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris, o Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris e o ateliê de Laloux-Lemaresquier, os dois arquitetos realizam as suas aprendizagens em diferentes contextos e modelos pedagógicos, na década de 1930.

David Moreira da Silva será o segundo urbanista português com formação específica no IUUP e por isso chamado a participar ativamente na transformação urbana do país (continental, insular e colonial) durante um período de apogeu da prática urbanística do Estado Novo. Foi convidado a exercer a docência nesta área na EBAP e ESBAP num período (1946 -1961) em que se pretendia um ensino moderno da arquitetura na "escola do Porto".

Um ateliê de grande longevidade e de vasta produção durante um período de cerca de cinquenta anos que reflete de variadas formas a conjuntura nacional e internacional e cujo estudo permitirá acrescentar mais uma peça ao puzzle da História da Arquitetura e do Urbanismo do Portugal Contemporâneo.

Este trabalho integra três volumes que incluem o texto final resultante de reflexão, biografias e registos fotográficos (I Volume); documentação organizada de acordo com a estrutura do texto que fundamenta e permite uma leitura crítica, além da

inclusão de sínteses resultantes da sistematização de informação, possibilitando o conhecimento de grande parte do *corpus documental* por nós levantado em várias instituições (II Volume); e um terceiro volume que inclui um Catálogo Analítico organizado em dois conjuntos de fichas: um conjunto relativo aos projetos e realização de obra arquitetónica (habitação, equipamentos), desenho urbano e monumentos; outro, relativo aos planos de urbanização.

Palavras-Chave:

Arquitetura Contemporânea; Urbanismo; Ateliê de Arquitetura e Urbanismo; David Moreira da Silva; Maria José Marques da Silva Martins.

ABSTRACT

An architecture and urbanism office, here seen as an existential space shared by several dialogues of a couple of architects, with two distinct but complementary personalities. The different designs of architecture and urbanism and the various life registers that make up the immense *corpus of documents* were selected, compiled and analysed to allow future investigations in this and other areas of knowledge.

In this study there are two biographies which aim to make known their academic and professional activities in the areas of architecture and urbanism, as well as all their vast production and, through the analysis of all this, to understand the designed and implemented work.

After graduating in reference institutions, nationally EBAP, and internationally the École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris, the Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris and the Atelier Laloux-Lemaresquier, the two architects acquired knowledge in different contexts and pedagogical models, in the 1930s.

David Moreira da Silva was the second Portuguese city planner with specific training in IUUP and therefore called to participate actively in the country's urban transformation (continental, insular and colonial) during a heyday period of urban practice implemented by the *Estado Novo*. He was invited to teach in this area at EBAP and ESBAP at a time (1946-1961) when the "Oporto school" was meant to teach modern architecture.

A great longevity and vast production office, which worked over a period of nearly fifty years, and that reflects in various forms national and international circumstances and whose study will add another piece to the puzzle of the History of Architecture and Urbanism of Contemporary Portugal.

This work integrates three volumes that include the final text resulting from reflection, biographies and photographic records (Volume I); documentation organized according to the structure of the text underlying and enabling a critical reading, besides the inclusion of summaries resulting from the systematization of information which enables the knowledge of much of the *corpus of documents* collected in various institutions (Volume II); and a third volume that includes an Analytical Catalogue

organized into two sets of files: one set concerning the design and realization of architectural works (housing, equipment), urban design and monuments; another one concerning urbanization plans.

Keywords:

Contemporary Architecture; Urbanism; Architecture and Urbanism Office; David Moreira da Silva; Maria José Marques da Silva Martins.

SIGLAS E ACRÓNIMOS

A.C.P.- Arquivo Central do Porto (Registo Civil)
A.D.C.M.P. – Arquivo Distrital da Câmara Municipal do Porto
A.D.G.O.T.D.U. – Arquivo da Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano
A.E.S.B.A.P/ E.S.B.A.P.- Arquivo da Escola Superior de Belas Artes do Porto/ Escola Superior de Belas Artes do Porto
A.G.C.M.G. – Arquivo Geral da Câmara Municipal de Guimarães
A.S.M.S./ S.M.S – Arquivo da Sociedade Martins Sarmento/ Sociedade Martins Sarmento
A.C.M.M. – Arquivo da Câmara Municipal de Matosinhos
A.H.M.P. – Arquivo Histórico Municipal do Porto
A.M.A.P. – Arquivo Municipal Alfredo Pimenta – Guimarães
A.H.M.O.P.C./M.O.P.C. – Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas e Comunicações/ Ministério das Obras Públicas e Comunicações
B.G.M.E.B.A. – Bulletin de La Grande Masse de L'École des Beaux-Arts
B.P.M.P. – Biblioteca Pública Municipal do Porto
C.R.P.P. – Conservatória do Registo Predial do Porto
D.G.O.T.D.U.- Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano
DMS – David Moreira da Silva
D.P.P.U./C.M.G. – Departamento de Projetos e Planeamento Urbanístico/Câmara Municipal de Guimarães
E.B.A.P. – Escola de Belas Artes do Porto
E.H.E.U. –École des Hautes Études Urbaines
E.N.S.B.A.P. – École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris
IMS – Instituto Arquiteto José Marques da Silva
FIMS/MSMS – Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva/Marques da Silva Moreira da Silva
I.A.C.- Instituto para a Alta Cultura
I.U.U.P. – Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris
J.E.N. – Junta de Educação Nacional

MJMSM – Maria José Marques da Silva Martins

S.A.D.G. – Société des Architectes Diplômés par le Gouvernement

S.C.P.O.P.P./C.P.O.P.P.- Sociedade Cooperativa de Produção dos Operários Pedreiros Portuenses/ Cooperativa de Produção dos Operários Pedreiros Portuenses

S.F.U. – Société Française des Urbanistes

ÍNDICE

I VOLUME

Dedicatória …… 1

Agradecimentos …… 2

Resumo …… 4

Abstract …… 6

Siglas e Acrónimos ……... 8

Índice ……... 10

Citação …….. 25

Introdução ……. 26

Capítulo I

A FORMAÇÃO ACADÉMICA DOS ARQUITETOS : Dois Percursos Distintos

1. As Formações, encontros e escolhas

1.1. David Moreira da Silva – 1909 – 2002 …….. 36

1.1. A EBAP

1.1.1. Os cursos Preparatórios e Especial da Arquitetura (1921-1929) …… 43

1.1.2. Novas aprendizagens em Paris

1.1.2.1. David Moreira da Silva Bolseiro pela JNE e IAC …… 50

1.1.2.2. A Formação do arquiteto-urbanista em Paris

1.1.2.2.1. O ensino e a aprendizagem na *École Nationale des Beaux – Arts de Paris* ……... 54

1.1.2.2.2. O ateliê Laloux-Lemaresquier e a frequência da École Nationale Supérieure des Beaux – Arts de Paris ……... 60

1.1.2.2.3. A admissão e frequência na ENSBAP
1.1.2.2.3.1. Programas, professores e trabalhos académicos 63

1.1.2.2.4. O nascimento do IUUP 90

1.1.2.2.4.1. A admissão e frequência no IUUP 100

1.1.2.2.4.2. Programas e professores 103

1.1.2.2.4.3. Provas finais e a obtenção de Diplomas 118

1.2. Maria José Marques da Silva Martins (1914-1994) 128

1.2.1. A EBAP – Formação e trabalhos académicos
1.2.1.1. Os cursos Especial e Superior de Arquitetura 130

1.2.1.2. Provas Finais e o Diploma de Arquitetura 140

1.3. Conclusões 144

Capítulo II

2. A ATIVIDADE PROFISSIONAL 147

2.1. David Moreira da Silva – O Pedagogo
2.1.1. Emergência de uma cadeira 151

2.1.2. David Moreira da Silva Professor na EBAP
2.1.2.1. Contratação, programas, concursos e experiência pedagógica 156

2.1.2.2. O fim de uma carreira pedagógica
2.2.2.2.1. Provas para o concurso de provimento para um lugar de professor do 2º grupo da ESBAP 169

2.2. A Comissão Municipal de Arte e Arqueologia da Câmara do Porto 175

2.3. Conclusões 181

2.4. O(s) Ateliê(s): David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins

2.4.1. Conceito, formação e etapas ……... 182

2.4.2. A consolidação do ateliê: localizações dos espaços, organização, funcionamento, encomendas e clientes …….. 188

2.4.3. Fases do ateliê

2.4.3.1. Primeira fase do ateliê (1940 a setembro de 1943) …… 190

2.4.3.2. Segunda fase do ateliê (setembro de 1943 a abril de 1954) ……... 195

2.4.3.3. Terceira fase do ateliê (1954-1964) …… 208

2.4.3.4. Quarta fase do ateliê (1965-1997) …….. 215

2.5. Conclusões ……. 220

Capítulo III

A OBRA NA ÁREA DO URBANISMO

3.1. Contextualização …….. 223

3.2. Planos de urbanização metropolitanos ……...…… 226

3.2.1. Algumas características dos planos de urbanização do ateliê. Zonamento …….. 228

3.2.2. Plantas de Zonas ……. 230

3.3. Os planos de Urbanização de Guimarães ……... 233

3.3.1. O Plano de Urbanização de Guimarães de 1949 …… 240

3.3.2. O aditamento ao Plano de Urbanização, 1953 …… 245

3.3.3. O anteplano plano de urbanização de Guimarães de 1957 e aditamento …….. 253

3.4. Planos de Urbanização Insular e Ultramarinos

3.4.1. Os diferentes registos de viagens ……... 255

3.4.2. O Funchal: viagens, correspondência, obras projetadas – as lições ... 258

3.4.2.1. A Praça do Município ……. 263

3.4.2.2. Anteprojeto da Avenida do Infante …… 266

3.4.2.3. Anteprojeto de remodelação da zona marginal do Porto Funchal ….. 269

3.4.2.4. Anteprojeto do Parque da Cidade do Funchal …… 271

3.4.2.5. Anteprojeto de remodelação do Casino do Funchal …….. 278

3.4.3. Angola …… 280

3.4.3.1. Luanda: a parceria com Étienne DE GRÖER no anteplano de urbanização da cidade, os contratos, as viagens, as impressões ……. 283

3.4.3.2. Gabela: o anteplano de urbanização e sua consecução …….. 292

3.4.3.3. Os contactos com outras entidades angolanas …… 303

3.5. Conclusões ……. 306

Capitulo IV

A OBRA ARQUITETÓNICA

4.1. Seis estudos de caso …….. 311

4.1.1. O Palácio do Comércio

4.1.1.1. Génese de um espaço: evolução do primitivo espaço e sua integração na cidade ……... 313

4.1.1.2. O processo de aquisição do terreno, o cliente e a encomenda do edifício …… 323

4.1.1.3. O primeiro projeto do palácio do Comércio 1940-1942 …… 330

4.1.1.4. O projeto de Viana de Lima para o edifício-quarteirão das ruas Sá da Bandeira, Firmeza, Bolhão e Fernandes Tomás …… 333

4.1.1.5. O palácio do Comércio – o edifício projetado pelo ateliê de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins …….. 340

4.1.1.5.1. O projeto de 1944 ……... 347

4.1.1.5.2. Projetos de 1946 a 1954 ……. 351

4.1.1.5.2.1. O acesso à garagem do segundo subsolo …… 359

4.1.1.5.2.2. O Palácio do Comércio (1946-1954) Análise da evolução do processo construtivo ……... 362

4.1.1.5.2.3. A diversidade compositiva da fachada – linguagem/símbolo de um estatuto social ……. 369

4.1.2. O santuário de Nossa Senhora da Conceição do Monte Sameiro ….. 372

4.1.2.1. Origem do culto …….. 373

4.1.2.2. O Lugar ……... 377

4.1.2.3. A génese do lugar Religioso: modelo, processo de construção e ocupação ……. 382

4.1.2.5.4. Leitura do Espaço ……... 405

4.1.3. As edificações da SCPOPP: oficinas edifício sede e edifício – Torre Miradouro

4.1.3.1. A SCOPP …… 408

4.1.3.1.1. Tempos, intenções e projetos ……. 409

4.1.3.1.2. Programas dos diferentes projetos
4.1.3.1.2.1. Projetos 1930-1951 …… 413

4.1.3.2. Projetos para o Edifício – Torre Miradouro 1963-1969 …… 423

4.1.3.3. Análise de Fachadas ……... 432

4.1.4. O Savoy Hotel …… 435

4.1.5. A Habitação de Vasco Paiva Brites na Avenida do Infante ……... 439

4.1.6. Casas geminadas em Luanda …….. 442

4.2. **Conclusões** ……. 443

Conclusão …….. 445

Mapa do Porto com a localização das obras realizadas pelo Ateliê **...** 450

Biografia de David Moreira da Silva ……. 453

Biografia de Maria José Marques da Silva Martins ……... 457

Biografias de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins …….. 459

Registos Fotográficos de David Moreira da Silva …….. 470

Registos Fotográficos de Maria José Marques da Silva Martins ….. 478

Registos Fotográficos de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins ……. 487

Fontes e Bibliografia …….……. 499

II VOLUME

Índice ……..…… 1

Nota Introdutória …… 3

Nº doc.	Designação	
1	Notas e cadeiras de David Moreira da Silva na EBAP……	5
2	Diplomas e Medalhas ……	6
3	Correspondência ……	10
4	Trabalho Académico Professor Hautecoeur ENSBAP ……...	12
5	Inventário de Obras Académicas de David Moreira da Silva na EBAP E ENSBAP ……..	19
6	Programa dos Concursos em que participou David Moreira da Silva	27
7	Provas para obtenção de diploma de David Moreira da Silva na ENSBAP e IUUP ……	46
8	Organização do Ensino no Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris ……...	48
9	Exercícios de David Moreira da Silva para os professores J. Gröber, Mr. Sentenac e Henri Prost ……. ……...	49
10	Documentos – Cidades Jardins ……...	84
11	Estrutura da Tese de Urbanismo para o IUUP de David Moreira da Silva ……	90
12	Notas e Cadeiras de Maria José Marques da Silva Martins na EBAP	100
13	Documentos de Maria José Marques da Silva Martins na EBAP ….	102
14	Caderno de apontamentos de Maria José Marques da Silva Martins	105
15	Inventário dos desenhos académicos de Maria José Marques da Silva Martins na EBAP ……..	106
16	Programas dos concursos em que participou Maria José Marques da Silva Martins na EBAP ……..	118

17 Tirocínio de Maria José Marques da Silva Martins ……... 133

18 Provas de Maria José Marques da Silva Martins para obtenção de diploma de arquiteta ……... 139

19 Certidão de Casamento de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins ……... 141

20 EBAP/ESBAP – Processo de Professor de David Moreira da Silva – documento de identificação e registo biográfico …… 142

21 Professores e cadeiras lecionadas na EBAP/ESBAP de 1947 a 1957 144

22 Exercícios de Aplicação de David Moreira da Silva professor da 16ª cadeira na EBAP Ano letivo 1946-47 …… 150

23 Provas dos Concursos dos alunos de David Moreira da Silva no ano letivo de 1947-48 …… 153

24 Trabalhos dos alunos de David Moreira da Silva em 1951 – Anteprojeto do arranjo Urbanístico de uma faixa adjacente na Marginal do Douro ……. 163

25 Programas dos concursos de emulação 16ª cadeira lecionada por David Moreira da Silva na EBAP 1946 a 1961 …….. 167

26 Alunos de David Moreira da Silva na EBAP DE 1946 a 1961 …….. 209

27 Atas da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia ……. 215

28 Obras Projetadas no Ateliê – David Moreira da Silva ……... 263

29 Anteplano de Urbanização da cidade de Aveiro …… 271

30 Anteplano de Urbanização de Barcelos …….. 289

31 Anteplano de Urbanização de Elvas ……... 291

32	Funchal – Legislação, correspondência e projetos …….	301
33	Obras realizadas na Sociedade Martins Sarmento (Peças escritas e desenhadas) e contrato de elaboração do Plano de Urbanização de Guimarães ……...	341
34	Angola – Documentos oficiais, correspondência, peças escritas e desenhadas e fotografias …….	368
35	Anteplano de Urbanização de Vizela – Correspondência Oficial …..	399

III VOLUME

	Índice ……..	1
	Nota Introdutória ……	7

Fichas nº	Designação	
1	Adaptação de edifício a pastelaria e salão de chá, Valença ……...	9
2	Remodelação do Largo do Arrabalde, Chaves ……...	12
3	Habitação Unifamiliar, Chaves ……..	14
4	Remodelação parcial do interior do edifício, Montalegre ……..	17
5	Construção de uma adega na Quinta de S. Roque, Vieira do Minho	22
6	Remodelação dos Largos de Infias e de Monte de Arcos, Braga …..	27
7	Santuário do Sameiro, Braga ……..	33
8	Habitação unifamiliar e comércio, Braga ……..	86
9	Edifício misto, Rua Alcaide de Faria, Barcelos ……	91
10	Edifício misto, Barjona de Freitas, Barcelos……...	93
11	Jardim, na Quinta de Cantim ……..	96

12 Quinta de Santa Maria, Barcelos ……..……. 98

13 Esplanada sobre o Cávado, Barcelos …….. 102

14 Habitações unifamiliares – Airó, Barcelos ……. 105

15 Via de Acesso ao estádio, Barcelos …… 108

16 Paços do Concelho, Valongo …….. 110

17 Habitação unifamiliar, Póvoa de Varzim ……... 118

18 Chafarizes no Campo da Feira, Ribeira da Pena …… 123

19 Sociedade Martins Sarmento, Guimarães …….. 125

20 Mercado, Guimarães …….. 142

21 Edifício para GNR, S. Torcato, Guimarães …… 157

22 Miradouro da Penha, Guimarães …… 165

23 Igreja de S. Torcato, Guimarães ……. 168

24 Monumento Pio IX, Guimarães ……..... 172

25 Abrigo Miradouro, Guimarães ……..... 174

26 Prédio de Rendimento, Amarante …….. 179

27 Supermercado Domus, Amarante …….. 184

28 Cineteatro dos Bombeiros Voluntários, Maia …… 188

29 Garagem privada, Lugar do Carvalhinho, Maia ……. 191

30 Garagem privada, Lugar da Guarda, Maia …… 194

31 Habitação na Quinta da Balsa, Maia …….. 197

32 Oficina de acessórios para escritório, Maia ……... 201

33 Habitação na Quinta da Balsa, Maia …….. 208

34 Oficina da COPP, Maia …….. 213

35 Remodelação de uma habitação para centro social, Maia …….. 216

36 Habitação para D. Delmina Sotto Mayor, Matosinhos …….. 222

37 Projeto da Casa de Chá Boa Nova, Matosinhos ……..... 226

38 Habitações económicas, Cruz de Pau, Matosinhos …… 228

39 Habitações económicas, Gondim, Matosinhos ……... 240

40 Padrão Comemorativo, Matosinhos ……... 251

41 Acesso á Ponte de Leixões, Matosinhos …… 257

42 Oficinas Parry & Son, Matosinhos ……. 263

43 Fábrica Novinco, São Mamede Infesta …….. 265

44 Bloco misto de habitação e comércio, Av. Brasil, Porto …… 267

45 Muro e portão de Serralves, Porto …….. 282

46 Edifício de habitação, Rua Pedro Hispano, Porto …….. 287

47 Edifício misto, Rua de Nossa Senhora de Fátima, Porto …… 293

48 Remodelação do edifício COOP, Porto …….. 301

49 Oficina Rua Visconde Setúbal, Porto ……. 308

50 Edifício de habitação, Rua da Constituição, Porto ……. 312

51 Edifício misto de habitação, Rua da Constituição, Porto …….. 317

52 Arranjo do adro da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Porto … 322

53 Patronato dos Pobrezinhos, Porto ……... 329

54 Garagem privada, Rua Latino Coelho, Porto ……. 343

55 Palácio do Comércio, Porto …… 346

56 Ampliação de prédio, Rua Sá da Bandeira, Porto …….. 384

57 Edifício da Cooperativa dos Pedreiros, Porto …… 392

58 Habitação unifamiliar, Rua da Alegria, Porto …… 404

59 Academia Moreira da Silva, Porto ……. 408

60 Monumento a Moreira da Silva, Porto ……... 410

61 Edifício – Torre Miradouro, Porto ……. 413

62 Obras de remodelação em edifício, Travessa das Almas, Porto ……. 435

63 Obras de remodelação em edifício, Rua 31 de Janeiro, Porto …… 439

64 Edifícios nas Ruas Latino Coelho e Gil Vicente, Porto ……. 447

65 Blocos mistos, Rua Anselmo Braancamp, Porto ……... 453

66 Edifício misto, Rua Anselmo Braancamp, Porto ……... 464

67 Edifício misto, Rua da Fábrica Porto ……. 472

68 Remodelação de prédio, Rua Ferreira Borges, Porto ……. 479

69 Legalização de uma escada, Rua Ferreira Borges, Porto ……... 491

70 Pavilhão "Cicla Novinco" – stand, Porto ……... 495

71 Mostruário da "Novinco" – stand, Porto …… 497

72 Garagem nascimento, Porto ……... 500

73 Monumento à Guerra Peninsular, Porto ……. 504

74 Casa Lusitana, Rio Tinto, Gondomar ……. 507

75 Casa Abel Pereira da Silva, Rio Tinto Gondomar …….. 510

76 Bloco misto, Valbom, Gondomar ……..... 512

77 Habitação unifamiliar, São João da Madeira …….. 529

78 Habitação mista, São João da Madeira ……... 533

79 Pórtico da Feira de Março, Aveiro ……. 537

80 Fonte Luminosa, Aveiro …… 540

81 Monumento a Dr. Lourenço Peixinho, Aveiro ……... 543

82 Monumento Gustavo Ferreira Pinto Bastos, Aveiro …….. 546

83 Centro comercial Almirante Reis, Lisboa …….. 548

84 Habitação unifamiliar, Setúbal ……... 564

85 Anteprojeto de remodelação e ampliação do Savoy Hotel, Funchal .. 568

86 Remodelação do Casino, Funchal …….. 574

87 Parque da Cidade, Funchal ……..……... 579

88 Avenida do Infante, Funchal …….. 587

89 Praça do Município, Funchal ……..... 591

90 Porto, Funchal …… 593

91 Habitação Paiva Brites, Funchal …… 597

92 Edifício misto, Luanda ……... 601

93 Loteamento e construção de habitações, Luanda ……... 603

94 Habitações geminadas, Luanda ……. 606

2– Planos de Urbanização

Fichas nº Designação

1 Anteprojeto do Plano de Urbanização da Praia de Moledo …… 610

2 Anteplano de Urbanização de Chaves …..…….. 613

3 Anteplano de Urbanização do Gerês ……... 616

4 Anteplano de Urbanização da Vila de Amares ……... 619

5 Anteplano de Urbanização de Guimarães …….. 622

6 Anteplano de Urbanização de Caldas das Taipas ……... 625

7 Anteplano de Urbanização de Barcelos …….. 627

8 Anteplano de Urbanização de Caldas de Vizela ……. 631

9 Anteprojeto do Plano de Urbanização da Vila de Paredes ……. 643

10 Anteplano de Urbanização de Valongo ……..…… 645

11 Anteprojeto do Plano de Urbanização da Vila de Matosinhos ……... 653

12 Anteplano de Urbanização de S. Jacinto …… 656

13 Anteplano de Urbanização da cidade de Aveiro …… 661

14 Anteplano de Urbanização (esboceto) de Cacia -Sarrazola ……..… 665

15 Anteprojeto do Plano de Urbanização de Águeda …… 667

16 Plano de Arranjo e Urbanização de Coimbra ……. 669

17 Anteprojeto do Plano de Urbanização de Monte Real ……..…… 673

18 Anteplano de Urbanização da cidade de Elvas ……... 675

19 Plano de Urbanização de Luanda ……... 683

20 Anteprojeto do Plano de Urbanização da Vila de Gabela …….. 687

[...] Nada mais há na vida que o sentir original, aí onde mal se instalam as palavras, como cinturões de ferro, aonde não chega o comércio das ideias cunhadas que circulam, se guardam nas algibeiras. *[...]*

[...] Quanta coisa aprendi e sei e está aí à minha disposição quando dela preciso. *[...]*

FERREIRA, Vergílio - *Aparição*. [s.l.]: Círculo de Leitores, 1988, pp. 5-7



FIMS/MSMS/Foto1777 – Praça Marquês do Pombal, biblioteca Pedro Hispano arq.º Fabião, exposição de 1953

INTRODUÇÃO

Uma praça arborizada e ajardinada marca uma centralidade, um espaço público da cidade, um lugar rodeado por casas, igreja e serviços. Aqui houve e ainda há tempo para conversar num banco de jardim, entre uma antiga biblioteca infantil, um antigo coreto, uma fonte e um quiosque, equipamentos que se harmonizam com o espaço, entre as árvores, as sombras, a luz, os sons, o silêncio de um ambiente sereno e o toque de um sino que marca e lembra o tempo.

No lado nascente da praça Marquês do Pombal duas habitações – um palacete e uma *casa ateliê* – destacam-se do conjunto edificado e foram o ponto de partida para esta nossa viagem de pesquisa pelos registos silenciosos de espaços de vida de dois arquitetos.

Essas habitações foram outrora utilizadas como habitação, como ateliê de arquitetura e continuam a ser habitadas no presente de uma outra forma. Edifícios e logradouros-jardins, lugares que abrigam registos de vida – arquivos –, numa instituição criada para perpetuar a memória de um homem de referência da cidade, o arquiteto e professor José Marques da Silva.

Este legado deixado à reitoria da Universidade do Porto, pela filha e genro do arquiteto, destina-se a preservar, conservar, classificar e divulgar o acervo de Marques da Silva, de Maria José Marques da Silva Martins e de David Moreira da Silva. Tornou-se numa instituição cultural da cidade, um lugar de memórias presentes.

Numa memória descritiva de um projeto, datado de 1975, previa-se a construção de três prédios de rendimento plurifamiliar para os logradouros das duas casas, voltados para as ruas Latino Coelho e Gil Vicente. Neste documento lê-se a vontade da filha do arquiteto da classificação do palacete e da casa ateliê como Imóveis de Interesse Público e destinados a Casa-Museu Marques da Silva. Deste modo pretende Maria José assegurar a salvaguarda e a preservação dos edifícios que considera de referência para a cidade. Classificação justificada pela *digna traça arquitetónica clássica do palacete*, de meados do século XIX, enquanto reflexo das relações luso brasileiras e lugar em que faleceu o arquiteto e, no caso do segundo edifício, de composição original, de inícios do século XX, e da circunstância de nele ter vivido e trabalhado em obras de referência, o referido arquiteto também ele autor do seu projeto.

Atualmente abriga a Fundação Arquiteto José Marques da Silva, sucedendo ao anterior Instituto e lugar eleito para a nossa pesquisa documental, uma vez que lá se encontra arquivado todo o espólio dos arquitetos em estudo.

O nosso percurso pelos espaços físicos em que se encontram acumulados os muitos e diversos registos de memória de David Moreira da Silva e de Maria José Marques da Silva Martins, foi longo e moroso. Estes espaços, eles próprios espaços existenciais dos arquitetos, testemunharam e guardaram silenciosamente a maior parte dos projetos realizados quotidianamente pelo casal que partilhava vida e profissão, *[…] no meio do silêncio. Mas um silêncio onde germina a vida*[1]. Para além deste espaço outras instituições culturais sediadas nesta e noutras cidades foram por nós consultadas, para complementar informação ou conseguir de uma forma mais célere outra documentação considerada importante para a realização do nosso estudo.

A consecução do nosso projeto prolongou-se de finais de 2005 até ao presente momento, tendo o projeto inicial sofrido algumas alterações devido ao avanço da investigação que nos remeteu para uma abordagem mais abrangente do tema e da área estudo inicialmente propostas. O primeiro título indicado *David Moreira da Silva – Vida e Obra de Um arquiteto do Século XX*, foi alterado quando nos deparamos com a circunstância dos projetos do ateliê serem também atribuídos e assinados pela arquiteta Maria José Marques da Silva Martins. Houve que alargar a nossa investigação à biografia, formação académica e atividade profissional desta arquiteta, passando o estudo, num segundo momento, a intitular-se *Projetos de arquitetura e de urbanismo num ateliê do século XX. David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins.* O título final sintetiza de uma forma mais exata o conteúdo e dimensão da nossa dissertação.

O presente trabalho pretende ser uma reflexão sobre a vida e obra de um ateliê da cidade do Porto, feita a partir do levantamento exaustivo de documentação para permitir dar visibilidade a uma obra ainda não estudada e de dimensão até agora desconhecida.

[1] RIBEIRO, Ana Isabel - Nuno Teotónio Pereira ou a ética do sensível". In TOSTÕES, Ana - *Arquitectura e Cidadania. Atelier Nuno Teotónio Pereira.* Lisboa: Quimera Editores, Lda., 2004.

Motivação

Esta tese de doutoramento surgiu de uma proposta feita pela nossa atual orientadora científica que nos informou da possibilidade de realizarmos um levantamento documental e um estudo aprofundado da obra do arquiteto urbanista David Moreira da Silva a partir das fontes existentes no arquivo do então IMS, um imenso arquivo por estudar o que permitiria um trabalho inovador.

A dimensão, a diversidade e a especificidade da obra deste ateliê de arquitetura e urbanismo, desconhecida de grande parte dos cidadãos, entusiasmou-nos e deste modo decidimos iniciar este projeto.

O facto de se encontrar reunida nesta instituição a maior parte da documentação, relativa aos dois arquitetos, foi um dos motivos que nos levou a aceitar o desafio. Cedo nos apercebemos que não nos podíamos circunscrever a este arquivo, tendo recorrido a outros de outras instituições localizados aqui no Porto, em Lisboa, em Guimarães e no Funchal.

O levantamento documental inédito e diversificado, a sistematização de toda a informação obtida, o cruzamento dessa informação constante em diferentes fontes primárias é um tipo de trabalho por nós já experienciado na nossa dissertação de mestrado na área da arquitetura doméstica - *A Rua Álvares Cabral – 1895-1940. Formas de Habitar* – e para o qual estamos particularmente direcionados.

Estavam então reunidas todas as condições para a realização deste estudo. A possibilidade de poder contribuir para a construção e divulgação do conhecimento numa área pouco conhecida da cidade e do país, feita a partir do levantamento, seleção, compilação e sistematização de toda a informação (constante nos diversos registos e arquivos de memória; dar visibilidade à memória), constituiu um desafio.

Este tipo de trabalho de investigação é particularmente apelativo pelo facto de lidarmos com inúmeras e diferentes fontes primárias, registos pessoais, académicos e projetos profissionais e, ainda, por constituir um desafio metodológico, por permitir fazer o cruzamento de informação, preencher lacunas em determinadas áreas do conhecimento, interiorizar, valorizar e ainda *fazer* tempo, espaço e contextos.

A sua análise e síntese interessa-nos pelas particularidades metodológicas ao explorar todas as potencialidades de informação em registos, a maior parte das vezes desvalorizados, esquecidos e por serem uma tão importante fonte de reflexão.

Um outro tipo de motivação foi, ainda, o conhecimento do tipo de formação académica, da organização do trabalho, da obra realizada por arquitetos em determinada conjuntura política, económica e artística nas áreas da arquitetura.

O Projeto

O tema inicialmente proposto foi posteriormente alargado à arquiteta Maria José Marques da Silva Martins pressuposto que se manteve durante toda a sua realização. A formação e as atividades desenvolvidas pelo ateliê constituíram a base do trabalho que dada a sua dimensão nunca pretendeu aprofundar a totalidade da obra, mas dar a conhecer a realização global, permanecendo assim em aberto muitas outras abordagens possíveis.

As metas por nós definidas foram: a caracterização da formação dos arquitetos, o conhecimento da maior parte da obra por eles realizada, as influências sofridas; a diversidade dessa obra produzida pelo ateliê e a realização de levantamento, o mais exaustivo possível, das fontes existentes no Arquivo da FIMS e noutras instituições.

Este estudo pretende revelar aspetos pessoais, académicos e profissionais de dois arquitetos menos conhecidos e contribuir para o conhecimento da produção arquitetónica e urbanística nacional através deste trabalho monográfico e de divulgação *[…] como forma de ir produzindo matéria de reflexão que fundamente novas e diferentes aproximações valorativas das ideias e das produções objectivas que materializam as formas construídas que vamos habitando […]*[2].

[2] GUIMARÃES, Carlos In FERNANDES, Fátima; CANNATÀ, Michele - *Guia da Arquitectura Moderna. Porto 1925-2002.* Porto: Edições Asa, 2002, p. 9.

Objetivos

O trabalho dá a conhecer de uma forma aprofundada um ateliê de grande longevidade e produtividade da cidade do Porto que produziu durante cerca de cinquenta anos do século XX (1940-1997), estudo que permitiu a compreensão global da sua obra e da sua especificidade no panorama nacional.

Para o seu conhecimento houve que elaborar uma biografia completa dos dois arquitetos envolvidos: formação académica em Instituições nacionais (EBAP) e internacionais (Ateliê Laloux-Lemaresquier, ENSBAP, IUUP) e diferentes métodos pedagógicos; atividade profissional na área pedagógica, em instituições municipais e na área da arquitetura e urbanismo. Houve também uma preocupação em facultar um índice e imagens mais significativas dos trabalhos realizados ou projetados pelo ateliê em estudo.

O trabalho deste ateliê não tinha sido objeto de estudo, existindo apenas algumas referências pontuais ao arquiteto urbanista David Moreira da Silva em pequenos trabalhos que referenciam o facto de ele ser o segundo urbanista português com formação específica na área do urbanismo numa instituição de referência internacional da época - o IUUP-, aluno com formação académica na EBAP, ENSABP, frequentador do ateliê Laloux-Lemaresquier, autor de alguns projetos na área do Urbanismo na década de 1940-1950, autor de alguns edifícios na cidade do Porto.

Assim pretendemos: realizar o levantamento exaustivo do imenso *corpus documental* relativo ao ateliê dos arquitetos da FIMS e em vários arquivos e bibliotecas nacionais; sistematizar as informações mais relevantes obtidas neste levantamento; realizar duas biografias e organizar os diversos registos fotográficos dos dois arquitetos; compreender a sua formação académica, vivências pessoais, culturais e profissionais; conhecer as diferentes circunstâncias, os compromissos, o mercado e as opções dos arquitetos; conhecer a intervenção do ateliê nas duas diferentes áreas – a arquitetura e o urbanismo; elaborar fichas e integrá-las num catálogo analítico com informação sobre cada obra; definir fases do ateliê de acordo com o tipo de organização, cliente e obra realizada. Fizemos nove estudos de caso seis relativos à obra arquitetónica e três a planos de urbanização e localizámos as regiões mais representativas da obra do ateliê.

Metodologia(s) e Fontes Consultadas

Adotámos um percurso de investigação em arquivos de memória desta e de outras cidades para a realização do levantamento das diversas fontes primárias e secundárias, de forma a obtermos todo o tipo de informação necessária à consecução do nosso estudo.

A nível metodológico houve um novo desafio colocado pelo tipo de fontes encontradas nos dois edifícios da Praça Marquês de Pombal: registos pessoais ricos em informação que teriam sido esquecidos se não tivessem sido alvo de uma análise minuciosa e criteriosa, criando entre nós e os seus autores um tipo de cumplicidade na partilha de memória. Entre esses registos acumulados durante toda uma vida, encontramos: correspondência particular e oficial; guias e seguros de viagens; bilhetes; telegramas; minutas de correspondência de consultadoria; folhetos turísticos; agendas várias; blocos de pagamento ao pessoal do ateliê; cartões de identificação; programas de congressos; plantas e projetos de arquitetura e urbanismo …

As fontes de que nos socorremos e, como se encontram implícita na enumeração realizada anteriormente, foram de diversos tipos: manuscritas, datilografadas, impressas, iconográficas (gravuras, fotografias, desenhos, plantas e peças desenhadas).

Na cidade do Porto consultámos os Arquivos Histórico e Distrital da Câmara Municipal; o arquivo da antiga ESBAP (Escola de Belas Artes do Porto) e o da FAUP (Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto), a Conservatória do Registo Predial (1ª e 2ª); o Arquivo Central (Registo Civil), o Centro Português de Fotografia e a Biblioteca Municipal do Porto. Nestes espaços, acedemos a informação vária da que destacamos atas, licenças de obras, fotografias, processos de alunos e professores, livros de ponto, catálogos das exposições Magnas em que DMS participou, legislação, certidões de nascimento, casamento e óbito, projetos, livros de descrição predial e de transmissão, periódicos e registos fotográficos antigos. Através desta documentação completou-se e fundamentou-se o nosso estudo.

Em Guimarães recorremos ao Departamento de Projetos e Planeamento Urbanístico e ao arquivo Geral da Câmara Municipal, à Sociedade Martins Sarmento, ao Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, enriquecendo a nossa informação através do acesso aos projetos de urbanização e plantas atuais de Guimarães, aos contratos de

realização dos planos de urbanização para aquela zona; à correspondência e atas da Câmara, aos processos de conclusão dos edifícios do mercado de Guimarães, Sociedade Martins Sarmento e Igreja de S. Torcato.

Em Lisboa socorremo-nos de dois organismos do MOP e da DGOTDU através de documentação ligada a legislação sobre urbanismo, boletins da Direção Geral de Urbanização e aos planos de urbanização realizados (peças escritas e desenhadas) pelos arquitetos.

Estas foram as principais instituições a que recorremos para obtenção de documentação necessária ao nosso trabalho para além de toda a bibliografia consultada.

À medida que acedíamos a toda esta documentação realizávamos sínteses documentais, índices com cotas e representações gráficas, processo que facilitou a interiorização e ligação da informação contida nas diferentes fontes e que, de outro modo, seria insustentável face à diversidade e ao volume de documentação por nós recolhida e analisada.

Outro método por nós utilizado foi o de cruzar a informação contida no Boletim de La Grande Masse da École Nationale des Beaux-Arts de Paris, periódico da associação de estudantes daquela instituição francesa (programas dos concursos, trabalhos premiados) com trabalhos académicos realizados por David Moreira da Silva, sem título e, ainda, com a informação constante dos relatórios dos bolseiros da Junta Nacional de Educação e do Instituto para a Alta Cultura, onde se encontravam descriminados os trabalhos e os anos em que David Moreira da Silva os realizou.

O segundo volume inclui documentação e síntese que realizámos para tornar acessíveis e clarificar os fundamentos do nosso trabalho e proporcionar o acesso às numerosas fontes consultadas e aqui disponibilizadas.

Reunimos toda a informação recolhida em fichas que incluem o III volume o Catálogo Analítico, relativa às obras a de arquitetura e desenho urbano e aos planos de urbanização.

Este levantamento, o estudo comparativo das fontes e as reflexões suscitadas contribuíram para a realização de um estudo que consideramos sólido.

Título da Dissertação

O título sintetiza o trabalho realizado uma vez que a nossa investigação partiu, na sua essência, de um primeiro levantamento da documentação existente no IMS e na FIMS, relativa à vida e obra dos dois arquitetos em questão. Essa documentação dá memória e presença a David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins, dado que a partir dela identificamos, selecionamos, revelamos e publicamos os seus projetos, dando visibilidade a registos esquecidos, permitindo assim o acesso a fontes primárias que poderão servir de ponto de partida ou de estudo complementar a outro tipo de investigação.

A expressão "ateliê" utilizada por nós no título do presente trabalho, pretendeu significar toda a organização que envolveu a realização dos projetos e concretização da obra nas diversas vertentes, na arquitetónica e na de planeamento urbano.

Utilizámos ainda uma outra expressão *VISIBILIDADE DA MEMÓRIA* que pretende justificar um dos nossos principais objetivos neste trabalho, o levantamento de todo o *corpus documental* de dois arquitetos que, tendo deixado um espaço dedicado à memória do pai e genro, o arquiteto Marques da Silva, têm sido até agora esquecidos.

Este trabalho é ainda um contributo à memória daqueles arquitetos e uma forma de ultrapassar o esquecimento e o tempo através da informação sobre o trabalho realizado.

Estrutura do Trabalho

A dissertação é composta por três volumes: o primeiro relativo ao texto da dissertação e os segundo e terceiro respetivamente à parte Documental e a um catálogo analítico que integra fichas relativas à obra arquitetónica e aos planos de Urbanização.

A dissertação foi dividida em quatro capítulos que passamos a enunciar:

1. A Formação Académica dos Arquitetos: Dois Percursos Distintos
2. A Atividade Profissional
3. A Obra na Área do Urbanismo

4. A Obra Arquitetónica

O primeiro capítulo pretende dar a conhecer alguns dados biográficos e falar da formação académica dos dois arquitetos nas diferentes instituições nacionais e internacionais: estrutura e pedagogia do(s) curso(s), professores, trabalhos realizados, concursos académicos e provas para obtenção de diplomas nas áreas de formação. Subdividimos este capítulo em duas partes, uma destinada à formação de David Moreira da Silva em contexto nacional e internacional e outra à formação de Maria José Marques da Silva Martins em Portugal. Neste capítulo recorremos a imagens de trabalhos académicos realizados por cada arquiteto para ilustrar os modelos pedagógicos a que correspondiam. No fim deste primeiro capítulo chegamos a algumas conclusões relativamente aos percursos académicos.

O segundo capítulo privilegiou três aspetos: o início da atividade pedagógica do arquiteto na EBAP enquanto docente de uma nova cadeira, (a 16ª - de Projetos e Obras de Urbanização), as reformas do ensino; a estrutura e temas dos concursos de emulação; a sua participação na Comissão Municipal de Arte e Arqueologia e um terceiro e último aspeto relativo ao ateliê de arquitetura e urbanismo. No que concerne este último ponto, considerado de grande importância, pensamos ser relevante: explicitar o conceito aqui utilizado para o ateliê em estudo; o seu tipo de organização, funcionamento o tipo de encomendas e de clientes; a sua divisão em quatro fases de acordo com a organização, volume de obra e realização. Ilustramos cada um dos aspetos anteriormente referidos com imagens representativas por nós selecionadas. Incluímos sínteses através de imagens das obras realizadas em cada uma das fases do ateliê que se relacionam com os quadros-síntese constantes no II volume. Também neste capítulo chegamos a algumas conclusões sobre o tipo de trabalho desempenhado pelo ateliê.

No terceiro capítulo abordamos a obra na área do urbanismo subdivida nas áreas metropolitana e insular/ultramarina, previamente contextualizadas. Inserimos documentos iconográficos para ilustrar os estudos realizados neste capítulo: Guimarães, Funchal, Luanda e Gabela. Também aqui apresentamos algumas conclusões.

No quarto e último capítulo relativo à obra produzida na área da arquitetura realizamos seis estudos de caso: o Palácio do Comércio, o Santuário do Sameiro e as construções realizadas para a S:C.P.O.P.P. – oficinas, sede social e o Edifício Torre-

Miradouro, no Território continental; o Hotel Savoy e as moradias para o Eng. Paiva Brites, na zona insular - Funchal e duas moradias geminadas em Luanda.

Neste primeiro volume integrámos ainda um mapa com a indicação das intervenções dos arquitetos na cidade do Porto, biografias dos arquitetos e registos fotográficos considerados pertinentes para o tipo de trabalho realizado

Houve sempre uma preocupação de inserir fotografias pessoais e imagens dos diversos tipos de trabalhos realizados enquanto alunos, enquanto professor e enquanto profissionais.

A possibilidade de informar e partilhar as fontes primárias com todo aquele que tenha acesso ao trabalho foi uma preocupação para a divulgação da obra dos arquitetos nas diversas áreas. Deste modo qualquer investigador poderá ter fácil acesso ao espólio existente na FIMS e noutras instituições através da indicação de cotas legendadas integradas nas fontes e bibliografia.

Este nosso trabalho, um projeto com cerca de seis anos, constituiu para nós um desafio quer a nível metodológico quer a nível intelectual quer ainda um exercício de reflexão e síntese – um exercício útil na divulgação da obra de dois arquitetos que, na nossa opinião tardava.

O projeto representa apenas o início de outras investigações, de outras reflexões e de outras abordagens nesta e noutras áreas.

Esperamos que este nosso percurso marque o início de muitos outros e de novos olhares.

Capítulo I
A FORMAÇÃO ACADÉMICA DOS ARQUITETOS: Dois Percursos Distintos
1. As Formações, encontros e escolhas
1.1. David Moreira da Silva – 1909-2002[1]



Fig. 1- David Moreira da Silva. FIMS/MSMS/Foto1598.P/B, Fot. Beleza 1953.



Fig. 2 - David Moreira da Silva. FIMS/MSMS/ Foto 6012, P/B, 1943.



Fig. 3 -José Moreira da Silva. Centro Social Moreira da Maia, Lugar da Guarda.



Fig. 4 - José Marques da Silva. FIMS/MSMS/Foto 1103, fotografia de Octávio Bobonne, Lisboa, s.d.

O percurso de vida do futuro arquiteto-urbanista será marcado, desde o seu início, pelas suas origens, situação – espaço – e tempo em que nasceu. Filho de Lucinda Alves da Silva e de José Moreira da Siva (Fig. 3), natural do lugar da Guarda, freguesia de Moreira da Maia, concelho da Maia e distrito do Porto[2]. Estas suas circunstâncias associadas às de ser filho de um homem de referência do cooperativismo portuense e nacional, José Moreira da Silva (1879-1969)[3], moldaram a sua personalidade, definiram

[1] ACP - 1ª CRCP – Assento de óbito nº 362. Integra os dados do registo do nascimento e informa que David Moreira da Silva já viúvo de Maria José Marques da Silva Martins, natural da freguesia de Moreira da Maia, faleceu às 13 horas e 30 minutos do dia 9 de Maio de 2002.

[2] AESBAP – Processo de Aluno: Cópia da certidão de nascimento (13 horas do dia 28 de Janeiro de 1909), do Registo Civil do Concelho da Maia, Documento nºs 728 e 729 - março nº 3- diário nº 2616, fl. 8, assento de nascimento nº 15 de 1909. De acordo com este documento que integra o pro cesso de aluno a sua família oriunda do lugar da Guarda, freguesia de Moreira da Maia, concelho da Maia e distrito do Porto e caracterizava-se por exercer atividades ligadas à lavoura (padrinho), carpintaria, tecelagem - trabalhos domésticos (mãe) e trabalho da pedra (pai). 1ª CRCP, assento de óbito nº 362, fl. 362 de 10 de Maio de 2002.

[3] FIMS/MSMS/4387 e 4388 – Documento datilografado de dezasseis páginas, com os dados biográficos do pai José Moreira da Silva e informações sobre a Sociedade Cooperativa de Produção dos Operários e Pedreiros Portuenses. Nascido em 1 de Novembro de 1879 no lugar da Guarda, freguesia de Moreira do Concelho da Maia, filho de um encarregado carpinteiro e de uma fiandeira de lã e, tendo ficado órfão de pai muito cedo, começou a trabalhar com nove anos de idade como rapaz de pedreiro no Porto de Leixões, na construção do molhe norte. Autodidata na leitura, escrita e hábitos de leitura, durante a sua atividade profissional foram-lhe reconhecidas qualidades tais como as de: *paladino dos ideais cooperativistas, espírito pacífico, educado, respeitador, responsável, afável, conciliador, sensato, lutador*. Numa época caracterizada por fortes tensões sociais geradas pelas precárias condições em que viviam e pelo aumento do custo de vida. A classe operária a que pertencia encontrava-se a lutar pelas oito horas de trabalho diário e por melhores salários, recorrendo à greve. Neste contexto José Moreira da Silva era uma personalidade que era descrita *com Espírito pacífico, mas antevendo as consequências que*

o seu percurso de vida e foram as primeiras referências de alguém que admirava pelos valores defendidos que interiorizaria e respeitaria toda a sua vida. De um arquiteto e urbanista contemporâneo estudado, recentemente desaparecido e que não conhecemos, constrói-se sempre uma imagem mental individual e identitária do homem. Consideramos existir sempre uma vertente de subjetividade na construção do conhecimento de qualquer investigador, também ele humano e ser único. Há uma imagem construída da sua personalidade através dos registos diversos (pessoais, familiares e profissionais) por ele deixados, por todos os que com ele habitaram. Das muitas e diversificadas entrevistas, recolhemos os traços comuns, uma vez que a sua dimensão humana traduz-se na sua relação com os outros e com a visão e atuação sobre a cidade e outros espaços urbanos – principal objeto e preocupação da sua atividade profissional e humana: discrição, afabilidade, responsabilidade, perseverança, educação, solidariedade, companheirismo e respeitabilidade[4]. Estes seriam alguns dos atributos herdados do pai aos quais se associariam, posteriormente outros transmitidos pelo seu outro pai/mestre de eleição – José Marques da Silva, como o da *exigência, […] rigor, […] prazer do desenho […]*[5] sólida formação, a correção no trabalho, a competência a

---

poderiam provocar a sua não aderência cedia num ponto para depois recuperar dois ou três. Fundador e redator do Jornal "O Construtor Civil", representou a classe dos Pedreiros no Congresso Luso-Galaico de Vigo, em 1900. Trabalhou sob a direção do arquiteto José Marques da Silva na edificação da Estação de S. Bento. Um dos fundadores e gerente da Sociedade Cooperativa de Produção dos Operários Pedreiros Portuenses, em 9 de março de 1914 (SOUSA, Francisco de Almeida - A Cooperativa de Produção dos Operários Pedreiros Portuenses. O Tripeiro. Porto, Série Nova, Ano 9, nº 8 (1990) pp. 234-238). No ano de 1937 esteve presente na Exposição Universal de Paris, altura em que realizou um contrato exclusivo com a Société Marbriére de Paris, tendo comprado as máquinas, introduzindo a Indústria do Granito Polido em Portugal, no ano de 1937 e foi seu sócio-gerente de 1914 a 1969 data em que faleceu (8 de Dezembro), no hospital da Ordem da Lapa. Fundou a Cooperativa Popular de Moreira da Maia. Foi- lhe conferido a título póstumo o grau de Comendador da Ordem do Mérito Agrícola e Industrial (classe de Mérito Industrial) em 8 de Março de 1989.

FIMS/MSMS/3975 – Na correspondência trocada entre David Moreira da Silva e o presidente da Câmara Municipal da Maia, Dr. José Vieira de Carvalho em que o primeiro e as irmãs (D. Maria da Conceição Alves da Silva, Beatriz Alves da Silva D. Alcina Alves da Silva) doaram a casa dos pais ao Município da Maia para, em sua memória, se tornar num lar de idosos e infantário (Centro Social). Nesta correspondência e na placa de homenagem que atualmente se encontra na fachada deste centro social, encontramos dados biográficos de José Moreira da Silva: nascido em 1 de Novembro de 1879, no Lugar da Guarda, freguesia de Moreira da Maia, morreu em 8 de Dezembro de 1969, tendo estado internado no hospital da Lapa onde faleceu. Um dos dez operários especializados que fundou a Cooperativa dos Pedreiros em 1914, quando trabalhavam no edifício da estação de S. Bento, no Porto. Introduziu a indústria do granito polido. A primeira sede foi na travessa das Almas nº 36, 1º andar, gerente da Cooperativa entre 1914 e 1969. Foi ainda um dos fundadores e membro dos corpos gerentes da Cooperativa Popular de Moreira da Maia.

[4] Entrevistamos uma técnica do Instituto que o entrevistou pouco antes da sua morte (Dr.ª Inês Sarmento) familiares (Engº Baptista Barros, sobrinho), colaboradores (Sr. Jorge Portela), alunos arquitetos (arquitetos José Carlos Loureiro e Madureira), colegas (arquitetos Menéres e Tasso de Sousa).

[5] CARDOSO, António – *O Arquitecto Marques da Silva e a arquitectura no norte do país na primeira metade* do séc. XX. Porto: FAUP, 1997, p. 599.

nível de construção. Este último, arquiteto e professor de referência da cidade (fig. 4), *[…] Arquitecto de um rigor e uma exigência cartesiana, que o espírito Beaux-Arts impunha, "vitória da ordem"* [6], para quem trabalharia, tornar-se-ia, assim de uma forma incondicional, o seu outro modelo e com ele partilharia experiências e percursos vários até ao fim da sua vida – seu aluno na EBAP, aprendiz no seu ateliê, estagiário do ateliê livre de Laloux-Lemaresquier, bolseiro pela J.N.E., aluno e arquiteto diplomado pela École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris, professor na EBAP/ESBAP, membro da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia da Cidade e, finalmente companheiro/continuador da sua obra enquanto genro.

De 1931 a 1933, inicia a sua outra viagem de formação em arquitetura na cidade de Paris e aí descobre o urbanismo, no Instituto de Urbanismo, tendo frequentado as duas instituições quase em simultâneo[7]. Daquela sua viagem que pretende ser sempre de retorno e com um itinerário feito à imagem do realizado pelo seu mestre, voltou diferente. David parte e chega, não como tinha pensado inicialmente, arquiteto, mas, na nossa opinião, como um urbanista com formação inicial em arquitetura. Parte como um arquiteto formado para projetar, desenhar e construir o edifício ao nível da parcela e retorna como um dos possíveis interlocutores e intervenientes num trabalho de uma vasta e heterogénea equipa responsável pela organização da cidade, arranjo, embelezamento e extensão. O arquiteto e urbanista que se preocupa com uma outra escala – a urbana - que exige a conjugação de cada mínimo detalhe, zelando para que a (s) arquitetura (s) contribua (m) *para o espírito de uma paisagem urbana […]*[8], exercício de uma atividade morosa, nem sempre concretizada e sujeita a ser apenas um dos contributos para pensar e orientar algumas das muitas intervenções solicitadas por particulares e pelo poder local, aprendendo a dividir opiniões com outros técnicos e entidades, a repensar e a modificar o estudo inicial. A sua atividade torna-se um trabalho sempre em aberto, contribuindo para a composição urbana ao serviço das coletividades. A formação na *École* dá-lhe uma cultura arquitetónica[9], com uma forte

---

[6] CARDOSO, António – *J. Marques da Silva Arquitecto. 1869-1947*. Porto: AHMP, FAUP, 1986. p. 20.

[7] No ano letivo de 1934/35, entra, como aluno, na École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris e no ano letivo de 1935/36 no Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris.

[8] FREY, Jean-Pierre – «Henri Prost (1874-1959), parcours d'un urbaniste discret (Rabat, Paris, Istambul …)», in *Urbanisme*, nº 336 : Utopie(s), mai-juin 2004, pp. 79-87. Disponível em WWW.URL: http://urbanisme.u-pec.fr/.../com.univ.collaboratif.utils.pdf.

[9] Nas entrevistas realizadas a antigos alunos e colegas é opinião generalizada que o arquiteto não teria grande cultura arquitetónica nem gostaria muito de ler. Se a frequência da *École* e do Instituto de Urbanismo de Paris, lhe proporcionou a aquisição/atualização de outros conhecimentos sobre arquitetura,

componente artística que o preparou para pensar a composição, escolher o *parti* de um projeto organizado para ser inserido num determinado espaço que deve ser monumentalizado. A sua formação naquela instituição foi sem dúvida complementada por um ensino mais pragmático a que terá aderido.

A formação em arquitetura é desejada pelo pai, José Moreira da Silva, que tendo trabalhado com José Marques da Silva em muitas das suas obras, sonha para o filho uma formação na mesma área. Aquando das suas deslocações semanais e profissionais ao Porto, faz-se acompanhar por ele, seu companheiro de sempre e com ele residiria num modesto quarto na Rua da Regeneração nºs 10 a 12 [10] *por cima da tasca propriedade da D. Cândida* [11], regressando ambos apenas ao fim de semana, à casa na Maia. José Moreira da Silva, de origens muito humildes é referido como um […] *encarregado de segurança dos andaimes um jovem e promotor idealista cooperativo […] que durante a sua vida pugnou sempre pelo bem estar dos seus companheiros […]*[12]. O seu espírito de iniciativa e de empreendedorismo associado ao da solidariedade social esteve na origem da fundação da S.C.P.O.P.P., conjuntamente com outros dez operários em 1914, instituição na qual exerceria o cargo de gerente até à sua morte.

Do seu pai biológico David Moreira da Silva terá interiorizado a importância do trabalho árduo e persistente feito de compromissos pessoais/espaciais e temporais, de interdisciplinaridade e que mais tarde se refletiria na sua atividade profissional de urbanista consultor municipal. Esta ligação ao seu pai biológico duraria toda a sua vida e, mais uma vez se tornaria um elo solidário numa outra instituição - A Sociedade Cooperativa de Produção dos Operários e Pedreiros Portuenses -, para a qual trabalharia sempre de uma forma incondicional e em parceria.

David Moreira da Silva, posteriormente, face às inúmeras e diversificadas encomendas feitas ao ateliê, à sua atividade pedagógica na EBAP e enquanto membro da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia da Câmara do Porto, assoberbado de trabalho, terá descurado essa vertente.

[10] AESBAP- Processo de aluno: nos documentos de matrícula nos cursos Preparatório e Especial de Arquitetura Civil, indicava sempre esta residência na rua da Regeneração nº 10 e/ou 12.

[11] Entrevista concedida por David Moreira da Silva, em julho de 1998, à técnica de museologia do anterior Instituto José Marques da Silva, Drª Inês Sarmento que na altura valorizou o testemunho oral do arquiteto por ter convivido com Marques da Silva. O desejo demonstrado por José Moreira da Silva de que ele fosse arquiteto e a informação sobre o lugar em que residia com o pai aqui no Porto, foram informações também referidas numa das seis entrevistas realizadas.

[12] FIMS/MSMS/4388 – documento escrito e datilografo por Maria José e David Moreira da Silva, em 17 de outubro de 1988, para publicação em livro a pretexto das Comemorações dos 75 anos da fundação da S.C.P.O.P.P.

Um outro elo, talvez o mais importante, é criado com a sua ligação afetiva e depois profissional a Maria José Marques da Silva Martins, à filha do arquiteto portuense, ela também arquiteta. A vida em comum confunde-se entre laços familiares e profissionais, esfera privada (casa e família) e pública, entre compromissos aceites pelo casal e enquanto continuadores de projetos de Marques da Silva dos quais assumem a consecução. *Genro e filha ocuparam junto do mestre um lugar privilegiado, quer de formação quer de profissão e de vivências familiares e concretizaram parte dos seus projectos e obras numa linha de continuidade, respeitando as suas directrizes, os seus apontamentos, as suas vontades*[13].

Afetos, projetos, produção e ação convivem num ateliê que se torna um espaço – *condição do ser, do criar, do acontecimento* [14]. Este ateliê entende-se assim como o de um espaço existencial heideggeriano e não somente e apenas um espaço geométrico, de determinadas dimensões, físico, lugar onde acontecem determinadas relações de trabalho. Um espaço feito de lugares de afetos, de convívio familiar, de produção e realizações profissionais, presente em diversos espaços urbanos: na Rua Fernandes Tomás nº 506 – 1º; depois na Rua Sá da Bandeira – Palácio do Comércio - nº 481 – 2º Esq., na rua da Alegria, Torre Miradouro nº 582- 6º andar, e de uma forma contínua quer nas habitações nºs 33 e 44 da Praça Marquês de Pombal, quer na Quinta de Barcelos, quer nas viagens do olhar e dos diálogos do casal ao longo dos espaços e tempos de vida.

Como já anteriormente referimos, das entrevistas feitas a alunos, colegas e familiares faz-se um retrato de um homem discreto, pragmático, empreendedor, fiel, persistente, dialogante, introspetivo, educado e comprometido com a atividade ligada a pensar e a transformar paulatinamente os espaços.

Muito jovem frequenta o ateliê de Marques da Silva:

> *[…] prolongado estágio na sua oficina da Praça Marquês de Pombal me foi particularmente útil não só para, muito mais tarde, exercer apaixonadamente a profissão de arquitecto, como para, antes disso, melhor entender aquilo que Ch.*

[13] PIRES, Maria do Carmo Marques "David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins: continuadores da obra de Marques da Silva em Guimarães – a concretização de projetos e de aprendizagens" In *José Marques da Silva em Guimarães*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, Catálogo da Exposição,2006, p. 15.

[14] PEREIRA, Paula Cristina – *Condição humana e condição urbana.* Porto: Edições Afrontamento, 2011, pp. 30-31. Esta autora refere a conceção de espaço de Hannah Arendt que o considera ser uma realidade humana. A autora afirma a espacialidade como *locus* da condição humana.

> *Lemares Quier, antigo condiscípulo, amigo e admirador de Marques da Silva, numa das suas lições, certo dia me disse […]: "Vous savez, il faut toujours spiritualizer la matière"*[15].

A sua aprendizagem e vivência neste ateliê do Porto e no de Laloux-Lemaresquier dotaram-no de utensilagens técnicas e artísticas e prepararam-no para a frequência das duas instituições de referência parisiense e para a sua vida profissional.

A sua formação sólida e credível faz-se, enquanto arquiteto, pela EBAP e E.N.S.B.A.P., em Portugal e em França e, enquanto urbanista, pelo IUUP, sendo o segundo urbanista português com formação especializada numa instituição de referência internacional. Essa formação foi um dos fatores decisivos nas solicitações por parte do Estado – MOP e ME – quer enquanto profissional na elaboração dos anteprojetos e Projetos de Urbanização quer enquanto docente da 16ª cadeira – Projetos e Obras de Urbanização – na EBAP/ESBAP.

O Estado e as autarquias tornam-se os seus principais clientes e solicitam continuamente os seus serviços enquanto técnico especializado na "arte urbana" e enquanto docente de uma nova disciplina:

> […] face *à afirmação do urbanismo como prática social generalizada apenas surge na década de trinta como resultado da acção voluntarista de Duarte Pacheco, inserida no contexto de consolidação do regime político então vigente, transformando os aglomerados e criando uma imagem urbana com que o próprio regime se identifica […]*[16]

Um homem e profissional discreto e pragmático, pouco conhecido e pouco valorizado, responsável por uma vasta e diversificada produção, integrada no ateliê que partilha com Maria José, merece uma maior atenção e estudo para a compreensão do lugar ocupado entre tantos e discretos construtores ou pensadores, arquitetos ou não, do espaço em determinados contextos nacionais.

Viajante que se estabelece em Paris, não para ficar, mas assumindo o estatuto de estrangeiro que aí chega para aprender, se formar e partir de novo para o país de origem ao qual pertence desde sempre. A Cidade-Luz, no entanto, acabaria por se tornar

[15]MOREIRA DA SILVA, David In Cardoso, António, op. cit., p. 32.
[16] LÔBO, Margarida Sousa – Planos de Urbanização. A Época de Duarte Pacheco. Porto: FAUP, 1995, p. 13.

familiar, num futuro próximo e também longínquo ao da sua partida, encontrando-se sempre presente nas suas boas memórias – um lugar ao qual passa a pertencer e ao qual deseja retornar. Paris passa a ser uma referência de aprendizagem e a determinar o seu modo de *habitar*. Impõe-se como um espaço a que sonha regressar/pertencer e cuja distância temporal o aproxima às memórias de um lugar libertador e identificador, eleito, inconscientemente, no presente como uma outra forma de ser e estar no mundo. Aí volta, sempre, então acompanhado de Maria José, a vários pretextos: formação [17] e passeio. Cidade que consigo convive sempre no espaço que habita numa *relação de proximidade e distância*[18], mas sempre de presença.

[17] FIMS/Monografia/DMS567 – Curriculum Vitae 1961, p. 104 e FIMS/MSMS/4389 e 4390. Curriculae Vitae de Maria José e David de 1977. Os arquitetos participaram em vários Congressos na sua área académica e profissional: em 1948, no I Congresso Nacional de Arquitectura realizado em Lisboa e no qual David presidiu à mesa do Tema I *Arquitectura no Plano* Nacional; 1953, e XXI Congresso Internacional de Habitação e Urbanismo, realizado em Lisboa; 1958, V Congresso do U.I.A. (União Internacional dos Arquitectos, em Moscovo; 1961,VI Congresso da União Internacional dos Arquitectos em Londres; 1967, XVI Congresso U.I.A. em Praga. Visitas de estudo e pessoais a várias cidades de Espanha (1950, 1956), França (1946,1956, 1959, 1961), Bélgica, Suíça, Itália, Inglaterra, Holand a, Áustria, União Soviética.

[18] CARVALHO E SILVA, Joana Mello de – *O arquitecto e a produção da cidade: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva (1930-1960).* São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, tese de doutoramento, março 2010, p. 25.Disponível em WWW.URL: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde_22062010_140410/es.php

1.1.1. A EBAP

1.1.1.1. Os cursos Preparatório e Especial de Arquitetura Civil (1921- 1929)



Fig. 5



Fig. 6

Fig. 5 - Identificação de David Moreira da Silva como aluno da EBAP, Ano Letivo de 1927/28.
FIMS/MSMS/4612f BI - ESBAP

Fig. 6 - Identificação de David Moreira da Silva como aluno da EBAP Ano Letivo de 1927/28. FIMS/MSMS/4612v BI - ESBAP

David Moreira da Silva inscreve-se apenas com doze anos na Escola de Belas-Artes do Porto, em finais do mês de setembro de 1921, após conclusão do exame de admissão ao Liceu Central de Rodrigues de Freitas, realizado em 5 de agosto do mesmo ano, tendo sido admitido na Escola[19].

Em 23 de setembro de 1921, solicita matrícula no primeiro ano do Curso Preparatório, que viria a concluir no ano letivo de 1923/24, destinando-se ao Curso Especial de Arquitetura Civil no qual se matrícula em outubro de 1924.

No curso Preparatório, frequenta os anos e as cadeiras da Reforma do Ensino das Belas Artes do Decreto nº 2 de 26 de Maio de 1911 da primeira organização. Frequentou, no primeiro ano, as cadeiras de *Desenho linear geometrico e principios de perspectiva* (1.ª – 1.ª parte); *Exercicios elementares de desenho de figura, do relevo* (3.ª cadeira – 1.ª parte); *Exercicios elementares de desenho de ornato do relevo* (2ª. - 1.ª parte). No segundo ano: *Principios de geometria descritiva, com applicação á theoria das sombras; principios de optica; perspectiva, com applicação á architectura, á pintura e á scenographia* (1.ª, 2.ª e 3.ª partes); *Modelação de ornato* (2.ª – 2.ª parte) e *Desenho de figura do relevo (cabeças e torsos)* 3.ª cadeira 2.ª parte. No 3º ano:

[19] AESBAP – *Ibidem* cópia da certidão passada, em 15 de setembro de 1921, pelo chefe da secretaria do Liceu Central Rodrigues de Freitas, consta fls. 42v, do livro respetivo; FIMS/Monografia/DMS-567 – DAVID MOREIRA DA SILVA PROFESSOR DA ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES DO PORTO – CURRICULUM VITAE DO CANDIDATO. Concurso de Provas para provimento de um Lugar de Professor do 2º Grupo da Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Porto: [s.n.], 1961, p. 5; FIMS/MSMS/4390 - MOREIRA DA SILVA, David - CURRICULUM VITAE DE DAVID MOREIRA DA SILVA [texto dactilografado] 1977, Julho, 11 fls.

Exercicios de estilização ornamental e conhecimento dos estilos historicos (2.ª cadeira – 3.ª parte); *Desenho de figura, cópia de estátua* (4. ª cadeira - 1.ª parte); *Desenho architectonico* (5.ª cadeira- 1ª. parte) e *Álgebra e geometria no espaço* (9.ª cadeira – 1.ª parte). Neste ciclo de estudos os alunos praticam o desenho durante os três anos antes de frequentarem o Curso Especial de Arquitectura em que se privilegia a complementaridade de formação sendo a aprendizagem prática de desenho e a grande composição completadas por uma componente teórico- científica (*História da arte* – 8ª cadeira, *Mathematica* – 9ª cadeira, *Mecanica, resistencia de materiais, construcções civis* – 10ª cadeira).

O currículo do Curso Especial de Arquitetura, que frequenta, respeita a Reforma de 1911 e a posterior remodelação, Decreto nº 5:053 de 30 de Novembro de 1918 que nos seus artigos 6.º, 7.º e 8.º introduz alteração à anterior matriz, respetivamente na 8.ª cadeira – *História da arte* que é desdobrada em duas – *História da arte na antiguidade* (1.ª parte – *arte antiga oriental e clássica* e, 2.ª parte- *Arte medieval*) e *História da arte moderna e História da arte em Portugal* (1.ª parte – *Arte moderna*; 2.ª parte – *Arte em Portugal*); é criada a cadeira de *anatomia artística e higiene dos edificios* que integrará, para o curso de arquitetura *Higiene dos edificios* e outra cadeira criada a *Geografia, etnografia e história universal e pátria, rudimentos de história das literaturas clássicas e de literatura portuguesa* (1.ª parte- *Elementos de geografia, de etnografia e de história universal e pátria*; 2.ª parte – *Rudimentos de História da literaturas clássicas e literatura portuguesa)* [20].

Constata-se assim a preocupação por uma formação abrangente da qual David Moreira da Silva beneficiará com uma preparação de arquitetura que privilegia a aptidão para o desenho e a formação de técnicos e professores, através de um ensino que valoriza as vertentes artística, humanista, científica e técnica[21]. O ensino lecionado na EBAP permite, então, uma formação mais completa do que a anterior, aliando as vertentes prática e teórica, como refere Canto Moniz, através da *prática do desenho e da composição* em *História da Arte (8ª cadeira), Matemática (9ª cadeira) e Mecânica e resistência de Materiais, Construções Civis (10ª cadeira). Na 5.ª cadeira de*

[20] As disciplinas do curriculum de 1911 e as classificações obtidas pelo futuro arquiteto podem ser consultadas no II Vol. p. 1.

[21] Cf. CANTO MONIZ – Gonçalo Esteves de Oliveira do - *O Ensino Moderno da Arquitectura. A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal* (*1931-69).* Coimbra: Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2011, dissertação de Doutoramento em Arquitetura, 2 vols, p. 94.

Architectura Civil, surge pela primeira vez, na 4.ª parte, a Teoria da Architectura, transmitindo-se a mensagem de Guadet[22].

Aluno da primeira classe do Curso Especial de Arquitetura Civil a partir de Outubro de 1924 [23], curso que concluiria no ano letivo de 1928/29, dia 31 de Julho de 1929[24], obtendo 18 valores na cadeira de *Arquitetura Civil* – 5ª classe – *arquitetura Monumental, conservação e restauração de monumentos*. Discípulo de José Marques da Silva (*Arquitetura Civil*, 5ª cadeira); Acácio Lino (*Desenho e modelação de Ornato*[25] 2ª cadeira), José de Brito (*Desenho de figura, cópia de estátua*[26] 4ª cadeira), Miguel de Mendonça Monteiro (*Geografia, etnografia e História universal e pátria, rudimentos de História das literaturas clássicas e de literatura portuguesa*[27]), Júlio José de Brito (*Mecânica, resistência de materiais, construções civis*, 10ª cadeira), Álvaro Lima (*Matemática - Álgebra e geometria no espaço, elementos de geometria analítica e trigonometria retilínea, geometria descritiva e suas aplicações; estereotomia, topografia* 9ª cadeira), Guedes de Oliveira e Aarão de Lacerda (*História da arte* 8ª cadeira).

O ensino da Arquitetura em Portugal encontra-se organizado de acordo com a prática pedagógica da ENSBAP, através de um regulamento objetivo e formação

---

[22] CALADO, Maria - *A Cultura Arquitectónica em Portugal 1880-1920,* p. 162 citado em CANTO MONIZ op. cit., p 94.

[23] AESBAP – Processo de aluno da EBAP: requer matrícula e frequência simultânea da primeira parte da 9ª cadeira (Álgebra e geometria no Espaço) do curso preparatório que lhe falta concluir.

[24] Cf. CANTO MONIZ, Gonçalo Esteves de Oliveira do - *O Ensino Moderno da Arquitetura. A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69*). Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, julho de 2011. Dissertação de Doutoramento não publicada. Vol. I, p. 110; FIMS/Monografias/DMS-567 - CURRICULUM VITAE do Candidato DAVID MOREIRA DA SILVA Prof. da Escola Superior de Belas-Artes do Porto. CONCURSO DE PROVAS PÚBLICAS PARA O PROVIMENTO DE UM LUGAR DE PROFESSOR DO 2º GRUPO DA ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES DO PORTO. Porto: [s.n.], 1961, p. 5; FIMS/MSMS/4390, MOREIRA DA SILVA, David - Curriculum Vitae de David Moreira Da Silva [texto dactilografado] 1977, julho, 11 fls. Acessível no Arquivo da F.I.M.S., Porto, Portugal. O percurso de aluno de David Moreira da Silva no curso Especial de Arquitetura Civil não foi linear como se pode constatar pela leitura de alguns extratos das seguintes atas: AESBAP – Livro de actas das conferências ordinárias e extraordinárias – 1920-1940, cota 109. Acta de 16 de Outubro de mil novecentos e vinte e cinco, fl. 20v *[…] Lidos ainda requerimentos dos alunos Alfredo Duarte Leal Machado, António Ferreira da Silva Janeira, David Moreira da Silva, Francisco José Lopes Nogueira e Mário Augusto Ferreira de Abreu, pedindo igualmente para serem matriculados na segunda classe de Arquitectura Civil, apesar de lhes faltarem os exames de Física, Química e Historia Natural. Resolvido também que sejam admitidos* […] e ata de 14 de Junho de mil novecentos e vinte e seis, fl. 23, […] *requerimentos apresentados para os exames a realisar […] Exames de princípios de física, química e historia natural: Mario Augusto Ferreira de Abreu, Antonio Ferreira da Silva Janeira, David Moreira da Silva, Alfredo Duarte leal Machado e Francisco José Lopes Nogueira, alunos da segunda classe do curso de Arquitectura civil. […] resolvendo por fim o Conselho que o requerente fosse admitido, bem como os anteriores.*[…]

[25] Cadeira do curso preparatório. Decreto nº 2 de 26 de maio de 1911.

[26] *Idem*.

[27] Art.8º do Decreto nº 5:053 de 30 de novembro de 1918.

clássica importada pelos professores que tinham sido bolseiros naquela instituição. De acordo com o arquiteto Canto Moniz *A estratégia global de ensino da École que denominamos de "sistema Beaux-Arts", articula três aspectos convergentes: organização institucional, plano de estudos e método pedagógico*[28]. A planta tem a primazia sendo a partir dela que o aluno ou o arquiteto escolhem o *parti*[29]. Ela prevalece através da determinação dos seus eixos, pela relação existente entre as diferentes partes que a compõem[30]. A distribuição dos diversos dispositivos, *o parti*, a organização, o equilíbrio e a sequência de todos os seus elementos, são princípios que devem integrar a composição arquitetónica.

José Marques da Silva foi sem dúvida uma figura determinante na direção, na reorganização e reforma do ensino artístico praticado das duas Escolas de Belas-Artes e no ensino artístico ministrado na EBAP enquanto professor de Arquitetura entre 1906 e 1936 e seu diretor entre 1913 e 1918, 1929 e 1939[31].

A formação na *École* do arquiteto José Marques da Silva será determinante na transmissão do saber e dos princípios pedagógicos interiorizados e praticados pelos alunos de acordo com o método das Beaux-Arts. A cópia da estampa numa outra escala da original, o sistema compositivo que convoca para a execução da planta, corte e alçado de um edifício, são as premissas do ensino na EBAP. Para Marques da Silva o domínio do desenho e a planta são qualidades e o elemento mais importante da aprendizagem que permitem a descoberta e a criação a partir da conceção de um todo harmónico, belo e funcional; valoriza ainda a escolha do *parti* na criação, considerada por muitos a etapa mais importante no processo criativo[32]. Este arquiteto terá

---

[28] CANTO MONIZ, op. cit., p. 84.

[29] LUCAN, J., op. cit., p. 116 - […] *a capacidade de exprimir uma ideia, um* parti *[…]*.Nesta obra, o autor refere o conceito de *parti* segundo Gromort como a identificação e escolha do elemento dominante de uma composição, reação e solução criativas face a um programa e aos problemas propostos.

[30] LUCAN, J., op. cit., pp. 185-201.

[31] FERNANDES, Eduardo Jorge Cabral dos Santos - *A Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola*. Guimarães, tese de Doutoramento em Arquitectura, Área de Conhecimento de Teoria e Projecto, Julho de 2010. Disponível em WWW.URL.: http://www.google.com/webhp?source=search_app#hl=ptPT&gs_nf=1&pq=eduardo%20fernandes%20a%20escolha%20do%20porto&cp=5&gs_id=2v&xhr=t&q=tese+eduardo+santos+fernandes+a+escolha+do+porto&pf=p&sclient=psy-ab., p. 31. Substitui o professor e anterior diretor José Geraldo da Silva Sardinha, em 1906, tornando-se professor proprietário em 26 de julho de 1907. Marques da Silva torna-se diretor da EBAP, substituindo Marques de Oliveira, em 17 março de 1913 e reeleito em 1916. Diretor interino em 1929, em 1931. Encontra-se ligado às duas reformas do ensino artístico a de 1911 e a de 1931.

[32] CARDOSO, António - *O Arquitecto Marques da Silva e a arquitectura no norte do país na primeira metade do séc. XX*. Porto: FAUP, 1997, p. 162.

transmitido estas lições a David Moreira da Silva enquanto frequentador do seu ateliê e enquanto aluno da EBAP.

Duas imagens do trabalho final da 4ª classe de Arquitetura Civil do Curso Especial, de David Moreira da Silva, subordinado ao tema *Uma Escola de Artes*, de 1928, permitem compreender um projeto académico pensado a partir de uma tipologia adequada à função do edifício, revelador de uma cultura arquitetónica clássica e de qualidades do desenho aplicadas numa composição onde se lê a simetria, o equilíbrio compositivo, a distribuição dos espaços (fechados, de circulação, e de acessos) e das peças de acordo com a aplicação e disposição de geometrias regulares[33]. Transmitem o conhecimento adquirido e interiorizado pela cópia das ordens clássicas.

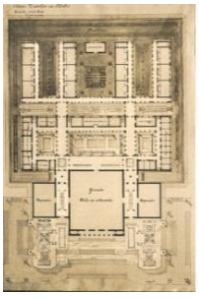


Fig. 7



Fig. 8

Fig. 7 - *Uma Escola de Artes* – Planta. Exame 4ª classe do Curso de Arquitetura Civil, 1928, EBAP. FIMS/MSMS/Foto1108, DMS.

Fig. 8 - *Uma Escola de Artes* -Alçado. Exame 4ª classe do curso de Arquitetura Civil, 1928, EBAP**.** FIMS/MSMS/Foto1109, DMS.

De acordo com as palavras de Canto Moniz relativamente ao trabalho académico:

> […] *Os temas eram trabalhados de acordo com o carácter do programa, permitindo desenvolver o conhecimento que os alunos adquiriam dos diferentes estilos […] . O tema da escola de Belas-Artes é também trabalhado pelos alunos, paralelamente ao desenvolvimento do projecto de instalação da própria EBAP no terreno livre do convento de Santo António. [...] A proposta de David Moreira da Silva divide-se em dois momentos. Por um lado, desenha uma frente monumental com a grande sala de modelos e duas salas de exposições e, por outro lado, distribui funcionalmente o*

[33]LUCAN, Jacques – *Composition, non composition. Architecture et théories, XIX^e^ XX^e^ siècles*. Lausanne: Presses Polytechniques et Universitaires, 2009, pp. 20-25. Durand entende a disposição como *arte de compor edifícios públicos e de promover a combinação e arranjo das partes. […] Augusto Perret (1874-1954) dizia: "reconhecer-se-á que um edifício está bem composto porque não será possível nem eliminar nem juntar qualquer coisa sem o mutilar" […]*.

> *programa da Escola numa zona de administração com três pátios fechados e numa zona de aulas com três pátios abertos. Este "partido" é muito próximo das soluções propostas por José Marques da Silva para o Liceu Alexandre Herculano e para o Liceu Rodrigues de Freitas, com as quais David Moreira da Silva mantinha o contacto no ateliê de Marques da Silva [...]*[34]**.**

Projeto de um edifício que respondia a um programa ideal, onde se impunham a simetria, a ordem, a harmonia e a proporção *[...] A partir de oitocentos, os termos adquiriam sentidos próprios, simetria significando uma identificação bilateral entre as partes, enquanto harmonia e proporção, uma relação de equilíbrio entre elas e o todo [...]*[35]. A fachada é aqui tratada como obra de arte através da ornamentação que a revestia, através da aplicação de relevos que pontuavam a parte superior dos seus três volumes em quadros delimitados, ritmando uma frente de grafia linear e classicizante. O edifício é pensado para valorizar o espaço urbano, uma clara tentativa da monumentalização de um dos seus lugares, uma lição aprendida com o arquiteto e pedagogo Marques da Silva - uma clara herança "Beaux-Arts". O edifício afirma-se pelas qualidades de volumetria e espacialidade, pela combinação de eixos de simetria, de um eficiente e harmonioso sistema distributivo interno dos corpos (planta com pátios e jardins fechados, dispositivos de acessos e circulações ordenados de forma regular) e da articulação dos espaços interiores com os exteriores. Cumpre as funções estabelecidas pelo programa. A composição integra dois volumes principais com funções distintas: um corpo central em que privilegia/facilita o acesso público aos espaços de exposição de trabalhos académicos e à sala de modelos, localizados na fachada principal do edifício e servidos pela escadaria monumental; e um outro corpo destinado aos serviços administrativos que se distribuem à volta de três pátios e servidos por espaços úteis de circulação. David Moreira da Silva cola a este último quatro corpos que se desenvolvem em profundidade, espaços autónomos que identificamos com a lógica da tipologia do pavilhão. Estes corpos são destinados a salas de aula e encontram-se separados por três pátios, uma clara preocupação com princípios

[34] CANTO MONIZ, op. cit., pp. 112-113.

[35] Donald Drew Egbert, - *The Beaux-Arts Tradition in French* Architecture. New Jersey: Princeton University Press, 1980**,** p. 112 citado por CARVALHO E SILVA, Joana Mello - *O arquitecto e a produção da cidade: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva (1930-1960)*. São Paulo: Faculdade de Arquitectura e de Urbanismo da Universidade de S. Paulo, tese de doutoramento, 2010, pp. 31-32. Disponível em WWW.URL: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde_22062010_140410/es.php

higienistas de luz e ventilação. A mesma preocupação está presente (com outra solução) nos projetos de Marques da Silva, de 1933 e 1935, para as instalações da futura Escola de Belas-Artes do Porto, ao propor pavilhões independentes, nos terrenos envolventes do palacete dos Braguinhas, corpos paralelos às fachadas posterior e lateral mas perfeitamente integrados na geometria do terreno. Difere esta proposta da de Moreira da Silva pela maior plasticidade e criatividade patentes na relação harmónica e fluída dos novos elementos propostos e do edifício pré-existente.

No ano de 1929, David Moreira da Silva, aluno da EBAP, tem a sua primeira experiência profissional ao realizar o projeto executado para a primeira fase do Quartel dos Bombeiros Voluntários de Moreira da Maia[36].

Enquanto aluno da EBAP e aluno de Marques da Silva tem um contacto com uma escola muito ligada ao modelo *beauxartiano* a que voltaria mais tarde enquanto docente da 16ª cadeira – *Projetos e Obras e Urbanização*, mas já numa *outra* Escola então sob a direção de Joaquim Lopes (1945-52) e Carlos Ramos (1952-1968), mais aberta e com uma nova dinâmica pedagógico-cultural[37].

[36] FIMS/MSMS/4390, no Curriculum Vitae de 1977, David Moreira da Silva afirma ter executado este projeto por nós desconhecido, p. 2.
[37] CANTO MONIZ, op. cit., p. 214.

1.1.2. Novas aprendizagens em Paris

1.1.2.1. David Moreira da Silva Bolseiro pela JNE e IAC

> *[…] "Aquele filho brincalhão e atrevido que era o mais inteligente da tua família e a quem tu expulsaste porque te incomodava, é hoje um homem que te abre, sereno as portas da sua casa" [António Pedro]*[38]

Neste extrato de António Pedro fala-se das novas propostas culturais de uma geração que quer mudar o panorama artístico português de uma forma radical, não pretendendo com isso fomentar uma hostilização por uma questão geracional, mas renovar e mostrar outras formas de olhar, de se exprimir e de atuar.

Em Maio de 1930 e de 1931, os artistas que expuseram as suas obras no I e II Salão dos Independentes e que durante vinte anos tinham lutado para serem reconhecidos na vida cultural portuguesa[39], distanciavam-se do academicismo artístico nacional e pretendiam inovar, através deste evento, marcar a diferença e renovar a cultura nacional. Outros acontecimentos culturais pontuariam este período da cultura portuguesa, entre 1930 e 1933 – Salão dos Artistas Criadores, Salão do Estoril, 1º Salão dos Divergentes de Coimbra, I Salão Nacional de Fotografia, Exposição Coletiva de Pintura, Escultura e Arquitetura - numa clara afirmação e vontade de mudança. A conjuntura política e económica era adversa num tempo feito de mudanças e de dificuldades para esta plêiade jovem de artistas de talento e mérito reconhecidos, mas a quem faltavam mercados quer particulares quer oficiais. É neste contexto que no Diário de Notícias de 24 de dezembro de 1932 se dá a publicação de uma entrevista realizada por António Ferro a António de Oliveira Salazar durante a qual o estadista privilegia outras prioridades e recomenda a quem tem talento: *diga a esses rapazes que tenham esperança e que saibam esperar …"* Na verba que o Estado pode disponibilizar entre 1932-33 contempla-se a educação artística, o Museu de Arte Contemporânea, a reforma

---

[38] FRANÇA, José-Augusto - *A Arte em Portugal no século XIX*. 3ªedição. Lisboa: Bertrand Editora, p. 195.

[39] *Idem*, pp. 195. Esta nova geração exigia o reconhecimento da sua obra e o direito a melhores condições de trabalho, integrava homens de diferentes vertentes artístico-culturais: literatura, poesia, escultura, pintura, arquitetura, música, *desig*n, fotografia, jornalismo, fotografia. Deles destacamos Almada Negreiros, Diogo de Macedo, Carlos Ramos, Jorge Segurado, Fernando Pessoa, António Régio, Raúl Leal, António Ferro, António Pedro, Barata Feyo, Dordio, Manta, Sara Afonso, Mário Eloy, Cottinelli Telmo …

do ensino ministrado das Escolas de Belas-Artes de Lisboa e do Porto e criam-se bolsas de estudo no estrangeiro[40]. Através da Junta de Educação Nacional abrem-se concursos para atribuição de Bolsas de Estudo no Estrangeiro para alunos das Escolas de Belas-Artes, para especialização em arquitetura de jardins e para aperfeiçoamento musical[41].

Em 23 de setembro de 1933, David Moreira da Silva, com 24 anos de idade, residindo na cidade do Porto[42], dirige ao diretor da EBAP um pedido para que, enquanto representante daquela instituição, o indicasse como candidato ao concurso de Bolsas de Estudo no Estrangeiro, na especialidade de Arquitetura. Concurso aberto pela Junta de Educação Nacional de acordo com o art.º 151 do decreto 19.760, Moreira da Silva e o pintor António Ventura Porfírio, ambos da EBAP, seriam selecionados pelo júri[43].

Em carta dirigida ao Diretor Geral do Ensino Superior e Belas Artes, o arquiteto e docente da EBAP, José Marques da Silva, referia que nenhuma bolsa tinha sido atribuída há muito a alunos da Escola de Belas-Artes do Porto e, tendo sido aberto concurso em 1933 pela JEN, tinham sido atribuídas bolsas a David Moreira da Silva e a António Porfírio Ventura, respetivamente alunos de arquitetura e pintura. Simultaneamente informa da autorização para a mudança de instalações da Escola, através do decreto-lei nº 23.103 de 9 de outubro de 1933, para a avenida Rodrigues de Freitas onde até então funcionava o antigo Instituto Superior do Comércio do Porto[44].

O concurso para a concessão de bolsas de estudo artísticas pela Junta de Educação Nacional, Ministério da Instrução Pública, foi aberto na altura em que Marck

---

[40] *Idem*, *ibidem*, pp. 195-202.

[41] FIMS/MSMS/Per 281 – Junta de Educação Nacional, vol. XII – *Relatório dos trabalhos efectuados em 1933-1934.* Coimbra: Coimbra Editora, Ldª., 1935, 2 vols., pp. 161-169.

[42] AESBAP – Processo de aluno – documento dirigido e deferido pelo Diretor da Escola de Belas Artes do Porto [José Marques da Silva] em 27 de setembro de 1933 no qual pede prova da conclusão do curso de Arquitetura Civil na escola, anteriormente a 1932-1933 para se candidatar ao curso de Bolsas de Estudo no Estrangeiro pela Junta da Educação Nacional.

[43] FIMS/MSMS/4070 – Apontamentos do arquiteto José Marques da Silva: […] *Como desde 1925 que não tinha esta escola alunos pensionistas no estrangeiro. Em Setembro de 1933, a Junta de Educação Nacional abriu concurso para duas bolsas de estudo no estrangeiro apresentando-se a este concurso dois alunos desta escola, um pintor António Ventura Porfírio e um outro arquitecto David Moreira da Silva. Realisadas as provas do concurso e julgadas na capital foram escolhidas pelo respectivo júri estes dois alunos, que presentemente estudam no estrangeiro […]*./David Moreira da Silva professor da Escola Superior de Belas-Artes do Porto – Curriculum Vitae do Candidato. FIMS/Monografias/DMS-567 Concurso de Provas para provimento de um Lugar de Professor do 2ºGrupo da Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Porto: edição do autor/ Imprensa Portuguesa, 1961, p. 5; FIMS/MJMS/4390 – Curriculum Vitae de David Moreira da Silva. Julho 1977. AESBAP *Ibidem*.

[44] FIMS/MSMS/4070 – neste documento, não datado, manuscrito por José Marques da Silva, o arquiteto refere a preocupação do governo em dotar a Escola de Belas-Artes do Porto com instalações, tendo o ministro das Obras Públicas aprovado o projeto definitivo (entre 1934/35) e o orçamento para a ampliação através da construção de pavilhões a construir num futuro que ele pretende próximo nos jardins da propriedade.

Athias era presidente da Junta de Educação Nacional. Consultada a Comissão de Educação Artística, no Diário de Governo, nº 213, II série, de 13 de Setembro de 1933, Marck Athias informou que no prazo de trinta dias a contar da data de publicação, se abririam os concursos da secção de Educação Artística[45].

Este primeiro concurso é designado "Concurso de bôlsas para estudantes das Escolas de Belas Artes"[46]. Os candidatos indicados pelas duas Escolas Superiores de Belas-Artes de Lisboa e do Porto, seriam sujeitos, nas diferentes áreas artísticas, à prestação de provas que seriam da responsabilidade de uma subcomissão dirigida por Júlio Dantas, presidente da Comissão de Educação Artística, e Luiz Simões Raposo, Secretário-Geral da Junta e a qual integrava ainda Adriano de Sousa Lopes, João da Silva, José de Figueiredo, José Marques da Silva, José Veloso Salgado, Raul Lino e os professores de Belas Artes de Lisboa e do Porto. Esta subcomissão tinha as funções de *redigir os pontos dos programas, assistir à tiragem deles, fiscalizar a execução destas e elaborar um relatório justificativo da classificação dos concorrentes* que seria apresentado à Comissão Executiva da Junta para que esta deliberasse[47]. Após apreciação pela subcomissão das provas prestadas pelos candidatos de Lisboa e do Porto, seria elaborado um relatório que fundamentasse a classificação em mérito absoluto e relativo [48]. A documentação seria avaliada pela Comissão Artística da Junta de Educação Nacional que decidiria da atribuição de uma, duas ou três bolsas (ou mesmo nenhuma), e da sua duração.

David Moreira Silva ter-se-á sujeitado às provas de esboceto e composição arquitetónica (planta), realizado numa única sessão com a duração de 15 horas, de acordo com um programa sorteado; um esboceto de projeto de grande composição arquitetónica, feita também numa única sessão de 12 horas, também de acordo com programa sorteado na altura, o qual desenvolveu, sem grandes alterações, em 46 sessões de 6 horas [49]. Foi-lhe concedida bolsa de estudo para Paris, a partir de Junho de 1934 e prorrogada até 1939, inicialmente bolseiro da Junta Nacional de Educação e depois do Instituto para a Alta Cultura.

---

[45] FIMS/MSMS/Per 281 – Junta de Educação Nacional – *XII Relatório dos trabalhos efectuados em 1933-34*. Coimbra: Coimbra Editora, 1935.
[46] *Ibidem*, pp. 161-169.
[47] FIMS/MSMS/Per 281 op. cit. p., 162.
[48] *Ibidem*, p. 163.
[49] *Idem, ibidem*, p. 163.

Percurso de um Estudante da ENSBAP:



Fig. 9 – *Devant le massier.* In JAQCUES, Annie [et. al.] - *Les Beaux-Arts, de l'Académie aux Quat'z'arts.* Paris École Nationale Supérieure des Beaux Arts, 2001, p. 312.



Fig. 10 – *L'entrée du cours.* In JACQUES, Annie, op. cit.,p. 333.



Fig. 11 - *L'Entrée en loges*. In JACQUES, Annie, op. cit., p. 347.

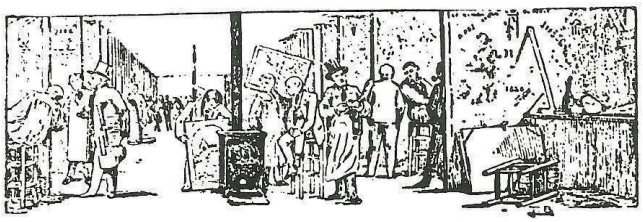


Fig. 12 - Students entering *concours worked in small cubicles* - en loges – where they had twelve hours […] Drawing by L. B. Bonnier, from de Penanrun, Roux, and Delaire – *Les architectes élèves de l'Ecole des Beaux-arts, 1819-94, Paris, 1895 In DREXLER , Arthur – The Architecture of The Ecole des Beaux-Arts.* London: Secker & Warburgurg, 1977, p. 84.



Fig. 13 - *Le timbrage des esquisses* In JAQCUES, A., op. cit.,p. 76.



Fig. 14 -- *Le project - Lemaistre*, ob. cit p. 229 In Lucan, op. cit., p. 113.



Fig. 15 - *La Charrette*, extratos do livro de Alexis Lemaistre. l'École des beaux-arts dessinée et racontée par un élève, pp. 221 In LUCAN, op. cit., p. 112.



Fig. 16- *Le projet* in In JAQCUES, A., op. cit., p.8.



Fig. 17 - *L'inscriptions des projects, Lemaistre*, ob. cit p. 229 In Lucan, op. cit., p. 112.

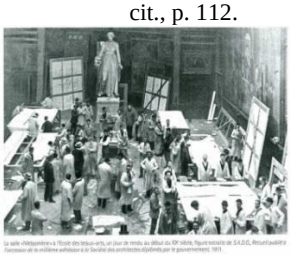


Fig. 18 - *La salle "Melpomène" na ENSAB*, um dia de rendu no início do séc. XX. Figura extraída de S.A.D.G. Publicada na ocasião da milésima adesão à Sociedade dos Arquitectos diplomados pelo governo, 1911. In LUCAN, op.cit., p. 106.



Fig. 19 - *Mise en place des projects.* In JAQCUES, A., op. cit., p.436.

1.1.2.2. A Formação do arquiteto-urbanista em Paris

1.1.2.2.1. O Ensino e a aprendizagem na *École Nationale des Beaux-Arts de Paris*

Esta instituição possui uma organização de ensino muito particular quer na sua proposta de formação, quer na forma como se encontrava organizada a nível pedagógico, cuja aprendizagem/formação se caracteriza por aulas teóricas, pela frequência de ateliês e pela participação nos diferentes tipos de concursos de emulação que aí tinham lugar.

Para que um qualquer estudante, francês ou estrangeiro, pudesse ser considerado aluno da ENSBAP, tinha de se candidatar/matricular à admissão e ser admitido da Escola de Belas-Artes através da prestação de exames escritos e orais em Matemática, Geometria Descritiva, História Geral e Desenho, estas duas últimas integradas nos anos de 1864 e 1867[50]. A admissão à *École* era feita após o aluno ter realizado com sucesso os:

> *[…] exames a Geometria Descritiva, História Geral (Antiga e Moderna), Matemática, Composição de Arquitectura (exercício de 12 horas en loge), Desenho (exercício de cabeça ou de um ornamento), Modelação (exercício de um ornamento ou baixo relevo com duração de 8 horas) […]*[51].

Só podiam candidatar-se ao curso de arquitetura alunos com idades compreendidas entre 15 a 30 anos em exames semianuais, a partir de 1865, (correspondendo aos meses de Fevereiro-Março e Junho-Julho), como se pode ler num testemunho de época, extrato de 1930:

> […] *No seu conjunto, a Escola nacional superior de belas-artes deverá ser comparada a uma faculdade. […] Um aluno pode entrar aí com 15 anos – e, com a condição de participar regularmente durante cada ano letivo a um certo número de concursos ou exames, pode continuar até aos vinte e seis ou vinte e oito anos se é*

[50] Richard Chafee in DREXLER, Arthur [ed.] – *The Architecture of the École des Beaux-Arts.* London: SeckerWarburg, 1977, p.82.

[51] Informação obtida por Gonçalo Canto Moniz no Arquivo Cristino da Silva, a partir do documento do Ministère de l'Instruction Publique et des Beaux-Arts, ENSBA, Règlement, Paris, École Nationale des Beaux-Arts, 1928. In CANTO MONIZ, op. cit., p. 85.

> *pintor ou escultor e até aos trinta anos se é arquiteto, idade limite dependendo da situação do aluno […]*[52].
>
> *[…] Para os arquitetos, existem duas classes com dois concursos/exames de admissão em Fevereiro-Março e em Junho-Julho […]*[53].

Para preparação da admissão àquela instituição os alunos tinham acesso à Biblioteca da Escola, ao Museu onde observavam e desenhavam a partir dos modelos lá existentes e, ainda, a possibilidade de assistir a aulas sobre teoria e história da arquitetura, perspetiva e matemática, geometria descritiva, lei e regulamentos da construção, história geral e arquitetura francesa[54].

Os alunos entravam naquele que era considerado o primeiro pilar do ensino da *école,* um ateliê oficial ou livre que escolhiam de acordo com o *patron,* e aí se preparavam para os exames de admissão à escola e uma vez admitidos, já alunos da conceituada instituição, aí continuavam a aprender a desenhar e a preparar-se para os concursos de emulação, aí guardavam os seus desenhos, e prosseguiam a sua aprendizagem. De acordo com Guadet, relativamente ao funcionamento de um ateliê, "[…] *tout ce qui ce fait et s'étudie est concours, l'élève ne donne pas un coup de crayon qui ne soit œuvre de concours* " [55].

O ateliê livre era autogerido pelos alunos que contribuíam para as suas despesas e escolhiam um *massier* (Fig. 9) que os representa junto do *patron* e da Escola [56]. Louis Roger num artigo escrito sobre o ensino da Escola de Belas-Artes, no *Bulletin de la Grande Masse de l'École des Beaux-Arts* de Junho de 1936, afirmava:

> […] *É num clima de total liberdade que os alunos se agrupam por ateliês; formam autênticas famílias […] unidos, graças à afinidade das suas aspirações comuns […] Quem não conhecer as relações existentes entre os mestres e alunos, não poderá imaginar a sua cordialidade. Estes últimos qualificando os mestres com o do belo*

[52] TOUDOUZE, Georges - J – «L'École des beaux-arts en 1930». «L'École nationale supérieure des beaux-arts» L'Illustration nº 4559, 19 juillet 1930 In JACQUES, Annie ; SCHWARTZ, Emmanuel [et al.] - *Les Beaux-Arts, de l'Académie aux Quat'z'arts. Paris: École Nationale Supérieure des Beaux-Arts* (Collection Beaux-Arts Histoire), 2001, p. 483.
[53] *Idem,* p. 484.
[54] Richard Chafee in DREXLER, Arthur [ed.] – *The Architecture of the École des Beaux-Arts*. London: SeckerWarburg, 1977, p. 82
[55] LUCAN, J., op. cit., pp. 115-116.
[56] LUCAN, J., op. cit., p. 111.

> *nome de "patron" que contém o de pai, marcam uma atenção tocante que sendo respeitosa, deixa transparecer uma real e mútua atenção […]*[57].

No ateliê iniciam e continuam a sua aprendizagem a partir de lições sobre projeto e da cópia de modelos. Como escreve António Cardoso

> *[…] No Atelier Laloux, ao ritmo das "Beaux-Arts", aprendia-se fazendo, em camaradagem, não sem ritmos de passagem (à la broche) em "espírito de atelier", com os estudantes hierarquizados em anciens, aspirants e nouveaux, presidido pelo patron austero […] assistido por uma segunda figura mais afável […*][58].

O ensino no ateliê era de acordo com Richard Chafee, no caso de Victor Laloux, ministrado da seguinte forma:

> *[…] seguido pelos seus alunos, desloca-se de mesa a mesa, criticando (dando a opinião) o trabalho de cada estudante; acabando o percurso, […]*[59]
> *Esta, pode-se dizer, arquitetura foi pensada na École des Beaux-Arts, para os patrons que eram verdadeiros professores de arquitetura, como oficialmente eram intitulados. Transmitiam as suas teorias de arquitetura na maneira mais competente, cara a cara com os seus alunos, falando acerca dos seus desenhos […]*[60].
>
> *A maioria dos ateliês eram salas de aula de desenho e de projeto, mas não era incomum que alguns deles funcionassem também como um escritório particular de arquitetura*[61].

Neste espaço os alunos aprendiam teoria de arquitetura, desenho, praticavam o esboceto e a grande composição e conviviam com as encomendas e realização de projetos para clientes do seu *patron.*

---

[57] LOUIS ROGER, M. - *Sur l'Enseignement à l'École des Beaux-Arts.* Bulletin de La Grande Masse de l'École des Beaux-Arts. Paris, juin 1936, pp. 1079-1080 [tradução livre].
[58] CARDOSO, António – *J. Marques da Silva Arquitecto,* op. cit. p. 17.
[59] CHAFEE, Richard «O Ensino de Arquitectura na Escola de Belas-Artes» In DREXLER, Arthur (ed.) – *The Architecture of the École des Beaux-Arts*. London: SeckerWarburg, 1977, p. 94.
[60] CHAFEE, Richard, op. cit., p. 95.
[61] CARVALHO E SILVA, Joana Mello de – *O arquitecto e a produção da cidade: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva (1930-1960).* São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, tese de doutoramento, Março 2010, p. 28. Disponível em WWW.URL:www.teses.usp.br/teses/.../o_arquiteto_e_a_producao_da_cidade.pdf.

Aceite na *École*, o aluno preparava-se quer na instituição superior quer nos ateliês para os diferentes tipos de concursos de emulação que estimulavam a competição entre os alunos e os diversos ateliês e para os quais se concentrava toda a sua atividade. Estes concursos podem ser de dois tipos: pequenos exercícios/esbocetos que respeitando o programa apresentado pretendiam que o aluno escolhesse o seu *parti*[62] ou elemento dominante de uma composição – os *esquisses esquisses*- realizados *en loge* (Figs. 11, 12 e 13) durante doze horas e os *projets rendus* ou projetos finais, exercícios completos, de grande composição realizados de acordo com o exercício realizado *en loge* (Figs. 14, 15 e 16).

Além deste tipo de concursos, outros existiam na instituição, nomeadamente, os anuais de Fundação, destinados a homenagear e honrar a memória de antigos alunos. Entre eles destacamos o Prémio Rougevin – *Prémio de ornamento e composição* - destinado a alunos da primeira classe (concurso *en loge* que durava sete dias); o Prémio Labarre – *Grande composição sobre esquisso* – (realizado em três dias em *atelier)* para alunos das 2ª e 1ª classes; o Prémio Godeboeuf – estudo realizado, como se se destinasse a construção, com detalhes e perfis de uma obra arquitetónica de natureza especial, como na serralharia, mármore … – (realizado em 15 dias, após esquisso de 12 horas *en loge*) para alunos da 1ª classe; os concursos destinados a antigos alunos americanos - *Prix des Anciens Élèves Américains de L'Atelier Laloux* e, finalmente, os Concursos Preparatórios e Definitivos para o *Grand Prix de Rome* [63]. Nestes últimos só podiam participar alunos franceses.

Os concursos consistiam em provas executadas em duas fases para a realização de projetos subordinados a programas pensados e transmitidos pelos professores de teoria e cujo resultado devia ser uma proposta de obra em que os princípios de unidade,

---

[62] LUCAN, op. cit., p.117. De acordo com o autor *para Gromort o parti encontrava-se associado a uma reação imediata face ao programa a tratar, à escolha do elemento dominante de uma composição.*

[63] FIMS/MSMS/Per 20, *BULLETIN DE LA GRANDE MASSE DE L'ÉCOLE NATIONALE SUP DES BEAUX-ARTS (Janvier de 1936 à Juin/Juillet 1939.* Neste periódico da Associação de estudantes da ENSBA, nascida pela lei 1901 de 1926 e reconhecida de utilidade pública em 1936, pode-se ter acesso a informações sobre o tipo de concursos, datas e periocidade; programas dos concursos; estampas dos trabalhos premiados; nomes dos alunos premiados, dos ateliês a que pertenciam e razões da atribuição desses prémios, através da descrição dos trabalhos; exposições realizadas; artigos sobre o ensino aí administrado, sobre o estado da arte nacional e internacional e da necessidade de regulamentar a profissão se arquiteto; informações úteis aos alunos de Belas-Artes; eventos realizados como: Assembleias Gerais, exposições realizadas na sua galeria, bailes e festas - Une Fête de Nuit A L'École Nationale Supérieure des Beaux-Arts … Esta associação, uma das mais antigas senão a mais antiga, independente da Escola e responsável para ajudar os alunos através dos seus serviços de emprego, serviço jurídico, serviço de documentação, estabelecer a ligação entre as diferentes associações de alunos, encontros entre alunos, professores. Informações disponíveis em WWW.URL:http://www.grandemasse.org.

e harmonia estivessem presentes. A primeira fase consistia no *esquisse* ou *esquisse-esquisse*, um esboço concebido em 12 horas *en loge na École*, exercício que procurava captar a ideia geral do projeto e avaliar a capacidade do aluno em exprimi-la, além da sua criatividade, e a escolher o elemento dominante ou *parti* (esquema conceptual básico[64]. A partir do *esquisse* (esboceto), numa segunda fase, o aluno realizava o *project rendu* de acordo com as propostas apresentadas no exercício anterior. Este projeto era elaborado no ateliê, em dois meses, a seguir à aceitação do esboceto realizado e que exercitava o aluno na elaboração de um projeto completo que tinha, obrigatoriamente, de seguir o esquema do esboceto sob pena do seu trabalho ser anulado pelo júri. *Além da coerência entre as duas etapas, era exigido o domínio das técnicas de composição e de distribuição*[65]. Chegada a altura de entregar o *projet rendu* o aluno engradava o trabalho (Fig. 14), transportava-o na *Charrete* (Fig. 15) e entregava-o na Escola onde era exposto na Sala Melpómene para ser avaliado pelo Júri (figs. 16, 17, 18 e 19).

O aluno da *École* iniciava o seu percurso na segunda classe, onde era avaliado através de concursos de Arquitetura, concursos das disciplinas teórico/científicas e técnicas, como é o caso das disciplinas de perspetiva, composição geométrica, história, desenho de um ornamento clássico, de uma figura humana ou de uma estatueta de figura humana. Simultaneamente, frequentava o ateliê, onde se exercitava sob a orientação do *patron.* Nesta 2ª classe o lugar obtido nos concursos permitia-lhe acumular os pontos/valores que precisava para passar para a 1ª classe, no total de seis valores. Os concursos sobre elementos analíticos atribuíam as segundas menções ou menções, equivalendo uma menção a um valor (devia ter pelo menos dois valores que deviam ser atribuídos em concursos de composição e dois valores em *projets rendus*), os *esquisses* atribuíam segundas menções; os *projects rendus* segundas ou primeiras menções – uma primeira menção correspondia a dois valores[66].

Em primeira classe os estudos eram quase exclusivamente artísticos [..] os programas eram mais complexos e mais variados […][67]. Na primeira classe, o aluno deveria obter nove valores para se candidatar à obtenção do diploma, dos quais seis em

---

[64] ROCHA, Paulo Mendes da – *"Esboço inicial de um projecto". In 6 Sobre a Concepção do Projecto e o Seu Registro*, p. 97. Disponível em WWW.URL:http://nova.fau.ufrj.br/material_didatico/FAR112-Cap%C3%ADtulo%206%20v2.pdf.

[65] CARVALHO E SILVA, Joana Mello - *O arquitecto e a produção da cidade: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva (1930-1960).* São Paulo: Faculdade de Arquitectura e de Urbanismo da Universidade de São Paulo, tese de doutoramento, 2010, p. 25.

[66] LUCAN, J., op. cit., p. 118.

[67] CARDOSO, op. cit., p. 55.

projects rendus. A obtenção da primeira medalha neste tipo de projeto correspondia a a três valores, a segunda medalha a dois valores. As primeiras menções eram equivalentes a um valor. Poderiam obter valores nos *esquisses* dependendo da classificação. Assim, as segundas medalhas corresponderiam a dois valores, as primeiras menções a um valor e as segundas menções a meio valor. Nos concursos sobre elementos analíticos ou estudos de composição em grande escala sobre temas parciais o aluno teria a oportunidade de ser classificado com uma segunda menção ou com menção sendo esta correspondente a um valore[68]. Ao projeto correspondem três desenhos: a planta, o corte e o alçado.

O Grande Prémio de Roma, o concurso mais importante, estabelecia uma hierarquia entre alunos e estimulava a competição entre eles, entre os próprios ateliês e entre os *patrons.* O aluno vencedor tornava-se num motivo de orgulho e referência para o ateliê, como foi o caso de Victor Laloux que no ateliê de Jules André foi Primeiro Prémio de Roma, em 1878, com o tema *Uma Igreja Catedral*. Os julgamentos dos concursos são da responsabilidade de um júri da Escola que examinava, na sala Melpómene, os trabalhos finais ou *projets rendus.*

[68] LUCAN, J., op. cit., pp. 117-118.

1.1.2.2.2. O ateliê Laloux-Lemaresquier e a frequência da École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris



Fig. 20



Fig. 21

Fig. 20 - Desenho a carvão, assinado por Moreira da Silva - aluno do Atelier de Laloux Lemaresquier, 21 de fevereiro de 1933. FIMS/MSMS/3255

Fig. 21 - Exercício de Geometria Descritiva, novembro de 1933. Assinado: Moreira da Silva. FIMS/MSMS/3279



Fig. 22





Fig. 23

Fig. 22 - Desenho a tinta-da-china e aguada, assinado por Moreira da Silva- aluno de Laloux Lemaresquier, 8 de junho de 1934. FIMS/MSMS/3258

Fig. 23 - Cartão de aluno da École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris para os quatro anos letivos de 1934 a 1938. FIMS/MSMS/2554

Em 14 de outubro de 1931, David Moreira da Silva parte para Paris a título particular para estagiar no ateliê de Laloux – Lemaresquier, iniciando a sua preparação para a admissão à École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris[69]. Este ateliê terá

[69] Data da estada no ateliê de Laloux-Lemaresquier em Paris, a expensas próprias cf. FIMS/Monografias/DMS-567 – DAVID MOREIRA DA SILVA PROFESSOR DA ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES DO PORTO – CURRICULUM VITAE, 1961, p. 5; FIMS/MSMS/4390 - MOREIRA DA SILVA, David - CURRICULUM VITAE DE DAVID MOREIRA DA SILVA [texto dactilografado] 1977, julho, Fl. 1; Informação que nos foi gentilmente transmitida pela Dr.ª Inês Sarmento lembrando uma entrevista por ela realizada a David Moreira da Silva, atrás referida - nota nº5 na qual o arquiteto comentou que, durante a sua formação no ateliê, residiu em Paris em duas moradas diferentes: a primeira na Rue du Dragon nº 36 e, posteriormente, num apartamento maior situado na rue do Panthéon. FIMS/MSMS/0081 - Numa carta enviada a Marques da Silva, em 24 de setembro de 1938 David Moreira da Silva, reside no nº7 Rue dês Fosses St. Jacques Paris Ve- consultar o vol. II, p. 7

sido indicado por Marques da Silva[70] que o tinha frequentado durante a sua formação nesta cidade. O anterior ateliê livre de Victor Laloux[71] estaria na origem, a partir de 1900, do ateliê Laloux-Lemaresquier[72] nascido da estreita relação pessoal, da colaboração profissional e de ensino, da confiança recíproca estabelecida entre o *patron* e Charles Lemaresquier, nomeado seu sucessor em 1938.

> *Estas duas personagens de exceção, de uma impressionante dimensão, por um lado grandes arquitetos e eminentes professores, não podem ser evocados separadamente uma vez que a sua vida, a sua atividade, o seu pensamento estiveram intimamente ligados […]* [73] *[…] Parece-me que, para os alunos, a dimensão, a autoridade, a glória du Patron são os elementos fundamentais necessários a qualquer discípulo para que a sua evolução se realize numa paz interior, confiança, […] primeiro Laloux, depois Laloux com Charles Lemaresquier e enfim Charles Lemaresquier sozinho, foram professores de uma dimensão excecional, de uma fama incontestável.*[74]

---

[70] Numa das entrevistas concedidas por David Moreira da Silva à Dr.ª Inês Sarmento, o arquiteto referiu o facto de Marques da Silva o ter apresentado a Nöel Lemaresquier filho de Charles Lemaresquier.
No discurso de M. Marc Saltet enquanto membro da Secção de Arquitetura, no dia 23 de maio de 1973, na academia de Belas-Artes, subordinado ao tema *Notice Sur La Vie et Travaux de M. Charles Lemaresquier (1870-1972)* disse que este eminente arquiteto [Nöel Lemaresquier] foi o primeiro 2ª Grande Prémio do Concurso de Roma, em 1937.

[71] SALTET, M. Marc – *Notice sur la Vie et Travaux de M. Charles LEMARESQUIER.* Institut de France, Academie des Beaux-Arts. Disponível em WWW. URL: http://www.academie-des-beaux-desarts.fr/membres/actuel/architecture/saltet/discours_hommage_lemaresquier.htm. Neste discurso o arquiteto faz uma breve síntese da história dos ateliês de ANDRÈ, LALOUX E LALOUX-LEMARESQUIER. De acordo com o conteúdo do discurso, Victor Laloux terá entrado para o ateliê oficial de Jules André em outubro de 1873 e teve o primeiro Grande Prémio de Roma, em 1878. André morreria de uma forma inesperada em 1889, de gripe espanhola, esperando-se que fosse Laloux o seu sucessor. Mas, Laloux foi obrigado a retirar a sua candidatura e os alunos abandonaram com ele o ateliê e propuseram a criação do ateliê livre de Laloux. Entre eles, havia um da total confiança e apreço do *patron*, Charles Lemaresquier que seria o seu braço direito e, a partir de 1900, passou a ser o seu principal colaborador, iniciando o ateliê Laloux-Lemaresquier e substituindo o mestre aquando da sua morte em 1938. LUCAN, Jacques, ob. cit. p. 113 – Este autor refere Constant Moyeux (1835-1937) como sucessor de André no ateliê oficial e a saída dos alunos, entre os quais estaria o Primeiro Grande Prémio de Roma de 1890 – Pontremoli que pediu a Victor Laloux a criação do ateliê livre. Este ateliê, em 1938, associado a Charles Lemaresquier seria um dos mais importantes até 1968, data em que despareceria a Escola de Belas-Artes.

[72] O ateliê seria um externo/livre até 1953, ano em se tornaria oficial. Cf. LUCAN, Jacques - *Composition, non composition. Architecture et theories, XIXe-XXe siècles*. Lausanne: Presses polytechniques et universitaires romandes, 2009, p. 113.

[73] SALTET, M. Marc - *Notice Sur la Vie et Travaux de Mr. Charles LEMARESQUIER (1870-1972*). *Institut de France, Academie des Beaux-Arts*, p. 2/8 [01-08-2011] Disponível em WWW.URL:htpp://www.academie-des-beaux-arts.fr/membres/actuel/architecture/saltetdiscours_ hommage _lemaresquier.htm

[74] *Idem, Ibidem*, p. 68.

Era aqui que o candidato à frequência da mais prestigiada escola da época, preparava a sua admissão e faria depois toda a sua formação enquanto aluno das segundas e primeiras classes da secções de Arquitetura professada na *École*, até obter o seu diploma[75]. Assim, iniciaria David Moreira da Silva a sua aprendizagem e aperfeiçoamento de estudos para as provas de Matemática, Geometria Descritiva, História Geral e Desenho que devia prestar nos exames de admissão à ENSBAP. Após frequência do período correspondente ao de dois anos escolares neste ateliê (14 de outubro de 1931 a 1933) a expensas próprias, o arquiteto obtém a bolsa atribuída pela JNE, a partir de Julho 1934, com o objetivo de conseguir o grau académico de Arquiteto diplomado pelo governo francês.

No início, enquanto bolseiro frequentou, em Paris, o ateliê de arquitetura para preparação à admissão na *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts* sob a direção dos mestres Laloux, Lemaresquier e Larrieu, o ateliê de desenho do mestre pintor Roger, estando a sua preparação científica sob a orientação do Engenheiro T. Campanakés[76]. O ateliê era, segundo a opinião de Jacques Lucan, uma das características únicas e um dos primeiros pilares do sistema de ensino da Escola de Belas-Artes de Paris[77].

[75] LUCAN, Jacques, op. cit., p. 124. Criado quando Eugene Guillaume (1822-1905) era o diretor da ENSBAP, em 1867, altura em que o diploma criado acabava com as anteriores preocupações da Sociedade Central dos Arquitetos, desde 1840, através do documento que confirmava a formação superior e reconhecia o título de arquiteto.
[76] FIMS/MSMS/Per 281 - Junta de Educação Nacional - *Relatório dos trabalhos efectuados em 1933-34*. Coimbra: Coimbra Editora, 1935, pp. 166-167 e p. 190.
[77] LUCAN, Jacques, op. cit., p. 113.

1.1.2.2.3. A admissão e frequência na ENSBAP
1.1.2.2.3.1. Programas, professores e trabalhos académicos

Em 1934, foi aprovado nas provas de admissão à ENSBAP e tornou-se aluno desta prestigiada instituição (Fig. 23). Na Fig. 22, encontra-se representado um trabalho datado de 8 de junho de 1934 com carimbo da ENSBAP (no canto superior esquerdo), para o qual colocamos a possibilidade de se tratar de um projeto realizado por David Moreira da Silva, para um dos exames de admissão à ENSBAP. Esta nossa convicção baseia-se na informação sobre a concessão de uma bolsa de estudo para Paris, pela JEN em 1934, e no facto deste trabalho académico ter sido realizado do ateliê atrás referenciado, respeitando assim, as datas oficiais para admissão à ENSAP […] *Para os arquitetos, existem duas classes com dois concursos/exames de admissão em Fevereiro-Março e em Junho-Julho*[78].

De 1931 a junho de 1934, David Moreira da Silva esteve em Paris, primeiro a título particular no atelier Laloux-Lemaresquier, do mês de julho de 1934 a 1939 e, posteriormente, como bolseiro da Junta de Educação Nacional (JEN) e do Instituto para a Alta Cultura (IAC) na ENSBAP para obter o diploma de arquiteto pelo Governo Francês e do Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris (IUUP) para formação e obtenção do diploma em urbanismo[79]. Neste ateliê os alunos realizam as suas aprendizagens em arquitetura, através de um ensino do saber através da prática.

O relatório apresentado por David Moreira da Silva, relativo ao ano de 1934 - 1935, à JEN., refere que foi admitido em julho de 1934, à *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts* de Paris, para o ano letivo de 1934-35, tendo frequentado as aulas e concursos escolares até final do ano de 1935, onde obteve recompensas em sete dos

[78].TOUDOUZE, Georges - J – «L'École des beaux-arts en 1930». «L'École nationale supérieure des beaux-arts» L'Illustration nº 4559, 19 juillet 1930 In ACQUES, Annie ; SCHWARTZ, Emmanuel [et. al] - *Les Beaux-Arts, de l'Académi aux Quat'z'arts. Paris: École Nationale Supérieure des Beaux-Arts* (Collection Beaux-Arts Histoire), 2001, p. 484.

[79] Essa permanência pressupõe algumas deslocações e pequenas permanências em Portugal, nomeadamente para solicitar documentação que lhe permitisse concorrer à Bolsa e à prestação das provas para bolseiro. FIMS/MSMS/Per 281, JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL, vol. XIII - *Relatório dos trabalhos Efectuados em 1934-35*. Coimbra: Coimbra Editora, Ldª, p. 151: *[…] Na École Nationale Supérieure des Beaux Arts: admitido em Julho de 1934 àquela escola, passou a frequentar as suas aulas e a tomar parte nos concursos escolares a que tinha acesso. Desde aquela data até ao fim do ano económico de 1935 obteve recompensas em sete dos cursos em que tomou parte, recompensas estas compostas de 4 medalhas e três menções.*
No Institut d'Urbanisme: tendo começado a frequentar em Outubro de 1935, este estabelecimento de ensino, teve ocasião de realizar, posteriormente alguns trabalhos e exames, cujos resultados constarão do próximo relatório. […].

cursos em que participou – quatro medalhas e três menções[80]. David Moreira da Silva iniciaria a frequência do Instituto de Urbanismo de Paris em Outubro de 1935 - ano letivo de 1935/36[81].

David Moreira da Silva aproveitaria assim, a sua estada em Paris para viajar e conhecer a Bélgica e a Holanda, visitando obras de arquitetos de referência, como se pode constatar pelos postais escritos a Marques da Silva, nos meses de agosto e setembro de 1935:

> *[…] de visita a Amsterdam, não quis deixar de dar um salto a esta cidade com o quási único fim de admirar a obra de Dudock que este postal reproduz [82] […] Ai vai o pequeno, grande pavilhão do Mestre Azema. Apesar de já estarmos a oito de Setembro, sinto-me tam bem por estas paragens do estrangeiro que não tenho ideias de regressar a Paris antes de Outubro próximo*[83].

Mantém contacto frequente com o mestre português para o qual realiza algumas pesquisas em Paris sobre material a comprar para a Escola de Belas Artes do Porto, como se pode ler:

[…] procurei saber, logo que recebi o seu telegrama, onde e em que condições poderia adquirir os tourniquets para a Escola […] A casa Siegel onde estive esta manhã, prometeu-me para quarta-feira próxima, o estudo dum dêstes aparelhos […] Junto envio-lhe algumas fotografias de algumas vitrines existentes no museu do Trocadero. Estas vitrines herméticas […] [84]

Como já referimos, os concursos de primeira classe eram mais exigentes a nível da complexidade e diversidade dos programas que propunham para os *projets rendus* a abordagem de temas ligados a grandes construções como (Figuras 50 a 61): escolas - *Un Orphelinat Agricole*; *Un centre d'Entrainement Hippique*; museus - *Un Musée des Sciences Naturelles*; bibliotecas - *Une Bibliothèque Publique*; câmaras - *Une Chambre*

---

[80] Não foram encontradas outras referências aos trabalhos realizados no ano referido, nem peças desenhadas no arquivo da FIMS.
[81] FIMS/MSMS/Per 281, JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL, vol. XIII - *Relatório dos trabalhos Efectuados em 1934-35*. Coimbra: Coimbra Editora, Ldª., p. 151: neste e no outro relatório consultado BPMP Cota P-B- 4213 - *Instituto para a Alta Cultura XIV - Relatório dos trabalhos efectuados em 1936.* Coimbra: Coimbra Editora, 1937, pp. 49-51. Os relatórios dizem respeito aos anos civis e não aos anos letivos.
[82] FIMS/MSMS/PostE0016; FIMS/MSMS/PostE0016v – Hilversum Stadhuis.
[83] FIMS/MSMS/PostE0141; FIMS/MSMS/PostE0141v – *Pavillon de La Ville de Paris Carte officielle de L'Exposition de Bruxelles 1935*. Bruxelles e Parque de Exposição.
[84] FIMS/MSMS/0081 – Carta de David Moreira da Silva a José Marques da Silva, em 1938, de Paris.

de Commerce [85]; academias - *Une Académie de Médicine*; embaixadas *Une Ambassade Française à l'Étranger;* parques zoológicos - *Un Parc Zoologique*; aeroportos - *Une Aérogare* e La Salle dès Scéances d'un Palais du Sénat.

David Moreira da Silva realizaria, ainda nesta classe, exercícios de composição, decoração e estudos de desenho: *Un Motif Décoratif Provisoire d'une Fête Locale Dans Une Grande Ville, Une Halte pour Cyclistes, Une Façade De Cinéma.*

No segundo ano de frequência de David Moreira da Silva na ENSBAP, ano letivo de 1935/36, Robert Auzelle frequentava o seu último ano na *école* como aluno do ateliê de Bigot[86]. Auzelle frequentaria o IUUP nos anos de 1937 a 39 altura em o arquiteto português se encontrava a frequentar a mesma instituição[87]. Os dois arquitetos formados pelo Instituto de Urbanismo de Paris ter-se-ão, possivelmente, conhecido e seguido percursos diferentes. No entanto, anos mais tarde, a cidade do Porto será um lugar novamente partilhado aquando da chegada de Auzelle para contribuir *no processo de planeamento do Porto, a partir do ano de 1957* [88]. Na cidade e na Instituição em que David habita e leciona, Porto e ESBAP, Auzelle atua a nível urbano – na reestruturação urbana da cidade, inicia um trabalho colaborativo com uma equipa de engenheiros e arquitetos disponibilizada pelo presidente da Câmara do Porto –, e no curso de Urbanismo que leciona a convite de Carlos Ramos, em 1955, numa escola apostada na atualização de conhecimentos e na abertura à cultura e à modernidade[89]. Os dois

---

[85] BPMP-Cota P-B-4213, INSTITUTO PARA A ALTA CULTURA, XIV – *Relatório dos trabalhos efectuados em 1936*. Coimbra: Coimbra Editora, 1937, p. 51. *Em 1936, durante o tempo em que recebeu a bolsa: École Nationale Supérieure des Beaux Arts: Durante todo o ano a que se refere o presente resumo, o bolseiro tomou parte em vários concursos da 1ª classe da secção de arquitectura desta escola e estudou entre outros os seguintes pontos: Une Chambre de Commerce, la salle dês Scéances d'un palais du Sénat, ume Fontaine decorative à deux niveaux, un parc zoologique, un centre d'entrainemen t hipique, une academie de Medicine, une ambassade française à l'Étranger, une entrée de Parc Public, un orphelinat agricole.*
Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris: tendo obtido aprovação nos exames do 1º ano do curso de urbanismo de Paris, passou a frequentar em Outubro de 1936, o 2º ano do mesmo curso.

[86] FIMS/MSMS/Per 20 *Bulletin de La Grande Masse de L'École des Beaux-Arts*, Février de 1936, pp. 999-1001. No concurso da 1ª classe - *Une Chambre de Commerce*-, o trabalho de Auzelle é mencionado como um bom projeto final.

[87] BERTRAND, Fréderic – "Robert Auzelle e Jacques Gréber: Hipóteses em Torno de Um Encontro". In ANDRESEN, Teresa; SÁ, Manuel Fernandes de; ALMEIDA e João (coord.) - *Jacques Gréber*. Porto: Fundação de Serralves, 2011, pp. 165-184. Na opinião de Canto Moniz, op. cit., p. 345. David enquanto professor de Projectos e Obras de Urbanização e de Urbanolologia, após a reforma do ensino de 1957, ter-se-á socorrido nas suas aulas da obra que Auzelle escrevia em parceria com Ivan Jankovic e Robert Cressel - *Encyclopédie de l'Urbanisme* (1951-68).

[88] GRANDE, Nuno – "Funcionalismo Orgânico. Robert Auzelle e o Plano Director da Cidade do Porto". In ANDRESEN, Teresa; SÁ, Manuel Fernandes de; ALMEIDA e João (coord.) - op. cit., pp. 187- 211.

[89] CANTO MONIZ, op. cit., p. 345.

arquitetos-urbanistas de formação e urbanistas por convicção, cruzam-se noutro espaço e noutro tempo, modificados pelas circunstâncias.

No ano escolar de 1936/37, na Escola de Belas Artes de Paris, DMS participou em diversos concursos da 1ª classe da secção de arquitetura tendo realizado entre outros, no ano de 1936, os projetos: *Une Chambre de Commerce*; *Une Salle des Sciences du Sénat*, *Une Fontaine Décorative à Deux Niveaux*; *Un Parc Zoologique*; *Un Centre d'Entrainement Hippique*; *Une Academie de Medicine.* De novembro de 1936 a janeiro de 1937, participou nos seguintes concursos de emulação: *Un Orphelinat Agricole* (2ª medalha)*; Une Ambassade Française à L'Étranger*, no Concurso Jean-Louis Bourgeois et Godeboeuf; *Une Entrée de Parc Public*; *La Salle dês Scéances d'un Palais du Sénat*. No Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris foi aprovado nos exames do 1º ano do curso de Urbanismo e passou a frequentar em outubro de 1936, o 2º ano do mesmo curso.

Em junho de 1936, João Guilherme Faria da Costa[90] também ele bolseiro, tinha terminado o curso de urbanismo do IUUP e estagiado no ateliê de Donat-Alfred Agache. No ano seguinte, defende uma tese para obtenção do diploma de arquiteto-urbanista, um plano geral de urbanização intitulado "Compilação e recolha de elementos sobre a cidade da Figueira da Foz", trabalho apresentado no Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris em 1937[91]. Nesse ano, Faria da Costa finaliza o Plano de Urbanização da Figueira da Foz, faz a sua apresentação e defesa perante um júri presidido pelo professor do Instituto de Urbanismo de Paris, M. G. Sebille, tendo obtido

[90] Disponível em WWW.URL: http://fariadacosta.no.sapo.pt. João Guilherme Faria da Costa foi o primeiro urbanista português com *formação moderna e internacional* pelo Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris. *[…] Elaborou como tese de final de curso «Plano de Arranjo, Embelezamento e Extensão da Cidade da Figueira da Foz e sua Região». Este documento constitui um trabalho inovador e percursor no nosso meio, com clara influência do urbanismo Alemão contemporâneo (nos traçados sinuosos para controlo de trânsito) e do movimento da «City Beautiful», (no desenho da irradiação de avenidas desde praças semicirculares), e foi publicado então, nessa qualidade inovadora, pela revista «Arquitectura Portuguesa», nº31, de outubro de 1937.* De acordo com Instituto para a Alta Cultura XIV - *Relatório dos trabalhos efectuados em 1936*. Coimbra: Coimbra Editora, 1937, pp. 49-51, este arquiteto urbanista terá terminado o seu curso de urbanismo no IUUP no ano de 1936 e defendeu a sua tese no ano seguinte, ano em que obteve o seu diploma de arquiteto-urbanista pelo Governo francês. Irá ser muito importante, posteriormente, para David Moreira da Silva ao propô-lo para ser colaborador de Étienne DE GRÖER quer no Plano de Urbanização de Coimbra quer no Plano de Urbanização de Luanda nos anos 40.

[91] BPMP Cota P-B-4213 - Instituto para a Alta Cultura XIV - *Relatório dos trabalhos efectuados em 1936. Coimbra*: Coimbra Editora, 1937, pp. 49-51 os relatórios dizem respeito aos anos civis e não aos anos letivos.

de acordo com o relatório das bolsas atribuídas pelo IAC[92], a menção de "trés bien" e o título académico de Arquiteto Urbanista pela Universidade de Paris. Este terá assistido à participação de David Moreira da Silva no Congresso Internacional dos Urbanistas, cujo tema principal foi o de "Casas Económicas"[93]. No ano de 1937, o arquiteto Moreira da Silva estudou, realizou trabalhos e participou nos concursos da 1ª classe do curso de Arquitetura da ENSBAP, subordinados aos seguintes temas: *Un Musée dês Sciences Naturelles, Un Motif Décoratif à L'Ocasion d'une Fête Locale dans Une Grande Ville, Un Parc Jardin En Terrasse, Une Halt Pour Cyclistes, Une Aerogare, Un Baptistère*[94].

Em 1938, enquanto Faria da Costa ganha uma bolsa, pela instituição nacional atrás referida, para realizar uma viagem de estudo, num período estimado de 39 meses, David continuaria em Paris como bolseiro no ano de 1938. De acordo com o relatório referido, realizou dois projetos intitulados: *Une Fondation à l'Étranger, La Tribune Reservée d'Un Champ de Courses*, na Escola Superior de Belas Artes de Paris, e iniciou o estudo intitulado *La Section D'Architecture D'une Cité Universitaire* para a obtenção do seu diploma na ENSBAP e a sua tese para o IUUP, subordinada ao título: *Les Villes Qui Meurent Sans Se Dépeuple*r[95]. A maior parte dos trabalhos referenciados nos relatórios do IAC foram identificados a partir das peças desenhadas, incompletas, encontradas na FIMS a partir da descrição dos programas dos concursos de emulação descritos no *Bulletin de La Grande Masse da École National Supérieure Des Beaux-Arts*. Assim, através da análise dos programas, da comparação com as estampas da mesma publicação periódica, atribuímos os títulos, as datas e os concursos aos desenhos encontrados, assinados, referenciados alguns com a identificação do ateliê e com a indicação de menções atribuídas, mas sem título.

Entre o vasto *corpus documental* da Fundação encontrámos um documento[96] das aulas de História Geral de Arquitetura lecionada por Louis Hautecoeur e assinado por David Moreira da Silva. Este documento inclui cópias de plantas, alçados, plantas de localização e elementos de construção pertencentes a edifícios civis, religiosos e

[92] BPMP Cota P-B-4213 - Instituto para a Alta Cultura XV - *Relatório dos trabalhos efectuados em 1937*. Coimbra: Coimbra Editora, 1941, pp. 78-80.
[93] *Idem, ibidem.*
[94] *Idem, ibidem.*
[95] *Idem, ibidem*, pp. 77 e 81.
[96] FIMS/MSMS/1853-HISTOIRE GÉNERAL D'ARCHITECTURE–PROFESSEUR MR. HAUTECOEUR, trabalho assinado por David Moreira da Silva.

domésticos de referência na História da Arte desde a Antiguidade Clássica ao século XIX.

Louis Hautecoeur (1888-1973) foi professor de História da Arquitetura de David Moreira da Silva, tendo sido nomeado para reger aquela cadeira na ENSAP, em 1925, disciplina até então atribuída a arquitetos. Historiador de arte, aluno da École Normal Supérieure de Paris, com tese principal de doutoramento subordinada ao tema *Rome et la Renaissance de l'Antiquité à la fin do XVIII*^{e} *siécle* e a tese complementar sobre *architecture classique à Saint-Petersbourg à la fin du XVIII*^{e}, estudioso e intelectual que fez recuar o estudo da arte no tempo e alargou a nível espacial o seu objeto de estudo, para fora de França [97]. Este investigador privilegiou no seu estudo a arquitetura Francesa do século XVIII, divulgou obras pouco conhecidas, *como por exemplo o pátio Batave em Paris* [98], valorizou a divulgação das revistas técnicas. *[…] pour la documentation des architects présents et l'Enseignement des historiens futurs*[99] *[…] fortaleceu a prática arquitetónica e o estudo do passado artístico*[100].

> *Este historiador valorizou a prática da grande composição arquitetónica enquanto ordenadora e capaz de criar harmonia, clareza no espaço e a planta a partir da qual o aluno ou o arquiteto escolhem o parti, prevalecendo através da determinação dos seus eixos, pela relação existente entre as diferentes partes que a compõem. A primazia da planta na escolha do parti é sem qualquer dúvida uma característica essencial do método da Escola de belas-artes. O historiador Louis Hautecoeur (1881-1973) associa assim duas ações: a planta é a primeira operação do arquiteto e permite-lhe exprimir o parti (Louis Hautecoeur – de l'architecture. Paris, sd. (1938)*[101].

---

[97] TALENTI, Simona – *L'Histoire de l'Architecture en France. Émergence d'une discipline (1863-1914).* Paris: Éditions A. et J. Picard, 2000, pp. 28 e 84.
[98] TALENTI, op. cit., p.158.
[99] BRUCCULERI, Antonio – *Stratégies éditoriales et architectures de l'histoire: Louis Hautecoeur et Gérard Van Oest, un dessin partagé*. Collections électroniques de l'INHA [en ligne]. Repenser l'architecturer à travers l'espace, le temps et les disciplines, limites temporelles. Disponível em WWW.URL:http://inha.revues.org./1354, 10 de abril de 2011, p. 3 e 4: Historiador, investigador e defensor do património francês do século XVIII, principal período de estudo numa tentativa de preservação de uma identidade cultural, através da divulgação da história da arquitectura francesa entre os séculos XVI e XX. Nomeado em 26 de fevereiro de 1924, *membre de la Classe I (Architecture) no* Comité de Admissão à Exposição Internacional das Artes Decorativas e industriais de 1925, para a qual foi criada uma colecção *Arquitectura e Artes Decorativas*, dirigida por ele que valorizou, entre outros aspetos, a relação entre texto e imagem e se manifestou a ligação entre as artes decorativas e a imagem.
[100] TALENTI, op. cit., p. 28.
[101] LUCAN, op. cit., p. 185.

Edouard Arnaud (1864-1943), formado na Escola Central de Artes e Manufaturas e diplomado pela ENSBAP, em 1894, professor do curso de construção nesta última instituição, privilegiou um método pedagógico, até 1934, de aproximação à prática arquitetónica na formação consciente de arquitetos, através da introdução do ensino técnico de construção a par do da composição na pedagogia da *École*. Defensor do ensino da construção na ENSBAP, num período de pós guerra em que era necessário formar construtores que respondessem de uma forma rápida, segura e esclarecida à necessidade de reconstrução das diversas áreas afetadas pelo conflito em França. Da preocupação deste professor na existência e prática de uma ligação entre o ensino técnico e o desenho arquitetónico, no treino daquele que seria um futuro construtor, nasceria uma nova ideia e prática pedagógica, a de exigir aos alunos que tivessem *um sketchbook*[102] que deveriam apresentar nos exames", numa clara reafirmação da importância do desenho[103].

Um *livro de desenhos feitos à mão de uma forma cuidadosa*, instrumento pedagógico a que o professor-historiador Louis Hautecoeur daria continuidade na sua proposta de reforma da cadeira que lecionava na ENSBAP - História da Arquitetura. Como se pode constatar pelo livro que David Moreira da Silva realizou (figs. 24 a 35) para ele, um conjunto de exercícios desenhados para a sua cadeira e compilados num volume que integra cópias de edifícios religiosos, civis e domésticos; conjuntos monumentais; fragmentos de arquitetura; elementos ornamentais e pormenores construtivos, dos séculos XVI a XIX. Este exemplar é um documento que nos permite inferir do método utilizado por aquele professor e das suas preocupações quer ao nível dos estilos por ele privilegiados quer de épocas por ele valorizadas na sua investigação e transmissão de conhecimentos estruturantes de acordo com uma prática pedagógica recorrente de uma ferramenta de "*interpretação construtiva".*

Os desenhos que integram o trabalho realizado por David Moreira da Silva, indicados pelo seu professor e, possivelmente, os que integrariam alguns dos enunciados de exame, ilustram as suas preferências enquanto estudioso e professor, privilegiando a arquitetura francesa sobre as italiana e flamenga, as plantas

[102] BRUCCULERI, Antonio - *Renewal and Tradition in the Teaching of Buiding Construction at the École des Beaux-Arts of Paris: the Course of Edouard Arnaud, 1920 – 1934.* Disponível em WWW:URL:http://www.arct.com.ac.uk/personal-page/james/ichs/vol%201%20417-440%20Brucculeri.pdf, p. 422.
[103] BRUCCULERI, op. cit., pp. 417- 423.

representadas em maior número comparativamente às fachadas e outros elementos decorativos, construtivos e compositivos. Tipo de conhecimento exigido na cadeira de História Geral de Arquitetura e adquirido a partir da consulta de diversas obras de referência, desde a composição arquitetónica (praças, localização de edifícios em Versalhes – Les Trianons), a plantas, monumentos civis, militares e religiosos, a construções civis, arquitetura doméstica, detalhes/pormenores de edifícios (fachadas, abóbadas de cruzaria de ogivas, janelas, portas, lareiras, púlpitos, pinturas e estuques de tetos em *trompe d'oeil*, capiteis, ornamentos) e aspetos técnicos (suportes em ferro fundido, estrutura de mansardas) do Renascimento a finais do século XIX. Obras de História e Tratados de Arquitetura da autoria de Gromort, Blondel, Léonce Reynaud, Mansart, Femor, Calliat et Lance, Martin, Rouger, Esquié foram consultados e copiados pelo arquiteto português. Houve, portanto, um alargamento dos conhecimentos teórico-práticos num período de estudo mais vasto e variado.

Em França nos anos 1930 continua-se a praticar a cópia de estampa e da imagem e a valorizar a representação da planta: *"A verdadeira ciência que preside à criação arquitetónica é, sem contradição, a da composição das plantas" (Gustave Umbdenstock – Cours d'architecture. Paris, 1930, II, Deuxiéme partie: applications des lois de composition artistique à l'architecture, Livre VII: Les plans, p. 625)*[104]. Também, Hautecoeur valoriza a representação da planta elemento síntese da composição arquitetónica*:*

> *[…]"Será possível, diz ele, escrever uma história da composição arquitetónica do século XIX através dos prémios de Roma. Pode-se contestar determinados resultados destes exercícios; há um que não podemos negar: nenhuma escola sabe ordenar uma planta como a escola francesa (Louis Hautecoeur – de l'architecture. Paris, sd.)*[105].
>
> [Hautecoeur] *vê ainda na conceção das grandes composições uma capacidade francesa: "não é a Itália, mas a França que teve a ideia destas grandes composições" "Versailles e Marly são talvez as composições mais acabadas que foram executadas" (Hautecoeur ob. cit p.127). Em 1943) Hautecoeur agora diretor geral das Belas-artes, publica o seu primeiro volume da sua monumental Histoire d'architecture classique en France. […] o capítulo retrata o esforço dos anos 1540*

[104] LUCAN, op. cit., p. 185.
[105] *Idem*, op. cit., pp. 185-186.

> *a 1580, isto é, o esforço da Renascença francesa para a regularidade, para a simetria e para a elaboração de diferentes tipos de planta (axial, centralizada, com pátio ...)*[106]**.**

Hautecoeur nas primeiras palavras do seu livro aproxima os séculos XVI e XX:

> *" O século XVI, no seu início, parece-se com o século XX nos seus princípios: um mundo acabado de morrer, um outro revive" No século XX o mundo acabado de morrer é o da arquitetura[a] clássica, [...] sob a decoração do ecletismo" Mas Hautecoeur não perde a esperança de um possível reencontro entre tradição e modernidade. Em 1925, acabado de ser nomeado professor de história da arquitetura na Escola de belas-artes, ele já tinha afirmado esperar esse reencontro, após ter aproximado os séculos XVI e XX: "Pertence aos artistas cultos, enriquecidos por uma tradição secular, de adaptar aos procedimentos e às novas necessidades uma arquitetura que não saberá mais [...]*[107].

Para compreender um pouco o que seria o percurso académico de um estudante nacional ou estrangeiro, apresentamos trabalhos académicos realizados por David Moreira da Silva quer como estagiário do ateliê Laloux-Lemaresquier quer enquanto aluno da ENSBAP (Figuras nºs 33 a 38; 40 a 58; 60, 66 e 67).

A obra analisada a partir de exemplares existentes no arquivo da Fundação, cujo inventário e análise detalhada dos trabalhos se encontra no catálogo do segundo volume, com todas as indicações possíveis. Aqui encontram-se apenas identificadas com as cotas atribuídas pela instituição e títulos[108], com caráter ilustrativo, como suporte ao texto e com pequenas informações. Os trabalhos respeitam desenhos identificados com recurso a técnicas como a grafite, o carvão, a tinta-da-china e aguada, o lápis de cor e temáticas figurativas, geometria descritiva e grande composição arquitetónica, realizadas em diferentes etapas: numa etapa anterior à entrada do arquiteto na ENSBAP, enquanto estagiário do ateliê Laloux – Lemaresquier e já como aluno da École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris.

Os desenhos e trabalhos realizados informam-nos das preocupações do ensino da *École:* desenho e cópia de modelo, conhecimento e perfeita representação de

---

[106] *Idem, ibidem.pp.198*
[107] *Idem, ibidem*, pp. 198-199.
[108] Alguns títulos e datas foram, por nós, atribuídos aos trabalhos académicos por nós de acordo com informação escrita ou através da sugestão do tema representado.

fragmentos das ordens clássicas; ornamento, grande composição arquitetónica (alçado, planta, corte e enquadramento) de acordo com as regras do sistema das Beaux-Arts. A conceção do projeto, as suas geometrias, a simetria, a proporção, a distribuição das diferentes peças, as acessibilidades e o equilíbrio compositivo, são exigências da pedagogia da *École*. Chamamos a atenção para o trabalho que identificamos como sendo uma cópia aguarelada, atribuída a David Moreira da Silva, do *Petit Trianon* (a partir da comparação com uma fotografia tirada por nós recentemente deste edifício), exercitando deste modo o olhar e a mão através da cópia ao natural de uma obra referência da arquitetura francesa, muito valorizada, como se pode constatar pela fig. 35 do álbum de Hautecoeur na qual se encontram representando os Trianons em Versalhes a partir da obra de G. Gromort, séculos XVII e XVIII.

ENSBAP – HISTOIRE GÉNERAL D'ARCHITECTURE – PROFESSEUR MR. HAUTECOEUR
FIMS/MSMS/1853 - DESENHOS DE DAVID MOREIRA DA SILVA

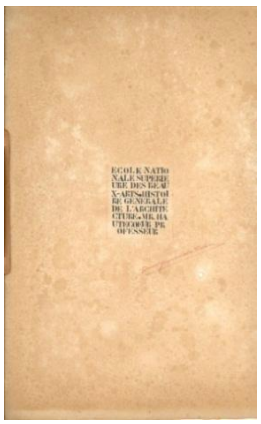


Fig. 24 - Capa de trabalhos realizados por DMS para a disciplina História Geral da Arquitetura – Professor Louis Hautecoeur. Assinado por David Moreira da Silva. FIMS/MSMS/1853-0002

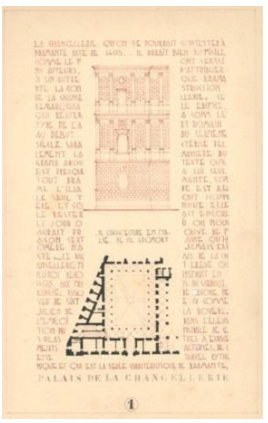


Fig. 25- *Palais de La Chancellerie*- Cópia de GROMORT,Mr – *L'Architecture en Italie.* FIMS/MSMS/1853-0003

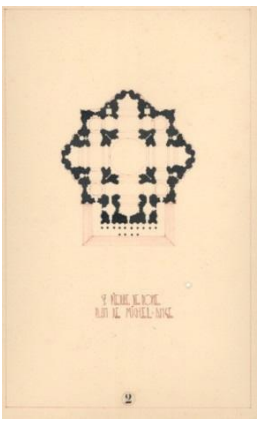


Fig. 26- *S. Pierre de Rome Plan de Mikhel-Ânge*- FIMS/MSMS/1853-0004

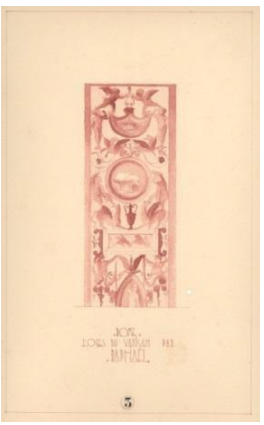


Fig. 27- Rome – *Loges du Vatican par Raphaël*- FIMS/MSMS/1853-0005

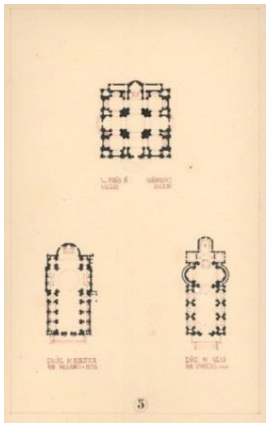


Fig. 28 - *S. Maria di Galeai, Église du Redentor Par Palladio* 1576 *Église du Gésu Par Vignole 1568* FIMS/MSMS/1853-0007



Fig. 29 - *Porte du Palais de Capraro - Le Dûe à Vignole*. ESQUIÉ, P. *Traitè Élémentaire D'Architecture*- FIMS/MSMS/ 1853-0008

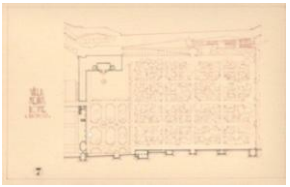


Fig. 30 - *Villa Médicis*. Rome GROMORT FIMS/MSMS/1853-0009



Fig. 31 - *Château de Chambord. Voûte du Vestibule d'Acces au Grand Escalier* Par Tromcault FIMS/MSMS/1853-0011

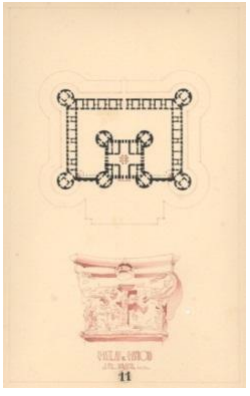


Fig. 32 - *Château de Chambord*. J. M .L. Durand. 1526. FIMS/MSMS/1853-0013



Fig. 33 - *Maisons du Quai de l'Horloge*. Calliat et Lance E. D.Arch.e. FIMS/MSMS/1853-0016

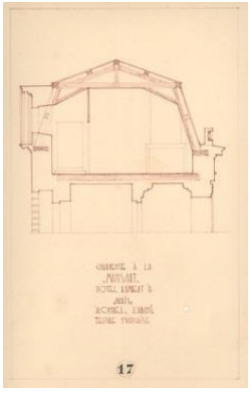


Fig. 34 - *Charpente Á la Mansart. Hotel Lambert à Paris.* Blondel L'architecture Française FIMS/MSMS/1853-0019



Fig. 35 - *Les Trianons. 1687 – 1766 Versailles.* G. Gromort FIMS/MSMS/1853-0030

A partir da consulta do *Bulletin de La Grande Masse da École Nationale Supérieure des Beaux-Arts* [109], obtiveram-se informações e preencheram-se algumas das lacunas relativas aos concursos de emulação, respetivos programas o que nos permitiu identificar alguns dos trabalhos académicos realizados na instituição parisiense. A identificação dos trabalhos académicos proposta partiu ainda do cruzamento de informação com outras fontes como os relatórios de bolsas atribuídas pela JNE e IAC e da análise das próprias peças desenhadas do arquiteto.

O *Bulletin* é uma publicação periódica pertencente a uma das mais antigas associações de estudantes franceses das escolas nacionais superiores de Arquitetura e das Belas-Artes, nascida da lei 1901 de 1926, considerada e reconhecida como uma organização de utilidade pública no ano de 1932 [110]. Nesta publicação que o arquiteto trouxe consigo aquando do seu regresso, encontramos preciosas informações sobre a dinâmica do ensino das belas-artes em França: tipo de concursos; programas dos concursos; alunos com trabalhos premiados e respetivos ateliês; reflexões sobre os trabalhos premiados; exposições; variados artigos quer sobre o tipo de ensino prestado nesta escola, quer artigos escritos por especialistas sobre arquitetura, pintura nacional e internacional, construção, direito; registos de realização de conferências e de assembleias gerais mensais e anuais; regulamentação da profissão de arquiteto, da situação do arquiteto em França; realização de festas e bailes, informações diversas e disponíveis param um outro tipo de investigação.

Da análise dos resumos dos programas elaborados para os concursos realizados na *École*, entre 1936 e 1939, e para os de Fundação constatamos uma preocupação em fornecer elementos elucidativos e completos sobre o trabalho a realizar, primeiro *en loge* e posteriormente em *projets rendus*. Os professores de teoria partiam do tema e, seguidamente, apresentavam um completo resumo do programa a desenvolver pelos alunos através de uma pequena introdução ao tema em questão, previamente definido e a desenvolver. Através deste resumo especificavam e caracterizavam o lugar a que se destinava (país, cidade, província, tipo de relevo e/ou terreno, vias de acesso), o clima

[109] FIMS/MSMS/DMS Per 20, deste documento da Associação dos alunos da Escola Nacional Superior de Belas Artes, só existem os nºs a partir de 1936 a 1939.

[110] NOIZETTE, Jérémie - *La Grande Masse des Beaux-Arts*. 1926 e site oficial da Grande Masse des Beaux-Arts. Disponível em WWW.URL:http.//www.grandemasse.org Sem quaisquer fins lucrativos, sem conotações políticas ou religiosas, existe para ajudar e ligar alunos destas áreas, estabelecer a ligação entre diferentes associações das diferentes escolas e ligar ao mundo profissional (emprego, alojamento, bolsas, serviços jurídicos, viagens de estudo, difusão de cursos, boletim do tipo jornal, bailes …)

(mediterrânico…); o tipo de edificação ou de composição do espaço (dimensões, amplitude, distribuição das edificações, principais divisões, anexos, tipo de planta, fachadas, e escalas a utilizar no corte, planta e alçado); o seu enquadramento; a sua principal função e localização espacial; o número de pisos ou dispositivos espaciais de acordo com o tipo de serviços, importância da atividade que aí se desenrola, ornamentos e materiais a utilizar.

Na atribuição de prémios o júri justificava sempre, através de uma avaliação/reflexão feita do modo como o trabalho do aluno respeitou o programa, como cada um trabalhou/compôs o espaço ou a edificação, ou acrescentou aspetos inovadores. Aquando da atribuição de medalhas havia sempre uma referência ao ateliê a que o aluno se encontrava ligado e uma descrição dos aspetos valorizados e que conduziram à recompensa: composição, o tipo de planta (regular ou irregular, geometrias, simétricas assimétricas), descrição do edifício (estilos de fachada, se a função se encontrava expressa no carácter da fachada simetria ou não, simetria, proporção, habilidade de desenho/traço, silhuetas, distribuição das diferentes peças, coerência e equilíbrio compositivo, composição aberta ou fechada) avaliando o Projeto, quando existiam jardins e pátios onde se encontravam, análise da planta, corte e alçados, projeto clássico ou moderno, estética compositiva, eixos e ainda os estilos adoptados e enquadramentos.

Nos trabalhos do arquiteto realizados na *École* constata-se uma preocupação do domínio do desenho a partir da cópia do modelo, a aprendizagem e a descoberta das regras corretas da proporção expressa no domínio da representação das ordens arquitetónicas clássicas que se sobrepõem, de exercícios de estereotomia e de perspetiva que permite uma leitura tridimensional do espaço construído, o domínio dos princípios da grande composição (edifício monumental e sua envolvente ou um conjunto de construções à escala urbana) na qual todas as peças se ordenam e adquirem unidade e equilíbrio, sendo a primeira a grande finalidade da composição. Também a hierarquia, a escolha dos elementos principais ou dominantes, a simetria das diferentes peças, a distribuição de acessos e circulações que ligam salas ou superfícies úteis do programa [111] eram factores que mereciam particular atenção. Nos desenhos, a planta mantém-se o elemento que distingue o valor do *projet rendu*, a par da sua conciliação com os cortes e alçado principal. Verificamos ainda a crescente importância dada à localização e

[111] Cf. LUCAN, op. cit.

conjugação entre edifício e envolvente resultante das novas preocupações ligadas à nova disciplina urbana.

Trabalhos realizados por David Moreira da Silva no Ateliê Laloux-Lemaresquier e na ENSBAP



Fig. 36 - Ateliê Laloux – Lemaresquier, 21 fevereiro 1933. FIMS/MSMS/3255



Fig. 37 - Ateliê Laloux – Lemaresquier, 1934 [?] FIMS/MSMS/3254



Fig. 38 - Ateliê Laloux – Lemaresquier, S/data, S/Título FIMS/MSMS/3282

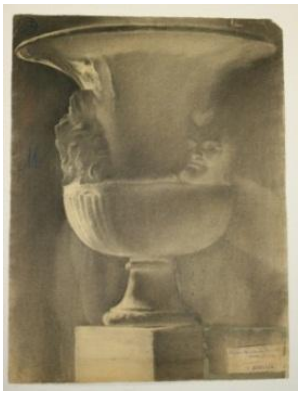


Fig. 39 - Concurso da 2ª classe da ENSABP. Ateliê Laloux – Lemaresquier, 5 a 10 de novembro de 1934. FIMS/MSMS/3256

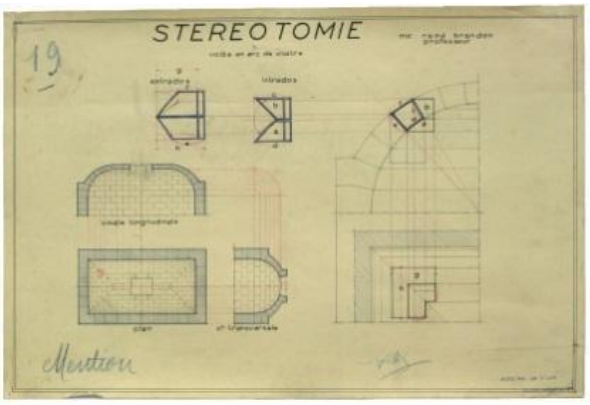


Fig. 40 - *Voûte en arc de cloitre*. Concurso de Estereotomia – 2ª classe - ENSBAP/ateliê Laloux-Lemaresquier, 13 de dezembro de 1934. MSMS/3829



Fig. 41- Concurso de emulação 2ª classe ENSBAP, 11 a 19 de junho de 1935. FIMS/MSMS/3257

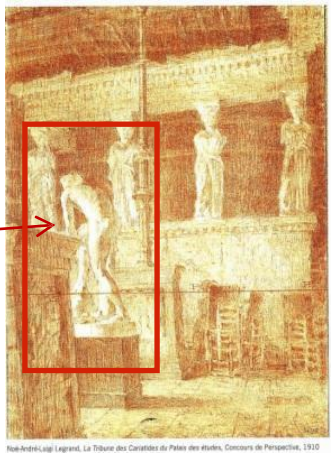


Fig. 42 - Noé-André-Luigi Legrand, *La Tribune des Cariatides du Palais des études*, Concours de Perspective, 1910. IN JACQUES, op. cit., p. 339



Fig. 43 - Concurso de Emulação da 2ª classe, 2ª medalha. ENSBAP, 15 a 21 junho de [1935?]. FIMS/MSMS/3253

Trabalhos realizados por David Moreira da Silva no Ateliê Lalloux-Lemaresquier e na ENSBAP



Fig. 44 - *Acrópole de Athènes Parthénon*, Octobre 1935. FIMS/MSMS/Foto2657



Fig. 45 - Temple D'Érechthée À Athène, Octobre 1935. FIMS/MSMS/Foto2658

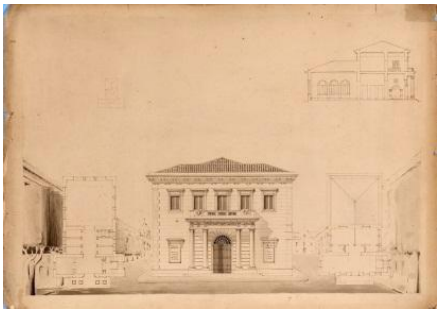


Fig. 46 - Atribuído a David Moreira da Silva, s/título, s/data [1936]. FIMS/MSMS/3259



Fig. 47 - Atribuído a David Moreira da Silva, s/titulo e s/data. FIMS/MSMS/3089



Fig. 48 - *Petit Trianon* – Versalhes. Registo fotográfico de Maria do Carmo Pires, Agosto de 2010.



Fig. 49 - Atribuído a David Moreira da Silva, s/título e s/data. FIMS/MSMS/3280

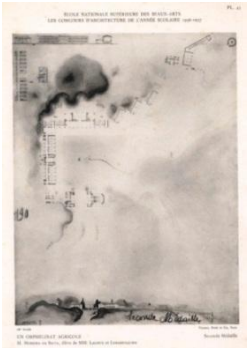


Fig. 50 - *Un Orphelinat Agricole*- 1936, 2ª Medalha do Concurso da ENSBAP. FIMS/MSMSMS/2205

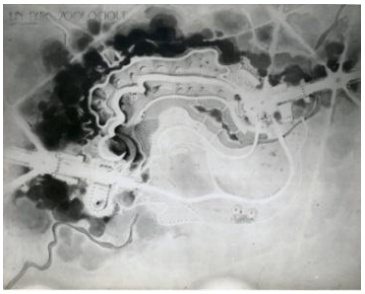


Fig. 51 - *Un Parc Zoologique* – 1936, ENSBAP 1ª Classe. FIMS/MSMSMS/Foto2926



Fig. 52 - *Un Parc Zoologique* [l'entré d']- 1936, ENSBAP 1ª Classe. FIMS/MSMSMS/Foto2927

Trabalhos realizados por David Moreira da Silva no Ateliê Lalloux-Lemaresquier e na ENSBAP

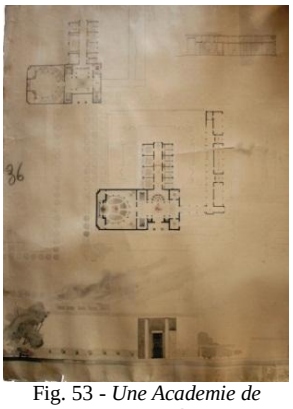


Fig. 53 - *Une Academie de Medicin*e, 1936. Título e data atribuídos. FIMS/MSMS/3827

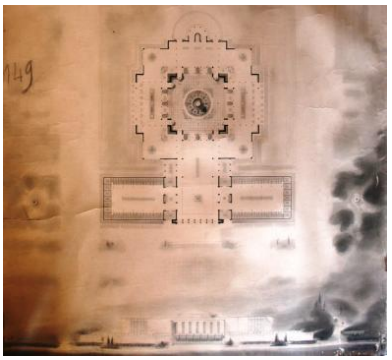


Fig. 54 - *Une Bibliothèque Publique*, 1936. Título e data atribuídos. FIMS/MSMS/3825



Fig. 55 - *Un Centre d'Entrenainement Hippique*, outubro de 1936.Título atribuído. FIMS/MSMS/3826

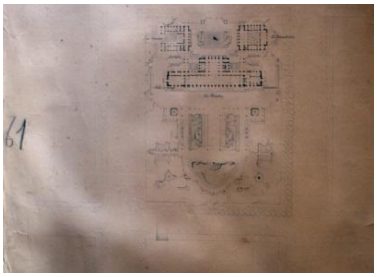


Fig. 56 - *Une Ambassade Française à L'Étranger*, 1936. Título e data atribuídos. FIMS/MSMS/3828



Fig. 57 - *Un motif décoratif provisoire d'une fête locale dans une grande ville*, 29 Janeiro de1937. Título e data atribuídos. FIMS/MSMS/3824

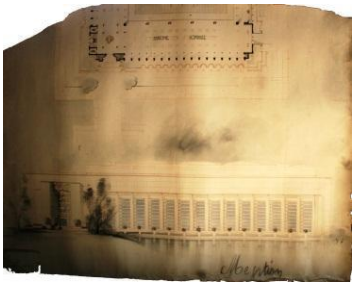


Fig. 58 - *Un Musée des Sciences Naturelles*, 1937. Título e data atribuídos. FIMS/MSMS/3830

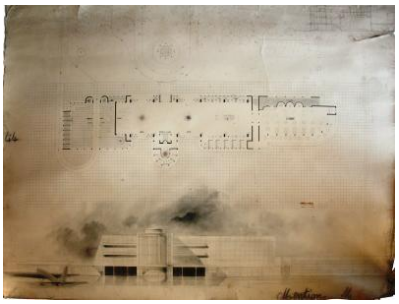


Fig. 59 - *Une Aerogare*, novembro 1937. Título e data atribuídos. FIMS/MSMS/3822



Fig. 60 - *Une Halte pour Cyclistes*, 1937. Título e data atribuídos. FIMS/MSMS/3823



Fig. 61 - *Une façade de cinéma*, 1938. Título e data atribuídos. FIMS/MSMS/Foto 2655



Fig. 62 - S/título FIMS/MSMS/3831

No caso específico de um dos Concursos de Escola em que o arquiteto obteve uma segunda medalha - *Un Orphelinat Agricole* (figs. 63 a 69) apresentámos imagens dos principais trabalhos premiados para se puder avaliar das diversas soluções e escolhas de alunos dos diferentes ateliês a um mesmo programa. No caso do primeiro prémio (fig. 65), atribuído a Vivien, aluno do ateliê de Defrasse, Madeline, Aublet – 1ª medalha e prémio André, a representação de uma composição que foi considerada e avaliada pelo júri do concurso como se tratando de uma: *composição aérea valorizada sobretudo pela planta onde se lêem muito bem as construções agrícolas nas quais há uma certa ordem. De destacar a boa localização de todas as edificações. Na entrada, a sala de festas e a edificação destinada à administração e às habitações. A quinta em cima, discreta mas coerente com o conjunto, planta bem expressa, muito agrária, vemo-nos numa planície da La Beauc*[112]. Outra primeira Medalha foi atribuída a Rosenzweig (Fig. 66), aluno do mesmo ateliê de David Moreira da Silva (Fig. 62) Laloux et Lemaresquier. Esta foi considerada *uma composição muito aberta, com uma boa distribuição dos espaços e das edificações que se encontram agrupadas de acordo com o nível etário das crianças e jovens, encontrando-se o ensino teórico e prático dos mais velhos agrupados numa única composição. A entrada feita por um pequeno pátio de acesso, quinta bem localizada em baixo à direita da planta*[113]. Nestes dois primeiros prémios valorizou-se uma vez mais a planta que permite uma leitura imediata de uma composição equilibrada e possuidora de uma unidade de conjunto ao nível da disposição dos diferentes espaços, num programa claramente preocupado com a sua organização num território servido por acessibilidades (preocupações urbanísticas).

A Dufau (fig. 67), do ateliê de Heraud, Boutterin, Chappey, foi atribuída a 2ª medalha, avaliada da seguinte forma: *Planta nitidamente conjugada com a quinta; o infantário parece um pouco retirado, as habitações e instituições um pouco afastadas, e se a separação dos mais velhos e dos mais pequenos existe, a forma como se encontra disposta não é nítida. A fachada tem o espírito, projeto muito agrário*[114].

Heffernan (fig. 68), aluno de Expert, também 2ª medalha, apresentou uma *composição fechada: um grande pátio à volta do qual se encontram as diferentes*

[112] FIMS/MSMS/DMS 20 – *Bulletin de La Grande Masse de L'École Des Beaux-Arts. pp. 1226-1228.* FIMS/MSMS/Per 257 *CONCOURS d'ARCHITECTURE de L'Année Scolaire 1936-1937. Vingt-Huitième Année*. Paris: École Nationale Supérieure des Beaux-Arts/Ancienne Maison AUGUSTE VINCENT-VINCENT, FREAL & Ci[e], Successeurs, pp. 21-22.
[113] FIMS/MSMS/DMS 20 – Bulletin de La Grande Masse de L'École Des Beaux-Arts. pp. 1226-1228.
[114] *Idem*.

construções pedidas[115] *uma só entrada separa as crianças do exterior, onde encontramos uma série de pequenos pavilhões para a habitação dos instrutores, em cima do lado esquerdo a quinta.*

O trabalho realizado por Moreira da Silva (Fig. 64), aluno do ateliê Laloux et Lemaresquier, detentor de uma segunda medalha como os dois anteriores, teve uma avaliação que, de acordo com as palavras registadas do júri, se caracterizava por ser uma *composição muito aberta, em que a quinta se enquadra na imagem. As construções repartem-se da seguinte maneira: entrada com a sala de festas e habitações, os refeitórios e depois as construções dos mais pequenos e dos mais velhos assim como os grandes e pequenos ateliês. O projeto é hábil*[116].

Na atribuição das segundas medalhas valorizou-se claramente o enquadramento do conjunto no espaço e as plantas apresentaram alguns problemas ao nível da distribuição de algumas peças que foram consideradas isoladas.

Há neste programa da ENSBAP uma nova preocupação, a da conciliação da organização da grande composição arquitetónica com a sua integração no espaço. Coloca-se agora uma tomada de consciência da desorganização urbana e da necessidade de se pensar a arquitetura numa nova escala.

Nos trabalhos executados em 1938 (figs. 70 a 74) para o Prémio Delaon, de acordo com o programa *Un Parc Zoologic*, apresentamos um trabalho não premiado e atribuído ao arquiteto a par de outros de colegas seus que obtiveram uma primeira medalha e uma menção. Da observação constatamos existir a nível de planta uma melhor conjugação entre as características do espaço de um parque zoológico, às acessibilidades e à integração na envolvente expressas no trabalho de Bordes, aluno de Laloux et Lemaresquier, primeira medalha, do que as que se encontram no programa de Zavaroni, premiado com uma menção e que terá privilegiado o carácter do lugar do qual o corte é demonstrativo. Destacámos na obra atribuída a Moreira da Silva a integração no espaço e a preocupação com as acessibilidades, numa altura em que frequentava o IUUP.

Todos os concursos de Emulação da Escola, os de Fundação e os Grandes Prémios de Roma atribuídos no período em que o Arquiteto se encontrava a estudar em

[115] *Idem, ibidem*
[116] *Ibidem.* Foram atribuídas oito 2.ªs medalhas.

Paris, estão referenciados no Bulletin de La Grande Masse de l'École des Beaux-Arts, nos aspetos por nós já referenciados.

Bulletin de La Grande Masse de L'École Nationale Superieure des Beaux-Arts - Concursos de Emulação

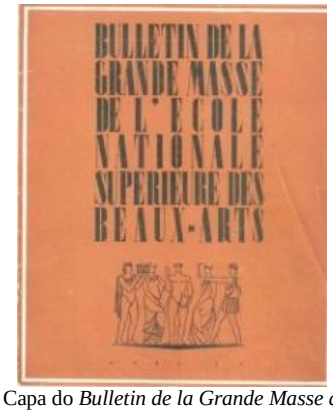


Fig. 63 - Capa do *Bulletin de la Grande Masse de L'École Nationale Supérieure des Beaux-Arts*, Mars 37. FIMS/MSMS/DMS 20



Fig. 64 - *Un Orphelinat Agricole* – 2ª Medalha. MOREIRA DA SILVA, élève de MM. Laloux-Lemaresquier. FIMS/MSMS/DMS 20



Fig. 65 - *Un Orphelinat Agricole* – 1ª Medalha e Prémio André. P. VIVIEN, élève de MM. Defrasse, Madeline, Aublet. FIMS/MSMS/DMS 20



Fig. 66 - *Un Orphelinat Agricole* – 1ª Medalha. ROSENZWEIG, élève de MM. Laloux-Lemaresquier. FIMS/MSMS/DMS 20

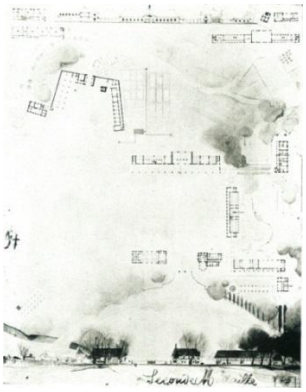


Fig. 67 - *Un Orphelinat Agricole* – 2ª Medalha. Pierre DUFAU, élève de MM. Héraud, Boutterin, Chappey. FIMS/MSMS/DMS 20

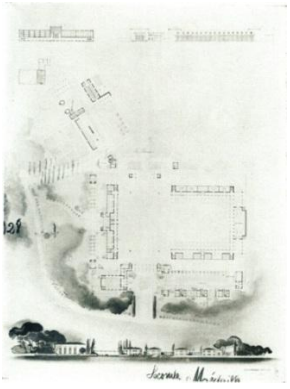


Fig. 68 - *Un Orphelinat Agricole* – 2ª Medalha. HEFFERNAN, élève de M. Expert. FIMS/MSMS/DMS 20

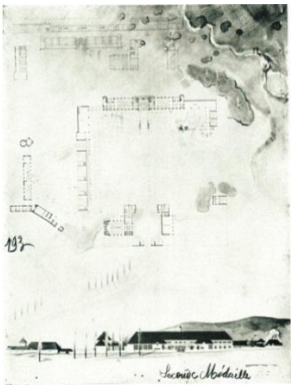


Fig. 69 - *Un Orphelinat Agricole* – 2ª Medalha. LEVY, élève de MM. Pontremoli et Leconte. FIMS/MSMS/DMS 20

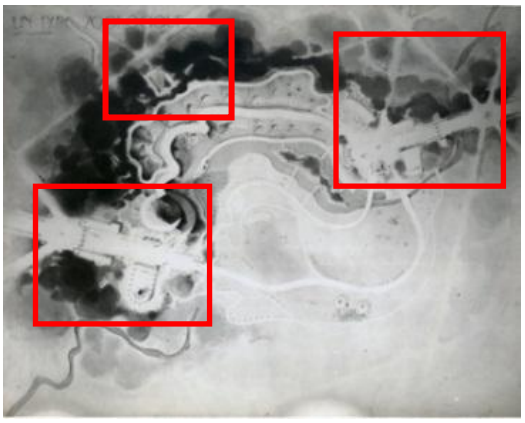


Fig. 70 - *Un Parc Zoologique* – Planta.
FIMS/MSMS/Foto2926



Fig. 71 - *Un Parc Zoologique* – Corte.
FIMS/MSMS/Foto2927

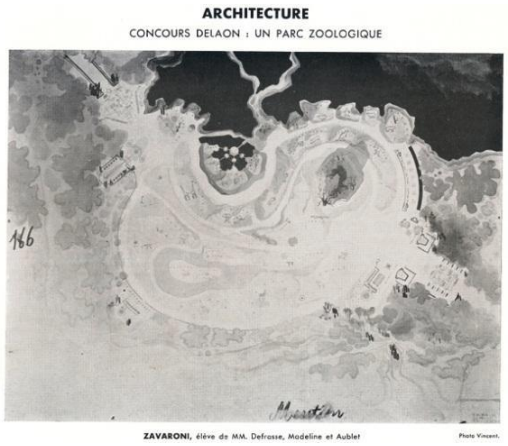


Fig. 72 - *Un Parc Zoologique*. ZAVARONI, élève de MM. Defrasse, Madeline et Aubret.
FIMS/MSMS/DMS 20



Fig. 73 - *Un Parc Zoologique* – corte. ZAVARONI, élève de MM. Defrasse, Madeline et Aubret. FIMS/MSMS/DMS 20

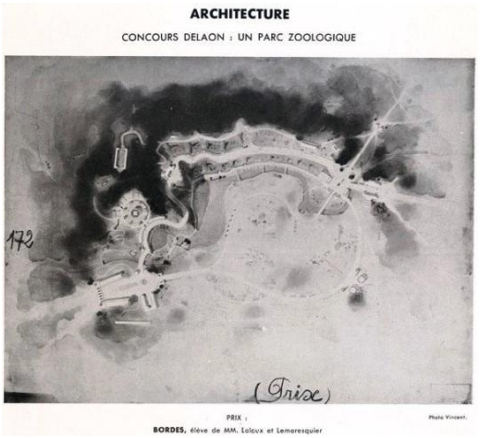


Fig. 74 - *Un Parc Zoologique* – planta. BORDES, élève de MM. Laloux et Lemaresquier.
FIMS/MSMS/DMS 20

Provas Finais de David Moreira da Silva na ENBAP:
La Section d'Architecture d'une Cité Universitaire

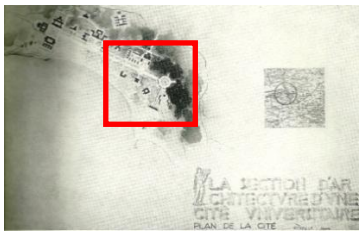


Fig. 75 - FIMS/Monografias/DMS 567

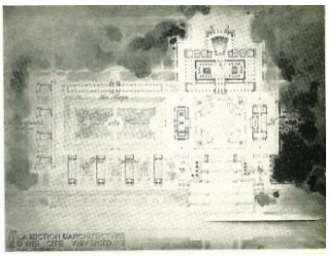


Fig. 76 - Planta do rés-do-chão.
FIMS/Monografias/DMS 567



Fig. 77 - Fachada do Museu.
FIMS/ Monografias/DMS 567

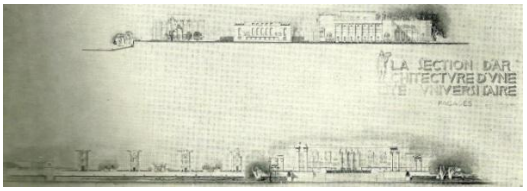


Fig. 78 -Fachadas Principal e lateral.
FIMS/Monografias/DMS 567

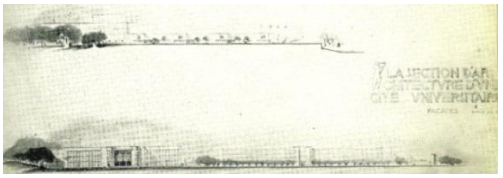


Fig. 79-Fachadas posterior e lateral.
FIMS/MSMS/DMS 567

Em junho de 1939, David Moreira da Silva obtém o seu diploma de Arquiteto pelo Governo Francês após se ter submetido a uma prova final intitulada *La Section d'Architecture d'Une Cité Universitaire.* Pela análise das peças desenhadas[117], encontramo-nos na presença de um trabalho ilustrativo da pedagogia da *École*. Uma grande composição com a localização da obra projetada, assinalada na planta da cidade à escala de 1/5000 P. M., uma planta de localização que através de uma perspetiva aérea nos dá uma perfeita representação dos acessos e geometrias dos espaços num eixo predominante, composição reveladora de alguém que domina a escala a urbana: as simetrias, a relação com outros edifícios, as acessibilidades, os espaços verdes a distribuição compositiva dos diferentes espaços ordenados através de dois eixos.

Nesta composição o arquiteto integra cinco trabalhos: num, a planta da cidade; noutros dois a representação das quatro fachadas do edifício; noutro, a planta do rés-do-chão e ainda, a fachada do Museu de Arquitetura Comparada, esta com uma nítida gramática ornamental neogótica (gabletes encimando portais com arquivoltas,

[117] FIMS/Monografias/DMS - 567 – Curricum Vitae. Cf. II volume, pp- 46-47

contrafortes, vãos quadripartidos por colunelos, trilobados, cogulhos, estatuária, capiteis, trifórios e tribunas, rosáceas …) de possível inspiração revivalista nacional ou, ainda, uma lição aprendida com Viollet-le-Duc. Esta fachada principal do Museu resulta num exercício no qual o arquiteto revela o domínio e o conhecimento de um estilo histórico que transpõe para esta superfície tratada de forma bidimensional – tela-mostruário de soluções ornamentais góticas.

A planta representa a peça que estrutura o projeto e se impõe sobre os outros elementos exigidos ao nível das peças desenhadas, permite uma leitura do sistema distributivo, dos acessos e das circulações. Uma clara qualidade de desenho num edifício definido por dois grandes eixos, de diferentes dimensões que lhe conferem, no entanto, um equilíbrio compositivo e ordenam harmoniosamente os dispositivos de acordo com a aplicação de geometrias regulares – clara síntese programático-formal beuxartiana. Esses dois eixos definem dois espaços de geometrias distintas que se harmonizam numa planta assimétrica, mas em cada um desses corpos, definidos por esses eixos, existe igualmente uma clara simetria. Estas linhas sugerem dois percursos distintos e impõem outros espaços abertos – o vestíbulo, o pátio de honra, o jardim, o corredor – que ligam um outro tipo de espaços fechados, estes também articulados simetricamente.

A planta do rés-do-chão mostra a associação compositiva de duas plantas possuidoras de geometrias distintas, uma quadrangular e outra retangular, impondo a segunda, a do corpo lateral, uma centralidade, através da sua escadaria que permite o acesso amplo ao seu pátio central – um *foye*r – lugar de reunião e distribuição para outros espaços. A primeira, encostada de forma autónoma à anterior, concentra os espaços funcionais académicos nos quais existe uma clara ideia de progressão e se propõem percursos.

O cruzamento de um eixo maior, em comprimento, que corresponde aos alçados principal e posterior e de um eixo menor, lateral, em profundidade, que corresponde ao principal acesso, movimentam o olhar do observador na leitura da composição. Ao longo destes dois sistemas axiais se organizam todos os espaços úteis deste conjunto – distribuições, acessos e volumes fechados. Nesta composição, a entrada situada num dos lados do eixo menor é servida por escadaria monumental, no lado direito do edifício, permitindo o acesso a um pátio/jardim de geometria quadrangular. No seu lado oposto, encontra-se o museu de arquitetura comparada de fachada impositiva lida

imediatamente por quem entra e, nos seus lados menores, a dministração e uma sala de exposições (do lado esquerdo de quem entra). Atrás do museu, uma biblioteca e um anfiteatro. A este eixo se sucede, no lado esquerdo, um eixo maior com um jardim ordenador dos outros lugares: as *loges*, os quatro ateliês e, no extremo esquerdo, quatro dipositivos destinados a aulas teóricas – todos eles dotados de luz direta e ventilação.

A fachada principal do corpo lateral revela-se monumental, na parte do acesso principal e, no seu lado esquerdo, o do corpo maior, permite a leitura de uma sucessão de quatro corpos correspondentes aos ateliês. A fachada posterior é possuidora de uma grafia mais linear, homogénea e aberta ao espaço exterior, no qual a luz se torna um elemento dinâmico. As fachadas correspondentes às *loges*, salas de aula e ateliês possuem uma leitura mais moderna através da estilização e do predomínio das superfícies envidraçadas.

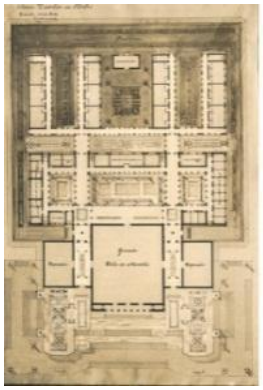


Fig. 80 - *Uma Escola de Artes*
1928.
FIMS/MSMS/Foto1108

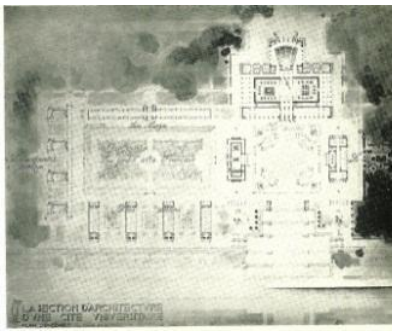


Fig. 81- *La Section d'Architecture d'une Cité Universitaire*. Planta do rés-do-chão. FIMS/Monografias/DMS 567

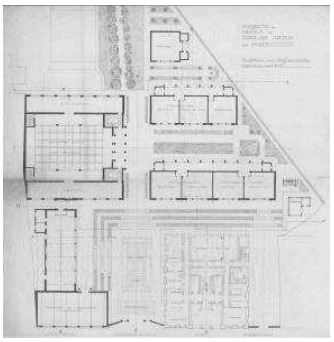


Fig. 82 - *Projeto da Escola de Belas-Artes do Porto*. Planta Geral, José Marques da Silva, 2 de maio 1935. FIMS/MSMS/3994-pd00017-0018

Se compararmos este exercício académico (Fig.81) com o anteriormente realizado pelo arquiteto, no fim do seu curso Especial de Arquitetura, realizado na EBAP (Fig. 80) e com o distanciamento de uma década, constatamos que os temas dos dois trabalhos académicos se mantêm, mas são projetados numa outra escala e dimensão. Aqui uma *Secção de Arquitetura de Uma Cidade Universitári*a e o anterior *Uma Escola de Artes* correspondem a dois projetos distintos a nível programático, formal e contextual, existindo, no entanto, em ambos unidade e coerência formal.

No trabalho apresentado à *École* nota-se uma outra conceção espacial, uma outra capacidade técnico-artística de domínio do projeto livre e da grande composição que se

materializa no projeto de um espaço feito de muitos outros, articulados de uma forma complexa, mas da qual resulta um edifício funcional, homogéneo, grandioso, com harmonia e maturidade, resultado de lições de uma nova área disciplinar, o urbanismo. Este projeto foi destinado a integrar um conjunto de outras faculdades numa cidade universitária e, por isso, pensado a uma outra escala. Ambos privilegiam uma entrada monumental com formulário clássico que permite o acesso a dispositivos destinados ao público, administração, museu, sala de modelos, sala de exposições. O projeto (fig. 80) mais antigo é pensado enquanto um edifício isolado, possuidor de uma planta simétrica com dois eixos, remetendo para um outro espaço, mais recuado, as salas de aula numa lógica pavilhonar de corpos adossados e remetidos para lá da fachada posterior. No mais recente (fig. 81), o domínio da composição permite a inclusão no mesmo corpo de todos os espaços destinados à frequência e atividade dos alunos – *loges*, ateliês e salas de aula - espaços esses que se distribuem no seu interior, ao longo do segundo corpo, iluminados e ventilados quer pelo vasto pátio interior com jardim, quer pelos amplos vãos abertos nas fachadas principal, posterior e lateral. Este corpo permite uma fácil circulação dos discentes por este e pelo outro corpo com o qual se articula e onde se encontram os serviços administrativos, museu, a biblioteca, o anfiteatro e a sala de exposições.

O projeto do arquiteto Marques da Silva para a Escola de Belas-Artes do Porto (fig. 82) é realizado de acordo com a circunstância de se destinar a um espaço específico da cidade, com uma pré-existência, um edifício ao qual é necessário adaptar as novas instalações, e criar novos espaços. Os projetos de 1934/35 remetem para o terreno do palacete Braguinha a construção de pavilhões que à volta do antigo edifício e no espaço do jardim disporão de condições de luz e ar para as aulas das diferentes áreas artísticas, como já tivemos ocasião de referir. É portanto, à partida, diferente dos trabalhos anteriores, pensados de raiz e não para uma situação de reutilização de um edifício existente, mas com uma mesma preocupação higienista que preside aos projetos de Moreira da Silva[118]. Outra preocupação é comum aos diferentes projetos, a de privilegiar a localização da sala de exposições e a grande sala do antigo como podemos constatar nas palavras de Canto Moniz

[118] Quando coloca as salas de aula na fachada posterior do edifício, separados por três pátios, (1928/1929) ou quando coloca os espaços destinados aos alunos ao longo das fachadas de um dos corpos da secção de arquitetura (1939).

> *[…] Os pavilhões são dispostos em "L" envolvendo o edifício, onde a Sala do Antigo ocupa o centro da composição, colocando o pavilhão de Exposições à face da rua e os pavilhões de Pintura, Desenho e Escultura no interior do jardim.*[119] *O alçado nascente, que representa o Pavilhão de Exposições, a Sala de Arquitetura e a Grande Sala do Antigo, traduz com naturalidade o aparente confronto entre clássico e moderno […]*[120].

David aprendeu bem as lições da *École* e do Instituto de Urbanismo, a da grande composição, do enquadramento do edifício no terreno e a da importância dada às acessibilidades (figs. 68 e 73), podendo agora encetar uma viagem de retorno definitivo e há muito desejado, munido da maior parte das competências teóricas, técnicas quer de composição quer de construção, interiorizando as lições do urbanismo (localização, função, acessibilidades) e a nível urbano conhecedor dos problemas postos pela cidade de então.

Ao diploma de arquiteto formado pelo governo D.P.L.G., em 31 de junho de 1939, juntar-se-iam o do reconhecimento da *Société des Architectes Diplomés par le Gouvernemen*t, de 5 de julho, através da atribuição de uma medalha da Sociedade atribuída ao melhor diploma e, em 1940, um diploma de Membro titular da Associação de Arquitetos diplomados pelo governo francês, 15 de setembro de 1940.

[119] CANTO MONIZ, op. cit., p. 118.
[120] *Idem*, p. 119.

1.1.2.2.4. O nascimento do IUUP

Pretendemos, neste ponto, integrar a formação do arquiteto urbanista no contexto nacional e internacional, compreender a urgência da formação de urbanistas, analisar o ensino e o tipo de instituições responsáveis por essa formação e as principais lições de profissionais ligados ao planeamento urbanístico enquanto professores e/ou profissionais de referência.

Respondemos e partimos do desafio lançado pelo arquiteto André Tavares quando escreve *[…] Haverá ainda que fazer a história da produção deste texto, conjugá-lo no contexto da produção teórica e crítica do Institut d'Urbanisme de Paris e, sobretudo, detalhar a sua relação e o seu peso na produção subsequente do planeamento de David Moreira da Silva. […]*[121].

Uma primeira abordagem será feita, visando a contextualização da formação do académico naquela instituição francesa, através de uma síntese sobre a emergência do urbanismo no panorama educativo e profissional francês, enquanto disciplina e atividade ligadas às novas exigências colocadas pelo crescimento das cidades, num país que foi palco de dois conflitos mundiais.

Num segundo momento, particularizaremos a situação do arquiteto enquanto aluno do IUUP, disciplinas, professores e organização do curso (estrutura, metodologias adotadas, avaliação), para entendermos os conteúdos e metodologias adotados por esta instituição e, finalmente, a prestação da prova final de curso, a sua tese no contexto geral e particular como síntese das aprendizagens e formação.

O urbanismo surge na passagem do século XIX para o século XX, enquanto ciência que se encontra em formação e parte de uma procura da compreensão da

[121] FIMS – TAVARES, André – "A Morte e a Vida da Cidade do Porto. Apontamentos de leitura a propósito da tese de David Moreira da Silva" in MOREIRA DA SILVA, David - *Les villes qui meurent sans se dépeupler*. [Edição Digital] Porto: Editora Fundação Instituto Arquitecto Marques da Silva, 2009, 150 pp., p. 6, ISBN 978-972-99852-4-9. Disponível em WWW.URL:http://fims.up.pt/. Desafio colocado por André Tavares no seu estudo introdutório à tese apresentada por David Moreira da Silva ao IUUP, em 1939, para obtenção do grau de urbanista. Na apresentação da edição no site, podemos ler: *Esta publicação reproduz o texto original da tese apresentada por David Moreira da Silva ao Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris em Fevereiro de 1939, para obtenção do grau de urbanista. Tomando o Porto como exemplo prático e as teorias de Marcel Poëte como estratégia de análise da história da cidade, Moreira da Silva torna evidente a relação íntima do discurso filosófico de Henri Bergson com os argumentos da cultura arquitectónica portuguesa nos anos que antecederam a II Guerra Mundial.* O estudo introdutório de André Tavares faz uma revisão crítica do discurso e fornece ao leitor as pistas necessárias para uma compreensão histórica dos argumentos de um dos principais urbanistas portugueses do século XX.

organização e regulamentação de um espaço em constante transformação - a cidade. O espaço urbano quis-se organizado e transformado num contexto do período entre duas guerras mundiais, acontecimentos esses que passam a exigir novas respostas para a reconstrução de cidades, alojamento de milhares de pessoas, reanimação das atividades económicas e financeiras. Para isso, é necessário perceber, em síntese, as novas necessidades de uma aglomeração entendida como um todo em constante evolução. A cidade passa a ser pensada e estruturada de uma outra maneira, como um espaço que se pretende planificado, valorizado não só na sua componente estética mas noutras e múltiplas vertentes como na económica, social, geográfica, demográfica, higienista, administrativa, pressupondo, por isso, a intervenção multi e interdisciplinar. Há que conciliar o tempo passado e presente com as possíveis transformações futuras, numa dialética de construção/destruição de um espaço sempre habitado por pessoas e desejado como dignificador da condição humana. O urbanismo passa a ser entendido como uma disciplina que tem como principal meta a *organização da vida nas cidades de maneira a dar aos seus habitantes a possibilidade de viverem higiénica e comodamente. […]*[122].

> *N início do séc. XX individualiza-se através do início duma verdadeira escola francesa de urbanismo, aliando a ciência e a ação e um segundo período dos anos 1900 aos anos 1920 que "é o período do nascimento da escola francesa de urbanismo, que reúne um conjunto de ideias e de práticas, e que ensaia a sua profissionalização em concorrência com outros corpos de profissões"*[123].

Habitar qualquer tipo de espaço de uma forma digna e solidária numa nova conjuntura, pressupõe a criação de uma nova disciplina e o aparecimento de uma nova prática profissional, respetivamente o urbanismo e o urbanista que projetará e elaborará o desenho de complexos planos para a cidade, numa lógica que presidirá ao seu crescimento estruturado e harmonioso presente e futuro. Uma cidade pré-existente deverá ser continuada e respeitada no plano de extensão. Segundo Marcel Poëte

> *A cidade é um ser vivo, cujo passado temos de estudar para discernir o seu grau de evolução, um ser que vive sobre a terra e da terra, o que significa que aos dados geográficos, é preciso acrescentar dados históricos, geológicos e económicos. E que*

[122] DE GRÖER, Étienne - *Introdução ao Urbanismo*. In Boletim da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização. I volume 1945-46. Lisboa: Ministério das Obras Públicas e Comunicações, pp. 22-23.
[123] MATUS CARRASCO, Daniel, op. cit., p. 3.

não se objete que o conhecimento do passado não tem nenhuma utilidade prática […][124].

Há que corrigir os seus principais e diversos problemas, obter novas respostas às novas solicitações, mas essas outras realizações devem respeitar o caráter da cidade antiga. As novas propostas apresentadas por esse novo ator – o arquiteto-urbanista ou o urbanista-consultor municipal, não devem apagar aspetos da cidade tradicional, mas mantê-los numa linha de continuidade. É nesta lógica que irá nascer a nova disciplina.

Técnico da cidade, o arquiteto urbanista possuidor de um conhecimento multifacetado, *maestro de uma orquestra de diversos contributos disciplinares que se integram e sintetizam no desenho*[125], estrutura o espaço, atendendo a situações como: o crescimento demográfico e o alojamento, circulação eficaz, definição de unidades habitacionais urbanas, distribuição e organização da cidade por áreas de atividade e equipamentos, o saneamento, as novas áreas de expansão, zonas verdes, desprivatização do solo… Ao problema estético associam-se outras preocupações de índole sociológica, funcional e estrutural[126].

No início do século XX o urbanismo torna-se assim *num campo específico de conhecimento, a disciplina verá alargar o seu horizonte, nascendo um corpus teórico*[127].

De acordo com o sistema pedagógico da *École*, instituição de onde provinham a maior parte dos arquitetos urbanistas, as cidades deviam possuir um plano que representasse a especificidade de cada realidade e permitisse atuar sobre cada uma, de forma a dotá-la de boas condições de vida para aqueles que nela habitavam: higiene, alojamento, acessibilidades e funções.

A palavra urbanismo com significados tão diversos será aqui entendida como tudo o que

[…] diz respeito ao arranjo e embelezamento das cidades e mesmo das aldeias. […] tornar salubre, aumentar e embelezar. É uma questão muito complexa, ligada não

---

[124] Marcel Poëte in CHOAY, Françoise - *O Urbanismo.* São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2003, pp. 281-284.

[125] GARCIA LAMAS, José M. Ressano – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: F.C.T./J.N.I.C.T., 1993, p. 244.

[126] *Idem*.

[127] MATUS CARRASCO, Daniel - *La Thése en Urbanisme de 1922 À 1937 : Les Étudiants et les Sources Bibliografiques.* T. I: Mémoire. Paris: Institut d'Urbanisme de Paris. Master «Urbanisme et Territoires» Mention «Urbanisme». Mémoire de Recherche 2ème année, 2009. Disponível em WWW.URL: http:/www.urbanismo.u-pecfr/…/com..univ.collaboratif.utils

> *só à higiene em geral, à salubridade pública, ao conforto (arejamento, limpeza, evacuação dos dejectos de qualquer tipo, aprovisionamento de água potável, etc.) mas ainda à estética (monumentos históricos, artísticos, jardins e parques a conservar ou a valorizar, expansão etc)*[128].

e ainda

> *Arte de dispor no espaço urbano ou rural os estabelecimentos humanos no sentido mais lato (Habitações, locais de trabalho, lugares de lazer, redes de circulação e trocas) de tal maneira que as funções e as relações entre os homens se exerçam da forma mais cómoda, mais económica e mais harmoniosa. […] conjunto de regras jurídicas que permitem aos poderes públicos controlar a utilização do solo em meio urbano […]*[129].

> […] *Em 1911, tinha-se formado em Paris a SFU, Societé Française des Urbanistes, da qual faziam parte entre outros os Arquitectos Alfred Agache, Marcel Auburtin (1872-1959), André Berard, Léon Jaussely (1875-1932); Henri Prost (1874-1959) e os paisagistas Jean Nicolas Forestier (1861-1930) e Edouard Redont (1862-1942)*[130].

A SFU pretendia dar a conhecer o trabalho do urbanista através da realização de eventos vários (conferências). De acordo com o autor, estes técnicos tinham estado na base da preparação da primeira lei urbanista que obrigava todas as cidades mais importantes a possuir um Plano de Arranjo/Ordenamento, Embelezamento e de Extensão - a Lei Cornudet (1919/1924). Um país recém-saído de um conflito mundial, tinha de repensar a reconstrução e o planeamento da futura "cidade" quer através da ocupação de espaços livres quer da realização e projeção das áreas de expansão dos aglomerados urbanos, resolvendo problemas sociais e habitacionais. Esta lei

> *[…]obriga à formação de planos reguladores municipais (plans d'aménagement) em todas as cidades com mais de 10.000 habitantes, nos municípios do Departamento do Sena, e nas localidades com mais de 5.000 habitantes nas quais a população tenha crescido mais de 10 por 100 no último decénio, nas estações*

---

[128] Larousse du XXe siécle en six volumes, Paris, Lib. Larousse, 1935-1945. In FREY, Jean- Pierre, «Généalogie du mot «urbanisme» In *Urbanisme, nº 304, janvier février 1999, pp. 63-71*. Disponível em WWW.URL: http://urbanisme.u-pec.fr/servlet/com.univ.collaboratif.utils.Lectu

[129] *Idem*.

[130] GUTIÉRREZ, Ramón - *O princípio do urbanismo na Argentina*. Parte 1- *O aporte francês*. Arquitextos. S. Paulo, [aug.2007] [Consult. 28 julho. 2011]. Disponível em WWW.URL: http: //www.vituvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/216.p.

turísticas e balneares, e nas localidades de interesse histórico ou paisagístico […][131].

A lei regulamenta o tipo de planos de urbanização, visando a reconstrução dos núcleos urbanos danificados pelo primeiro conflito mundial e prevê ainda a criação de uma escola de altos estudos na área de urbanismo responsável pela formação de técnicos.

O urbanismo institucionaliza-se, torna-se então uma área de intervenção pública e os urbanistas pretendem mais do que o simples estatuto de técnicos de planificação urbana, ambicionam o reconhecimento da sua atividade como o de uma ciência das cidades[132].

A SFU, inicialmente, preocupou-se mais com o embelezamento, com a monumentalização das cidades e com a melhoria das condições urbanas, uma vez que a cidade era vista como um objeto artístico. Posteriormente, na década de 1930, começa-se a pensar e agir sobre ela de maneira diferente: a *valorizar a educação e orientação da opinião pública, em dotar o país de técnicos de diferentes áreas de formação que pudessem intervir na cidade de uma forma concertada, numa síntese de conhecimentos (historiadores, geógrafos, economistas, juristas, sociólogos, arquitectos) capazes de elaborar grandes planos de remodelação de cidades e de interagir com o poder local*[133].

Na primeira década deste século, encontra-se, portanto, em formação aquela que vai ser uma escola francesa de urbanismo, valorizando cada vez mais um ensino prático e científico, seguido, no período pós 1ª Guerra Mundial, pela criação da *École des Hautes Études urbaines* (EHEU) do Departamento do Sena que pretende formar profissionais ao nível da planificação e da intervenção na cidade. Segundo Jean-Pierre Frey, o urbanismo ter-se-á tornado um *campo autónomo e numa profissão nova em França por volta de 1910-1920*[134].

---

[131] SICA, Paolo - *Historia del Urbanismo, El Siglo XX*. Madrid: Instituto de Estudios de Administracion Local. 1981, pp. 561-562.

[132] GÉRARD, Chevalier – «L'entrée de l'urbanisme à L'Universitè: la création de l'Institut d'urbanisme (1921-1924)» In Genéses, 2000/2 nº 39, pp. 98-120. ISSN 155-3219, p. 106. Disponível em WWW.URL:http://www.cairn.info/revue-geneses-2000-2-page-98.htm.

[133] *Idem*

[134] FREY, Jean Pierre; FOURCAUT, Annie - «L'Urbanisme en quête des revues», in PLUET-DESPATIN, Jacqueline; LEYMARIE, Michel & MOLLIER, Jean-Yves sous la dir. *De La belle Époque des revues. 1880-1914*, actes du colloque tenu à l'abbaye d'Ardenne, Caen, les 20, 21 et 22 janvier 2000,

Pretendia-se que esta nova ciência, a das cidades, se afirmasse como um saber reconhecido de nível universitário, através da criação do Instituto de Urbanismo[135].

Marcel Poëte, historiador, bibliotecário e posteriormente nomeado conservador da Biblioteca dos trabalhos históricos da cidade de Paris (1903), será um dos principais responsáveis pela criação do ensino do urbanismo. Na Biblioteca dinamizou *um ciclo de conferências sobre a história da capital que fez desta instituição um cadinho original do ensino urbanístico […] criador da cadeira da história de Paris, em 1914, na Escola dos altos estudos […]*[136], a partir de 1916, tornada Instituto de História, Geografia e de Economia Urbanas. Este organismo cultural promoveu o estudo da cidade: habitação, higiene, administração urbana, o solo, a topografia, a cultura e a sociedade.

O conselheiro municipal Henri Sellier em colaboração com este historiador cria, em 1919, a EHEU ou École des Hautes Études Urbaines, instituição de ensino aberta em 5 de setembro de 1919, que integrava professores oriundos de várias áreas como a da administração, do direito, da história, da geografia, da economia, da sociologia, da arquitetura, da medicina … numa perspetiva interdisciplinar e abrangente. Em 1919, Marcel Poëte lança a revista *La Vie Urbain e* escreve duas importantes obras *Une Vie de Cité* (1924-31) e *Introduction à l'Urbanisme* (1929).

O Conselho Geral do Departamento do Sena […] adopta, em 9 de julho de 1919, o projeto de uma Escola de Altos Estudos Urbanos (EHEU), concebido pelo conselheiro Henri Sellier em colaboração com M. Poëte, e que a prefeitura homologa no dia 5 de Setembro […][137].

Os urbanistas, então técnicos de planificação urbana, ambicionavam o reconhecimento do urbanismo como uma ciência das cidades e o fim das incertezas sobre a sua especificidade. Os professores da EHEU foram recrutados da Faculdade de Direito e da prefeitura do Sena (Bruggeman – Organização económica, Louis Bonnier), Henri Sellier (Organização dos Serviços Públicos nos Subúrbios Parisienses), Marcel Poëte (Evolução das Cidades).

---

caen, Edditions de l'IMEC, 2002, 440p., pp. 285-304. Disponível em WWW. URL: http://www. urbanisme.u-pec.fr

[135] GÉRARD, Chevalier - *L'entrée de l'urbanisme à L'université: la création de l'Institut d'urbanisme (1921-24)*», Genèses, 2000/2 no 39, pp.98-120. ISSN 155-3219. Disponível em WWW.URL:http://www.cairn.info/revue-geneses-2000-2-page-98.htmp

[136] GÉRARD, Chevalier: "L'entrée de l'urbanisme à L'université: la création de l'Institut d'urbanisme (1921-24) », Genèses, 2000/2 no 39, pp.98-120. ISSN 155-3219. Disponível em WWW.URL:http:// www.cairn.info/r evue-geneses-2000-2-page-98, p. 100

[137] GÉRARD, op. cit.

Em 1921, foram recrutados *três professores titulares na Universidade de Paris, Gaston Jéze (organização administrativa), Louis Rolland (Autonomia Comunal no estrangeiro, A manutenção da Ordem na Cidade), Joseph Barthélemy (Questões legislativas atuais sobre a organização das Capitais) e um professor de economia na Faculdade de Dijon William Oualid (O Municipalismo)*[138]*, François Sentenac (a Arte do engenheiro Municipal).* Esta escola de urbanismo integrava docentes que garantiam a *legitimidade intelectual do urbanismo*[139]. Para a integração dessa escola na universidade, com a designação de Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris, contribuiu o facto dos seus docentes constituirem um conjunto de personalidades ligadas *ao mundo político, aos movimentos reformistas, ao ensino superior e à alta administração*[140].

Marcel Poëte foi o seu primeiro diretor e professor de história, o jurista Jean Barthélemy, o especialista em direito administrativo, Gaston Jéze, em organização administrativa, Edouard Fuster, higienista e cooperativista de referência, ligado à organização social e saúde, Louis Rolland, no âmbito social, Georges Bechman, higienista, William Oualid ligado à assistência social, ao municipalismo e ao arranjo urbanístico, Augusto Brueggman[141], conhecedor dos aspetos da economia social e urbana. Os arquitetos Léon Jaussely, Jacques Gréber, Henri Prost e Louis Bonnier seriam os responsáveis pelo desenho e pelas técnicas urbanas – a arte urbana. A atividade pedagógica exercida por este grupo de professores seria completada com a realização de conferências da responsabilidade de especialistas nas áreas da habitação, higiene, serviços públicos, administração municipal. A partir do ano de 1922 foi

[138] *Idem*, pp. 109-119. Gaston Jéze (1869-1953) especialista de renome internacional no sector financeiro e conselheiro na Sociedade das Nações (1935-38); J. Barthélemy (1874-1945) professor titular na faculdade de Direito, do curso de história parlamentar; L. Rolland (1877- 1956); W. Oualid chefe de serviço no Ministério do Trabalho; Léon Jaussely, prémio de Roma e professor na Escola de belas-artes e engenheiro em chefe do Governo; G. Bechmann, presidente da AGHTM – ligado ao movimento de salubridade.

[139] *Idem, ibidem*, p. 115.

[140] *Idem, ibidem*, p. 117.

[141] GUTIÉRREZ, op. cit., p. 6. *Auguste Brueggeman de Biljleved*; *antigo conselheiro municipal comunal em Gand […] tesoureiro da União Internacional das cidades e comunas belgas […] funcionário da associação francesa de luta contra o desemprego […] arquivista tradutor na repartição pública das habitações económicas do Sena HBM […] Em Novembro de 1919, participou na criação da EHEU, encarregado de pesquisar documentos didáticos em França e no estrangeiro, antes de ser nomeado diretor do ensino.* PAYRE, Renaud - Un Savoir "scientifique, utilitaire et vulgarisateur": la ville de La Vie Urbaine, Object de Science et Object de Réforme (1919-1939). Genéses, 2005-03 nº 60, pp. 5-30. Disponível em WWW:URL:http://www.cairn.info/revue-geneses-2005-3-page-5.htm, p. 11

incluída uma secção de ensino destinada ao aperfeiçoamento dos funcionários municipais em termos administrativos[142].

A integração e reorganização da EHEU na Universidade dão-se com a criação do IUUP, integrado nas Faculdades de Direito e de Letras. Tornou-se uma instituição de referência quer a nível nacional, quer internacional, gerando um primeiro grupo de conceituados urbanistas. Associada a esta instituição encontra-se a revista *La Vie Urbaine*, órgão do IUUP, na qual foram publicados numerosos artigos escritos e veiculados por homens que fizeram da cidade o seu principal objeto de estudo e de vida, numa tentativa de promover a pesquisa nesta nova área de conhecimento - a transformação da vida urbana, numa perspetiva reformista e não só. Integrava também alguns artigos escritos por alunos que aqui colocavam a síntese da sua tese, como foi o caso do arquiteto brasileiro Correa Lima, sendo ainda um veículo de transmissão de conhecimentos para os estudantes do IUUP e para os funcionários ligados à administração municipal.

As revistas têm uma história e, como os centros de ensino e de investigação, os congressos e as reuniões científicas, contam entre os principais vetores de institucionalização de uma disciplina[143]. Com uma enorme adesão por parte estudantil e, como escreveu Brueggman, esta revista que permitiu difundir os trabalhos *relevantes destinados à educação de opinião e dos poderes públicos é tão urgente e o garante do Prestígio do Instituto em França e no estrangeiro […]*[144].

Entre 1900 e 1920, a ligação entre ciência e técnica no ensino do urbanismo insere-se num *[…] período do nascimento da escola francesa de urbanismo, que reúne um conjunto de ideias e práticas, e que ensaia a sua profissionalização em concorrência com outros corpos profissionais"*[145].

A SFU (Société Française d' Urbanistes), a EHEU (École des Hautes Études Urbaines) e o IUUP (Institut d'Urbanisme de L'Université de Paris) são referências importantes para a valorização do urbanismo enquanto área de estudos e de formação

[142] CHEVALIER, op. cit., pp. 113-116.
GUTIÉRREZ, op. cit., p. 6.
PAYRE, op. cit., p. 5, 19-20.
[143] *Idem*, p. 14.
[144] PAYRE, op. cit., p. 16.
[145] MATUS CARRASCO, op. cit., p. 3.

profissional. Através deste instituto de urbanismo, *a França estabelecia o ensino do urbanismo, codificava e definia a metodologia de composição urbana*[146].

Esta escola torna-se difusora de uma cultura ligada ao grande traçado e os seus métodos aplicados noutros continentes e noutros países através da atividade de urbanistas formados em França. Portugal não é exceção e requisita através do engenheiro Duarte Pacheco, ministro da Obras Públicas, em pleno Estado Novo, os serviços destes conceituados urbanistas (Donat Alfred Agache, Giovanni Muzio, De Gröer) quer para os projetos de urbanização, quer para o ensino da nova disciplina. Requisita também os serviços especializados de académicos portugueses formados na escola de urbanismo francesa como disto são exemplos Guilherme Faria da Costa (1936) e David Moreira da Silva (1939).

No primeiro volume do Boletim da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, em Portugal, nos anos 1945-46, já com Cancela de Abreu ministro da Obras Públicas que sucede a Duarte Pacheco, se afirma o Estado como órgão orientador e regulador da intensa atividade de urbanização no País. A criação da Direção Geral dos Serviços de Urbanização corresponde a uma época na qual o país se encontra apostado na criação ou reparação de infraestruturas, na planificação das cidades e campos e habitação.

Étienne De Gröer arquiteto urbanista formado em arquitetura na Academia Imperial de Belas Artes de S. Petersburgo emigrado para França em 1920, naturalizado francês em 1936, professor do IUUP, substituindo provisoriamente Brueggman, residente em Portugal desde 1938, escreve um artigo[147] no boletim da DGSU de 1945-46, em que apresenta as principais caraterísticas e princípios a observar aquando da execução de um plano de urbanização, na linha da teoria da cidade-jardim e do urbanismo francês de que foi acérrimo defensor.

De Gröer chama a atenção para a necessidade de facultar a cada habitante uma vida digna e saudável numa cidade que cada vez cresce mais e de uma forma desordenada, fruto da industrialização, apelando à construção da cidade de acordo com a teoria de Ebenezer Howard. O estudo deveria ser entregue a um urbanista que antecipadamente elaboraria uma planta. De acordo com este arquiteto urbanista a cidade

---

[146] GARCIA LAMAS, José M. Ressano – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: F.C.T/J.N.I.C.T., 1993, p. 259.

.[147] DE GRÖER, Etienne – *Introdução ao Urbanismo*. In Boletim da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização. I volume 1945-46. Lisboa: Ministério das Obras Públicas e Comunicações, pp. 17- 86.

deve ser estudada tendo em conta a zona envolvente e ser divida em diferentes zonas com atividades específicas: habitação, comércio, indústria, recreio e lazer – o zonamento – e ainda dotá-la de saneamento e água potável. Num contexto de guerra, o urbanista defende, na década de 1940, após o segundo conflito mundial, uma nova proposta de edificação para a cidade. À construção em altura adotada no período anterior à segunda guerra mundial, de acordo com a teoria de Le Corbusier, De Gröer aponta inúmeros inconvenientes à edificação em altura, opinião essa partilhada pelo seu colaborador David Moreira da Silva. O urbanista defende a construção em superfície e aponta os inconvenientes apresentados pelo primeiro tipo de edificação dos quais destacamos: o facto da habitação em altura depender do bom funcionamento dos elevadores, do perigo em caso de incêndio, do elevado custo deste tipo de construção, da falta de privacidade e do facto das pessoas viverem *umas em cima das outras*[148], da falta de jardins particulares e ainda do perigo de, em caso de um confronto bélico, estar mais sujeita a que uma bomba destruisse e matasse um maior número de pessoas, resultando num tipo de habitação menos segura. Defensor da moradia unifamiliar que permita um maior conforto e maior qualidade de vida, acredita que cada habitação se deva destinar a uma só família e ser rodeada por jardim; habitações espaçadas permitindo uma maior entrada da luz solar e uma maior ventilação.

[148] *Idem*, p. 28.

1.1.2.2.4.1. A admissão e frequência no IUUP

Nos anos letivos de 1935/1936 e 1936/37, David Moreira da Silva frequenta, simultaneamente, a ENSBAP e o Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris, instituição na qual se reflete sobre *o traçado e a forma urbana numa abordagem multidisciplinar e científica*[149], organismo responsável por um tipo de ensino baseado no desenvolvimento de competências ao nível do ordenamento, da expansão, da habitação, do trabalho, embelezamento das cidades e sua administração. O curso tem a duração de dois anos e proporciona a obtenção de um diploma de conclusão de estudos especiais em urbanismo entregue após a conclusão com êxito das disciplinas aí ministradas e a defesa de uma tese na área de Urbanismo.

Criado por decreto de 29 de dezembro de 1924, este instituto foi integrado na Universidade de Paris - nas Faculdades de Direito e de Letras. O ensino possuía as vertentes de carácter geral e prático e incluía conferências dinamizadas por representantes do Ministério da Reconstrução e do Urbanismo. No que concerne a primeira das áreas referidas eram ensinadas: A Evolução das Cidades (Pierre Lavedan, Historiador), Organização administrativa das cidades (Rolland), Geografia Urbana (Clozier e Sorre) e Higiene das cidades (Dr. Hazemann); relativamente ao ensino mais prático: Arte Urbana, composição de planos (Auzelle, Chappey, Gréber, Gutton e Royer), a arte do engenheiro Municipal (Sentenac) e a técnica do geómetra (Bonnefond). O ensino do instituto destinava-se ainda a funcionários dos serviços departamentais e comunais, para a sua especialização e preparação[150].

O arquiteto português frequentava assim outra das instituições internacionais de referência ligada a uma nova disciplina que emergia e que se afirmava como promissora na formação dos novos pensadores, planificadores e construtores da cidade e que o estruturaria de uma forma indelével. Tornar-se-ia ele também um especialista da cidade, um profissional com uma outra visão e com uma outra maneira de pensar e desenhar o espaço urbano de acordo com as regras impostas por uma outra realidade: pelas

[149] AZEVEDO, Marlice Nazareth Soares de – «Attilio Corrêa de Lima (1901/1943): Uma produção moderna em diferentes escalas – do objeto à cidade» in *Percursos profissionais: Arquitetos e Urbanistas, a contribuição para a teoria e prática no Brasil, 1920-1960*. Simpósio Temático. Disponível em WWW.URL:http://www.anparq.org.br/congressos/index.php/ENANPARQ

[150] FIMS/MSMS/Per 20 - *Bulletin de la Grande Masse de l'Ecole des Beaux-Arts, Nov. De 1936*, p. 1154 e FIMS/MSMS/4369 – Cartaz/Edital S/d.

necessidades de uma coletividade, noutros registos temporal e espacial (a médio-longo prazo e a uma maior escala), inserido numa equipa decisora, num trabalho demorado e de concertação de vontades que nem sempre permitem a realização do projetado.

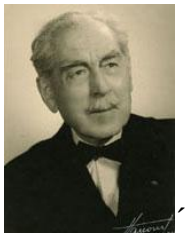


Fig. 83 - Retrato de Henri Prost[151]



Fig. 84 - Henri Prost expondo o seu projeto para Istambul em novembro 1935[152]

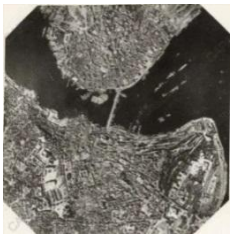


Fig. 85 - Projeto de Urbanização de Istambul[153]



Fig. 86 - A Fotografia torna-se um precioso auxiliar do urbanista[154]



Fig. 87[155]

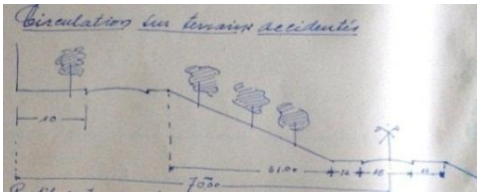


Fig. 88 - FIMS/MSMS/1817

[151] PROST, Henri. Disponível em WWW. URL:http://www.citechaillot.fr/ressources/expositions_ virtuelles/portraits_architectes /biographie_PROST.html

[152] PROST, Henri. Portrait d'Henri Prost : l'architecte devant la vue aérienne du centre de la Corne-d'Or avant la construction du pont Atatürk, n.d. (cliché anonyme). (Objet PROST-A-01. Dossier 343 AA 60/9. Doc. HP-PHO-080-01-26).Disponível em WWW. URL:http:// archiwebture.citechaillot.fr/fonds/ FRAPN02_PROST/inventaire?cid=objet-21577

[153] PROST, Henri. Disponível em WWW. URL:http://archiwebture.citechaillot.fr/fonds/ FRAPN02_PROST 1935-1950."Les transformations d'Istanbul" : recueils de notes d'Henri Prost: vue aérienne de l'entrée de la Corne d'or avant la construction du pont Atatürk, 1936-1937 (cliché anonyme). (Objet PROST-E-01. Dossier 343 AA 20/5. Doc. HP-PHO-030-01-01).

[154] PROST, Henri. 1935-1949. Repérages et reportages photographiques réalisés par H. Prost à Istanbul et environs: vue d'une route, secteur à réaménager, n.d. (n° d'origine 24). (Objet PROST-E-35-01. Dossier 343 AA 68. Doc. VF-05-01-07-12). Disponível em WWW. URL: ttp://archiwebture.citechaillot.fr/fonds/ FRAPN02_PROST

[155] PROST, Henri1922-1924. Plan d'aménagement de la côte varoise (Var) : vue d'un profil de la route de la littoral, de Bormes à Saint-Tropez, n.d. (Objet PROST-D-22. Dossier 343 AA 24/6. Doc. HP-PHO-008-02-06). Disponível em WWW. URL: ttp://archiwebture.citechaillot.fr/fonds/FRAPN02_PROST

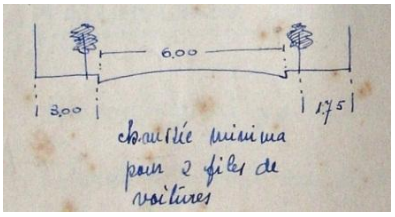


Fig. 89 - FIMS/MSMS/1817



Fig. 90[156]

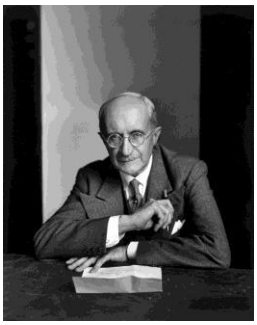


Fig. 91 - Jacques Gréber [157]



Fig. 92 - Ateliê Gréber *Fairmont Parkway*, c, 1919[158], pormenor.



Fig. 93 - Ateliê Gréber Fairmont Parkway, c, 1919[159], pormenor.



Fig. 94 - *Concept for New Philadelphia 1919*[160].



Fig. 95 - Exercício executado por David Moreira da Silva para as aulas de Gréber no IUUP. FIMS/MSMS/2555 pormenor

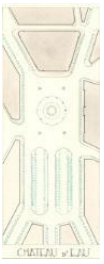


Fig. 96 - Exercício executado por David Moreira da Silva para as aulas de Gréber no IUUP FIMS/MSMS/2555 pormenor

[156] PROST, Henri. 1922-1939. Plan d'aménagement de la côte varoise (Var) : coupe en pers. d'une voie, n.d. (Objet PROST-D-22. Dossier 343 AA 128. Doc. HP-DES-038-06-02). Disponível em WWW.URL:http:// archiwebture.citechaillot.fr/fonds/FRAPN 02_P ROST

[157] GRÉBER, Jacques. Disponível em WWW.URL:http://collectionscanada.gc.ca/pam_archives/index.php?useaction =genitem.displayItem &lang =eng&rec_nbr=000003711435

[158] In "Jacques Gréber. Urbanista e Arquitecto de Jardins". ANDRESEN, Teresa; SÁ, Manuel Fernandes de; ALMEIDA e João (coord.] - Jacques Gréber. Porto: Fundação de Serralves, 2011, p. 144

[159] *Idem*, p. 145.

[160] Disponível em WWW. URL: http://www.proprofs.com/flashcards/cardshowall.php?title=quiz-4-philadelphia-arts-culture-2009

1.1.2.2.4.2. Programas e professores

Refere-se David Moreira da Silva, no seu *curriculum vitae* de 1961[161], de uma forma vaga, àqueles que foram seus professores na *École* ou no IUUP, Laloux-Lemaresquier-Larrieu, Perez, Vitale, William Oualid, Prost, Gaston Jéze, Bonnier, Poëte, Roger Picard, François Sentenac, Jacques Gréber (Arte Urbana arte e técnica da Construção das cidades). Sabemos que, entre os professores referidos, faltam nomes[162], possivelmente por não terem sido tão marcantes na sua formação ou por pertencerem a áreas de que o arquiteto urbanista se distanciou na sua prática pedagógico-profissional.

Aquando da realização deste seu *curriculum vitae* para concorrer à vaga do 2º grupo da então Escola Superior de Belas-Artes do Porto, muitos anos se terão passado sobre a sua inicial formação em Paris, período durante o qual muitas referências de memória e documentais se terão física e referencialmente perdido. Os nomes dos pedagogos que de uma forma imediata lhe vieram à memória serão sem dúvida os que foram marcantes quer no seu primeiro contacto com a *École* e com o Instituto quer como referência e reconhecimento ao nível de autoridade nas vertentes de formação por ele mais valorizadas.

De qualquer modo, há entre eles, como vimos, nomes de professores e profissionais considerados, na época, como os maiores expoentes ao nível da Escola Francesa de Urbanismo e com os quais teve o privilégio de contactar. Estes nomes encontram-se associados a um curso que David Moreira da Silva quis frequentar como complemento daquele que frequentava na ENSBAP e que se tornaria, na nossa opinião, o que o mais marcaria nas vertentes pessoal, académica e profissional.

Destes professores nomeados no documento destacamos aqueles que se encontram presentes na Fundação, através de registos vários lá existentes (notas, desenhos, exercícios e tese de fim de estudos) enquanto aluno do IUUP.

Marcel Poëte, historiador da cidade de Paris, arquivista, paleógrafo, bibliotecário, professor, diretor - um homem comprometido com o seu tempo – um

[161] CF. FIMS/Monografias/DMS 567 – *Curriculum vitae* de 1961.

[162] Falta, por exemplo, Louis Hautecoeur, seu professor também na École em História Geral da Arquitetura, ausência por nós detetada aquando da consulta de um seu trabalho académico realizado para este professor, um álbum de desenhos existente na FIMS que nos revela parte do programa e as áreas de ensino valorizadas no âmbito da História da Arquitetura.Ver figuras números 24 a 35 deste volume e II vol. pp. 8 a 14.

académico, um pedagogo, um cidadão e um teórico da cidade. Enquanto teórico da cidade Marcel Poëte identifica-a como *um ser vivo, cujo passado temos de estudar para poder discernir o seu grau de evolução, um ser que vive sobre a terra e da terra*[163]. Poëte é uma referência a nível teórico sobre a teoria ligada à evolução urbana, também ele marcado por sua vez por Henri Bergson.

Este intelectual vê a cidade e entende o urbanismo como uma ciência que se preocupa em primeiro lugar com a qualidade de vida e necessidades primordiais dos seus habitantes e não unicamente com a sua aparência e problemas meramente estéticos. Considera-a uma ciência complexa responsável por uma observação objetiva, por uma abordagem multidisciplinar e comprometida com a garantia da qualidade de vida dos seus habitantes a par da continuidade dos aspetos que a distinguem – o seu carácter. Poëte revela-se também um amante da cidade e da vida, um cidadão/cúmplice do espaço que habita e que pretende perceber o seu tempo e os seu(s) espaço(s) num diálogo que deseja esclarecedor e enriquecedor entre teoria, prática e vivência de um *ser vivo.* Professor de referência do arquiteto na sua aprendizagem em Paris, influenciou-o e serviu de suporte quer na sua tese de final de estudos no IUUP, estruturada de acordo com a sua doutrina organicista da cidade, quer a nível do seu percurso profissional. *A sua conceção de cidade como totalidade dotada de uma identidade histórica própria [….] o urbanismo visava reencontrar as relações funcionais ligando o quadro material e coletividade num conjunto vivo*[164].

Três tipos de documentos do arquiteto encontram-se na Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva: um com apontamentos de duas aulas dadas por Henri Prost[165], no mês de novembro de 1935[166], outro enquanto aluno do primeiro ano letivo (1935-36) do IUUP em notas de duas aulas de Sentenac, de novembro de 1935; outro ainda com exercícios práticos de dois professores do seu segundo ano de frequência (1936-37) em Art Urbain (Art et Technique de La Construction des Villes - Composition Analytique) realizados para Jacques Gréber e Art Urbain (Art et

[163] POËTE, Marcel – "Introduction à l'urbanisme". Paris: Boivin, 1929. In CHOAY, Françoise - *O Urbanismo* São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2003, pp. 281-284.
[164] GÉRARD, Chevalier : "L'entrée de l'urbanisme à L'université: la création de l'Institut d'urbanisme (1921-24)», Genèses, 2000/2 no 39, pp.98-120. ISSN 155-3219. Disponível em WWW.URL:http://www.cairn.info/revue-geneses-2000-2-page-98.htm
[165] FIMS/MSMS/1817 – 12 e 21de novembro de 1935. Catálogo II vol. pp. 55 a 68
[166]FREY, Jean-Pierre, "Henri Prost 1874-1959" In PAQUOT, Thierry-*Les faiseurs de villes.*[S.l]:infolio/Colletion Archigraphy Poche, 2010, p. 377. Estas duas conferências antecederam a exposição da natureza dos seus trabalhos, plano de Istambul, em sessão de 29 de novembro de 1935, na SHUR, aquando da sua estada em Paris cidade da qual se encontrava frequentemente afastado.

Composition des Villes – Composition d'Ensemble) da responsabilidade de Henri Prost (Urbanismo), G. Sebille e F. Sentenac (Higienista). Relativo ao primeiro ano deste curso existe ainda um dossiê com desenhos realizados para J. Gréber sobre vias públicas, praças e cruzamentos, espaços livres e implantação de edifícios públicos[167]. Neste último documento lê-se a prática de Gréber preocupado com os aspetos ligados ao arranjo, embelezamento e expansão da "cidade".

Partimos dos documentos sob forma de apontamentos por si manuscritos e desenhados de aulas de Henri Prost[168] e Jacques Gréber para fazer uma aproximação ao que seria o ensino deste dois nomes ligados à criação do urbanismo enquanto disciplina. Ambos se afirmaram mais enquanto realizadores de obra, operacionais em campo, do que como teóricos com obra escrita e doutrinária, tendo deixado apenas algumas conferências, alguns artigos escritos ou prefácios a obras e no caso de Jacques Gréber algumas obras sobre a exposição de 1937, e planos de obras realizados nos EUA.

Estes documentos académicos lançam alguma luz, ainda que ténue, sobre o ensino que pretende formar profissionais, preparando-os para atuar em situações complexas colocadas em intervenção urbana e sobre o papel pedagógico destes dois grandes nomes do urbanismo. Prost e Gréber foram, no entanto, presenças criadoras, dinamizadoras e assíduas de organismos ligados ao urbanismo: SFAU 1906 (Sociéte Française des Architectes Urbanistes), SFU (Sociéte Française des Urbanistes), SHUR (Section d'Hygiene Urbaine et Rurale du Musée Social), Musée Social e IUUP.

Henri Prost encontrava-se muitas vezes fora de Paris, por exigências profissionais, enquanto urbanista responsável pela realização dos planos em diversos locais do mundo: em Paris, na Côte d'Azur, nas cidades Marroquinas (Casablanca, Rabat, Fez, Marraquech), em Argel e em Istambul. Nestes trabalhos o urbanista privilegiou a formação e o trabalho em equipa dos seus colaboradores arquitetos, as preocupações estéticas - composição monumental, alinhamentos, loteamentos, organização do quarteirão - o alojamento, o arranjo paisagístico e as questões de circulação (Côte d'Azur), a urbanização das periferias, a ideia de zonamento, a arquitectura integrada no espírito da cada paisagem urbana (Marrocos). Para Paris, este urbanista define eixos de circulação que permitam o escoamento do tráfego urbano mas ainda para qualificar a periferia desta cidade-capital. Prost residia nos países ou nas

[167] Cf. Com Catálogo II vol, pp. 46 a 52.
[168] FREY, Jean-Pierre, "Henri Prost 1874-1959" In PAQUOT, op.cit., pp. 370-372.

localidades em que intervinha, sendo para este urbanista impensável a realização de um plano sem ter *habitado e partilhado o seu quotidiano* do espaço em estudo e transformação[169]. Face à dificuldade em obter com precisão dados indispensáveis à aquisição de informações e que permitissem o conhecimento para projetar um plano (plantas topográficas) Prost, no caso específico de Istambul, onde vive dezasseis anos, recorre pela primeira vez à fotografia aérea (Fig. 86) como forma de obter informação para a conceção do seu plano[170].

Enquanto professor do IUUP, na cadeira de arte e técnica da construção das cidades, secção de arte urbana, no âmbito de um ensino prático e pluridisciplinar sobre planeamento urbano, ausenta-se frequentemente de Paris para acompanhar a realização dos planos. A instituição, não querendo ver excluído dos seus quadros um nome de referência do urbanismo, associa a Henri Prost outros nomes de professores como é o caso de Mr. Sebille e Mr. Sentenac[171], permanecendo ele como professor responsável pela disciplina mesmo durante as suas ausências. Organização essa explícita na documentação académica de David Moreira da Silva, na qual são referidos nos enunciados dos exercícios ao lado do nome de Prost. Afirma Frey, num artigo que escreveu sobre Henri Prost:

> […] *mas como avaliar a afuência e a influência de Prost sobre os estudantes? […] trata-se de transmitir um saber fazer, sempre ligado a casos aplicados. Só dispomos de duas ou três fontes: os testemunhos dos seus alunos e colaboradores, as teses (memórias do fim de estudos) dos estudantes do IUUP e os que o escolheram como orientador […] e notas manuscritas do curso. […] Encontramos por acaso as notas de curso de um arquiteto-urbanista chamado Benoit Cornesse […] frequentou o curso de 1935 a 1937 […]*[172].

Relativamente à questão anteriormente colocada, é de sublinhar a importância da existência destes documentos manuscritos por David Moreira da Silva e dos exercícios datilografados do curso de Henri Prost, na FIMS, uma vez que, e de acordo com Jean-Pierre Frey, sendo aquele urbanista um professor e profissional que pouca documentação escrita terá produzido, os apontamentos testemunham o tipo de aulas e

[169] FREY, Jean-Pierre – "Henri Prost (1874-1959) In PAQUOT, op.cit., pp. 361-380.
[170] Prost já tinha utilizado a fotografia em Marrocos.
[171] Cf. II Vol., pp. 73 e 77.
[172] FREY, op. cit. p. 378.

preocupações de Prost enquanto pedagogo. Partia de exemplos práticos da sua experiência profissional, como se pode ler nos apontamentos tirados por David Moreira da Silva em que paralelamente à teoria se encontram presentes desenhos ilustrativos.

Henri Prost apresentou com Edmond Joyant na SHUR, em 29 de novembro de 1925, o plano de Istambul (Figs. 81 e 82), após ter dado, nos dias 12 e 21 desse mês, duas aulas no IUUP[173]. Na primeira delas, a de 12 de Novembro de 1935[174], este urbanista privilegia, na aula dada sobre a cidade, a circulação, nomeadamente as vias públicas, no que concerne ao desenho de perfis transversal e longitudinal. Relativamente ao seu traçado definiu as diversas situações que determinam diferentes dimensões, diferentes larguras necessárias à circulação automóvel e de peões, tipos de estacionamento, estética, arborização (perfis, passeios, larguras, arborização), relação entre passeios e habitações e sua importância na circulação automóvel. Nos exemplos apresentados analisou ainda outras situações, partindo sempre de aspetos práticos e conhecidos: túneis, praças e cruzamentos, vias localizadas em zonas habitacionais e comerciais, saneamento, edificação de habitações em diferentes tipos de lote, regulamento de vizinhança e relação que deve existir entre a altura dos edifícios com a largura das vias (cércea). Nesta sessão, ilustra cada um dos elementos referidos com situações existentes ou aplicadas em Marrocos, França (Paris, Metz, Nancy, Bois de Boulogne …), Bélgica e Barcelona. Na sua conferência de 21 desse mesmo mês, Prost aborda questões práticas a observar na construção da cidade noutras vertentes: a habitação em França e traçado de ruas, tipos de aglomerações existentes em Bruxelas, relações que deverão existir entre zonas destinadas à indústria, caminho-de-ferro e terrenos destinados a habitação (exemplos de Nice, Barcelona e Itália), localização dos principais edifícios de uma aglomeração (Tribunal, Câmara, Igreja, Escolas, Teatros) e nos caminhos-de-ferro os casos das gares de passageiros e de mercadorias.

Pode constatar-se pela análise comparativa dos exemplos representados nas figs. 87 e 88 que ilustram a solução aplicada por este urbanista em terrenos acidentados, o tipo de pedagogia atrás referido. Nas Figuras 89 e 90, Prost apresenta o exemplo de uma via com seis metros de largura, para que dois automóveis se possam cruzar, dimensões essas a que se associam outras destinadas aos passeios, sua arborização (preocupação

[173] FREY, op. cit. p. 377.
[174] Vide II Vol., pp pp. 58- 71.

estética e qualidade de vida) e localização da habitação como podemos relacionar com o exemplo aplicado no Plano de urbanização da *côte varoise*.

Nestes apontamentos de David Moreira da Silva relativos às aulas do urbanista francês constata-se uma clara preocupação em transmitir de uma forma simples, clara e pragmática, regras a observar na construção, organização ou expansão de uma cidade. Situações problemáticas relativas à circulação, à higiene, ao saneamento, à estética, constituem os aspetos privilegiados por Prost enquanto professor. A par das situações-problema o urbanista apresenta soluções que se adaptem ao sítio natural e urbano em estudo, relação espacial existente entre ruas - cruzamentos, eixos, ligações, passeios, arborização, ajardinamento, habitações, do estacionamento. Toda a sua experiência profissional em Marrocos[175], em Vincennes, em Saragoça, em Paris, Metz, Nancy é transposta para a aula.

Gréber foi professor do arquiteto-urbanista português como atestam os desenhos que integram um dossiê apresentado durante o seu primeiro ano de frequência do Instituto e os exames do segundo ano em Arte Urbana – Arte e Técnica da Construção das Cidades (composição analítica) 2º Ano 1936/37[176].

Jacques Gréber arquiteto formado pela ENSBAP, em 1909, vai logo a seguir à conclusão do curso para os Estados Unidos da América (1910), para onde levou os ensinamentos academicistas da pedagogia francesa e da sua cultura urbanística. Nos EUA trabalhou com Clarence Mackay e Horace Trumbauer, projetou parques, jardins privados e realizou projetos de urbanismo, evidenciando-se os planos da atual avenida Benjamin Franklin Parkway, entre 1917 e 1922, outrora designada de Fairmont Parkway, (figs. 92-94)[177]. André Lortie informa *ser o seu percurso contemporâneo da emergência do urbanismo como campo da atividade profissional em França e na América*[178]. É nesse país que inicia os seus primeiros trabalhos no âmbito do planeamento urbano.

Regressa a Paris, em 1919, terminado o primeiro conflito mundial, onde participa na reconstrução das cidades destruídas pela guerra, trabalha nos planos da

[175] FIMS/MSMS/1817 Prost parte de exemplos práticos Marrocos.
[176] Vide II Vol., pp. 49-55 e 72-75.
[177]"ANDRESEN, Teresa; SÁ, Manuel Fernandes de; ALMEIDA, João [coord.) - *Jacques Gréber. Urbanista e Arquitecto de Jardins*. Porto: Fundação de Serralves, 2011, p. 19.
[178]LORTIE, André - *"Vida e Obra de Jacques Gréber"*. In ANDRESEN, Teresa; SÁ, Manuel Fernandes de; ALMEIDA, João [coord.*)* - *Jacques Gréber. Urbanista e Arquitecto de Jardins.* Porto: Fundação de Serralves, 2011, pp.85 -89.

região de Lille (1920-1937), Abbeville (1932-1945), Marselha (1940), Ruão (1940-1947), Calais e Salins-les- Bains (1922), tendo privilegiado o espaço público no desenho das cidades[179]. É ainda autor de diversos cemitérios e jardins privados na Europa, dos quais destacamos os projetos dos jardins de Serralves, no Porto, concebidos para Carlos Alberto Cabral, conde de Vizela (1932). Em 1937, foi o arquiteto chefe da exposição Internacional de Artes e Técnicas da Vida Moderna realizada em Paris e em 1940 encontra-se à frente da SFU.

Substitui na EHEU Léon Jaussely e, posteriormente leciona no IUUP no curso de Arte e técnica da construção das cidades, dedicando-se ao ensino nesta instituição e exercendo simultaneamente a sua atividade profissional de arquiteto paisagista. Em urbanismo defende a continuidade da cidade, sendo o seu futuro *o prolongamento do seu passado, adequado a um meio e uma produção específicos*[180]. Para este arquiteto a cidade deve ser antes de mais um lugar pensado para uma coletividade que aí possa habitar de forma condigna. Por isso, o urbanista deverá proceder a um prévio estudo e atuar sobre ela de uma forma que privilegie essa coletividade em detrimento dos interesses particulares. Higiene, circulação e estética são as vertentes a ter em conta aquando da elaboração de um plano urbano devidamente contextualizado, a par de um estudo e conhecimento da história e da evolução da aglomeração assim como de uma atenta e consciente análise das suas condições. *A situação da cidade no seu território, o local onde se estabeleceu, os dados climatéricos, económicos e sociais são outros tantos parâmetros que instruem o projeto e que permitem afirmar a sua legitimidade*[181].

Enquanto professor do IUUP, Gréber aplica os conhecimentos adquiridos através da sua experiência profissional na linha de Henri Prost da qual resulta um ensino pragmático mas esclarecido que parte da sua principal preocupação - a obra realizada. Privilegia os espaços verdes na cidade: as avenidas-parque ou avenidas-jardins (Figs. 92 e 93) e jardins públicos enquanto espaços que valorizam e complementam o espaço urbano - praças e equipamento públicos -, prevendo uma extensão para a sua periferia em *bairros-jardim.* O verde é um elemento caro a Gréber no momento da conceção do plano, dado concebido para o bem-estar da população e elemento/preocupação que deve estar sempre presente na cidade. Dos desenhos e dos exames realizados por David para Jacques Gréber se inferem as preocupações pedagógicas deste último (Figs. 95 e 96).

[179] GUTIÉRREZ, Ramón, op.cit.
[180] LORTIE, op. cit., p. 89.
[181] *Idem, ibidem.*

Praças e avenidas representadas de uma forma metódica e rigorosa, onde o verde é uma exigência a par de outras preocupações inerentes à complexidade das questões levantadas pela cidade, como as da circulação, da higiene e da estética já referidas e indispensáveis à sua habitabilidade.

A organização dos espaços livres (jardins, bosques), a organização da circulação e a integração dos vários tipos de edifícios - de habitação, equipamentos religiosos, educativos, culturais, transportes, no espaço urbano, são três aspetos com os quais Gréber se preocupa enquanto pedagogo, paralelamente ao desenvolvimento das competências dos alunos e futuros profissionais na resolução de todo o tipo de problemas colocados pelo espaço a urbanizar[182].



Fig. 97



Fig. 98



Fig. 99

Fig.97 - *Cité-Jardins de Stains*. FIMS/MSMS/4074-0011

Fig.98 - *Cité-Jardins de Pré. St Gervais.Pantin. Les Lilas.* FIMS/MSMS/4074-0008

Fig.99 - *Cité-Jardins de Suresnes*. FIMS/MSMS/4074-0014

De François Sentenac, professor encarregado curso da Arte Urbana – Arte e Técnica da Construção das Cidades, existem apontamentos de DMS de duas aulas lecionadas em novembro do primeiro ano de frequência do Instituto, sobre resistência de materiais a utilizar na construção – noções gerais, principais características e resistência de materiais como a pedra e o tijolo, tipo de argamassas[183].

Do espólio documental deste ateliê e de David Moreira da Silva enquanto aluno do IUUP, encontra-se também informação relacionada com as cidades-jardim francesas[184] que terá utilizado e por isso guardado.

[182] Cf. Exercícios realizados por David Moreira da Silva para este professor que integram o II vol, pp. 49 a 55 e 72 a 75.
[183] FIMS/MSMS/1817 Aulas de 18 e 25 de novembro de 1935. Cf. Vol. II, pp. 56-57.
[184]Ver II Vol. pp. 84 a 89. Documentação sobre *Cité-Jardins de Chatenay-Malabry*. Office Publique d'Habitation du Département de La Seine e *Cité-Jardins de Suresnes*. Documentação ainda integrada por

A cidade-jardim, teoria surgida em Inglaterra com Ebenezer Howard, em finais do séc. XIX, baseada na sua obra *Tomorow: A Peaceful Path to Real Reform (*mais tarde *Garden Cities of Tomorow*), produziu e uma forma pioneira efeitos no Reino Unido que conduziram a um movimento defensor de mudanças na cidade tradicional através de transformações na habitação e na defesa dos parques urbanos. A proposta da *construção de povoamentos planificados de acordo com o modelo da "cidade-jardim" que compreenda precisamente todas as vantagens da cidade e do campo e apareça depurada de todos os inconvenientes*[185] tornava possível a futura criação de uma outra proposta de cidade. Esta teoria preconiza a prévia planificação realizada por um urbanista; devendo ser o núcleo urbano de tamanho médio e pensado para um determinado número de habitantes; possuidor de um espaço rural envolvente, isolando a cidade de outro aglomerado humano e satisfazendo-lhe todas as necessidades básicas (alimentos e matérias-primas); com cidades-satélite (elas também rodeadas por áreas verdes) situadas para lá do anel da zona rural e ligadas à cidade-mãe por acessibilidades ou traçados orgânicos adaptados à sua topografia e por meios de transporte rápidos. Bairros divididos de acordo com as diferentes funções; equilíbrio entre as diversas funções da aglomeração (residencial, mista …), a zona residencial com casas unifamiliares rodeadas de jardim e distanciadas de forma a permitir a entrada de sol, ar puro, ainda possibilitar a defesa das áreas de repouso dos *ruídos, fumos, maus cheiros e a poeira*[186]*;* zona habitável satisfatória: segurança, boas condições de salubridade comodidade e estética. Cidades que permitissem aos habitantes melhorarem a sua qualidade de vida através da conciliação de vantagens trazidas por duas realidades até então opostas: campo e cidade. Em Inglaterra estas propostas aplicam-se a cidades inteiras enquanto em França são limitadas ao nível do território- projetos residenciais.

David Moreira da Silva teria um estreito contacto com esta teoria e com a forte presença da realização deste modelo de cidade-jardim francesa de subúrbio. Em França, após a primeira Guerra Mundial, a população expande-se e a mobilidade aumenta,

---

diversas estampas das cidades jardins de: Cachan; Champigny sur Marnes, architectes Pelletier e Teisseirie; St Gervais Pantin. Les Lilas; Office Public d´habitations a Bon Marché du Département de La Seine, architecte F. Dumail; Stains, architectes Gonnot e Albenque; Plessis-Robinson, architecte Payret-Dortail. Dois exemplos de bairros de casas económicas: de Charenton, architecte M. Maurey; Cité – jardins de Champigny, habitation type de 3 chambres et cuisine, architectes Pelletier e Teisseirie.

[185] SICA, Paolo – *Historia del Urbanismo. El Siglo XX*. Madrid: Instituto de Administracion Local, 1981, pp. 13- 15.

[186] DE GRÖER, Etienne – "Introdução ao Urbanismo". In Boletim da Direcção Geral de Urbanização 1945-1946. Lisboa: Ministério das Obras Públicas e Comunicações, I vol., p. 25.

sendo o centro urbano ocupado cada vez mais pelo sector terciário. A partir de 1922 verifica-se um crescimento suburbano e a consequente procura de alojamento.

Aquando da publicação da lei Cornudet, em 1919, e do concurso para a realização do plano regulador *Grand Paris*, ganho por Jaussely e Sollier, propunha-se *uma reestruturação completa dos serviços e das infraestruturas à escala do território; uma proposta do inglês A. Berrington sugere o estabelecimento de uma série de cidades-jardim à volta das linhas férreas*[187].

Entre 1920 e 1930, assiste-se a uma urbanização e a uma grande ocupação do solo francês, feita de uma forma anárquica e com pouco sucesso, levando o Departamento do Sena a adquirir áreas periféricas destinadas a urbanização. Com a ação de Henri Sellier, na altura diretor da Oficina Departamental das HBM (Habitations à Bon Marché), fomenta-se a realização de bairros de casas económicas. A partir de 1930, estas cidades-jardim tornam-se *complexos equipados de edifícios de várias plantas, concebidos como polos de crescimento periférico e destinados a estabelecer um princípio de organização dentro das áreas parceladas anarquicamente em anos precedentes*[188].

Os documentos pertencentes a David Moreira da Silva respeitam esta fase de expansão para os subúrbios, nomeadamente as plantas: Cité-jardins de Stains (1ª fase - 1919) da autoria de Gonnot y Albenque e destinada a uma população operária; Cité-Jardin Cachan de Payret-Dotail com 1.200 a 1.500 habitantes correspondendo a modelos ingleses com predomínio da habitação unifamiliar; Cité-jardins de Champigny sur Marnes; Cité-jardins de Champigny; Cité-jardins de Pré. St Gervais. Pantin. Les Lilas de 1924 e projetado por F. Dumeil; Cité-Jardins de Suresnes projetada por Mistrasse y Quonian em 1922.

De acordo com estudos de Paolo de Sica *uma terceira fase até 1928 vê progredir uma racionalização do espaço do bairro e uma maior oferta de equipamentos, simultaneamente, uma renovação e melhoria dos modelos dos alojamentos* caso do bairro[189]: de Plessis-Robinson (1924-25 e de 1932-35) do arquitecto Payert-Dortail, num total de 65 hectares e 5.000 unidades de Habitação; Cité-Jardins de Chatenay-Malabry, com bairro construído entre (1931-33) da responsabilidade dos arquitetos Bassompierre, de Rutté e Sirvinde com 56 Hectares e

[187] SICA, op. cit., p. 568.
[188] *Idem*, p. 572.
[189] *Idem ibidem*, pp. 572-573.

4.000 vivendas com equipamentos coletivos possíveis através da ação de Henri Sellier. Todos estes núcleos correspondem a uma segunda e terceira fases de construção (1922-25 e 1932-35) e destinam-se a um número específico de habitantes, possuidores de vivendas coletivas[190].

Da cidade-jardim de Chatenay-Malabry temos uma informação bastante detalhada que o arquiteto e urbanista irá utilizar, a par da de outras cidades-jardim, como a de Suresnes, na sua tese de urbanismo, como exemplos a seguir. Ao nível da iconografia utiliza uma imagem de um imóvel coletivo desta cidade-jardim com uma árvore florida com a seguinte legenda: … *Cité au milieu des arbres, des fleurs* .... [191]

Desta cidade-jardim concebida para 20.000 habitantes e localizada a sul de Paris, numa zona importante de circulação desta região parisiense, planifica-se uma zona habitacional em que se privilegia a natureza através da plantação de belas árvores, (árvores de fruto e de sombra), flores nos largos passeios, elementos de água, praças também elas arborizadas, bancos. Uma avenida principal ligada à estrada nacional e ladeada por galerias-abrigo e galerias-loja, jardins e terrenos destinados a equipamentos diversos destinados a desporto e comércio. Esta cidade-jardim para a qual se tinha inicialmente pensado a construção de casas individuais viu o projeto alterado com a substituição deste tipo de moradias por habitações coletivas de dois a três andares com dois a quatro apartamentos por piso, para diminuir o preço de custo. Aqui uma única referência vertical atrai o olhar sobre a cidade moderna – um imóvel-torre de dez andares (na avenida principal a meio caminho entre a entrada e a praça) que domina o conjunto edificado numa paisagem dominada por linhas horizontais. No projeto, esta torre é comparada a uma torre de menagem ou a uma torre-sineira medieval que se destaca e se impõe. Na planta faz-se uma leitura de uma aglomeração com três núcleos distintos de habitações coletivas de diferentes tipologias, servidos por praças, árvores, jardins, parques e equipamentos (comerciais, escolares).

A de Suresnes é uma cidade moderna destinada de 8 a 10.000 habitantes, com imóveis destinados às pequena e média burguesias, e posteriormente para operários não qualificados, engenheiros e técnicos. Pensada para integrar equipamentos de interesse coletivo necessários à vida urbana moderna: instituições de higiene, de ensino, de assistência, de desporto e um terreno reservado ao centro com instituições culturais.

[190] *Idem, ibidem*.
[191] Cf. II Vol. p. 87.

Habitações coletivas e pequenos pavilhões distribuídos ao longo da grande via limítrofe que se torna *un écran de grandes maisons abritant la cité contre les inconvenients de la circulation intensive et à aménager, dans l'axe, une voie centrale à densité de constructions élevée constituant le centre commercial de la Cité* [192].

No enunciado de um exercício de composição analítica do segundo ano do curso de Arte urbana, ano letivo de 1936-1937 (Figs. 101 e 102), Gréber coloca uma questão de alguma complexidade para resolução e aplicação: a ocupação de um Quarteirão de Habitação num lote irregular – quadrilátero –, num espaço movimentado a nível de tráfego automóvel, delimitado por quatro vias: duas delas avenidas importantes, outra uma acessibilidade a um importante cais e uma quarta de menor importância (lado menor), como se pode observar na fig. 100. Neste exercício, coloca três hipóteses de trabalho: imóveis coletivos isolados por pátios-jardins, edifícios-torre de 15 andares de grande densidade com zonas *non aedificandi* à frente dos imóveis e separando-as das vias de circulação; imóveis coletivos de 3 pisos (3 andares e rés-do-chão), habitações unifamiliares e equipamentos (escolas, centro comercial, cultural e assistenciais, parques para jogos); zona ocupada unicamente por habitações unifamiliares e centro comercial com alojamentos maiores por cima das lojas e espaços livres diversificados

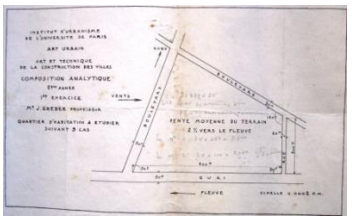


Fig. 100

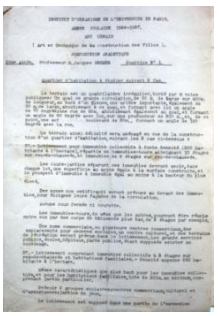


Fig. 101

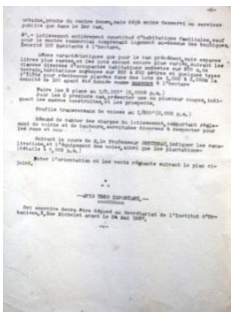


Fig. 102

Figs. 100, 101 e 102
FIMS/MSMS/1817
Exercícios das aulas Art Urbain – Arte et Tecnique de la Construction des Villes, 2º Année 1936/37 de le professeur M. J. Gréber. Composition Analitique Professeur M. Jacques Gréber Exercise nº 1.

Auguste Bruggeman considera a Arte Urbana (Arte e Técnica da Construção das Cidades) um dos principais contributos do Instituto de Urbanismo de Paris, curso que de acordo com este professor/diretor deve ser lecionado por um técnico e por um

[192] Cf. II Vol. p. 86.

pedagogo[193]. *Bonnier é o responsável pelo ensino teórico, do planeamento e da construção da cidade e Gréber responsável pelo ensino prático, no que concerne a arquitetura da paisagem e a estética*[194]. Bruggeman possibilitou ainda o acesso a toda a informação sobre os princípios da cidade-jardim e sua aplicação em Inglaterra, através de conferências, inicialmente realizadas na EHEU. No mesmo sentido agiram as políticas francesas ligadas à edificação deste tipo de organização, sob o impulso de Henri Sellier enquanto administrador-delegado do Departamento da *Habitation à Bon Marché*.

Nos outros exercícios realizados para o mesmo curso[195] mas para as cadeiras de Arte e Técnica de Construção de Cidades, em Composição de Conjunto e em Arte do Engenheiro Municipal, nos enunciados do professor Sébille e no de Sentenac, propõem-se exercícios complementares pensados para uma mesma zona. São dadas as principais coordenadas (orientações, acessibilidades: canal, caminhos-de-ferro, estradas; paisagem; crescimento populacional previsto, atividades económicas: futuro centro fabril ...), definidas as escalas dos trabalhos a realizar (1/5.000;1 /2.000; 1/1.000; 1/500), e as datas de entrega dos trabalhos, propondo-se ainda a realização de um plano de arranjo com preocupações ligadas à circulação, à habitação, aos equipamentos, ao zonamento e preocupações de ordem estético/paisagística. Da bibliografia a consultar destacamos relativamente ao urbanismo Patrick Geddes, Joyant, E. Hénard, Sellier, Camilo Sitte, R. de Souza, R. Unwin, Stubben, Inigo Triggs e Jacques Gréber. No que concerne à vertente paisagista/jardins autores como Stein, Gromort, Inigo Triggs, Alphand, Ernouf, Forestier. Obras que os estudantes deveriam consultar e que abarcam autores, teorias e realizações de diversos países: França, Itália, Alemanha, Inglaterra, Escócia e EUA.

Estes enunciados de exercícios revelam as principais preocupações do ensino prático de diversas situações cujo domínio técnico, de acordo com a teoria das cidades-jardim, é aprendido, interiorizado e praticado por David Moreira da Silva enquanto profissional e enquanto pedagogo na 16ª cadeira de Projetos e Obras de Urbanização.

---

[193] Archives de l'Institut d'urbanisme de Paris. Tome 1. "Comptes-rendus du Comité et du Conseil d'administration", 650 p. 330 In MATUS CARRASCO, op. cit., p. 20.
[194] MATUS CARRASCO, *idem.*
[195] Consultar Vol. II pp. 76 a 82.

Apontamentos de aulas do curso de Sentenac, 1º ano (1935/36) – Resistência de Materiais. - FIMS/MSMS/1817

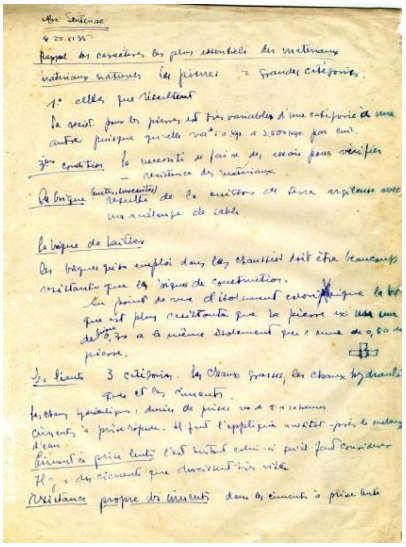


Fig. 103

Apontamentos de aulas do curso de Henri Prost, 1º ano (1935/36) - FIMS/MSMS/1817

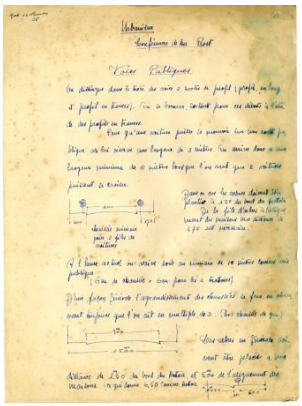


Fig. 104

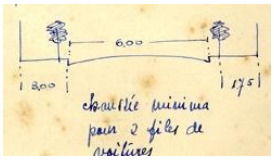


Fig. 105

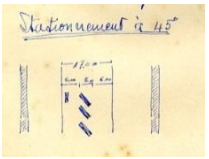


Fig. 106

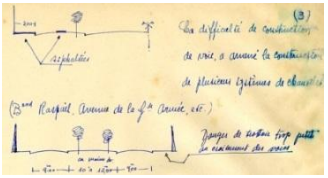


Fig. 107

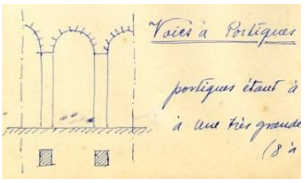


Fig. 108

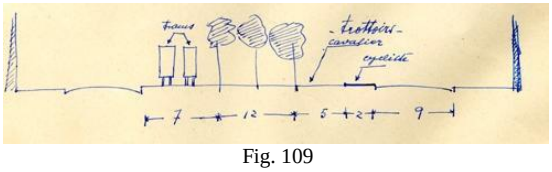


Fig. 109

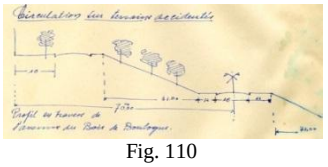


Fig. 110

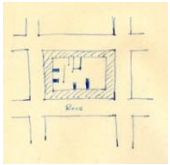


Fig. 111

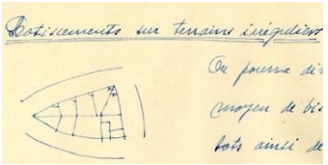


Fig. 112

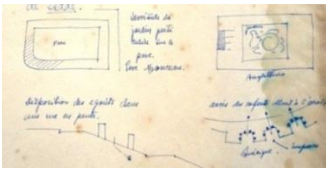


Fig. 113

Exercícios realizados por David Moreira da Silva para J. Gréber, 1º Ano 1935/36 FIMS/MSMS/2555

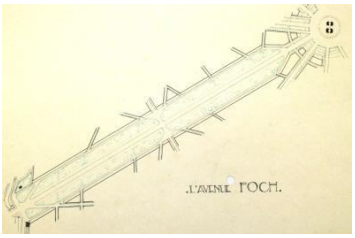


Fig. 114

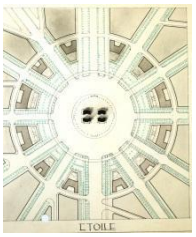


Fig. 115

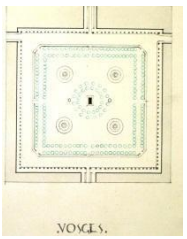


Fig. 116

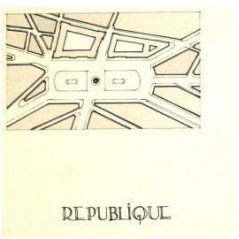


Fig. 117

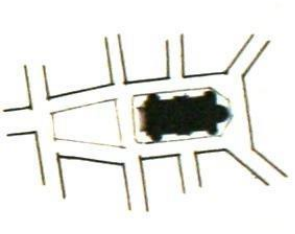


Fig. 118

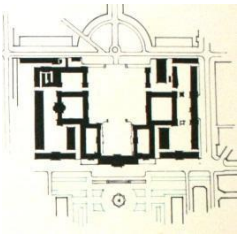


Fig. 119

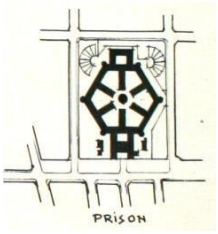


Fig. 120



Fig. 121



Fig. 122

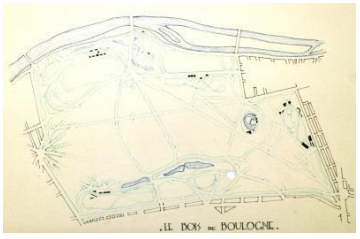


Fig. 123

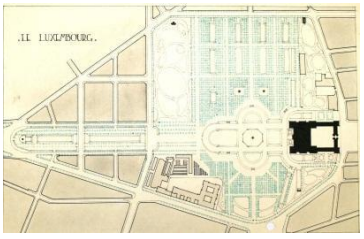


Fig. 124

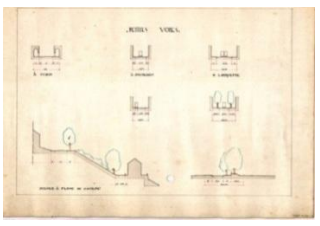


Fig. 125 - FIMS/MSMS/5256 – Exercícios de Urbanismo de David Moreira da Silva.

1.1.2.2.4.3. Provas finais e a obtenção de Diplomas

O programa de estudos do IUUP integrava os cursos de: Evolução das Cidades (Marcel Poëte), Organização Social das Cidades (E. Fuster), Organização Administrativa das Cidades (Gaston Jéze), Organização Económica das Cidades (Brueggman e Oualid) e Arte Urbana ou Arte e Técnica de Construção de Cidades (Louis Bonnier, Henri Prost, Jacques Gréber e Georges Sebille)[196].

Todo o estudante do IUUP que concluía com sucesso o segundo ano realizava, para obtenção do diploma, uma tese de acordo com um tema por ele escolhido e com a anuência do professor orientador ou encarregado de conferências que se tornava o seu presidente de tese. Obedecendo a regras previamente determinadas, o aluno devia provar que tinha efetuado uma pesquisa de informação, realizando trabalhos pessoais e devia incluir no seu estudo plantas, desenhos, gráficos …

No dia do exame e em sessão pública cada aluno defendia a sua tese perante um júri que, depois de deliberar, atribuía as notas e propunha a atribuição do diploma[197]. Este tipo de prova final era considerado mais do que um trabalho de pesquisa, uma avaliação de todo o ensino ministrado e das competências e conhecimentos adquiridos pelo aluno[198].

Os alunos do IUUP privilegiaram os seguintes temas de tese de fim de estudos: Plano de Arranjo, Extensão e de Embelezamento (Projeto de Cidade, Projeto de Arranjo, Projeto regulamentar); a Evolução de uma Cidade (análise económica, social e urbana; projeto de arranjo).

Através da realização de uma ficha-síntese da tese de DMS *Les Villes Qui Meurent Sans se Depleuper*[199], entendemos a sua estrutura, as principais preocupações e os objetivos do arquiteto-urbanista na escolha e defesa do tema escolhido, assim como interiorizamos parte da formação dada no instituto. O nosso propósito é abrangente: identificar os seus interesses, as suas obras de referência, o método seguido e compreender o tipo e contributo das suas aprendizagens específicas neste instituto na sua futura vida profissional – um estudante que pretende tornar-se um profissional. Dois

[196] MATUS CARRASCO, op. cit., p. 31 e p. 57.
[197] *Idem*, pp. 33-34.
[198] *Idem.*
[199] Cf. II vol, pp. 90 a 99. Aqui indicamos a estrutura da tese, as principais ideias subjacentes à análise urbanística, a metodologia adotada, assim como as soluções – tudo ilustrado pela iconografia e cartografia utilizadas.

exemplares deste trabalho final foram por nós consultados, um na FIMS, outro enviado por *email* pelo Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris, uma tese reveladora das características da pessoa e do candidato através do tema escolhido, do conteúdo, da estrutura, da bibliografia e da iconografia que a integram. O objeto de estudo encontra-se relacionado com o espaço físico do país/cidade de origem do candidato que, familiarizado com um lugar anteriormente habitado e portanto conhecedor das suas problemáticas, o escolhe.

A lei de Cornudet de março de 1919 revista em 1924, esteve na base da definição da organização dos projetos de arranjo, extensão e de embelezamento das cidades. De acordo com informação constante na tese de mestrado de Matus Carrasco, há três pontos a integrar neste tipo de trabalho académico: um plano que integre a direção, as dimensões e as principais características dos traçados a criar ou a modificar, as praças, jardins públicos, campos de jogos, parques, espaços livres, espaços a monumentalizar; um programa das servidões ligadas à higiene, aos vestígios arqueológicos e estéticos, cérceas, água potável, rede de esgotos; regulamentos municipais. Estes conteúdos do projeto constituem um plano de urbanismo, uma vez que assinalam a evolução de uma cidade e pretendem um possível arranjo[200].

A tese de David Moreira da Silva é um exercício no qual o arquiteto e urbanista, enquanto aluno, nos dá indicações sobre as razões da escolha do tema, nos permite perceber como interiorizou as lições nesta área e compreender o tipo de ensino lecionado, as fontes e bibliografia a que os alunos acediam e as principais ideias veiculadas pelos professores. Inclui na sua tese questões muito diversas ligadas a unidade de vizinhança, zonamento e a observação de regras de urbanismo, higiene e salubridade.

> *[…] o arquiteto urbanista é entendido e aceite como especialista da cidade, detentor de uma formação complexa, de grande seriedade e notoriedade, e simultaneamente maestro de uma orquestra de diversos contributos disciplinares que se integram e sintetizam no desenho […]se a figura do urbanista era prestigiada, tal se devia também à ação dos profissionais, à unidade das suas ações e à seriedade de execução dos seus planos […]*[201].

[200] MATUS CARRASCO, op. cit., p. 17.
[201] LAMAS, José M. Ressano Garcia – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/JNICT, 1993, p. 244.

Numa tese de mestrado defendida no IUUP, intitulada *A Tese em Urbanismo de 1922 a 1937: os Estudantes e as Fontes Bibliográficas*, Matus Carrasco parte de um *corpus* documental por explorar, as teses realizadas pelos alunos da EHEU e posterior IUUP. Nessa altura o arquiteto português frequentava essa instituição (1935/37) e preparava a sua tese no domínio do urbanismo. Guilherme Faria da Costa, o primeiro português a obter o diploma na área específica de Urbanismo, encontra-se abrangido no período em estudo[202]. Num dos quadros de levantamento da nacionalidade dos alunos há a referência a um aluno português não nomeado. No entanto, este trabalho constitui um passo importante para o conhecimento do ensino ministrado no instituto e sugere algumas aproximações e conclusões relativas aos principais objetivos dos que lecionavam, dos que estudavam e da preparação pretendida enquanto futuros profissionais. A tese pretende ser um pretexto por parte dos professores para aferirem das aprendizagens dos alunos e da sua aplicação enquanto profissionais de urbanismo.

Os dois alunos portugueses, Guilherme Faria da Costa e David Moreira da Silva, apresentam o seu trabalho final a partir do estudo de dois espaços físicos nacionais, territórios com que estariam possivelmente mais familiarizados e teriam um acesso mais fácil e credível a nível de informação. O primeiro urbanista trabalha sobre um «Plano de Arranjo, Embelezamento e Extensão da Cidade da Figueira da Foz e sua Região», o segundo sobre a evolução de uma cidade – o Porto –, através de uma análise da sua evolução histórica, características do lugar, economia, sociedade, urbanismo e apresentou ainda um projeto e propostas de melhoramentos.

David Moreira da Silva escolheu um tema ligado à evolução da cidade do Porto tendo procedido a uma análise exaustiva da sua evolução nas vertentes histórica, geográfica, económica, social e urbana. Esta escolha não foi casual, pois a sua ligação e o seu conhecimento desta cidade portuguesa permitem-lhe partir de uma realidade por si

[202] MATUS CARRASCO, op. cit., p. 47 no quadro nº 8 – *Origens dos estudantes de 1922 a 1937, de acordo com a naturalidade:* o autor refere a existência de um aluno português no IUUP, cuja tese não pode consultar por não ter sido encontrada. Pensamos tratar-se de João Guilherme Faria da Costa primeiro aluno português que se encontrava a frequentar o Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris, curso que termina em 1936. Aluno do ateliê de A. Agache onde preparava a sua tese relativa à cidade da Figueira da Foz. Em 1937, elaborou como tese de final de curso «Plano de Arranjo, Embelezamento e Extensão da Cidade da Figueira da Foz e sua Região» apresentada e defendida naquela instituição. Em sessão presidida pelo professor do IUUP, e futuro orientador da tese de David Moreira da Silva, Mr.G. Sebille, tendo obtido a menção de *trés bien* e o primeiro título académico de Arquitecto Urbanista pela Universidade de Paris. Cf. a informação com o: Relatório dos trabalhos efectuados em 1936. Instituto para a Alta Cultura XIV - Coimbra: Coimbra Editora, 1937, pp. 49-51 e Relatório dos trabalhos efectuados em 1937. Instituto para a Alta Cultura XV - Coimbra: Coimbra Editora, 1941, pp.78-80.

conhecida e interiorizada, enquanto aluno da EBAP, habitante atento da cidade bem como a facilidade em consultar fontes e bibliografia atualizadas e disponíveis na altura. O tema e o desenvolvimento da sua tese permitem-nos, de uma forma imediata, perceber o seu profundo conhecimento e a sua ligação à cidade do Porto.

DMS defendeu publicamente a tese *Les Villes Qui Meurent Sans se Dépeupler*, orientada por Georges Sebille e defendida publicamente perante um júri constituído por William Oualid, Pierre Lavedan, Roger Picard, F. Sentenac e [Edouard Fuster], obtendo o diploma de estudos especiais de Urbanismo passado em 13 de julho de 1939[203]. O júri constituído por professores do instituto interrogava o aluno na área que lecionava, prática seguida a partir dos anos de 1920, primeiro na EHEU e depois no IUUP. A partir de 1930 passa o mesmo professor, que orienta a tese, a ser, simultaneamente, o presidente do júri. Durante a sessão de 1927 determina-se que o júri é constituído por um presidente, escolhido pelo aluno, três assessores e pelo diretor do Instituto. No caso de DMS, o diretor desta instituição era William Oualid, Sebille o orientador de Tese e os três assessores eram Picard, Sentenac, Lavedan[204].

David Moreira da Silva entrega e regista a sua tese, para obtenção do diploma em Urbanismo, no dia 24 de fevereiro de 1939, subordinada ao tema *Les Villes qui Meurent Sans Se Depeupler*.

DMS realiza a tese de acordo com um tema por ele escolhido e aceite pelo seu professor orientador e seu presidente de tese, como já foi referido. Neste seu trabalho académico, o estudante de urbanismo demonstra a aquisição das diversas competências adquiridas e necessárias ao exercício da sua futura atividade profissional.

O arquiteto opta por um trabalho que parte do conhecimento da cidade do Porto, através de uma pesquisa documental atualizada, tenta detetar os aspetos a corrigir na cidade, que tão bem conhece, apresenta propostas da melhoria das condições de vida dos habitantes e dos aspetos materiais da cidade nas suas diferentes vertentes. Neste trabalho, o arquiteto urbanista português mostra ter interiorizado os ensinamentos teórico-práticos transmitidos pelos seus professores. De Marcel Poëte, *Evolução das cidades*; de Eduard Fuster e Roger Picard, *Organização social das cidades*; com Jéze, *Organização administrativa das cidades*; com William Oualid, *Organização económica*

[203] FIMS/Monografias/DMS-567, Curriculum Vitae de David Moreira da Silva, 1961, p. 17. Na reprodução do diploma lê-se com alguma dificuldade as assinaturas dos membros que integraram o júri, encontrando-se entre parenteses reto o nome do qual mantemos algumas reservas.
[204] MATUS CARRASCO, op. cit. p. 32

das cidades e *Arte Urbana ou Arte* e *Técnica de construção de Cidades* (Louis Bonnier, Henri Prost, Jacques Gréber e Georges Sebille).

O índice é seguido pelas referências a ilustrações, à Bibliografia dividida em obras de carácter geral: Pierre Lavedan, Le Corbusier e Marcel Poëte; apontamentos das aulas lecionadas no IUUP dos professores Louis Bonnier, R. Picard, William Oualid, Marcel Poëte, Georges Sebille, Henri Prost e François Sentenac; obras de caráter particular como Bergson, Mendes Correia, J. Rey, Paul Valery e Pedro Victorino; periódicos revistas *La Vie urbaine* e *L'Urbanisme;* jornais *O Tripeiro; Boletins da Liga portuguesa de Profilaxia Social e conferências do Observatório da Serra do Pilar, Código Administrativo* de J. L. Dias e finalmente, fotografias.

A iconografia realizada pelo autor da tese resume-se a representações gráficas (a partir de dados estatísticos recolhidos pelo autor) relativos ao número de veículos ligeiros e pesados que circulavam em Portugal nos anos de 1930 por comparação com os dados de 1924; ao movimento populacional do Porto e de Matosinhos antes e após a abertura do Porto de Leixões[205]; duas plantas de casas da zona antiga da cidade, escala de 0.005 P. M; rosa-dos-ventos em horas, em 1935; traçado viário de Viana do Castelo a Coimbra e à Figueira da Foz; perfil de passeios destinados a peões e planta de pistas para ciclistas e duas plantas do rés-do-chão para vias de circulação lenta e do subsolo para vias de circulação rápida à escala de 0.001 P.M.

A maior parte da iconografia utilizada e realizada por autores diversos integra: cartas da Europa (Porto e rede aérea europeia) de Portugal (referência à cidade do Porto e à Província do Entre-Douro-e-Minho. Carta Corográfica de Portugal); plantas históricas (Porto pré-histórico de Mendes Correia e uma planta gravada do Porto em 1813 em Inglaterra, Porto em 1813 e mapa do Império Português), topográfica e parciais do Porto com curvas de nível; ilustrações das diversas pontes do Porto; fotografias de autoria desconhecida das quais destacamos as de casas da Ribeira com legendas críticas do autor, do Porto de Leixões e postal da praia da Foz. Todos os dados estatísticos são retirados de publicações.

Este trabalho de cento e trinta e quatro páginas inclui índices de conteúdos, iconográfico, bibliografia e fontes, sem anexos. As onze notas de rodapé remetem para

[205]FIMS/Monografias/DMS-567 - MOREIRA DA SILVA – *LES VILLES QUI MEURENT SANS SE DEPEUPLER*. Tese apresentada ao Instituto de Urbanismo de Paris, 24 de fevereiro de 1939. David conclui que na tendência demográfica o coeficiente é de diminuição para o Porto enquanto em Matosinhos se verifica um crescimento significativo.

referências a arquitetos, a professores, a datas, um comentário, informações complementares (ex. lei nº 1940 de 3 de Abril de 1936), citação de Marcel Poëte e uma referência bibliográfica a um artigo da *La Vie Urbaine* da autoria de Suzanne Renard.

Esta prova académica possui um prólogo no qual se faz uma breve apresentação da estrutura da tese e dos objetivos pretendidos, assim como a metodologia seguida. Aqui David Moreira da Silva atribui a decadência urbana à ignorância e à neglicência dos homens e propõe algumas soluções para a sua recuperação. Dividida em duas partes distintas, na primeira, uma síntese histórica e quatro capítulos nos quais demonstra algumas hipóteses de recuperar uma cidade doente, fazendo uma breve síntese da evolução da cidade ao longo da história, a partir de uma contextualização da cidade do Porto a nível histórico, geográfico, demográfico, topográfico, urbano (habitação, saneamento). Na segunda parte nos capítulos V, VI e VII apresenta um estudo preliminar de uma das cidades que se encontra nesta situação - o Porto - as soluções propostas para a sua reanimação e os estudos necessários para promover o seu desenvolvimento e garantir boas condições de vida aos seus habitantes.

Nas suas primeiras páginas com título e com a citação de Bergson *A cotê des mondes qui meurent, écrit Bergson, il y a sans doute des mondes qui naissent*[206], David Moreira da Silva remete o leitor para o que será privilegiado no seu trabalho – o estudo integral da cidade entendida como um ser vivo em constante evolução espácio-temporal e para as relações estabelecidas entre a sua organização e os comportamentos daqueles que a habitam. Uma cidade melhor, com caráter, adaptada às condições naturais e às necessidades humanas, recuperável nas suas enfermidades e respondendo a todas os diversos requisitos humanos, em síntese uma cidade em evolução, noção cara ao seu professor Marcel Poëte. Aqui o estudante finalista dos cursos de arquitetura e de urbanismo aplica de uma forma feliz a teoria por si interiorizada e atualizada da jovem e heterogénea ciência da cidade, nas suas diferentes vertentes: a solidária feita pelo apelo a uma reforma político-administrativa e a que se constitui enquanto corpo feito de órgãos especializados, adeptos do zonamento – *o corpo máquina*[207]. A cidade inspiradora do Porto, é aqui entendida enquanto espaço total que se quer *individual e social* [...] *como condição de fazer e dar espaço, como condição de viver plenamente, de suprir a falta que todo o inabitar suscita e que o inabitável revela […] espaço de*

[206] BERGSON, *L'Evolution Créatrice*, p. 268. IN MOREIRA DA SILVA, David – *Les Villes qui Meurent Sans Se Dépeupler*. Disponível em WWW.URL: http://fims.up.pt/.
[207] PAYRE, Reynaud, op. cit. pp. 19-20.

experiências e aprendizagens que devem contribuir para a habitabilidade, para a humanização […][208]. Uma aglomeração com fortes raízes no passado material e espiritual que estuda e que deve ser preservado, portanto um lugar privilegiado da história, da geografia, da sociedade, da economia que deve ser alvo de intervenção planificada, conhecedora, esclarecida e consensual de forma a promover *o estabelecimento de uma nova disciplina de gestão urbanística e as aspirações transformadoras da sociedade*[209].

Na linha de Marcel Poëte, parte das características do espaço geográfico, do lugar embrionário que pressupõe, pelo seu relevo e geologia, um determinado tipo de vias de circulação e de atividades económicas e sociais. Considera resultar o espaço urbano do Porto da interação de diversos vetores: da geografia, geologia do sítio em que se implanta, do tipo de ocupação humana verificada ao longo da sua história e a presente, das suas vias de comunicação e das atividades económicas desenvolvidas. A cidade faz-se com a articulação das particularidades do lugar que impõe determinado tipo de relações sociais e com o tipo de ocupação que o homem fez, ação que transforma a cidade e a organização urbana – caráter do lugar com particularidades únicas que impuseram vetores urbanos também eles específicos do seu lugar. As relações dialéticas estabelecidas entre o lugar e o homem determinam as transformações urbanas.

No primeiro capítulo, Moreira da Silva estabelece algumas considerações sobre as relações existentes entre os lugares escolhidos pelo homem para se estabelecer e as necessidades económicas a que se associam um outro tipo, as imateriais/espirituais, também elas razões importantes da escolha e organização do estabelecimento humano. No segundo capítulo, David traça a evolução do urbanismo, desde o Antigo Egito à atualidade, ligado e determinado pelo tipo a razões diversas (religiosas, funerárias, políticas e administrativas, culturais, geográficas, económicas e financeiras), havendo aqui uma clara valorização da história enquanto disciplina estruturadora do conhecimento e possibilitadora da compreensão da evolução de todos os fenómenos urbanos, uma lição aprendida com Marcel Poëte. De acordo com este historiador há

[208] PAQUOT, Thierry [et, al.]- "Habiter, le propre de L'Humain. Tilles, territoire et philosophie". Paris: Éditions du La Découverte In PEREIRA, Paula Cristina - *Condição humana e condição urbana.* Porto: Edições Afrontamento, 2011, p. 6.

[209] TAVARES, André - *A Morte e Vida da Cidade do Porto. Apontamentos de leitura a propósito da tese de David Moreira da Silva.* In MOREIRA DA SILVA, David – *Les Villes qui Meurent Sans Se Dépeupler*. Op. cit., p. 5.

uma necessidade de compreensão da evolução e da continuidade, para ser possível a prática de um urbanismo que parta do conhecimento da evolução do lugar e do seu caráter. O mesmo é pressuposto para a recuperação e a aplicação de um projeto de urbanização adaptado às novas necessidades, (estética, circulação, higiene …) sem que a população e o sítio percam a identidade.

A cidade do Porto, como qualquer outra cidade evoluiu e essa evolução lê-se a partir de marcas materiais ainda existentes.

No terceiro capítulo, parte da noção de vida de acordo com a filosofia de Bergson para o qual a noção de vida pertence é de ordem psicológica, não tendo por isso correspondência no mundo físico. O estudante português compara a vida de uma cidade a um ser vivo no qual alguns órgãos deixaram de existir ou entram em falência, condenando-os ao seu desaparecimento, à imobilidade ou ainda deixam de ser o que normalmente eram. A cidade, também considerada como um ser vivo, pode estar em risco se for, de alguma forma, afetada no seu desenvolvimento e na sua organização.

Enquanto teórico da cidade Marcel Poëte identifica-a, também, com um ser vivo, cujo passado temos de estudar para poder discernir o seu grau de evolução, um ser que vive sobre a terra e da terra. A sua conceção de cidade como totalidade dotada de uma identidade histórica própria. Este intelectual vê a cidade e entende o urbanismo como uma ciência que se preocupa em primeiro lugar com a qualidade de vida e necessidades primordiais dos seus habitantes e não unicamente com a sua aparência e com problemas meramente estéticos. Considera-a uma ciência complexa responsável por uma observação objetiva, por uma abordagem multidisciplinar e comprometida com a garantia da qualidade de vida dos seus habitantes a par da continuidade dos aspetos que a distinguem – o seu caráter.

Identifica neste terceiro capítulo alguns dos males que afetam a vida do homem na cidade: deficientes acessibilidades, habitações provocados pelo excesso número de habitantes ou de circulação de veículos e a inexistência de um plano de urbanização possibilitador da criação de uma ordem urbana. Especifica os erros de muitas das vias de comunicação e da habitação, considerado o principal problema da cidade, origem da falta de higiene, promotor da promiscuidade, da propagação de doenças e do consequente aumento da taxa de mortalidade e por isso também uma das principais preocupações de qualquer urbanista que tente eliminar os quarteirões deficientes e promover a qualidade de vida da maior parte das populações.

No quarto capítulo do seu trabalho académico, parte de diversos tipos de fontes (linguísticas, arqueológicas e históricas) para caracterizar a história da cidade, da pré-história à atualidade, nas diversas vertentes. Valoriza o sítio que, antecedendo a ocupação humana, contribui para a evolução da cidade e lhe confere carácter e por outro lado a capacidade do homem de se adaptar e de se relacionar com as suas transformações. Conclui ser o Porto uma cidade que se encontra afetada e doente, em virtude da sua desordem urbana que persiste por falta de um plano de urbanização. Enumera de seguida alguns dos seus males: circulação defeituosa, vias estreitas, fábricas instaladas em sítios impróprios, deficiente rede de saneamento, habitação responsável pela falta de saúde. Relativamente à habitação, parte do exemplo de casas localizadas na Ribeira e crítica a falta de condições mínimas de habitabilidade condigna a partir de legendas com um certo humor[210].

Inicia a segunda parte do trabalho com a citação de Marcel Poëte *o urbanismo é uma ciência que só agora se encontra no seu início e na qual os seus progressos se perdem nas longínquas maravilhas, em que a nossa confiança nos leva a acreditar numa humanidade melhor, a nível moral e físico. O urbanismo é em si próprio uma síntese da vida dos homens em sociedade.* Problematiza no V capítulo a dimensão das cidades e o seu ritmo, pondo de parte, por considerar ridícula, a possibilidade de um retorno à natureza e o abandono da cidade. Considera que a visão da cidade não pode ser maniqueísta e valoriza o papel do urbanista que considera o responsável por possibilitar ao cidadão viver de uma forma equilibrada na cidade moderna pensada para o homem: salubre, ensolarada, alegre, bela e segura …

No VI capítulo propõe soluções para problemas urbanos que passam pela existência de um plano prévio e flexível, da atuação esclarecida e atempada de todos os responsáveis através do recurso ao trabalho em equipa sob a orientação de um urbanista e tendo em conta as especificidades locais (geológicas, climáticas, económicas, sociais, religiosas, culturais, político administrativas) integradas em contextos mais alargados, regional, nacional e internacional. Aqui se encontram presentes ensinamentos dos seus dois outros professores – Henri Prost e Gréber –, homens pragmáticos e defensores do trabalho em equipa dos vários técnicos que intervêm na cidade, homens com diversas formações, mas partilhando das mesmas preocupações – a ordem urbana e qualidade de vida dos seus habitantes. Preocupações estéticas (arranjo paisagístico, composição

[210] Consultar Síntese da Estrutura da Tese II vol. pp. 90 a 99.

monumental, alinhamentos, loteamento, organização do quarteirão), o alojamento, as acessibilidades, a ligação com os subúrbios, a ideia de zonamento – higiene, circulação e estética são as vertentes a ter em conta aquando da elaboração de um plano urbano devidamente contextualizado.

No sétimo e último capítulo da sua tese, o aprendiz de urbanismo apresenta algumas propostas para salvar a cidade. A primeira é sem dúvida a da existência de um plano de conjunto/diretor e de um zonamento feitos por um urbanista consciente e isento conjuntamente com outros técnicos que devem antecipar os diferentes problemas (solo, população, atividades económicas culturais, artísticas, transportes …). Constata a falta de habitação ou a existência em condições precárias e pouco dignas, transportes em número insuficiente assim como vias de comunicação, uma preocupação excessiva em "fazer bonito" e "nada resolver" de que é exemplo o centro cívico da cidade da Avenida dos Aliados.

Algumas soluções propostas: a edificação a nível local de cerca de 5.000 a 10.000 habitações em altura ou não, casas condignas, sãs e de qualidade dotadas de água corrente rede de saneamento, o fim das "ilhas", condições sanitárias que diminuam o alastrar de doenças endémicas, educação alimentar da população, um plano de saúde, dois parques infantis (um na zona Oriental e outro na Ocidental da cidade), uma zona verde que contribua para a purificação do ar e proteja a cidade dos ventos, organização de assistência social pública, centros de apoio social a grávidas e mães, distribuição de leite, ensino oficial, dignificação dos estabelecimentos de ensino … Estabelece diretrizes a observar a nível regional, nacional e internacional de molde a promover o desenvolvimento de uma cidade onde se imponha uma ordem urbana.

David Moreira da Silva põe em prática todas as lições aprendidas no IUUP, do higienismo à solidariedade social, passando pelo direito aplicado à regulamentação municipal, pela organização económica – tudo pensado a nível nacional e internacional, num espírito de trabalho em equipa, inter e multidisciplinar de que o urbanista é o "maestro" de uma vasta equipa técnica em colaboração com as instituições político-administrativas.

Pretende portanto apreender a totalidade do espaço urbano e das condições humanas, contribuir para a dignificação de um espaço simbólico e por isso complexo, cheio de incertezas.

1.2. Maria José Marques da Silva Martins (1914-1994)



Fig. 126
FIMS/MSMS/Foto1596
a P/B.



Fig. 127
FIMS/MSMS/Foto1041



Fig. 128
José Marques da Silva, fotografia a P/B de Octávio Bobonne, Lisboa s.d.
FIMS/MSMS/Foto1103



Fig. 129
[D. Amélia Lopes Martins de Oliveira?], D. Júlia, Maria Amélia, Marques da Silva e Maria José, em Barcelos?
FIMS/MSMS/Foto0016

À sua formação em arquitetura não será estranha a circunstância de ser filha de um conceituado arquiteto portuense e português José Marques da Silva responsável por um ateliê, diretor e professor das cadeiras de Arquitetura e Construção na Escola de Belas Artes do Porto[211]. O seu primeiro encontro com esta área artística fez-se, desde sempre, num núcleo familiar particular marcado pela referência do pai que a moldaria, academicamente, profissionalmente e pessoalmente e de quem nunca se separaria. Outro encontro futuro determinaria a sua permanência enquanto arquiteta, continuadora da obra paterna, o casamento com o arquiteto, urbanista, professor e colega inseparável nos projetos do ateliê e da vida.

Nascia no dia sete do mês de setembro de 1914 na casa ateliê, projetada pelo pai, o arquiteto Marques da Silva, sita à Praça Marquês de Pombal, nº 44 da freguesia do

[211] Marques da Silva foi professor interino de Arquitetura em 1906, substituindo o anterior regente da Cadeira da Academia Portuense, José Geraldo da Silva Sardinha, e professor proprietário da cadeira de Arquitetura Civil em 26 de julho de 1907 até 1939 e professor da 8ª cadeira de Construção; Diretor da EBAP em 17 de março de 1913, substituindo o anterior Diretor, Marques de Oliveira, eleito Diretor interino em 1916 e substituído em 1918; diretor interino a 2 de Outubro de 1929, nomeado diretor em 22 de Junho de 1931 a 1939. Cf. CARDOSO, António – *O Arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do século XX*. Porto: FAUP publicações, 1997, pp. 161,172- 177; CANTO MONIZ – Gonçalo Esteves de Oliveira do - *O Ensino Moderno da Arquitectura. A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69*). Coimbra: Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2011, dissertação de Doutoramento em Arquitectura, 2 vols, p. 109. FERNANDES, Eduardo Jorge Cabral dos Santos - *A Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola.* Guimarães: Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, 2010, tese de Doutoramento em Arquitectura, Área de Conhecimento de Teoria e Projecto, p. 31 e notas 6 a 9.

Bonfim da cidade do Porto, Maria José Marques da Silva Martins[212], assim registada e identificada oficialmente como filha do citado arquiteto e de sua mulher Dona Júlia Lopes Martins Marques da Silva, dona de casa, de quarenta anos de idade. Segunda filha do casal frequenta o Liceu Carolina Michaëlis[213] e matricular-se-ia com dezoito anos nos exames de admissão relativos às provas artísticas para seguir o curso Especial de Arquitetura Civil e frequentar a 11ª cadeira dos cursos de pintura e de escultura, na Escola de Belas Artes do Porto.

[212] A referência, nesta tese, à arquiteta pelo nome de Maria José Marques da Silva Martins (nome assumido em todos os documentos oficiais) justifica-se como um critério de uniformização, uma vez que em diferentes momentos de vida ou em momentos simultâneos, assina de diferentes formas como Maria José Marques da Silva, Maria José Marques da Silva Martins, Maria José Moreira da Silva, Maria José Marques Moreira da Silva.

[213] AESBAP – Processo de aluna, em 6 de setembro de 1933 e habilitada com *o exame de saída do curso geral dos liceus*, é uma candidata ao 1º ano do Curso Especial de Arquitectura civil e da 11ª cadeira dos cursos especiais de pintura e escultura: História; geografia histórica; etnografia à Escola de Belas-Artes do Porto, matriculando-se naquela data para fazer o exame de admissão para prestar provas de caráter artístico para se poder vir a matricular naquela instituição.

1.2.1. A EBAP – Formação e trabalhos académicos
1.2.1.1. Os cursos Especial e Superior de Arquitetura



Fig. 130



Fig. 131

Fig. 130 - Cartão de Identificação de Aluna na EBAP de Maria José Marques da Silva Martins, Ano Letivo 1935/36. FIMS/MSMS/3746

Fig. 131 - Maria José, colegas de curso e Prof. Acácio Lino na EBAP [1934?] da 3ª cadeira. FIMS/MSMS/Foto3424



Fig. 132



Fig. 133

Fig. 132 - Maria José Marques da Silva Martins numa aula da EBAP s/d [1934] 2ª cadeira Prof. Manuel Marques. FIMS/MSMS/Foto6009

Fig. 133 - Maria José Marques da Silva Martins numa aula da EBAP s/d [1934] 2ª cadeira Prof. Manuel Marques. FIMS/MSMS/Foto6010

A 6 de setembro de 1933, requer o exame de admissão àquela escola, presta provas de caráter artístico para futura matrícula no 1º ano do curso Especial, cadeiras do primeiro ano e 11ª cadeira dos cursos especiais de pintura e de escultura, de acordo com a nova legislação em vigor (1931/1932).

De 1933 a 1939, nos anos em que Maria José se encontra a frequentar os cursos Especial e Superior de Arquitetura Civil na Escola de Belas Artes do Porto, o arquiteto José Marques da Silva exercia as funções de diretor e professor das cadeiras de Arquitetura Civil e Construção respetivamente 4ª e 8ªs cadeiras[214]. Este arquiteto terá contribuído para a nova Reforma do Ensino Superior das Escolas Superiores de Belas Artes de Lisboa e do Porto, decreto nº 19:760 de 20 de maio de 1931, que altera o modelo de ensino anteriormente praticado pela Reforma de 1911 e o organiza de acordo com a estrutura existente na *École des Beaux-Arts:* um exame de admissão ao curso Especial de quatro anos e o acesso ao curso Superior sem presença obrigatória dos

[214] CANTO MONIZ, op. cit., pp. 109.

alunos que deveriam prestar os concursos de emulação *segundo as regras do esboceto, do projecto definitivo e das recompensas em vigor na École*[215].

Este decreto valoriza a formação artística enquanto expressão pessoal de cada indivíduo sobre a realidade que se manifesta de forma única. Assim, a nova regulamentação deste tipo de ensino tem como objetivo o desenvolvimento individualizado do ato criativo. Prevê a continuação de um curso especial com a duração de quatro anos, destinado à aquisição dos conhecimentos de cada aluno que verá assim aumentar a sua cultura geral e os princípios fundamentais ao desenvolvimento de uma das artes e, seguidamente, um superior onde o aluno poderá expressar-se já como artista que será avaliado e competirá, tal como nas Beaux-Arts, através de concursos de emulação. Uma das grandes inovações desta reforma respeita à organização dos cursos superiores cuja frequência mais flexível, só exige a presença dos alunos aquando da realização dos muitos concursos por ano, sendo obrigatória a participação em duas provas anuais em Grandes Composições, Esboceto, Arqueologia, Construção e Urbanização.

Nesta nova organização o curso preparatório geral desaparece e é substituído por um exame de admissão que avaliará da preparação de cada candidato e das suas aptidões artísticas. De acordo com Canto Moniz esta terá sido *Uma solução, por um lado, mais reformista e, por outro mais equilibrada […] fica adoptada a estrutura da École com a 2ª Classe, teórico-prática, e a 1ª Classe, prática através de concursos*[216].

O Curso Especial partia *do Desenho, da História e da Matemática, no 1º ano, para a Composição de Arquitectura, a Construção e a História da Arte, no 4º ano […] a especificidade e o aprofundamento do 4º ano já dava os instrumentos e os conhecimentos para a prática do projecto que iria consolidar no Curso Superior*[217].

José Marques da Silva aposta na sua formação parisiense como referência para a sua prática pedagógica – uma estética Beaux-Arts, adaptada à realidade educativa portuguesa e aos diversos contextos nacionais. Enquanto professor da EBAP, Arquitetura (4ª cadeira) e Desenho Arquitetónico e de Construção e de Salubridade das Edificações (8ª cadeira), implementa o regime de concursos para formação e avaliação dos discentes e a atribuição de um professor para cada uma das disciplinas aí lecionadas. O espaço da escola é exíguo e o arquiteto irá preocupar-se com a conquista

[215] CANTO MONIZ, op. cit., pp. 104.
[216] CANTO MONIZ, op. cit., pp. 103.
[217] CANTO MONIZ, op. cit., pp. 105.

de um novo espaço para a EBAP. Enquanto professor procura formar os alunos como profissionais preparados para os desafios do seu tempo e aquando da frequência, na década de 1930, de Maria José como aluna e futura arquiteta, os temas estudados estão intimamente ligados às preocupações políticas do Estado Novo de promoção de equipamentos que faltam ao país "*Liceu" (1935), "Um Instituto Técnico" (Curso Superior, 1936), "Tribunal" (Curso Superior, 1936), "Estação de Camionetas", (Curso Superior, 1937), "Pousada" (Curso Superior, 1939).*[218] Na sua tese de doutoramento Canto Moniz irá ainda afirmar, relativamente à filha de Marques da Silva, que *os trabalhos escolares de Maria José, realizados entre 1933 e 1938, submetem-se à tradição clássica não acompanhando a renovação de linguagens que entretanto se processava no ateliê da Praça Marquês de Pombal*[219].

Maria José Marques da Silva Martins frequenta com aproveitamento todo o curso que lhe conferirá o diploma de arquiteta, com a menção de dezoito valores (Distinta)[220].

No ano letivo de 1933/34[221], encontra-se no 1º ano do Curso Especial de Arquitetura Civil, respetivamente as 1.ªs partes da 1ª cadeira – *Elementos de Geometria descritiva; perspetiva; teoria das sombras;* da 2ª cadeira – *Estilos Ornamentais; ornamentação do natural - estudo comparado (desenho e modelação)*; da 3.ª *Desenho de figura do antigo (cabeça e torso);* 8.ª cadeira – *ordens e trechos arquitetónicos (desenho a traço aguarelado),* 11ª *História* e 13.ª cadeira *Álgebra; geometria analítica, trigonometria plana*[222].

Em 1934/35, Maria José frequenta o segundo ano do curso iniciado, as cadeiras de *Geometria Descritiva; estereotomia* (1ª, 2ª parte), a de *Desenho de figura do antigo (estátua) e do modelo vivo* (3ª, 2º e 3ª partes), *Arquitetura – edifícios e monumentos da*

---

[218] *Idem*, p. 111.
[219] *Idem*, p. 113.
[220] FIMS/MSMS/2538 – Diploma de Arquiteta passado pela EBAP em 17 de agosto de 1943.
[221] Não encontramos no AESBAP qualquer referência às classificações de Maria José para o ano letivo de 1933/34 do Curso Especial de Arquitetura, aliás o único ano. Podemos, no entanto, acompanhar o seu percurso académico para este e para todos os restantes anos que frequentou a EBAP, através dos inúmeros estudos, esboços e desenhos que integram a FIMS. Houve que fazer uma prévia seleção dos primeiros desenhos. Cf II Vol., pp. 106 a 117.
[222] AESBAP – Processo de aluna e Livro de Matrícula nos Cursos Especiais (Cota 378, fl. 37v -38, matrícula nº 38). No primeiro documento, datado de 19 de setembro de 1934 a aluna refere que pretende matricular-se em todas as cadeiras do segundo ano do Curso Especial de Arquitetura Civil por ter sido aprovada em todas as cadeiras do 1º ano e da 11ª cadeira (1ª parte) e pretende frequentar ainda a 7ª. cadeira (1ª parte): Modelação do antigo (cabeça e torso) dos cursos de pintura e de escultura. No segundo documento não foi encontrada qualquer referência às notas de exames da aluna.

antiguidade (desenho a traço aguarelado); elementos analíticos (4ª, 1ª parte), *História; geografia histórica; etnografia* (11ª, 1ª parte), *elementos de cálculo integral e diferencial; mecânica* (13ª, 2ª parte). Neste dois primeiros anos, a par da formação científica, há uma preocupação pelo aperfeiçoamento e domínio do desenho a partir da cópia de modelo e o domínio das proporções das ordens arquitetónicas. Nos dois anos seguintes, privilegia-se a prática da composição arquitetónica e construção de edifícios na formação da arquiteta.

O 3º ano frequentado em 1935/36, a arquiteta estuda *Estilização; composição ornamental* (2ª cadeira, 2ª parte), *Arquitetura – elementos analíticos; pequenas composições* (4ª cadeira, 2ª parte), *História da Arte na Antiguidade* (9º cadeira, 1ª parte), *Estática gráfica; resistência de materiais. Estabilidade (aplicações no ferro, à pedra e à madeira)/topografia* – 14ª cadeira, 1ª e 3ªs partes.

Cursa no ano letivo de 1936/37: *Arquitetura – composição* (4ª cadeira, 3ª parte), *Prática da construção (estudos parciais e pequenos projetos de conjunto); salubridade de edificações* (8ª cadeira, 2ª parte), *Arte Medieval e Moderna* (9ª cadeira, 2ª parte) e *Construções metálicas; betom armado* (14ª cadeira, 2ª parte). No fim deste 4º ano do Curso Especial realizou os exames finais para cada uma das cadeiras referidas com os temas: Biblioteca Municipal para 4ª cadeira, 3ª parte, onde obteve uma segunda medalha; Construção (8ª cadeira 2ª parte), dezasseis valores[223].

Com 23 anos de idade matricula-se no ano letivo de 1937/38 no Curso Superior de Arquitetura que concluiria em 1938/39. Alguns exemplos dos seus trabalhos académicos encontram-se representados na página seguinte, como forma de confrontar a palavra e as considerações sobre características técnicas do desenho, da composição face ao tema/programa, espírito criativo, domínio das técnicas da tinta-da-china, pastel, aguada, carvão e grafite, com as imagens.

Através desta nova reforma o desenho técnico até então exigido é pouco a pouco substituído pela conceção do desenho artístico. Aluna de um ensino fortemente ancorado à tradição *beauxartiana* ligada a uma reforma do ensino que pretende formar o arquiteto-artista[224], desenvolve trabalhos de caráter clássico não se atrevendo a

[223] Ver II vol., pp. 97-98: cadeiras frequentadas por Maria José Marques da Silva Martins e avaliações de exames, quadro realizado a partir de informações constantes no livro de Matrículas dos Cursos Especiais – Cota 378, fls 37v/38 da AFBAUP e desenhos Académicos na EBAP.
[224] CANTO MONIZ, op. cit., p. 27.

transgredir e a tentar algumas incursões no moderno como foi o caso do colega, o arquiteto Viana de Lima.

Dos exemplos de alguns dos trabalhos académicos que Maria José executa no curso Especial de Arquitetura, destacamos aqueles em que a formação de base clássica é exercitada na cópia de ordens, é o fundamento da composição onde as regras geométricas regulam o processo de pensar, garantindo o equilíbrio tão caro ao sistema Beaux-Arts. Observamos nas figuras 134 a 141 trabalhos do 1º Ano de *Elementos de Geometria Descritiva, Teoria das Sombras, Estilos Ornamentais, Desenho de Figura do Antigo, Ordens e trechos Arquitetónicos,* respetivamente da primeira parte da 1ª, 2ª 3ª e 8ª cadeiras e nas figuras 142 a 145, segundas partes das 1ª e 3ª cadeiras do 2º ano, exercícios que, como já referimos, pretendem dar uma formação científica e revelam uma preocupação pelo aperfeiçoamento e pelo domínio do desenho a partir da cópia de modelo e o domínio das proporções das ordens arquitetónicas. Nos 3º e 4ºs anos, como podemos analisar nos trabalhos realizados e representados nas figuras números 147 a 157 para as cadeiras de *Composição Arquitetónica (composição e elementos analíticos) e Construção,* a aluna desenvolvia competências na sua formação de arquiteta. Os projetos realizados para estas duas últimas cadeiras, a par das peças desenhadas, tinham de integrar memórias descritivas[225].

Aluna de António Bonfim Barreiros (1ª cadeira – *Geometria Descritiva e Estereotomia)* de Manuel Marques (2ª cadeira – *Ornamentação, Estilização e Composição Ornamental*) de Acácio Lino (3ª cadeira - *Desenho de Figura do Antigo e Modelo Vivo*), de Marques da Silva (4ª e 8º cadeiras, respetivamente *Arquitetura e Desenho Arquitetónico e de Construção e de Salubridade das Edificações*), de Aarão de Lacerda (9ª e 10ª cadeiras respetivamente *História Geral da Arte e Arqueologia Artística Geral e Portuguesa*), de Miguel de Mendonça Monteiro (11ª cadeira – *História, Geografia Histórica e Etnografia*), de Álvaro Lima (13ª cadeira – *Álgebra, Geometria Analítica e Trigonometria Plana. Elementos de Cálculo Integral e diferencial. Mecânica*) e de Júlio José de Brito (14ª cadeira – *estática Gráfica, resistência dos materiais, construções metálicas, betão armado e topografia*).

Durante o Curso Superior de Arquitetura, Maria José completa a sua formação através de projetos de grande composição e esbocetos, a par de trabalhos realizados no âmbito da urbanização e arqueologia. Projetos que privilegiam o desenho geométrico,

[225] Cf. II Vol., pp. 118-132.

integram os três elementos complementares da composição: a planta, o corte e o alçado, em exercícios de composição de edifícios estruturalmente mais complexos, no âmbito da arquitetura religiosa, de equipamentos culturais e administrativos, a par de outros pensados para um determinado espaço, num claro exercício de integração num determinado lugar. Nas figuras 158 a 166 destacamos alguns trabalhos de grande composição, realizados entre 1937 e 1939, premiados: 1ª menção – Um baptistério, 1ª Medalha – Um Museu Histórico- para a 4ª cadeira *Arquitetura*; 2ª medalha – Um Parque e Esplanada de Peregrinação- para *Urbanizaçã*o; 1ª menção – projeto de Restauro de Igreja Demolida - para a 10ª cadeira de *Arqueologia* e 2ª medalha – Uma Igreja Paroquial- para a 4ª cadeira de *Arquitetura*. À semelhança do que acontecia na ENSBAP, estes trabalhos, realizados na EBAP, eram apresentados nos concursos de emulação e as menções e medalhas correspondiam a pontos/valores cuja acumulação permitia a conclusão do curso superior; só depois o aluno poderia fazer o tirocínio, apresentar o seu trabalho final e obter o diploma de arquiteto[226].

Nos cursos Especial e Superior de Arquitetura, nos esbocetos e projetos a apresentar, os alunos incluíam peças desenhadas (planta, corte e alçado) feitas a partir de um programa que lhes era atribuído e no qual se definiam o tema, as técnicas a utilizar e, na memória descritiva, a localização, o seu caráter, os materiais a empregar, as dimensões a respeitar, a escala. Tal como na *école* o projeto definitivo apresentado numa só folha, deveria respeitar os desenhos dos esbocetos: *Os desenhos serão passados a tinta da china e aguarelados, devendo ser indicado o aparelho de fachada e corte*.[227]

Maria José frequenta a EBAP após a implementação da nova Reforma do Ensino Superior das Escolas Superiores de Belas Artes de Lisboa e do Porto decreto nº 19:760 de 20 de maio de 1931. O ensino, nesta instituição superior, encontra-se organizado de acordo com a estrutura existente na ENSBAP através da prestação de um exame de admissão ao curso Especial com a duração de quatro anos e o acesso ao curso Superior sem presença obrigatória dos alunos que deveriam prestar os concursos de emulação

[226] Ver II vol. p. 102.
[227] Ver II vol., p. 118. Programa do Concurso/Exames de Maria José Marques da Silva Martins na EBAP. Curso Especial de Arquitetura *Entrada principal de um Campo Desportivo.* Ano Letivo 1934/35. Nas pp. 118 a 132 do mesmo volume encontram-se grande parte dos programas e os projetos apresentados por Maria José nos Concursos dos Cursos especial e Superior de Arquitetura da EBAP.

segundo as regras do esboceto, do projecto definitivo e das recompensas em vigor na École[228].

Os concursos eram de dois tipos: pequenos exercícios/esbocetos que respeitando o programa apresentado pretendiam que o aluno escolhesse o seu *parti* ou elemento dominante de uma composição e os projetos finais ou exercícios realizados de acordo com o esboceto realizado.

[228] II Vol., p. 101. No Curso Superior através dos concursos de emulação às diferentes disciplinas, os alunos obtinham menções e medalhas a que correspondiam pontos que permitiam terminar o curso superior.

Alguns trabalhos realizados por Maria José Marques da Silva Martins no Curso Especial de Arquitetura Civil (Programa da Reforma de 1931/32) de1933/34 a 1936/37

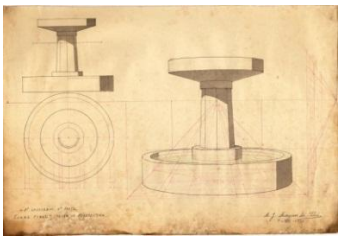


Fig. 134 - Perspectiva – 1º Ano 1ª cadeira 1ª parte. Exame Final - Tinta -da -China e aguada. Assinado: Maria José Marques da Silva, 9 VII 1934. FIMS/MSMS/1915-4081



Fig. 135 - 1º Ano 1ª cadeira 1ª parte. Exame Final em Teoria das Sombras. Tinta-da-China e aguada Assinado: M. J. Marques da Silva, 10 de julho de 1934. FIMS/MSMS/1915-4073



Fig. 136 - Desenho de figura do antigo 1º Ano 3ª cadeira, 1ª parte Técnica – pastel. Não assinado, s/d. [1934]. FIMS/MSMS/3808



Fig. 137 - Desenho e modelação? 1º Ano 2ª cadeira, 1ª parte Técnica: carvão. Não assinado, s/d. [1934]. FIMS/MSMS/3807



Fig. 138 - Desenho de Figura do Antigo – Cabeça, 1º ano, 3ª cadeira, 1ª parte. Técnica: carvão. Assinado: Maria José Marques da Silva, 1934. FIMS/MSMS/3275

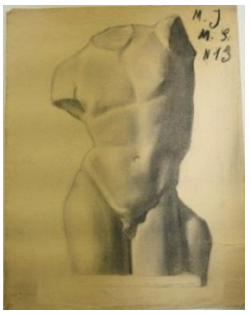


Fig. 139 - Desenho de Figura do Antigo – Torso, 1º ano,3ª cadeira, 1ª parte. Técnica: carvão. Assinado M. J. M. S., 1934. FIMS/MSMS/3809

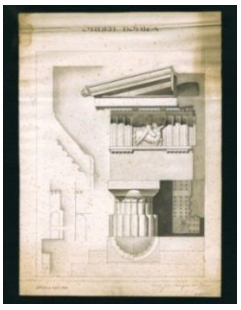


Fig. 140 - Ordem Dórica, 1º ano, 8ª cadeira, 1ª parte. Técnica: carvão. Assinado: Maria José Marques da Silva, s.d. FIMS/MSMS/1913-4072

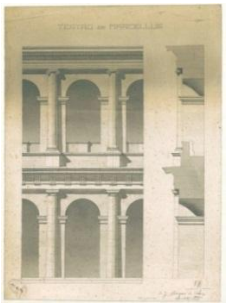


Fig. 141 - Teatro de Marcellus, 1º ano, 8ª cadeira, 1ª parte, Assinado: M. J. Marques da Silva, 28 de julho de 1934. FIMS/MSMS/1913-4070

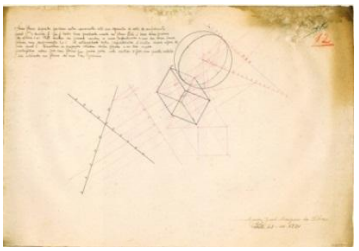


Fig. 142 - 2º ano, 1ª cadeira, 2ª parte, exercício de Geometria Descritiva. Assinado: Maria José Marques da Silva, 22-XI-1935. FIMS/MSMS/1915-4078

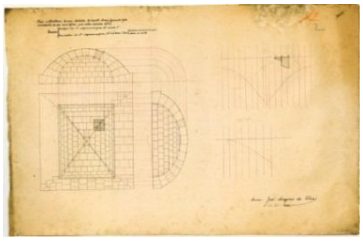


Fig. 143 - 2º ano, 1ª cadeira, 2ª parte, exercício de Geometria Descritiva. Assinado: Maria José Marques da Silva, 22-XI-1935. FIMS/MSMS/1915-4077



Fig. 144 - 2º ano, 3ª cadeira, 2ª parte, Desenho do modelo vivo Assinado M. J. M.S, s.d.. FIMS/MSMS/3810



Fig. 145 -*Motivo Central de Escadaria* 2ª Medalha. 4ª cadeira, 1ª parte do 2º ano Assinado: Maria José Marques da Silva, II-VI-1935. FIMS/MSMS/1928-2598

Alguns trabalhos realizados por Maria José Marques da Silva Martins no Curso Especial de Arquitetura Civil (Programa da Reforma de 1931/32) de1933/34 a 1936/37



Fig. 146 – 3º ano, 2ª cadeira, 2ª parte, Estilização, Composição Ornamental *Uma coluna Decorativa*. Não Assinado 23-05-1935. FIMS/MSMS/2605-2605



Fig. 147 - 3º ano, 4ª cadeira, 2ª parte, Arquitetura Elementos Analíticos. *Um muro Monumental.* Assinado por Maria José Marques da Silva, 7-12-1935. FIMS/MSMS/1949



Fig. 148 - 3º ano, 4ª cadeira, Arquitetura - pequenas composições *Estudo de uma arcada.* Assinado por Maria José Marques da Silva, 1936. FIMS/MSMS/2054



Fig. 149 - 4º ano, 4ª cadeira, 3ª parte *Um Museu.* Assinado: Maria José Marques da Silva, 1936. FIMS/MSMS/1940-2580



Fig. 150 - 4º ano, 4ª cadeira, 3ª parte. Arquitetura Composição. *Paços do Concelho* Fachada Principal. Assinado: Maria José Marques da Silva, 20-III-1937. FIMS/MSMS/2291-2604

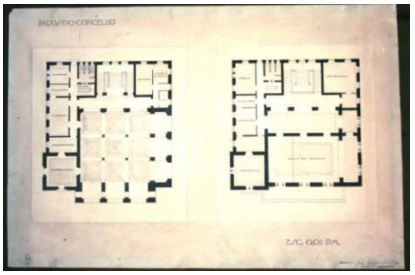


Fig. 151 - Paços do Concelho–Plantas Escala 0,01 P. N. Assinado: Maria José Marques da Silva, 20-III-1937. FIMS/MSMS/2587

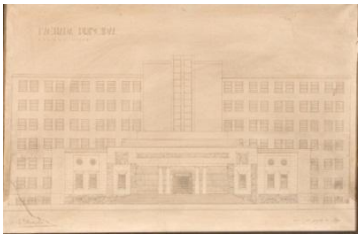


Fig. 152 - 4º ano, 4ª cadeira, 3ª parte. Arquitetura. Composição. *Biblioteca Municipal* (Fachada), 2ª Medalha, Fachada. FIMS/MSMS/1937-0005

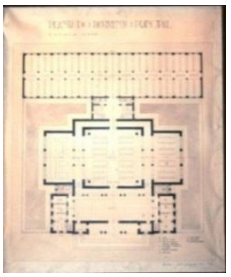


Fig. 153- 4º ano, 4ª cadeira, 3ª parte. Arquitetura. Composição. *Biblioteca Municipal* – planta do pavimento Principal, 2ª medalha. Trabalho de exame final do 4º ano do curso de arquitetura Assinado Maria José Marques da Silva,1937. FIMS/MSMS/1937-2031

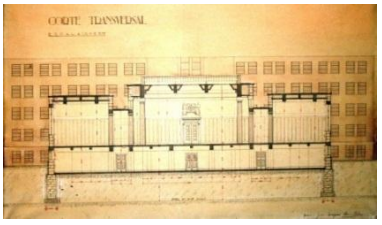


Fig. 154 - 4º ano, 4ª cadeira, 3ª parte. Arquitetura. Composição. *Biblioteca Municipal*, Corte Transversal, 2.ª medalha. Trabalho de exame final do 4º ano do curso de arquitetura. Maria José Marques da Silva, 1937. FIMS/MSMS/1937-2034

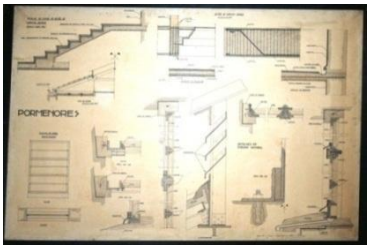


Fig. 155 - 4º ano, 14ª cadeira, 2ª parte. Exame Final de Construção- 1937. FIMS/MSMS/1932-2606

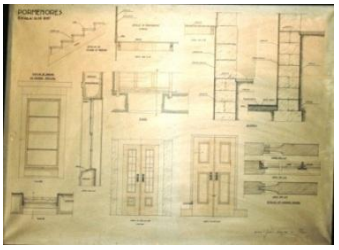


Fig. 156 - 4º ano, 14ª cadeira, 2ª parte Exame Final de Construção-1937. FIMS/MSMS/1932-2607

Alguns trabalhos realizados por Maria José Marques da Silva Martins no Curso Superior de Arquitetura Civil (Programa da Reforma de 1931/32) de1937/38 a 1938/39



Fig. 157 - 4ª cadeira 4ª parte–Projecto esboceto de Grande Composição. *Baptistéri*o. Assinado: Maria José Marques da Silva, 22 XII 1937. FIMS/MSMS/1950-3263

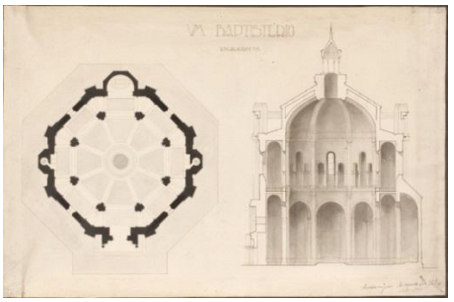


Fig. 158 - 4ª cadeira 4ª parte, esboceto de Grande Composição *Baptistério* Planta- Curso superior 1ªMedalha. Assinado: Maria José Marques da Silva, 22 XII 1937. FIMS/MSMS/1942-3263



Fig. 159- *Um Museu Histórico* -Fachada Principal- Curso superior 1ª Medalha. Assinado: Maria José Marques da Silva, 20 de janeiro de 1938. FIMS/MSMS/1942-2599

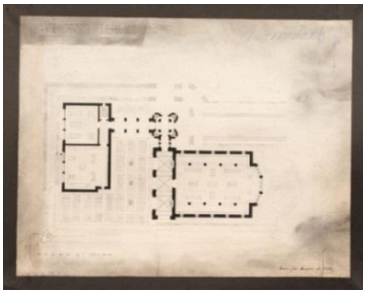
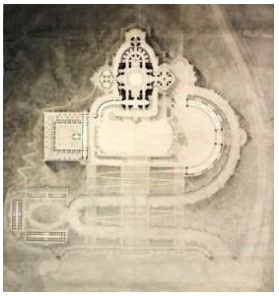


Fig. 160 - *Um Museu Histórico*, Planta- Curso superior 1ªMedalha. Assinado: Maria José Marques da Silva, 20 de janeiro de 1938. FIMS/MSMS/1942-2603



Fig. 161 - 4ª cadeira, 4ª parte. *Um Parque e Esplanada de um Templo de Peregrinação*, 2ª Medalha. Assinado: Maria José Marques da Silva 20/05/1938. FIMS/MSMS/1921-2592



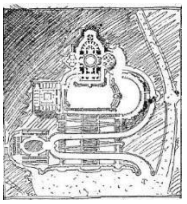


Fig. 162 e 163 - DUQUESNE, Eugène-Joseph-Armand – "Une Église votive dans un lieu de pèlerinage célèbre", Grand Prix de Rome, 1897. In LUCAN, op. cit, p.335

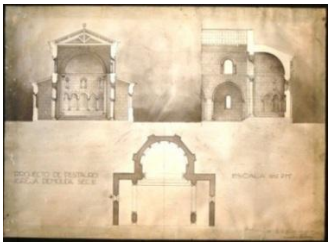


Fig. 164 - 10ª cadeira 2ª parte. *Projecto de Restauro de Igreja Demolida*, Cortes, planta. Assinado: Maria José Marques da Silva, 26/07/1938. FIMS/MSMS/1953-2588



Fig. 165 - Projeto de Grande Composição. *Uma Igreja Paroquial*, Fachada principal, 2ª medalha. Assinado: Maria José Marques da Silva, 05/05/1938. FIMS/MSMS/1933-2587

1.2.1.2. Provas Finais e Diploma de Arquitetura



Fig. 166

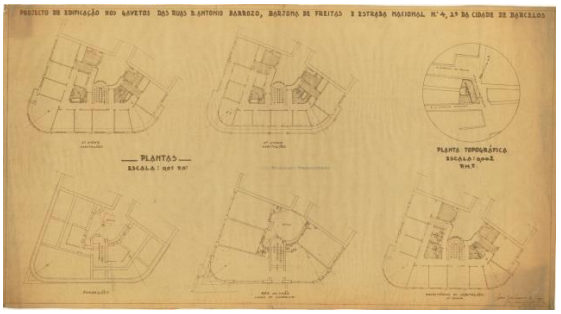


Fig. 167

Fig. 166 - Prédio no gaveto das ruas de D. António Barroso, Barjona de Freitas, Barcelos. FIMS/MSMS/Foto1098

Fig.167 - Plantas do subsolo, r/ch, 1º, 2 e 3º andares no gaveto das ruas de D. António Barroso, Barjona de Freitas, Barcelos. FIMS/MSMS/0149-4064



Fig. 168

Fig.168 - [julho de 1943] Maria José defendendo a prova final para obtenção do diploma de Arquiteta. FIMS/MSMS/Foto2041

Terminado o curso especial em 1939, a arquiteta faria o tirocínio de 1939 a 1943 sob orientação do pai, o arquiteto José Marques da Silva[229] e prepararia a sua tese que defenderia publicamente, em 1943, subordinada ao tema *A Casa das Rendilheiras.*

Durante o período de tirocínio, Maria José dirigiu *in loco* os trabalhos de construção num terreno que a família possuía em Barcelos[230], segundo um projeto elaborado com o arquiteto Marques da Silva, em 1939, de um prédio de gaveto com as ruas António Barroso, Barjona de Freitas e Estrada Nacional Nº 4. De acordo com o

[229] O arquiteto jubilou em 1939.
[230] Cf. FIMS/MSMS/4389 – *curriculum vitae de Maria José Marques da Silva Martins*, 1977 e FIMS/MSMS/0149 – Peças escritas e desenhadas do projeto do Prédio a construir no gaveto das ruas D. António Barroso e Barjona de Freitas em Barcelos.

Art. 58º do Decreto n. 21.662 de 12 de setembro de 1932[231], no seu § único *O diploma de arquitecto só será passado quando o aluno prove ter feito dois anos de tirocínio prático profissional em obras do Estado ou em escritórios de arquitectos diplomados*. No Decreto nº 26.347 de 11 de fevereiro de 1936, instituiu-se o CODA ou Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquiteto nas Escolas de Belas-Artes de Lisboa e do Porto, documento onde se regula o tirocínio e o Coda[232].

Durante os anos em que se encontrava em tirocínio, Maria José preocupou-se em interiorizar e praticar toda a conceção e execução de um projeto arquitetónico em todas as suas etapas, aprendizagem que aplicará no ateliê que partilhará com David Moreira da Silva. Tem em conta as características do requerente, o tipo de encomenda, os contactos com o poder local para a elaboração do projeto, partindo das necessidades e objetivos da edificação a realizar (desenho a partir do domínio do espaço, cálculos, representação espacial), no domínio pleno do vocabulário e do sistema construtivo, na assunção pela responsabilidade de execução da obra, à elaboração do caderno de encargos e da memória descritiva e justificativa, à direção da obra *in loco*. Esta experiência exige-lhe o contacto com a prática da edificação de um prédio de rendimento num espaço complexo o que a exercitará para a resolução *in situ* de algumas questões que terá de solucionar e lhe permitirá a aquisição de uma prática profissional caracterizada por uma ação dinâmica e pragmática na concretização da obra.

Familiarizada com o ateliê do arquiteto Marques da Silva, Maria José apresenta um trabalho final CODA preparado nesse ateliê sob orientação do pai. Dele deveria constar um estudo de projeto arquitetónico (prova gráfica - plantas, alçados e cortes), memória descritiva (prova escrita -orçamento, caderno de encargos e todo o processo de obra) e prova oral (temas relativos à higiene dos edifícios e prática dos trabalhos)[233].

Em documento apresentado à direção da EBAP, em finais do mês de março de 1943, Maria José solicita a admissão à prestação da prova final para obtenção do diploma de arquiteta, requerimento ao qual ela junta a certidão de tirocínio e o programa do projeto.

---

[231] Diário do Governo. 1ª série. Lisboa. 214 (12 set. 1932) 1.881-1.903. Aprovação do regulamento do ensino artístico, a ministrar nas escolas de Belas-Artes de Lisboa e do Porto1932.09.12 - Decreto nº 21.662 / Ministério da Instrução Pública Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes.

[232] Decreto nº 26.347. Ministério da Instrução Pública. Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes. Promulgação do diploma de Arquitecto e sua tramitação. Diário do governo. I série. Lisboa. 34 /11 Fevereiro 1936) 181º.

[233] Decreto nº 26.347 de 11 de fevereiro de 1936 e Decreto nº 2 de 26 de maio de 1911.

No início do mês de junho de 1943, apresenta a memória descritiva e justificativa, as medições, preços compostos e simples, o orçamento e o caderno de encargos do seu projeto *A Casa-Oficina das Rendilheiras em Vila do Conde*[234], com a defesa pública (Fig. 168) em provas prestadas perante um júri presidido por Aarão de Lacerda[235]. Obteria o diploma com a nota de dezoito valores nos termos do Decreto nº 26:347 de 11 de fevereiro de 1936[236]. Em 5 de julho de 1943 requeria que lhe fosse passado o diploma de arquiteta, o primeiro atribuído a uma mulher naquela instituição. Considerada a primeira arquiteta portuguesa é *exemplo para outras senhoras, que, porventura, estejam amarradas a timidez e preconceitos impróprios do século XX*[237].

Pela análise dos trabalhos académicos realizados por Maria José durante a sua frequência do Curso Superior de Arquitetura, podemos constatar que teve acesso a estampas de alguns prémios de Roma (Figs.162 e 163)[238] e uma opção pela gramática formal clássica, neo-românica e neo-gótica, numa altura em que colegas seus e alunos de Marques da Silva, e mesmo o próprio arquiteto, quer a nível pessoal quer no seu ateliê, aderem de uma forma mais ou menos explícita a uma linguagem modernista. Alunos que dominam o desenho artístico e lhe conferem características pessoais resultando em expressões ecléticas.

---

[234] Não foi por nós encontrada qualquer peça desenhada do projeto da Casa das Rendilheiras, na FIMS, possivelmente porque de acordo com o Art.º 9.º *Os trabalhos apresentados ficam sendo propriedade da Escola.* Tendo solicitado o trabalho à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto fomos informados que não se encontrava lá.
FIMS/MSMS/1603, junho de 1943, documento datilografado e manuscrito que integra a memória descritiva e justificativa e obras de pedreiro e betão, estucador, serralheiro, carpinteiro, picheleiro, funileiro, vidraceiro e eletricista.

[235] FIMS/MSMS/0153 – informação obtida num recorte de jornal existente na Fundação.

[236] De acordo com este decreto: *As provas do concurso para a obtenção do diploma de arquitecto serão prestadas durante o segundo ano do tirocínio ou depois da realização dêste. § único. O tirocínio só poderá começar despois de concluído o curso feito, segundo a lei de 26 de Maio de 1911, ou depois de obtidos todos os pontos e satisfeito às condições para a admissão à prova final […]; Art.º O requerimento será instruído com os documentos do tirocínio e programa do projecto que o candidato se propõe executar, e deverá ser entregue até 31 de Março e 31 de Outubro na secretaria da Escola.*

[237] Cf II Vol., p. 104, recorte de jornal (FIMS/MSMS/1153) – notícia em que se destaca o facto de Maria José ser a primeira *senhora formada pela antiga Academia Portuense de Belas-Artes, de gloriosas tradições e por onde passaram as maiores celebridades da arte […] a primeira arquitecta portuguesa, que defendeu tese […] A nossa primeira arquitecta - a quem o júri atribui, por unanimidade e por mérito, a alta classificação de 18 valores –é a sr.ª D. Maria José Marques da Silva, filha do antigo director da Escola de Belas-Artes do Porto e consagrado arquitecto Mestre Marques da Silva.*

[238] FIMS/MSMS-Per_219

Com o seu casamento com o arquiteto urbanista David Moreira da Silva, em 8 setembro de 1943, na igreja de Santa Clara em Vila do Conde, iniciaria um projeto de vida pessoal e profissional marcado pelo diálogo e respeito[239].

[239] FIMS/MSMS/0681 – Certidão de Casamento na Igreja de Santa Clara de Vila do Conde, no dia 8 de setembro de 1943. ACP- Registo de Nascimento Nº 1629, fl. 812, Averbamento no 1 e Assento de óbito nº 330. Assento de Casamento nº 407.

1.3. Conclusões

Os dois arquitetos possuem formações base distintas mas complementares:

David Moreira da Silva, em Portugal, frequenta o ateliê de Marques da Silva a par da EBAP (1921-1929) num ensino regulado pela reforma de 1911 e pelo Decreto nº 5:053 de 30 de novembro de 1918, que organiza o ensino artístico em Curso Preparatório que exercita o desenho e o Curso Especial que integra cadeiras de caráter prático de desenho e teórico-científicas, num ensino que pretende uma formação artística, humanista e técnico- científica.

Em Paris, o arquiteto frequenta o ateliê de Laloux-Lemaresquier onde se prepara para a admissão à ENSBAP, de acordo com um ensino prático-didático que privilegiava o projeto, a cópia do modelo de acordo com a *cultura arquitectónica da École*[240] e estabelecia elos fortes entre o mestre e o aprendiz.

Admitido nas Beaux-Arts em 1934 e no IUUP, em 1935, David Moreira da Silva frequenta duas instituições de ensino de referência internacional e adquire uma aprendizagem baseada numa metodologia específica de arquiteto – artista, no projeto e na grande composição em arquitetura, a par de outra, ao nível de uma nova área que emergia, o urbanismo e que o formaria numa vertente prática de um outro tipo de intervenção e competências ao nível da cidade, da região e do país.

A sua formação prática e humanista, teórica e científica, em Portugal, seria completada por aquela que vivenciaria em Paris na *École* cuja formação se direcionava para a do arquiteto-artista[241] e, no IUUP, vocacionada para um ensino pragmático na área do urbanismo destinado a formar alunos competentes na resolução de todo o tipo de problemas urbanos concretos.

Das fontes existentes na Fundação Arquiteto José Marques da Silva, fazem parte apontamentos de aulas e trabalhos académicos de David Moreira da Silva realizados nas duas instituições académicas e no ateliê de Laloux-Lemaresquier. Desses documentos inferimos o tipo de ensino praticado: na *École* um ensino preocupado com a formação do arquiteto através do desenho e cópia de modelo, domínio da representação das ordens clássicas, da conceção do projeto da grande composição

[240] CANTO MONIZ, op. cit., p. 85.
[241] Aqui aproxima-se no tempo da formação praticada nas EBAP pela reforma de 1931 e experienciada por Maria José Marques da Silva Martins.

arquitetónica, composição, decoração, história geral da arquitetura[242], perspetiva, composição geométrica – ensino técnico, científico e teórico; no Instituto, um outro tipo de ensino mais pragmático, visando a formação de competências no urbanista enquanto técnico que realiza de uma forma interdisciplinar projetos para o crescimento harmonioso de espaços urbanos ou resolução de problemas existentes, detentor de um conhecimento que abranja todas as áreas ligadas ao *habitar*: legislação, história, geografia, arquitetura, saneamento, circulação, sociologia …

Nestas duas instituições qualquer aluno deverá prestar provas académicas que se organizam através da prestação de concursos de emulação o do esboceto (*esquisse*) realizado durante doze horas *en loge* e o *project rendu (projeto final)* provas cuja classificação atribui pontos de acordo com a classificação de 1ª, 2ª menções e 1ª, 2ª medalhas. Obtidos os pontos os alunos passarão da segunda para a primeira classe e desta para a realização de provas para obtenção do diploma de arquiteto ou de urbanista.

Maria José Marques da Silva, mais nova, nascida num ambiente de ateliê e da pedagogia de Marques da Silva, frequenta a EBAP com uma nova organização que privilegia a formação do arquiteto-artista e se estrutura à maneira da *École des Beaux-Arts* com exame de admissão, Curso Especial que corresponde à segunda classe e o Curso Superior à maneira da primeira classe da *École* através de concursos de emulação.

Os percursos formativos dos dois arquitetos convergiriam no tempo,1934-39, mas em contextos diferentes: o primeiro nas lições aprendidas em Paris e a segunda em Portugal. Ambos se encontram ligados ao modelo pedagógico das Beaux-Arts, o primeiro através da sua experiência em Paris, a segunda enquanto aluna da EBAP na época em que vigorava a Reforma de 1931-32, portanto uma produção sujeita a um ecletismo formal.

Sujeitos ao mesmo modelo de aprendizagem das Beaux-Arts em diferentes contextos, nota-se um maior domínio do desenho livre e da grande composição de DMS quando comparado com Maria José de pendor mais clássico e um menor domínio do desenho.

[242] Cadeira para a qual o arquiteto português copiou de tratados e livros de história de arquitetura fachadas, plantas, pormenores ornamentais e estruturais de monumentos religiosos, militares e civis, exemplos de arquitetura doméstica, de várias épocas históricas e artísticas francesas e europeias (antiguidade clássica; medieval- gótico; moderna - renascimento, estilo barroco, rocaille econtemporânea – neoclássico, revivalista), praças, jardins.

Maria José tornar-se-ia na primeira mulher portuguesa formada em arquitetura nas escolas nacionais.

David Moreira da Silva formar-se-ia em arquitetura com formação específica em urbanismo.

Capítulo II
2. A ATIVIDADE PROFISSIONAL

O retorno ao país natal de David Moreira da Silva seria pontuado por várias circunstâncias: o convite para colaborar com o urbanista Étienne de Gröer, primeiro no anteprojeto de Urbanização de Coimbra, em 1940, e, depois, em parceria, no de Luanda entre 1941-1944; seguido de propostas e projetos realizados para o M.O.P. por convite do ministro Duarte Pacheco[243]; assumindo o cargo de consultor em diversas Câmaras[244].

Em 1940 reside em Lisboa e, nos anos de 1940 a 1943, desloca-se a Angola (Luanda, Benguela, Catumbela, Lobito, Gabela, Nova Lisboa, Malange, Porto Amboim, Cidade de Sá da Bandeira, Robert Williams; V. Teixeira da Silva; C. M Gabela) e ao Funchal[245].

Escreve alguns artigos sobre urbanismo para o jornal *O Primeiro de Janeiro*: em 19-11-1940 –" Ordem e desordem Urbana – origens, causas e efeitos"; 21-11-1940 – "A Ordem Urbana e o Estado"; 28 – 11- 1940 – "A Ordem Urbana, as câmaras municipais e o público"; 7- 4-1941 – " A ordem urbana e o culto das aparências", os únicos publicados, numa altura em que é praticamente um recém-chegado de Paris. Nestes artigos manifesta a preocupação de sensibilizar, informar e instruir a opinião pública para as questões ligadas à cidade e para os objetivos da nova disciplina; explicita o seu conceito de urbanismo e principais problemáticas que a nova área levanta; infere sobre as causas, efeitos e conceito de "desordem urbana"; sublinha a importância da realização de planos de urbanização para a criação da "ordem urbana"; valoriza o papel do Estado na resolução deste problema intemporal; refere a necessidade de realizar legislação específica e de criar organismos ligados à educação e à administração no sentido de implementar uma correta política de urbanização. Define o urbanismo como

[243] Nas décadas de 1940 e 1950 a atividade de David Moreira da Sila e a dele com a mulher e arquiteta, encontra-se ligada ao Urbanismo através de anteplanos de urbanização (Coimbra e Luanda com De Gröer; Moledo, Águeda, Elvas, Monte Real; termas do Gerês; Funchal; Paredes, Matosinhos, Gabela, Largo da Camacha; Aveiro, Cacia-Sarrazola, Amares, S. Jacinto, Valongo, Guimarães; Caldas de Vizela; Chaves; Barcelos; Santuário do Sameiro …), e arquitetura: Aveiro, Amarante, Barcelos, Funchal, Braga, Maia, Gondomar, Matosinhos, no Porto, Braga, Guimarães, Póvoa de Varzim, Angola, Lisboa, S. João da Madeira, Setúbal, Valongo.

[244]FIMS/Monografias/DMS-567, p. 101. Curriculum Vitae, 1961: Aveiro, Barcelos, Guimarães, Matosinhos, Paredes e Valongo.

[245] *Idem*, p. 104. FIMS/MSMS/4352 – Correspondência trocada com as Câmaras de: Malange; Benguela; Cidade de Sá da Bandeira; Robert Williams; V. Teixeira da Silva; Mampenza, Gabela, e com o engº Pedro Lemos. Entre os anos de 1942 e 1945, há registos de correspondência de David Moreira da Silva com as câmaras angolanas no sentido de realizar planos ou anteprojetos de urbanização.

uma área ainda muito jovem, disciplina que considera, simultaneamente científica e artística que visa a organização racional de toda a vida do Homem em sociedade e tem como único fim proporcionar o seu bem-estar, através da satisfação das suas necessidades morais, espirituais e físicas, isto é, dar uma ordem urbana. Afirma não se limitar, esta área, a uma disciplina técnica unicamente preocupada em se debruçar sobre os aspetos materiais do arranjo formal de qualquer aglomeração, e cita Marcel Poëte: *une synthése de la vie des hommes.* A doutrina organicista de Poëte continua sempre presente no seu espírito, nas lições e nas aprendizagens do arquiteto-urbanista, para o qual o sintoma de desordem urbana se encontra associado, num dos artigos escritos, à imagem de um homem com determinado tipo de deficiência – a cegueira. A desordem é aqui justificada pelo crescimento espontâneo das aglomerações sem qualquer plano de urbanização e por isso sem qualquer conhecimento e visão de conjunto, por isso, resultando numa deficiente intervenção a nível local. Escreve David Moreira da Silva no contexto dos anos quarenta portugueses, deixando um impressivo registo de época: *[…] caminham para o desconhecido, e, sob este aspecto assemelham-se, salvo, é claro, as devidas proporções, a um cêgo cujo corpo vive e cresce irremediavelmente nas trevas: nem sempre é um monstro, mas também nunca deixa de ser, fisicamente um ser imperfeito, raro sabendo para onde vai […]*[246]. A aplicação dos planos de urbanização e não de projetos de arquitetura urbana[247], enquanto planos prévios realizados, deverão corresponder a estudos aprofundados da aglomeração a urbanizar, inseridos num contexto mais global e devem ser realizados de uma forma informada e consciente da responsabilidade de um urbanista. A desordem urbana ou o aspeto caótico das cidades é, para o arquiteto-urbanista, fruto de uma ação não concertada entre os seus intervenientes de que os cidadãos são as primeiras e principais vítimas, por falta de conhecimento e de esclarecimento das suas complexas problemáticas. A promoção da ordem urbana através da realização de planos de urbanização é considerada por David Moreira da Silva como um processo moroso e nunca completamente concretizado, e nunca de uma forma ideal, em virtude das constantes mudanças/progressos e das

[246] MOREIRA DA SILVA, David - *A ordem Urbana, as Camaras Municipais e o Publico.* Jornal O Primeiro de Janeiro. Porto, 21-XI-1941.

[247] *Idem*. Sem esclarecer a distinção que faz entre um plano de urbanização e projeto de arquitetura urbana, refere: *considerámos do maior interêsse nacional as medidas tendentes a generalizar, impor e ao mesmo tempo facilitar a elaboração e a materialização destes planos, embora a respeito da sua elaboração não possamos deixar de fazer algumas reservas motivadas pelo facto de, durante anos ter sido grande, e em certas esferas ainda persistir a confusão entre projectos de arquitectura urbana e planos de urbanização. Não vem a propósito, para aqui, definir uns e outros.*

diferentes e renovadas necessidade exigidas pela comunidade. Alerta ainda para o facto dos problemas existentes nos centros urbanos em crescimento dependerem de outros fatores não de índole local mas de índole mais abrangente, devendo ser as medidas, pensadas para uma cidade, ser integradas num quadro regional e mesmo nacional. Defende a criação de instituições ligadas à formação de urbanistas ou comissões de elaboração de planos de urbanização de acordo com o que acontece noutros países da Europa que impõem uma política predial e de salubridade da responsabilidade em primeiro lugar do Estado.

Apela ainda para que os atores da manutenção da ordem urbana preservem a identidade e o caráter de cada cidade, evitando demolições de referenciais histórico-culturais.

Em todos estes artigos defende a criação de instituições de ensino na área do urbanismo, de regulamentação de caráter urbanístico, do envolvimento do poder local e central na criação dessa ordem (sempre relativa) no trabalho cooperativo entre urbanistas e outros responsáveis pela intervenção urbanística, e a criação de uma consciência cívica. Na sua escrita se inferem as lições do urbanismo francês transpostas para a realidade nacional de uma forma muito abreviada e leve.

Inicia o seu ateliê com escritório na rua Fernandes Tomás no nº 506, 1º andar, na cidade do Porto, a partir de 1943 residência do casal, e onde iniciaria uma nova carreira profissional e pessoal. Este primeiro ateliê ficava muito próximo da sede da Cooperativa dos Pedreiros (Travessa das Almas) onde o seu pai exercia o cargo de sócio-gerente. Posteriormente, trabalharia no ateliê da Praça Marquês de Pombal com os seus alunos da EBAP, e ainda mais tarde, com um outro tipo de organização, no do Palácio do Comércio e, finalmente, no da SCPOPP.

Várias foram as Viagens de Estudo realizadas e os Congressos em que participou sozinho e depois com Maria José, após 1943. No I Congresso Nacional de Arquitetura realizado em 1948, em Lisboa e em Lausanne; no de 1953 – III Congresso Internacional dos Arquitetos, também na capital portuguesa; em Moscovo, em 1958 – V Congresso Internacional dos Arquitetos; em 1961, em Londres – VI Congresso Internacional dos Arquitectos e em 1967, em Praga – Encontro dos Urbanistas; em 1986 – 4º Congresso AAP: *Inserção da Prática Profissional do Arquitecto na Sociedade*

Portuguesa[248]. As preocupações do arquiteto e do casal, ao participar nestes congressos, terão sido diversas: estar presente e ser visto, contactar/atualizar as suas formações e conhecimentos das modernas correntes de pensamento e práticas.

DMS inicia o gosto pelas viagens de estudo enquanto aluno da École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris, no fim do seu primeiro ano letivo quando viaja por Haia, Amsterdão, Hilversum, Antuérpia, Bruxelas, Bruges e Gand. No fim do seu percurso académico em Paris, visita a cidade de Londres, em 1939.

A partir do seu casamento com a arquiteta, uma nova etapa se inicia. O casal partilha trabalhos, afetos e espaços[249]. Viajam em 1946 para Vichy e Paris; em 1949 para Vichy, Lyon, Genebra, Lausane, Berna, Zurique e Basileia; em 1950 para Santiago de Compostela e Corunha; em 1956 para Lourdes, Toulouse, Carcassone, Barcelona, Madrid, Toledo, Burgos e Salamanca e participarm nos congressos referidos.

Em 1946 ocupa o lugar de doente da recente 16ª cadeira de Projectos e Obras de Urbanização criada pela Reforma de 1945[250], no próprio ano da sua promulgação e, simultaneamente dedica-se, a nível particular, ao exercício das atividades do seu ateliê de arquitetura e urbanismo, partilhado posteriormente com a mulher e arquiteta Maria José Marques da Silva Martins. O seu ateliê encontra-se ligado a projetos de arquitetura e urbanismo em diversas regiões do território continental, insular e ultramarino e teria grande longevidade (1940-1994)[251].

[248] FIMS/MSMS/4484; FIMS/MSMS/4355; FIMS/MSMS/4356; FIMS/MSMS/4357; FIMS/MSMS/4371
[249] AHCMP – L-E 260. Registo de técnicos na Câmara Municipal do Porto, Maria José Marques da Silva Martins.
[250] Decreto nº 34:607 de 15 de maio de 1945. As preocupações do Estado face ao crescimento das cidades modernas e pretendendo proporcionar as melhores condições de vida das populações a par de outras de caráter estético, espiritual … levou à promulgação deste decreto – lei que visa a formação académica de profissionais e futuros interventores nos planos e obras de urbanização que pretendem que abranja todo o país.
[251] A primeira data respeita o início de carreira do arqiteto e a última, o ano da morte de Maria José Marques da Silva Martins, quando a sua atividade começa o seu fim.

2.1. David Moreira da Silva – O Pedagogo

2.1.1. Emergência de uma cadeira

Pelo Decreto-lei nº 34:607 de 15.05. 1945 - Ministério da Educação Nacional. Direção Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, se procedia à criação no curso superior de arquitetura das cadeiras de urbanologia e projetos e obras de urbanização, que constituirão, respetivamente, as 15ª e 16ª cadeiras – Diário do Governo, 1ª série, Lisboa, 34 (15 Mai.1945), 404-405.

Em 1934, o então ministro das Obras Públicas, Duarte Pacheco, com a promulgação do Decreto-Lei nº 24802 de 21 de dezembro de 1934 criava os Planos Gerais de Urbanização para as capitais de distrito, altura em que o *urbanismo institucional emerge, portanto, em Portugal*[252], afirmando-se só em 1944, com o decreto-lei 33 291, de 5 de setembro, altura em que o país já possuía numerosas plantas topográficas, *ao tornar obrigatória a elaboração dos Planos Gerais de Urbanização e Expansão das sedes de concelho do continente e ilhas adjacentes, além de outros aglomerados com caráter específico*[253]. Perante a falta de técnicos formados nesta área e pelas novas exigências impostas pela vida urbana, o Ministério da Educação Nacional decide por Decreto-lei nº 34:607 criar, nos cursos de arquitetura das Escolas de Belas de Lisboa e do Porto, o ensino teórico-prático da urbanologia, preparando não só técnicos para a elaboração dos planos de urbanização mas profissionais com a preocupação de garantir a qualidade *e o valor estético, espiritual, dessas obras*[254].

Iniciando-se nas Escolas de Belas-Artes de Lisboa e do Porto o ensino das 15ª e 16ª cadeiras, respetivamente Urbanologia e Projetos e Obras de Urbanização, David Moreira da Silva é convidado pelo Conselho Escolar e por proposta do Presidente deste Conselho Joaquim Francisco Lopes, no ano de 1945, a lecionar a 16ª cadeira na E.BA.P. Diplomado pelo Governo Francês em Arquitetura e em Urbanismo pelo Instituto de Urbanismo de Paris é o segundo arquiteto com formação específica na nova área[255] na qual os trabalhos eram geralmente atribuídos a arquitetos.

---

[252] LÔBO, op. cit., p. 37.
[253] ADRESEN, João - *Para Uma Cidade Mais Humana*. Porto: Imprensa Social, 1962, p. 77.
[254] Decreto-lei nº 34:607 de 15 de maio de 1945.
[255] Faria da Costa foi o primeiro com formação específica na área de urbanismo, no IUUP, em 1936. David Moreira da Silva tomaria posse como docente da 16ª cadeira no dia 28 de janeiro de 1946 (ver II Vol., p. 143).

Informados desta disposição os professores que integravam o Conselho[256] da Escola de Belas-Artes do Porto, através do seu subdiretor Joaquim Francisco Lopes, logo se começou a pensar na preparação da instituição para a lecionação das cadeiras e nos professores a quem seriam atribuídas. Carlos Ramos, então professor da escola, tinha já tido conhecimento, anteriormente, em Lisboa, e através de Porfírio Pardal Monteiro enquanto presidente do Sindicato dos Arquitetos, que só dois professores podiam ser nomeados (que seriam os arquitetos urbanistas César Corte e De Gröer) e que o seriam para Lisboa não sendo abrangida a escola do Porto. Assim, só poderia funcionar um curso que seria em Lisboa. Carlos Ramos comunicou ao órgão da escola que se avistou com o ministro e lhe disse que as duas escolas deveriam ser tratadas de igual forma. Informou ainda que José Fonseca y Llamedo, professor em Madrid, tinha colocado a possibilidade de aceitar o cargo no Porto. Será nesta sessão ordinária que o nome de David Moreira da Silva, arquiteto urbanista é indicado para ocupar um lugar enquanto docente na EBAP, a par do professor madrileno. A partir de então, criou-se um impasse sobre quem iria ocupar a docência das novas disciplinas[257]. O nome de José

[256] AESBAP – Cota 110 Livro de Atas das Sessões Ordinárias e extraordinárias de 1940/61, fl. 26. Ata de 18 de maio de 1945, O subdiretor informou os professores que integravam o conselho da Escola de Belas -Artes do Porto [Manuel Monterroso, Miguel de Mendonça Monteiro, Júlio José de Brito, Acácio Lino de Magalhães, Simão Dordio Gomes, Manuel Marques, Rogério Barroca, Carlos João Chambers Ramos, Rogério dos Santos Azevedo, Rodolfo Pinto do Couto, e António Maria Cândido de Brito] que, […] *tendo sido publicado o decreto que cria os cursos de Urbanologia nas Escolas de Belas Artes entendia ser conveniente que alguns trabalhos preparatórios fossem realizados, como escolha de sala de aula, prever horários, etc. para que quando fossem nomeados os professores as aulas pudessem imediatamente começar a funcionar, isto no caso de serem nomeados breve os professores, pois não se sabe se assim será. O senhor Presidente pede ao senhor professor Carlos Ramos se pode dar alguns esclarecimentos sobre este assunto. O senhor professor Carlos Ramos informa o Conselho que soube que a minuta enviada a sua Excelência o Ministro da Educação Nacional pelo Sindicato dos Arquitectos e redigida pelo seu Presidente Arquitecto Pardal Monteiro, não incluía a Escola de Belas Artes do Pôrto pois que o critério do Presidente do Sindicato era o de que só dois professores poderiam ser nomeados, que seriam os Arquitectos Urbanistas Corte e Degrouére pelo que entendia que so poderia funcionar um curso e este seria na Escola de Belas Artes de Lisboa. Quando teve disto conhecimento reagiu imediatamente.* […] *diz que tendo-se avistado com sua Excelência o Ministro este lhe dissera que sendo as duas Escolas iguais deveriam ser postas em circunstâncias idênticas. Diz que particularmente sondou o professor José Fonseca assistente da Escola de Madrid se aceitaria o cargo se para tal fosse convidado tendo obtido resposta afirmativa. Entende no entanto que não deve ser feita qualquer demarche sem se ver qual a atitude do professor Degrouére que fora convidado a vir fazer um curso nesta Escola e que deve ser agora convidado pela Escola de Belas Artes de Lisboa. Caso êste professor aceite o convite da Escola de Lisboa, entende que deviam ser convidados o professor José Fonseca e o arquitecto urbanista Moreira da Silva, opinião esta com que todo o Conselho concorda* […].

[257] AESBAP – Cota 110 Livro de Atas das Sessões Ordinárias e extraordinárias de 1940/61, fls. 26v/27. Sessão extraordinária de 22 de maio de 1945. […] *O senhor Presidente informa que reuniu o Conselho para se trocar impressões sobre as demarches já feitas para os contratos de professores para as cadeiras de Urbanologia. Disse que já tinha falado com o arquitecto Moreira da Silva e que este aceitava o convite e com muita gratidão pelo Conselho se ter lembrado dele. O professor Carlos João Chambers informa o Conselho de que nada pode dizer sobre o curso de emergência pois que o problema ainda não foi apresentado a Sua Excelência o Ministro. Quanto ao convite a fazer ao professor Dégrouére já não*

Fonseca y Llamedo aparece em apontamentos tirados por David Moreira da Silva, no ano letivo de 1945-46[258], sobre temas por ele tratados na EBAP. Aqui privilegia-se a definição dos conceitos de urbanologia e de urbanística; enumeraram-se alguns elementos urbanos como praça e diferentes tipologias (exemplos práticos existentes em diversas cidades europeias como Madrid, Roma, Nancy), igreja, câmara, edifícios produtores de tráfico caminho-de-ferro, teatros, mercados; abordaram-se questões ligadas ao sistema viário, aos diversos tipos de quarteirões e à profundidade das habitações neste tipo de implantação, aos casos a observar nas ruas como as especificidades de acordo com as suas localizações, a colocação de árvores, cruzamentos, casos de perfis especiais e pendentes, bairros residenciais, cruzamentos; distinguiram-se diferentes tipos de jardins, parques e campos de jogos infantis de acordo com as suas dimensões, passeios públicos; estética urbana e diferentes ritmos existentes e observáveis na cidade, relação entre edifícios e rua (cérceas); tipos de monumentos; morfologia urbana (acessos urbanos: estações de caminho de ferro, estradas, ruas, praças, vivendas espaços verdes, zoneamento).

Moreira da Silva iniciaria a sua docência na Escola de Belas-Artes do Porto quando a escola se encontrava sob a direção de Joaquim Lopes (1945-52) e posteriormente com Carlos Ramos (1952-68). A estas direções correspondem diferentes etapas da Escola *onde se vai sucessivamente alterando o relacionamento institucional, o corpo docente, os métodos de ensino, o ambiente cultural ou as instalações da Escola*[259].

Exerce a docência em dois períodos distintos. O primeiro estrutura-se de acordo com a reforma de 1931/2 e o segundo após a reforma de 1957. Até 1957 o curso de Arquitetura encontrava-se organizado da seguinte forma: Curso Especial de quatro anos e Curso Superior de Arquitetura composto por três cadeiras (4ª, 8ª e 10ª); o primeiro período é de frequência obrigatória, e o segundo curso é realizado através de concursos de emulação, a frequência não é obrigatória devendo o aluno anualmente, obrigatoriamente, concorrer a dois deles e obter os pontos/recompensas. Assim: Curso

---

poderá ser feito pois que ele foi convidado pela Escola de Lisboa e aceitou. Já convidou o Professor José da Fonseca mas ainda não recebeu qualquer resposta definitiva, pareceu-lhe no entanto difícil ele aceitar. No caso do professor José da Fonseca não aceitar convidaria então professor Corte. O senhor professor Carlos João Chambers Ramos declara que sendo possível contratar qualquer professor estrangeiro ele se oferecia para reger a cadeira para que o curso possa começar na data que for marcada. ….

[258] Cf. II vol., pp.151-152.

[259] CANTO MONIZ, op. cit., p. 213.

Especial: 1º ano, 1ª cadeira – 1ª parte - *Elementos de geometria descritiva; perspectiva*; *teoria das sombras*, 2ª cadeira – 1ª parte - *Estilos Ornamentais; ornamentação do natural – estudo comparado (desenho e modelação),* 3ª cadeira – 1ª parte – *Desenho de figura do antigo (cabeça e torso),* 8ª cadeira – 1ª parte - *Ordens e trechos arquitectónicos (desenho a traço aguarelado*), 11ª cadeira – 1ª parte *História*, 13ª cadeira – 1ª parte – *Álgebra, geometria analítica, trigonometria plana*; 2º ano, 1ª cadeira – 2ª parte – *Geometria descritiva; estereotomia*, 3ª cadeira – 2ª parte – *Desenho de figura do antigo (estátua),* 3ª cadeira – 3ª parte – *desenho de modelo vivo*, 4ª cadeira – 1ª parte – *Arquitectura – edifícios e monumentos da antiguidade (desenho a traço aguarelado), elementos analíticos,* 11ª cadeira – 1ª parte – *História, geografia histórica, etnografia,* 13ª cadeira – 2ª parte – *elementos de cálculo integral e diferencial, mecânica*; 3º ano, 2ª cadeira – 2ª parte – *Estilização; composição ornamental*, 4ª cadeira – 2ª parte – *Arquitectura, pequenas composições,* 9ª cadeira – 1ª parte – *História da arte na Antiguidade,* 14ª – 1ª parte – *Estática gráfica, resistência dos materiais, Estabilidade (aplicações no ferro, à pedra e à madeira),* 14ª - 3ª parte – *Topografia*; 4 ano, 4ª cadeira – 3ª parte – *Arquitectura – composição,* 8ª cadeira – 2ª parte – *Prática da construção (estudos parciais e pequenos projectos de conjunto), salubridade de edificações*, 9ª cadeira – 2ª parte – *Arte Medieval e Moderna*, 14ª cadeira – 2ª parte – *Construções metálicas, betom armado*.

No curso Superior: 4ª cadeira – 4ª parte – *Grandes composições, concursos de projectos definitivos e de esbocetos; concursos de urbanização; concursos de composição decorativa;* 8ª cadeira – 3ª parte - *Concursos de projectos de construção geral;* 10ª cadeira – 1ª parte – *Curso teórico de Arqueologia geral e portuguesa* e 10ª cadeira – 2ª parte – *Concursos de Arqueologia Artística*.[260]

A partir desta data e até abandonar o ensino na ESBAP a estrutura a partir da Reforma de 1957[261] era a seguinte: o primeiro ciclo era composto por dois anos e no 1º os alunos frequentavam as cadeiras *de Arquitectura Analítica* (1ª parte), *Desenho de Estátua, História Geral da Arte* (1ª parte), *Matemáticas Gerais, Geometria Descritiva e*

[260] AESBAP – Cota 378, fls. 37v a 38, no 38 (Programa da Reforma Livro de Matrícula nos Cursos Especiais (Programa da Reforma de 1931/32); Cota 284 – Livro de Inscrição nos Cursos Superiores; Decreto nº 19:760 de 16 de maio de 1931.

[261] CANTO MONIZ, op. cit., p. 419. Ensino *direccionado para a competência técnica do arquitecto, e a aproximar-se das metodologias da Universidade onde se promove não só a investigação, a análise e a interdisciplinaridade, mas também o conhecimento como forma de compreender a relação do homem com o espaço, para uma intervenção mais consciente*.

Curso Geral de Química; no 2º ano deste ciclo frequentavam *Arquitectura Analítica* (2ª parte), *Teoria das Sombras e Perspectiva; Estereotomia, História Geral da Arte* (2ª parte), *Curso Geral de Física*, *Sociologia Geral* (questões morais e sociais relacionadas com a técnica). O segundo ciclo era composto por três anos (3º, 4º e 5º): no 3º ano frequentavam *Composição de Arquitectura* (1ª parte), *Teoria e História da Arquitectura* (1ª parte), *História da Arte em Portugal*, *Topografia Urbana*, *Estática Aplicada às Construções* (2ª parte), *Higiene e Equipamento* (1ª parte), *Edificações;* no 4º ano, *Composição de Arquitectura* (2ª parte), *Teoria e História da Arquitectura* (2ª parte), *Geografia Física*, *Estática Aplicada às Construções* (2ª parte), *Higiene e Equipamento* (1ª parte*), Edificações;* no 5º ano, *Composição de Arquitectura* (3ª parte), *Urbanologia* (1ª parte), *Teoria e Conceção das Estruturas*, *Higiene e Equipamento* (2ª parte), *Geografia Humana, Organização de Projectos e Estaleiros*. O 3º ciclo tinha apenas um ano, o 6º, e incluía as cadeiras de *Composição de Arquitectura* (4ª parte*), Urbanologia* (2ª parte), *Estética e Teorias da Arte, Economia e Conjugação das Três Artes*.[262]

As duas Reformas do Sistema Educativo das escolas de Belas-Artes de Lisboa e do Porto com metas educativas diferenciadas, a primeira visando a formação do aluno artista e a segunda a do aluno competente a nível técnico e de investigador, utilizando o conhecimento adquirido para o exercício mais consciente da profissão ao compreender a relação do homem com o lugar que habita nas palavras do arquiteto Canto Moniz onde *o currículo moderno ou técnico-científico gera um ensino universitário ou humanista*[263].

[262] Decreto-Lei nº 41 362 de 14 de novembro de 1957, tendo em vista as aplicações da Lei Nº 2043 de 10 de julho de 1950.
[263] CANTO MONIZ, op. cit.

2.1.2. David Moreira da Silva Professor na EBAP

2.1.2.1. Contratação, programas, concursos e experiência pedagógica

Em 14 de julho de 1945 o subdiretor da Escola de Belas-Artes do Porto, Joaquim Francisco Lopes, escrevia ao Diretor Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, dando-lhe conhecimento de que o Conselho Escolar da EBAP, reunido em sessão extraordinária, de 22 de maio de 1945, tinha proposto o nome de David Moreira da Silva, arquiteto e urbanista diplomado pelo governo francês como regente da 16ª cadeira da escola (Projetos e Obras de Urbanização). O contrato seria realizado com o docente a partir do despacho de 30 de outubro de 1945, docente da 16ª cadeira – projetos e obras de urbanização.

O arquiteto urbanista tomará posse do cargo no dia 28 de janeiro de 1946 (no dia do seu 37.º aniversário), contrato por conveniência urgente de serviço, tendo constado no termo de contratação que este lugar é provido pela primeira vez. Nesta data a residência que consta dos documentos oficiais de David Moreira da Silva é a da Praça Marquês de Pombal nº 44. Este tipo de contratos anuais foram renovados até ao dia 26 de dezembro de 1957, data a partir da qual se torna professor interino da cadeira do 2.º grupo - Urbanologia da ESBAP, sucessora da 16.ª cadeira, em 2 de janeiro de 1958 até 31 de dezembro de 1961. Nesse ano abandona a docência naquela instituição em consequência da candidatura ao concurso para professor efetivo do 2º grupo, em que viria a ser preterido em favor do seu anterior assistente João de Mello Breyner Andresen. Este facto deixou marcas profundas em David Moreira da Silva, aquando da prestação de provas públicas, em 1962.

Entra como regente da nova cadeira durante a direção de Joaquim Lopes, numa escola designada por Canto Moniz como *uma escola de caráter universitário*[264] onde se privilegiava a realização de conferências sobre temática diversificada, dinamizadas por especialistas estrangeiros e nacionais e a realização de eventos de homenagens a antigos professores[265], visitas de estudo, uma escola e uma pedagogia aberta ao exterior.

---

[264] CANTO MONIZ, op. cit., p. 248.

[265] *Idem*, pp. 290-291, o arquiteto Canto Moniz refere a duas aulas magistrais proferidas por José Fonseca Llamedo no fim da sua estada na EBAP subordinada ao tema *preparação de Projectos de Urbanização,* António Brito *Os grandes Períodos do urbanismo francês* e Gaston Bardet a conferência *Les príncipes de L'Urbanisme Contemporaine* (1947). Outras conferências são realizadas a partir de 1947 por Wladimir Alves de Sousa sobre a arquitetura brasileira, Frederico Marés sobre o mosteiro de Santa Maria de Poblet, Raul Lino sobre *arte um problema humano …*

DMS participa na transformação da escola e exerce no período em que vigora a antiga reforma de 1931-32, e mais tarde a de 1950 regulamentada em 1957. Com a direção de Carlos Ramos, esta instituição de ensino, funcionando já nas novas instalações, Palacete do Braguinha, numa altura em que se assiste à construção dos diversos pavilhões, vai sendo pensada como *uma escola colectiva*[266]. Carlos Ramos vai, paulatinamente, adaptando a sua ação e criando um programa que se vai ajustando a exigências pontuais novas e abrindo a escola a uma outra dinâmica de ensino. Uma proposta pedagógica já iniciada enquanto professor de Arquitetura preocupado em fomentar uma aprendizagem centrada no aluno, através de uma proximidade entre professor e discente estabelecida por diálogos e situações de grande informalidade, mas de proximidade e identificação. Carlos Ramos dinamiza vários eventos culturais numa escola que se pretende que seja um lugar de troca de experiências, de aprendizagens diversas e atualizadas: através de cursos[267], palestras, sessões culturais, visitas de estudo, exposições anuais, publicações como as 16 exposições magnas que registam todos os trabalhos desenvolvidos pelos alunos em cada ano letivo. Nas palavras de Lúcia Almeida Matos *O espírito de abertura da escola do Porto, bem como o dinamismo das gerações mais novas que nela se formavam, traduziu-se, também, nas designadas exposições extra-escolares. Com início em 1959 […] organizadas por alunos da Escola, que desenhavam os catálogos e integravam o júri de admissão, em que participavam, igualmente, elementos do corpo docente*[268]. De sublinhar ainda a adesão de Ramos à conjugação das três artes com a criação dessa cadeira, pela reforma

---

[266] *Idem*, pp. 305-313. Expressão utilizada por Canto Moniz para traduzir a ação desenvolvida por Carlos Ramos enquanto diretor e professor da escola

[267] AESBAP- Cota 110 Livro de Actas das Sessões Ordinárias e extraordinárias 1940/61, sessão de 20 de Outubro de 1954, fls. 107-107v […] *O senhor Director informa o Conselho que vem a Portugal o Urbanista francês Robert Auzelle, professor do Instituto de Urbanologia de Paris, que pretende fazer um curso de um mês e que o arquitecto Rafael Botelho lhe falara para que esse curso se realizasse na Escola Superior de Belas Artes do Porto. O senhor Director antes de dar resposta definitiva informou o senhor Rafael Botelho que pretendia apresentar o assunto ao Conselho e especialmente aos professores das cadeiras de urbanismo o que faz neste momento. Os professores das referidas cadeiras, assim como todo o Conselho, são unânimes no interesse que tem a vinda a esta Escola e as lições que proferirá o urbanista Robert Auzelle.O senhor Director informa o Conselho de que tinha empenho em realizar uma série de exposições de artistas recentes e que se o Conselho estivesse de acordo proporia para a primeira exposição a obra do pintor Amadeu de Sousa Cardoso.*

AESBAP- Cota 110 Livro de Actas das Sessões Ordinárias e extraordinárias 1940/61, fls. 108-108v, sessão de 15 de dezembro de 1954 […] *foi também informado o Conselho Escolar de que o professor Robert Auzelle acedera a vir à Escola fazer um curso de Urbanismo, tendo sido confirmado por este professor/ que de catorze de Abril a dez de Maio, estaria no Porto para fazer o curso solicitado. […]*

[268] MATOS, Lúcia Almeida - *Escultura em Portugal no século XX (1910-1969).* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, coleção Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, 2007, p. 386.

de 1957, num trabalho colaborativo entre alunos das três áreas artísticas, trabalhos de equipa presentes nas Exposições Magnas.

No dia 29 de janeiro de 1946, em ata do Conselho Escolar, Joaquim Francisco Lopes confirma a tomada de posse de David Moreira da Silva como professor da 16ª cadeira. O *professor David Moreira da Silva agradece as palavras do Senhor Presidente e a todo o Conselho e mais uma vez promete manter as tradições da Escola e mostrar-se digno da confiança que lhe dão*[269] *[…]* tendo já apresentado a planificação/projeto da cadeira, encontrando-se à espera do regulamento do professor que iria lecionar a 15ª cadeira, José da Fonseca Llamedo. Na sessão ordinária de Conselho Escolar de 2 de maio de 1946, encontra-se presente Dom José Fonseca Llamedo como professor e membro deste organismo da escola, na qual foi comunicado que foi indeferido o contrato de Arménio Taveira Losa como assistente da 15ª cadeira; agradecimento pela conferência feita por Cortes e a Carlos Ramos que deixa a regência da cadeira de arquitetura, tendo Júlio José de Brito sido indicado para o substituir[270] Em sessão ordinária de 7 de junho de 1947, a morte do Mestre Marques da Silva sensibilizou as duas escolas de Belas Artes Nacionais[271].

Até à Reforma de 1957, o corpo docente do curso de arquitetura integrava os professores: António Maria Cândido de Brito (1ª cadeira), Manuel Marques (2ª), Acácio Lino e Heitor Cramez (3ª), Júlio José de Brito e Carlos Ramos (4ª), Rogério de Azevedo (8ª), Armando Manuel Lemos de Matos, Artur Nobre de Gusmão (9ª e 10ª), Miguel de Mendonça Monteiro (11ª), Rogério Barroca (13ª), Júlio José de Brito (14ª), António Brito e Cunha (15ª), David Moreira da Silva (16ª). Sequeira Braga assistente de Brito e Cunha na 15ª cadeira e João de Mello Breyner Andresen da 16ª cadeira[272].

---

[269] AESBAP - Cota 110 – Livro de Atas das Sessões Ordinárias e Extraordinárias 1940-61, fls. 34-34v

[270] *Idem*, fl. 37v.

[271] *Idem, ibidem,* fl. 50 […] *[…] O senhor Presidente ao abrir a sessão propõe um voto de pezar pela morte de Mestre Marques da Silva e que seja dado conhecimento à família aproveitando à presença neste conselho do professor senhor David Moreira da Silva para pessoalmente apresentar as condolências de todo o Conselho e ao mesmo tempo as transmitir à família do ilustre Mestre. O senhor professor David Moreira da Silva agradece as palavras do senhor Presidente e a todo Conselho as condolências pela morte do seu sogro. O senhor Presidente lê um ofício de vinte de Maio assinado pelo Doutor Corte Real chefe dos Serviços Culturais da Câmara municipal do Porto em que apresenta condolências.*
Pela morte de Mestre Marques da Silva, também leu um telegrama de sentimentos da Escola de Belas Artes de Lisboa. […]

[272] AESBAP- Cota 110 - Livro de Atas das Sessões Ordinárias e extraordinárias 1940/61. Sessão de 26 de maio de 1948, fls. 58-58v. *Pelo senhor presidente foi também lembrada a conveniência da nomeação dos assistentes para urbanologia, referindo que podiam ser convidados os antigos alunos: João Andresen que foi aluno distinto e acabou o curso de Urbanização com primeira medalha e Sequeira Braga, aluno também distinto e culto, ficando o o senhor professor Brito e Cunha encarregado de se avistar com os*

De 1957 a 1961, os professores do curso de Arquitetura: Octávio Lixa Filgueiras (*Arquitectura Analítica*, 1º grupo), Jorge Pais da Silva (*História Geral da Arte I/II/Arte em Portugal*, 8º grupo), Jayme Rios de Sousa (*Geometria Descritiva*), António Brito (*Teoria das Sombras e Perspectiva/Estereotomia*, 3º grupo), José Carlos Loureiro (*Composição de Arquitectura I*, 1º grupo); Fernando Távora (*Teoria e História da Arquitectura I, Composição de Arquitectur*a 2 e 3), Júlio José de Brito (*Topografia Urbana, Teoria e Concepção das Estruturas*, 11º grupo), António Cândido de Figueiredo *(Topografia Urbana, Estática Aplicada às Construções I/2, Teoria e Concepção de Estruturas*, 11º grupo), Rogério de Azevedo (*Materiais, Higiene e Equipamento I/2, Edificações*, 4º grupo), Miguel Monteiro (Geografia Física, Geografia Humana), David Moreira da Silva (*Urbanologia*), António Brito e Cunha (*Urbanologia*)[273].

Nas suas aulas aplica os conhecimentos[274] e as competências adquiridas em Paris e valoriza a parte prática do projeto de urbanização, tendo uma preocupação particular no ensino e preparação dos seus alunos no domínio da legislação urbana. Como referiu o arquiteto Menéres numa entrevista dada, *exigia que os alunos soubessem a legislação*[275]. Exigência essa que se explica, para além da sua natural apetência por esta área, pela circunstância de ter sido aluno de homens de referência do direito francês no IUUP. Gaston Jéze (uma referência do direito Francês e ainda enquanto professor de Direito Público na Universidade de Paris, regendo os cursos de organização administrativa das cidades e de direito administrativo), William Oualid, professor ligado ao Municipalismo e à administração – ambos colaboradores da revista *La Vie Urbaine*, e por isso muito preparados nestas áreas. Como já foi anteriormente referido foi aluno de Henri Prost e de Jacques Gréber, dois urbanistas que pautaram a sua vida pelo pragmatismo do seu ensino e, porque tendo valorizado a sua vida profissional, partiam de situações concretas para ilustrar as suas aulas. Foram dois professores que definiram o perfil pedagógico de David Moreira da Silva que ao reger a 16ª cadeira – Projetos e

---

propostos para as respectivas sondagens e /convites. Foi ainda distribuído serviço de júris de exames que se avisinham […]. Sessão de 4 de novembro de 1948, fl. 62v: […] *o senhor Director dirigindo-se aos professores David Moreira da Silva e António José de Brito e Cunha, procurou acertar com estes professores o horário e a ordem de trabalhos respeitantes aos novos assistentes de Urbanologia. […]*

[273] Mencionados os professores que lecionaram durante o período em que David Moreira da Silva era docente na ESBAP. Informações tiradas a partir CANTO MONIZ, ob, cit, pp. 481 - 482.

.[274] Cf. com exemplos representados nas figuras apontamentos tirados enquanto estudante e apontamentos utilizados nas aulas enquanto professor no início de carreira.

[275] Entrevista realizada ao arquiteto Menéres no dia um de novembro de 2008.

Obras de Urbanização –, privilegia um ensino eminentemente prático e complementar do teórico da 15ª cadeira – urbanologia. Na 15ª cadeira ensinava-se a *história e a evolução do urbanismo; bases do urbanismo moderno; morfologia urbana, organização das cidades e análise dos seus elementos; legislação urbanística; estudos e projectos de aplicação [...]*[276] e o programa da 16ª cadeira incluía a *análise dos elementos de um projecto de arranjo e de extensão; bases para a elaboração dos projectos de urbanização; legislação, regulamentação e memórias relacionadas com os projectos de urbanização; estudos e projectos de aplicação*[277].

Nas figuras 171 e 172 encontram-se representados exercícios das aulas de David Moreira da Silva para o ano escolar de 1947, ilustrativos dos conteúdos programáticos, entre os quais*:* captação de águas de um ribeiro (na margem, no leito e a meio da corrente); exemplos de edificação de casas individuais; projeção de perfis transversais-tipo dos seguintes arruamentos: com caráter residencial, podendo a sua largura variar entre 3m e 25m; com caráter misto, de largura não inferior a 6m nem superior *a* 30m. com caráter industrial, de largura não inferior a 9m e não superior a 30m; arruamentos de grande circulação e passeio de peões, de largura. Colocamos ao lado apontamentos tirados por David Moreira da Silva, numa aula de Henri Prost, relativamente a zonas de construção de habitações (tipo de terrenos) e a tipos de habitações (geminadas) para ilustrar a nossa interpretação de continuidade, nos primeiros anos de docente, do tipo de exercícios aprendidos no IUUP. Nas figuras nºs 175 e 176, pode ver-se um exame realizado pelo arquiteto José Carlos Loureiro, em que ele escreve que para a proteção das vistas panorâmicas se deve prever a criação de miradouros, a proibição de construir alguns edifícios ou plantar de forma a perturbar essas vistas. Neste exame, José Carlos Loureiro realiza esbocetos nos quais dá exemplos de aglomerados que se localizam no alto de uma encosta ou numa encosta, zonas *non aedificandi*, ilustrando com situações onde se pode ou não construir edifícios[278]. João de Mello Breyner Andresen, Benjamim do Carmo, Fernando Luis Cardoso Menezes Tavares e Távora, José Carlos Loureiro, Fernando Lanhas, Octávio Lixa Filgueiras, Álvaro Siza Vieira, Luís Pádua Ramos, Jorge Gigante e Joaquim Bento Lousan são alguns dos muitos arquitetos que foram alunos de David Moreira da Silva[279].

---

[276] Art.º 3.º do Decreto – lei nº 34:607 de 15 de maio de 1945.
[277] Art. 4.º do Decreto – lei nº 34:607 de 15 de maio de 1945.
[278] Consultar II vol., pp. 153 a 162 – Exercícios de outros alunos do ano de 1947-48.
[279] ESBAP – Exposições Magnas da Escola de Belas Artes do Porto 1952 a 1961.

A estrutura do ensino nas escolas de Belas-Artes, até à reforma de 1957, caracterizava-se pela frequência do Curso Especial de Arquitetura, durante quatro anos, com formação teórico-prática, e do Curso Superior baseado na participação nos concursos de emulação e na obtenção de pontos.

Dois concursos anuais com temas propostos para as 15ª e 16ª cadeiras de 1946 a 1961[280]: 1º Concurso: Anteplano de uma Zona Residencial e Balnear, Numa Vila de Grande Importância Industrial, Comercial e Agrícola, 2º Concurso: Anteplano de Urbanização e Extensão dum Centro Industrial (1946-47); 1º Concurso: Anteplano geral de urbanização do parque das exposições de uma capital de distrito (1947-48); 1º Concurso: Anteplano de Urbanização do núcleo central duma capital de distrito, 2º Concurso: Anteplano de Urbanização duma zona mista de residência e desporto, numa capital de distrito (1948-49); 1º Concurso: Anteplano duma estância termal, 2º Concurso: Anteplano de urbanização duma zona balnear, de desporto e recreio, satélite da cidade do Porto (1949-50); 2º Concurso: Anteplano de urbanização duma zona mista de residência e desporto, numa capital de distrito (1950-51); 2º Concurso: Anteplano geral de urbanização e expansão dum núcleo satélite duma capital de distrito (1951-52); 1º Concurso: Anteplano de urbanização duma cidade universitária numa capital de distrito, 2º Concurso: Anteplano de Urbanização do bairro periférico duma cidade universitária (1952-53);1º Concurso: Anteplano de urbanização de uma zona portuária, 2º Concurso: Anteplano de Urbanização da Praça ou Alameda dos Descobrimentos (1953-54); 1º Concurso: Anteplano de Urbanização duma capital de distrito, 2º Concurso: Anteplano de urbanização de uma estância termal (1954-55); 1º Concurso: Anteplano parcial de urbanização de uma capital de distrito, 2º concurso: Anteprojeto de remodelação de três praças públicas duma importante capital de distrito (1955-56); 1º Concurso: Anteplano de urbanização de Cacia-Sarrazola, 2º Concurso: Anteplano geral de urbanização duma pequena sede de concelho (1956-57); 1º Concurso: Anteplano de urbanização duma unidade residencial, 2º Concurso: Anteplano de urbanização duma estância balnear e centro turístico-desportivo (1957-58); 1º Concurso: Anteplano parcial de urbanização e expansão duma capital de distrito, 2º Concurso: Anteplano de urbanização e expansão do setor axial duma pequena cidade (1958-559); 1º Concurso: Anteplano de urbanização e expansão duma vila industrial, 2º Concurso: Anteplano de

[280] Período no qual David Moreira da Silva foi docente na EBAP, ESBAP. No concurso de Provas Públicas para um lugar de professor no 2º grupo da ESBAP, João Andresen posicionou-se em primeiro lugar, ocupando a regência da disciplina e ditando o afastamento de David Moreira da Silva.

urbanização e expansão de uma vila portuária (1959-60); 1º Concurso: Anteplano de urbanização e expansão duma pequena sede de concelho (1960-61).

Estes concursos de emulação realizavam-se duas vezes por ano, entre dezembro/janeiro e abril/maio. Nos anos escolares de 1946-47 a 1951-52, tinham pequenos enunciados de programas nos quais se fazia uma pequena introdução ao tema com a sua localização, a área a urbanizar, os seus objetivos principais/resolução de problemas, o seu caráter e as peças escritas e desenhadas a realizar. A memória descritiva e justificativa era pedida de acordo com os seguintes itens: uma caracterização histórica; um estudo crítico do estado do local (a sua situação; as características do lugar e do seu quadro geográfico; clima; população; economia; principais características do local - relevo e aproveitamento do solo; edificações; arruamentos; aos espaços livres públicos), elementos e princípios básicos do Anteplano de Urbanização (superfícies e percentagens); aproveitamento do solo; as grandes vias de comunicação e os espaços livres públicos; a remodelação da área urbanizada e os novos elementos da composição; um Regulamento das Zonas; um Regulamento dos Talhamentos e Quarteirões; um Regulamento das Edificações; as perspetivas, fotografias e desenhos de pormenor, julgados necessários para tornar clara a leitura do anteplano. Das peças desenhadas, uma planta de conjunto na escala de 1:2.500, com curvas de nível indicando arruamentos, praças, avenidas, jardins, espaços públicos, edifícios públicos principais, diversos constava uma planta da região, na escala de 1:50.000, indicando as principais vias de comunicação, os perfis transversais – tipo dos principais arruamentos e respetivos perfis longitudinais; as perspetivas, fotografias e desenhos de pormenor, julgados necessários para tornarem clara a leitura do anteplano.

O exercício de um aluno do ano de 1950/51 representado nas figuras 179 -184 é ilustrativo do que se pretendia[281]. O *anteprojecto do arranjo urbanístico duma faixa adjacente à estrada marginal do Douro na Cidade do Porto.* O aluno realiza uma memória descritiva e justificativa, na qual começa por expor os cinco problemas que irá tentar resolver e eles compreendem: a circulação/acessibilidades entre vias situadas a cotas diferentes, a criação de um equipamento desportivo - um clube Náutico, o ajardinamento da faixa adjacente ao clube, a integração de um largo existente no conjunto e um parque de estacionamento. Manifesta aqui alguns dos pontos essenciais a um projeto de urbanização: acessibilidades, arranjo urbanístico, a resolução do

[281] Consultar II vol., outros exercícios de outros alunos sobre o mesmo programa, pp. 163 a 166.

estacionamento e a questão estética – o ajardinamento. À memória acrescenta as fotografias 1 e 2 que representam as artérias, a 3 o largo a enquadrar no conjunto, a 4 que ilustra a falta de condições estéticas e integração no conjunto, a 5 um edifício a demolir e a mudar para um outro local próximo para que o parque de estacionamento seja construído, as 6/7/8 que documentam o interesse do local do anteprojeto, a 9 o estado em que se encontra o lugar, a fotografia 10 que apresenta um aspeto de um lugar destinado a ancoradouro para barcos de recreio.

A partir do ano letivo de 1952-53, os programas são mais pormenorizados e mais extensos, respeitando os pontos dos concursos anteriores, mas revelando uma maior preocupação com a indicação das peças a incluir*:* planta geral, na escala de 1:2.500, com indicação de todos os elementos da composição e legenda indicando o número de pavimentos das edificações; planta esquemática da cidade, na escala de 1:20.000; diagrama da organização do trânsito na área do anteplano, com indicação das diferentes zonas consideradas e sua interdependência; perfis transversais-tipo dos principais arruamentos, na escala de 1:200; memória descritiva e justificativa do partido adotado, indicando, por zonas e no seu conjunto, não só a importância da população que a área do anteplano pode comportar, mas também a sua densidade por ha., as características do terreno dado, o modo como foram selecionados todos os problemas mencionados no presente programa e os tópicos principais da regulamentação a prever no plano definitivo de urbanização deste bairro. A planta geral e a perspetiva, engradadas, medirão, respetivamente, 1,20 x 0,90 m. e 0,60 x 0,45 m. A memória descritiva, datilografada, será apresentada sob a forma de processo.

Alguns dos exercícios propostos correspondiam a trabalhos que DMS se encontrava a realizar no seu ateliê, designadamente o anteplano de urbanização das Vilas de Vizela, Matosinhos e Leça da Palmeira e Senhora da Hora, Caldas das Taipas, Cacia-Sarrazola. Os professores da 15ª e 16ª cadeiras e os seus assistentes (respetivamente Sequeira Braga e João Andresen) incluem nos programas dos concursos problemáticas ligadas à cidade do Porto, aconselhando os alunos a realizar previamente uma contextualização histórica, ligando a cidade a uma escala regional, nacional ou mesmo internacional, referindo a sua localização geográfica, detetando lacunas nas vias de comunicação existentes, na habitação, e solicitando a caracterização económica, social e política, infraestruturas existentes e equipamentos ou sugerindo outros – preocupações a nível da salubridade, circulação, habitabilidade e estética. Grande parte

dos programas parte de preocupações ligadas às novas propostas de transformação de alguns núcleos da cidade, nomeadamente a construção da ponte da Arrábida, urbanização de espaços ainda rurais, a criação do Hospital Escolar.

Os alunos realizavam exames teóricos como se pode observar no exemplo das figuras 176 e 177[282], nos quais eram colocadas questões que deveriam desenvolver. Neste exemplo foram propostos quatro pontos a desenvolver: traçado de arruamento, a escolha de terreno destinado a edifícios escolares, a capacidade a atribuir a cemitérios e a proteção de vistas panorâmicas.

Enquanto professor e membro do Conselho Escolar, a participação de DMS é bastante discreta, como se atesta nas atas deste órgão académico. O seu nome e intervenções ligam-se sobretudo a agradecimentos a entidades que permitem a realização de visitas de estudo[283], membro de júris artísticos, a propósito da participação no 1º Congresso de Nacional de Arquitectura 1948, enquanto presidente de uma das mesas da sessão de Trabalho *A Arquitectura no Plano Nacional*[284], à contratação dos assistentes para as 15ª e 16ªs cadeiras[285], na organização *e participação nas* homenagens a Marques da Silva[286].

---

[282] Consultar II vol., pp. 153-162.

[283] AESBAP – Cota 110 - *Livro de Actas das Sessões Ordinárias e Extraordinárias 1940-61, fl. 52v: Ata de sessão ordinária de 31 de julho de 1947, fl. 52v […] O professor David Moreira da Silva propõe que seja enviado um ofício de agradecimento ao Excelentíssimo Director dos Serviços de águas e Saneamento pelas facilidades que tem dado para as vizitas que os alunos teem feito às várias instalações. O Conselho concorda. Não havendo mais nada a tratar foi encerrada a sessão […]* .Ata de sessão ordinária de 25 de fevereiro de 1948, fls. 56/56v […] *como o número de professores da parte artística ficou reduzido com a saída do Mestre Acácio Lino, reducção essa agravada já anteriormente com a falta do professor de escultura, seria conveniente propor para os júris artísticos os senhores professores, Antonio Maria Cândido de Brito e David Moreira da Silva. […]*

[284] AESBAP – Cota 110 - *Livro de Actas das Sessões Ordinárias e Extraordinárias 1940-61*.

[285] AESBAP – Cota 110 - *Livro de Actas das Sessões Ordinárias e Extraordinárias 1940-61, sessão de vinte e seis de maio de 1948, fls. 58/58v […] Pelo senhor presidente foi também lembrada a conveniência da nomeação dos assistentes para urbanologia, referindo que podiam ser convidados os antigos alunos: João Andresen que foi aluno distinto e acabou o curso de Urbanização com primeira medalha e Sequeira Braga, aluno também distinto e culto, ficando o o senhor professor Brito e Cunha encarregado de se avistar com os propostos para as respectivas sondagens e /convites.*

[286] AESBAP 110 – *Livro de Actas das Sessões Ordinárias e Extraordinárias 1940-61, sessão de dois de julho de 1948, fls. 58v-59 o senhor Presidente […] tomou parte nas homenagens a Mestre Marques da Silva prestadas pela Irmandade de Nossa Senhora do Carmo na Penha, em Guimarães e em que representou a Escola […] de Belas Artes do Porto e congratular pelo sucesso obtido pelo primeiro Congresso de Arquitectura realizado ultimamente em Lisboa, felicitando efusivamente os senhores professores Carlos Ramos que representou oficialmente a Escola e o senhor professor David Moreira da Silva que, como o senhor professor Carlos Ramos presidiu a várias sessões do referido Congresso.* AESBAP 110 – *Livro de Actas das Sessões Ordinárias e Extraordinárias 1940-61, Sessão de 8 de Outubro de 1953, fls. 99v - 100 […] O professor Joaquim Lopes começa por informar o Conselho, na sua qualidade de Presidente da Comissão Organizadora das Homenagens a Mestre Marques da Silva, dos trabalhos até então realizados e das diligências feitas para que as mesmas atinjam os níveis por todos desejado, acabando por propor que a sessão de homenagem a efectuar na Escola seja transferida para o*

dia três de Dezembro próximo futuro. O professor David Moreira da Silva sugere que os trabalhos do Mestre Marques da Silva que, na sua maioria, não deixarão de figurar na exposição que se projecta levar a efeito por essa mesma altura, constituam documentação gráfica bastante e digna de se reunirem em volume, acompanhada do relato das restantes manifestações que se projectam, e que o produto de venda desses exemplares constitua um fundo que, perpetuando a memória de tão ilustre Professor e antigo Director desta Escola, sirva para premiar um aluno que se distinga segundo normas regulamento a elaborar posteriormente. Esta sugestão mereceu unânime aprovação de todo o Conselho.

AESBAP 110 – *Livro de Actas das Sessões Ordinárias e Extraordinárias 1940-61, sessão de 22 de dezembro de 1953, fls. 102-102v: […] O Director da Escola começou por se referir à magnífica cruzada que constituirá a série de homenagens levadas a efeito a Mestre Marques da Silva, de entre os quais se destacam, pelo seu esplendor, a sessão que se realizou nesta Escola seguida de inauguração da Exposição da obra daquele ilustre Professor e da de alguns dos seus antigos discipulos Propõe que ao arquitecto Porfírio Pardal Monteiro/vindo expressamente de Lisboa para naquela sessão fazer o elogio do Mestre Marques da Silva, se agradeça com vivo reconhecimento a sua colaboração e lhe seja testemunhado todo o apreço pela sua magnífica (primorosa) oração. O director propõe ainda que seja destacada uma delegação do Conselho para apresenta pessoalmente à Excelentíssima Senhora Dona Júlia Marques da Silva, viúva e companheira inseparável de seu marido, o vivo testemunho de toda a sua saudade e veneração.*

[…] Professor Carlos Ramos a gentileza de ter lido no cemitério da Lapa, junto ao mausoléu de Mestre da Silva as palavras que para essa ocasião escrevera. Como agradece a toda a Comissão Executiva e em particular à filha e ao genro do ilustre artista, Excelentíssima Dona Maria José Marques Moreira da Silva e Professor David Moreira da Silva pelo trabalho exaustivo na organização das várias solenidades.

O Professor David Moreira da Silva, agradece por sua vez a referência e sugere que ao Presidente da Secção Distrital do Sindicato Nacional dos Arquitectos, o arquitecto Homero Ferreira Dias, seja igualmente manifestado todo o reconhecimento desta Escola pela sua dedicada e esforçada colaboração. […]

Exercícios aplicados nas aulas e comparação com apontamentos do IUUP. FIMS/MSMS/1817

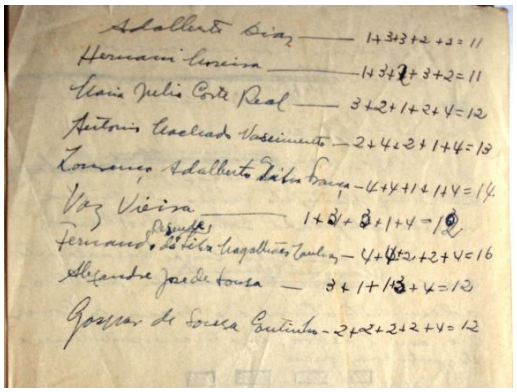


Fig.169 - Ano letivo de 1946/47. Classificação de alunos.
FIMS/MSMS/1817

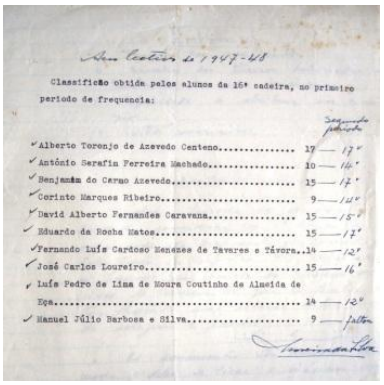


Fig.170 - Ano letivo de 1947/48. Avaliação de alunos.
FIMS/MSMS/1817-0046

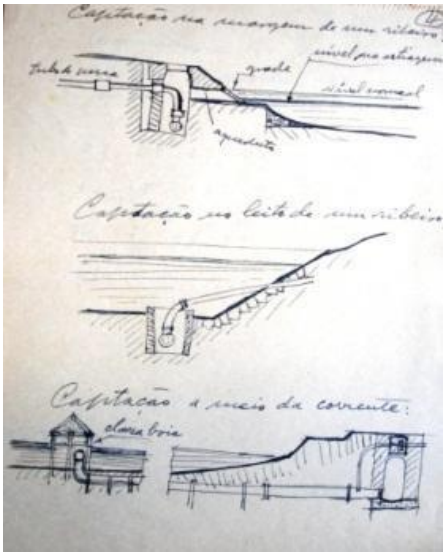


Fig.171 - FIMS/MSMS/1817

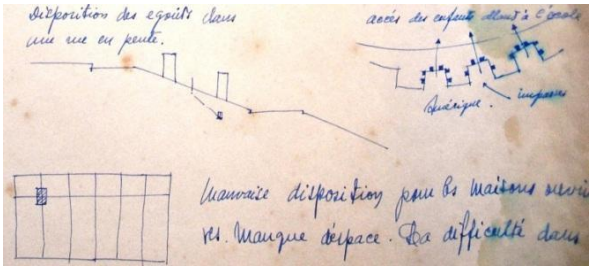


Fig.172 - FIMS/MSMS/1873

Exercícios aplicados nas aulas e comparação com apontamentos do IUUP. Concursos de Emulação de alunos. FIMS/MSMS/1817

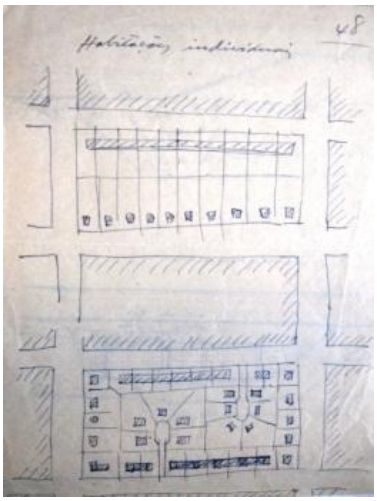


Fig. 175 - FIMS/MSMS/1817

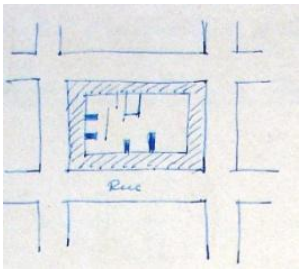


Fig. 173

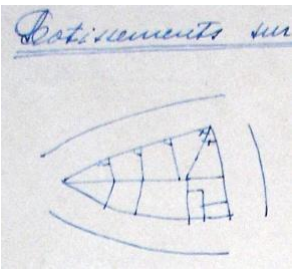


Fig. 174

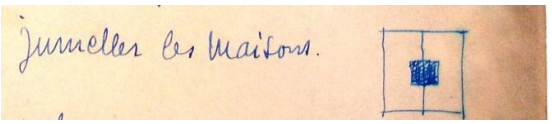


Fig. 176



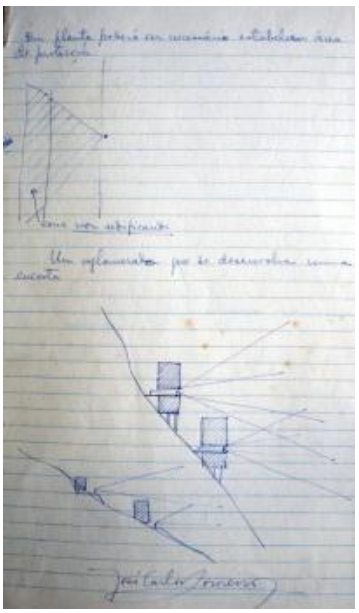
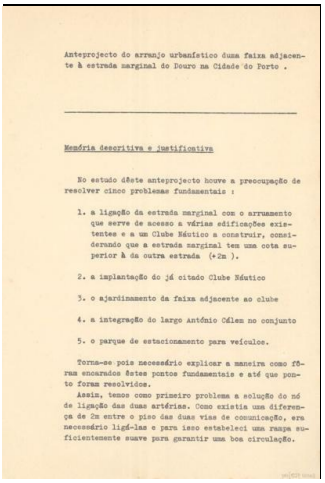


Fig. 177 – Exame da 16ª cadeira de José Carlos Loureiro, 11 de Julho de 1947. FIMS/MSMS/1817-0044 e FIMS/MSMS/1817-0045

Trabalhos dos alunos de David Moreira da Silva – 16ª Cadeira, Anteprojeto do Arranjo Urbanístico de Uma faixa Adjacente Marginal do Douro, Porto de 1951
FIMS/MSMS/1551

Rogério Augusto Neto Barroca



Anteprojecto do arranjo urbanístico duma faixa adjacente à estrada marginal do Douro na Cidade do Porto .

Memória descritiva e justificativa

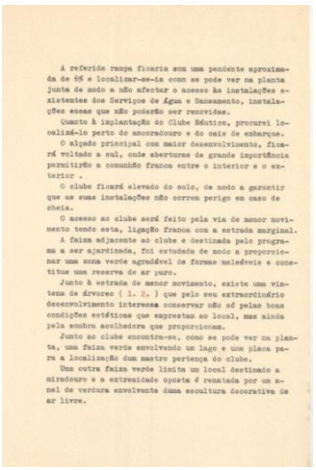
No estudo dêste anteprojecto houve a preocupação de resolver cinco problemas fundamentais :

1. a ligação da estrada marginal com o arruamento que serve de acesso a várias edificações existentes e a um Clube Náutico a construir, considerando que a estrada marginal tem uma cota superior à da outra estrada (+2m).
2. a implantação do já citado Clube Náutico
3. o ajardinamento da faixa adjacente ao clube
4. a integração do largo António Odlen no conjunto
5. o parque de estacionamento para veículos.

Torna-se pois necessário explicar a maneira como fôram encarados êstes pontos fundamentais e até que ponto foram resolvidos.

Assim, temos como primeiro problema a solução do nó de ligação das duas artérias. Como existia uma diferença de 2m entre o piso das duas vias de comunicação, era necessário ligá-las e para isso estabeleci uma rampa suficientemente suave para garantir uma boa circulação.

Fig. 178



À referida rampa ficaria sem uma pendente aproximada de 6% e localizar-se-ia como se pode ver na planta junta de modo a não afectar o acesso às instalações existentes dos Serviços de Água e Saneamento, instalações essas que não poderão ser removidas.

Quanto à implantação do Clube Náutico, procurei localizá-lo perto do ancoradouro e do cais de embarque.

O algado principal com maior desenvolvimento, ficará voltado a sul, onde aberturas de grande importância permitirão a comunhão franca entre o interior e o exterior .

O clube ficará elevado do solo, de modo a garantir que as suas instalações não correm perigo em caso de cheia.

O acesso ao clube será feito pela via de menor movimento tendo esta, ligação franca com a estrada marginal.

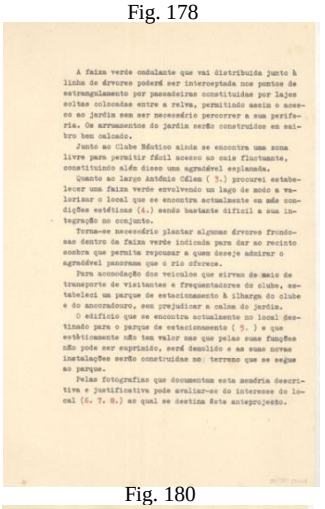
A faixa adjacente ao clube e destinada pelo programa a ser ajardinada, foi estudada de modo a proporcionar uma zona verde agradável de formas maleáveis e constitue uma reserva de ar puro.

Junto à estrada de menor movimento, existe uma vintena de árvores (l. r.) que pelo seu extraordinário desenvolvimento interessa conservar não só pelas boas condições estéticas que emprestam ao local, mas ainda pela sombra acolhedora que proporcionam.

Junto ao clube encontra-se, como se pode ver na planta, uma faixa verde envolvendo um lago e uma placa para a localização dum mastro pertença do clube.

Uma outra faixa verde limita um local destinado a miradouro e a extremidade oposta é rematada por um canal de vegetação envolvente duma escultura decorativa de ar livre.

Fig. 179



A faixa verde ondulante que vai distribuída junto à linha de árvores poderá ser interceptada nos pontos de estrangulamento por passadeiras constituídas por lajes soltas colocadas entre a relva, permitindo assim o acesso ao jardim sem ser necessário percorrer a sua periferia. Os arruamentos do jardim serão construídos em saibro bem calcado.

Junto ao Clube Náutico ainda se encontra uma zona livre para permitir fácil acesso ao cais flutuante, constituindo além disso uma agradável esplanada.

Quanto ao largo António Odlen (3.) procurei estabelecer uma faixa verde envolvendo um lago de modo a valorizar o local que se encontra actualmente em más condições estéticas (4.) sendo bastante difícil a sua integração no conjunto.

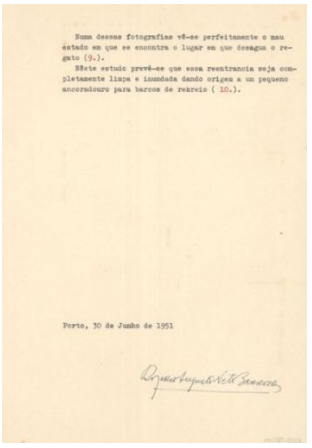
Torna-se necessário plantar algumas árvores frondosas dentro da faixa verde indicada para dar ao recinto sombra que permita repousar a quem deseje admirar o agradável panorama que o rio oferece.

Para acomodação dos veículos que sirvam de meio de transporte de visitantes e frequentadores do clube, estabeleci um parque de estacionamento à ilharga do clube e do ancoradouro, sem prejudicar a calma do jardim.

O edifício que se encontra actualmente no local destinado para o parque de estacionamento (5.) e que esteticamente não tem valor mas que pelas suas funções não pode ser suprimido, será demolido e as suas novas instalações serão construídas no terreno que se segue ao parque.

Pelas fotografias que documentam esta memória descritiva e justificativa pode avaliar-se do interesse do local (6. 7. 8.) ao qual se destina êste anteprojecto.

Fig. 180



Numa dessas fotografias vê-se perfeitamente o mau estado em que se encontra o lugar em que desagua o regato (9.).

Êste estudo prevê-se que essa ressurgência seja completamente limpa e inundada dando origem a um pequeno ancoradouro para barcos de recreio (10.).

Porto, 30 de Junho de 1951

Rogério Augusto Neto Barroca

Fig. 181



Fig. 182

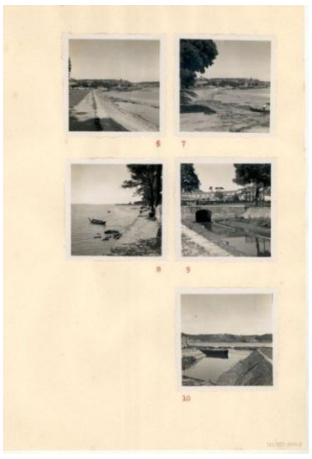


Fig. 183

2.1.2.2. Fim de uma carreira pedagógica

2.2.2.2.1. Provas para o concurso de provimento para um lugar de professor do 2º grupo da ESBAP

No ano de 1962, abre o concurso de provas públicas para o provimento de um lugar de professor do 2º grupo da Escola Superior de Belas-Artes do Porto[287], e são quatro os professores candidatos aceites para prestar provas a um só lugar deste grupo de docência: os arquitetos António José de Brito e Cunha, David Moreira da Silva, Fernando António Lorenzini Borges de Campos e João Henrique de Melo Breyner Andresen, *os dois primeiros que viram caducados em 31 de Dezembro de 1961 os contratos de professores da décima quinta e décima sexta cadeiras da antiga reforma, respectivamente ''Urbanologia e Projectos de Urbanização'', na Escola de Belas-Artes do Porto, o terceiro assistente do segundo grupo da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, e o último assistente do quadro do segundo grupo da Escola Superior das Belas-Artes do Porto*[288].

O Júri era constituído pelo arquiteto Carlos João Chambers Ramos e pelos vogais: Mário Tavares Chicó, licenciado e professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; engenheiro Antão de Almeida Garrett e Francisco Jacinto Sarmento Correia de Araújo, ambos professores catedráticos da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto; engenheiro Manuel Guilherme Tavares Cardoso,

---

[287] AESBAP - Diário do Governo, 2ª série, número 209, de 6 de setembro de 1961 e posteriormente retificado no Diário de Governo, 2ª série, número 213, de 19 de setembro de 1961.

[288] AESBAP – *Livro de Actas de Concursos para provimento de Lugares de pessoal docente 1961/1963 (Julho). Fl. 11 – Acta nº 11*.

AESBAP 110 - *Livro de Actas ordinárias e extraordinárias de Conselho escolar 1940-1961, fls 150-150v, sessão de 22 de dezembro de 1961 […] O professor Barata Feio pede a palavra para declarar que sendo este o último Conselho em que tomam parte os professores David Moreira da Silva e António José de Brito e Cunha, em virtude do seu afastamento devido ao concurso para professores efectivos em que entraram, lamenta esse afastamento após dezasseis anos de convivência escolar. O professor Cândido de Figueiredo comunga nos mesmos sentimentos, acompanhando-os, por fim, todo o Conselho. O professor David Moreira da Silva, tomando a palavra agradeceu profundamente comovido as palavras amigas ali proferidas que lhe calaram bem fundo, sobretudo as de Barata Feio. Em seguida, oferece o seu trabalho desinteressado até ao concurso em que deve entrar. O senhor Presidente, retomando a palavra, declara que havia previsto/tão generoso oferecimento e que por isso se tinha avistado com o senhor Director Geral ao qual falou a esse respeito, isto é na possibilidade dos professores agora afastados poderem reger voluntariamente os respectivos cursos. A este oferecimento porém se opõe o Director Geral, como teve ocasião de verificar. O arquitecto Brito e Cunha, tomando a palavra, agradeceu por sua vez a boa camaradagem sempre manifestada e as palavras amigas ali proferidas, lamentando que dezasseis anos de trabalho de nada lhe tinham servido. […]*

professor catedrático do Instituto Superior Técnico de Lisboa; arquiteto Paulino António Pereira Montês, diretor e professor na Escola Superior de Belas-Artes da Universidade de Lisboa; arquiteto Raul Lino da Junta Nacional da Educação e da Academia Nacional de Belas-Artes de Lisboa e doutor Orlando Ribeiro, professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

De acordo com o Art. 83.º do Decreto n.º 41 363 de 14 de novembro de 1957, as provas a prestar para este concurso seriam: a defesa de uma dissertação realizada e impressa para este concurso com temática relacionada com o programa da cadeira, a entregar com uma antecedência mínima de 30 dias, e defesa com a duração de 90 minutos; uma lição de 60 minutos sobre um programa de composição de urbanismo a uma turma de alunos previamente sorteado; apreciação crítica realizada pelo candidato sobre os estudos realizados pelos alunos; a realização de um esboceto realizado em doze horas e do projeto de composição de urbanismo em 60 sessões de 8 horas; discussão do projeto por 2 membros do júri[289].

De acordo com estas determinações, foi realizado o calendário da prestação de provas da seguinte forma: no dia doze, Fernando António Lorenzini Borges de Campos (turno da manhã) e João Henrique de Melo Breyner Andresen (turno da tarde) e em treze de abril David Moreira da Silva (turno da manhã) e António José de Brito e Cunha (turno da tarde), profeririam as lições para os alunos, perante o júri que integrava o presidente e arquiteto Carlos Ramos, os vogais engenheiros Mário Tavares Chicó, Antão de Almeida Garrett e Francisco Jacinto Sarmento Correia de Araújo, o arquiteto Paulino António Pereira Montês, encontrando-se ausentes o engenheiro Manuel Guilherme Tavares Cardoso, Raul Lino e Orlando Ribeiro. Os temas escolhidos para as lições e para os esbocetos a realizar pelos alunos aquando da lição lecionada pelos candidatos foram, respetivamente, *Arranjo de uma zona urbana da cidade de Lisboa. Largo do Rato e suas* imediações; *Anteplano de urbanização de uma zona residencial integrada no anteplano geral de urbanização de uma importante capital de distrito*; *Esboceto de remodelação de um sector da zona arqueológica da cidade do Porto.* António José de Brito e Cunha desistia da prestação de provas por doença[290]. Aos

[289]*BOLETIM PROVAS dos Concursos para Professores de Arquitectura, Urbanologia, Pintura, Escultura, Desenho. 1962-1963*. Porto: Ministério da Educação Nacional, Direção Geral das Belas-Artes do Porto, 196, pp. 11-12.
[290] AESBAP – *Livro de Actas de Concursos para provimento de Lugares de pessoal docente 1961/1963 (Julho). Fl. 11 – Atas nºs. 29, 30, 31 e 32, fls. 18-19v.*

candidatos foi atribuído o desenvolvimento de um esboceto (primeira fase da prova de composição de urbanismo) e projeto de composição de urbanismo, subordinado ao tema *Plano Parcial de urbanização da Zona de Nevogilde* (cidade do Porto), no dia vinte e cinco de abril de 1962[291], esboceto a entregar no mesmo dia pelas 21h e 30 minutos e cujo desenvolvimento se iniciaria em vinte e seis de abril, terminando-o e entregando-o no dia 7 de julho do mesmo ano pelas dezanove horas. Entre doze e catorze de maio os candidatos fariam a apreciação crítica dos trabalhos dos alunos perante o júri. Em 7 de julho, os candidatos entregariam os seus trabalhos *Um projecto de composição de urbanismo.* Nos dias 11 e 12 de julho, pela mesma ordem, prestariam a prova *discussão do projecto de composição de urbanismo*. Nos dias dezoito e dezanove do mesmo mês submeter-se-iam à prova de *Defesa de uma dissertação*.

Do programa para o Projeto de Composição de Urbanologia, tema sorteado, intitulado *Plano parcial de urbanização da zona de Nevogilde,* havia indicações precisas sobre os aspetos a prever e a incluir pelos candidatos ao nível de serviços de interesse público (centros cívico, comercial, religioso, desportivo, educativo) e podendo os candidatos propor ainda outros que considerassem indispensáveis ou que fossem complementares aos indicados pelo júri. Os arquitetos contaram com a disponibilização de documentação para consulta, um projeto municipal – plano parcial de urbanização- para *a malha interior dos arruamentos* da zona em estudo (memória descritiva e justificativa e planta com localização dos equipamentos existentes e outros pensados, avenidas, arruamentos e ruas e dados populacionais), uma planta à escala de 1: 5000 com alguns equipamentos já existentes, indicações sobre o trabalho a realizar salvaguardando possíveis opiniões divergentes desde que devidamente justificadas, algumas informações sobre projetos turísticos para a zona marginal da Foz Nova (hotel, piscina de marés, restaurante, bar, dancing …). Possibilitava-se aos candidatos uma alteração ao esboceto (à primeira análise), sempre que devidamente justificada. Os candidatos deveriam realizar durante as sessões: memória descritiva e justificativa com a referência à ocupação, população e densidade; uma planta de zonificação à escala de 1:500 e uma planta de urbanização, escala de 1: 2000.

As provas de dissertação impressas apresentadas pelos três candidatos foram: David Moreira da Silva – *Subsídios para Elaboração do Código Urbanístico Português*

[291] *Idem*, ata nº 35, fl. 19v.

[292]; Fernando António Lorenzini Borges de Campos – *Planeamento Urbano e Territorial.Considerações sobre a sua natureza e o seu ensino no âmbito de um curso para a formação de arquitectos* e João Henrique de Mello Breyner Andresen – *Para uma cidade mais Humana.*

Destas dissertações as duas apresentadas pelos dois candidatos da Escola do Porto (e as melhores classificadas), a de David Moreira da Silva e do seu anterior assistente, João Andresen, destacamos o facto de uma ser sobre direito administrativo e a outra de cariz teórico sobre urbanismo. Moreira da Silva realiza uma síntese da legislação nacional e internacional existente no âmbito do urbanismo[293], justificando o seu trabalho através da constatação de que grande parte dos problemas e a qualidade do urbanismo praticado são consequência dos regulamentos e leis que considera lacunares e discrepantes e, por isso, impeditivos de estudos e realizações a nível da urbanologia. Neste seu trabalho socorre-se ainda de uma citação de Marcel Poëte, de 1935, passados cerca de vinte anos sobre a sua utilização na tese apresentada ao IUUP *L'Urbanisme est lui-même une synthèse de la vie des hommes en société* e de uma outra mais atualizada de Yves Nicolas, de 1961, *O conhecimento dos problemas jurídicos que coloca o arranjo do solo é indispensável a todos aqueles que querem ultrapassar o estádio dos estudos e dos projetos.*

No dia dezanove de julho de mil novecentos e sessenta e dois, o júri, constituído por Carlos Chambers Ramos, presidente, Professores Doutores Manuel Guilherme Tavares Cardoso, Antão de Almeida Garrett, Francisco Jacinto Sarmento Correia de Araújo, licenciado Mário Tavares Chicó e Professor Arquiteto Paulino António Pereira Montês, reuniu para proceder à votação dos candidatos.

---

[292] FIMS/Monografias/DMS-567 - *MOREIRA DA SILVA, David - Subsídios para a Elaboração do Código Urbanístico Português*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1962.

[293] Obrigatoriedade de construir em terrenos confinantes com as vias públicas a nível nacional e de Lisboa e do Porto; condicionamentos gerais sobre construção e edificações; condicionamentos gerais relativos à segurança, salubridade e estética das edificações; regime geral de expropriações por utilidade pública; expropriações e indemnizações; expropriação por arbitragem e melhoramentos para fins determinados; precaridade das benfeitorias em prédios sujeitos a expropriação; Problema da Habitação (construção de casas económicas, para pobres e de renda económica) Direito de superfície, remodelação e substituição de prédios, propriedade horizontal; construções escolares primárias e sua localização; organização hospitalar; matadouros e mercados; indústrias insalubres; cemitérios; abastecimento de água potável e redes de esgoto; património arqueológico, histórico, artístico e paisagístico (classificação, fixação de zonas de proteção); vias de comunicação (caminhos de ferro, portos, estradas, aeroportos); Código administrativo, o ensino da urbanologia.

> *Em mérito relativo os primeiro, segundo e terceiro lugares couberam, respetivamente aos candidatos:*
> *João Henrique de Mello Breyner Andresen que obteve quatro votos para o primeiro lugar e um para o segundo.*
> *David Moreira da Silva que obteve quatro votos para o segundo lugar e um para o primeiro.*
> *Fernando António Lorenzini Borges de Campos que obteve cinco para o terceiro lugar*[294].

Terminaria, assim, para David Moreira da Silva a docência na ESBAP de uma forma que nunca aceitaria.

[294] *Idem*, *ibidem*. Ata nº 72, fl. 30. O professor Doutor Manuel Guilherme Tavares Cardoso, porque faltou às lições proferidas pelos candidatos, perdeu direito a voto.

Provas para o Concurso para o Provimento de Um Lugar de Professor do 2º Grupo da ESBAP – Boletim provas dos Concursos para professores de Arquitetura, Urbanologia, Pintura, Escultura, Desenho, 1962-63.

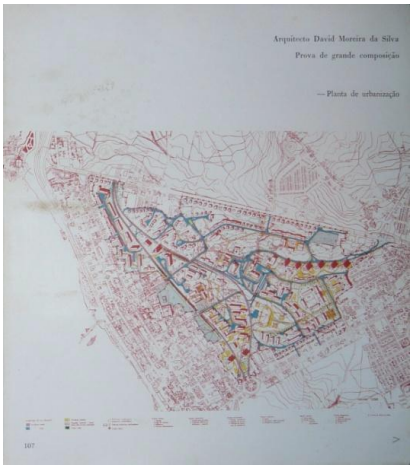


Fig. 184 - p. 107 Planta de Urbanização David Moreira da Silva

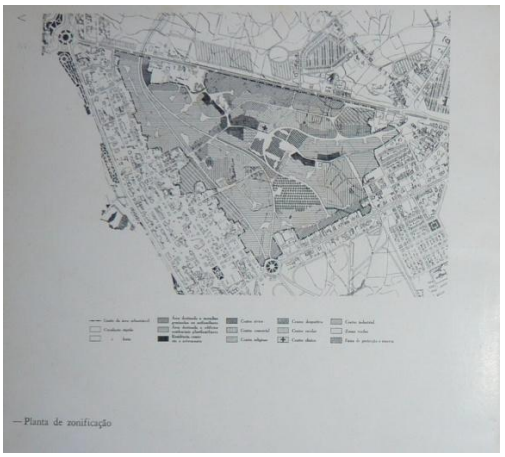


Fig. 185 - p. 108 Planta de Zonamento David Moreira da Silva

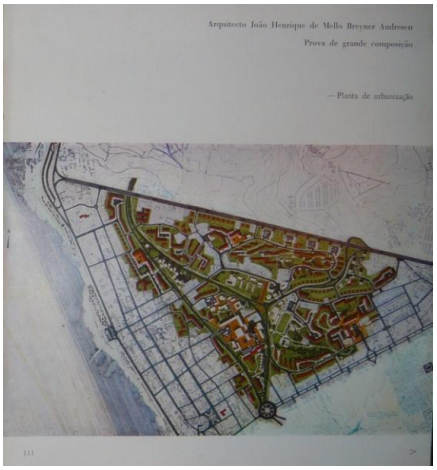


Fig. 186 - p. 111 Planta de Urbanização João Henrique de Mello Breyner Andresen

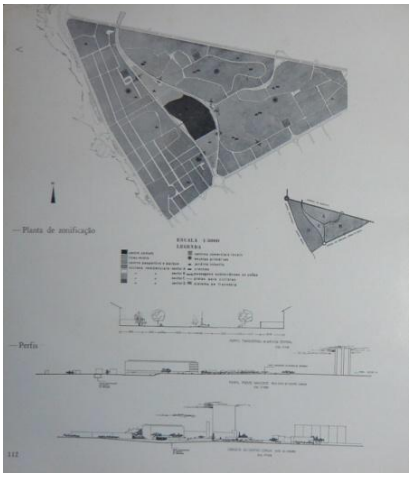


Fig. 187 - p. 112 Planta de Zonamento João Henrique de Mello Breyner Andresen

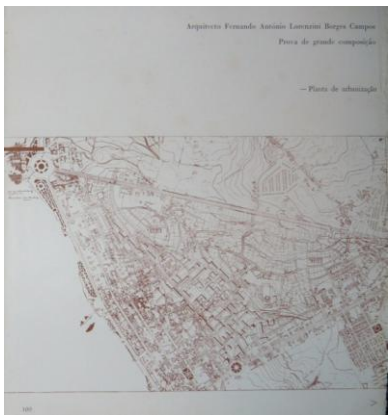


Fig. 188 - p. 109 Planta de Urbanização Fernando António Lorenzini Borges Campos



Fig. 189 - p. 110 Planta de Zonamento Fernando António Lorenzini Borges Campos

2.2. A Comissão Municipal de Arte e Arqueologia da Câmara do Porto

Na sessão de sete de março de 1946, David integra a Comissão Municipal de Arte e Arqueologia, até ao mês de setembro de 1974[295]: inicialmente, por indicação da Câmara Municipal e enquanto docente da Escola de Belas-Artes do Porto e, mais tarde, a partir de 1961, após a sua saída da docência da ESBAP como representante do Sindicato Nacional dos Arquitetos[296], altura em que os representantes da ESBAP eram os arquitetos Carlos Chambers Ramos e Rogério dos Santos Azevedo.

Enquanto membro desta comissão, participa e opina sobre questões urbanísticas da cidade conjuntamente com outras personalidades como o Dr. Carlos Teixeira da Costa Júnior; Dr. Vasco Valente; Dr. Manuel de Figueiredo; Dr. Magalhães Basto; Dr. António Cruz; Arq. Carlos Ramos; Eng.º João de Brito e Cunha; Eng.º Mário do Carmo Pacheco; Eng.º Miguel de Resende (década de 1940 a 1950)[297]; Dr. Manuel Ramos Pinto Rosas[298]; Eng.º Bonfim Barreiros; Arq. Rogério dos Santos Azevedo[299]; Carlos Chambers Ramos; Sr. Ricardo Spratley; Dr. Manuel da Fonseca Figueiredo; Reverendo Doutor Bernardo Xavier Coutinho[300]; Dr. Eng.º Augusto Nascimento da Fonseca Júnior; Eng.º José António Mena de Matos; Engº. Augusto Nascimento Nunes da Fonseca Júnior; Eng.º José Corte Real Pimenta; Arq. Luís Cunha; Drª Maria Emília dos Santos e Silva Amaral Teixeira[301]; Dr. Rolando Vanzeller; Engenheiro José dos Santos Guedes Cardoso[302]; Arquiteto Luís Pedro de Lima Moura Coutinho de Almeida de Eça[303]; Arq. Alberto Simões Rosmaninho e Fernando Soares, chefe da Divisão de Obras (1960 e inícios de 1970). Nas reuniões ordinárias e extraordinárias desta Comissão, órgão com caráter consultivo, apresentavam-se e davam-se pareceres sobre as questões urbanísticas da cidade do Porto, nomeadamente, nas décadas de 1940 a 50: análise de processos de construção de obras na cidade – anteprojeto do prédio a edificar na Praça Gomes

[295] AHCMP - BI/2, fls 34v,35, 35v, 36 Atas das Reuniões da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia. Até 1961 enquanto representante da Escola de belas Artes e Escola Superior de Belas Artes do Porto, posteriormente enquanto representante do Sindicato Nacional dos Arquitetos.
[296] AHMP – BI/3; BI/4 e BI/5 e B/Livros de Atas Reuniões da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia.
[297] Não existe no AHMP o livro de atas correspondente aos anos cinquenta.
[298] AHMP – Representante das Associações Culturais ou grupo de Amigos de monumentos e museus do Concelho.
[299] Representante da Escola Superior de Belas Artes do Porto.
[300] AHMP – representante da Diocese.
[301] Representante do Museu Nacional Soares dos Reis.
[302] AHMP – Diretor de Serviços de Urbanização e Obras.
[303] AHPM – Assessor do Diretor de Serviços de Urbanização e Obras.

Teixeira, em frente à Universidade do Porto, e Praça Carlos Alberto; Anteprojeto do Plano Geral da "Grande Exposição Industrial Portuguesa", 1949, nos jardins do Palácio de Cristal; pavilhões de chá na orla marítima da Foz do Douro; construção de uma Igreja e Convento Dominicano, na zona residencial da Av. Marechal Gomes da Costa; alterações do espaço urbano – Praça da Batalha no que concerne à circulação de peões e de veículos, frentes de edifícios – Praça Filipa de Lencastre e travessa e rua da Fábrica; cérceas; ampliações de oficinas no interior da cidade; propostas de arborização da cidade; embelezamento de construções; alinhamentos de ruas; reparações em ruas, largos e praças da cidade. Na década de 1960 a 1972, destacam-se, além de alguns processos nas áreas atrás referidas: obras de restauro – o de uma fonte decorativa da Av. Montevideu, alterações de fachadas a realizar no centro da cidade; arranjo do largo fronteiro à igreja da Trindade; edificação de prédios e demolições de outros; colocação de painéis de mosaicos; transformação do Largo Fronteiro aos Paços do Concelho em parque automóvel, com possível deslocação da Estátua de Almeida Garrett para outro local; dois estudos para o viaduto sobre a Avenida Saraiva de Carvalho, entre as ruas Saraiva de Carvalho e a Calçada da Vandoma ou projeto da Avenida da Ponte; análise de documento sobre o Plano Director da Cidade (documento aprovado, mas, propondo outra redação para os cinco pontos do artigo décimo quinto deste regulamento[304] e relativo à zona de interesse arquitetónico e Zona da Foz Velha); localização e construção de monumentos, fontes ou restauros a realizar a edificar na cidade (localização da estátua de Ramalho Ortigão de Afonso de Albuquerque e do "Velho Porto", estátua de "Arnaldo Gama", duas esculturas uma de Sousa Caldas e outra de Charters de Almeida para a zona do Campo Alegre, estudo da base da escultura de Guerra Junqueiro a colocar na casa Museu, Rosalia de Castro, estátua de Vímara Peres na zona antiga da cidade, reabertura do nicho de Santana, emparedado); arranjo do Palácio das Cardosas; arranjo da Casa dos Vinte e Quatro; reconstrução do Arco de Santana; criação do Museu da Cidade; arranjo da Capela de Carlos Alberto do Palácio de Cristal; proteção da Zona arqueológica (parques de estacionamento automóvel, projeto da Avenida da Ponte (14/11/1962); permissão para instalação de publicidade/reclames luminosos. Relativamente às cérceas, David Moreira da Silva, na

[304]Cf. II Vol.,pp. 231- 233 AHMP – Ata da reunião da Comissão de Arte e Arqueologia, 29 de maio de 1963, fls. 42-43.

sessão de 03/10/1968[305], emite uma opinião acerca do estudo das cérceas da R. de Sá da Bandeira entre as Ruas de Passos Manuel e Fernandes Tomás, sugerindo a conveniência do último andar ser recuado; arranjo da entrada poente do Túnel rodoviário; criação de um arquivo histórico para a cidade do Porto (proposta de Xavier Coutinho).

Neste órgão, a participação de David Moreira da Silva difere daquela que faz nas reuniões do Conselho escolar da ESBAP. Quando, anteriormente, afirmamos que é sobretudo um urbanista com formação em arquitetura, podemos constatar e comprovar esta nossa afirmação através da leitura das atas das reuniões da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia que nos testemunham uma maior e assertiva participação nas problemáticas ligadas ao urbanismo da cidade.

Evidenciamos algumas situações, por nós consideradas pertinentes, sobre a tomada de posição relativamente a algumas situações analisadas. Assim, em sessão de 8 de junho de 1946[306], quando o presidente da reunião, vereador doutor Carlos Alberto Teixeira da Costa Júnior, apresenta, na ordem de trabalhos da Comissão, o projeto de ampliação de uma oficina de fabrico de peças para automóveis (Firma Ed. Ferreirinha, Lda) na rua da Boa Nova n.º 125, o arquiteto Moreira da Silva intervém e considera que nunca devia ser autorizada naquela área da cidade, embora, neste caso particular, podendo ser encarada a possibilidade por não haver o perigo de fumo

> *nem exalar gases tóxicos e ainda atendendo-se ao facto da cooperação prestada por aquela indústria à economia nacional, mas fazendo-se, desde já, as seguintes objecções: Primeiro – que as construções deverão ser condicionadas a um revestimento exterior de arvoredo, que no seu conjunto forme um maciço verde; Que no seguimento do processo aquela firma deverá apresentar outros aspectos procurando o embelezamento das construções a realizar de forma a que os seus volumes e disposição no referente aos alinhamentos actuais sejam estudados de forma a obter-se o melhor aspecto de perspectiva em relação à Rua de Júlio Dinis, possivelmente em fachadas paralelas aos citados alinhamentos e recuados destes cerca de cinco metros. Terceiro – que a torre indicada na planta-perspectiva deverá passar para um plano posterior, onde está indicada a lápis, de preferência*[307].

[305] AHMP, BI/4, livro de atas de reuniões da Comissão de Arte e Arqueologia, fls, 3v-4
[306] AHMP, BI/2, livro de atas de reuniões da Comissão de Arte e Arqueologia, fls. 37 – 38v
[307] Cf. II vol., p. 217.

Numa sessão 29 de maio de 1947[308], David Moreira da Silva é encarregado de apresentar, na reunião seguinte da Comissão, um parecer sobre o projeto de instalação de pavilhões de chá, na orla marítima da Foz do Douro. Na reunião seguinte, dia 3 de julho de 1947[309] apresenta um parecer fundamentado da sua discordância relativamente ao projeto anteriormente apresentado que considera não valorizar uma zona de orla marítima nem os interesses do turismo. A construção de tantos pequenos pavilhões sem qualquer impacto arquitetónico numa área tão vasta, prejudica a envolvente do *pequeno monumento de arquitectura militar*[310], quebrando o seu isolamento e o seu ambiente pela proximidade do aquário Vasco da Gama que considera tratar-se de um imóvel *deselegante e feio*. Passa então a especificar que os dois pavilhões já existentes e os locais representados em planta com as letras A e B têm condições para que neles sejam construídos edifícios para satisfazer os inúmeros veraneantes passando a enumerar as condições que cada edifício deveria ter e de forma a satisfazer as exigências estéticas (área, configuração geométrica do edifício e das fachadas esteticamente projetadas na linguagem da época, altura de acordo com a cércea, com a altura máxima de oito metros, funções – jardim privativo, esplanada comercial, sala fresca e abrigada dos ventos do norte – nortadas ou do espelho de água), respeitando a vegetação existente, e de arranjo que a Av. Montevideu impõe.

No que diz respeito ao problema do estacionamento automóvel no coração da cidade[311], Av. dos Aliados, DMS, perante a possibilidade de *transformar o largo fronteiro aos Paços do Concelho, na Praça do Município, em parque de estacionamento para automóveis*[312] e a consequente necessidade de deslocar a estátua de Almeida Garrett, intervém e refere *o plinto desta estátua ter sido estudado em função do local em que foi colocada, tendo em vista o seu pano de fundo constituído pelo edifício dos Paços do Concelho. A admitir-se agora a sua deslocação, essa implicaria o estudo de um arranjo para o seu novo enquadramento o que lhe parece talvez inoportuno […]*[313] a comissão manteve a decisão anterior de não alterar nada.

---

[308] AHCMP, *idem*, fls. 40v – 41.
[309] AHMP, *idem*, *ibidem*, fls. 41-43.
[310] AHMP, *idem*, *ibidem*.
[311] Vide II Vol, pp. 228-229. AHMP –BI/ 3 - Livros de Atas da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia, ata da reunião de 28 de fevereiro de 1962, fls. 25-25v
[312] AHMP, *idem*.
[313] AHMP, *idem, ibidem*.

Na ata da reunião desta comissão de 14 de novembro de 1962[314], o vogal engenheiro Augusto Nascimento, enquanto diretor dos Serviços de Urbanização e Obras, apresentou o estudo relativo ao viaduto a construir sobre a Avenida entre as ruas Saraiva de Carvalho e Calçada de Vandoma que iria integrar o projeto de urbanização da zona da Avenida da Ponte contemplando duas soluções:

> *uma em que o tabuleiro assentava em três tramos rectos, ligados por curvas de pequeno raio, e que traria como consequência, como é natural, uma tendência para que os veículos invadissem a faixa de trânsito contrária […]; outra, em que essa ligação se faria por uma curva uniforme e contínua mas que, por dificuldades de ordem técnica e principalmente devido aos grandes esforços de torsão a que a estrutura ficava sujeita, tornava aconselhável a colocação dum pilar central, que dividiria o trânsito em da Avenida em dois ramos distintos*[315].

David Moreira da Silva lamenta o facto de a Comissão não ter sido previamente consultada nesta questão de arranjo urbanístico de conjunto da zona, e de não possuir todos os elementos que permitam a apreciação de uma questão tão importante para a melhoria da vida na cidade e, ainda, pela exigência de solucionar, de uma forma urgente, algo de tal complexidade e apenas opinar sobre o número de pilares do viaduto.

> *Dá o seu pleno acordo à solução do problema constituído pelo cruzamento da Avenida da Ponte com a de Saraiva de Carvalho – Calçada de Vandoma, a níveis diferentes, a única que tem por satisfatória, mas não pode nem deve pronunciar-se sobre o número de pilares enquanto não estiver convencido de que o viaduto tem de ser feito à cota prevista: por um lado, porque a cota do respectivo tabuleiro lhe parece excessivamente alta em relação à Sé Catedral; e por outro, por entender que a largura da Avenida Saraiva de Carvalho, é manifestamente insuficiente para comportar em boas condições estéticas e funcionais, a solução em causa. O sitio é dos de melhores características monumentais e, por isso, importa não o dotar com qualquer obra que, como o viaduto em causa, seja susceptível de as amesquinhar.*[316]

[314]Vide II Vol., pp. 229-231. AHMP - BI/ 3 - Livros de Atas da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia, fls. 37v - 39
[315] AHMP, *idem*.
[316] *Idem.*

Estas são algumas das questões e soluções apresentadas a este organismo da cidade do qual o arquiteto faz parte e no qual participa a par dos seus compromissos profissionais e, anteriormente, enquanto docente da EBAP e ESBAP.

Conhecedor e atualizado relativamente a toda a legislação na área do urbanismo, David Moreira da Silva elaboraria e apresentaria à comissão uma proposta de alterações ao Regulamento de Saliências e Edificações Urbanas[317]. Nesta proposta demonstra um perfeito domínio concetual do urbanismo e uma enorme preocupação pela clarificação de determinados conceitos e aplicação, como se pode inferir através da leitura da ata[318].

Pretendemos desta forma constatar o seu conhecimento, a sua competência e pragmatismo em questões na área de urbanismo, propondo soluções de intervenção numa perspetiva global e tendo em conta todos os vetores a contemplar – estético, circulação e integração dos edifícios, social, da higiene e salubridade –, não pensando isoladamente um determinado problema. Sempre atento à complexidade das questões levantadas pela cidade e indispensáveis à sua habitabilidade, David Moreira da Silva pensa todas a intervenções à sua escala.

[317] FIMS/MSMS/4236 – Proposta de Alteração ao Regulamento de Saliências e Edificações Urbanas.
[318] Vide Vol- II, pp. 246 a 248, AHMP – BI/4 - Livro de Atas de reuniões da Comissão de Arte e Arqueologia, sessão de 5 de maio de 1970, fls. 66-71v.

2.3. Conclusões

Em 1940, já em Portugal, o arquiteto colabora com o urbanista De Gröer no anteprojeto de Coimbra, em parceria, no de Luanda e, noutros, sozinho como nos de Moledo do Minho, Águeda, Monte Real … torna-se consultor de várias Câmaras Municipais continentais.

Desloca-se a várias localidades angolanas no âmbito do contrato para realização do Plano de Urbanização de Luanda.

Escreve quatro artigos sobre urbanismo para o jornal *O Primeiro de Janeiro*, entre 1940 e 1941.

Inicia o seu ateliê no primeiro andar do nº 506 da Rua Fernandes Tomás, no Porto.

Casa com a arquiteta Maria José Marques da Silva Martins e inicia uma nova fase da sua vida afetiva e profissional.

No dia 28 de janeiro de 1946, assina o primeiro contrato com a EBAP para lecionar a 16ª cadeira *Projetos e Obras de Urbanização*, criada pelo Decreto-lei nº 34:607 de 15 de maio de 1945, e é docente da EBAP e ESBAP até dezembro de 1961, sob a direção de Joaquim Lopes e de Carlos Ramos, sendo substituído pelo assistente o arquiteto João de Mello Breyner Andresen após prestação de provas para professor efetivo do 2º grupo.

Integra a Comissão Municipal de Arte e Arqueologia entre 1946 e 1974, participando ativamente e ajudando a solucionar questões urbanísticas levantadas à cidade e contribuindo para o crescimento harmónico da cidade.

2.4. O(s) Ateliê(s): David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins

2.4.1. Conceito, formação e etapas

O termo ateliê torna-se aqui um termo que propõe a significação de um espaço de criação, de aprendizagem, de trabalho particular e privilegiado que nos permitirá compreender os diferentes períodos de organização, de produção urbanística, arquitetónica e de consultadoria, os compromissos, os clientes, as fórmulas adotadas e as finalidades, o produto final, a prática e a sua relação com o poder uma vez que *o espaço não é homogéneo nem apolítico nem pode se concebido em si e para si mesmo, mas enquanto produto da História, um lugar de reencontro dos aspetos materiais, financeiros, culturais*[319]. Assim, pretende-se refletir sobre as diferentes atuações deste espaço feito de diálogos e de trabalho entre o casal e com todos os diversos colaboradores, e retirar várias conclusões.

Um lugar por nós entendido não só enquanto espaço físico/material no qual se pensa, se estuda, se aprende, se organiza e se realiza o projeto (peças desenhadas e escritas), se determina o tipo de intervenção no estaleiro, se agendam as deslocações, se realizam os contactos de consultadoria e correspondência mas também enquanto espaço existencial de dois arquitetos que partilham vida íntima/afetiva e profissional. É, ainda, produto da formação noutros ateliês, de outras aprendizagens, práticas, tempos e espaços que se cruzaram em contextos próprios.

Neste caso a designação de ateliê de arquitetura, urbanismo e de consultadoria é por nós entendida enquanto um espaço habitado por outras formas de olhar e praticar a arquitetura e o urbanismo, pelas lições aprendidas, pelos diálogos, olhares e cumplicidades de Maria José Marques da Silva Martins e David Moreira da Silva. Os lugares que se sucedem no tempo e em diversos espaços da cidade e nos quais se encontram os arquitetos, os colaboradores, os desenhadores, os técnicos, os estiradores, os dossiês, os livros de pagamento e de correspondência, os projetos inacabados, as agendas, os lápis, os papéis… são apenas dispositivos espaciais de reunião, de encontro, execução e controlo de decisões tomadas.

As duas pessoas por nós estudadas assumiram, desde muito cedo, primeiro com os pais, depois entre elas, o(s) compromisso(s) de partilhar a vida que foi, também, feita

[319] CORTÉS, José Miguel G. - Políticas del Espacio. Arquitectura, género y controle social. Barcelona: Iaac (Institut d'Arquitetura Avançada de Catalunya), Vicent Guallart, 2006.

de realizações profissionais entre pares. Enfim, este espaço é, na sua essência, um somatório de outros espaços permanentes, não existindo a particularização/função específica de um determinado tipo de trabalho.

Aqui o casal de arquitetos gere as suas competências profissionais/pessoais de uma forma caracterizada pela paridade resultante do trabalho complementar, numa época em que raras eram as mulheres formadas e entendidas como iguais no trabalho profissional pelos familiares. Temos aqui uma das primeiras lições dadas pelo casal, numa conjuntura política e social na qual o papel desempenhado, na esfera pública, pela mulher era subvalorizado. Maria José Marques da Silva Martins, filha de Marques da Silva e companheira de David Moreira da Silva, tem um lugar valorizado e de complementaridade com estes dois nomes enquanto familiar e colega de numa área raramente partilhada.

Pessoas que com eles conviveram de uma forma íntima afirmam que ambos se completavam nas dicotomias serenidade/impetuosidade, racionalidade/emoção, passividade/iniciativa, projeto/gestão, trabalho de gabinete/trabalho de campo, idealismo/pragmatismo. Partilhavam solidariedade, trabalho árduo, princípios rígidos, respeito, admiração pelos progenitores, produção com a finalidade de garantir um futuro seguro a nível material e de acordo com um determinado estatuto. *Desceram a par os degraus da vida*[320] foi uma expressão utilizada por um dos colaboradores do ateliê e por nós considerada bastante significativa para entender o seu compromisso de vida. Estas nossas constatações partem, assim, dos diversos registos por nós estudados/analisados (agendas pessoais e de trabalho, livros de registos de técnicos na Câmara Municipal do Porto, correspondência diversa, apontamentos profissionais, peças desenhadas e escritas dos diversos projetos, blocos de pagamento a colaboradores de trabalho, cartas …) que são elos que nos permitem uma reconstituição indireta do ateliê em estudo e portanto orientam o nosso olhar e a forma como entendemos a obra de parceria.

Maria José realizava o trabalho *in loco*, subia às pranchas no local da obra, participava nos estudos e na realização de projetos com David Moreira da Silva,

[320] Expressão usada durante uma entrevista, por nós efetuada a um antigo colaborador do ateliê, Sr. Jorge Portela, em 1 de fevereiro de 2006. De acordo com este antigo colaborador, David Moreira da Silva era de fácil trato, trabalhador, mas intransigente nas suas convicções. Principal mentor das ideias e projetista corrigia os projetos com Maria José, passava a ideia do projeto para o papel. De Maria José: a *voz crítica*, canalizadora de projetos, corrigia-os com DMS, fiscalizava, participava na ideia de projeto.

empenhando-se, de uma forma acalorada, no estudo e realização dos projetos[321]. Para a maior parte dos entrevistados o arquiteto-urbanista seria o responsável por pensar, projetar e iniciar os projetos e Maria José a gestora, mas ambos se deslocavam frequentemente aos sítios em que se encontravam a realizar obra[322].

As ligações com os progenitores, com aprendizagens de outros tempos e do seu tempo, terão imposto algumas mudanças e uma submissão a programas e realizações.

Em 9 de julho de 1941, Porfírio Pardal Monteiro, presidente do Sindicato Nacional dos Arquitetos, escreve ao presidente da Secção Distrital, expondo uma preocupação há muito sentida, a de que determinados arquitetos diplomados pelo Governo Francês oficialmente não eram reconhecidos em Portugal por não possuírem diploma português, e por isso, de acordo com a legislação, não puderem exercer o cargo. Nesta situação encontram-se os arquitetos José Marques da Silva, Manuel Marques e David Moreira da Silva *[…] Acuso a receção do ofício de V. Ex.ª de 30 de Junho pelo qual V. Ex.ª me informa que os arquitetos Srs. José Marques da Silva, Manuel Marques e David Moreira da Silva são diplomados pelo Governo Francês.*

Tal informação, aliás exata, *não resolve no entanto segundo a legislação portuguesa a situação oficial desses ilustres colegas para poderem usar o título e exercerem a profissão de arquitecto em Portugal.* […]. Informa ainda que, legalmente, não poderão usar o título de arquitetos e exercerem a profissão. Numa altura em que o Sindicato Nacional dos Arquitetos […] procura proceder contra todos aqueles que, indevidamente, usam o título de arquiteto ou exercem a respetiva profissão, o maior empenho desta Direção consiste em *convidar tôdos os que têem direito a usar legalmente aquêle titulo, a que cumpram as disposições da lei.* […]. O presidente do sindicato envia uma cópia do decreto Nº 11.089 para que legalizem a sua situação, uma vez que, de acordo com o seu artigo nº 3, só é válido o diploma passado pelas Escolas de Belas Artes de Lisboa e Porto. Os que tiraram os seus cursos em escolas estrangeiras necessitam da autorização do Ministro da Educação Nacional.

Desta forma encontramos explicação para que o diploma de David Moreira da Silva, da Escola de Belas Artes do Porto, só tenha sido passado em fevereiro de 1950 e

[321] Informações obtidas a partir de uma entrevista realizada com o senhor Américo Costa, colaborador de José Moreira da Silva na SCPOPP, no dia 22 de dezembro de 2005.

[322] Informações obtidas a partir de uma entrevista realizada com o arquiteto José Carlos Loureiro, em 5 de janeiro de 2006, e com o Senhor Jorge Portela desenhador, em 1 de fevereiro de 2006. O arquiteto trabalhou no ateliê de David Moreira da Silva na praça Marquês do Pombal, finais da década de 1940, enquanto aluno da EBAP, e Jorge Portela começou a trabalhar em 1980 no ateliê da rua de Alegria.

a razão pela qual Maria José assina sempre o termo de responsabilidade de obra, uma vez que diplomada em 1943, pela EBAP, tenha tido o diploma exigido e em 24 de outubro de 1945 se tenha registado como técnica da Câmara Municipal do Porto.

Privilegiamos os seguintes tipos de fontes para a caracterização do ateliê: agendas; blocos de registo de trabalho e pagamento a arquitetos (1945 a 1949); fichas do tipo de colaboradores, com obras realizadas e datas e contabilização de horas (1958 a 1976); fichas com a localização das diferentes pastas contendo os endereços de clientes (Câmaras, particulares, sociedades anónimas industriais, sociedades turismo, repartições de Estudos de Urbanização, colaboradores e funções); livros do ateliê com as diversas obras e clientes, pagamentos de mão-de-obra, contabilidade cuja análise nos permite e vários dossiês de correspondência[323] que cruzamos com tabelas por nós realizadas e das quais se enumeram todo o tipo de obras realizadas pelo ateliê, fontes e Arquivos[324].

As fases em que dividimos o ateliê são por nós definidas a partir do tipo de organização do processo de produção, da formação dos colaboradores, da distribuição e controlo de projetos e tarefas, do tipo de trabalhos gráficos ou escritos e da clientela, mais do que do tipo de espaços físicos onde o trabalho se desenrola. Assim, consideramos existirem quatro fases distintas que, mais tarde, iremos desenvolver e analisar.

A vasta produção deste ateliê não é conhecida nem valorizada, na sua maioria, quer pelo comum dos cidadãos que com ela convive diariamente, quer pelos colegas de profissão, porque quase nunca é citada nas obras de referência para o estudo da arquitetura e de urbanismo nacionais. Produto que ainda não se tentou perceber, ler e integrar na conjuntura artística, técnica, cultural portuguesas, nem entender o seu aparecimento e contribuição para a arquitetura e urbanismo, enfim para a cidade, região e país. Este ateliê projeta e produz obras, ligadas ao urbanismo a par de outras ligadas à arquitetura, ao mobiliário, conclui outras iniciadas por Marques da Silva, troca correspondência com autarquias e Estado relativamente à sua atividade de consultadoria. David Moreira da Silva privilegiará ao longo da sua carreira o urbanismo e mesmo enquanto arquiteto preocupa-se com *o estudo do quadro físico do Homem no*

[323] FIMS/MSMS/1516; FIMS/MSMS/4471; FIMS/MSMS/4466; FIMS/MSMS/4467; FIMS/MSMS/3932 (01 de 1958 a 07 de 1960); FIMS/MSMS/4451 (08 de 1960 a 02 de 1963; FIMS/MSMS/4454 (03 a 09 de 1963); FIMS/MSMS/3871 (10 de 1963 a 12 de 1966); FIMS/MSMS/3933 (01 de 1967 a 12 de 1971), FIMS/MSMS/4021 (01 de 1972 a 02 1976).
[324] Vide II Vol., pp.263 a 270.

seu grau mais complexo, o da Cidade-Território [...] por complementaridade indispensável e fatal, o do próprio Campo que fornece o espaço para a Cidade e tantos elementos materiais e espirituais para a sua subsistência […][325].

Pretende-se neste subcapítulo entender a atuação destes dois arquitetos no seu dia-a-dia, partindo das suas formações, dos seus outros compromissos enquanto cidadãos e professores, dos modelos, das clientelas, do tipo de organização e realização artística contextualizada em períodos que determinam/limitam opções oriundas de princípios estéticos que escolheram seguir para a sua prática profissional e que importa entender.

Projetos aqui entendidos enquanto imagens de obras pensadas, lidas como documentos elucidativos para a compreensão e resposta às suas opções profissionais enquanto cidadãos comprometidos com o seu tempo e espaço, produtores ou não de obra que responde às exigências do mercado ou que resulta das suas opções nos campos disciplinares em questão. Comprometidos com o poder político? Submetidos ao poder económico? Quais os significados e expetativas da produção? Avaliar as peças desenhadas de obra que foi concretizada tal como foi idealizada ou sujeita a modificações, retirar toda a informação enquanto documento para perceber toda a complexidade da realização e resposta ao mercado imobiliário. Partir de todo o tipo de registo de obras escritas, desenhadas, surgidas pelos diálogos tidos à distância, prorrogada ou impossibilitada a sua execução mas obtendo-se uma perceção das sensibilidades epocais. Comparar encomendas, projetos realizados e obras realmente concretizadas e influências. Como acederam à informação, a interiorizaram, a aprenderam? Seria a produção de obra influenciada por novas linguagens e opções modernas, contemporâneas?

Uma primeira característica deste espaço de trabalho é, sem dúvida, a influência sofrida pelos dois profissionais enquanto participantes dos ateliês de Marques da Silva ou de Laloux-Lemaresquier na condução da sua equipa de trabalho. De acordo com a entrevista ao arquiteto José Carlos Loureiro[326], aluno e colaborador deste ateliê, David

[325] Prefácio de Fernando Távora. In PORTAS, Nuno - *A cidade como arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007, p. 10. Prefácio de Fernando Távora.

[326] Na entrevista realizada ao arquiteto no seu gabinete localizado num dos edifícios do complexo do Luso, sito à rua da Alegria, no dia 5 de janeiro de 2006, o arquiteto referiu que enquanto aluno de David Moreira da Silva em Projetos e Obras de Urbanização, foi convidado a trabalhar no seu ateliê. Disse lembrar-se de trabalhar nesta casa com o arquiteto Madureira (muito mais velho – com cerca de 40 anos de idade) e de desenhar no rés-do-chão da casa ateliê. O casal morava no andar de cima do palacete e […]

Moreira da Silva agiria como o *patron*, tendo por isso interiorizado o papel da estrutura francesa aquando da sua estada em Paris. Era ele que projetava e corrigia os projetos. A sua aprendizagem na cidade luz foi aplicada na prática e na conceção dos projetos realizados nos primeiros anos do seu ateliê, assim como a aprendizagem com o mestre Marques da Silva. As circunstâncias que levaram à sua partida como bolseiro para França transformaram-no.

O seu percurso foi marcado pelos profissionais arquitetos e urbanistas e docentes franceses, conciliando características nacionais e regionais. Outras caraterísticas foram a da sua ligação à SCPOPP e à continuidade dos projetos e conclusão de obras do sogro.

Existem vários momentos neste espaço a que correspondem na cidade escritórios fora dos espaços de habitação, os oficiais: de 1940 a 1943, o ateliê da Rua Fernandes Tomás nº 506 1º andar (muito próximo da sede da Cooperativa dos Pedreiros, na Travessa das Almas onde se encontrava o pai José Moreira da Silva), e no qual David Moreira da Silva trabalha só; de 1943 a 1954, o ateliê que já partilha com Maria José na mesma rua, da Praça Marquês de Pombal; o da Rua Sá da Bandeira, nº 481, 2º Esq., no Palácio do Comércio; na torre Miradouro sita na rua da Alegria nº 582 – 6º Esq., a partir de 1970 e até ao falecimento de Maria José Marques da Silva no ano de 1994[327].

Diz lembrar-se trabalhar até muito tarde e um dia enquanto estava a trabalhar, ouviu os passos do casal a chegar de Elvas (Plano de Urbanização) tarde, de noite. O arquiteto Loureiro diz ter ficado, uma vez, muito desiludido com a atitude de David Moreira da Silva aquando da apresentação de um projeto a realizar na R. Serpa Pinto em Matosinhos, numa altura *em que tinha muita força e ideias*, tendo apresentado um estudo que rejeitou e dizendo-lhe para realizar de acordo com o que tinha decidido.

[327] ACP – Assento de óbito nº 330; Averbamento nº 2 fl. 815 Nº 1629 do Registo de Nascimento. Morre com 79 anos de idade, no dia 13 de maio às 16h no hospital da Ordem do Carmo, concelho e distrito do Porto.

2.4.2. A consolidação do ateliê: localizações dos espaços, organização, funcionamento, encomendas e clientes

Em 1940 e até ao seu matrimónio em setembro de 1943, David Moreira da Silva aluga o primeiro andar do edifício número 506 da Rua Fernandes Tomás, na cidade do Porto. Regressado de Paris, diplomado pela ENSBAP e pelo IUUP, em arquitetura e urbanismo logo é contactado por várias instituições ligadas ao poder político nacional e local para colaborar em diversos tipos de trabalho, dada a sua formação especializada em urbanismo.

Nesta altura, sempre apoiado pelo pai e pelo futuro sogro, e como podemos constatar pela correspondência recebida e trocada, o arquiteto-urbanista é solicitado para diversos trabalhos numa época de guerra a nível da conjuntura internacional e, na nacional, num período político determinante do Estado Novo que se encontra disposto a mudar a fisionomia do país (pela construção de infraestruturas e arranjo urbanístico) através do Ministério das Obras Públicas e do seu ministro Duarte Pacheco; a nível local, numa fase em que a indústria têxtil se encontra em plena expansão e na base de grandes fortunas que possibilitam a encomenda de imóveis como é o caso da edificação do Palácio do Comércio feita por Delfim Ferreira da Firma Ferreira e Filhos Lda.

Deslocando-se, frequentemente, entre o Porto, Lisboa e Angola, David Moreira da Silva é solicitado para atuar em diferentes frentes. Por intermédio do pai e da sua estreita relação profissional com o industrial Delfim Ferreira para o projeto do Palácio do Comércio e, em parceria com Étienne De Gröer, para a colaboração no anteplano de Coimbra e para a realização do de Luanda. Sozinho para os anteplanos de urbanização de Moledo do Minho, Águeda, Monte Real, Elvas, Paredes, largo de Infias e Monte d'Arcos em Braga e Funchal. De referir a sua anterior participação no projeto das instalações da S.C.P.O.P.P. ainda enquanto aluno da ENSBAP e do IUUP e do projeto para uma habitação unifamiliar requerida por Delfim Vinagre para a Póvoa de Varzim (como podemos observar nas figuras 187 a 204).

Dos registos estudados para esta fase do ateliê, valorizamos a vasta correspondência (ofícios, telegramas, postais e cartas) trocada entre David Moreira da Silva e o Ministério das Obras Públicas e comunicações (DGEMN), Ministério das Colónias (Gabinete de Urbanização Colonial), as câmaras angolanas (Malanje, Benguela, cidade de Sá da Bandeira, Robert Williams, V. Teixeira da Silva, Mampenza,

Gabela) e entidades particulares como o Eng.º Pedro Lemos, Étienne De Gröer; as Guias de Viagem com autorizações e vistos de chegada e partida à Colónia de Angola, os bilhetes de viagem marítima e notícias de Jornal[328]. Entre 1940 e 1943, o arquiteto-urbanista viaja cerca de duas vezes à colónia no contexto do 2º conflito mundial. Estabelece contactos de trabalho em Lisboa com De Gröer, que com ele colaboraria e com o qual criaria laços de amizade, e na cidade do Porto trabalha em planos de urbanização e em projetos de arquitetura.

De todos os projetos destacam-se em primeiro lugar os planos de urbanização no âmbito da iniciativa do ministro das Obras Públicas e Comunicações, Duarte Pacheco (1934) que pretende dotar o país de infraestruturas e mudar a fisionomia do território, através da regulação dos planos de urbanização e da disciplina do urbanismo em Portugal.

Além do Estado e das Câmaras Municipais, clientes particulares, como António Vinagre e o industrial Delfim Ferreira, optaram pela escolha de David Moreira da Silva para encomendarem obra, nomeadamente a do Palácio do Comércio, arranjo do adro da igreja de Nª Sr.ª da Conceição e da casa particular na Póvoa de Varzim.

Neste primeiro período David exerce a sua atividade na paciente área do urbanismo.

[328] Angola: FIMS/MSMS/4237 – Processo de Angola – documentos avulsos; FIMS/MSMS/4352 – Correspondência com Câmaras de Angola e outras entidades ofíciais ligadas às colónias; FIMS/MSMS/Foto0398, FIMS/MSMS/1122-pd07613; FIMS/MSMS/1122-pd07614; FIMS/MSMS/1122-pd07615; FIMS/MSMS/1122-pd07616; FIMS/MSMS/1122-pd07617; FIMS/MSMS/1122-pd0761; FIMS/MSMS/1122-pd07619; FIMS/MSMS/1122-pd07620; FIMS/MSMS/1122-pd07621; FIMS/MSMS/1122-pd07622; FIMS/MSMS/1122-pd07623; FIMS/MSMS/1122-pd06144; FIMS/MSMS/1122-pd06145, Funchal: FIMS/MSMS/4086 – Correspondência com o Funchal.

2.4.3. Fases do ateliê

2.4.3.1. Primeira fase do ateliê (1940 a setembro de 1943)

Um dos primeiros projetos de arquitetura pensado ao nível do quarteirão, data de 1940/42[329] (Fig. 190 - 191 e 194) e integra-se na política de transformação/planeamento urbano da iniciativa da Câmara Municipal do Porto que, desde a década de 1920, procurava alterar a imagem urbana da cidade e, em 1939, com a criação do Gabinete de Estudo de Plano Geral de Urbanização determinava regras a observar quer na abertura/continuação de ruas quer ao nível de edifícios a construir. Edifício-quarteirão a levantar em terrenos camarários, anteriormente ocupados pela antiga Fundição do Bolhão e por quatro habitações[330], adjudicado à câmara, em 1941 e comprado pela Firma Ferreira, em 26 de fevereiro de 1943[331], à Companhia de Seguros Império. Terreno delimitado pelas ruas Fernandes Tomás, Sá da Bandeira, Firmeza e Bolhão, destinado a um edifício quarteirão, encomenda de um cliente particular, Delfim Ferreira que, em 1942 e 1945, iniciaria a construção de dois outros grandes prédios de rendimento, encomendados ao ateliê de Passos Júnior, um no gaveto nascente, nas ruas Firmeza e Sá da Bandeira e outro no poente em 1945.

A segunda encomenda particular seria um projeto de arquitetura, uma casa unifamiliar também de gaveto, ruas de Serpa Pinto e Latino Coelho, localizada na vila da Póvoa do Varzim, iniciada em 1941, para Delfim Vinagre. Composta de moradia de três pisos com terreno ajardinado e anexos (garagem, cavalaria, alpendre, carvoaria e galinheiro).

A maior parte dos projetos elaborados pelo ateliê nesta fase foram encomendados pelas Câmaras Municipais e pelo Ministério de Obras Públicas e Comunicações e referem-se a anteplanos de urbanização. Colabora com Étienne DE GRÖER nos planos de Urbanização de Coimbra (1940) e de Luanda (1941-44), e trabalha sozinho nos de Moledo (1941), Águeda (1943), Monte Real estância termal (1942), em Elvas no projeto da Avenida Presidente Carmona e abertura da Muralha de

[329] O projeto só se encontra finalizado em 1954, após vários aditamentos.

[330] 1ª CRPP- Livros G 56, fls. 116-116v, nºs 44.811, 44.812, 44.813 e 44.814 - Inscrições de Transmissão; Livro 3990, fls. 147v a 149, nºs 53.280, 53.281, 53.282 e 53.283 - Descrição Predial quatro casas e *predio composto por varias construções, barracões, alpendres e terreno, com a superfície total de três mil duzentos e dezasseis metros quadrados, onde se encontrava instalada a Fundição do Bolhão, sita à Rua do Bolhão nº 32, da freguesia de Santo Ildefonso*.

[331] 1ª CRPP – Livros G 57, fl.100 v, nº 45.549 – Inscrições de Transmissão e 3991, fl. 24v nº 53.408 Descrição Predial.

Elvas e anteprojeto de remodelação dos acessos à cidade (1941), no Esboceto de Remodelação da Praça do Município no Funchal (1940), no Anteprojeto de Remodelação da Zona Marginal do Porto do Funchal (1942) e no Anteprojeto da Avenida do Infante (1943).

Esta primeira fase do ateliê caracteriza-se pela encomenda oficial de uma produção projetual, maioritariamente, ligada à elaboração de planos, anteplanos, anteprojetos ou esbocetos de urbanização encomendados nas áreas de Portugal continental, insular e ultramarino. Como resposta às novas exigências da vida e de acordo com fatores de ordem económico, social, estético, higiénicos e de circulação e pretendendo facultar o bem-estar aos habitantes, no continente e nas ilhas adjacentes, de acordo com o Decreto-lei nº 33:921 de 5 de setembro de 1944, legisla-se a obrigatoriedade por parte das câmaras municipais do continente e das ilhas adjacentes de promover o levantamento de plantas topográficas e de elaborar planos gerais de urbanização e expansão das sedes dos municípios. O plano geral de urbanização[332], na sequência do decreto promulgado durante o ministério de Duarte Pacheco, o nº 24:802 de 21 de dezembro de 1934, criação dos Planos Gerais de Urbanização a ação política do Estado Novo, orienta-se no sentido de alterar o modo de vida e a imagem do país rural para um país com uma nova fisionomia urbana. Neste âmbito, o arquiteto inicia em parceria, primeiro, e depois como único autor, a elaboração de uma série de anteprojetos encomendados quer pela Junta de Turismo da Madeira, quer por câmaras do norte, centro e sul do País que continuará mais tarde em parceria com a arquiteta Maria José Marques da Silva Martins. Aqui, percebemos a morosidade e a complexidade do trabalho do urbanista que envolve o inquérito, a apreciação/decisão do projeto e outras vontades/decisões por parte dos órgãos municipais, as constantes deslocações aos sítios, a escrita e reescrita, veículo privilegiado para a troca de opiniões/sugestões entre cliente e urbanista relativamente a alterações e correções de projetos de acordo com a especificidade de cada lugar/aglomeração.

Encontramos, neste período, apenas duas obras encomendadas por particulares para a construção de edifícios e moradias unifamiliares. Destacamos a encomenda por

[332] Artigos 1º. *As Câmaras municipais do continente e ilhas adjacentes são obrigadas a promover o levantamento de plantas topográficas e a elaboração de planos gerais de urbanização e expansão das sedes dos seus municípios, em ordem a obter a sua transformação e desenvolvimento segundo as exigências da vida económica e social, da estética, da higiene e da viação, com o máximo proveito e comodidade para os seus habitantes.*

parte da Firma Ferreira & Filhos Ldª, através de Delfim Ferreira, representante de uma importante família ligada à indústria têxtil responsável pela iniciativa de construção de grandes edifícios de rendimento da rua Sá da Bandeira no Porto e, ainda, a encomenda de Delfim Vinagre para uma moradia na praia da Póvoa do Varzim.

Algumas obras projetadas/realizadas entre 1940 e1943
Projetos de Arquitetura e Anteplanos de Urbanização

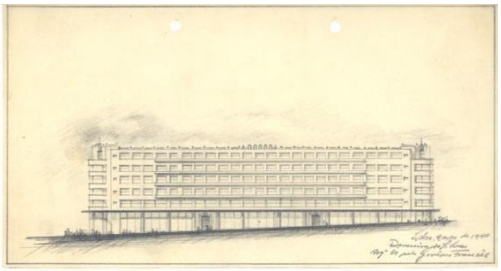


Fig. 190 - Projeto do Palácio do Comércio – fachada principal, David Moreira da Silva, Lisboa março de 1940. FIMS/MSMS/1519-0004

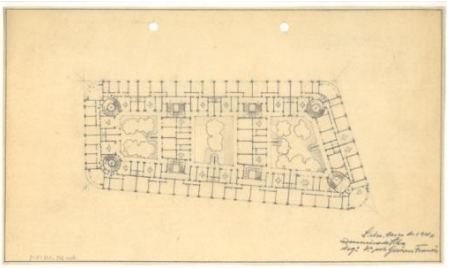


Fig. 191– Projeto do Palácio do Comércio – planta, Dadid Moreira da Silva, Lisboa março de 1940. FIMS/MSMS/1519-0129



Fig. 192 - Casa de Delfim Vinagre na Póvoa do Varzim, fachadas principal e posterior, David Moreira da Silva. Porto janeiro de 1941. FIMS/MSMS/1983-4989

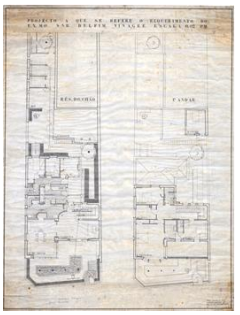


Fig. 193 - Casa de Delfim Vinagre na Póvoa do Varzim, plantas do rés-do-chãoe 1º andar. David Moreira da Silva. Porto janeiro de 1941. FIMS/MSMS/1983-4985

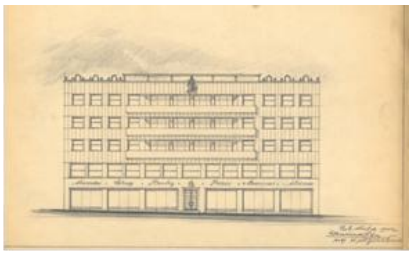


Fig. 194 - Projeto do Palácio do Comércio – fachada, David Moreira da Silva, Lisboa abril de 1942. FIMS/MSMS/1519-0007



Fig. 195 - Anteplano de Urbanização de Luanda 1941, Étienne De Gröer e David Moreira da Silva. FIMS/MSMS/Foto1113

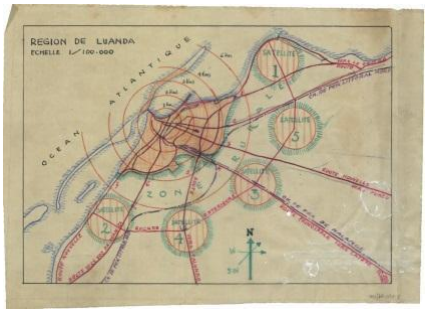


Fig. 196 - Luanda e suas cidades satélites e vias ferroviárias e de circulação automóvel Étienne De Gröer e David Moreira da Silva. FIMS/MSMS/1122-pd7615

Algumas obras projetadas/realizadas entre e 1940 e 1943
Anteplanos de Urbanização

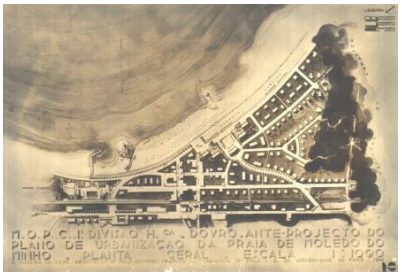


Fig. 197 - Anteprojeto do plano de urbanização da praia Moledo do Minho – 1941. FIMS/MSMS/Foto1115

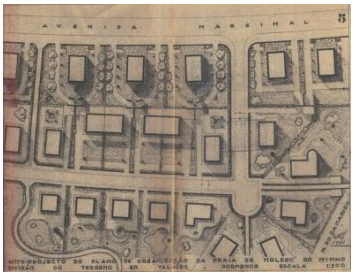


Fig. 198 - Anteprojeto do plano de urbanização da praia Moledo do Minho, divisão do terreno em talhões. 1941.
ADGOTU PU 16.02



Fig. 199 - Anteprojeto do plano de urbanização Águeda. 1941
FIMS/MSMS/Foto1114



Fig. 200 - Anteprojeto do plano de urbanização das Termas de Monte Real. 1942.
FIMS/MSMS/Foto1116

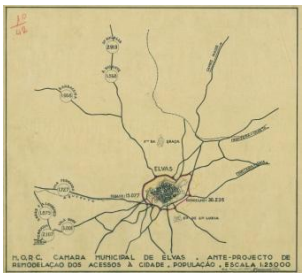


Fig.201 - Anteplano de Urbanização Elvas, 1941.
FIMS/MSMS/pd04608



Fig. 202 - Projeto da Av. Pfresidente Carmona , Elvas , 1941.
FIMS/MSMS/pd04598

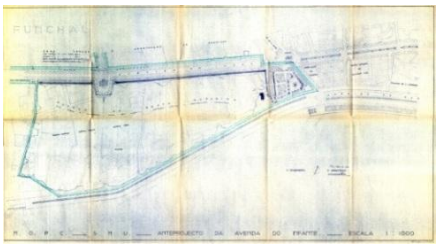


Fig. 203 - Anteprojeto da Av. Do Infante, Funchal, 1943
FIMS/MSMS/1866-4084-0003

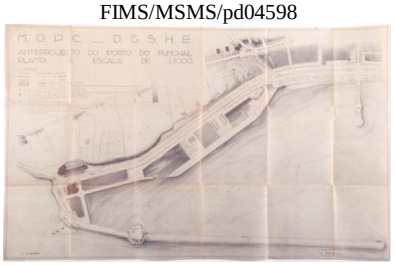


Fig. 204 - Anteprojeto do Porto do Funchal, 1943
FIMS/MSMS/3899-4092-0041



Fig. 205 - Esboceto de Remodelação da Praça do Município, Funchal, 1943. FIMS/MSMS/1866-4085-0001

2.4.3.2. Segunda fase do ateliê (setembro de 1943 a abril de 1954)

De setembro de 1943 a abril de 1954, após contrair matrimónio com a filha de Marques da Silva, quando o casal retorna de lua-de-mel[333], habita, inicialmente, o 1º andar da Rua Fernandes Tomás, nº 506[334] e aqui trabalha a nível oficial até à instalação na casa-ateliê nº 44 da praça Marquês do Pombal. A partir de abril de 1954, tem escritório no 2º Esq.º do nº 481do Palácio do Comércio aquando da sua conclusão.

Neste período a correspondência é dirigida, maioritariamente, para os nº 506 da Rua Fernandes Tomás e nº 44 da Praça Marquês de Pombal, mas o casal trabalha durante as suas viagens pelo país[335], na residência, na Quinta em Barcelos e na Praça Marquês de Pombal onde arquitetos e alunos da EBAP de David Moreira da Silva, entre 1946 e 1949[336] trabalham noite dentro[337].

É uma época de grande produção na qual se projetam os edifícios mais representativos e se elaboram novos e/ou se continuam os já iniciados anteplanos de urbanização a par do desenho de espaços urbanos, equipamentos, habitações, monumentos e mobiliário.

No trabalho de ateliê integram a equipa, nos diversos espaços, arquitetos e alunos de arquitetura de David Moreira da Silva[338]: Bilhelme Correia dos Santos (1906-1939), Joaquim Madureira (1922-1936), Américo Almeida (1928-1946), Eduardo Rocha Matos (1939-1952), Luiz Conceição Teixeira (1940-52), Fernando de Oliveira (1940-62), Ângelo Bastos Peres (1941-64), José Carlos Loureiro (1942-1950), Fernando Resende da Silva Magalhães Lanhas (1941-1963), Acácio Antero de Magalhães Brochado (1945-1963), Fernando de Oliveira (1942-1962), Afonso Martins Moutinho,

[333] FIMS/MSMS/2039-4086 – David Moreira da Silva troca correspondência relativamente a projetos no Funchal e em 10 de Setembro de 1943, dias antes do seu casamento recebe uma carta de Germano Venade (engenheiro chefe da secção da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais) informando-o da decisão do ministro – aprovação o anteprojeto elaborado para a avenida do infante com algumas reservas. Durante a viagem de lua-de-mel o arquiteto-urbanista aproveita as deslocações para se encontrar com algumas entidades no Funchal e Angola para resolver assuntos pendentes.

[334] De entrevistas realizadas fomos informados que o casal só habita o nº 44 casa ateliê da Praça do Marquês de Pombal em 1946.

[335] Em entrevista feita, no dia 1 de fevereiro de 2006, ao desenhador do ateliê, a partir de 1980, Jorge Portela que indicou locais onde o casal trabalhava/*atelier* – *capot* do carro, Quinta da Torre em Barcelos Barcelos, na casa nº 30 (tinham uma prancheta no quarto).
Quintas-feiras, dias de visita ao Sameiro, nos outros dias, sábados e domingos passavam nas obras.

[336] FIMS/MSMS/1516 – Bloco de pagamento e de trabalhos realizados por arquitetos.

[337] Entrevista realizada com o arquiteto José Carlos Loureiro em 5 de janeiro de 2006.

[338] As datas entre () correspondem aos anos de frequência da Escola de Belas Artes do Porto e foram pesquisadas no *site* da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, categoria Arquivo em *Alumni.*

Américo Alves, Domingos José da Silva Aroso, Fernando António Pereira, Manuel Pizarro Monteiro e Guilherme Correia dos Santos. Para este período há uma referência a três desenhadores, Moutinho, Fernando e Pinheiro Torres[339], que trabalham em Fernandes Tomás e na Praça Marquês do Pombal. O casal orienta os trabalhos que os colaboradores realizarão durante o dia enquanto se deslocam, frequentemente, para os diversos lugares onde realizam projetos: Sameiro[340], Braga, Vieira do Minho, Barcelos, Guimarães, Porto (R. Nossa Senhora de Fátima, R. Sá da Bandeira – Palácio do Comércio, R. da Fábrica, R. da Constituição nº 1306, rua Visconde Setúbal), Matosinhos, Senhora da Hora, Aveiro, Elvas …

A cada arquiteto são atribuídas tarefas ligadas à execução de diversos projetos e não apenas um, ao arquiteto Madureira é dada a supervisão de trabalhos. Entre essas tarefas destacam-se a realização de:

Plantas topográficas, planos de Urbanização de: Águeda, Amares, Elvas, Chaves, Matosinhos, Paredes, Barcelos, Caldas de Vizela, Monte Real, Angola-Gabela, Aveiro, Guimarães, S. Jacinto, Valongo, Gerês, Chaves, Santuário do Sameiro, aldeias de Gondim e Cruz de Pau em Matosinhos, pracetas e ruas de acesso ao viaduto do Porto Comercial de Leixões, esplanada sobre o Cávado, Parque de Santa Catarina (Funchal).

Projetos de Arquitetura: Casa Parry and Son, bairros de casas económicas de Gondim e Cruz de Pau (Matosinhos), bloco de habitação em Barcelos, Hotel Savoy no Funchal, Habitação do engenheiro Paiva Brites e Casino (Funchal), Quinta de Stª Maria (Barcelos), Palácio do Comércio (Porto), habitação na Rua da Constituição – Dr. Carlos Aberto Rocha (Porto), instalações da SCPOPP (Porto), habitação na rua de Nossa Senhora de Fátima (Porto), prédio de rendimento na rua da Fábrica (Porto, garagem na rua Visconde Setúbal), acrescentar um andar na rua Sá da Bandeira (Porto), prédio misto em Braga, Mercado de Guimarães, Santuário da Penha, Sociedade Martins Sarmento obras de continuidade iniciadas pelo arquiteto José Marques da Silva -, Conde de Vizela – portão e muro - avenida Gomes da Costa (Porto), obras em Valença, José Nascimento Loureiro – garagem (Porto), Monumento à Guerra Peninsular Sebastião

[339] FIMS/MSMS/2039-4351-0008; 0009 da correspondência com o Funchal, dois apontamentos manuscritos de honorários a pagar para trabalhos realizados para o Casino (1944) e Parque do Funchal (1944-45).

[340] FIMS/MSMS/2769 - Agendas de 1952 a 1953 de David Moreira da Silva. Nos meses de janeiro a maio de 1952 deslocavam-se todos os sábados ao Sameiro (Mármore branco de Estremoz no chão das capelas, rosa do monte soco e pilastras Obras do Sr. Vinagre na Rua Sá da bandeira iniciaram no dia 2 de agosto de 1946 e terminaram em 7/7/47.

Leite (rua Ferreira Borges desenho), Banco de Portugal, Leixões, Fernando Vilaça, rua das Carmelitas fachada do Conde de Vizela, padaria Cunha, garagem Visconde de Setúbal, Novinco[341].

Adro e portão da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, portão e muro encomendado pelo conde de Vizela em Serralves (Porto).

Os estudantes de arquitetura e os arquitetos que integram o ateliê trabalham, simultaneamente, em vários projetos de arquitetura e de urbanismo, segundo a supervisão de David Moreira da Silva. Esta terá sido uma das fases mais importantes do ateliê, quer relativamente ao número de encomendas e de intenso trabalho, quer à diversidade de projetos, situando-se a maior mancha da obra realizada nos concelhos do Norte Litoral do território, espalhando-se para o litoral/ centro e, pontualmente, para sul (Lisboa e Elvas), os anteplanos de urbanização e os projetos e obras para Luanda e Gabela, em Angola, e para a ilha da Madeira, assim como a imensa obra de consultadoria deste ateliê do Porto. Os muitos anteplanos de urbanização referidos e ainda os diversos projetos e obras realizadas em Portugal continental, englobando os diferentes tipos de equipamentos, as habitações rurais e urbanas, o mobiliário. Há que referir obras de continuidade (remodelação de outros edifícios já existentes e/ou concretização de projetos da autoria do sogro e pai, o arquiteto José Marques da Silva – em Guimarães, Barcelos e Porto), ou de raiz, a maior parte. Quisemos dar uma primeira imagem da imensa e diversificada obra e do longo período de produção do ateliê em estudo.

Terá sido, na nossa opinião, o período mais variado, criativo e mais profícuo do ateliê em estudo.

No âmbito da formação em urbanismo inicia-se a atividade de Moreira da Silva enquanto consultor de diversas câmaras do norte do país e realizam-se vários planos e anteplanos de urbanização para o território continental, insular e ultramarino.

Destacamos aqui os clientes particulares, Conde de Vizela e Delfim Ferreira dois nomes ligados à próspera industria têxtil do norte de Portugal, o segundo proprietário da Fábrica de Fiação e Tecidos do Vizela e de Riba d'Ave, com sede e estabelecimento na freguesia de Arcozelo, Vila Nova de Gaia.

De 1948 a 1949 trabalha o ateliê para a realização de um muro e portão para a rua de Serralves, na propriedade do Conde de Vizela, Quinta de Serralves e no Palácio

[341] Informações retiradas de FIMS/MSMS/1516, livro de pagamento e trabalhos de arquitetos do ateliê.

de Vizela na cidade do Porto até 1959 (obras várias no 3º andar, sótão e subsolo, ascensores, claraboia)[342]. A primeira é uma das mais notáveis quintas do Porto da época.

Delfim Ferreira filho de Narciso Ferreira duas personagens associadas ao desenvolvimento industrial do sector têxtil no norte do país[343]. Delfim Ferreira à frente da Têxtil Algodoeira de Arcozelo (D. Ferreira, Ldª), em Gaia e a Fábrica de Fiação e Tecidos de Vila do Conde (Ferreira & Irmão)[344].

Delfim Ferreira capitalista e industrial, morador na rua D. João IV nº 239, no Porto, sócio gerente da firma Ferreira & Filhos Lda., torna-se um grande empreendedor ao mandar edificar nos terrenos, de que é proprietário, situados nos dois gavetos da rua Firmeza com a rua Sá da Bandeira e rua Firmeza e rua do Bolhão já anteriormente referidos[345]. Além do edifício-Quarteirão encomendado por este industrial ao ateliê, Delfim Ferreira encomendaria a realização do adro e portão da Igreja de Nossa Conceição, na Praça do Marquês do Pombal no Porto, onde ainda se

---

[342] FIMS/MSMS/4350 – Processo que inclui faturas a pagar à viúva de um construtor civil. Neste processo encontra-se descrita a propriedade de Serralves sita na rua de Serralves, na caderneta predial urbana, 2º bairro, com o nº 873/999 freguesia de Lordelo do Ouro, artigo 1979, da seguinte forma: *Casa de 3 pavimentos com 4 fachadas, de muito boa construção, tendo 15 divisões no sub-solo, no rés*-do-chão *e 14 no andar. Superfície coberta 912m^2 Jardim e parque com 5.000m^2 Confrontações: Norte – rua de Serralves. Sul o próprio – Nascente – Amélia Jesus Teixeira. Poente – próprio (construído de novo em Julho de 1944).*

[…] Prédio sito na rua de Serralves, com o nº 935, que antes foi 485, o qual se compõe de um palacete com capela ao lado, jardim, recreio e terreno com arvores de fruta, ramadas, poço com engenho, água nativa e mais pertenças, formando tudo uma área que confronta pelo nascente com bens da herança, pelo poente com Carlos Alberto Cabral, pelo norte com a rua de Serralves e pelo sul com o prédio de herança, denominado "Quinta do Mata –Sete".

Este prédio está inscrito na matriz sob o artigo número setenta e descrito na Conservatoria sob o número vinte e oito mil duzentos cincoenta e três, a folhas setenta, e quatro do Livro B – noventa e um.

[343] ALVES, Jorge Fernandes – "Fundação Narciso Ferreira. Indústria e Obra Social na Têxtil Nortenha". In *O TRIPEIRO*, I 7ª série, ano XV, nº 8, pp. 242-248. Disponível em WWW.URL: http://ler.letras.up.pt/upçoads/ficheiros/1189.pdf Narciso Ferreira origina a firma Sampaio, Ferreira & Cª. e inicia o aproveitamento hidroeléctrico ajudando a criar a Companhia Hidro-Eléctrica do Varosa, primeiro aproveitamento de energia elétrica. Este industrial teve dez filhos (dois faleceram crianças), sendo de destacar Delfim, Alfredo, Joaquim e Raul Ferreira. *Delfim Ferreira salientou-se no desenvolvimento que a hidroeléctrica do Varosa teve e na Central Térmica de Apoio e Reserva dos Caniços, […] criou ainda a Hidroeléctrica do Ermal […] Raul Ferreira foi agraciado por várias ordens religiosas e mesmo pelo Vaticano […] sendo a partir dele que Riba d'Ave se incorpora como nome de família.*

SEIXAS, Paulo Castro; SEABRA, Daniel "Centro Residencial Conde de Riba d'Ave: A Produção Simbólica de Um Espaço". In José Amado Mendes e Isabel Fernandes (coord.), *Património e Indústria no Vale do Ave. Um Passado com Futuro*, Vila Nova de Famalicão: ADRAVE, novembro de 2002 Disponível em WWW.URL:
http://homepage.ufp.pt/pseixas/artigospub/Antropologia%20e%20urbanismo/ribadave.pdf. A partir da fábrica Sampaio, Ferreira & Cª, cria outras como a Têxtil Eléctrica L.da e a Oliveira e Ferreira& Cª. L.da

[344] ALVES, Jorge Fernandes – *Riba d?ave na memória da indústria algodoeira.* Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal, 1999. Disponível em WWW.URL: http://ler.letras.up.pt/upçoads/ficheiros/1193.pdf

[345] 1ªCRPP – Livros de Descrição Predial: 3989, fls. 198v/199, 3991 fl. 174v, 3993 fl. 38v Livros de Inscrições de Transmissão G 55 fl. 81. Os dois edifícios encomendados ao ateliê de Passos Júnior encontram-se construídos em 1945.

pode ler *A construção deste adro é mais uma oferta dos grandes bemfeitores Sílvia Ferreira e Delfim Ferreira*[346].

Este ateliê continuará ligado ao industrial Delfim Ferreira, quer na concretização de outras pequenas obras[347], quer como mediador na aquisição de imóveis.

A partir de 1947, o ateliê inicia todo o demorado e complexo processo de construção do santuário do Sameiro, cujo primeiro anteprojeto de urbanização vai sofrendo alterações formais até à data da sua conclusão em 1982. Em agosto de 1950, DMS justifica o atraso relativo ao projeto e execução dos altares e das capelas laterais do Templo do Sameiro, aos trabalhos escolares, atualização da correspondência e pelo facto de estarem ausentes de 15 de agosto a 5 de setembro[348].

[346] FIMS/MSMS/pd0798 - desenho do adro datado de 16 de julho de 1951.
[347] FIMS/MSMS/4315-0008 - no ano de 1957, o ateliê realiza para o conceituado industrial um projecto relativo ao levantamento de fachadas na casa da Quinta do Cisne, em Vila Nova de Gaia e são intermediários na aquisição da Quinta de Serralves ao Conde de Vizela, Carlos Aberto Cabral em meados da década de 1950.
[348] FIMS/MSMS/4233 - Correspondência do Sameiro.

Algumas Obras projetadas/realizadas entre 1943 a 1954
Anteplanos de Urbanização



Fig. 206 - Anteplano de Urbanização da Vila de Matosinhos, 1943.
FIMS/MSMS/Foto1687

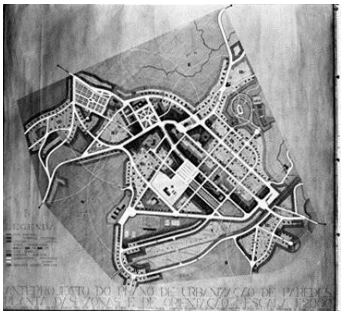


Fig. 207 - Anteprojeto do Plano de Urbanização de Paredes. 1944.
FIMS/MSMS/Foto1685



Fig. 208 - Projeto para o parque da Cidade do Funchal, 1944.
FIMS/MSMS/1537-pd0003



Fig. 209 - Anteprojeto de Urbanização de Gabela ,1944.
FIMS/MSMS/Foto1112



Fig. 210 - Anteplano de Urbanização do Gerês, 1944-45.
FIMS/MSMS/Foto1659



Fig. 211 - Anteprojeto de Urbanização da Vila de Águeda,1945.
PU.01.01.04

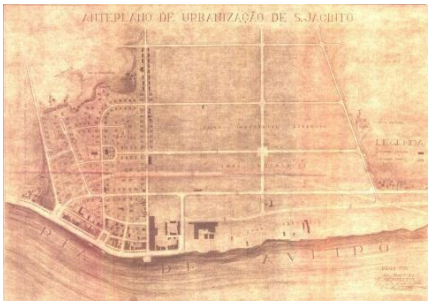


Fig. 212 - Anteplano de Urbanização de S. Jacinto, 1947.
Arquivo: DGOTDU

Algumas Obras projetadas/realizadas entre 1943 a 1954
Anteplanos de Urbanização



Fig. 213- Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro, 1947.
PU.01.03.016-P003



Fig. 214 - Projeto para a aldeia de Gondim, Matosinhos,1947. FIMS/MSMS/2092-pd0006

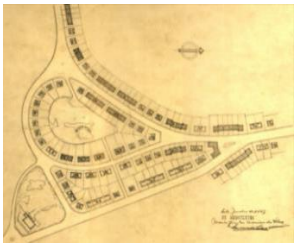


Fig. 215 - Projeto para a aldeia de Gondim, Matosinhos, 1947.FIMS/MSMS/2092-pd0008



Fig. 216 - Anteplano de Urbanização da Cidade de Barcelos,1948.
Arquivo: DGOTDU

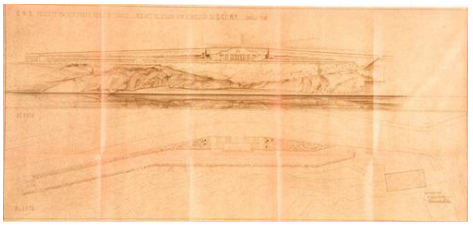


Fig. 217 - Projecto de Esplanada sobre o Cávado, 1948.
FIMS/MSMS/2002/4130-0003



Fig. 218 - Anteplano de Urbanização da Vila de Amares, 1949.
PGU 03.01



Fig. 219 - Anteplano de Urbanização da Vila de Vizela, 1949. FIMS/MSMS/3262-pd0001



Fig. 220 - Plano de Urbanização da Cidade de Guimarães,1949.



Fig. 221 - Chaves, 1951.

Algumas Obras projetadas/realizadas entre 1943 a 1954
Planos de Urbanização, Projetos de Arquitetura/Arranjo Espaço Público/ Monumentos

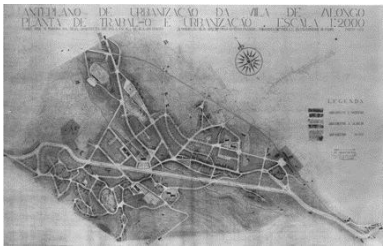


Fig. 222 - Anteplano de Urbanização da Vila deValongo, 1951-955.
FIMS/MSMS/Foto1684

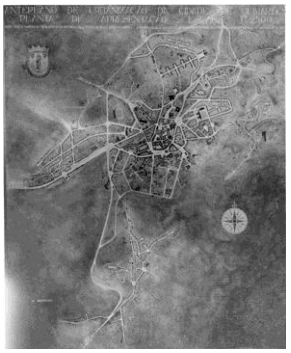


Fig. 223 - Anteplano de Urbanização da Cidade de Guimarães, 1953. FIMS/MSMS/Foto1658

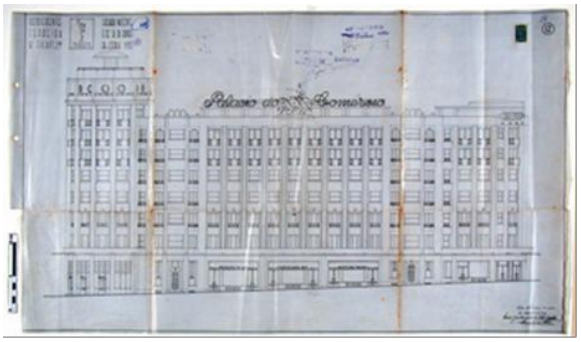


Fig.224 - AHMP Palácio do Comércio, 1946-54.
LO 1947-0051-018



Fig.225 - Palácio do Comércio, 1946-54.
FIMS/MSMS/Foto1676



Fig.226- Oficinas da SCOPP, Rua Anselmo Braancamp, Porto, 1949. FIMS/MSMS/1681

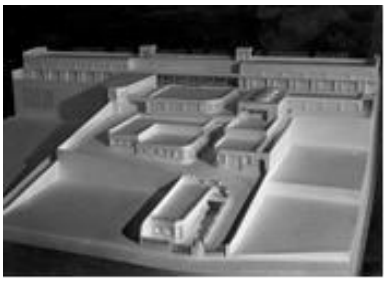


Fig.227 - Oficinas da SCOPP, Rua da Alegria, Porto, 1949.
FIMS/MSMS/Foto1682



Fig.228 - Prédio de rendimento, Rua Nª sr.ª de Fátima, Porto, 1949-52. FIMS/MSMS/Foto1665



Fig.229 - Prédio de rendimento, R. da Fábrica Porto, 1948-51. Fotografia de Maria do Carmo Pires.

Algumas Obras projetadas/realizadas entre 1943 a 1954
Projetos de Arquitetura/Arranjo Espaço Público/ Monumentos/Mobiliário




Fig.230 - Oficina R. Visconde Setúbal, Porto, 1950-52. Fotografia da época LO 1951-0070-006 e fotografia atual de Maria do Carmo Pires.




Fig.231 - Travessa da Almas, Porto, 1954. Fotografia da época FIMS/MSMS/Foto5018 e fotografia atual de Maria do Carmo Pires.




Fig. 232 - R. Sá da Bandeira, Porto, 1944. Alteração de Edifício**.** Fotografia da época FIMS/MSMS/1899/4109 e fotografia atual de Maria do Carmo Pires.



Fig.233 - Projeto da Casa de Chá da Boa Nova, 19452-53. FIMS/MSMS/Foto0097

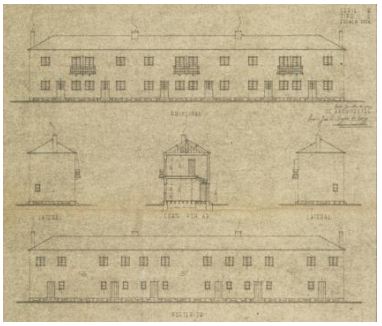


Fig.234 - Projeto de casas económicas, Matosinhos, 1947. FIMS/MSMS/pd04359

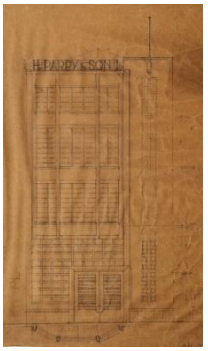


Fig.235 - Oficina de reparações navais. R. Roberto Ivens, Matosinhos, 1946. FIMS/MSMS/pd05630

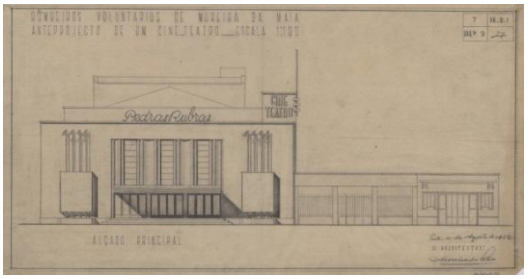


Fig.236 - Cineteatro dos Bombeiros Voluntários da Maia, 1949-52. FIMS/MSMS/1994/1994-pd05157

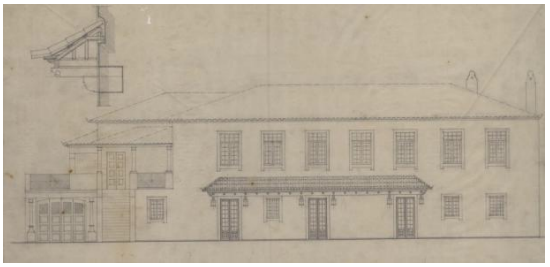


Fig.237 - Quinta de St.ª Maria, Barcelos, 1944-45. FIMS/MSMS/1868/1994-pd04468

Algumas Obras projetadas/realizadas entre 1943 a 1954
Projetos de Arquitetura/Arranjo Espaço Público/ Monumentos/Mobiliário



Fig.238 - Prédio misto. R. Eça de Queirós, Braga, 1949-50.
FIMS/MSMS/Foto0847



Fig.239 - Santuário do Sameiro, 1947.
FIMS/MSMS/Foto5019



Fig.240 - Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, 1947 a 1968.
FIMS/MSMS/Foto1216



Fig.241 - Mercado de Guimarães, 1948 a 1952.
FIMS/MSMS/Foto0443

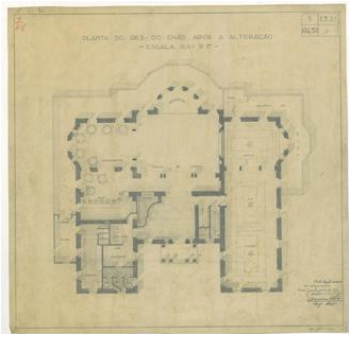


Fig.242 - Anteprojeto de Remodelação do Casino do Funchal, 1944. FIMS/MSMS/pd08541

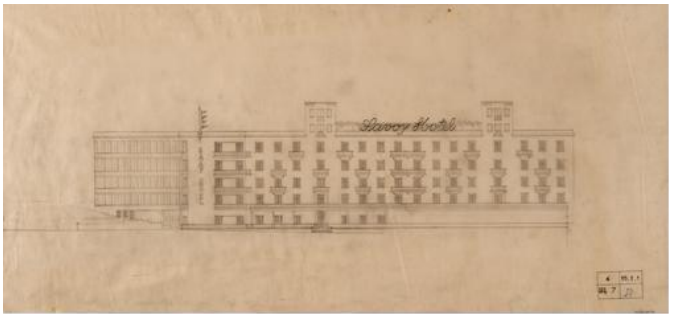


Fig. 243 - Savoy Hotel.
FIMS/MSMS/2039-06170

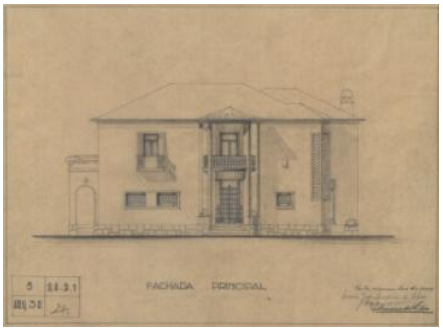


Fig.244 - Moradia para o Engª Paiva Brites, Funchal, 1944-45. FIMS/MSMS/4472-pd524

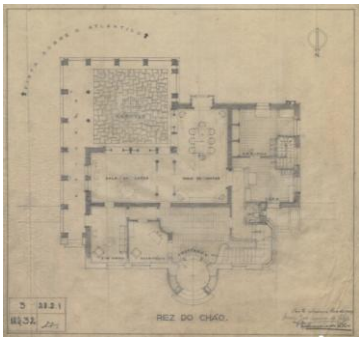


Fig.245 - Moradia para o Engª Paiva Brites, Funchal, 1944-45.
FIMS/MSMS/4472-pd5246

Algumas Obras projetadas/realizadas entre 1943 a 1954
Projetos de Arquitetura/Arranjo Espaço Público/ Monumentos/Mobiliário

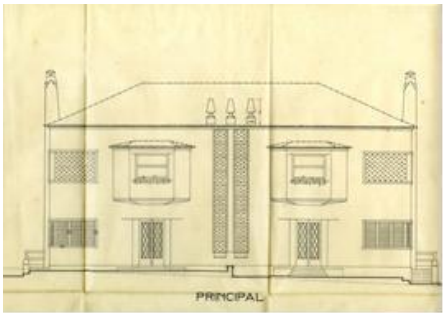


Fig.246 - Duas moradias geminadas, Luanda, 1943-44.
FIMS/MSMS/4004-pd0007

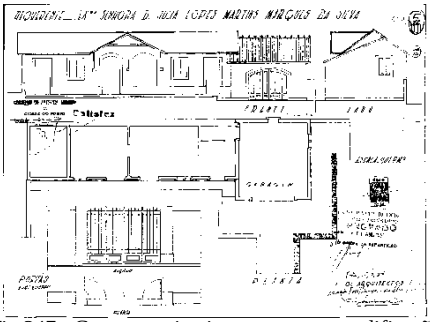


Fig.247 - Garagem privativa, anexa a uma edificação (casa nº30) no logradouro, entrada pela rua Latino Coelho, Porto. 1951. LO 1951-0252-005


Fig. 248 - Quinta de Cantim, anteprojeto do jardim, Barcelos,1944.


Fig. 249 - Quinta de Cantim, anteprojeto do jardim, Barcelos, 1944.
FIMS/MSMS/1991/pd05089

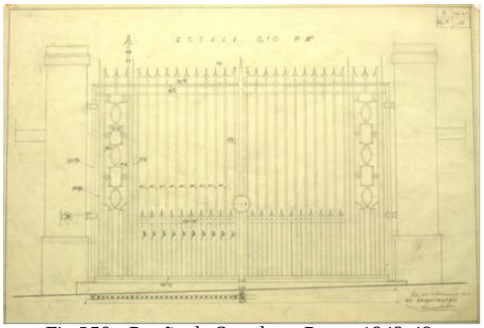
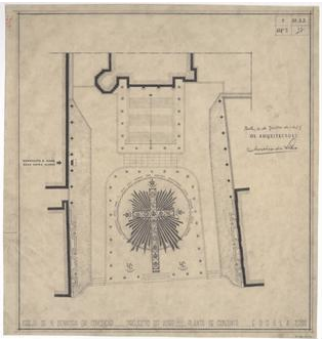

Fig.250 - Portão de Serralves, Porto, 1948-49.
FIMS/MSMS/2508-pd0526



Fig.251 – Portão da igreja de Nossa Senhora da Conceição, Praça Marquês do Pombal, Porto, 1951.
LO 1952-0234-0007


Fig.252 - Portão da Igreja de Nossa Sr.ª da Conceição, Praça Marquês do Pombal, Porto. FIMS/MSMS/Foto1660


Fig.253 - Adro da Igreja de Nossa Sr.ª da Conceição, Praça Marquês do Pombal, Porto, 1951.
FIMS/MSMS/pd07978

Algumas Obras projetadas/realizadas entre 1943 a 1954
Projetos de Arquitetura/Arranjo Espaço Público/ Monumentos/Mobiliário

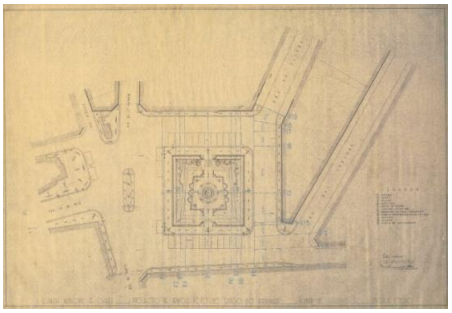


Fig. 254 - Largo do Arrabalde, Chaves, 1945 a 1951. FIMS/MSMS/pd04769

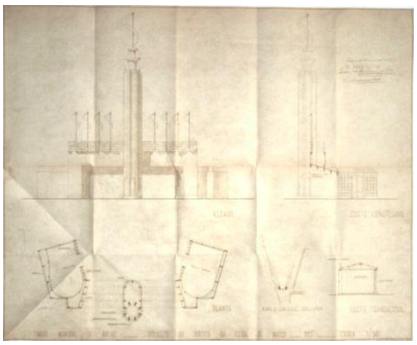


Fig. 255 - Pórtico da Feira, Aveiro, 1953. FIMS/MSMS/4256/4449-0002



Fig. 256 - Conclusão do monumento aos heróis da Guerra Peninsular. PN0112



Fig. 257 - Padrão Comemorativo Matosinhos, 1953. FIMS/MSMS/Foto0082



Fig. 258 - Monumento a Dr. Lourenço Peixinho, Aveiro, colocado em 1952. Fotografia de Maria do Carmo Pires.



Fig. 259 - Monumento a Gustavo Ferreira Pinto Basto, Aveiro colocado em 1952. Fotografia de Maria do carmo Pires.

Algumas Obras projetadas/realizadas entre 1943 a 1954
Projetos de Arquitetura/Arranjo Espaço Público/ Monumentos/Mobiliário



Fig. 260 - Templo de Nossa Senhora do Sameiro.
FIMS/MSMS/pd07952

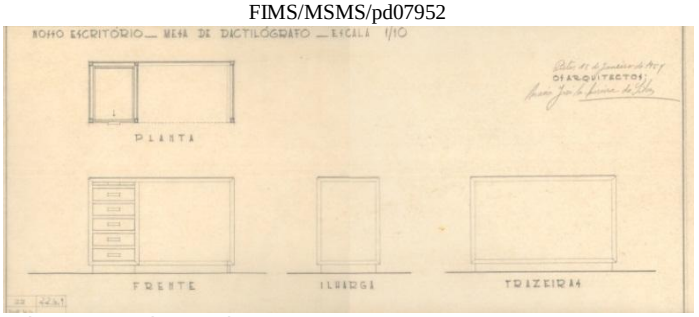


Fig. 261 - Móveis do escritório de Sá da Bandeira, 19 de janeiro de 1954. FIMS/MSMS/2071-pd0022

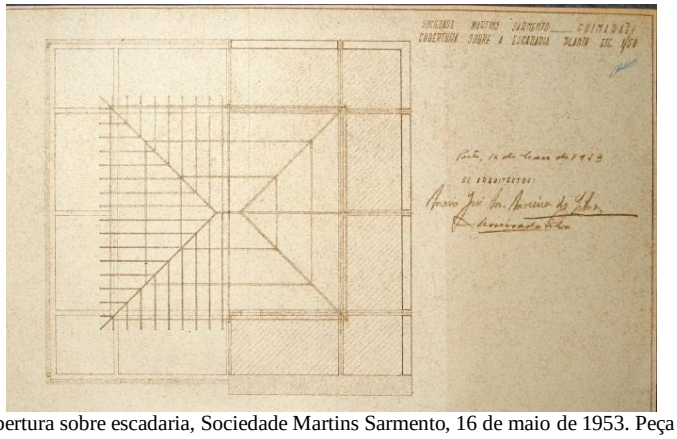


Fig.262 - Projeto de cobertura sobre escadaria, Sociedade Martins Sarmento, 16 de maio de 1953. Peça desenhada cedida pela Sociedade Martins Sarmento.

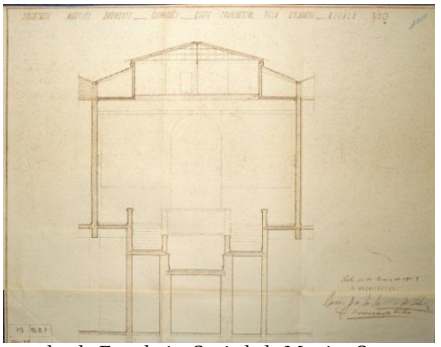


Fig.263 - Corte Transversal pela Escadaria, Sociedade Martins Sarmento, 16 de maio de 1953.
Peça desenhada cedida pela Sociedade Martins Sarmento.

2.4.3.3. Terceira fase do ateliê (1954 – 1964)

Este período inicia-se com a mudança física do gabinete do edifício da rua Fernandes Tomás para o recém-construído Palácio do Comércio, na rua Sá da Bandeira, e distingue-se da fase anterior sobretudo pela organização do ateliê e pela produção de projetos e obra de continuação, anteriormente iniciada sobretudo no Santuário do Sameiro, em anteplanos de urbanização, no edifício sede da Sociedade Martins Sarmento, na Igreja de S. Torcato e pela correspondência trocada enquanto consultor com as Câmaras de Aveiro, Guimarães, Matosinhos …

Um terceiro ciclo que situamos cronologicamente entre os anos de 1954 e 1964, sediado na rua de Sá da Bandeira nº 481, 2º esquerdo (Palácio do Comércio) e compreende este espaço físico, *além das secções de arquitectura e urbanização, secretaria e serviços jurídicos*[349]. Durante este período a organização do ateliê altera-se significativamente.

Identificamos três subperíodos: o primeiro de 1958 a 1961, correspondendo aos últimos anos em que DMS se encontra a lecionar a 16ªcadeira/2º grupo na ESBAP e que se caracteriza pela participação de quatro arquitetos na equipa (Joaquim Madureira até 1960, Acácio Brochado que sai em 1959, Domingos José Silva Aroso que sai em finais 1963 e um aluno de arquitetura Luís Falcato Pereira que entra em 1959 e aí permanece cerca de um ano) para além de Maria José e dele próprio, dois desenhadores (Cândido Rosas de Seixas Peixoto e Armando Joaquim da Silva); outro subperíodo localiza-se de 1961 a 1963 e no qual passa o ateliê a contar apenas com um arquiteto além do casal. Em outubro de 1963, a estrutura volta a alterar-se com a inclusão de um paquete, mantendo os dois anteriores desenhadores e incluindo um outro, Luís Antunes Peres Ferraz.

Como se pode inferir pelas imagens das figuras 262 a 290, o trabalho é bastante diversificado: anteplanos de urbanização (Amares, Barcelos, Guimarães, S. Jacinto, Cacia-Sarrazola, Vila de Vizela, Valongo, Matosinhos, Aveiro); Santuário do Sameiro; Sociedade Martins Sarmento; Igreja de S. Torcato; urbanização do bairro Dr. Álvaro Sampaio em Aveiro; ponte móvel em Matosinhos, pracetas e acessos ao viaduto do Porto de Leixões; intervenções em espaço público (fonte Luminosa para a praça

[349] FIMS/MSMS/2039-4351-0052 – correspondência trocada com a Empresa do Savoy Hotel, em maio de 1954, na qual especifica o tipo de trabalho no novo ateliê do Palácio do Comércio.

Marquês de Pombal em Aveiro), mobiliário, habitações unifamiliares rurais e urbanas (Pedro Hispano no Porto, na Maia, Barcelos), prédios de habitação e de rendimento (Barcelos, Torre Miradouro, prédio no gaveto de António Barroso e Barjona de Freitas e no Largo da Porta Nova em Barcelos, S. João da Madeira) equipamento escolar no Porto (Patronato dos Pobrezinhos) subposto da GNR em S. Torcato, paços do concelho de Valongo, mobiliário para a Sociedade Martins Sarmento; consultadoria.

Este período é ainda marcado por uma intensa atividade do ateliê a nível do volume das encomendas, das quais destacamos o moroso trabalho dos anteplanos de urbanização e da correspondência trocada com as autarquias a par da continuação da urbanização do santuário do Sameiro nas diversas vertentes (assistencial, turístico, arranjo do espaço público, mobiliário litúrgico, plintos para esculturas) e do edifício sede da sede da Sociedade Martins Sarmento. O projeto da Torre residencial, Torre Miradouro, seria um dos importantes momentos do ateliê para a SCPOPP, assim como o do Patronato dos Pobrezinhos para a Comissão fabriqueira da Igreja de Nossa Senhora da Conceição na praça marquês do Pombal, no Porto. Estas duas obras distinguem-se das outras por serem as primeiras e únicas obras realizadas pelo ateliê: a primeira, um edifício Torre na cidade, um dos primeiros deste tipo construídos na cidade e, a segunda, uma construção de um equipamento escolar/profissional.

Algumas Obras projetadas/realizadas entre 1954 a 1964
Planos de Urbanização

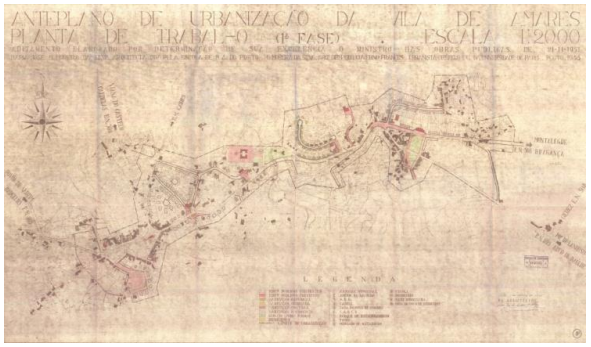


Fig. 264 - Anteplano de Urbanização da Vila de Amares - Planta de Trabalho, 1955 Amares. DGOTDU/PU-03-01

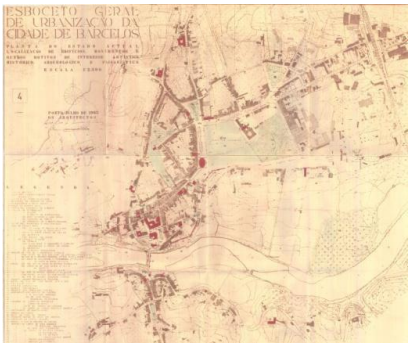


Fig. 265 - Esboceto Geral de Urbanização de Barcelos, 1963. DGOTDU 1\PU-03-02

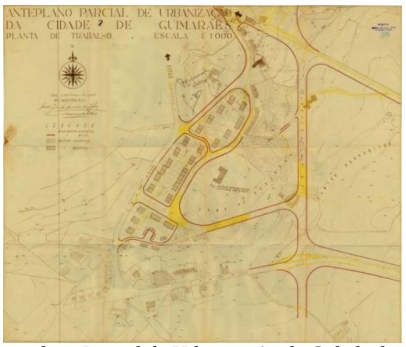


Fig. 266 - Anteplano Parcial de Urbanização da Cidade de Guimarães - Aditamento, 1957. Peça desenhada cedida pela Sociedade Martins Sarmento.

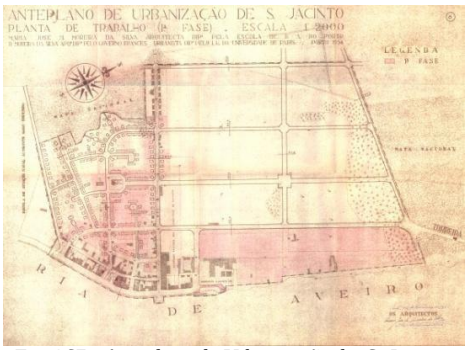


Fig. 267 - Anteplano de Urbanização de S. Jacinto, 1955. Peça desenhada cedida pela Sociedade Martins Sarmento.

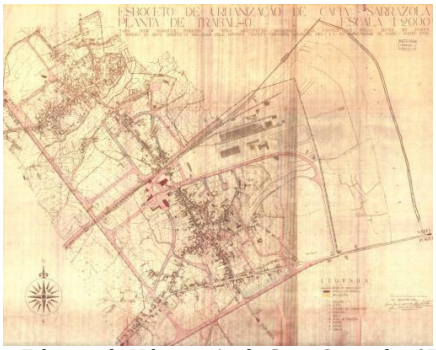


Fig. 268 - Esboceto de Urbanização de Cacia Sarrazola,1956. Peça desenhada cedida pela Sociedade Martins Sarmento.



Fig. 269 - Anteplano de Urbanização da Vila de Vizela, 1959-64. Peça desenhada cedida pela Sociedade Martins Sarmento.



Fig. 270 - Anteplano de Urbanização da Vila de Valongo,1955. Arquivo: ADGOTDU


Fig. 271 - Projeto das Pracetas e Ruas de acesso ao viaduto do Porto Comercial de Leixões – Porto, 1958. FIMS/MSMS/4364

Algumas Obras projetadas/realizadas entre 1954 a 1964
Projetos de Arquitetura/Arranjo Espaço Público/ Monumentos/Mobiliário

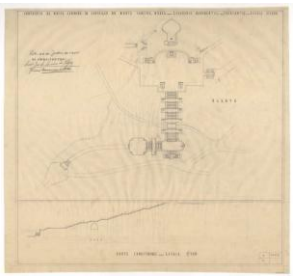


Fig. 272 - Santuário da Nossa Senhora da Conceição do Monte Sameiro – Escadório Monumental, Braga 1955.
FIMS/MSMS/pd07957

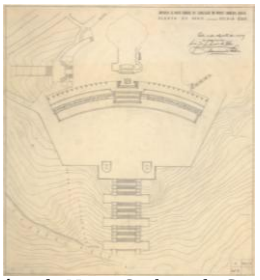


Fig. 273 - Santuário da Nossa Senhora da Conceição do Monte Sameiro – Planta do Adro, Braga 1959.
FIMS/MSMS/pd07954

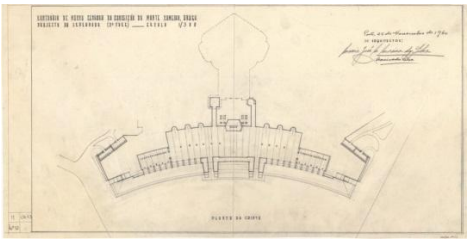


Fig. 274 - Santuário de Nossa Senhora da Conceição do Monte Sameiro – Projeto da Esplanada (2ª fase), Braga 1960.
FIMS/MSMS/pd07953



Fig. 275 - Santuário de Nossa Senhora da Conceição do Monte Sameiro – Escadório Monumental (4ª última fase), Braga 1960.
FIMS/MSMS/pd07965



Fig. 276 - Santuário de Nossa Senhora da Conceição do Monte Sameiro – Porta dos Quatro Doutores da Igreja, Braga 1955.
FIMS/MSMS/pd07945

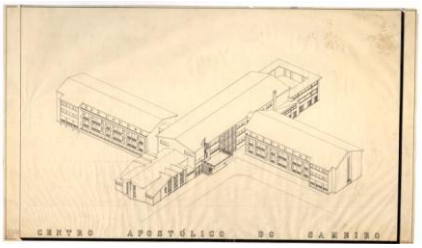


Fig. 277 - Centro Apostólico do Sameiro, Braga.
FIMS/MSMS/pd07941

Algumas Obras projetadas/realizadas entre 1954 a 1964
Projetos de Arquitetura/Arranjo Espaço Público/ Monumentos/Mobiliário

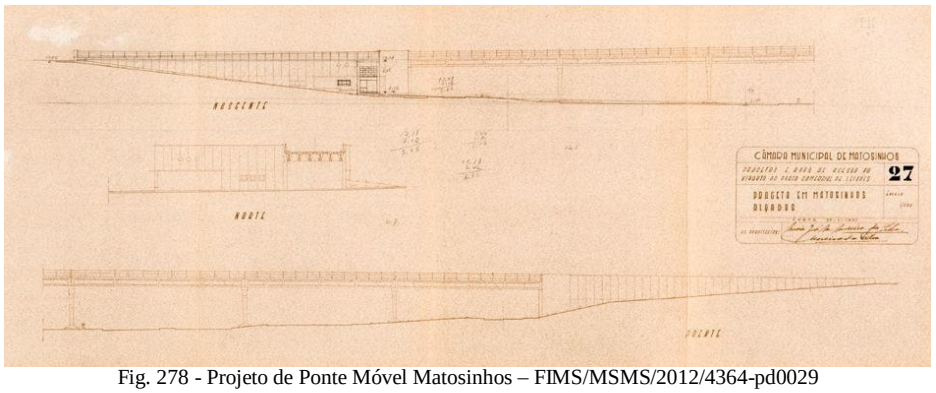
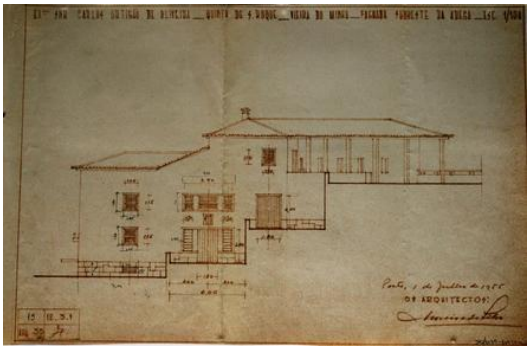


Fig. 278 - Projeto de Ponte Móvel Matosinhos – FIMS/MSMS/2012/4364-pd0029


Fig. 279 - Quinta de S. Roque, Vieira do Minho. FIMS/MSMS/4039-4269

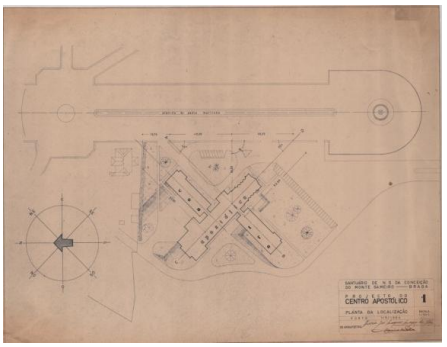
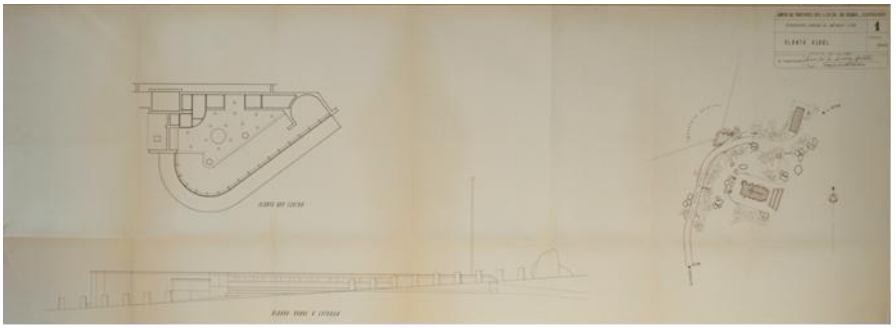


Fig. 280 - Projeto do Centro Apostólico do Santuário do Sameiro, 1964. FIMS/MSMS/1977-pd04849


Fig. 281 - Fachada poente da Sociedade Martins Sarmento Fotografia cedida pela Sociedade Martins Sarmento no ano de 2006.


Fig. 282 - Escadaria nobre da Sociedade Martins Sarmento – Fotografia cedida pela Sociedade Martins Sarmento no ano de 2006.


Fig. 283 - Projeto não realizado para o Abrigo da Penha, 1957. FIMS/MSMS/3813/4083-0162

Algumas Obras projetadas/realizadas entre 1954 a 1964
Projetos de Arquitetura/Arranjo Espaço Público/ Monumentos/Mobiliário




Fig. 284 - Rua Pedro Hispano, Porto. Fonte de imagens: aqr.º Miguel Tomé, 2012.





Fig. 285 - Prédio Rua da Constituição nº, Porto Fonte de Imagens, fotografias da autoria do arq.º Miguel Tomé de 2012.




Fig. 285 - Patronato dos Pobrezinhos, localizado por trás da igreja de Nossa Sr.ª da Coneição na Praça Marquês do Pombal, Porto. Fonte de Imagens, fotografias da autoria do arq.º Miguel Tomé de 2010.



Fig. 286 - Instalações da SCPOPP e Torre Miradouro voltada para a rua Anselmo Braancamp – Porto.
Fonte de Imagem: Fotografia de Maria do Carmo Pires.

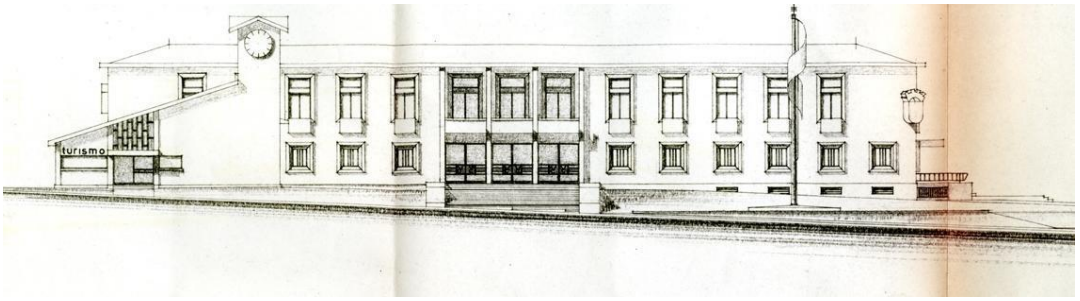


Fig. 287 - Fachada principal dos Paços de Concelho de Valongo, 1964. FIMS/MSMS/3958-pd0006

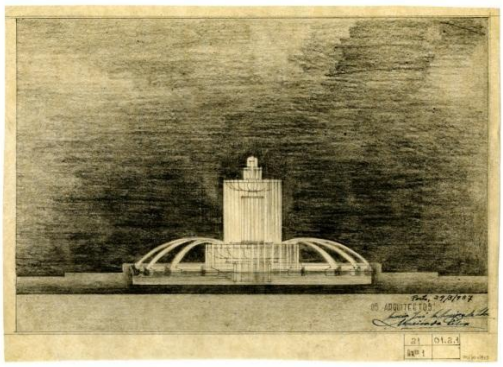


Fig. 288 - Fonte Luminosa Praça Marquês do Pombal, Aveiro. FIMS/MSMS/7875

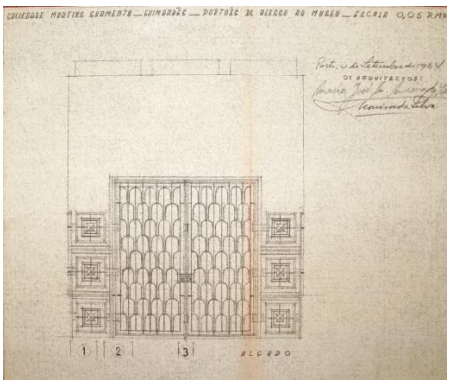


Fig. 289 - Portão de Acesso ao Museu Sociedade Martins Sarmento, 1964. ASMS

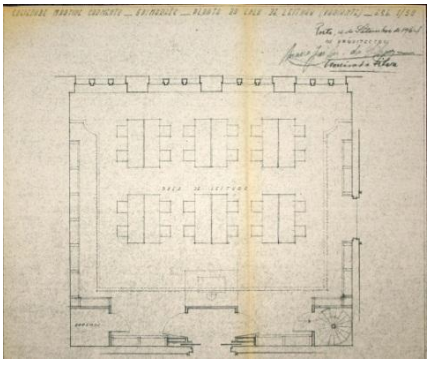


Fig. 290 - Sociedade Martins Sarmento – Planta da Sala de Leitura, 1964. ASMS

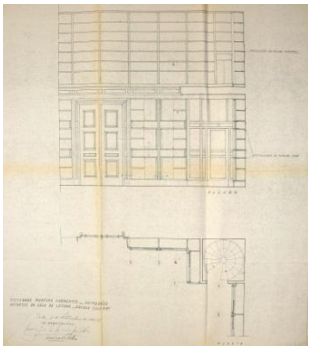


Fig. 291 - Sociedade Martins Sarmento – Estantes da Sala de Leitura, 1964. ASMS

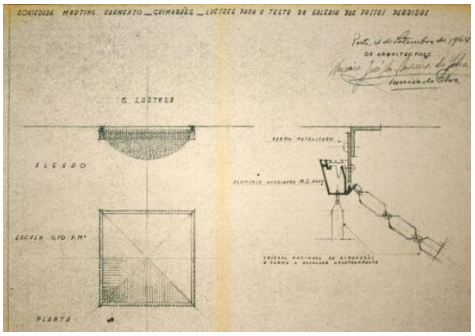


Fig. 292 - Lustres da Galeria dos Passos Perdidos, Sociedade Martins Sarmento, 1964. ASMS

2.4.3.4. Quarta fase do ateliê (1965 – 1997)

A este período corresponde uma diminuição das encomendas e da produção do ateliê que se resumem, essencialmente, a obras de consultadoria das Câmaras de Aveiro, Guimarães, Valongo, Barcelos, a obras de arquitetura em continuidade com as iniciadas (Sameiro, Torre Miradouro, Sociedade Martins Sarmento, S. Torcato), ou a pequenas encomendas feitas por particulares, pela S.C.P.O.P.P. (dois prédios de rendimento na R. Anselmo Braancamp, habitações coletivas em Valbom, Torre residencial Miradouro, restaurante Portucale, escola profissional José Moreira da Silva, glorieta José Moreira da Silva); pelo Dr. Flores Santos Leite, R. Ferreira Borges, R. das Carmelitas, subposto de S. Torcato, adega e habtição em Barcelos, habitação em Setúbal, jazigo Dr. Carlos Alberto Rocha …

A partir deste período há um declínio do ateliê que passa a contar com desenhadores, um engenheiro que desenha e a partir de 1966 até 1976 um funcionário público, Ovídio Teixeira, responsável pela contabilidade, escrita, pagamentos e um engenheiro José de Lima Barbosa até 1976, em 1969 António Luiz da Silva Gomes (desenhador) arquiteto António José Fragateiro Ginestal Machado 1970 a 1973.

Sublinhamos nesta última etapa do ateliê em estudo, duas caraterísticas importantes: o tipo de clientes/obra encomendada e a formação dos colaboradores dos dois arquitetos. Com a exceção dos projetos realizados de três prédios mistos de rendimento nas ruas de Gondarém, Rui Barbosa e Avenida Brasil no Porto e o realizado na rua dos Bombeiros Voluntários, em Valbom; um prédio de rendimento e supermercado em Amarante; uma oficina de material para escritório na EN13 Maia[350], duas moradias unifamiliares em S. João da Madeira e em Setúbal e de projetos não realizados como os do centro comercial na Av. Almirante Reis em Lisboa e o prédio na rua Padre Cruz, todos os outros projetos são encomendados pela SCPOPP – Torre residencial Miradouro, Restaurante Portucale, academia José Moreira da Silva, glorieta de José Moreira da Silva, dois prédios da rua Anselmo Braancamp no Porto, moradias na Maia, projetos encomendados por familiares. Obras de continuidade de outros períodos do ateliê (santuário do Sameiro) e outras iniciadas pelo arquiteto José Marques da Silva (Sociedade Martins Sarmento), obras de remodelação de edifícios

[350] Ver III Vol. fichas respetivas.

pertencentes à família, prédio na rua 31 de Janeiro e no gaveto das ruas Ferreira Borges e Comércio do Porto. O ateliê continua a sua atividade de consultadoria trocando numerosa correspondência.

A obra circunscreve-se a uma zona mais restrita e a encomendas ligadas ao núcleo de relações familiares dos dois arquitetos. Os colaboradores são desenhadores, escriturários, um arquiteto, além de David Moreira da Silva e de Maria José Marques da Silva Martins. A correspondência trocada com as câmaras de que são consultores, com a Confraria de Nossa Senhora do Sameiro e com a Sociedade Martins Sarmento continua a ser intensa.

Algumas Obras projetadas/realizadas entre 1965a 1997
Planos de Urbanização/Projetos de Arquitetura/Arranjo Espaço Público/
Monumentos/Mobiliário

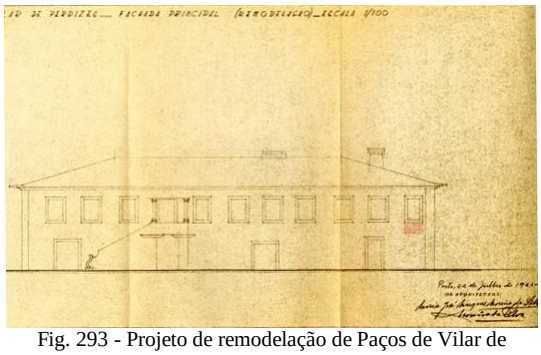


Fig. 293 - Projeto de remodelação de Paços de Vilar de Perdizes, Montalegre, 1965.
FIMS/MSMS/3959-0021

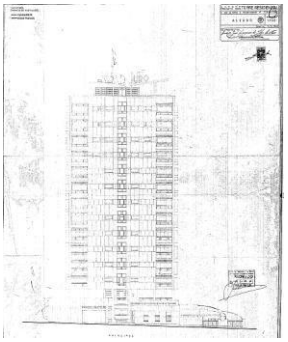


Fig. 294 - Torre Miradouro, Porto, 1967.
AHMP LO 1962-0067-013



Fig. 295 - Prédio de Rendimento em Amarante, 1974.
FIMS/MSMS/3966

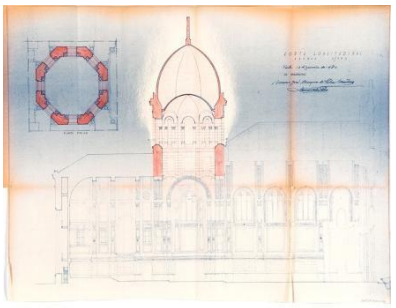


Fig. 296 - Cúpula da Igreja de S. Torcato, Braga, 1973-80.
FIMS/MSMS/3966

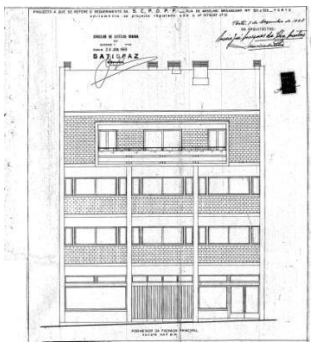


Fig. 297 - Prédio de Rendimento, rua de Anselmo Braancamp, Porto, 1968.
AHMP LO 1969-0333-025

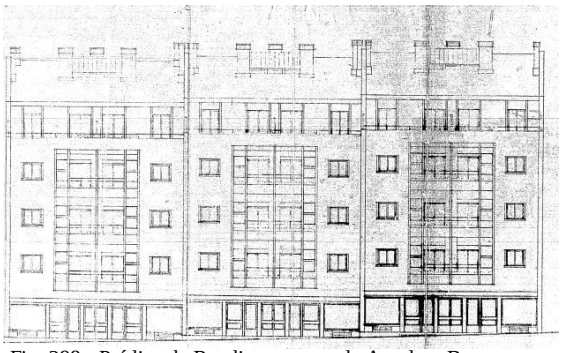


Fig. 298 - Prédios de Rendimento, rua de Anselmo Braancamp, Porto, 1975.
AHMP LO 1975-0012-0013-0014-012ª



Fig. 299 - Bloco misto da Av Brasil, ruas Rui Barbosa e de Gondarém , no Porto, 1980. AHCMP LO 1982-0369-032



Fig. 300 - Bloco misto da Av. Brasil, ruas Rui Barbosa e de Gondarém , no Porto. Foto Arq.º Miguel Tomé, 2012.

Algumas Obras projetadas/realizadas entre 1965a 1997
Projetos de Arquitetura/Arranjo Espaço Público/ Monumentos/Mobiliário

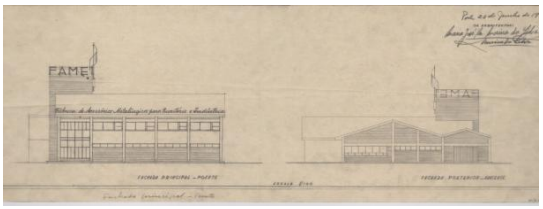


Fig. 301 - Oficina de Material de Escritório na Maia,1967. FIMS/MSMS/1980-0492

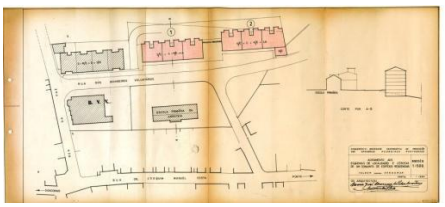


Fig. 302 - Bloco Misto de Habitação e Comércio, 1977. FIMSMSMS/3986-0018

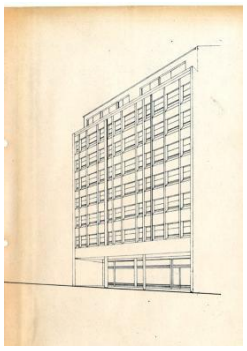


Fig. 303 - Projeto Centro Comercial Almirante Reis, Lisboa, 1981. FIMS/MSMS/3775/3969

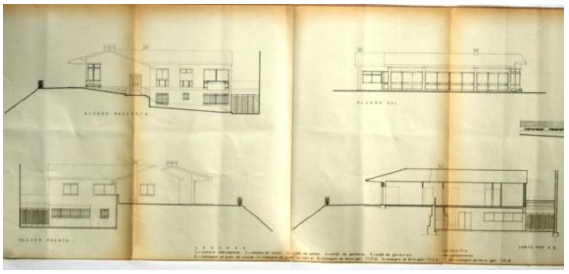


Fig. 304 - Casa em Setúbal, 1965. FIMS/MSMS/4068/4261

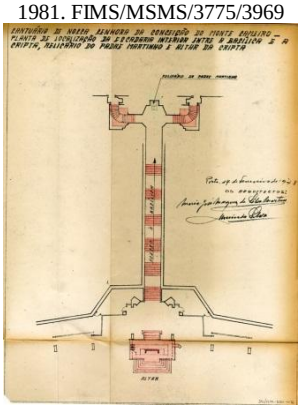


Fig. 305 - Planta de localização de escadaria entre a Basílica e a Cripta, Braga, 1978. FIMS/MSMS/1899/4205-pd0036

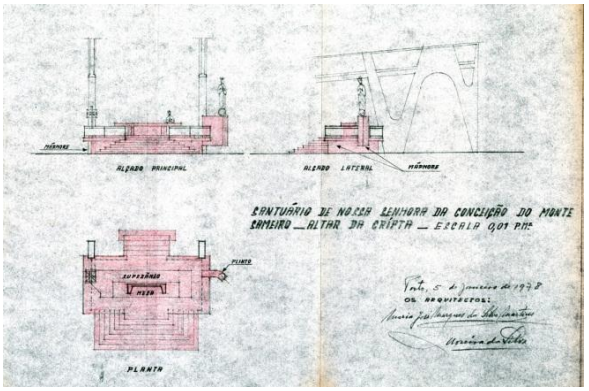


Fig. 306 - Projeto do altar da cripta, 1978. FIMS/MSMS/1899/4205-pd0037

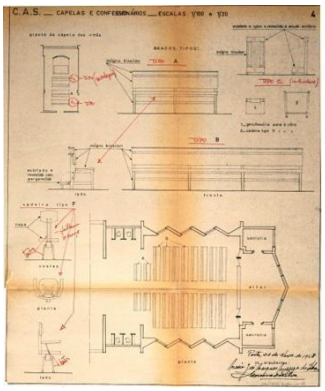


Fig. 307 - Centro Apostólico do Santuário do Sameiro – Mobiliário, 1968. FIMS/MSMS/1899/4180-0488

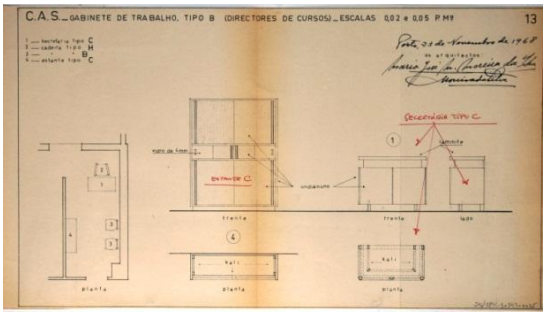


Fig. 308 - Projeto mobiliário Centro Apostólico do Sameiro – Vestíbulo e sala de espera, 1968. FIMS/MSMS/1899/4180-0035

Algumas Obras projetadas/realizadas entre 1965a 1997
Projetos de Arquitetura/Arranjo Espaço Público/ Monumentos/Mobiliário

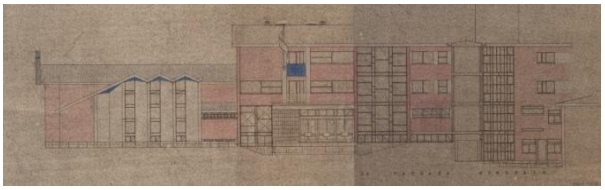


Fig. 309 - Projeto Centro Apostólico do Sameiro – Fachada nordeste Corte, 1966. FIMS/MSMS/1899/1977-pd04878

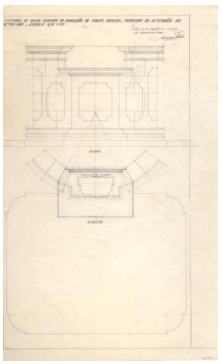


Fig. 310 - Projeto do altar-mor da basílica do Sameiro, 1972. FIMS/MSMS/1899

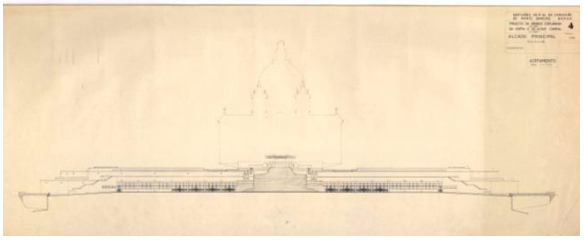


Fig. 311 - Projeto da Grande cripta e do altar-campal, 1973. FIMS/MSMS/1899-pd07984

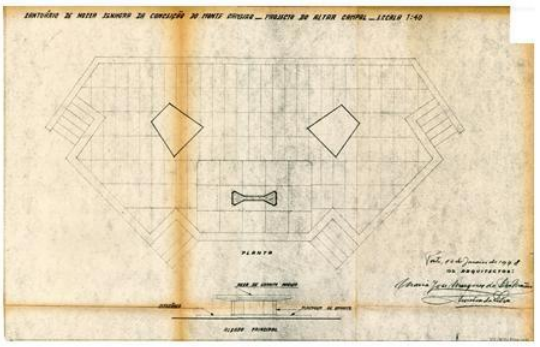


Fig. 312 - Projeto do altar-campal, 1978. FIMS/MSMS/1899/4205-pd0034

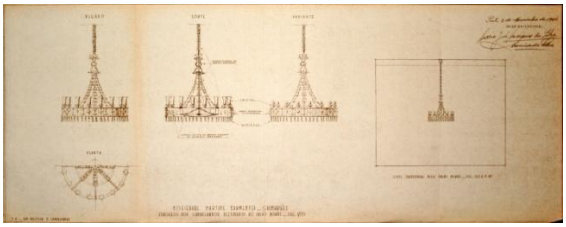


Fig. 313 - Candelabros do Salão Nobre da Sociedade Martins Sarmento, 1966. ASMS

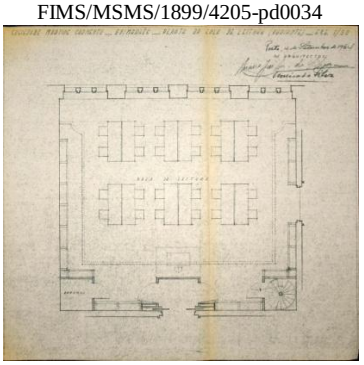


Fig. 314 - Planta da Sala de Leitura, Sociedade Martins Sarmento, 1964. ASMS

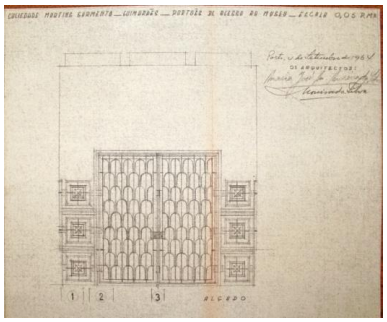


Fig. 315 - Portões de Acesso ao Museu, Sociedade Martins Sarmento, 1964. ASMS

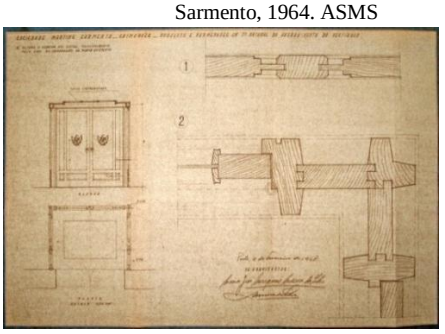


Fig. 316 - Projeto e Pormenores em tamanho natural do Guarda-vento do Vestíbulo da Sociedade Martins Sarmento, 1968. ASM

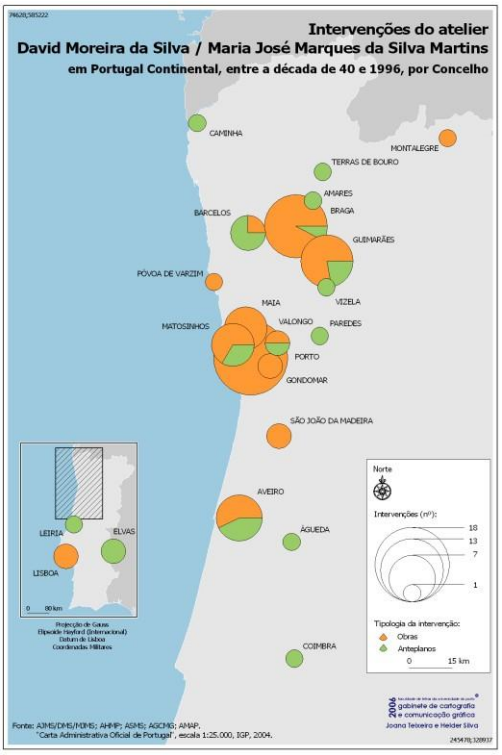


Fig. 317 - Mapa com a intervenção do ateliê de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins, em Portugal continental, entre a década de 1940 a 1996, por concelho[351].

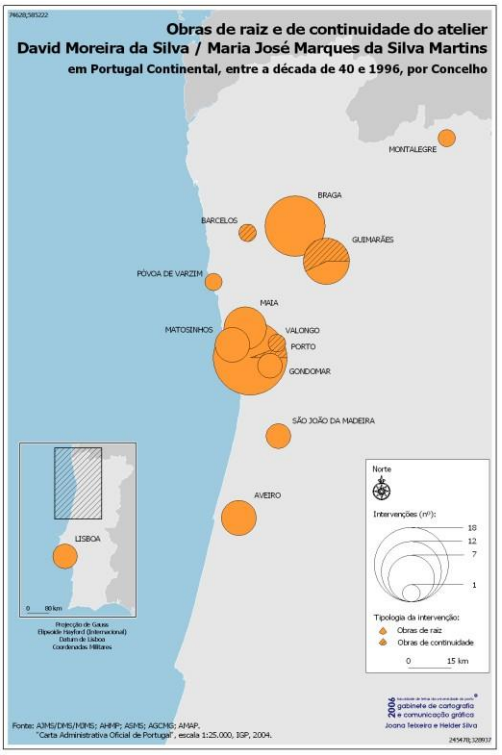


Fig 318 - Mapa com as obras de raiz e de continuidade do ateliê de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins, em Portugal continental, entre a década de 1940 a 1996, por concelho[352].

2.5. Conclusões

Ateliê entendido aqui enquanto espaço de vida (profissional e afetivo) partilhado por um casal de arquitetos e, por isso, fora da conceção redutora de um gabinete ou lugar material em que se encontram vários colaboradores para realizar determinado tipo de obra. David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva, com endereço oficial em várias ruas/edifícios da cidade, pensam, discutem os projetos em diversos espaços para além destes – casa-ateliê e palacete nº30 da Praça Marquês de Pombal; na quinta de Barcelos e nos diálogos quotidianos.

[351] Estes mapas realizados pelo gabinete de cartografia e comunicação gráfica Joana Teixeira e Hélder Silva, da Faculdade e Letras da Universidade do Porto a partir do levantamento documental realizado pela doutoranda nos arquivos da FIMS, AHMO, ASMS, AMAP, ADGCMG. Integram um artigo escrito por si PIRES, Maria do Carmo Marques Pires " David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins In Ferreira-Alves, Natália Marinho [coord.] *Artistas e Artífices No Mundo de Expressão Portuguesa.* Porto: CE*PESE, 2008, pp. 176-182.

[352] *Idem*. Carlos Marques Pinto, Sobrinho L.da

Ateliê de grande longevidade, de vasta e variada produção nas áreas de urbanismo e arquitetura, num período de cerca de cinco décadas[353], produção e obra essas desconhecidas, realizadas num vasto período no qual *[...] A complexidade da arquitectura portuguesa deste período deve explicar-se mediante a própria contradição sentida no seio do debate internacional entre Tradição e Modernidade*[354]. O desconhecimento da sua intensa atividade não apaga, no entanto, a visibilidade da obra projetada e edificada que ainda hoje se impõe em algumas cidades[355], alguma de grande importância a nível simbólico, programático, funcionalista e tipológico. Desta obra abordaremos mais pormenorizadamente nos capítulos três e quatro, planos de urbanização de Guimarães e respetiva obra de consultadoria, de Luanda e Gabela e os exemplos de referência como o Palácio do Comércio, edifícios e instalações da SCPOPP, ambos na cidade do Porto, o Santuário do Sameiro em Braga, o Hotel Savoy e a moradia Paiva Brites no Funchal e, finalmente, o projeto de das moradias geminadas em Luanda.

A obra diversificada é nas duas primeiras fases (1940-43 e 1943-1954) marcada pela importância e número de encomendas estatais[356] e municipais de uma atividade ligada aos planos gerais de urbanização e a obra arquitetónica (equipamentos, habitações unifamiliares urbanas e rurais, habitações coletivas mistas), monumentos comemorativos ou de homenagem, mobiliário civil e religioso, o desenho urbano… também requisitada por clientes particulares diversos. Estes dois períodos foram sem dúvida os mais criativos e ativos de toda a vida e constituem uma síntese da sua formação académica.

---

[353]Duas obras que consideramos de referência pela sua dimensão são concluídas nos anos noventa, respetivamente na cidade do Porto e em Valbom, respetivamente, o edifício misto de habitação e comércio encomendado pela firma Carlos Marques Pinto, Sobrinho L.da, (na ficha nº 44) localizado na Av. Brasil e ruas Rui Barbosa e de Gondarém no Porto e um bloco misto de habitação e comércio encomendado pela SCPOPP na rua dos Bombeiros Voluntários em Valbom (ficha nº 76). Outros projetos respeitam um centro Comercial na Av. Almirante Reis (não construído), oficinas de acessórios para escritório na Maia, remodelação de um imóvel de família sito no gaveto das ruas Ferreira Borges e Comércio do Porto, na cidade do Porto e habitação em S. João da Madeira.

[354] CERQUEIRA, Hugo Philippe Herrenschmidt da Nazareth Fernandes de - *Contributos para uma Hermenêutica da Tradição o Modernismo Português António Varela e o Legado do Invisíve. Composição, Traçado e Simbólica de um Arquitecto à Sombra de Gigantes (1930-1940).* Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Doutor em Urbanismo no Curso de 3º Ciclo em Urbanismo, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Departamento de Arquitetura, Urbanismo, Geografia e Artes Plásticas.2009. p. 6.

[355] Cf. III vol. Fichas de Obra e de Planos de Urbanização.

[356] Encomendas feitas pelo MOP, Câmaras: Luanda, Águeda, Elvas, Termas de Monte Real, Funchal (encomendada pela Junta de Turismo), Gabela (Angola), Aveiro, Amares, S. Jacinto, Paredes, Valongo, Matosinhos, Chaves, Guimarães, Caldas de Vizela, Vila das Taipas.

De evidenciar ainda a obra de continuidade daquela iniciada pelo sogro e pai do casal, José Marques da Silva, na cidade de Guimarães (Sociedade Martins Sarmento, Mercado de Guimarães, santuário da Penha), Barcelos e no Porto – o monumento aos heróis da Guerra Peninsular. Esta obra dirigida pelo ateliê em estudo obedece aos projetos inicialmente concebidos e iniciados por Marques da Silva.

Como se pode analisar nas figuras 317 e 318, a maior parte da atuação dos arquitetos localiza-se em Portugal continental, numa mancha que abrange o litoral norte e continuando pelo litoral para sul, nesta zona com pouco representatividade, circunscrevendo-se às cidades de Lisboa, Setúbal e Elvas. Há que contabilizar ainda os projetos e planos na área do urbanismo realizados para a ilha da Madeira (Funchal) e Angola (Luanda e Gabela), além da numerosa correspondência trocada enquanto especialistas na área de urbanismo e consultores municipais.

Da obra realizada na cidade do Porto assinalamos no mapa a localização específica por ser aqui que o casal residia e fez bastantes intervenções.

Capítulo III – A OBRA NA ÁREA DO URBANISMO

3.1. Contextualização

A partir de 1934, num primeiro período e com o ministro das Obras Públicas e Comunicações, Duarte Pacheco, surge a obrigatoriedade de todas as câmaras municipais estabelecerem os planos de urbanização de acordo com o Decreto-Lei nº 24:802 de 21 de dezembro de 1934, não só para as sedes de municípios mas para todas as localidades com mais de 2500 habitantes, obrigatoriedade que abarca *os centros urbanos ou zonas de interesse turístico, recreativo, climático, terapêutico, espiritual, histórico ou artístico a designar pelo Governo*[357]. Este documento que substituía um anterior de finais do século XIX terá tido o contributo, aquando da sua elaboração, de Alfred Agache[358] que na altura se encontrava em Portugal.

Nos anos de 1930 e 1940, num contexto de desenvolvimento urbano e da melhoria das suas infraestruturas urbanas e numa altura em que se combate o desemprego através da realização de obras públicas[359], o Estado Novo através do Ministério das Obras Públicas e Comunicações fomenta a realização de vias de comunicação: [com] *a realização de melhoramentos locais de natureza vária em todo o País se reduz o número de desempregados e se fixam os princípios gerais a que devem obedecer todos os planos de urbanização*[360].

O MOPC afirma-se na política do Estado Novo e torna-se veículo de propaganda ideológica (combate ao desemprego, desenvolvimento da economia nacional), através da construção de importantes equipamentos públicos e de infraestruturas vitais para o desenvolvimento da economia. Assim se afirma e valoriza a Arquitetura e a Engenharia. O ministro do Comércio e Comunicações, Duarte Pacheco, assume este cargo, em 1932, na mesma altura em que António de Oliveira Salazar se torna chefe do Governo[361]. No

---

[357] Antecedentes e enquadramento histórico, Legislação de 1934. In LOBO, Margarida Sousa - *Urbanistas Estrangeiros em Portugal 1930-1960.* Lisboa: DGOTDU, 2005 (DVD).
[358] *Idem*.
[359] Decreto-lei Nº 24:802 de Novembro de 1934.
[360] LOBO, Margarida, op. cit., pp. 255-259.
[361] ALMEIDA, Sandra Cristina de Jesus Vaz Costa Marques de – *O País a Régua e Esquadro. Arquitectura e memória na Obra Pública de Duarte Pacheco.* Dissertação para a obtenção do grau de Doutor em História, na especialidade de Arte, Património e Restauro. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009, p. 172. Disponível em WWW. URL: http://Lisboarepositorio.ul.pt/bitstream/ 10451/1884/1/a_regua_e_esquadro**.**pdf

mesmo ano o ministério passaria a designar-se como Ministério das Obras Públicas e Comunicações e integraria a Junta Autónoma das Estradas cujas

> *atribuições não se limitavam ao universo das vias de comunicação. Com o decreto de 30 de setembro de 1932 Duarte Pacheco atribuía a este organismo o programa de melhoramentos rurais […] à Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais que, desde a data de criação em 1929, zelava pela manutenção, conservação e restauro do património arquitectónico e arqueológico classificado, passaria a estar agregado o programa de melhoramentos urbanos […]*[362].

Visando combater o desemprego, o ministro aplica verbas neste ministério, oriundas do Fundo de Desemprego. Este ministério cria o Comissariado do Desemprego[363].

O Ministério das Obras Públicas e Comunicações passa a atuar nos *planos de melhoramentos rurais, urbanos e saneamento, as comunicações e as grandes obras públicas*[364]. Lança ainda o programa destinado às Casas Económicas, habitações destinadas aos *chefes de família assalariados, operários, membros dos sindicatos nacionais, funcionários públicos, civis ou militares e operários permanentes dos quadros do Estado e dos municípios*[365].

O ministério consolidado e estruturado torna-se o promotor de obras várias, investe em projetos de planificação do crescimento dos centros urbanos. Como em Portugal não havia, na altura, técnicos especializados em urbanismo, socorre-se do vice-presidente da SFU *para se proceder ao estudo preliminar de urbanização da zona de Lisboa ao Estoril e Cascais […]*[366] e cria o Plano Geral de Urbanização (Decreto-lei nº 24802 de 31 de dezembro) numa clara afirmação e valorização desta nova área que pretende transformadora dos aglomerados urbanos, pela dotação de infraestruturas e fomentando, ainda, a criação de emprego.

> *No desejo de estender o mais possível os benefícios da assistência pelo trabalho aos que deste se encontram privados tem o Govêrno promovido, em regime de*

[362] *Idem, ibidem*, pp. 178 e 179.
[363] VASCONCELOS, op. cit., p. 54.
[364] ALMEIDA, op. cit., p. 190.
[365] *Idem*, pp. 191-192.
[366] *Idem*, p. 197. Refere-se a Alfred Agache.

comparticipação das câmaras municipais e do Estado, pelo Fundo de Desemprego, a realização de melhoramentos locais de natureza vária em todo o País[…][367].

Impõem-se planos de urbanização e levantamento de plantas topográficas em todas as localidades com ou mais 2500 habitantes, da responsabilidade das Câmaras Municipais, pertencendo a aprovação desses estudos e tomadas de decisões ao MOPC.

Com a criação do Gabinete de Urbanização Colonial, em 1944, *a coordenação e a produção urbanística, infra-estrutural e equipamento oficial – executada de modo centralista no Portugal Ibérico […] ficou assegurada para as colónias africanas*[368].

[367] Decreto-lei nº 24802 de 31 de dezembro de 1934.
[368] FERNANDES, José Manuel - *Geração Africana. Arquitectura e Cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*. Lisboa: Livros Horizonte, 2002, p. 14.

3.2. Planos de urbanização metropolitanos

A partir de 1938, data da entrada de Duarte Pacheco para a presidência da Câmara de Lisboa, acumulando com o ministério das Obras Públicas, o país viveria um momento de forte intervencionismo estatal em obras públicas que visava o combate à ruralidade pelo lançamento de infraestruturas que permitissem a criação e fomento de um mercado interno, pela urbanização racional dos principais aglomerados populacionais, pela melhoria das condições de habitabilidade dos portugueses e pelo combate ao desemprego[369], como já foi referido.

Neste contexto, o urbanista do Porto é solicitado para vários projetos a realizar maioritariamente na zona norte do país e, pontualmente, no sul, na zona insular e em Angola.

David Moreira da Silva arquiteto com formação específica em urbanismo em Portugal, é frequentemente solicitado pelo Estado e pelos Municípios para executar planos de urbanização ou emitir pareceres sobre questões urbanas ligadas a planos realizados enquanto consultor de câmaras. Participa, após a sua chegada ao país, em 1939, na elaboração de planos de urbanização quer na metrópole quer na região insular da Madeira quer na urbanização de duas cidades angolanas que à época integravam um "Espaço Colonial", uma nova "centralidade" ou "terra prometida" nas palavras de José Manuel Fernandes[370]. Desbravar, urbanizar e atrair assim para aquela colónia do vasto império português ultramarino, população que beneficiaria de melhores e atrativas condições de vida e impulsionaria o desenvolvimento económico do país pelo escoamento de mão-de-obra excedentária, acesso às riquezas – matérias-primas e alimentos tão necessários à indústria e economia nacionais – criação de um mercado interno e afirmação do poder político e imagem imperialista e nacionalista do Estado Novo.

Cottinelli Telmo, na década de 1940, presidente da Direção do Sindicato Nacional dos Arquitetos, sublinha a necessidade dos urbanistas observarem determinadas diretrizes na realização dos planos de urbanização, designadamente: basearem-se em plantas topográficas exatas; realização de um inquérito que lhe forneça

[369] COSTA, João Pedro - *Bairro de Alvalade. Um Paradigma do Urbanismo Português.* Lisboa: Livros Horizonte/Faculdade de Arquitetura, 2006, pp. 16-17.
[370] *Idem*, p. 9.

todos os dados necessários; estudos estatísticos e isenção relativamente a interesses de particulares[371].

Entre 1941 e 1966, David Moreira da Silva, inicia uma série de estudos de urbanização na linha de Étienne De Gröer, adepto do movimento da cidade-jardim.

O seu percurso na área do urbanismo começa como colaborador de De Gröer no Plano de Urbanização de Coimbra e, ainda no da cidade de Luanda. Da década de 1940 realiza planos diversos para Moledo do Minho, Águeda, Elvas, Funchal – o esboceto de remodelação da Praça do Município (1940-43), o anteprojeto da Avenida do Infante (1942/43), o anteprojeto de remodelação da Zona Marginal do Porto do Funchal (1942), o anteprojeto do Parque da Cidade do Funchal (1944/47) – dos anos seguintes mas ainda da década de 1940, Monte Real, Amares, Termas do Gerês, Matosinhos, Aveiro, Barcelos, Cacia-Sarrazola, Gabela, Guimarães, Vizela, Taipas, S. Jacinto, Chaves, Paredes, Valongo.

A sua atividade enquanto urbanista exige-lhe uma série de competências para a planificação e composição do espaço urbano, pensado enquanto lugar físico e social.

Diferentemente de um arquiteto que pensa e representa de uma forma específica o espaço, o urbanista tem de ter a capacidade de planificar, refletir e atuar sobre o espaço urbano, agindo nele a partir do diálogo e da colaboração com uma vasta equipa constituída por especialistas/técnicos nas diferentes áreas e, ainda, com diversas instituições (municipais, regionais e nacionais) e poderes (político, serviços técnicos e administrativos).

No processo de urbanização, mais do que desenhar um projeto o importante é conhecer a realidade social (a diversidade de pessoas, as sua necessidades e aspirações), o passado, as práticas atuais e prever as necessidades. Para isso, um instrumento de trabalho indispensável a qualquer planificação é o da elaboração de um inquérito, recorrendo ainda ao contributo de várias ciências humanas ou sociais (sociologia, demografia, geografia, antropologia, história, economia, higienismo, ecologia …) e o trabalho com autoridades e profissionais num clima muitas vezes caracterizado pelas incertezas, pela concorrência e contestação[372].

---

[371] TELMO, Cottinelli "Arquitectos e Urbanismo" In *Boletim da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização*. Lisboa: Ministério das Obras Públicas e Comunicações, I Vol. 1945-46.

[372] FREY, Jean-Pierre – "Être architecte et devenir urbaniste". In EPAU – *Actes du Séminaire International. Enseignement et pratique de l'architecture, quelles perspectives?*. EPAU, Alger du 23 au 26 avril 2000, Alger, EPAU, avril, 2001, 497p., pp 24-35. Disponível em WWW. URL:

3.2.1. Algumas características dos planos de urbanização do ateliê. Zonamento

A obra na área do urbanismo de David Moreira da Silva aproxima-se da de Étienne De Gröer, defensor da teoria da cidade-jardim, existindo em ambos um ecletismo no desenho urbano e nas soluções propostas. O conceito de ecletismo é partilhado aqui com o de João Pedro Costa que o utiliza para o método utilizado:

"Reunião de teses conciliáveis retiradas de diferentes sistemas de filosofia e que são justapostas, negligenciando-se pura e simplesmente as partes que não são conciliáveis desses sistemas"[373].

Detetamos na análise dos planos de urbanismo de DMS, características ao nível da morfologia que se enquadram nos modelos da cidade tradicional, da cidade-jardim e no movimento moderno. Identificamos os mesmos pressupostos na obra do Bairro de Alvalade para os quais o seu autor afirma que *não se adere ao movimento moderno, não se recria a cidade-jardim, não se fica preso a conceitos da cidade tradicional*[374].

Nos seus planos de urbanização e na linha da cidade-jardim, o arquiteto-urbanista tem em conta as pré-existências (urbanismo culturalista), aplica arruamentos sinuosos ou retilíneos de acordo com as condições específicas do terreno (topografia), os impasses habitacionais (podendo o impasse ser definido por moradias isoladas possibilitadores de uma certa intimidade), zonas residenciais de baixa densidade, privilegiando as moradias unifamiliares isoladas, implantadas em cada lote de terreno, prevendo ainda a possibilidade da construção geminada ou em banda e dispondo de logradouro/espaço verde, propondo a expansão da cidade em zonas localizadas nas áreas rurais.

Como podemos observar nas plantas de zonas (figs. 319-338) que integravam os vários planos de urbanização, nas décadas de 1940 e 1950, período considerado por Margarida Lôbo como o do *apogeu do planeamento urbano em Portugal*[375], nelas se encontram representadas áreas destinadas a funções específicas, contribuindo desta

[373] LALANDE; André – "Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia". In COSTA, João Pedro - *Bairro de Alvalade. Um Paradigma no Urbanismo Português.* Lisboa: Livros Horizonte/Faculdade de Arquitectura, 2006, p. 10.
[374] COSTA, João Pedro - *Bairro de Alvalade. Um Paradigma do Urbanismo Português.* Lisboa: Livros Horizonte/Faculdade de Arquitetura, 2006, p. 11.
[375] LÔBO, Margarida, op. cit., p. 145.

forma para um melhor funcionamento da cidade, um dos dogmas/postulados urbanísticos do movimento moderno.

> *No caso extremo da Carta de Atenas, propõe-se o isolamento, separação e arrumação das principais funções da cidade, o habitar, o trabalhar, o acolher, o lazer e as deslocações necessárias ao seu desempenho*[376].

Esta divisão em zonas liga-se ao eficaz funcionamento da cidade de acordo com a definição de áreas para *habitar, trabalhar, lazer […] as deslocações necessárias ao desempenho dessas actividades*[377]. Circulações, habitação, equipamentos, atividades económicas, áreas destinadas a recreio, devem estar racionalmente distribuídas na cidade e reguladas, impondo em cada uma delas o tipo de edificação específicas.

Observam-se geralmente, neste tipo de plantas, a representação da Zona Arqueológica, as Zonas e os Centros já existentes (mista, edifícios públicos, cívicos, arruamentos, equipamentos, industrial, circulações) as Zonas projetadas (mistas, residenciais, edifícios públicos, arruamentos, equipamentos, arruamentos, zona industrial, comercial e cívica). Como zonas maioritárias temos as destinadas a habitação (80% e 85%) e ainda outras como os espaços livres, zona rural. Há uma preocupação, por parte do ateliê, com as pré-existências que integram nas novas propostas urbanas, preservando tudo o que constitui referência de uma cidade ou aglomerado a par das novas propostas, *edificação aberta de baixa densidade, predomínio dos edifícios unifamiliares a par com construções geminadas ou em banda*[378].

[376] COSTA, João Pedro - *Bairro de Alvalade. Um Paradigma do Urbanismo Português.* Lisboa: Livros Horizonte/Faculdade de Arquitetura, 2006, p. 144.
[377] LAMAS, José Ressano Garcia - *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/JNICT, 1993, p. 303.
[378] LÔBO, Margarida Souza – *Planos de Urbanização a Época de Duarte Pacheco*. Porto: FAUP, 1995. Moledo, p. 148-155.

3.2.2. Plantas de Zonas

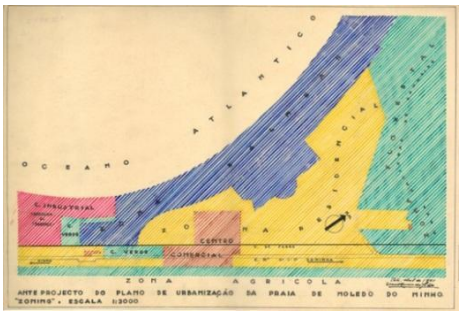


Fig. 319 - Planta de Zonas de Moledo do Minho, DMS,1941. FIMS/MSMS/2074

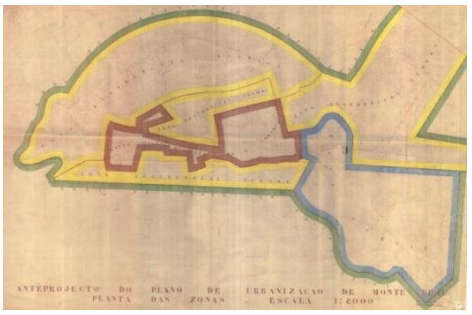


Fig. 320 - Planta de Zonas de Monte Real, DMS, 1942. DGOTDU - r-PGU. 01.09.16_Monte Real_Planta de Zonas-desenho 3



Fig. 321- Planta de Zonas de Águeda, 1945. DGOTDU -r-PU. 01.01.04_Águeda_Aditamento-desenho 2

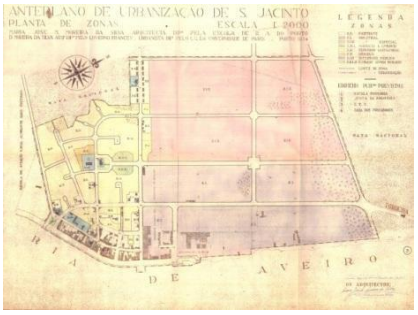


Fig. 322 - Planta de Zonas de S. Jacinto, 1955. DGOTDU r-planta de zonas_3



Fig. 323 - Planta de Zonas do Gerês o 1945 DGOTDU – PGU 03.10



Fig. 324 - Planta de Zonas do Gerês, 1949.1949 FIMS/MSMS/2616

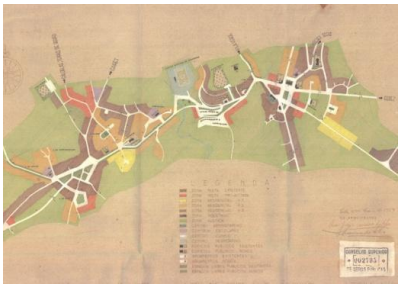


Fig. 325 - Planta de Zonas de Amares, 1949. DGOTDU-PGU 03-01_AMARES_Anteplano de Urbanização_Planta de zonas.

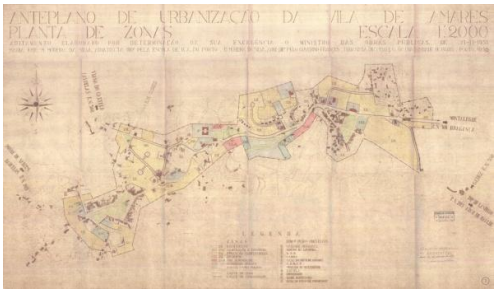


Fig. 326 - Planta de Zonas de Amares, 1955. DGOTDU - PGU 03-01_AMARES_Anteplano de Urbanização_Planta zonas_3-3

Plantas de Zonas



Fig. 327 - Planta de Zonas de Barcelos, 1949.
FIMS/MSMS/2618



Fig. 328 - Planta de Zonas de Barcelos, 1963. DGOTDU r-PU 03-02(03) – BARCELOS - Planta Zonas -5e - R20



Fig. 329 - Planta de Zonas de Aveiro, 1949.
FIMS/MSMS/2614



Fig. 330 - Planta de Zonas de Guimarães, 1949.
FIMS/MSMS/2610

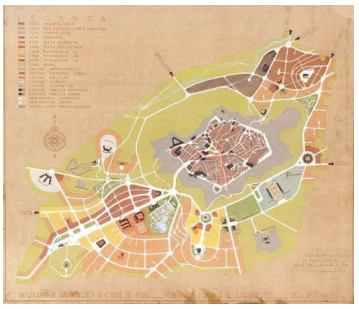


Fig. 331 - Planta de Zonas de Elvas, 1949.
FIMS/MSMS/2614



Fig. 332 - Planta de Zonas de Chaves, 1951.
FIMS/MSMS/2612

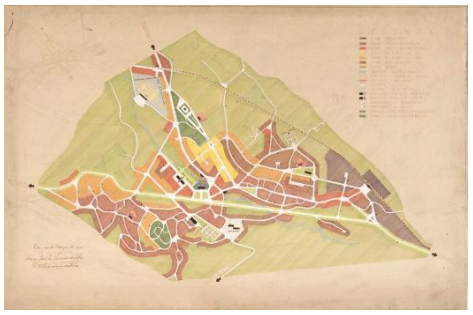


Fig. 333 - Planta de Zonas de Valongo, 1951
FIMS/MSMS/2611



Fig. 334 - Planta de Zonas de Valongo. 1955. DGOTDU - r-Ante-Plano Urbanização Valongo-Planta de Zonas-4

Plantas de Zonas

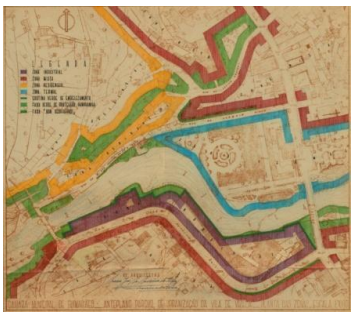


Fig. 335 - Vizela, 1950 FIMS/MSMS/3262-0013



Fig. 336 -Vizela planta de zonas FIMS/MSMS/4062-0044

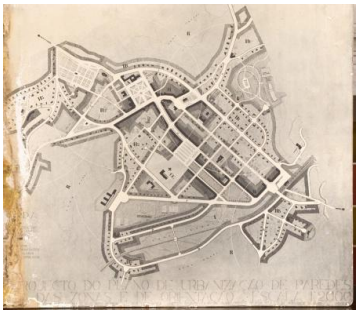


Fig. 337 - Paredes, Plantas de Zonas, FIMS/MSMS/2627



Fig. 338 - Cacia,Planta de Zonas, 1956 DGOTDI r-Esboceto Urbabização de Cacia-Planta de Trabalho-3

3.3. Os Planos de Urbanização de Guimarães

A cidade de Guimarães foi um dos núcleos importantes da intervenção do ateliê portuense quer através da materialização/continuidade da obra iniciada pelo arquiteto José Marques da Silva quer na realização do anteplano de urbanização e seus posteriores aditamentos realizados para esta cidade quer ainda pela ação de consultadoria exercida, durante anos, por David Moreira da Silva para a Câmara Municipal desta Cidade.

Em Guimarães alguns dos seus edifícios de referência foram projetados e iniciados por Marques da Silva que ao desaparecer fisicamente deixou pendentes projetos, obras iniciadas e ou recentemente concluídas por si, mas os seus compromissos foram cumpridos de uma forma dedicada pela sua filha e genro que concluíram a obra do arquiteto e mantiveram presente a sua memória de uma forma indelével. Assim, também eles se tornaram memória da cidade e edificaram espaços ainda hoje quotidianamente habitados e ainda que seja muitas vezes desconhecida a sua marca na história e arte vimaranenses, cabe-nos aqui fazer algumas reflexões sobre a sua intervenção na feitura da cidade.

Não conseguiram evitar a demolição de uma obra iniciada por Marques da Silva, mas não deixaram de exercer o seu direito à indignação do seu desaparecimento e de crítica às justificações de cariz patrimonial por parte das instituições locais e nacionais quando, em 1953, no aditamento ao seu plano, dizem ao Conselho das Obras Públicas relativamente aos Paços do Conselho

> […] a*pesar de haverem decorrido mais de trinta anos sobre o início das respectivas obras, há muito suspensas não se descortina bem, com que fundamento, ainda que não lhe foi dada a necessária, completa e definitiva solução*[379].
>
> *É certo que as paredes, assentes em fundações particularmente dispendiosas, cresceram até à altura do 1º. andar e que se dispendeu muito dinheiro com a urbanização da Nova Praça do Município e respectivos arruamentos radiais.*
>
> *Mas, a partir de dado momento, tudo se abandonou e deixou ficar à mercê das intempéries. […]*
>
> *A objeção de que esta construção poderia prejudicar, pela sua proximidade, o ASPECTO dos Paços dos Duques de Bragança, em restauração, não colhe, tantas*

[379] AGCMG - Anteplano de Urbanização de Guimarães aditamento, 1953, p. 37.

> *são em Guimarães as valiosas edificações de épocas diferentes que em boa vizinhança se valorizam mutuamente […]*[380]*. O paço dos Duques de Bragança não se teria construído por interceptar a vista sobre o castelo; […]*[381].

Na rua Paio Galvão e em parte desta rua e na avenida Conde de Margaride, respetivamente a Sociedade Martins Sarmento e o Mercado Municipal de Guimarães duas edificações de diferentes leituras ligadas à função que desempenhavam na cidade. A primeira, dedicada a uma instituição de cultura, impõe uma imagem de fechamento e monumentalidade e a outra destinada à atividade comercial materializou-se numa *estrutura aberta*, um espaço *familiar, uma arquitectura habitada por luz, sons, movimentos […] vida que fervilha*[382]. Ainda hoje coexistem e foram concluídos por estes familiares e arquitetos. Relativamente à ampliação do mercado escreve DMS

> *[...] a área arborizada do seu terreiro é flagrantemente insuficiente para a venda de cereais, legumes, tubérculos, aves e fruta; móveis e bogigangas* [sic*] que ali se transaccionam em longa escala. A confusão chega a ser grande e os compradores só com dificuldade se movimentam. Quando porém, na época própria ali afluem os carros das melancias, dos melões e dos nabos, a confusão ainda chega a ser maior. [...]*[383].

A igreja de S. Torcato onde os arquitetos trabalharam até aos anos 80 e concluíram as obras do templo e do arranjo do espaço fronteiro. Em Setembro do

[380] *Idem*.
[381] *Idem.*
[382] PIRES, Maria do Carmo – " David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins: a concretização de projectos e de aprendizagens" In Catálogo da Exposição *José Marques da Silva em Guimarães*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 2007, pp. 15-17.
[383] FIMS/MSMS – Correspondência – Resposta de David Moreira da Silva ao ofício 267/S da Câmara Municipal de Guimarães, em 21 de março de 1955.

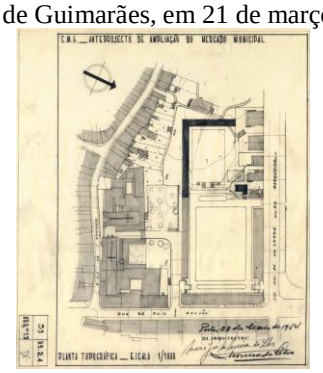


Fig. 339 - Planta de Ampliação do Mercado de Guimarães, abril 1954.FIMS/MSMS/1855-4136-0019



Fig. 340 - Pátio interior do mercado de Guimarães em 2006. Fotografia de Maria do Carmo Pires

mesmo ano presenciaram a bênção e inauguração do Templo do sacro-monte da Penha, pouco após o desaparecimento de Marques da Silva[384] [385].

De 1948 a 1955 – o ateliê projeta e dirige as obras de ampliação do Mercado Municipal de Guimarães. Entre 1947 e 1967 dirige as obras de conclusão do Palácio da Sociedade Martins Sarmento (fachadas norte, poente e sul), sala de leitura, a biblioteca, salas da direção, escada nobre, museu, lanternim, mobiliário)[386]. Em junho de 1967, o edifício da Sociedade Martins Sarmento é inaugurado e numa lápide encontra-se assinalado o acontecimento:

> *ESTE EDIFÍCIO, SEDE DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, COMPARTICIPADO PELO MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS, SUBSIDIADO PELA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN E GRATUITAMENTE PROJECTADO POR MESTRE ARQUITECTO PROF. JOSÉ MARQUES DA SILVA.*
> *FICOU CONCLUIDO EM JUNHO DE 1967*
> *E FOI SOLENEMENTE INAUGURADO POR*
> *SUA EXECELÊNCIA O SENHOR*
> *PRESIDENTE DA REPÚBLICA*
> *ALMIRANTE AMÉRICO DEUS RODRIGUES THOMAZ*[387]

[384] Ver III Vol., ficha n.º 22.
[385] Falecimento do arquiteto em 6 de junho de 1947.
[386] Ver III Vol., ficha nº 19. Fotografias da década de 1960, gentilmente cedidas pelo Dr. Amaro das Neves enquanto diretor, em 2006, da Sociedade Martins Sarmento.


Fig. 341 - Átrio e primeiro lanço da escadaria nobre, de acesso principal ao edifício


Fig. 342 - Aspeto da Escadaria de acesso ao salão nobre do edifício da Sociedade.


Fig. 343 - Um dos salões, já concluído, do rés-do-chão (lado Norte), destinado à futura instalação da Secção Etnográfica do Museu.


Fig. 344 - Fachada posterior do edifício (lado Poente), presentemente em vias de conclusão.


Fig. 345 - Um recanto do aposento do 1º andar, destinado à sala de leitura. Obra aguardando conclusão.


Fig. 346 - Uma sala do rés-do-chão, destinada somente à leitura de jornais e revistas

[387] Inscrição existente numa lápide da Sociedade Martins Sarmento.

De 1953 é o projeto de David Moreira da Silva para a escadaria fronteira à Igreja da Penha; o projeto do novo escadório e alargamento lateral do Adro da Igreja de S. Torcato, as Casas dos Milagres/obras de construção do transepto e capela-mor da Igreja de S. Torcato (1956)[388]; de março e julho de 1957 – respetivamente anteplano parcial de urbanização da cidade de Guimarães e aditamento; e de 1953/57 o projeto não realizado do Miradouro abrigo António Lima, na encosta da Penha; de 1959/64 o projeto do subposto da GNR em S. Torcato; de 1980, obras complementares da Igreja capela-mor e zimbório de S. Torcato.

De 26 de janeiro de 1945 e até à década de 1960, o ateliê de DMS troca correspondência e tem diálogos frequentes com a Câmara Municipal de Guimarães para elaboração do seu Plano de Urbanização, bem como dos de Caldas das Taipas, Vizela e Pevidem. Após a assinatura do contrato para a realização do plano de urbanização estabelece uma intensa correspondência de consultadoria visando a emissão de pareceres sobre problemas vários relativos à cidade. Por deliberação de reunião de Câmara do dia 22 do referido mês e ano[389], aceitou o convite (que agradeceu) e solicitou o envio de plantas para estudo e apresentação de proposta.

A partir de então, até à assinatura do contrato para a elaboração do plano e após o contrato, estabeleceu contactos frequentes quer com o município quer com a Direção dos Serviços de Urbanização do Norte do MOP, Junta Autónoma das Estradas, para marcação de encontros quer para aconselhamento relativamente a diversas obras urbanas (pavimentação, alargamento e retificação de arruamentos, materiais utilizados

[388] FIMS/MSMS/4340 - Correspondência com S. Torcato de 1952 a 1992.
[389] FIMS/MSMS/4347 - ofício 80-S dirigido pelo Vice-presidente da Câmara Municipal de Guimarães José de Oliveira Pinto a David Moreira da Silva. A partir de então elabora o anteplano parcial de urbanização para Vizela e para Caldas das Taipas.

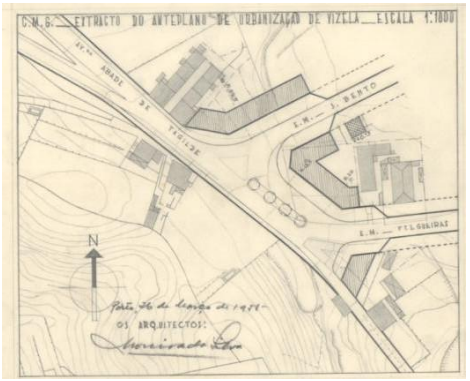


Fig 347 - Extrato do Anteplano de Urbanização de Vizela,1955, David Moreira da Silva, Março de 1955. FIMS/MSMS/2672-pd00001

[...] Quanto a mim, não há possibilidade de construir edifício no local indicado a vermelho naquela planta, apresentada pelo requerente, Snr. Adriano Gomes.

O local, ponto de partida da Av.ª Abade de Tagilde e de duas estradas municipais, deverá ser alargado no sentido indicado no extracto do anteplano de urbanização da Vila de Vizela [...]

FIMS/MSMS – Correspondência – Resposta de David Moreira da Silva ao ofício 165/E de 7 de Março de 1955, da Câmara Municipal de Guimarães, em 26 de Março de 1955.

em muros de suporte de terrenos, arranjo de terrenos para edificação de bairros de casas económicas[390], edificação) quer para envio de plantas topográficas das zonas de intervenção ou ainda para conferenciar com o presidente da autarquia sobre os procedimentos a seguir na elaboração do Plano Geral de Urbanização[391].

No dia vinte quatro de outubro de 1945, o ateliê através de DMS, assina um contrato para elaboração do plano de urbanização da cidade de Guimarães[392]. Anteriormente, em ata de reunião ordinária da Câmara Municipal de Guimarães, de 9 de julho de 1945, presidida pelo doutor Fernando Manuel de Castro Gonçalves, registava-se

> *[…]o Senhor Presidente disse à Câmara que no dia seis do corrente mês de Julho esteve nesta Câmara Municipal o arquitecto e urbanista Senhor David Moreira da Silva, com quem conferenciou largamente sobre os trâmites a seguir para a rapida elaboração do plano geral de urbanização desta cidade de Guimarães*[393].

Nesta reunião entre o presidente e o arquiteto urbanista trocar-se-iam algumas ideias e o segundo comprometer-se-ia a entregar o plano oito meses após a sua aprovação. Relativamente à proposta apresentada por David Moreira da Silva e

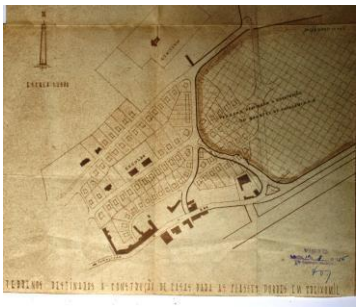


Fig. 348 - Terrenos destinados à construção de Casas para os pobres em Creixomil, 1956. FIMS/MSMS/4229-0005

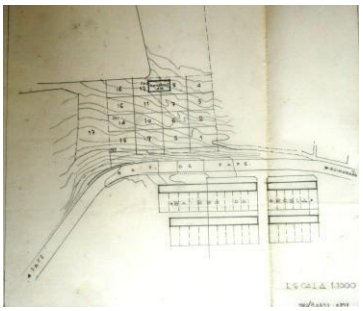


Fig. 349 - Sugestão para o remate dos arruamentos na Bouça do Mato.
FIMS/MSMS/4229-0194

[390] FIMS/MSMS/4229-0005, bairro de Creixomil; FIMS/MSMS/4229-0086 a 0089; 0194 a 0195. Bairro de Arcela.

[391] AMAP – M-1900 Atas das reuniões da Câmara Municipal de Guimarães, fls. 108 a 111v de 9 de julho de 1945.

[392] FIMS/MSMS/4347-0180; 0181; 0182; 0183; 0184; 0185; 0186; 0187 e 0188. AMAP – M-1766 – Notariado Privativo, fls. 28v ao 38. No dia vinte do mês de outubro de 1945 há um primeiro contrato para a elaboração do plano de urbanização da cidade de Guimarães, outro do dia vinte e quatro de outubro realizado entre a Câmara Municipal e o arquiteto urbanista David Moreira da Silva documento que na sua margem esquerda, do primeiro fólio, tem a seguinte nota *sem efeito* e possui uma rubrica ilegível. No mesmo livro existe um outro contrato para a elaboração do plano de urbanização da cidade de Guimarães, datado do dia vinte quatro do mesmo mês e ano. Ver II vol., pp. 356 a 364.

[393] AMAP - M-1900, fls. 110 a 111.

registada em ata, o arquiteto urbanista refere a sua disponibilidade para realizar o plano, especificando os elementos que o integrariam, entre os quais constavam: a entrega de um plano de urbanização a cores (um único exemplar); a realização do trabalho em plantas topográficas previamente fornecidas pela Câmara; a entrega de uma fotografia de apresentação. Os prazos de entrega seriam os de doze meses após a aprovação do anteplano de urbanização pela Direção Geral dos serviços de Urbanização e os prazos de pagamento de honorários. Em ata de reunião da Câmara de Guimarães de 2 de janeiro de 1946[394] há uma referência à assinatura do contrato do plano de urbanização.

O ateliê através de David Moreira da Silva estabeleceu uma relação de Consultadoria com a Câmara de Guimarães[395] correspondência entre 1945 e 1972 e realizaria em 1953, um aditamento ao primeiro plano de urbanização de 1949 e, em 1957, um outro anteplano parcial de urbanização da cidade de Guimarães.

No período da assinatura do contrato até à sua entrega em 1949 o arquiteto debate-se com a falta de plantas topográficas que a Câmara[396] se comprometeu a fornecer, sendo constantemente solicitado a emitir pareceres quer sobre questões relativas à cidade quer relativas a outras localidades como a Vila de Vizela e Caldas das Taipas, sobre cedências de terrenos por razões várias das que destacamos a instalação de um posto de transformação, a lista dos melhoramentos mais importantes a realizar na cidade (localização do matadouro, edifício da Câmara, edifícios escolares, bairro de casas económicas …), o alargamento de arruamentos, o desenho do campo de jogos do Vitória Sport Clube, a ampliação e construção de novas fábricas, projetos da edificações, alinhamentos e fachadas de edifícios.

O primeiro anteplano de urbanização só seria apresentado em maio de 1949 em virtude de vários contratempos sendo um deles a falta de uma planta topográfica da cidade de Guimarães e de outros núcleos como os das Taipas, de Vizela e Pevidem.

---

[394] *Idem*, fl. 190v.

[395] *Idem*, *ibidem*, 167. Em ata de reunião da Câmara de 2 de abril de 1947 pode ler-se *A Câmara ficou inteirada e deliberou que, segundo o parecer do Arquitecto Urbanista Senhor Moreira da Silva, o edifício que se encontra no ângulo das Ruas das Trinas e Doutor Agostinho Barbosa, fôsse demolido, para conforme o projecto aprovado se proceder à conclusão da segunda daquelas ruas e arranjo urbanístico local, podendo ser construídos dois prédios em separado, ficando entre eles a distancia aproximada de seis e sete metros*

[396] FIMS/MSMS/4347 – Correspondência com Guimarães. No dia 27 de outubro de 1945, em ofício nº 361/E, o vice-presidente da Câmara Municipal de Guimarães remete a título devolutivo mosaico fotográfico da cidade (encaixilhado); uma planta da cidade, em livro datada de 1876, monografia de Guimarães; 1 guia de turismo; 1 roteiro da cidade e um questionário datilografado. Num ofício datado de 22 de novembro do mesmo ano pedem um projeto de campo de aviação e sua localização no Plano de Urbanização.

Do primeiro plano das peças escritas faziam parte a caracterização da cidade (história, geografia, clima, ocupação do solo património, atividades económicas existentes na aglomeração, cultura, religião, desportivas, administrativas, acessibilidades vias de comunicação e transportes) e do seu núcleo histórico ocupado por atividades industriais, mercado municipal, estradas; a descrição das principais características dos principais arruamentos, largos, praças, património civil e religioso de referência. O inquérito que o arquiteto integrou no seu anteplano de urbanização foi fornecido pela Câmara Municipal, realizado em 1933, com dados relativos a elementos geográficos, geológicos, climatológicos, históricos, arquitetónicos, projetos realizados anteriormente. Deste inquérito sente-se a necessidade da construção de vários melhoramentos de interesse público privado: um matadouro, uma escola industrial, um liceu, edifícios escolares próprios, serviços municipalizados, tribunal, bairro de casas económicas, quartel da Guarda Nacional Republicana, parque da cidade, piscina, parque infantil, lagos, albergues, estação central de camionagem, dispensário antituberculoso, posto médico, creche, maternidade, lactário, mudança de fábricas de couros para fora da cidade, hotel …[397].

[397] AGCG Plano de Urbanização de Guimarães de 1949, pp. 30-31.

3.3.1. O Plano de Urbanização de Guimarães de 1949



Fig. 350 - Anteplano de Urbanização Guimarães de Planta de Trabalho e Urbanização, esc. 1: 2500, 1949. FIMS/MSMS

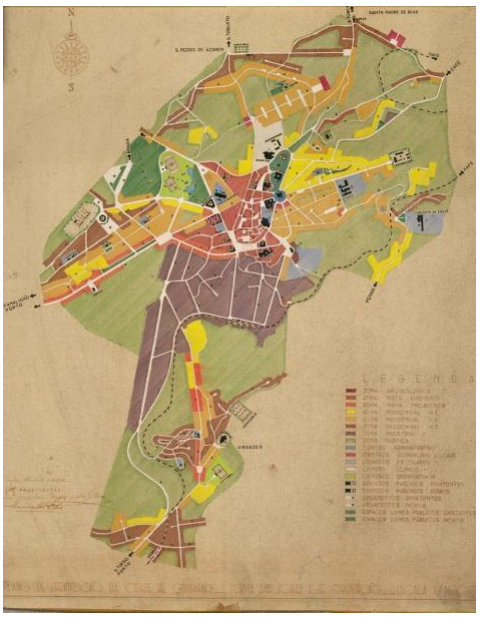


Fig. 351 – Anteplano de Urbanização Guimarães de Planta de Zonas e de orientação, esc. 1: 1000, 1949. FIMS/MSMS/2610

Quando em 1945 DMS se compromete a realizar o plano de urbanização de Guimarães depara-se com várias dificuldades para a sua consecução, entre elas e a mais comum no panorama nacional, a inexistência de um número de plantas topográficas suficientes[398]. Neste caso específico o arquiteto queixa-se da demora com que são feitos ou corrigidos os trabalhos topográficos, da tardia entrega da primeira planta aerofotogramétrica, escala de 1:2500, entregue muito fracionada (26 pequenas cartas de mau papel fotográfico), a demora da entrega por parte do município de planta topográfica da cidade. Na altura, entre os principais melhoramentos a realizar e do interesse público, há a referir a definição da localização e a construção de: um matadouro, câmara municipal, o liceu, edifícios escolares próprios, serviços municipalizados, tribunal e casas para magistrados, bairro de casas económicas, um parque da cidade, posto médico …

[398] LÔBO, Margarida, op. cit., p. 35. De acordo com esta autora a intenção de Duarte Pacheco em modernizar e alterar a fisionomia da maior parte das aglomerações nacionais, através da criação dos Planos Gerais de Urbanização, só começou realmente a dar resultados a partir de 1944, altura em que existem bastantes plantas topográficas que irão originar mais tarde em 1948 a existência de 28 anteplanos de urbanização.

Terminado em abril 1949, a primeira versão do plano de urbanização de Guimarães é apresentada pelo casal à Câmara Municipal de Guimarães, mas só com o aditamento de 1953 seria aprovado quer pela Câmara Municipal quer pelo Conselho Superior das Obras, em vigor no ano de 1955.

Nos seus planos de urbanização encontram-se expressos os princípios tão caros à teoria da cidade-jardim e a De Gröer

> *[…] São portanto o solo, as necessidades e as crenças dos homens que se encontram na base da organização das cidades que, numa palavra, fazem aparecer a ordem urbana, ordem que deve assegurar a existência da própria cidade, facilitar e fomentar o seu desenvolvimento […]*[399]

Este tipo de plano é projetado de uma forma racional e entendido como um conjunto de medidas a aplicar a médio longo prazo de forma a promover, organizar e facilitar uma vida harmónica e sã dos seus habitantes.

Nas peças desenhadas do plano os arquitetos incluem (fig. 351) a planta de zonas de 1949, na qual propõe uma zona mista maioritariamente localizada a sul do centro histórico para ocidente na direção da Estrada Nacional 206 para Famalicão e uma outra área menos significativa para sul da linha de caminho-de-ferro na direção da EN nº105 para Santo Tirso.

A organização da vida nas cidades de forma a possibilitar à população uma vida digna e saudável levam alguns urbanistas a propor a aplicação da teoria ligada à cidade-jardim, estabelecendo limites ao número de habitantes e dimensão, propondo zonas de expansão, cidades-satélite, a realização de planos realizados pelos especialistas – os urbanistas. Neste tipo de estudo o urbanista deve fazer uma distribuição racional das atividades por zonas urbanas específicas. Assim, a cidade deve ser dividida em zonas definidas previamente de acordo com a função e em cada uma delas a fixação de habitação, comércio, indústria, mistas, recreio, descanso. Esta divisão visa garantir um equilíbrio e qualidade de vida urbana e sua representação numa planta se designa de zonamento.

[399] IUUP e FIMS/Monografias/DMS 567 - MOREIRA DA SILVA, David – *Les Villes Qui Meurent Sans Se Dépeupler*. Thèse présentée à L'Institut D'Urbanisme de L'Université de Paris, le 24 Février 1939.

Para o zonamento da cidade de Guimarães DMS[400] divide a cidade em catorze zonas e centros[401]. Propõe uma nova zona mista (fora da área urbanizada edifícios destinados ao comércio, artesanato, pequena indústria, espetáculos) localizada a sul do núcleo histórico e seu prolongamento para poente na direção da Estrada Nacional de Famalicão e alguns pontos localizados a sul da cidade, perto de Urgezes; três zonas residenciais designadas na planta (Fig.351) por Residencial H1, H2 e H3.

A zona H1 é caracterizada por uma ocupação destinada a habitações/moradias de alto preço, individuais, isoladas, gémeas ou agrupadas e, destinadas cada uma a uma família. Aqui, em cada talhão só pode existir uma residência com a altura máxima de um andar acima do rés-do-chão, afastada do alinhamento da rua cerca de sete metros. Este tipo de agrupamento residencial encontra-se assinalado a ocidente da "pata de ganso" e na estrada da Penha (nascente da cidade), na zona prevista para expansão, a ocidente, a sul na estrada de St. Tirso e numa pequena área a norte de Guimarães perto do hospital.

A zona H2 destinada a moradias de médio preço ligadas umas às outras, afastadas do alinhamento da rua cinco metros, não pode exceder a altura de um andar acima do rés-do-chão e uma moradia em cada talhão. Esta área residencial encontra-se prevista na planta de zonas a nascente, a ocidente e a norte do centro histórico. A área residencial designada por H3 é composta por moradias de preço baixo, destinada à construção de casas ligadas umas às outras, em número superior a duas, ligadas duas a duas e a uma casa isolada. Esta localiza-se na planta referida a sul da cidade na estrada para Santo Tirso, a ocidente da área designada para o Parque e a norte ao longo da estrada que liga a de Braga à de S. Torcato e à de Fafe.

---

[400] AGCMG Plano de Urbanização de Guimarães de 1949.

[401] *Idem*, p. 37. As zonas e centros constantes deste plano são: A – Zona Arqueológica que compreende o grande núcleo central citadino e áreas de proteção a cada edifício ou monumento que fique fora dela; B- Zona dos Espaços Livres Públicos ou reservas de ar puro para a cidade e onde não será permitida a construção de mais edifícios do que os já contemplados no plano; C – Zona Mista Existente (área já edificada, podendo ser construídos edifício para comércio, artesanato, pequena Indústria, espetáculos e habitação); D – Zona Mista Projetada; E – Zona Residencial H1; F – Zona Residencial H2; G – Zona Residencial H3; H – Zona Industrial; I – Zona Rústica J – Centro Administrativo; K – Centros Comerciais Locais (fora da zona mista onde se poderão instalar o comércio pequena indústria, artesanato e habitação; L – Centros Escolares; M - Centro Clínico (ampliação e remodelação do hospital e construção da Maternidade) e N – Centro Desportivo (dois centros desportivos: estádio Municipal, no Parque da Cidade, teatro, estádio Municipal, grande lago, dois cortes de ténis, um pavilhão de tiro aos pombos, restaurante) e um campo de Futebol em Urgezes; Praça do topo sul da Av. Do Conde de Margaride, grande avenida de acesso à Praça de Touros e parque de estacionamento, Maternidade perto do Hospital da cidade, ampliação de todos os cemitérios existentes, novo matadouro na zona rústica perto do caminho de ferro e à estrada de Fafe; várias escolas primárias, parques infantis e de estacionamento.

Na linha de pensamento de De Gröer o arquiteto-urbanista portuense, propõe a construção de edifícios unifamiliares isolados com jardins privados.

> *[…] a casa individual, espaçada ou ligada, mas baixa, além de reunir melhores condições de intimidade e higiene social e de corresponder melhor às exigências à psicologia da nossa gente é, também economicamente mais vantajosa.[…]*
> *[…] altos blocos de casas de rendimento. Nas suas, via de regra, dependências de dimensões mínimas, os ruídos e o mau exemplo de alguns dificilmente se podem evitar. As pequenas e grandes discussões, muitas vezes por motivos fúteis, como os descontentamentos gerais encontram na casa-bloco o ambiente mais favorável ao seu rápido alastramento que, não raro, conduz à indisposição e à anarquia […]*
> *Isto não significa uma condenação absoluta da casa onde possam abrigar-se várias famílias. Significa, apenas que, quanto a nós, a casa-bloco, em altura, só excepcionalmente e quando destinada a famílias possuidoras da capacidade moral suficiente para enfrentar vitoriosamente os riscos referidos […]*[402].

DMS partilha com Étienne De Gröer a opinião negativa sobre aspetos da habitação em altura e seus riscos, tendência construtiva anterior à segunda Guerra Mundial, defendido, entre outros, por Le Corbusier[403].

A zona Rústica é afastada em todas as direções da cidade destinada unicamente a exploração agrícola e área futuramente destinada futuros arranjos urbanísticos. A zona Industrial próxima do caminho-de-ferro e na qual podem ser instaladas fábricas, oficinas e armazéns, portanto na zona sul da cidade. Para além destas zonas, os centros: administrativo e comercial local na área central da cidade, escolares por todas as zonas da cidade com maior incidência na zona oriental; desportivos a ocidente e a sul; clínicos na zona norte, os edifícios públicos localizados na área central e arruamentos são estudados pelo ateliê.

Este plano e o aditamento de 1953 preveem uma zona verde da Praça do Toural ao Largo da República do Brasil, um Centro Desportivo e Parque de Jogos, duas zonas de expansão citadina para nascente e poente, infraestruturas de saneamento e de

[402] AGCMG Anteplano de Urbanização de Guimarães de 1949, pp. 36-37
[403] DE GRÖER, Étienne – " Introdução ao Urbanismo" IN *Boletim da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização 1945-1946*. Lisboa: Ministério das Obras Públicas e Comunicações, p. 28. Entre os riscos apresentados pela construção em altura refere *o bom e rápido funcionamento dos elevadores […] perigo de incêndio […]preço da construção […]*

abastecimento de água, uma central de camionagem e um Estádio com Parque de Jogos na zona ocidental[404].

[404] FERRÃO, Bernardo; AFONSO, José Ferrão – *A Evolução da Forma Urbana em Guimarães e a Criação do seu Património Edificado.* WW.cmguimaraes.pt/document/447692/470409.pdf.

3.3.2. O aditamento ao Plano de Urbanização, 1953



Fig. 352 - Anteplano de Urbanização Guimarães - Planta de Apresentação, esc. 1: 2500. FIMS/MSMS/Foto1658



Fig. 353 - Anteplano de Urbanização Guimarães - Planta de Apresentação aguarelada, esc. 1: 2500, 1953. FIMS/MSMS/2693

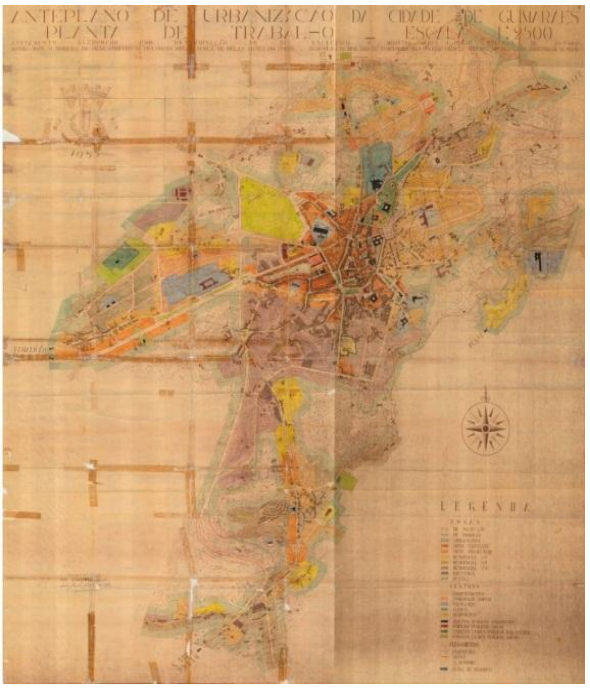


Fig. 354 - Anteplano de Urbanização Guimarães - Planta de Trabalho, esc. 1: 2500, 1953. FIMS/MSMS/2049



Fig. 355 - Anteplano de Urbanização Guimarães de Planta de Apresentação aguarelada, esc. 1: 2500, 1953. FIMS/MSMS/2693

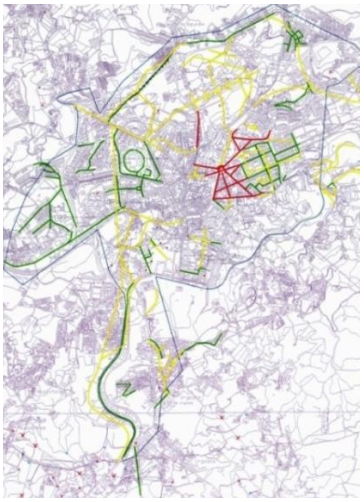


Fig. 356 - Planta atual de Guimarães , esc. 1:25.000 [405]

Limite do Plano

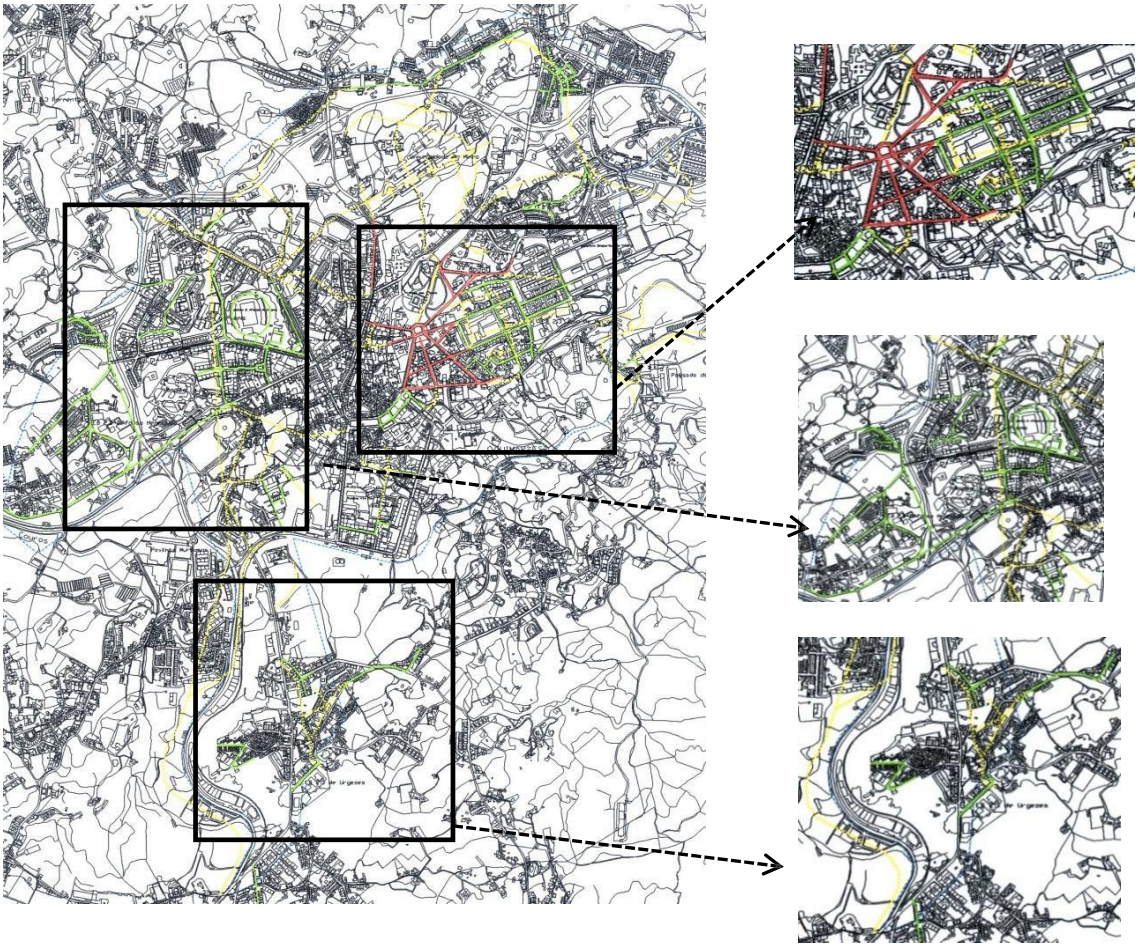


Fig.357 - Planta atual da cidade de Guimarães esc. 1:25.000

Plano Geral de Melhoramentos Luís de Pina, 1923/25 Pequenas variantes executadas Proposta do Plano não executada [406]

[405] Plantas gentilmente cedidas pelo Departamento de Projetos e Planeamento Urbanístico da Câmara Municipal de Guimarães.

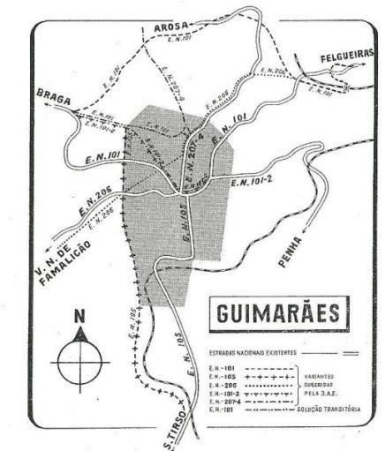


Fig. 358 - Sistema viário Guimarães, 1954[407]



Fig. 359 - Retificação da artéria de ligação entre as Ruas Paio Galvão e de D. João I, Planta esc. 1: 1000. FIMS/MSMS/1885-pd0006



Fig. 360 - Projeto de remodelação da artéria compreendida entre as Ruas Paio Galvão e de D. João I, Planta esc. 1: 1000, 1954. FIMS/MSMS/1885-pd0008

O plano de urbanização de 1949 seria submetido a apreciação da Câmara e Conselho Municipal de Guimarães, da Comissão de Revisão da Direção Geral dos Serviços de Urbanização, da Junta Autónoma das Estradas e do Conselho Superior de Obras Públicas.

Todas estas entidades criticaram o plano e propuseram alterações que deveriam constar na realização do aditamento que o ateliê apresentaria em 1953. A crítica mais contundente foi, sem dúvida, a do Conselho Superior de Obras Públicas que relativamente às peças escritas e desenhadas as considerou deficientes, impedindo a leitura de alguns nomes das ruas (planta do estado atual esc. 1:2000), por ser muito escura e sem indicação dos nomes de algumas ruas e praças da cidade. Sugeria a

[406] Plantas gentilmente cedidas pelo Departamento de Projetos e Planeamento Urbanístico da Câmara Municipal de Guimarães.
[407] M.O.P. Biblioteca- LIMA, Álvaro - *As Estradas e a Urbanização*. Lisboa: Ministério das Obras Públicas- Junta Autónoma das Estradas, 1953.

realização de uma planta do estado atual legível (com o nome dos arruamentos, praças e jardins existentes) e uma segunda planta de trabalho na mesma escala onde fossem lançados os arruamentos projetados para poderem ser comparados com os existentes. DMS considera não ter a Câmara cumprido com o prazo estipulado entrega dos originais da planta topográfica, tendo de fazer o decalque e reunir em folhas de papel vegetal, decalque que serviu de base ao anteplano. O arquiteto referiu ainda o envio pela Direção dos Serviços dos Melhoramentos Urbanos de uma coleção de reduções da planta topográfica (escala 1:2000) pouco tempo antes da entrega do anteplano, razão pela qual ainda não a puderam utilizar.

Das críticas feitas pelos organismos responsáveis destacamos aqui a necessidade de: completar o inquérito considerado insuficiente[408]; determinar áreas de expansão em função de um estudo mais aprofundado do atual núcleo urbano; completar o estudo das variantes às estradas nacionais e retificar traçados de arruamentos existentes; estabelecer a localização de edifícios públicos (Paços do Concelho, Tribunal, quartel, centro clínico, escolas, liceu, campos de jogos, estação rodoviária, matadouro…) e ouvir a DGMEN relativamente às obras a executar na área dos monumentos nacionais que devem ser classificados por categorias.

Dos aspetos enunciados privilegiamos a questão das acessibilidades e da localização da estação rodoviária, do liceu, do matadouro e do parque da cidade, uma vez que foram os menos consensuais.

A localização do matadouro municipal tinha sido indicada, pelos arquitetos, para ocupar uma zona perto da estrada de Fafe, pela razão de ser feito, por esta via, o transporte da maior parte do gado que chegava a Guimarães e, ainda, por existir perto deste local um regato e não obrigar o gado a atravessar a cidade. Houve vários pareceres discordantes que consideravam ser a melhor solução a sua fixação na zona da cidade próxima do rio Selho.

O Liceu Nacional proposto para se situar no extremo nascente da cidade foi também contestado por ser considerado um lugar muito húmido e sombrio (proximidade do monte da Penha). Propunha-se assim, a sua localização numa zona situada um pouco mais a ocidente da proposta inicial, mais próximo do centro da cidade.

---

[408] AGCMG – Anteplano de Urbanização de Guimarães, aditamento de 1953. O Conselho Superior do Ministério das Obras Públicas considera ser importante existir referências à conservação dos edifícios, número de pisos e sua função, atualizar o número de habitantes e fazer uma previsão futura da população, dado muito importante na determinação de áreas de expansão da cidade.

A estação rodoviária era um equipamento urgente para a cidade, tendo a Câmara proposto a sua localização em frente do quartel dos bombeiros, no gaveto da avenida Conde de Margaride e a saída para a cidade de Braga.

O Parque da Cidade tinha sido indicado para integrar a zona poente da cidade e foi considerado demasiado amplo pelos organismos decisórios

Todas as sugestões apresentadas respeitam os vários e importantes aspetos a observar num plano de urbanização: acessibilidades, estética, higiene, qualidade de vida dos habitantes.

O aditamento de 1953 respondeu a todas as sugestões emanadas das diferentes autoridades e dos diálogos estabelecidos numa conferência tida com o diretor Geral dos Serviços de Urbanização.

Nas alterações introduzidas encontram-se entre muitas outras: a realização de um inquérito mais minucioso, contemplando as questões da conservação, número de pisos, características funcionais dos prédios; um estudo circunstanciado do aproveitamento do solo na área integrada no plano[409]; uma nova proposta de esquema viário no qual se aceitou a proposta da JAE em deslocar para poente a via que liga a Stº Tirso; a classificação dos monumentos citadinos em três categorias (A – monumentos classificados como nacionais, B – edifícios públicos de interesse artístico, C – imóveis privados de interesse artístico)[410]; beneficiação da área onde se encontram as fábricas de curtumes – saneamento e deslocação para uma área afastada da cidade; revisão da malha dos arruamentos em consequência da construção do Instituto do Bom Pastor em Creixomil, localização da estação rodoviária e do liceu, redução da zona de expansão para norte; a questão da localização do Liceu Nacional[411], da Estação de Camionagem e da Praça de Touros[412], a deslocação do matadouro; a redução da área destinada ao parque da cidade; a indicação na planta do estado atual do nome dos arruamentos, edifícios públicos, praças e jardins existentes; na planta de trabalho e urbanização (escalas 1.2500 e 1: 100) a representação a cores convencionais das zonas e uma outra

[409] AGCMG – Aditamento ao Anteplano de Urbanização de Guimarães, 1953, pp. 16-17. *[…] calcular a população que a mesma comporta, segundo as densidades admissíveis para cada zona […]*. Os arquitetos manifestam a grande dificuldade em ampliar a zona destinada à atividade industrial que não convém encontrar-se muito afastada do centro da cidade, propondo a área a sul do núcleo urbano, para na direção do rio Selho e ao longo da EN nº 101.
[410] *Idem*, p.p. 29-33.
[411] *Idem*. p. 41. Suprimiram a avenida prevista para ser ocupada no seu topo pelo quartel da GNR e, nesse local, colocaram o Liceu Nacional para aproximar este equipamento do centro da cidade.
[412] I*dem*, p. 23. A localização da Praça de Touros proposta para o Parque desportivo

planta à escala de 1:1000. Neste aditamento, os seus autores, discordando da localização proposta para a estação rodoviária anteriormente apresentada, apresentaram uma nova proposta de localização entre a avenida Conde de Margaride e a estrada de Braga *fora do bulício citadino, e com três acessos, um frontal e dois laterais mas com fácil ligação com as atuais e futuras vias de comunicação indicadas neste aditamento*[413].

Neste aditamento os arquitetos propuseram a expansão da cidade para norte, oriente, ocidente e sul, estruturando o futuro crescimento de Guimarães a partir do núcleo urbano existente. A norte uma organização feita através de vias de influência clássica, eixos retilíneos e praças ou, pelo contrário, na zona sul, os traçados orgânicos. Na parte oriental da cidade, a Este da "pata de ganso" (1925, Plano de Luís de Pina), os arquitetos incluem um equipamento escolar, o liceu para mil alunos, utilizando materiais da região, traçados urbanos retilíneos e curvos com pequenos impasses em praças em U ao longo dos quais se encontram dispostas casas unifamiliares de um ou dois pisos, evitando a construção em altura e respeitando sempre o centro histórico e a sua proximidade ao Castelo. Preocuparam-se também de um modo particular com a zona a ocidente entre as antigas estradas de Braga e Famalicão, colocando perto da Av. Conde de Margaride dois importantes equipamentos que na opinião de Bernardo Ferrão *são novidades absolutas em Guimarães: uma central de camionagem e um estádio Municipal*[414] com um parque de Jogos de um espaço arborizado que viram, posteriormente, reduzido. Esta expansão para ocidente manteve a mesma estrutura de organização do espaço urbano, com a proposta de uma certa monumentalização de espaços destinados a equipamentos vários (Instituto do Bom Pastor, igreja, escolas). Como de Gröer propõem a casa unifamiliar individual ou geminada, de um ou dois pisos, o espaço verde privado a par das áreas urbanas verdes, a localização edifícios públicos. Neste plano, dão uma atenção particular às preexistências e à topografia do terreno, executando grandes vias de circulação sinuosas, eixos importantes de ligação às estradas nacionais do Porto, Braga, Fafe, Famalicão, estabelecendo uma envolvente pelo poente e outra e pelo norte da cidade, com a vantagem de separar o trânsito de longo curso que a atravessava a cidade cuja execução foi realizada a par do aproveitamento de troços pré-existentes.

[413] Idem, p. 42.
[414] FERRÃO, op.cit.

De sublinhar ainda a alteração às anteriores áreas das zonas e a divisão da área respeitante ao aditamento nas seguintes zonas e centros: A – Zona Arqueológica; B. Zona dos Espaços Livres Públicos; C – Zona Mista Existente; D – Zona Mista Projetada; E – Zona Residencial H1; F – Zona Residencial H2; G – Zona Residencial H3 (200m^2 superfície mínima de cada talhão destinado à construção de casas ligadas umas às outras, em número superior a duas; 300m^2 superfície mínima de cada talhão destinado à construção de casas ligadas 2 a 2 e de 400m^2 a de cada talhão destinado a uma casa isolada; % superfície coberta não pode ultrapassar nesta zona. 30% 200m^2 e 300m^2; 25% 300m^2 e 400m^2; 20% 400m^2 e 500m^2); H – Zona Industrial; I – Zona Rústica; J – Zona de Reserva; K – Centro Administrativo; L – Centros Comerciais Locais; M – Centros Escolares; N- Centro Clínico e O – Centro Desportivo.

O aditamento de 1953 ao Anteplano de 1949, teve na sua base um conjunto de diretivas subjacentes à tese apresentada por DMS no IUUP. Nele são enumeradas as premissas indispensáveis a uma organização da cidade, ligando condições naturais à organização e vontade humanas, o respeito pela cidade histórica, a casa individual de baixa altimetria e densidade e seus espaços verdes privados, disposta ao longo de traçados numa clara oposição às propostas da cidade de Le Corbusier, nomeadamente ao imóvel coletivo gigante e ao desprezo pela cidade antiga. Com De Gröer partilhou a opinião quanto à construção em altura que consideravam perigosa para a saúde e pouco adequada à privacidade necessária para a educação das crianças e promotora do enfraquecimento dos laços de família (consequências de carácter social), princípios que não pressupunham uma condenação absoluta deste tipo de edificações).

A colaboração de DMS nos Planos de Urbanização de Coimbra (1940) e de Luanda com De Gröer defensor da teoria da cidade-jardim[415] e a anterior formação na instituição de urbanismo francesa referida, levou à adoção aqui nesta cidade do tipo de moradias em banda; a preferência pelas construções unifamiliares (maior intimidade, e higiene social mais adaptadas à psicologia e economicamente mais vantajosas).

Um grande mérito da cidade-jardim foi chamar a atenção para o desenho da cidade e para a valorização de diferentes elementos que compõem a paisagem urbana – o desenho de conjunto, utilizando uma grande variedade de traçados, o pormenor do tratamento do espaço público, a cuidada regulamentação da construção.

[415] O arquiteto enquanto aluno do IUUP foi também formado numa pedagogia ligada à cidade-jardim.

Já nos planos de urbanização de Monte Real e de Águeda[416] o arquiteto tinha adotado, na linha da cidade-jardim, propostas de crescimento e de transformação de modo a possibilitar o seu funcionamento e conciliando as vantagens da cidade e do campo: o esquema clássico da organização do espaço em traçados retilíneos a par de outros orgânicos numa clara adaptação à topografia, a disposição de habitações unifamiliares, a imposição do verde privado, a criação de espaços cívicos e as grandes vias de ligação com o exterior, numa clara distinção de espaços destinados à circulação de veículos e sua separação daquela destinada a peões, espaços públicos e privados. Circulação automóvel que revolucionou o urbanismo e a arquitetura contemporâneas, exigindo novos traçados.

Neste Anteplano de 1953 (Fig. 355), lê-se a aplicação em todas as áreas propostas para expansão e urbanização de Guimarães de elementos caros aos defensores da cidade-jardim: boas acessibilidades e rede de arruamentos adaptados ao terreno, possibilitando a rápida e segura circulação dentro da cidade e nos acessos de ligação a outros núcleos urbanos afastados (Stª Tirso, Braga, Fafe, Porto); novas zonas residenciais, localizadas em ruas curvilíneas e caracterizadas por moradias unifamiliares de baixa densidade (com ou sem comércio), afastadas do alinhamento de rua, situadas em lotes com jardim e perto de escolas e de equipamentos; importantes avenidas destinadas a edifícios públicos (preocupação estética); existência de impasses habitacionais destinado a garantir aos habitantes dos conjuntos habitacionais um certo distanciamento e privacidade; existência de espaços verdes e de lazer na cidade (parque e campo de jogos). Neste plano existem ainda alguns princípios defendidos pelo movimento moderno e pela Carta de Atenas[417] – o zonamento funcional. Aqui neste plano de urbanização a cidade é dividida em zonas com funções distintas (residencial, sistemas de circulação, equipamentos públicos, comercial, industrial …

[416] LÔBO, Margarida, op. cit., p.p.152-153
[417] COSTA, João Pedro – *Bairros de Alvalade. Um Paradigma no Urbanismo Português.* Lisboa: Livros Horizonte, 2006, p. 144.

3.3.3. O Anteplano Parcial de Urbanização de Guimarães de 1957 e Aditamento

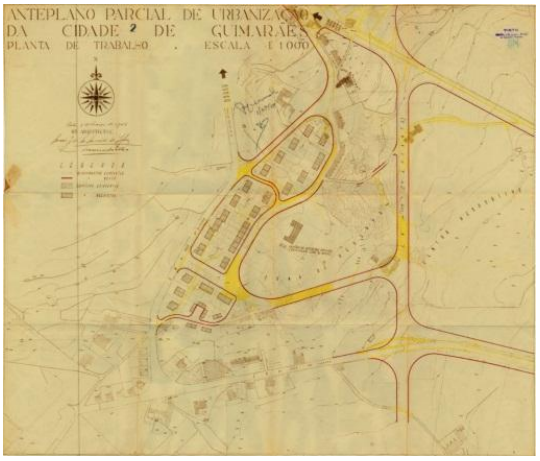


Fig. 361 - Anteplano Parcial de Urbanização da cidade de Guimarães - Planta de trabalho 2, 7 de março de 1957, escala 1:1000. FIMS/MSMS/3988-0020



Fig. 362 - Anteplano Parcial de Urbanização da cidade de Guimarães Planta de Zonas 3, 7 de março de 1957, escala 1:1000. FIMS/MSMS/3988-0019

Num anteplano parcial de urbanização de Guimarães de 1957, DMS e MJMSM propõem alterações ao espaço verde da cidade,

> *parque público, espaço considerado excessivo e por isso revisto e subdividido em 2 espaços: um destinado a Centro Desportivo, ocupando terrenos mais fundos e sem vegetação onde se encontrava em construção 1 campo de jogos e outro a zona de Reserva, terrenos mais altos, melhor ventilados e arborizados*.[418]

DMS afirma estar em desacordo com a interpretação dada à zona de Reserva destinada a construção de moradias, pretensão apresentada pela Associação Fúnebre Familiar Operária Vimaranense que contrariava o espírito de Reserva prevista no anteplano geral: por um lado, por ser um espaço convertido para construção de um grupo de moradias em local privilegiado, marginando uma das principais entradas da cidade, por outro, pela necessidade da existência de muitos pequenos arruamentos para tão restrita área. Esta situação criada pela Associação Fúnebre Familiar Operária Vimaranense justificava a revisão do anteplano geral de urbanização naquela parte para

[418] FIMS/MSMS/3988 – Anteplano Parcial de Urbanização de Guimarães, 1957.

salvaguarda do interesse público e dos serviços e que se encontrava demorada, entre outros motivos, pela falta de atualização da respetiva planta topográfica. O Presidente da Câmara de Guimarães ordenou, ouvidos os signatários, a elaboração do anteplano parcial de urbanização com as propostas: redução da área de Reserva do anteplano geral de Urbanização que poderia a vir a ser ocupada por instalações de interesse público (estalagem, clube de caçadores…); delimitação desta Zona encurtada e em parte definida por 1 novo arruamento paralelo à EN nº101; utilização residencial da faixa compreendida entre os novos limites e a EN. Nº 101.

3.4. Planos de Urbanização Insular e Ultramarinos

3.4.1. Os diferentes registos de viagens

Este item tornou-se para nós de abordagem obrigatória pelo conhecimento das diversas circunstâncias existentes noutros espaços específicos, pelo distanciamento territorial e espaço coloquial dos seus autores, quer nas dinâmicas institucionais locais e destas com as instituições nacionais, quer na participação em todas as áreas da vida dessas regiões (sociais, económicas, culturais, estéticas…). Pretende-se vencer a barreira do espaço e dos condicionalismos únicos proporcionados por dois espaços históricos, políticos, culturais, civilizacionais distintos das conjunturas nacionais, numa época marcada pelo segundo grande conflito, da década de quarenta.

Novos desafios nos foram lançados pelos diversos registos de correspondência, de viagens e de projetos que solicitavam ao arquiteto a sua intervenção a nível individual, enquanto urbanista, arquiteto e consultor, na então colónia de Angola e na cidade do Funchal (ilha da Madeira).

Na década de 1940, o mundo vivia ensombrado pelo segundo conflito mundial e, Portugal afastado diretamente deste conflito, não deixava, no entanto, de ser ameaçado e afetado por ele. Pode-se inferir dos registos pessoais do arquiteto a instabilidade vivida por todos aqueles que tinham de viajar com alguma frequência pelo atlântico sul e a forma como se estabeleciam os diálogos institucionais à distância, num tempo em que comunicar demorava.

Pouco tempo decorrido da sua chegada de Paris, David Moreira da Silva reside temporariamente em Lisboa e, aí, enquanto arquiteto e urbanista DPGF e pelo Instituto de Urbanismo de Paris, é contactado pelo Ministério das Obras Públicas para participar no território insular e ultramarino, como consultor e como urbanista em planos de urbanização, só ou em coautoria com o célebre urbanista Étienne de Gröer[419], numa

[419] LOBO, Margarida Souza; *Urbanistas Estrangeiros em Portugal 1930-1960*. [CD-Rom]. Lisboa: DGOTDU, 2006. LÔBO, Margarida Sousa – *Planos de Urbanização. A Época de Duarte Pacheco.* Porto: FAUP, 1995. Étienne De Gröer nasceu em Varsóvia, em 1882, filho de mãe russa e de pai polaco. Diplomado em arquitetura pela Academia Imperial de Belas-Artes de S. Petersburgo, emigra para França em 1920, onde colabora em vários planos de ordenamento e de expansão de cidades francesas. Trabalhou com Agache no Plano do Rio de Janeiro. Naturalizado francês em 1936, professor do Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris, durante dois anos, substituindo o Prof. Bruggeman, interessado na teoria da cidade-jardim, conceito que se reflete no seu trabalho como urbanista. Em 1940 aquando da invasão da França pela Alemanha, fixa-se em Portugal (Oeiras) para responder a duas encomendas, o

altura particularmente complicada. Portugal encontrava-se sob as diretrizes do Estado Novo e, ainda, num mundo envolvido no conflito mundial, numa conjuntura caracterizada pela elevada taxa de desemprego, insegurança e crise económica.

David Moreira da Silva só e, mais tarde, com Maria José a partir da viagem de núpcias para a colónia de Angola, via Funchal, assumiu compromissos de trabalho com entidades institucionais locais e honrou-os. Se as suas viagens se realizaram para estes locais entre 1940/43, as outras, as dos compromissos profissionais feitas através das palavras, continuaram até 1954, a partir da correspondência trocada com particulares e com entidades oficiais do Funchal[420].

A maior parte dos projetos realizados pelo ateliê não foram executados, tendo sido mesmo esquecidos, mas integraram de algum modo todo o complexo processo de transformações dos espaços através da troca de ideias e de pareceres acerca das obras encomendadas. O silêncio e o esquecimento de todos os projetos pensados pelo ateliê para estas regiões resultaram da sua não materialização e a sua visibilidade foi agora tornada possível através da consulta dessa correspondência e dos projetos arquivados. Eles correspondem a compromissos e a relações estabelecidas, situações que permitem pensar e compreender todo o contexto em que aconteceram as encomendas, e para as quais terá sido determinante o distanciamento físico dos lugares de encomenda.

Plano Diretor de Lisboa e o Plano de Urbanização da Costa do Sol e, simultaneamente trabalha nos Planos de Urbanização de Coimbra, Braga, Luanda, Évora e Beja.

FIMS/MSMS/4237 – documento com referências biográficas a Étienne De Gröer: Professor do Instituto de Urbanismo de Paris; sócio e antigo membro da S. F. U.; sócio da Federação Internacional dos Urbanistas; Urbanista-consultor da Câmara de Lisboa para a execução do seu Plano de Urbanização; autor do Plano de Urbanização de Coimbra; Urbanista-Chefe da Missão Agache para a execução do Plano de Urbanização do Rio de janeiro; 1º prémio do concurso Internacional de Antuérpia, de Belgrado; autor de mais de 22 planos de urbanização de cidades francesas.

[420] FIMS/MSMS/4351 Em 1954, o engenheiro Paiva Brites da administração do Funchal escreve a David Moreira Da Silva, em 6 de agosto de 1954, dizendo *[…] se já na primeira carta de V. Ex.me impressionou, especialmente pela boa recordação das nossas relações, curtas embora, e pelo entusiasmo que poz nos estudos de obras para o Savoy e para a "minha casa" da Avenida, trabalhos ambos ainda por realizar, o que sinceramente lamento, esta carta é outra vez extremamente simpática e de novo me recorda o meu Amigo, a deixar-nos sob todos os aspectos as melhores impressões […]*. Em 13 de novembro de 1947 recebia um ofício do engenheiro diretor geral da Repartição MOPC (Direcção Geral dos serviços de Urbanização) Manuel de Sá e Melo, informando-o de que não seria ele o técnico a elaborar o projeto para o Parque da Cidade do Funchal por não ser consensual a sua escolha entre a Câmara Municipal do Funchal e a Delegação de Turismo, pelo que seria indicado outro arquiteto. No dia 15 de dezembro do mesmo ano o presidente da Câmara do Funchal, Fernão de Ornelas informa -o que será o arquiteto Miguel Jacobetty. Em 1948, o presidente de Delegação de Turismo da Madeira paga os honorários do anteprojeto de remodelação do casino.

De acordo com palavras de Agostinho de Amaral Lopes *O grande plano de urbanização do Funchal é pois traduzido no somatório deste conjunto de obras […]*[421]. Este autor refere os nomes de Raul Lino (Projeto da Fonte-Pelourinho do Largo do Município), de Faria da Costa (projeto de modernização do Largo do Município, do escultor Francisco Franco e do arquiteto urbanista Moreira da Silva entre muitos outros: *Todos eles deram o seu contributo para a grande transformação que o Funchal sofreu, ajudando a cumprir o plano de urbanização da cidade.* [422]

Relativamente a Angola, entre 1941 e 1946, o ateliê participou com De Gröer no primeiro Plano de Urbanização de Luanda, realizou um projeto para a Firma Lagos & Irmão de duas casas geminadas, um anteprojeto do Plano de Urbanização da Vila de Gabela e trocou correspondência com várias Câmaras de Angola (1942-1944), propondo a realização de anteprojetos de urbanização para várias localidades deste território ultramarino.

Neste item, pretendemos partilhar os vários contextos e problemáticas nos quais foram realizados as encomendas. Os vários registos escritos e os projetos realizados pelo ateliê, ainda existentes no arquivo, expressam diálogos institucionais e particulares que ditaram as escolhas, as recusas, as vontades, ajudando a compreender a sua não consecução.

[421] LOPES, op. cit., p. 216
[422] *Idem*, p. 217.

3.4.2. O Funchal: viagens, correspondência, obras projetadas – as lições



Fig. 363



Fig. 364

Fig. 363 - Bilhete de viagem de retorno do Funchal a Lisboa 8 de abril de 1944. FIMS/MSMS/4237- 0439

Fig. 364 - Guia de autorização de viagem para a colónia de Angola, [com paragem no Funchal] passada pela Agência Geral das Colónias em 21 de setembro de 1943. FIMS/MSMS/4237-0040

A Madeira é um arquipélago desde longa data eleito e procurado pelo turista para repouso, recreio e para a cura da tuberculose, por possuir condições naturais favoráveis - clima e geografia. Nele a cidade do Funchal era um espaço com diversos problemas urbanos quer ao nível da qualidade de habitabilidade quer ao nível das infraestruturas, para a população local e para os turistas.

Para a modernização da cidade tinham sido convidados os arquitetos Miguel de Ventura Terra e Carlos Ramos, respetivamente, em 1913-1915 e 1931-33, para a realização do Plano Geral de Melhoramentos e do Plano de Urbanização do Funchal. O primeiro propôs a criação de grandes eixos viários retilíneos, rotundas, amplas e regulares praças, parques localizados na periferia e uma zona residencial luxuosa, para as classes mais abastadas, na zona oeste da cidade numa Avenida com habitações destinada à burguesia. Para o seu porto projetou uma praça pública na entrada da cidade, espaço destinado à receção e reunião de turistas e três amplas avenidas situadas a oeste, a leste e a norte. Destes traçados viários só um se concretizaria, a avenida oeste ou aquela que futuramente se nomeará de Avenida do Infante[423]. Ventura Terra *propunha uma profunda remodelação do centro da cidade do Funchal a nível do traçado da rede viária [...] pretendeu privilegiar a ligação da cidade ao mar [...]*[424]. Carlos Ramos

[423] VASCONCELOS, Teresa - *O Plano Ventura Terra e a modernização do Funchal (Primeira metade do século XX).* Funchal: Empresa Municipal "Funchal 500 Anos", 2008, pp. 35-38.
[424] BETTENCOURT, Luísa Catarina Freitas Andrade – *A Morfologia Urbana da cidade do Funchal e seus espaços públicos estruturantes.* Lisboa: Universidade Lusófona, 2010, p. 136. Tese de Mestrado. Disponível em WWW.URL: http://recil.grupolusofona.pt/jspui/bitstream/10437/2274/3/1337.pdf.

inspirado no plano anterior projetou e materializou o prolongamento da avenida Arriaga, abrindo o primeiro troço da avenida oeste, cujo projeto apresenta três rotundas e propõe a cobertura das ribeiras de Fernão Gomes, Stª Luzia e de S. João e a sua consequente transformação em vias públicas. Em 1959, o arquiteto urbanista Faria da Costa elaborava o Plano de Urbanização do Funchal[425].

Durante o Estado Novo e sob iniciativa de Fernão Manuel de Ornelas Gonçalves[426] a Madeira foi dotada de vários equipamentos públicos e de vários arranjos urbanísticos (Mercado dos Lavradores, o Liceu, o Parque de Santa Catarina, as avenidas Marginal, Gonçalves Zarco e do Infante, a Praça do Município, bairros económicos, escolas, iluminação pública, dois cemitérios periféricos de S. Martinho e de São Gonçalo…)[427]. A enorme taxa de desemprego existente na ilha conduziu à criação de infraestruturas urbanas através da realização de obras públicas que permitam colmatar a situação precária vivida por várias famílias, mas que, por outro lado, passavam a trabalhar nos empreendimentos públicos e a usufruir de salários

No início do século passado o Funchal revela graves problemas ao nível das infraestruturas urbanas: ruas estreitas, mal pavimentadas, sem saneamento, como se pode ler num artigo escrito a partir de uma entrevista feita ao Dr. Adolfo de Sousa Brazão, em 1935, o jornalista escreve

> *[…] Quando um turista ou, melhor, quando qualquer pessoa chega ao Funchal, logo de bordo, é desagradavelmente impressionada com o lado oeste desta cidade, sobranceiro ao mar, pela existência de edificações que são impróprias de uma terra civilizada: casas velhas, roupas e panos dependurados, uma cadeia, uns barracões […] Nós queremos um turismo que seja uma fonte de receita para a nossa terra, mas que não se exerça de mão no nariz, para se livrar a pituitária da agressão de agentes que lhe são desconhecidos […]*[428]

[425] *Idem*, p. 141.
[426] LOPES, Agostinho do Amaral - *A Obra de Fernão de Ornelas na presidência da Câmara do Funchal 1935-1946*. Funchal: Empresa Municipal "Funchal 500 Anos", 2008, p. 50 – Presidente da Câmara do Funchal entre 1935-46. Nasceu na freguesia de S. Pedro, no Funchal, 14 de junho de 1908, frequentou o Liceu do funchal, licenciou-se em direito na Faculdade da Universidade de Lisboa em julho de 1931, cidade onde exerceria a advocacia e nomeado Presidente da Câmara Municipal do Funchal em 22 de Janeiro de 1932.
[427] *Idem*. O projeto para a Praça do Município que foi concretizado foi o de Faria da Costa em 1945
[428] FIMS/MSMS/4351-0044 *O Que o Funchal Precisa Para Se Tornar Numa Terra De Turismo a Valer.* Diário de Notícias (12 de abril de 1935). [Entrevista ao Dr. Adolfo de Sousa Brazão]

Na entrevista referida anteriormente, abordavam-se os principais problemas do arquipélago e enumeravam-se várias soluções para o seu desenvolvimento. Em 1935, o antigo deputado pela Madeira pronuncia-se favoravelmente à construção de um casino considerado como uma fonte de rendimentos e de atração turística, numa altura de crise económica e propõe a sua localização na Quinta Pavão e a existência de campos de desportos na Quinta Bianchi, um parque de repouso e recreio na Quinta da Vigia – criação de um parque no Funchal, *o princípio de uma grande obra de urbanização para o Funchal*[429]. Relativamente à urbanização desta ilha, o entrevistado refere a má qualidade das edificações localizadas no lado ocidental do Funchal e propõe medidas de embelezamento e de melhoria geral: pérgulas e mirantes sobre o Oceano Atlântico na zona de Santa Catarina, um parque público, expressando a necessidade da demolição de várias edificações com exceção da capela de Santa Catarina, por ser *património simples mas de referência histórica*, a abertura da avenida do Infante de Sagres, a construção de pavilhões de exposições dos produtos regionais (vinho, bordados, vimes). Referia ainda a necessidade de uma rede viária, escolas, água canalizada, saneamento e habitação digna para todos, assistência social, espetáculos e *media* (rádio).

Pelo Decreto-lei Nº 26. 980 de 5 de setembro de 1936, a Madeira tinha sido classificada como Estância de Turismo *para o efeito do disposto no presente Decreto e mais legislação aplicável, é classificada como Estancia de Turismo o Arquipélago da Madeira*[430]. Este decreto criava ainda a Delegação de Turismo da Madeira com jurisdição em todo o arquipélago, órgão com a incumbência de *promover o desenvolvimento da estancia, contribuir para o enriquecimento do património artístico desta, fomentar e realizar iniciativas de interesse turístico* […][431]. Este documento previa ainda a criação nas quintas do Estado (Vigia, Pavão e Bianchi) um *centro de atracção, conforto e recreio e administrar a concessão de jogos de fortuna ou de azar* […][432].

O ateliê portuense em estudo foi convidado a participar na modernização desta cidade, contribuindo com a apresentação de diversos projetos para espaços públicos e privados, através da opinião e propostas apresentadas por troca de correspondência

[429] *Idem*.
[430] FIMS/MSMS/2039/4351-0035; FIMS/MSMS/2039-4351-0036. Artigo I.
[431] *Idem*. Artigo III.
[432] *Idem, ibidem*, Artigos 5º e 9º.

oficial com entidades do MOPC e regionais DTM (Delegação de Turismo da Madeira) e da CMF (Câmara Municipal do Funchal).

De 1940 a agosto de 1943, David Moreira da Silva e, a partir de Setembro de 1943 a 1947, em colaboração com Maria José Marques da Silva Martins, participa na transformação urbana deste núcleo turístico, presencialmente, quando aqui fazem escala para se dirigirem a Angola ou na viagem de regresso para Lisboa, mas sobretudo através da correspondência oficial trocada.

O ateliê elabora alguns projetos, designadamente o esboceto de remodelação da Praça do Município (1940-43), o anteprojeto da Avenida do Infante (1942/43), o anteprojeto de remodelação da Zona Marginal do Porto do Funchal (1942), o anteprojeto do Parque da cidade do Funchal (1944/47), um projeto de modificação de um equipamento público de vocação turística, em 1944 – casino da Madeira–, o projeto de uma habitação unifamiliar encomenda do engenheiro Vasco Paiva Brites para a Avenida do Infante (1945/47) e ainda o anteprojeto de remodelação e ampliação do Savoy Hotel (1945/47).

De evidenciar toda a correspondência trocada, entre 1942 a 1944, os numerosos ofícios enviados pelo M.O.P.C. (Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Secção de Melhoramentos Urbanos) a David Moreira da Silva, para que emita pareceres sobre questões ligadas ao urbanismo e apresente sugestões de alteração, tendo mesmo solicitado Germano Venade[433] que este arquiteto urbanista

> *fizesse o Estudo de aspectos de Urbanização do Funchal, fosse ouvido sobre o projecto de construção de uma fonte Pelourinho que a Câmara Municipal do Funchal quer construir na Praça do Município*[434].

DMS foi frequentemente consultado para que, relativamente à cidade do Funchal, desse sugestões sobre a viabilidade de diversos projetos – Avenida do Infante, Praça do Município, construção de uma Fonte na Praça do Município[435].

[433] FIMS/MSMS/4086 - engenheiro e diretor geral. Ofícios Nº 5476 de 22 de agosto de 1942; Nº 6519 de 30 de setembro de 1942; Nº 6718 de 8 de outubro de 1942.
[434] FIMS/MSMS/4086 - correspondência trocada entre David Moreira da Silva o MOPC e Presidente da Câmara do Funchal Fernão de Ornelas.
[435] LOPES, Agostinho do Amaral – *A Obra de Fernão Ornelas na Presidência da Câmara Municipal do Funchal 1935-1946*. Funchal: Empresa Municipal "Funchal 500 Anos", 2008, pp. 238-239. O projeto para uma fonte na Praça do Município pertence a Raul Lino e o estudo para o arranjo urbanístico da Praça do Município é da responsabilidade de Faria da Costa – fevereiro de 1945.

Da correspondência trocada destacamos a de Abel de Freitas (1944/45) e José Rafael Basto Machado (1947/48) presidentes da Delegação de Turismo da Madeira, da direção do Savoy Hotel e do engenheiro Paiva Brites (1945/1954).

Excetuando-se o projeto realizado para a Praça do Município, todos os outros foram propostos para uma zona que se circunscrevia à área oeste da cidade do Funchal.

Abordaremos as diversas propostas de intervenção para esses espaços urbanos e equipamentos desta cidade insular. Projetos esses que não sendo sido, todavia, concretizados contribuíram, a par de pareceres e sugestões, para repensar o tipo e as intervenções a realizar nos diversos espaços daquela cidade que viriam a ser quiçá incluídos em outros projetos de outros arquitetos e urbanistas.

As opções de transformação urbana, nesta e noutras cidades, tomadas pelas entidades responsáveis, são o resultado de inúmeros diálogos estabelecidos e esquecidos, sendo por isso importante estudar de uma forma analítica todo o complexo processo decisório relativamente à alteração e/ou conservação de determinados lugares. A cidade do Funchal tal como qualquer outra aglomeração urbana e citando Ítalo Calvino: *não conta o seu passado, contém-no como as linhas da mão, escrito nas esquinas das ruas*[436].

[436] Citação CALVINO, Ítalo - *As Cidades Invisíveis*. 6ªa ed. Lisboa [Sl]: Editorial Teorema, 2003, p. 14.

3.4.2.1. A Praça do Município

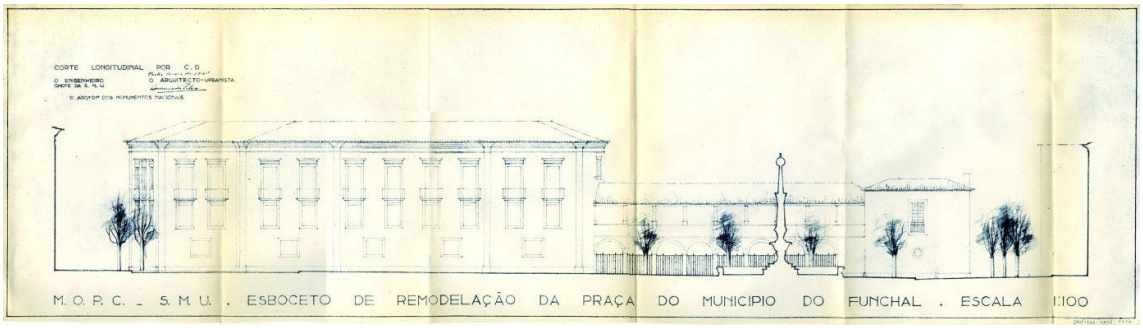


Fig. 365 - Esboceto de Remodelação da Praça do Município no Funchal. FIMS/MSMS/1866-pd0245



Fig. 366 - Esboceto de Remodelação da Praça do Município no Funchal. FIMS/MSMS/1866-pd0245

Em inícios da década de 1940, o arquiteto urbanista portuense elabora um projeto de remodelação deste importante espaço público da cidade do Funchal, em resultado da correspondência trocada com o MOPC. Neste novo desenho do espaço urbano de forma irregular que o urbanista mantém, propõe a inclusão de passeios à frente das fachadas dos edifícios existentes, apresentando algumas propostas de arborização e de ajardinamento, a vedação, a realização de um parque de estacionamento, a existência de uma pequena rotunda para distribuição do trânsito (Fig. 366 plantas geral e esquemática), numa área envolvente da praça.

Este projeto inclui duas peças desenhadas, duas plantas (uma esquemática e outra geral à escala de 1:500), um corte longitudinal (à escala de 1: 100), pretendendo, nas palavras do arquiteto urbanista, *o aproveitamento racional do solo, facilitando a*

circulação e o estacionamento de veículos e peões; o enriquecimento plástico desta praça[437].

Neste espaço urbano DMS distingue duas zonas, uma sem qualquer interesse plástico localizada no topo oeste e, outra, localizada a meio, considerada plasticamente rica e para a qual propõe a sua arborização e ajardinamento, à volta da fonte pelourinho. À volta desta praça propõe ainda a valorização da estética da envolvente através do ajardinamento e arborização das pequenas áreas entre os edifícios e a rua.

Germano Venade, engenheiro chefe geral da secção de melhoramentos urbanos da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, envia um ofício ao urbanista, em Setembro de 1942, para que e, de acordo com decisão do ministro, realizasse o estudo de aspetos ligados à urbanização da cidade e desse um parecer sobre o projeto da Fonte Pelourinho. Nos meses seguintes de outubro a dezembro de 1942 e março a maio de 1943, David Moreira da Silva troca pareceres com esta Direção acerca dos dois projetos atrás enunciados.

Após detalhada análise do projeto da Fonte-Pelourinho que lhe tinha sido enviada, refere que não dispõe de informação adequada à sua localização, considerando-a mesmo insuficiente uma vez que ao processo não foi associada uma planta da praça que permita ajuizar das dimensões e *averiguar se a Fonte é grande ou pequena para o local a que se destina*[438], nem se apresenta vantagens ou desvantagens. No que concerne às condições estéticas também diz haver falta de informação relativamente ao conjunto a que se destina, tendo solicitado o envio de uma planta da praça à escala de 1:500, dois cortes (transversal e longitudinal) à escala de 1:100 ou 1:50 *passando pela Fonte e mostrando ainda que esquematicamente, as fachadas dos edifícios circunvizinhos*[439] e fotografias que o autor do projeto forneça. Após ter recebido toda a documentação sobre este projeto o urbanista é de opinião que o estudo da Fonte não é sério por ter, entre outros fatores, constatado a falta de concordância de alguns cortes, a existência de novas artérias de utilidade discutível o que prejudica a nível estético o conjunto arquitetónico composto pela Igreja do Colégio, a Câmara Municipal e o corpo do antigo Liceu.

[437] FIMS/MSMS/2039
[438] FIMS/MSMS/2039/4086 – resposta de David Moreira da Silva de 16 de outubro de 1942.
[439] *Idem*.

O projeto do arranjo da Praça do Munício acaba por ser realizado pelo arquiteto Faria da Costa[440] e o da Fonte-Pelourinho, para o mesmo espaço, ser atribuído a Raul Lino[441].

[440] VASCONCELOS, op. cit., p. 175.
[441] LOPES, op. cit., p. 217.

3.4.2.2. Anteprojeto da Avenida do Infante

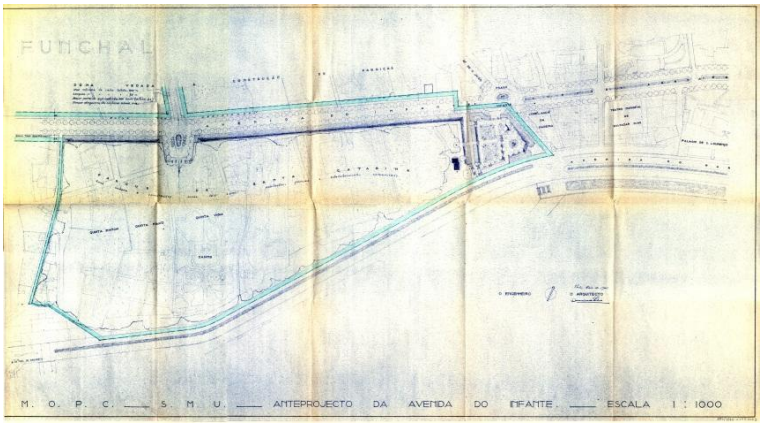


Fig. 367 - Projeto da Avenida do Infante. FIMS/MSMS/1866/4084-0003

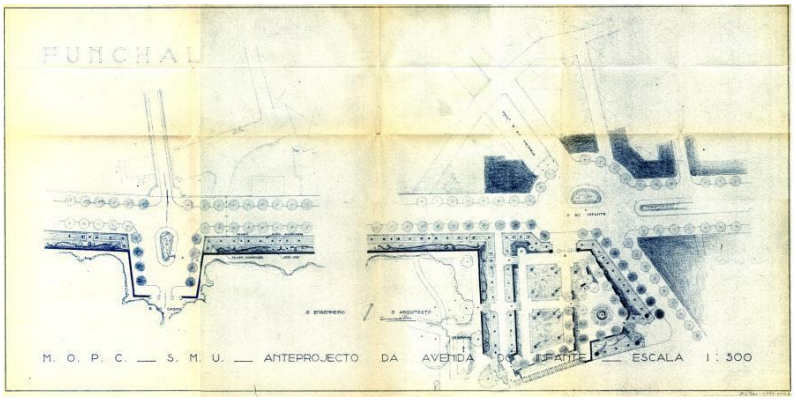


Fig. 368 - Anteprojeto da Avenida do Infante. FIMS/MSMS/1866/4084-0002

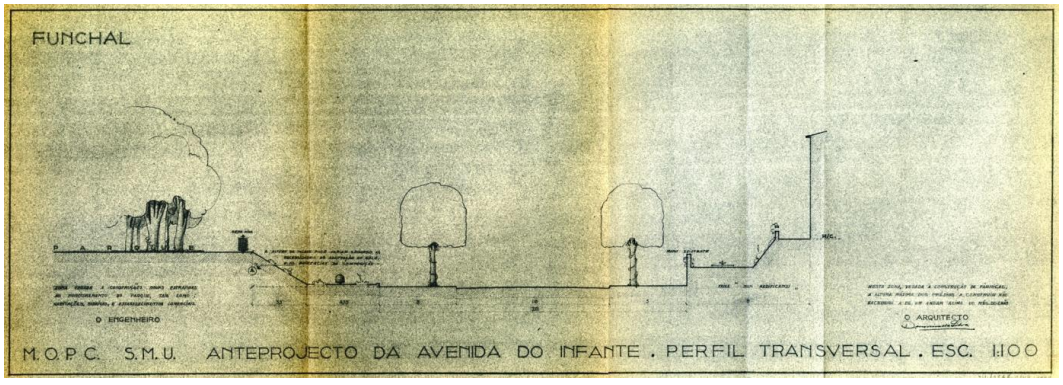


Fig. 369 - Anteprojeto da Avenida do Infante. FIMS/MSMS/1866-4084-0001

David Moreira da Silva uma vez mais e a partir de um projeto enviado pelo diretor da DGEMN, para a Avenida do Infante na cidade do Funchal, tece algumas considerações sobre a importância de uma avenida que considera ser

> […] um *órgão vital citadino fixo, completando ou prejudicando a rede de arruamentos de que faz parte* e *como um elemento físico ou da forma urbana e, como tal, bem ou mal adaptada ao solo com boas ou más condições estéticas* ao que acrescenta ainda *Como um elemento de salubridade ou insalubridade urbana […] como obra concebida ou não segundo os melhores princípios económicos*[442].

Face a estes princípios e sendo uma via importante de circulação, considera existir um grande desequilíbrio entre a rotunda de ligação desta Avenida com a da Avenida Manuel de Arriaga, pela existência de um ângulo agudo entre a rua localizada ao lado da ribeira de S. João e a Av. Manuel de Arriaga. Refere que ao gaveto devia ter sido atribuída uma superfície curva; opõe-se ainda ao projeto de construção no centro da rotunda de um monumento por considerar ser demasiado grande e, pela sua localização, cortar uma das perspetivas da cidade; lamenta ainda o facto do seu eixo principal não coincidir com o da Avenida de Arriaga. É de opinião que o perfil transversal projetado demonstra uma má adaptação ao solo porque, *passando quási em toda a sua extensão em nível inferior aos terrenos que intercepta, no seu alinhamento estão previstos altos muros sempre de efeito duvidoso […]*[443]. Tudo isto, no parecer do urbanista, concorre para prejudicar o arejamento e a insolação, além de ser inadequado no ponto de vista turístico.

Apresenta um estudo (figs. 368-369) no qual propõe para o lado sul desta via, a existência de taludes ajardinados encimados por sebes, na área do futuro Parque da Cidade que abrange em toda a extensão o cemitério existente e as quintas do Estado. Para a parte norte desta Avenida, propõe uma zona *non aedificandi*, onde não poderão ser construídas fábricas, definindo o tipo de parcelamento em talhões com área e largura mínimas e o recuo obrigatório dos edifícios da frente de rua, edifícios que não devem exceder a altura de um andar acima do rés-do-chão. Propõe ainda a arborização dos dois lados desta avenida, tornando-a um espaço mais atraente.

[442] FIMS/MSMS/2039-4086
[443] FIMS/MSMS/2039-4086 – de 16 de outubro de 1942.

Na resposta dada ao seu projeto, o ministro, concorda com as alterações por ele sugeridas: suprimir a inflexão da rua transversal que sobe do mar em direção à praça do Infante; a entrada ser feita no seu alinhamento quando chega à Avenida do Infante; alterar a Praça do Infante e substituir a pequena rotunda anteriormente projetada para a entrada do casino, por novos taludes ajardinados; corrigir o perfil transversal da avenida e da diretriz retilínea da Av. do Infante.

Este anteprojeto foi aprovado pelo ministro, em ofício de 10 de julho de 1943 com as indicações de que o arquiteto devia tratar de uma forma discreta a saída da rua Princesa D. Amélia e simplificar o arranjo dos jardins previstos entre a Avenida do Mar e a Avenida do Infante, assim como na rua de ligação entre estas avenidas.

Uma vez mais se constata um diálogo estabelecido entre o arquiteto e o MOPC, uma troca de reflexões sobre aspetos urbanísticos vitais para a melhoria da cidade em termos de garantir uma melhor circulação, salubridade, estética … e que contribuíram, para a transformação da futura imagem da cidade.

Do somatório destas e de outras opiniões e medidas tomadas pouco a pouco terá resultado a transformação do Funchal de que os registos aqui apresentados são apenas alguns no meio de outros existentes e ainda por revelar.

3.4.2.3. Anteprojeto de remodelação da zona marginal do Porto do Funchal

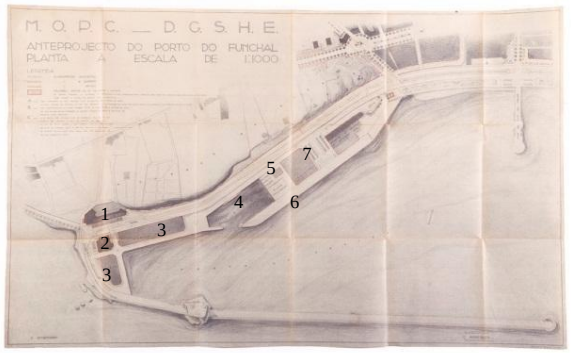


Fig. 370 - Anteprojeto de Remodelação da Zona Marginal Porto do Funchal, 1942. 1 – Alfândega; 2 – Serviço de revista de bagagens; 3- Hangares 4 – Doca; 5 e 6 – planos inclinados; 7- estaleiros.
FIMS/MSMS/3899/4092-0041

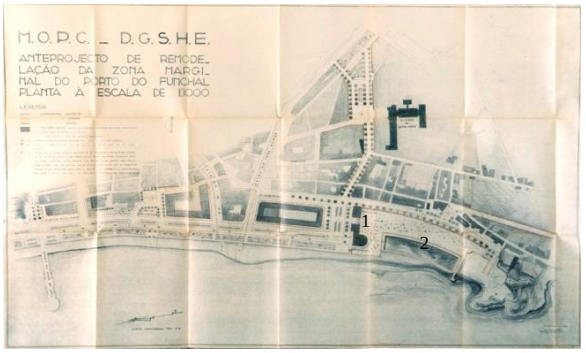


Fig.371 - Anteprojeto de Remodelação da Zona Marginal do Porto do Funchal, 1942. 1 - Restaurante; 2 - Praia.
FIMS/MSMS/3899/4092-0045



Fig. 372 - Anteprojeto de Remodelação da Zona Marginal e do Porto do Funchal - frente marginal escala1:1000, 1942.
FIMS/MSMS/3899/4092-0042

Em 1942, o urbanista envia toda a documentação por si elaborada para o Anteprojeto de Remodelação da Zona Marginal do Porto do Funchal, segundo as instruções da Repartição de Portos para a Direção Geral dos Serviços Hidráulicos. Deste documento constavam várias peças desenhadas (cartas à escala de 1:400 e 1:1000 do porto do Funchal, uma planta geral da Ilha da Madeira, uma planta Geral do Funchal) e uma memória descritiva e justificativa. Neste estudo realizado para a remodelação desta zona, Moreira da Silva propõe medidas necessárias ao seu arranjo e valorização.

No estudo crítico realizado aquando da elaboração deste seu estudo, o arquiteto urbanista portuense começa por localizar a área de intervenção situada na zona marginal entre a *Pensão Lido e o Lazareto, o Oceano e uma linha teórica que no interior da ilha,*

passa paralelamente á vasta zona marginal entre a Pensão Lido e o Lazareto, e a cerca de 300 metros do litoral[444].

Tece, na sua memória descritiva e justificativa, algumas considerações relativas às características particulares da ilha da Madeira e à cidade do Funchal em particular. Considera ser o Funchal uma cidade-jardim e um centro privilegiado para as atividades turística e comercial, que pela sua beleza natural é considerada única (flores, miradouros) e de fama internacional, razões estas que considera ser, por si só, justificativas da remodelação do seu porto e de toda a sua envolvente[445].

Relativamente a este porto caracterizou-o como um lugar com falta de instalações entre o ângulo sueste do cemitério e o extremo oeste do Molhe da Pontinha (depósitos, armazéns, estaleiros, alfândegas) e de abrigos, no qual os passageiros se encontram expostos às más condições climáticas. Propõe entre outras, a transferência dos estaleiros da Companhia Blandy & Brothers, o prolongamento dos cais, a construção de um varadouro para os pequenos barcos, uma praia artificial, a cobertura da Ribeira de S. João, entre esta avenida e o Largo dos Lavradores, assim como novas construções na Av. do Mar e a proibição da construção de edifícios estranhos à atividade portuária, exceto na parte compreendida entre a Ribeira de S. João e o Palácio de S. Lourenço, podendo ser destinada a edifícios mistos mas nunca a fábricas. Estabelece a altura dos diversos edifícios a construir na zona.

Contactado pelo MOPC por ser especialista credenciado na área de urbanismo, o seu projeto de alteração e valorização desta infraestrutura enquadra-se no plano de urbanização da cidade, numa outra escala, daí que a sua proposta para a localização das instalações portuárias privilegie a zona terrestre.

[444] FIMS/MSMS/4092 - Anteprojeto de Remodelação da Zona Marginal do Porto do Funchal, 1942 (peças desenhadas e escritas).
[445] FIMS/MSMS/0252 – Anteprojeto de Remodelação da Zona Marginal do Porto do Funchal, 1942 (peças desenhadas e escritas).

3.4.2.4. Anteprojeto do Parque da Cidade do Funchal



Fig. 373 - Panorâmica do Parque de Santa Catarina, Av. do Infante
Fonteda Imagem: Câmara Municipal do Funchal, Álbum Fotográfico
Acessível em WWW: < URL: http://www.cm-funchal.pt

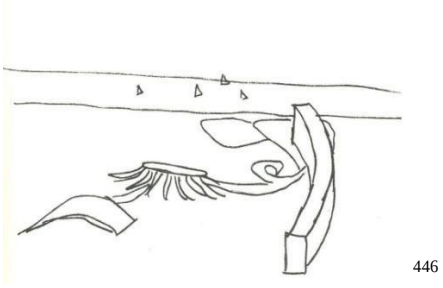


Fig. 374 - Hotel e casino de Óscar Niemeyer [446]

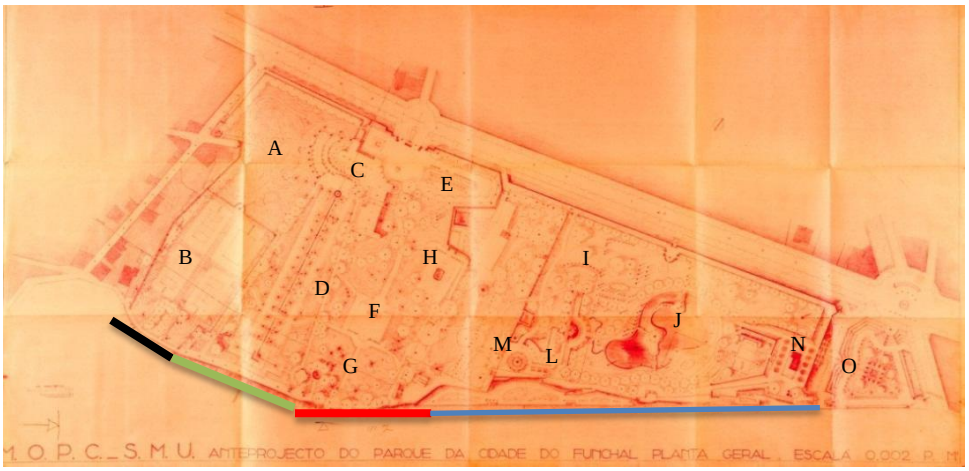


Fig. 375 - projeto do Parque de Santa Catarina. FIMS/MSMS/1537

Quinta Bianchi Quinta do Pavão Quinta da Vigia Quinta das Angústias

A Jardins **B** Cortes de Ténis **C** Novo Casino **D** Jardins **E** Parque de Estacionamento **F** Centro Cultural **G** Jardins **H** Parque Infantil **I** Orquideàrio **J** grande Lago **L** Restaurante **M** Pavilhão de Chá **N** capela de St.ª Catarina **O** grande roseiral

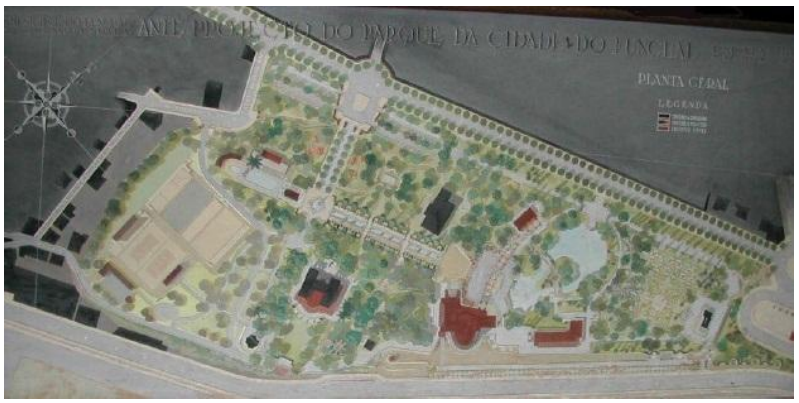


Fig. 376 - Projeto do Parque de Santa Catarina de Miguel Jacobetty

[446] SANTOS, Carlos Oliveira - *O Nosso Niemeyer Our Niemeyer*. Lisboa: Editorial Teorema, 2007, p. 69. Hotel Pestana, casino da Madeira e cineteatro projeto de Óscar Niemeyer.

> *[…] em pleno Funchal, entre o célebre Hotel Reid's e o Savoy, numa encosta rochosa a desafiar o mar […]* "[447].

O maior *espaço verde do centro histórico do Funchal* com uma área de 35200m[448].

De acordo com o decreto-lei nº 26.980 de 5 de Setembro de 1936, documento que classificava o arquipélago da Madeira como Estância de Turismo e criava na cidade do Funchal a Delegação de Turismo da Madeira, este órgão passaria a ser o responsável pelo desenvolvimento de infraestruturas turísticas e valorização e enriquecimento patrimonial e artístico. Neste decreto-lei prevê-se a criação de um lugar de recreio nas quintas do Estado para aqui *administrar* a *concessão de jogos de fortuna ou azar*[449].

As Quintas da Vigia, Bianchi e Pavão seriam cedidas pelo Estado para a criação de um espaço de lazer e de recreio, lugar onde se propunha a existência de um parque com uma vista privilegiada sobre o Atlântico e possuidor de campos de jogos desportivos, jardins, esplanada, casa de chá e um casino - fonte de rendimentos – que devia ter salas de leitura, bar, restaurante, cinema, dança, salões de jogos… Prevê-se deste modo a criação de uma infraestrutura turístico-cultural no arquipélago do interesse quer da população local quer de visitantes nacionais ou estrangeiros.

Como se pode observar nas figuras 367 e 375, num local situado entre a projetada Avenida do Infante e a zona marginal do porto do Funchal, na zona oeste da cidade, numa área que se localiza entre a estrada da Pontinha, a rua princesa D. Amélia e a ribeira de S. João, encontram-se por nós já referenciadas as quintas do Estado e a Quinta de Nossa Senhora das Angústias - zona a ser intervencionada. Esta zona seria aquela para a qual o ateliê do Porto apresentaria a maior parte dos seus projetos (Avenida do Infante, Parque de Stª Catarina, Porto e zona Marginal, casino, hotel Savoy e habitação do engenheiro Vasco de Paiva Brites).

David Moreira da Silva é encarregado de emitir um parecer sobre o novo Parque da Cidade, parecer esse solicitado oficialmente por despacho ministerial de 24 de maio, de 1943, e que deveria contemplar as alterações do edifício do casino e nos jardins, parques e espaços das quintas do Estado.

---

[447] SANTOS, op. cit., p. 158.
[448] QUINTAL, Raimundo - *Quintas, Parques e Jardins do Funchal. Estudo Fitogeográfico* Lisboa: Esfera do Caos, 2007, p. 84.
[449] Artigo 5º d) do Decreto- Lei no 26.980 de 5 de setembro de 1936.

No dia 23 de outubro do mesmo ano, encontrando-se o arquiteto na cidade do Funchal, no Atlantic Hotel, fazendo escala na sua deslocação para Angola e, em plena viagem de núpcias, foi informado da realização de uma sessão camarária, dois dias antes, e na qual se tinha deliberado encarregá-lo de realizar um estudo das obras para o edifício do Casino (casa da Quinta da Vigia) e nos parques e jardins das Quintas do Estado. João Abel de Freitas presidente da Delegação de Turismo da Madeira informa o arquiteto de que

> *[…] por despacho de S. Exa. O Ministro do Interior, de 14-11-38, ouvido Sua Exa. O Ministro das Finanças, foi aprovado o plano d'obras a efectivar nas Quintas, tendo sido, porem, suspensos, em consequencia da guerra, os estudos necessários á sua execução;*
>
> *Considerando que parece ter chegado o momento de preparar a Madeira para o turismo de futuro, o que está em plena conformidade com as directrizes marcadas pelo Secretariado da Propaganda Nacional;*
>
> *Considerando ainda o facto de encontrar-se presentemente nesta ilha, em missão oficial, para dar parecer sobre o novo parque da cidade, o Exmo. Snr. David Moreira da Silva, Arquitecto urbanista especializado em parques e jardins, e pessoa altamente considerada nas esferas, superiores […]*[450]
>
> *O arquitecto que à data se encontrava instalado no Atlantic Hotel, em missão oficial, é informado desta decisão através do presidente da Delegação Geral de Turismo, Dr. João Abel de Freitas que considera chegado o momento de preparar a Madeira para o turismo de futuro […]*[451].

Assim escrevia o representante da Delegação de Turismo ao arquiteto que aceitaria a encomenda daquele projeto com desfecho inesperado.

Várias expropriações foram feitas para a sua consecução, entre as quais estiveram envolvidos os proprietários de prédios urbanos e rurais daquela zona, cerca de cinquenta e oito, entre eles, a Companhia Blandy & Brothers, o proprietário da Quinta de Nossa Sr.ª das Angústias, prédios municipais como a cadeia civil e cemitério[452].

O arquiteto urbanista elabora e envia, no mês de maio de 1944, o seu anteprojeto para o Parque de Santa Catarina, tendo respeitado a maior parte das propostas da Delegação de Turismo da Madeira.

---

[450] FIMS/MSMS/4351-0037, ofício Nº 133, Lº 7.
[451] *Idem.*
[452] FIMS/MSMS/4086 – Correspondência com o Funchal.

> *Para o espaço anteriormente ocupado pela Quinta Bianchi, situada no extremo oeste da área destinada ao parque e entre a rua Princesa D. Amélia e quinta do Pavão, propõe a sua ocupação com quatro cortes de ténis e uma zona ajardinada a norte; para a zona ocupada pela anterior quinta do Pavão, localizada entre as Quintas Bianchi (a oeste) e a da Vigia (a este) o urbanista projecta jardins e o futuro casino com acesso pelo norte, através da Avenida do Infante e jardins a sul; para o espaço ocupado pela Quinta da Vigia, localizada entre a Quinta do Pavão (a oeste) e a Quinta da Nossa Senhora das Angústias (a leste), o arquitecto indica na planta geral uma zona de estacionamento, a edificação de um centro cultural e jardins. Após a expropriação da Quinta das Angústias para integração no futuro Parque da Cidade, Moreira da Silva aí propõe a criação de lugares distintos: parque infantil, orquideário, grande lago, jardins, restaurante, pavilhão de chá, jardins, preservando aqui a antiga capela de St.ª Catarina. Projecta ainda uma grande esplanada com pérgola abrangendo a parte sul de todas as quintas, um espaço de recreio possuidor de um magnífico cenário sobre o mar.*[453]

Este projeto não viria a ser efetuado e seria entregue a um outro conhecido arquiteto do continente, Miguel Jacobetty[454], conforme consta em comunicação feita a David Moreira da Silva pelo presidente da Delegação de Turismo da Madeira, José Raphael Basto Machado.

O processo do Parque do Funchal reflete o desacordo existente entre as duas instituições locais, Delegação de Turismo e Câmara Municipal do Funchal. Face à falta de consenso optou-se pela escolha de um técnico aprovado pelas duas.

Fernão de Ornelas, presidente da Câmara Municipal do Funchal, justifica a rejeição por parte da instituição que representa pelo facto de não ter respeitado as indicações para a realização deste espaço que se pretendia uno e que se apresenta agora dividido em duas áreas distintas e portanto dois e não apenas um parque[455]. Este autarca escreve um ofício comunicando que:

> […] *qualquer projecto só pode ser aprovado desde que todo o terreno seja aproveitado para a realização de um único parque que embora devendo ser constituído por zonas com características diversas e diversamente tratadas seja estudado com completa unidade de composição e usando-se da excepcional*

[453] PIRES, Maria do Carmo Marques – "O atelier de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins: projectos para o Funcha*l (1942-1947)"*.In FERREIRA-ALVES, Natália Marinho - *A Obra. O Artista. A Encomenda.* Porto: CEPESE, 2010.
[454] Cf. Vol. II, p. 330.
[455] FIMS/MSMS/2039-4351

> *liberdade que nos dão a extensão do terreno, o seu relevo e as suas condições de localização, na procura da melhor solução de conjunto […] e devem desaparecer os actuais limites da propriedade […]*[456].

O urbanista portuense aquando do seu regresso ao Funchal, em escala de Luanda para Lisboa, não compreendeu e estranhou tal decisão[457]. A troca de correspondência com o MOPC a propósito deste seu projeto incompreensivelmente rejeitado, não reverteria a situação.

A confirmação do nosso pressuposto, o de se ter tornado numa questão de medição de força ao nível dos poderes insulares e deste com o poder central, fez-se através da leitura uma carta enviada pelo engenheiro Schreck (vogal da Comissão Municipal)[458], de 18 de outubro de 1944. Neste documento, o engenheiro informa DMS da constituição de uma Comissão, órgão do Conselho de Turismo e da Delegação para *estudar no aspecto administrativo e nas possibilidades de realização a construção do Parque da Cidade e do Casino*[459]. Integravam a comissão o Dr. João Abel que a presidia e quatro vogais de que Schreck fazia parte, o capitão do porto do Funchal, o presidente da Câmara do Funchal, Dr. Fernão de Ornelas, e um engenheiro da Câmara. Schreck assume que esta questão se tornou uma questão de campanha e de oposição política, quando escreve:

> […] *eliminar as dificuldades e os equívocos que resultam de se ter posto até aqui êste assunto em termos infelizes de campanha e oposição política. […] A Delegação de turismo aprovou o seu projecto de arranjo e adaptação do casino velho e construi-lo-á se não for possível* [460] *plano do Parque […] a segunda* [dificuldade] *consiste na divergência sobre o projecto […]* [461]

Nesta carta Schreck acredita que o projeto do parque terá possibilidades de ser resolvido favoravelmente, no caso de haver *boa vontade e a transigência de todos*[462] e aconselha-o a enviar, com a maior urgência, uma cópia da planta que enviou à Direção

---

[456] FIMS/MSMS/2039-4086, Ofício nº 176 do Livro nº 52 da Câmara Municipal do Funchal.
[457] FIMS/MSMS/2039-4351-0013
[458] FIMS/MSMS/2039-4351-0020 - Em carta dirigida por David Moreira da Silva ao engenheiro Schreck, o primeiro congratula-o pelo êxito do plano de arranjo dos portos do Funchal).
[459] FIMS/MSMS/2039-4351-0024F a 0025V
[460] *Idem, ibidem.*
[461] *Idem, ibidem.*
[462] *Idem, ibidem.*

Geral dos Edifícios, uma vez que não a têm. Escreve mesmo que seria *ridículo que por uma questão de pormenor se deixasse de fazer a obra*[463].

No entanto, a execução da obra foi retirada e em ofício nº 462, de 15 de dezembro de 1947, o presidente da Delegação da Madeira José Raphael Basto Machado, informa o urbanista de que a decisão da não atribuição do projeto não pertence àquele órgão, mas à Direção Geral dos Serviços de Urbanização à qual David Moreira da Silva não tinha respondido a um ofício para fazer o ponto da situação relativamente ao estudo do projeto em causa. O engenheiro Manuel Sá e Melo e o ministro da economia engenheiro Daniel Vieira Barbosa e, uma vez que desde 1944 não tinham tido qualquer informação sobre o processo que tinha de ser solucionado, devendo haver concordância entre os dois organismos da ilha, propuseram à Direção que indicasse um técnico[464].

Quando em 15 de dezembro de 1947, o então presidente da Delegação de Turismo escreve a David Moreira da Silva, isenta-se de responsabilidades e informa que a Delegação não deliberou sobre o caso uma vez que foi a Direção Geral dos Serviços de Urbanização a informá-lo que não tinha respondido a um ofício no qual solicitavam informações sobre o estudo do parque e, como o arquiteto não tinha prestado qualquer informação e o problema exigir solução urgente assim, como um completo entendimento entre as partes, pediu à Direção Geral dos Serviços de Urbanização a indicação do nome de um técnico que fosse consensual por todas as partes envolvidas, tendo sido indicado o arquiteto Miguel Jacobetty[465].

Agostinho Amaral Lopes informa que a Comissão Administrativa da Câmara do Funchal rejeitou o projeto em 24 de Março de 1944[466] e no ano seguinte, em 23 de agosto de 1945, compraria à firma Blandy Brothers & C. Limitada prédios rústicos e urbanos localizados na zona destinada à construção do parque da cidade

> *[…] limitados a Norte pela Avenida do Infante, terrenos municipais e antigo cemitério das Angústias, a Leste por terrenos municipais e Ribeira de S. João, a Sul pela estrada da Pontinha e a oeste pela Quinta da Nossa senhora das Angústias. O preço da compra é de mil e seicentos contos […]*[467]

[463] *Idem, ibidem.*
[464] FIMSMSMS/2039-4351-0010
[465] *Idem.*
[466] LOPES, Agostinho Amaral, ob. cit., pp. 188-189.
[467] *Idem*, p. 189.

a pagar até ao ano de 1947. De acordo com este autor a Câmara terá encarregado o arquiteto Manuel Fabrício Rodrigues e o engenheiro Raul Andrade de Araújo de elaborar o projeto do Parque de Santa Catarina, parte municipal, dentro do plano de conjunto daquele espaço.

De acordo com Raimundo Quintal[468] dos 92 000m^2 de área inicialmente prevista, só 35 200m^2 terão sido utilizados para *o principal logradouro público arborizado de que a cidade virá a dispor no futuro com as respectivas instalações desportivas e locais de cultura e recreio*[469]. Informa ainda que só foi construído parcialmente porque o Hotel, Casino e Centro de Congressos, ocupavam *a área de duas parcelas de terreno adquiridas pela Câmara do Funchal*[470]. O projeto aceite foi o do arquiteto Miguel Jacobetty de 1949 e os definitivos do arquiteto António Viana Barreto, de 1959 e 1962, que introduziu alterações ao de Jacobetty[471]. Estes últimos projetos respeitaram as *ideias orientadoras […] como a predominância de áreas relvadas, a inserção do lago e a distribuição de árvores, flores e arbustos na organização do parque*[472].

Como se pode observar na imagem atual deste parque, mantém-se a antiga capela de Stª Catarina, o lago e uma zona relvada e arborizada, tendo sido ocupada a zona situada a ocidente pelo Hotel e casino de Nimeyer e de Viana de Lima.

Se compararmos os dois projetos para o parque, constatamos que o de Moreira da Silva e de Miguel Jacobetty diferem (figs. 375-376), existindo uma maior unidade formal no estudo do último arquiteto. Os cortes de ténis, os terrenos arborizados, a avenida também ela arborizada que parte da entrada da avenida do Infante unem as anteriores Quintas Bianchi e do Pavão e a que parte desta paralelamente ao oceano, une as Quintas referidas e as da Vigia e de Nossa Sr.ª das Angústias que no projeto do primeiro arquiteto se destacava das restantes. O lago é mais expressivo/impositivo no segundo que a sul é delimitado por dois edifícios voltados para uma esplanada voltada para o Atlântico.

---

[468] QUINTAL, Raimundo - *Quintas, Parques e Jardins do Funchal. Estudo Fitogeográfico* Lisboa_ Esfera do Caos, 2007, pp. 84-85

[469] JACOBETTY, M – *Projecto Definitivo do Parque de Sta. Catarina.* Funchal, Arquivo da Câmara Municipal do Funchal. Citado em QUINTAL, op. cit., p.84

[470] Quintal, op. cit., p. 84.

[471] Parque de Santa Catarina Disponível em: WWW.URL: http://www.turismo cultural-macaronesia.com/Regi%C3%B5es/Madeira/Roteiros/Cidades/Urbanismo/A_Cidade_e_e_Natureza-1.aspx

[472] *Idem*.

3.4.2.5. Anteprojeto de remodelação do Casino do Funchal



Fig. 377

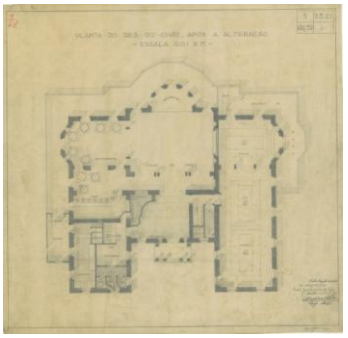


Fig. 378

Fig. 377 - Quinta da Vigia – antigo casino do Funchal FIMS/MSMS/Foto2027

Fig. 378 - Planta do rés-do-chão após alteração, agosto 1944
FIMS/MSMS/pd08541

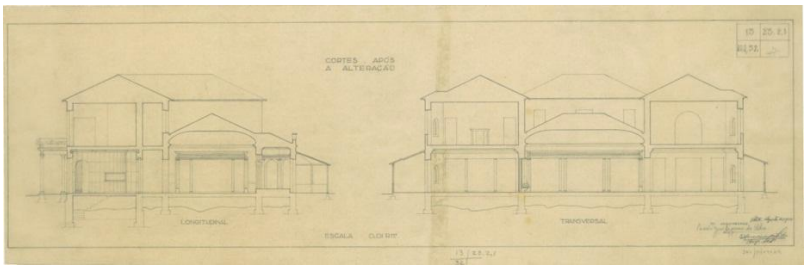


Fig. 379

Fig. 379 - Corte transversal e longitudinal do casino após alteração, agosto 1944.
FIMS/MSMS/pd04029

A construção de um casino era considerada vital para a economia e turismo do arquipélago da Madeira por ser um meio imprescindível para a obtenção de receitas que a ilha necessitava a par do aumento do número de turistas ricos.

Esta era considerada uma infraestrutura turística e cultural importante e encontrava-se prevista na lei de 5 de Setembro de 1936, lei que a par da criação da Delegação de Turismo e do anteprojeto do parque de Santa Catarina previa a sua criação enquanto fonte de receitas, polo de atração turística e ainda cultural, uma vez que previa no edifício áreas destinadas a concertos, a biblioteca, a bar-restaurante e dança.

David Moreira da Silva numa apreciação feita a uma casa localizada na Quinta da Vigia dizia possuir algumas condições para foi albergar o casino, após a realização de algumas transformações e numa situação transitória. Realiza um projeto de transformação daquele imóvel, ao nível dos seus dispositivos espaciais internos.

Em setembro de 1944, mantendo as fachadas da casa, o arquiteto urbanista propõe adaptar o anterior edifício a casino através da alteração da sua planta, prevendo para: o subsolo, instalações sanitárias para os homens, garrafeira e instalações do pessoal; para o primeiro piso (rés-do-chão), um vestíbulo, salão de dança e bar, grande sala de jogo, além das instalações sanitárias para as senhoras e remetia para o primeiro andar a biblioteca e os escritórios.

O projeto proposto para foi aceite pelo Dr. Abel Freitas, presidente da Delegação de Turismo da Madeira e foi informado o arquiteto por ofício enviado em outubro de 1944.

Este terá sido o único a ser materializado pelo ateliê de arquitetura do Porto na cidade do Funchal[473]. O casino hoje existente é da autoria do arquiteto brasileiro Óscar Niemeyer, projeto de 1966, concluído em 1974[474].

[473] O casino construído de raiz foi realizado segundo projeto dos arquitetos Óscar Niemeyer e Viana de Lima associado ao Hotel Pestana, na parte ocidental do anterior projeto para o Parque da cidade.
[474] BETTENCOURT, op. cit., p. 161

3.4.3. Angola



Fig. 380



Fig. 381

Fig.380 – Guia de viagem para Luanda David Moreira da Silva, em 27 de outubro de 1941.
FIMS/MSMS/4237-0441

Fig. 381 – Fotografia de embarque de David Moreira da Silva para Angola. FIMS/MSMS/Foto1949



Fig. 382



Fig. 383

Fig. 382 – Paquete para Angola. FIMS/MSMS/Foto1959

Fig. 383– David em Angola. FIMS/MSMS/Foto1944

No início da década de 1940, David Moreira da Silva, em pleno segundo conflito mundial, viaja da metrópole para a colónia de Angola com alguma frequência na companhia de De Gröer ou sozinho, em avião ou navio, enquanto arquiteto urbanista

> *[…] contratado pela Agência Geral das Colónias por procuração da Câmara Municipal de Luanda, para proceder ao plano de urbanização da mesma cidade, pelo que segue viagem para a Colónia de Angola, onde residirá temporáriamente*[475].

Nestas viagens todo o passageiro tinha de apresentar um guia de viagem que devia ser assinado e carimbado aquando da chegada e partida do local de destino. Este primeiro documento passado em 27de outubro de 1941, em Lisboa é assinado, em 15 de novembro do mesmo ano, aquando da sua chegada a Luanda. Num outro registo do mês seguinte, 9 de dezembro de 1941, o chefe da secretaria e o presidente da câmara de Luanda atestam a realização da primeira fase de trabalho relativo ao plano de

[475] FIMS/MSMS/4237-0441, guia passado em 27 de outubro de 1941.

urbanização da cidade de Luanda e informa da partida via Lobito a bordo do vapor Cabo Verde[476].

A partir destes registos acompanhamos as etapas das viagens do arquiteto urbanista através dos carimbos e assinaturas de chegadas e partidas e percebemos a forma como o Estado controlava os percursos dos cidadãos nacionais. Após a sua partida de Luanda há um novo registo passado pelo Administrador do concelho de Lobito, em 11 do mesmo mês e ano, data que medeia entre a viagem de avião e o seu embarque no paquete para a metrópole.

Em 19 de maio de 1942, o chefe da Divisão de Propaganda da Agência Geral das Colónias, José Osório de Oliveira, informa através do registo escrito, assinado e carimbado da data da chegada de Luanda do urbanista - janeiro de 1942- e da nova viagem de partida rumo à colónia para dar continuidade aos trabalhos iniciados, a bordo do paquete Angola.

David Moreira da Silva demora-se apenas três meses na metrópole antes de voltar a embarcar para o ultramar onde permanece cerca de dois meses[477]. Chegado em 7 de Setembro de 1942, reside cerca de um ano na metrópole e é-lhe passado um novo guia, agora por ter casado e ter de se demorar em Angola.

Na companhia de Maria José Marques da Silva Martins, partem a 21 de setembro de 1943, via Funchal permanecem em viagem, tendo chegado a Luanda no dia 11 de novembro de 1943, altura em que entrega o Plano de urbanização de Luanda. Ao dois arquitetos partem no dia 20 de fevereiro de 1944[478], fazendo novamente escala no Funchal data em que se encontra registada a sua partida de Angola para Lisboa. No dia 16 de março de 1944, o presidente da Câmara de Luanda escreve a Moreira da Silva, hospedado no Atlantic Hotel no Funchal, razão que nos leva a concluir ter sido feita escala na Ilha da Madeira, por este casal antes de encetar a viagem de regresso a Lisboa em 8 de Abril de 1944.

Na década de 1940, David Moreira da Silva colabora com o urbanista Étienne De Gröer na elaboração do Plano de Urbanização de Luanda. Este é o início de uma

[476] FIMS/MSMS/4237-0441

[477] FIMS/MSMS/4237-0441-0008.3 - Em 17 de agosto de 1942 quer o chefe de secretaria quer o Administrador do Concelho de Luanda, Carlos A. M. C. Pinto, declaram que o arquiteto termina a segunda fase de trabalhos relativos ao Plano de Urbanização e que regressa a Lisboa a bordo do vapor Mousinho.

[478] FIMS/MSMS/4237-0441-0007. Registo na guia de viagem assinado por Jorge de Vilhena da Secretaria da Câmara Municipal de Luanda

relação profissional e de uma amizade marcada pela troca frequente de correspondência, visitas pessoais aos seus lugares de residência e à colónia pelos dois arquitetos urbanistas.

Na metrópole é frequente a troca de correspondência e as visitas de ambos às respetivas residências entre a cidade do Porto e Oeiras.

De 1940 a 1944, os dois urbanistas ligam-se em torno do Plano de Luanda e cada um, noutros projetos de urbanismo, no território continental. Continuam, no entanto, a trocar impressões a propósito de outros eventos, nomeadamente o da Exposição Colonial realizada em Lisboa em novembro de 1944, no qual foi apresentado o Plano de Urbanização de Luanda da sua autoria e enviado pela autarquia daquela cidade colonial para a administração da exposição.

O arquiteto Raul Ramalho da Direção Geral Do Fomento Colonial pediu a De Gröer que escrevesse uma notícia explicativa sobre o plano e este, por sua vez, solicitou a DMS para que a traduzisse para português. Durante esta exposição um pequeno incidente levou De Gröer a escrever David Moreira da Sila narrando-o. De Gröer endereçou ao engenheiro Rogério Cavaca, diretor geral interino do Ministério das Colónias – Direção Geral de Fomento Colonial, em 7 de novembro, uma mensagem na qual dizia ter visitado a exposição e ter reparado que contrariamente às maquetas, todos as plantas de urbanismo não mencionavam os seus autores, e a de Luanda de forma particular não tinha qualquer legenda com qualquer explicação.

Envia um esquisso com proposta de legenda[479] e solicita a correção de tal lapso que não respeita o uso internacional do direito dos autores.

[479] FIMS/MSMS/4237-0427 - Ver II Vol. p. 375.

3.4.3.1. Luanda: a parceria com Étienne DE GRÖER no anteplano de urbanização da cidade, os contratos, as viagens, as impressões



Fig. 384 - Telegrama de De Gröer a Moreira da Silva
:*Partons Jeudi Angola. Embarquement 3 heures Goez. 27 outubro 1941*

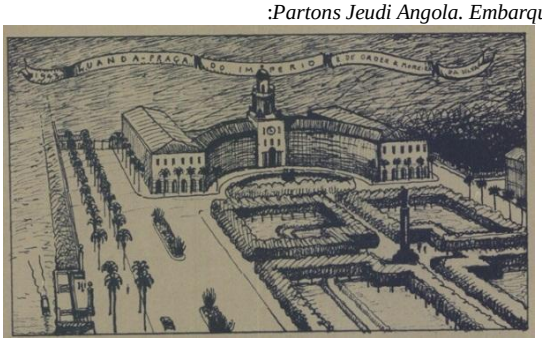


Fig. 385 - Desenho da Praça de Entrada, Luanda,1943. Assinado E. De Gröer e Moreira da Silva FIMS/MSMS/1122-pd7616

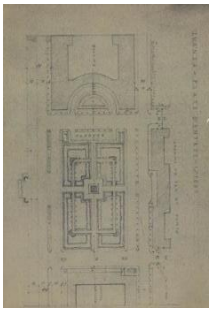


Fig. 386 - Desenho da Praça de Entrada, Luanda, com a localização da Alfândega, caminhos de ferro, Serviços Marítimos; estacionamento FIMS/MSMS/1122-pd7614

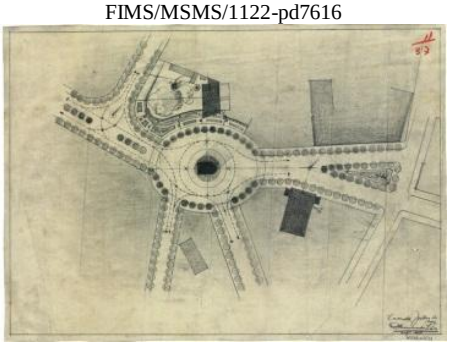


Fig. 387 - Plano de Urbanização de Luanda, Julho de 1942, assinado por David Moreira da Silva. FIMS/MSMS/1122-pd7623



Fig. 388 - Corte transversal da Av. General Carmona, Luanda, 1942. FIMS/MSMS/pd7618

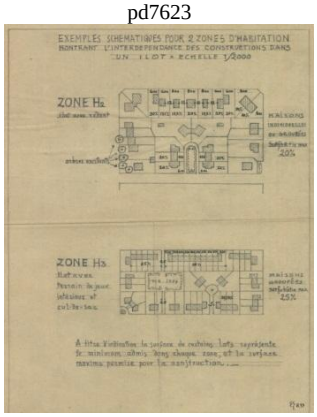


Fig. 389 - Exemplos Esquemáticos da Interdependência das construções Dum Quarteirão em Duas Zonas Residenciais, original em francêsJunho de 1943.

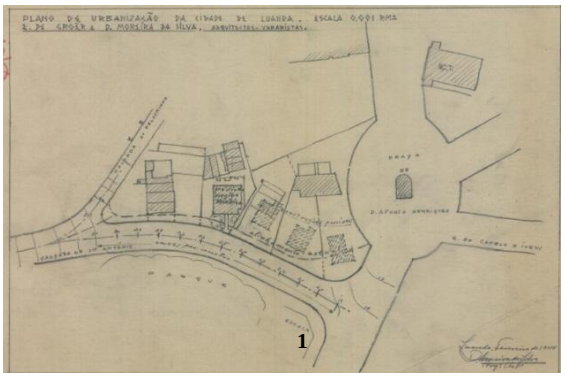


Fig. 390 - Plano de Urbanização de Luanda, zona das calçadas do Pelourinho, St.º António e Avenida D. Afonso Henriques. 1-Escola FIMS/MSMS1112/pd7619

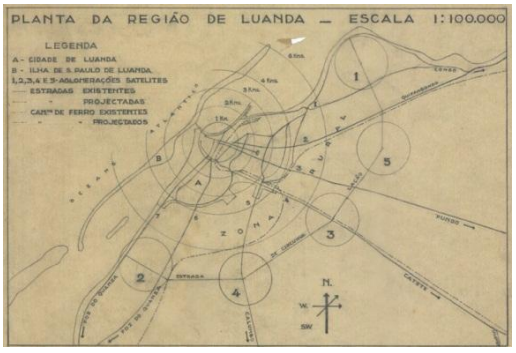


Fig. 391 - Planta da Cidade de Luanda
FIMS/MSMS/1122-pd7613

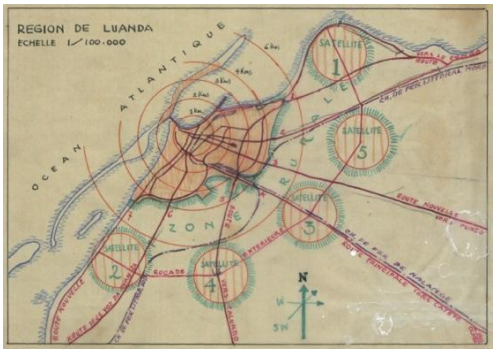


Fig. 392 - Planta da Cidade de Luanda
FIMS/MSMS/1122-pd7615

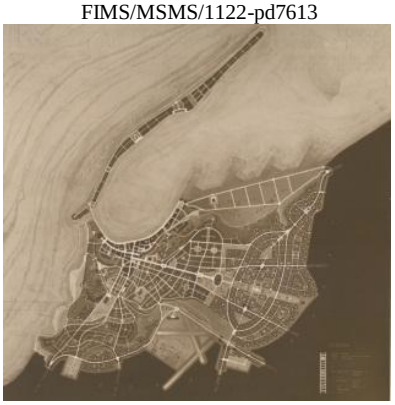


Fig. 393 - Plano de Urbanização de Luanda, De Gröer e Moreira da Silva. FIMS/MSMS/Foto1113



Plano de urbanização de Luanda

O projecto definitivo foi ontem apreciado pelo sr. Governador Geral

Esteve ontem à tarde na Câmara Municipal de Luanda, onde apreciou o projecto definitivo do plano de urbanização da cidade Sua Ex.ª o Governador Geral da colónia, sr. comandante Vasco Lopes Alves.

Acompanharam Sua Ex.ª os srs. Governador da Província de Luanda, capitão Ferreira Martins, o Comandante da Polícia capitão Magro Romão.

Este projecto definitivo do plano fôra entregue há dias ao Município, como então referimos, pelo arquitecto urbanista sr. David Moreira da Silva.

Fig. 394 - Notícia sobre o plano de urbanização de Luanda In Diário de Luanda, 5 -1 1944. FIMS/MSMS/4237-0001

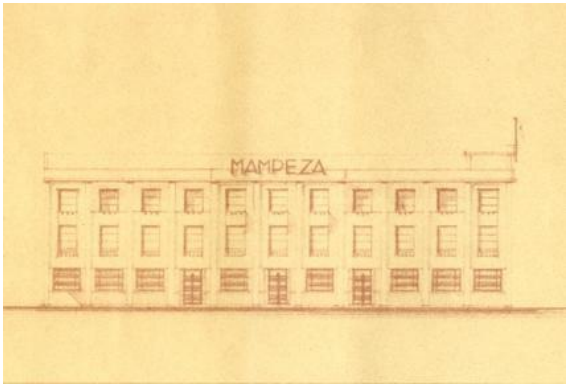


Fig. 395 - Instalações da Empresa Mampeza em Luanda, 1944
FIMS/MSMS/4325-pd0034

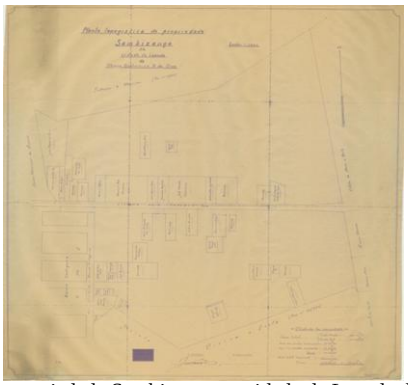


Fig. 396 - Planta topográfica da propriedade Sambizanga na cidade de Luanda de Maria Guilhermina R. da Cruz
FIMS/MSMS/pd4641

A cidade de Luanda teve um assinalável crescimento demográfico entre 1930 e 1950, com cerca de 60. 000 habitantes, em 1940[480], crescimento esse que foi aumentando até aos perto de 500.000 habitantes, em 1968[481]. O desenvolvimento da capital angolana ditou a necessidade da realização de um Plano de Urbanização realizado pelo urbanista Étienne De Gröer e David Moreira da Silva.

No dia 24 de outubro de 1941[482], em Lisboa (Rua da Prata), os arquitetos urbanistas Étienne de Gröer e David Moreira da Silva, na presença de Edmundo Aparício Dias (em representação do Agente Geral das colónias por parte da Câmara Municipal de Luanda), Amadeu Cunha (chefe da Quarta Divisão da Agência Geral das Colónias) e, ainda, José Osório de Castro e Oliveira (Chefe da Terceira Divisão da mesma Agência) realizaram o contrato para elaboração do Plano de Urbanização da Cidade de Luanda. Neste contrato a Câmara compromete-se a fornecer aos dois urbanistas contratados plantas atualizadas da cidade de Luanda e

> *[…]dos terrenos possivelmente abrangidos pela extensão a prever à escala de um por cinco mil com curvas de nível de cinco em cinco metros e à escala de um por mil com curvas de metro em metro e as cartas ou mapas da região que, em qualquer escala possua […]*[483].

Neste documento desresponsabiliza-se o trabalho destes urbanistas no que concerne às plantas que lhes forem fornecidas e que não correspondam à realidade. As cópias da planta devem ser tiradas do avesso, em papel vegetal, para ser feito o novo traçado. É da responsabilidade daquela instituição fornecer todos os dados estatísticos relativos à população, situação económica, projetos de urbanização anteriormente realizados, todos os documentos necessários a um estudo pormenorizado e completo da cidade, informações prestadas por funcionários da Câmara sobre as suas atividades. Esta instituição compromete-se a assegurar a estes técnicos um escritório devidamente equipado assim como os meios de transporte (terrestres e marítimos) que necessitem dentro do seu concelho para a realização dos trabalhos, o seguro de vida em virtude da situação de guerra durante as suas viagens de ida e volta por mar.

---

[480] FERNANDES, ob. cit., p. 68 e FIMS/MSMS/4237-0010 – Anteplano de Urbanização de Luanda assinado por De Gröer.
[481] *Idem*, p. 68.
[482] Cf. II Vo. Pp. 370-371
[483] FIMS/MSMS/4237-0424-0033.2

Por seu lado os dois urbanistas comprometem-se a entregar: uma planta de zonas à escala de 1: 5.000 com a urbanização e extensão projetadas na extensão de 1500 hectares, realizada a traço e cores convencionais (ruas projetadas, modificadas ou suprimidas, jardins, praças, espaços destinados a futuros edifícios públicos); plantas de pormenor à escala de 1:1000 do bairro escolhido pela Câmara e que não ultrapasse a superfície 300 hectares. Memória descritiva e justificativa, projeto de medidas legislativas sobre talhamento, quarteirões de medidas legislativas sobre talhamentos, quarteirões e construções, documentos e ilustrações que achem pertinentes ao esclarecimento do projeto e inseridos num processo no qual as plantas se encontrem dobradas assim como uma planta de conjunto ou de apresentação, realizada à escala de 1: 5.000, sem ser dobrada, e as plantas referidas atrás em papel vegetal.

Exige-se que o projeto se realize de acordo com os adotados nos planos de urbanização franceses: como plano diretor ou de programa (não como plano de execução), excluindo das plantas os projetos de saneamento (esgotos, distribuição de água, transportes públicos, eletricidade e outros da competência de engenheiros especializados).

O prazo máximo a respeitar era o de 18 meses a partir da assinatura do contrato e a contar da data da chegada a Luanda dos dois urbanistas. Passados seis meses da sua chegada, os urbanistas enviarão à Câmara o esboceto geral à escala de 1: 5.000 que se pronunciará num prazo de três meses. Doze meses depois da sua chegada a esta cidade os arquitetos urbanistas fornecerão à Câmara o Anteprojeto à escala de 1:5.000 feito de acordo com o primeiro esboceto e as emendas, o esboceto de 1:1000 do bairro escolhido pela câmara assim como toda a legislação. Passados 6 meses dos dezoito, deslocar-se-ão conjuntamente, numa primeira vez, e todas as que forem necessárias para apresentarem o conjunto do projeto. Os estudos para a elaboração do esboceto serão feitos em Luanda.

Alguns dias passados sobre a assinatura do contrato para realização do Plano de Urbanização de Luanda, os dois urbanistas deslocam-se para esta cidade ultramarina onde permanecem até inícios do mês de dezembro, tendo partido de avião a 9 de dezembro de 1941 para o Lobito e daqui embarcado no vapor "Cabo Verde" para Lisboa, no dia 11 e chegado a Lisboa em janeiro do ano seguinte. Em 19 de maio de 1942, DMS viaja novamente para Luanda onde fica até 17 de agosto.

Esta cidade é considerada por José Manuel Fernandes *como percursora nacional em termos de execução de planos*[484].

O seu desenvolvimento está na base da elaboração do seu plano de urbanização e como podemos observar nos desenhos que incluem este plano (Figs. 391 a 393) os dois urbanistas propõem para esta capital angolana a aplicação da teoria da cidade-Jardim [485].

O objetivo destes urbanistas é sem dúvida o de organizar a vida na cidade de forma a proporcionar aos seus habitantes uma vida digna, com habitação cómoda e saudável e boas condições de trabalho num ambiente condigno, evitando aglomerações de grandes dimensões e de crescimento desordenado, salvaguardando a vida dos seus habitantes de epidemias e doenças, de acordo com a teoria de Ebenezer Howard. Para Luanda propõem uma cidade de uma dimensão adequada a um determinado número de habitantes, envolvida por uma zona rural, possibilitando à sua população boas condições de vida: ar puro, alimentos e matérias-primas. No caso de nesta cidade se verificar um significativo crescimento populacional e de ultrapassar os limites estabelecidos, esse excedente populacional deve ser canalizado para cidades-satélite, como já referimos anteriormente, rodeadas pela sua zona rural e ligadas à cidade por vias de comunicação e meios de transporte rápidos que permitam o rápido acesso ou saída[486].

Defendem De Gröer e Moreira da Silva que a intervenção urbanística deve ser feita a partir de uma planta previamente realizada por eles (ou por especialistas na área) que deve ter em conta aspetos que evitem erros futuros, nomeadamente, *a distribuição racional dos diferentes bairros […] cada casa só alojará senão uma família; cada uma será rodeada de um jardim; a disposição das casas será espaçada, a fim de permitir que o ar e o sol penetrem amplamente nas divisões […]*[487].

A distribuição pela cidade das diferentes atividades humanas através de zonas destinadas a cada uma delas, zonas essas destinadas a habitação, a comércio, à cultura, à indústria, ao descanso e lazer e ainda dotar cada núcleo urbano de saneamento, água potável, luz elétrica, tratamento de lixos, organização dos transportes públicos, entre outras.

---

[484] FERNANDES, ob. cit., p. 68.
[485] Cf. III Vol. Ficha nº 19 dos Planos de Urbanização.
[486] DE GRÖER, Etienne – "Introdução ao Urbanismo". In Boletim da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização. I Vol. Lisboa: Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 1945-1946, pp. 17- 86.
[487] Idem, p. 24.

Como se pode observar nas figs. 391 – 393, esta teoria urbanística foi aplicada no plano de urbanização de Luanda. O núcleo constituído pela Ilha de S. Paulo de Luanda e pela cidade encontra-se separado das cinco cidades-satélite propostas por um anel - Zona Rural no que Margarida Lobo considera ser uma proposta *mais consistente, localizando cinco cidades-satélites de perímetros generosos para lá de uma zona de separação com cerca de dois quilómetros de largura. De Gröer prevê a ligação das cinco cidades-satélites por uma semicircular, a estrada de circunvalação*[488].

Da cidade de Luanda partiriam sete estradas de ligação com a Alfandega ladeada por avenidas arborizadas ao Congo (1,2), para Fundo (3), para Cayete (4), para Calumbo (5) e para a foz do Quanza (6,7). Estas vias ligariam ainda a cidade-mãe às cidades-satélites a par das três vias de caminho-de-ferro: Litoral Norte, de Malange e Litoral Sul.

Pela análise do Plano de Urbanização de Luanda (fig. 392) se lê uma enorme preocupação em definir a rede viária que integra largas avenidas interligadas por outras, em definir as principais zonas da cidade, preocupações higienistas e de sã convivência – Margarida Lobo afirma que De Gröer não aplica neste plano a cidade-jardim, mas a ideia do subúrbio jardim francês: construção da habitação unifamiliar de pouca densidade, numa cidade

> *policêntrica servida por um conjunto de cidades jardim ligadas por um sistema de transporte rápido dando origem a uma enorme aglomeração planeada* […][489]
> *Aglomerados satélites como localização alternativa para o crescimento da cidade centro […] No caso de Luanda o urbanista apresenta uma proposta de descentralização mais consistente, localizando cinco cidades satélite de perímetros generosos […]*[490]

Considera não existir coerência entre teoria da cidade-jardim e a realidade do plano, uma vez que o objetivo de Howard seria um relativo grau de autonomia para as suas cidades-jardim em termos de relação casa-trabalho, em Luanda a cidade-mãe teria uma grande proximidade com os diversos núcleos.

Zona residencial a oeste com pequenos núcleos de baixa densidade, zona comercial a nascente situada perto de vias de saída da cidade, variedade de rede viária

[488] LÔBO, ob. cit., p. 77.
[489] LÔBO, ob. cit., p. 75
[490] LÔBO, ob. cit., p. 79

(avenidas retilíneas, ruas sinuosas adaptadas ao terreno, utilização do impasse em pequenos largos, pracetas, becos, campos de jogos). Propõe a separação entre zonas de habitação branca e negra. Denota uma enorme preocupação paisagística com zonas de vegetação, separando com arborização avenidas e quarteirões.

A Localização de um quarteirão de casas individuais à volta de uma pequena praça jardim, distanciadas da frente de rua e com logradouro, isoladas geminadas e num outro quarteirão com um campo de jogos no seu interior e beco sem saída, casas unifamiliares afastadas da frente de rua, isoladas, geminadas ou em banda. Lotes iguais na Zona H3 e pouco variáveis na zona H2 (Fig. 389).

Numa viagem realizada por De Gröer a Luanda, em 29 de setembro de 1942, este urbanista envia um telegrama a DMS, informando-o que o esboceto do plano de urbanização tinha sido aprovado e apenas teriam de realizar algumas alterações das quais seria, posteriormente informado. Comunica ainda a abertura de concurso de construção de escola no gaveto da calçada de Santo António com a Av. do Hospital Casuno, da aprovação do arranjo da Av. D. Afonso Henriques (Fig. 390) e sugere o loteamento, 24 metros de frente por 30 a 40 metros de profundidade, da zona do parque voltada para a Av. Do Hospital destinada a edificação. Assim se vai realizando o plano de urbanização de Luanda.

Num pequeno texto dactilografado e assinado por De Gröer[491] sobre o plano de urbanização de Luanda refere a existência de 48.000 habitantes para esta cidade, sendo 9.000 brancos e diz ter sido o plano pensado para 150.000 habitantes, 50.000 brancos, estimativa de crescimento para os próximos cinquenta anos, uma vez que estas cidades coloniais têm por vezes um crescimento repentino. Prevêem-se para a região a criação de cinco cidades satélites localizadas para lá da cintura rural que protege a cidade-mãe.

Afirmam os autores que estes seis núcleos serão suficientes para uma população de cerca de 400.000habitantes. Luanda encontra-se dividida em zonas de acordo com as diferentes atividades urbanas, ocupando a habitação cerca de 70% da superfície total, o comércio 4%, a administração governamental e municipal a mesma percentagem indicada anteriormente, a indústria e porto 7% e os parques e jardins públicos 15%. Uma legislação fixa a densidade populacional por hectare e por zona de atividade, e a proporção da área construída por lotes – condições indispensáveis a uma cidade sã e

[491] Plano de Urbanização de Luanda enviada por De Gröer ao arquiteto Raul Ramalho em 1944. CF. Vol. II Correspondência Luanda p. 378.

produtiva. Relativamente à habitação defende a edificação espaçada das casas devido ao clima equatorial e para que os ventos dominante de sudoeste as arejem bem. A reflexão solar pressupõe o seu envolvimento com vegetação.

Os quarteirões destinados à população indígena, localizados nas zonas nascente e sul, são provisórios e serão transformados em quarteirões normais *à medida da civilização dos negros.* Largas bandas de vegetação isolam os quarteirões não civilizados, para prevenir epidemias. A ilha de S. Paulo de Luanda destinar-se-á a praia e ao divertimento, na sua metade S.O., e na outra parte para uma aldeia de pescadores. A estrutura da rede viária é constituída pela Avenida Marginal e a cruz formada pela artéria comercial (N. S.), a avenida dos Restauradores de Angola (para oeste para a base do Castelo e a Avenida Camões (para este na direção do estádio). Todas as saídas da cidade convergem para o centro e são religadas entre elas. As ruas de habitação são relativamente estreitas (casas recuadas do alinhamento). A superfície total de vizinhança é deixada para o mínimo necessário, por questões de economia municipal. [492]

Nas Figuras 385 e 386, encontram-se representados os arranjos urbanísticos propostos pelos dois urbanistas em que se encontram ornamentados por praça central ajardinada de 1943. Duas propostas de arranjo de quarteirão (Fig. 389), a primeira H2 casas agrupadas e vários alinhamentos e individuais ou agrupadas numa solução de quarteirão organizado de uma forma simétrica com uma praça central: No segundo exemplo da mesma imagem, um quarteirão assimétrico com campo de jogos e rotunda. No corte transversal da avenida Carmona, lições aprendidas com Prost (Fig, 388) com 37 metros de largura distribuídos por: 11 metros pra circulação automóvel, 7 m de cada lado para passeios, zona arborizada e 6m de espaço ajardinado entre o passeio e as habitações. De 1942, o arranjo urbanístico do centro de praça e circulação (Fig. 387).

No dia 29 de maio de 1942, o urbanista francês envia de Oeiras uma carta onde coloca algumas interrogações sobre o regulamento de zonas da forma de como se escrito, documento revelador de uma característica comum aos dois profissionais na área e a todos os urbanistas - o constante trabalho de correção que implica o de um urbanista e a sua preocupação com a correção dos mais ínfimos pormenores.

[492] Plano de Urbanização de Luanda enviada por De Gröer ao arquiteto Raul Ramalho em 1944. Dados constantes no documento incluído no II vol. correspondência Luanda p. 375.

Em agosto de 1943, o urbanista residente em Oeiras, escreve a DMS e entre outros assuntos *mon avalanche*[493] informa-o que numa notícia do "Diário de Notícias" de 1 de agosto tinha ficado a saber que a *Câmara de Luanda resolveu contrair um importante empréstimo para a aquisição de vastos terrenos destinados à urbanização da cidade, cujo plano já foi aprovado*[494], notícia da qual não tiveram conhecimento oficial.

Após o casamento, DMS inicia uma viagem de núpcias e de trabalho para entrega em Luanda do Plano de Urbanização definitivo que seria entregue na Câmara e apreciado no dia 4 de janeiro de 1944 (Fig 394.) pelo Governador Geral das Colónias, comandante Vasco Lopes Alves.

Ainda em 1944, os dois urbanistas trocavam correspondência com o presidente da Câmara de Luanda para alteração na planta de zonas, referindo que algumas delas lhes parecem anti urbanísticas considerações com que De Gröer concordou e proferidas por DMS. De Gröer refere que as obrigações para com a cidade tinham terminado.

[493] Termo que De Gröer utiliza para classificar a numerosa informação que solicita ao urbanista portuense, entre as quais saber se tinha enviado para a autarquia de Luanda as modificações sugeridas e como decorre o trabalho para Luanda.
[494] FIMS/MSMS/4237-0017.1

3.4.3.2. Gabela: o anteplano de urbanização e sua consecução.



Fig. 397 - Anteplano de Urbanização de Gabela 1944
FIMS/MSMS/Foto1112

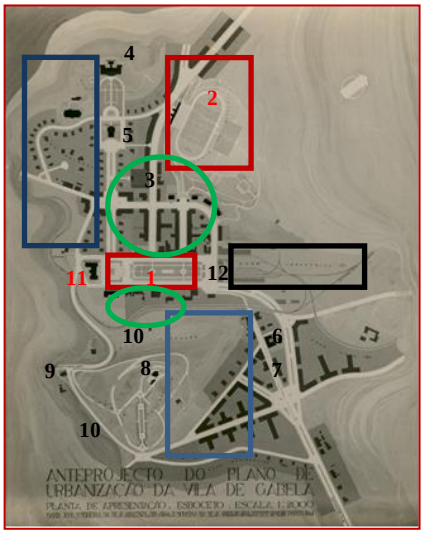


Fig. 398- Anteplano de Urbanização de Gabela 1944
FIMS/MSMS/Foto1112

Zona residencial H1
Zona Industrial Zona Mista:
Comércio/Habitação/Artesanato
Mercado **3**
Zona dos Espaços Livres Públicos:
Centro de Desportos **2**
Grande Praça **1**
Igreja Matriz **5**
Novo Hospital **4**
Paços do Concelho **11**
Estação de Caminho-de-Ferro **12**
Zona Residencial H2
Av. Marechal Carmona **7**
Escola Industrial **6**
Residência do Administrador **8**
Rio Mazungue **10**
Estrada da Boa Entrada,
Porto Amboim **9**



Fig. 399 - Gabela fotografia satélite - Google maps



Fig. 400 - Gabela



Fig. 401 - Fotografia de Gabela após 1975
http://www.sanzalangola.com/galeria/albuo50/Cedida_por_Luis_Castro_19



Fig. 402 -Igreja de Gabela anos 60
http://www.sanzalangola.com/galeria/albuo49/Enviada_por_MGV_do_arquivo_do_Instituto_de_INvestiga_ao_Cient_fica_Tropical_Gabela



Fig.403 - Igreja de Gabela Fachada principal e lateral e envolvente após 1975



Fig.404 - Igreja de Gabela – Fachada Principal e lateral e envolvente na década de 1940FMS/MSMS/0211_0029_01
.



Fig. 405 - Igreja de Gabela – Fachada Principal e lateral e envolvente na década de 1940 FMS/MSMS/0211_0029_0

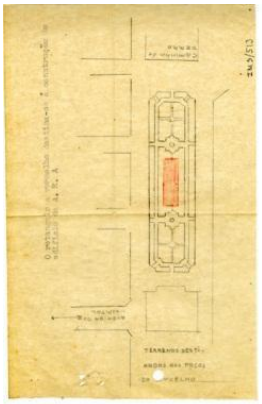


Fig. 406 - Planta de localização da ARA
FIMS/MSMS/4352-1

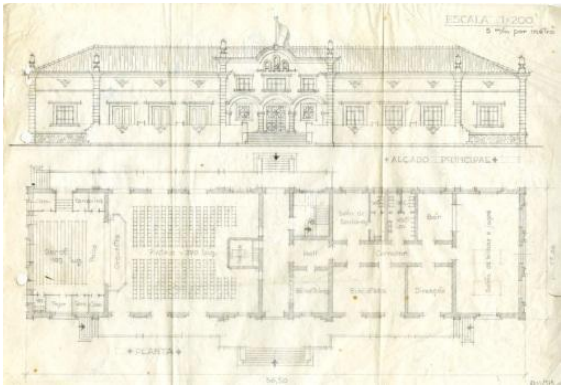


Fig. 407 - Edifício ARA (Associação Recreativa do Amboim)

FIMS/MSMS/4352-2 Edifício A.R.A.

Em 27 de dezembro de 1943, reuniu na vila de Gabela em sessão extraordinária a Junta Local, a propósito da chegada de David Moreira da Silva para oficializar a proposta aceite pelo urbanista da realização do seu plano de urbanização com o propósito

> […] *de que nele vê realizadas as suas esperanças e a certeza de que num futuro próximo a nossa Vila será com certeza uma das mais lindas a atraentes Vilas da Colónia, - cientificamente urbanizada, com os seus arruamentos bem delineados, as suas construções públicas e particulares nos lugares mais convenientes.*
> *E porque não há dúvidas que somente aos sentimentos verdadeiramente patrióticos de tal urbanista ficaremos devendo um trabalho desta natureza, o segundo a realizar em terras de Angola* […][495]

Nesta declaração encontra-se expresso o orgulho da comunidade local pelo desenvolvimento deste aglomerado inserido num contexto paisagístico de rara beleza "vila mais linda de Angola"[496] e embelezamento, voz da comunidade africana e luso, numa clara interiorização de valores transmitidos pelo Estado Novo, apostado na fixação de população vinda da metrópole.

No dia 28 do mesmo mês e ano, David Moreira da Silva celebra contrato para elaboração do anteprojeto do Plano de Urbanização da Vila de Gabela, com José de Oliveira Leite, presidente da Comissão Administrativa do Fundo de Melhoramentos de Porto Amboim. Deste contrato constam as plantas a que Junta se obriga a fornecer assim como todas as informações, em troca de toda a documentação que integra o plano: plantas e memória descritiva e justificativa assim como os regulamentos sobre talhamentos, quarteirões e construções. Por ser um local de difícil acesso a Comissão Administrativa do Fundo de Melhoramentos de Porto Amboim compromete-se a garantir meios de transporte rápido entre esta vila e a capital ou outro local desta colónia situado à mesma distância e o pagamento ao arquiteto.

Durante a sua estada em Gabela existiam na vila (cidade em 1962)[497]os seguintes prédios e roças: pertencendo ao Estado um hospital, um posto sanitário, uma escola primária oficial e outra em construção, duas escolas agropecuárias, um edifício dos correios, uma igreja matriz, uma administração do concelho, um quartel-general,

[495] FIMS/MSMS/4352 – Cópia da Ata da Sessão Extraordinária da Junta Local do Amboim.
[496] Cit. In FERNANDES, ob. cit. p. 77
[497] Informação em FERNANDES, ob. cit. p.77.

uma junta de exportação dos cereais das colónias [498]; pertencendo ao Município: um matadouro e um mercado (2 prédios) e 80 prédios (moradias) pertencentes a particulares. A localidade tinha ainda numerosas roças de café, palmar, cereais, sisal e algodão, sendo a maioria produtora unicamente de café (cerca de 29), num total de cerca de 60[499].

No decorrer dos trabalhos, o urbanista escreve do Porto, em 4 de abril de 1944, pedindo informações a António Melício Nunes, presidente da Junta local, sobre a pluviosidade, as temperaturas, frequência e velocidades dos ventos predominantes, sobre o caudal do rio Mazungo, toalha aquífera da região, movimento demográfico, insetos e doenças mais frequentes e mais mortais, a data em que foi realizada a estimativa do número de habitantes e prédios e as ideias sobre o possível prolongamento do caminho de Ferro do Amboim. Informações importantes e indispensáveis à realização de um plano de urbanização, elementos possibilitadores de um estudo profundo sobre o local e que permitem prever algumas situações a solucionar.

Nessa informação enviada ao urbanista e com dados de 1942, as temperaturas locais variam de acordo com a época – na das chuvas 15º, 21º 27º e na do cacimbo: 18ª,12º,6º-; os ventos predominantes sopram do lado do mar a oeste e com pouca intensidade; a densidade média das chuvas e nevoeiros: nevoeiro existe quase sempre durante todo o ano, sendo os maiores (Junho a Setembro); a profundidade da toalha aquífera - só se encontra água ao nível do curso dos ribeiros Mazungue e do riacho que corre na zona determinada para o futuro centro de desportos. O caudal do Mazungue não é permanente, sobretudo na altura das grandes secas; a demografia: população branca 95 homens, 53 mulheres e 68 crianças; população mestiça composta por 16 homens 42 mulheres e 99 crianças num total de 373 pessoas. Informa ainda que são os

[498] Ver II Vol., p. 395- correspondência de Angola – Relação dos prédios existentes dentro de Gabela [s. d.]. No texto falamos apenas de alguns que consideramos mais importantes na análise do existente e do construído a partir do plano de urbanização.

[499] Idem. De acordo com documentação integrada na correspondência, as companhias a quem pertenciam as roças eram: a CADA (Companhia Agrícola de Angola) -13 Roças de: Café; a Companhia do Seles - 6 roças de Café, Palmar; a Marques, Seixas & Companhia Ltª- 1 roça Café, Palmar; a Paixão Seixas & Martinó -1 roça café; a de Felício Ldª - 1 roça café e Palmar; a de Bernardo Vieira de Matos – 1 roça café; a de António Couto Herdeiros - 3 roças café; a de Joaquim Teixeira de Sousa -1 roça café; a de Adriano P. De Sampaio e Castro - 2 roças café; a de Luiz Rodrigues Moutinho - 2 roças café e cereais; a Roça Rio Ave Ldª - 1 Sizal; a Lisbon Produce Cy, Ltd. - Café; Companhia Agrícola, Limitada - 1 roça Sizal; a de António de Matos - 2 roças café e cereais; a de Mário Cunha Brito - 1 roça café; a de Mário Cunha, Lda - 6 roças café e Palmar; a de Manuel Monteiro - 1 roça de Algodão; a de Anacleto da Cruz Brito - 3 roças café; a de Euzébio Nunes - 1 roça café; a de Manuel de Abrantes Costa - 1 roça café; Cardoso & Cardoso, Ltdª - 5 roças café e Palmar; de Nuno de Sousa Barros - 1 roça café; de António Pereira Carneiro - 1 roça café, Palmar, cereais, sizal e algodão.

insetos os responsáveis pelas doenças na população branca- *mosquitos anofelídeos causadores de impaludismo, biliosa etc*. e na população de cor: *anquilostomíase (vermes intestinais).* Acrescenta ainda que relativamente ao Caminho de Ferro se pensa no seu prolongamento até ao posto Administrativo do Ebo.

Os desenhos e plantas são enviados por via marítima sujeitos a atraso e a riscos quer pelo transporte e tempo que demoram quer ainda em virtude da guerra. Como foi o caso do atraso do envio da planta de Gabela, de 12 de agosto de 1944, ao urbanista devido ao controlo britânico a todos os passageiros e a toda a carga do paquete em causa a que estiveram sujeitos. Em 2 de fevereiro de 1945, o arquiteto urbanista envia ao presidente da Junta de Gabela o anteprojeto do Plano de Urbanização de Gabela para submeter a apreciação da Junta Local o esboceto do trabalho preparatório da 1ª fase.

Passados três meses, em 2 de junho de 1945, Rogério Cavaca, engenheiro diretor do Gabinete de Urbanização Colonial, agradece a David Moreira da Silva o envio dos dois projetos realizados para Angola, o de Luanda e o de Gabela.

No dia 17 de abril de 1946, a Junta Local do Amboim transmite informação emanada do Ministério das Colónias ao urbanista portuense pelo Gabinete de Urbanização Colonial, sobre o anteprojeto que é atribuído à arquiteta e ao arquiteto urbanista do ateliê do Porto, considerado o plano de urbanização ser de uma maneira geral bem concebido, destacando a correção da largura excessiva dos arruamentos para uma cidade de planalto e valorizando um inquérito bem elaborado e importante para o sucesso deste plano realizado.

Em ofício nº 14/1946, de 17 de abril de 1946, o presidente da Junta Local de Amboim informa o urbanista que o ministro das Colónias aprovou o anteprojeto do plano de urbanização da Vila de Gabela e um mês mais tarde em maio David Moreira da Silva solicita que seja se faça o pagamento dos serviços prestados.

O plano final de urbanização de Gabela, datado de fevereiro de 1945[500], integra peças escritas, cartográficas e iconográficas e organiza-se em cinco capítulos: num um resumo histórico; num segundo capítulo, a importância e desenvolvimento ao nível do concelho; noutro capítulo, um estudo crítico da vila; ainda outro com elementos e princípios do anteprojeto do plano de urbanização (superfícies e percentagens, zonas, acessos, arruamentos, edifícios de interesse público) e finalmente o que enumera os regulamentos de zonas, de talhamentos e quarteirões. Aborda os diferentes elementos

[500] Cf. III Vol., Ficha nº20 dos Planos de Urbanização.

morfológicos do espaço a urbanizar: sistema viário, espaços públicos, espaços verdes, logradouros e todo o edificado.

Das peças escritas deste plano constam informações relativas a este espaço: Vila sede de concelho, Gabela localizada a cerca de 1.100 metros de altitude (zona cafezeira), encontra-se rodeada de terrenos férteis, num solo acidentado e plano com vegetação densa, com flora caracterizada pela existência de palmeiras, bananeiras, árvores altas, culturas de café excelente e várias espécies arbóreas, fauna pouco abundante (antílopes, onça, hiena …). Agricultura de pequeno valor, café, Palmar, cereais, sisal e algodão, rícino, arroz, feijão, mandioca, soja, batata, citrinos e pequena pecuária.

A atividade comercial é sem dúvida a mais significativa e indústria pouco importante. Localizada no interior mas próxima do litoral (cerca de 100 Km), aglomeração afastada em virtude do terreno acidentado e da densa vegetação, perto do porto de Porto Amboim, com caminho-de-ferro na qual se transportam pessoas e produtos agrícolas para exportação, boa rede de estradas e fácil ligação com a capital (via Quibala e Porto Amboim), Nova Lisboa, Vila Teixeira da Silva, Benguela, Novo Redondo. Do seu estudo crítico, evidenciamos as principais características da povoação, da qual o urbanista destaca no seu centro a existência de uma grande praça central e onde se localizam o edifício da Junta Local e da Administração do Concelho; os arruamentos que considera demasiado próximos uns dos outros, sobretudo os do seu lado norte e as pequenas vias de acesso do recém-adquirido edifício destinado a residência do presidente da Junta Local e ao Quartel da 7ª companhia Indígena de Caçadores, a Avenida do General Carmona; o caminho-de-ferro entre a estrada da Boa entrada e da referida Avenida; localizados paralelamente à Grande Praça: edifícios da Estação de caminho-de-ferro, Associação Comercial e Associação de Empregados; Correios, residências do administrador e do secretário de administração do Conselho, um Hotel e estabelecimentos comerciais que fecham parcialmente a praça. A Igreja Matriz, que informa ser de construção recente, o Hospital novo, atrás da Igreja (norte) que fica do seu lado oeste e o mercado situado a meio entre a Igreja e a Grande Praça, na Avenida do General Carmona e perto do caminho-de-ferro existe um padrão de homenagem aos soldados caídos durante a primeira guerra mundial. Neste documento, o urbanista critica os recém-construídos edifícios no meio da Grande Praça (escola e Administração) que dificultam o seu arranjo urbanístico, e sugere que o se deve atenuar

o terreno irregular da praça e dos seus alinhamentos, se devem suprimir alguns arruamentos e manter a rua que se dirige a norte desta praça a que lhe é paralela. Relativamente à linha de caminho-de-ferro esta devia bifurcar nesta vila. Considera que os edifícios que circundam a grande Praça se deverão manter até poderem ser edificados outros mais tarde, recuados para o alinhamento da planta de urbanização – resultando um arranjo mais equilibrado. A situação da igreja matriz é, na altura, considerada prejudicial para a composição urbanística da vila.

Com uma área livre desafogada e só podendo ser aproveitada para habitações numa pequena parte, devido ao baixo nível do leito do Mazungue e a baixa cota de outros terrenos situados nas suas margens propõe para um futuro quando crescer e se densificar a sua ocupação ….

Faltam espaços destinados a campos desportivos, podendo localizar-se na periferia na zona de residência da população branca e mestiça mas bem separados dela. Aqui David Moreira da Silva tal como ele e De Gröer enquanto homens de um tempo, propõem quer no plano de Luanda quer neste a separação da residência da população negra por considerarem de muito difícil a sua civilização, neste caso específico escreve: *Existem,* [terrenos para os campos desportivos]

> *[…]na periferia da área onde reside a população branca e mestiça, mas perfeitamente separados dela, alguns núcleos destinados à população preta. Esta útil medida profiláctica deverà ser mantida atravès dos tempos, pois por mais assimilado, o prêto nunca ou só muito tarde deixará de ter costumes, necessidades e maneiras diferentes das do branco*[501].

Partindo do princípio de que todos os núcleos humanos existem por vontade da sua população e que devem organizar a vida de forma a dar aos seus habitantes uma vida saudável por diversos motivos (habitação, trabalho, repouso e lazer …) levam à execução de um plano de urbanização e da sua prévia divisão em zonas fixas de acordo com as funções a que se destinam – zonamento- e ainda a aplicação de todas as ciências técnicas ao serviço do arranjo de uma cidade (saneamento, água potável, eletricidade, tratamento de lixos), visando a realização de uma cidade detentora de ordem na qual inclui a higiene social, a economia e a estética. Estes planos devem ser no entanto,

[501] FIMS/MSMS/0211-0020 – Peças escritas do Anteprojeto do Plano de urbanização de Gabela.

concebidos a partir de um conhecimento das características e necessidades locais e da região que a inclui

Como podemos nas figuras 398 e 399, o projeto proposto para o plano de urbanização da vila de Gabela foi realizado na sua maior parte. Pensado por aquele urbanista portuense como a indicação de linhas de orientação que facilitem e promovam o desenvolvimento harmonioso se uma aglomeração de acordo com princípios estéticos, de higiene e de habitabilidade a partir de uma distribuição racional do espaço. A partir de plantas da vila constata-se que as áreas mista de comércio/pequena indústria e habitação com a dos arruamentos é excessiva, a área dos espaços livres públicos insuficiente. Conservar tudo que seja digno disso e escolher e delimitar os lugares onde possa funcionar as instituições mais importantes, propõe a sua divisão em: duas zonas residenciais; uma zona mista de comércio, indústria e habitação, uma zona industrial, uma zona de espaços livres públicos, uma zona rural, um centro administrativo, um centro clínico e um centro de desporto. Propõe a redução de arruamentos,

Propõe duas zonas residenciais de acordo com o estatuto socioeconómico, sendo possível existir pequenos estabelecimentos, oficinas ou lojas (farmácias, mercearias, papelarias …as casas devem ser unifamiliares e sempre que tenham de estar agrupadas, ficar de tal forma que cada uma possa ter o seu quintal. Distingue duas zonas de acordo com o estatuto económico-social: uma para funcionários públicos e funcionários do comércio (H1) situada entre a grande praça e a igreja matriz – área que se localiza entre a avenida e a nova rua que passará em frente ao hospital velho e liga com a atual estrada de acesso e plantações do C.A.D.A.[502].

Se observarmos as duas fotografias (Figs. 404 e 405) dos anos 40 que David Moreira da Silva tirou e incluiu no seu projeto de urbanização, toda a área envolvente da igreja matriz não se encontrava urbanizada e estava rodeada de vasta vegetação, vendo-se o hospital por trás. Imagem que contrasta com as outras imagens deste templo que nos anos 60 e após 1975, em que a zona se encontra urbanizada e com uma rua que passa pela frente do hospital como sugere na memória descritiva e no esboceto deste plano.

Como se pode comparar a planta do esboceto do Plano de urbanização de Gabela e a fotografia aérea, este projeto foi executado, evidenciamos: a avenida fronteira à igreja matriz, os paços do concelho no topo da grande praça, a zona residencial Z1 que

[502] Companhia Agrícola de Angola.

se mantém, no lado noroeste e a Z2, tendo sido respeitada a edificação de uma moradia unifamiliar por lote com espaço de logradouro e afastadas da frente de rua assim como a altura[503], a ligação à rua que passa atrás da igreja, vendo-se ainda um impasse, constituído por uma pequena rua sem saída e com praça/rotunda de acordo com a cidade-jardim.

No capítulo destinado à regulamentação o urbanista divide a vila angolana em oito zonas: duas zonas residenciais – H1 e H2-; uma zona mista (Figs. 398 e 399); uma zona industrial – I-; outra zona destinada aos espaços livres e públicos – EL-; a zona rural – R-; o centro administrativo – A-; o centro clínico –CC - e o centro de Desportos-CD[504].

Nas duas zonas residenciais regulamentam-se o tipo de edificações, a sua altura, o tipo de cobertura das casas, a superfície de cada talhão e a área ocupada e livre para cada uma das zonas, distância entre fachadas e a rua e a lateral entre elas, e 5 metros recuadas do alinhamento. Nas duas zonas residenciais, de acordo com o Regulamento de zonas, só será permitida a construção de casas unifamiliares em cada um dos lotes, com dois pisos (r/ch e 1º andar), podendo possuir uma pérgula. Para a zona H1 cada lote ou talhão terá de ter no mínimo 600m^2 e 400m^2 na zona H2. Estes terrenos só poderão ser ocupados por construções até 25% da sua superfície total (H1) e até 30% na zona H2. Todas as edificações deverão estar recuadas 5m do alinhamento. Cada residência deverá ter o seu quintal.

Constata-se haver indicações diferentes para as duas áreas residenciais, sendo que para a que destina a Habitação de funcionários públicos e empregados de comércio a área é maior quer a nível do edificado quer da área livre relativamente a ambas previstas para a zona residencial destinada a operários (H2)[505].

Na Zona mista, edificações com fins comerciais (grosso e retalho), ao artesanato, habitação e profissões liberais e pode integrar equipamentos culturais (teatro e cinema), oficinas, garagens. Para esta zona a altura máxima permitida corresponderá a três pisos (r/ch, 1º e 2º andares), para os equipamentos culturais com mais de 300 lugares, os armazéns deverão ter acessos diretos e fáceis com a via pública, estacionamento de veículos, camionetas e para carregamento e descarregamento de mercadorias. Para estes edifícios representados na planta de urbanização, em cada quarteirão, alinhados ou

[503] Ver III Vol, Ficha nº 20.
[504] Ver III vol. Ficha nº 20 dos Planos de Urbanização.
[505] Idem, artigos 2º a 6º

recuados do alinhamento e com pátios e/ou espaços de ventilação e a superfície coberta deste tipo de construções tem de ocupar no máximo 60% da sua superfície a partir do 1º andar, no r/c pode ser de 100%.

Zona industrial, destinada a fábricas podendo ter algumas habitações adequadas às residências do pessoal que nelas tenham de permanecer. A altura e a superfície ocupada não têm limites e se perder em superfície poderá compensar em altura, estando proibida o carregamento e descarregamento de mercadoria em via pública [506].

Na Zona destinada aos espaços Livre Públicos deverá manter sempre a superfície ocupada pela vegetação por se tratar de uma área destinada a reserva de ar puro[507].

Sendo a zona rural destinada à atividade agrícola proíbe o talhamento do terreno e só se poderá edificar para exploração agrícola ou habitações para agricultores. Neste regulamento prevê a possibilidade de efetuar uma urbanização em propriedades de recreio e construção de casas desde que as propriedades tenham 5 hectares de superfície e que a parte a construir não ultrapasse 1% da sua superfície total. Toas as despesas nesta zona pertencerão aos proprietários e as edificações recuadas pelo menos 20 metros do alinhamento[508].

Para além destas áreas com funções definidas nos artigos 19º a 21º, o urbanista fixa disposições para o centro Administrativo, Clínico e de Desportos. Para o primeiro a altura corresponderá a três pavimentos, o segundo caso edificações hospitalares e de assistência social que de desenvolverão em altura ou horizontalmente e finalmente para a área destinada à prática de desportos só poderão edificar pequenos edifícios destinados a apoio àquelas atividades. Para esta zona poderão ser construídas: creche, grupo escolar e parque infantil público.

No regulamento dos talhamentos e Quarteirões, o urbanista define com precisão os conceitos de talhamento e quarteirão[509]e prevê situações em que os proprietários pretendam realizar um novo talhamento ou alteração de um quarteirão na área limítrofe

---

[506] *Idem, ibidem*, artigos 7º a 11º.
[507] *Idem ibidem* artigo 15º
[508] *Idem, ibidem* artigos 16º a 18º
[509] CF. III Vol., Ficha nº 20 dos Planos de Urbanização. vol. *talhamento, um grupo de talhões de terrêno destinado à construção de moradias, estabelecimentos comerciais ou industriais, quando o seu número é igual ou superior a dez, ou quando os terrenos, com qualquer número de talhões, são atravessados por uma rua nova. O conjunto de terrênos contíguos, mesmo quando cada um deles não tenha mais de dez talhões pertencentes ao mesmo proprietário, é considerado um talhamento. Chama-se quarteirão, um terrêno separado dos outros por meio de ruas.*

da Planta de Urbanização desta vila e aconselha em informar a Junta Local para que lhes sejam disponibilizados a planta do lugar de acordo com o Plano de Urbanização efetuado. E só poderão realizar deste que esta instituição local tenha autorizado e proibidas em outras zonas definidas para outros fins pelo referido Plano. Todos os projetos de edificação deverão ser previamente estudados e aprovados. Entre as regras a respeitar aquando da elaboração nos projetos de talhamentos e quarteirões estabelece um projeto de conjunto realizado à escala de 1:1.000 e 1:500 para os pormenores, desenhos nos quais devem ser representados a ligação com a rede de arruamentos, praças, campos de jogos e outros espaços livres e ligações com as redes existentes; as divisões dos terrenos com talhões e dimensões, disposição das edificações previstas (isoladas ou em grupos). Perfis longitudinais e transversais dos arruamentos a executar. Talhões destinados a habitação devem ter a forma preferencial retangular , sendo o lado menor paralelo à rua …

No anteprojeto do Plano de Urbanização de Gabela tal como no de Luanda, encontram-se claramente definidas diretrizes da cidade-jardim, clássicas e modernistas.

3.4.3.3. Os contactos com outras entidades angolanas

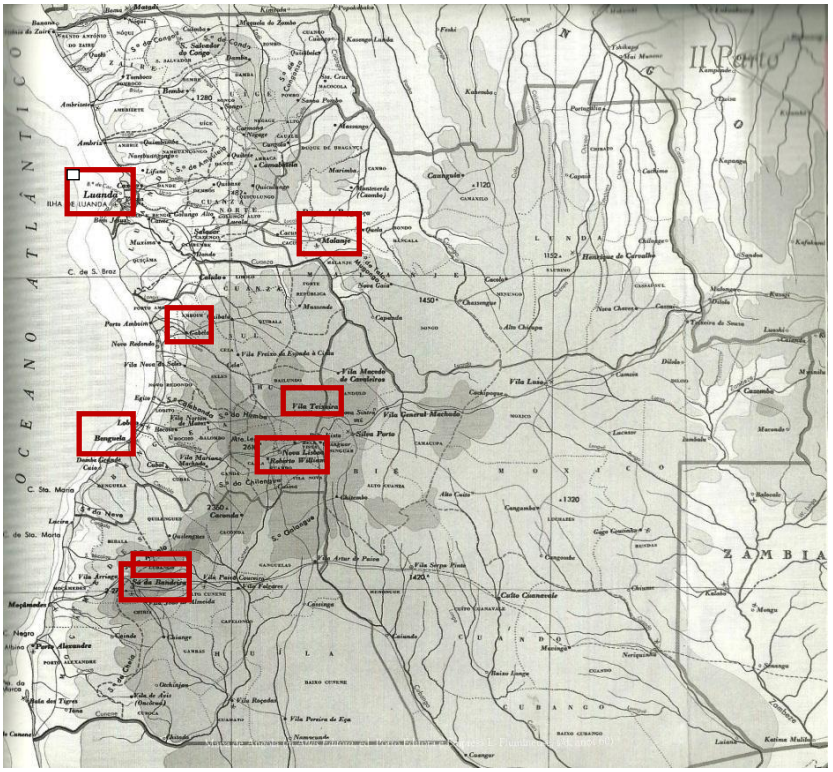


Fig. 408 - Mapa parcial de Angola com as localidades com que David Moreira da Silva trocou correspondência a propósito da realização dos planos de Urbanização [510], Luanda, Gabela (Porto Amboim),

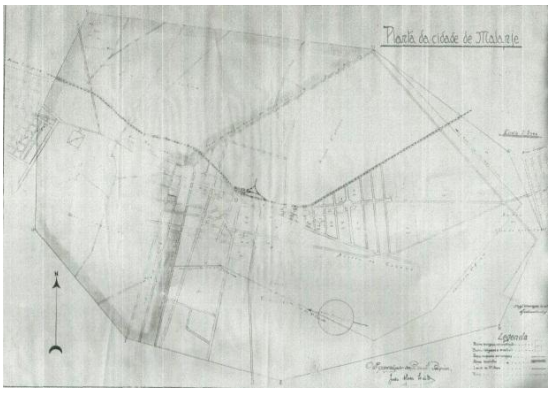


Fig. 409 - Planta da cidade de Malanje.
FIMS/MSMS/1969-pd04750



Fig. 410 - Planta de Caála
FIMS/MSMS/1969-pd04748

.

[510] FERNANDES, José Manuel – *Geração Africana. Arquitectura e Cidades em Angola e Moçambique*, 1925-1975. [s.l.]: Livros Horizonte, 2002. p. 65.

O ateliê na pessoa de David Moreira da Silva trocou muita correspondência com câmaras de várias cidades e vilas de Angola entre os Anos de 1942 e 1946 a partir de contactos pessoais tidos aquando da estada naquela colónia para a realização do plano de urbanização de Luanda. A maior parte dessa correspondência para propor às Câmaras a realização planos de urbanização e outra trocada com entidades particulares para a realização de duas casas geminadas, instalações para a empresa Mampenza e estudo de talhamento de parte da propriedade de D. Palmira Carmina dos Santos para construção de sete moradias todas em Luanda.

Em novembro de 1942, após a sua partida de Luanda[511], o arquiteto trocou correspondência com o presidente da câmara de Malange, sobre a elaboração de um possível plano de urbanização. Este autarca refere que sendo importante a realização de um plano de urbanização da cidade e após consulta da Comissão Administrativa da sua Presidência no dia 20 de novembro desse ano, conclui não poder assumir encargos demasiado elevados para o parco orçamento de que dispõe. Compromete-se contactar o urbanista quando houver possibilidade. O arquiteto não desiste e tenta ganhar o contrato através da indicação dos elementos necessários e prazos para a sua elaboração, informa ainda das condições especiais de pagamento conhecedor que é das dificuldades locais e afirma a importância da sua realização para *disciplinar urbanisticamente e de harmonia com os superiores interesses dos seus habitantes e prestígio da Nação, o desenvolvimento futuro* [512].

Nesse mesmo período contacta autarcas de outras Câmaras angolanas de Benguela, Lubango, vila de Robert Williams do concelho de Caála, vila Teixeira da Silva na província de Benguela, de Gabela concelho de Amboim para a realização dos seus planos de urbanização. Para esses autarcas o urbanista portuense envia sempre a proposta de realização dos planos de urbanização com uma referência à documentação de trabalho de que necessita, aos prazos a respeitar, às formas de pagamento, disponibilizando-se para a realizar[513]. Do dia 10 a 16 de agosto o arquiteto declara não se encontrar em Luanda, o que nos leva a supor a sua deslocação a outras localidades

[511] FIMS/MSMS/4237 -008.1, 008.2. e 008.3. Em 22 de junho de 1942 chega a Luanda e em 17 de agosto do mesmo ano parte para Lisboa onde chega a 7 de Setembro de 1942 (Carimbo de desembarque).
[512] FIMS/MSMS/4352 – carta enviada por David Moreira da Silva ao Presidente da Câmara de Malange, em 30 de novembro de 1942, para apresentar proposta de elaboração do anteprojeto do Plano de Urbanização da Cidade de Malange.
[513]Em ofício nº 221/1ª/8/42, de 21 de novembro de 1942, a Junta local do Bailundo, Vila Teixeira escreve a David Moreira da Silva, após reunião da Junta e informa-o de que não dispõe de rendimentos que lhe permitam a realização do plano de urbanização, dia

daquela colónia. Só em Setembro e agora na metrópole responde ao ofício nº 506 de 9 de agosto dirigido pelo presidente da Câmara de Benguela, na qual refere ter tido conhecimento da deliberação da Câmara Administrativa daquela cidade estar interessada na realização do plano de urbanização e na encomenda que lhe fez, disponibilizando-se para o realizar embora só possa voltar a Angola em junho de 1943 fato que em nada prejudica o estudo em causa uma vez que a câmara lhe pode enviar uma planta da cidade à escala de 1:2.000, 1:3.000 ou 1:5.000 e noutras escalas assim com curvas de nível.[514]. O presidente da Câmara de Sá da Bandeira, Eduardo Gonçalves Ferreira, em dezembro de 1943 escreve um ofício a David Moreira da Silva, referindo que tinha sabido pelo presidente da Câmara de Luanda da sua chegada à colónia e como a sua cidade se tinha desenvolvido e crescido sem controlo *cheio de defeitos que contrastam com as belezas com que a natureza a dotou* [515], estava interessado num plano de urbanização para essa cidade e deseja por isso ouvir a opinião do urbanista para a melhoria da cidade.

Na mesma altura, a Junta Local de Gabela pede a David Moreira da Silva que se desloque a esta localidade para fechar contrato, com a indicação que deve utilizar avião até Porto Amboim e de lá a Gabela o automóvel. As condições de acesso são difíceis e como o urbanista vem acompanhado da esposa, recém-casado, há portanto um enorme empenho demonstrado pela junta de Gabela na realização do plano de urbanização. Até 1946 o ateliê do Porto contactará com esta localidade, pedindo informações, fazendo correções ao seu plano que seria aprovado em abril de 1946.

[514] FIMS/MSMS/4352 – resposta de David Moreira da Silva ao ofício 506/45 de 9 de agosto de 1942, enviado pelo Presidente da Câmara de Benguela.
[515] FIMS/MSMS/4352 – ofício 484/214/43 de 2 de dezembro de 1943, dirigido pelo presidente da Câmara de Sá da Bandeira a David Moreira da Silva, em Luanda. O plano só será possível quando estivesse feito o levantamento topográfico, alguns meses.

3.5. Conclusões

David Moreira da Silva em colaboração com Étienne De Gröer, sozinho ou em parceria com Maria José Marques da Silva Martins, elaborou vários planos de urbanização em Portugal (áreas metropolitana, insular e ultramarina), maioritariamente, durante as décadas de 1940 e 1950, e exerceu a sua atividade de consultadoria para várias Câmaras.

A realização deste tipo de projetos obrigou o arquiteto a uma imensa troca de correspondência, com o MOPC e com as Câmaras Municipais, à realização de muitas viagens na metrópole, na zona insular e no ultramar num contexto de conflito mundial e durante o regime do Estado Novo.

Destacamos aqui os muitos diálogos e correspondência institucional trocada com o Funchal e, através dela, os contributos dados por David Moreira da Silva para o desenvolvimento/crescimento e modernização desta cidade.

Do trabalho realizado na área do urbanismo de DMS destacamos os planos realizados para Moledo do Minho, Águeda, Monte Real, Elvas, Matosinhos, Termas do Gerês, Amares, Barcelos, Aveiro, Guimarães, Valongo e Paredes (na Metrópole) e de Luanda e Gabela (no Ultramar). A sua discreta intervenção enquanto consultor urbanista das Câmaras de Guimarães, Aveiro, Matosinhos, Barcelos, Paredes e Valongo, onde participou na resolução de várias questões ligadas à sua organização.

As competências exigidas para exercer a atividade do urbanismo foram aprendidas aquando da sua formação no IUUP, com professores de referência internacional (Marcel Pöete, Gaston Jéze, Henri Sellier, Henri Prost, Jacques Gréber, Sebille, Oualid …) e através da sua experiência profissional.

DMS foi adepto dos princípios expressos pela teoria da cidade-jardim, foi, ainda, influenciado pelo movimento modernista e interessou-se particularmente pelo direito urbanístico.

Atuou na linha do urbanista Étienne De Gröer com o qual colaborou nos planos de Coimbra e de Luanda, na década de 1940.

Nesta área desenvolveu várias competências/capacidades específicas de um urbanista: a da reflexão e planificação do espaço urbano; atuação feita a partir do

trabalho em equipa com técnicos e instituições num trabalho demorado, sujeito a discordâncias processuais e nem sempre concluído.

Nos seus projetos de urbanismo lemos a aplicação de elementos morfológicos referentes à cidade-jardim: os impasses habitacionais; áreas residenciais de baixa densidade, ocupadas por moradias unifamiliares ocupando um lote com espaço verde e com casas recuadas do alinhamento; arruamentos/traçados viários curvilíneos ou retilíneos adaptados à morfologia do terreno e o respeito pelas pré-existências. É também, defensor do zonamento funcional enquanto facilitador da vida na cidade.

I VOLUME

Capítulo IV - A OBRA ARQUITETÓNICA

Palácio do Comércio



Fig. 411 - Pérgula do Palácio do Comércio FIMS/MSMS/Foto1679



Fig. 412 - Pátio do Palácio do Comércio FIMS/MSMS/Foto0016



Fig. 413 - Garagem subterrânea do Palácio do Comércio FIMS/MSMS/Foto1669

Santuário do Sameiro



Fig. 414 - Santuário do Sameiro FIMS/MSMS/Foto2092



Fig.415 - Cruzeiro Monumental – Santuário do Sameiro FIMS/MSMS/Foto0848

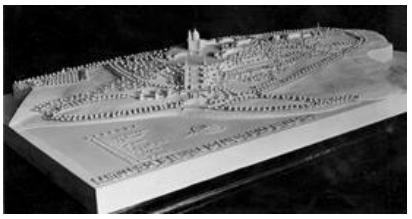


Fig. 416 - Maqueta Santuário do Sameiro FIMS/MSMS/Foto1673

S.C.P.O.P.P. Oficinas

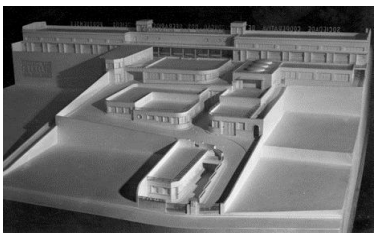


Fig. 417 - Maqueta – Oficinas Rua da Alegria FIMS/MSMS/Foto1682

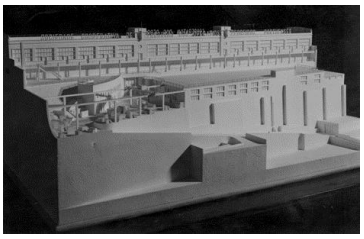


Fig. 418 - Maqueta – Oficinas Rua Anselmo Braancamp. FIMS/MSMS/Foto1681



Fig. 419 - Sede/Oficinas - Rua da Alegria. FIMS/MSMS/Foto0090

S.C.P.O.P.P. Edifício-Torre Miradouro



Fig.420 - Torre Miradouro, Rua da Alegria Fotografia: Maria do Carmo Pires



Fig. 421- Torre Miradouro, Rua Anselmo Braancamp.Fotografia: Maria do Carmo Pires

Hotel Savoy



Fig. 422 - Hotel Savoy. FunchalDisponível em WWW. URL: http://www.delcamp.net

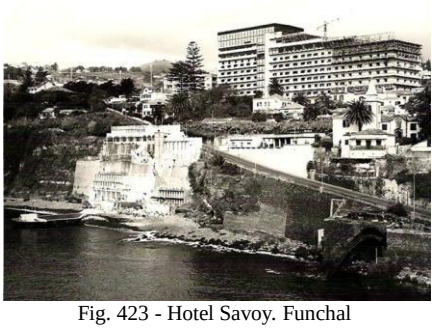


Fig. 423 - Hotel Savoy. Funchal
Disponível em WWW. URL: http://www.google.pt/imgres?q=hotel+Savoy+no+funchal&um=1&1=pt-PT&sa=N&biw=745&bih=552&tbm=isch&tbnid=1PYK64Ixu9Tm-



Fig. 424 - Anteprojeto de remodelação e ampliação do Hotel Savoy Funchal, 1947. FIMS/MSMS/2039-pd6166

Moradia Paiva Brites

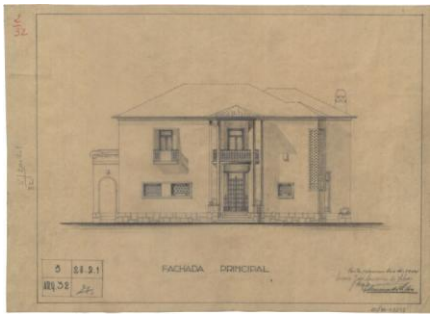


Fig. 425 - Moradia Paiva Brites, Funchal. FIMS/MSMS/4472-pd5243

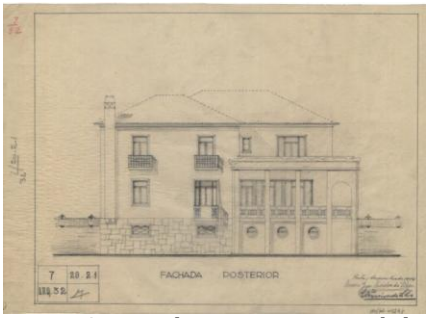


Fig. 426 - Moradia Paiva Brites, Funchal. FIMS/MSMS/4472-pd5245

Moradias Geminadas em Luanda

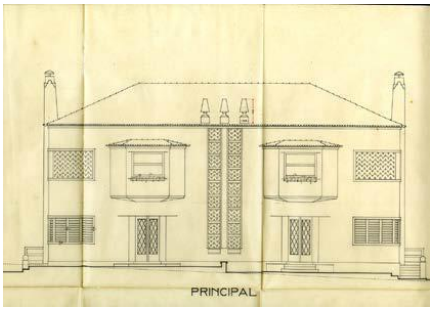


Fig. 427 - Moradia geminada. Luanda. FIMS/MSMS/4004-pd0007 [pormenor]

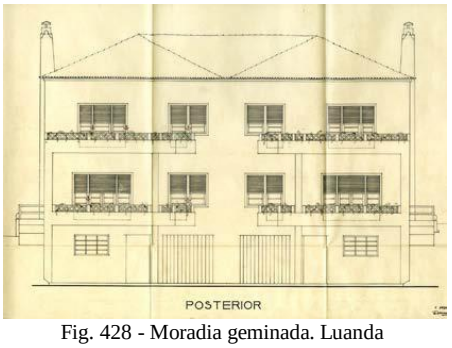


Fig. 428 - Moradia geminada. Luanda FIMS/MSMS/4004-pd0007 [pormenor]

4.1. Seis estudos de caso

Em toda a obra deste ateliê privilegiamos seis obras, três que consideramos de referência na cidade do Porto e na área da cidade de Braga (enquanto centro de peregrinações numa importante zona de religiosidade nacional) e três projetos não realizados, no Funchal e em Angola. Constituem exemplos representativos de diferentes tipologias, tempos, clientes, funcionalidades, duração de edificação e linguagens estéticas; caracterizam o contexto em que se integram; as primeiras três ainda existentes, *habitadas* e com uma significativa visibilidade. As outras três, apenas projetadas para as áreas insular e ultramarina.

O palácio do Comércio um edifício-quarteirão edificado em finais da década de 1940 e inícios da década seguinte, de linguagem plástica *art déco*, obra de referência da cidade de então e da cidade nossa contemporânea, surgido numa época em que no Porto se testemunham importantes transformações do seu tecido urbano. Das condições impostas pelo poder municipal e da vontade do industrial Delfim Ferreira construiu-se este edifício destinado a habitação, comércio e serviços, invólucro que monumentaliza o espaço que ocupa e os outros seus vizinhos. É um resultado da configuração do quarteirão, realizado a partir da demolição de pré-existências e do prolongamento e da Rua Sá da Bandeira.

O santuário do Sameiro, um equipamento religioso de culto mariano, localizado num sítio privilegiado e cujo projeto de urbanização, encomendado a este ateliê, parte das pré-existências e acrescenta, durante cinco décadas de edificação, os elementos vários que integram atualmente o todo do santuário e lhe conferem um valor simbólico, ainda hoje um lugar de peregrinação, de cultura e lazer.

As oficinas, o edifício sede, a torre residencial/albergaria e a academia José Moreira da Silva integram o conjunto edificado da rua da Alegria no Porto, para a Sociedade Cooperativa dos Operários Pedreiros Portuenses. Com finalidades distintas os diferentes corpos correspondem a distintos períodos de um mesmo espaço urbano, paulatinamente acrescentado (1930-1976). A primeira edificação, de preocupações cooperativistas, é posteriormente associada à construção de um edifício-Torre com outras valências - restaurante, albergaria e habitações para os membros da Sociedade e academia. Projetos pensados e executados em diferentes tempos, com funções e,

linguagens estéticas diversas, naquele espaço que foi sendo apropriado e hoje se encontra agregado, e se impõe no horizonte da cidade.

No Funchal, o ateliê projetou, em 1947, a remodelação e ampliação de um equipamento hoteleiro de referência, o Savoy Hotel e uma moradia particular, uma habitação unifamiliar, a edificar na zona oeste da cidade.

Em Luanda, duas moradias geminadas pensadas para a cidade.

4.1.1. Palácio do Comércio

4.1.1.1 Génese de um espaço: evolução do primitivo espaço e sua integração na cidade



Fig. 429 - Mapa representativo da evolução/ocupação de dois quarteirões da R. Sá da Bandeira, Porto. Autor: Arq. Miguel Tomé

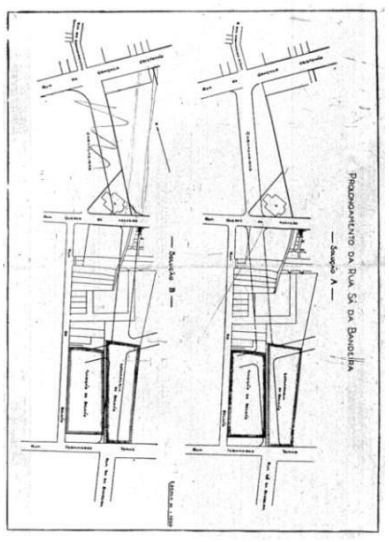


Fig. 430 - Prolongamento da rua Sá da Bandeira entre as ruas Fernandes Tomás e Gonçalo Cristovão, 1924.
AHMP – D-CMP-02-455-03-001

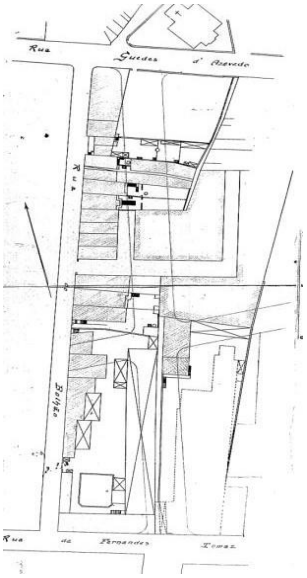


Fig. 431 — Prolongamento da rua Sá da Bandeira entre as ruas Fernandes Tomás e Gonçalo Cristovão,1926. AHMP – D-CMP-02-455-01 027

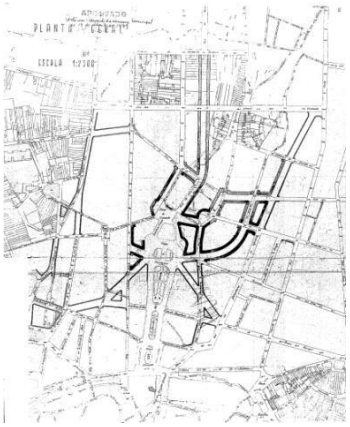


Fig. 432 – Planta Geral 13 abril de 1939. GEPGU in AHMP-- D-CMP-03-066-005

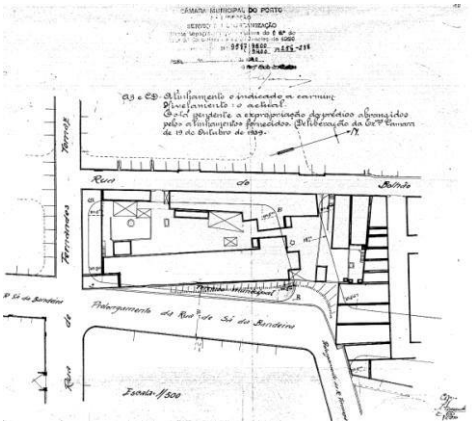


Fig. 433 - Projetos de Alinhamentos à volta do terreno ocupado pela Fundição do Bolhão1940. GEPGU in AHMP- D-CMP-03-066-010

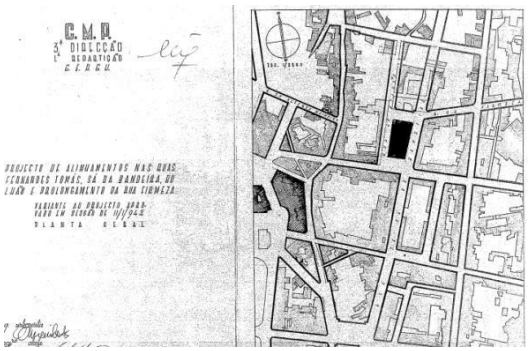


Fig. 434 – Projeto de Alinhamento nas ruas Fernandes Tomás, Sá da Bandeira, do Bolhão e da Firmeza, Abril 1942. Aprovado em Sessão de 11/1/1942.
AHMP-D-CMP-03-062-007

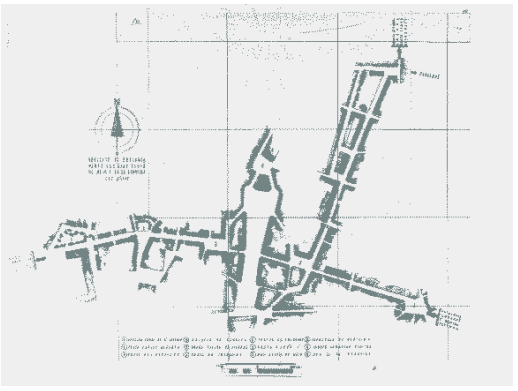


Fig.435 - Projeto de Prolongamento das Ruas Elísio de Melo e Sá da Bandeira, 1942.
AHMP-D-CMP-05-025-058

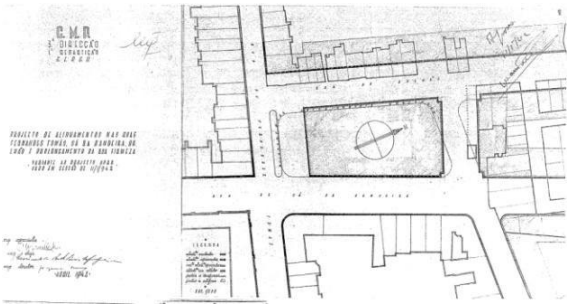


Fig. 436 - Projeto de Alinhamento nas ruas Fernandes Tomás, Sá da Bandeira, do Bolhão e da Firmeza, Abril 1942. Aprovado em Sessão de 11/1/1942. GPEGU in AHCMP - D-CMP-03-062-008

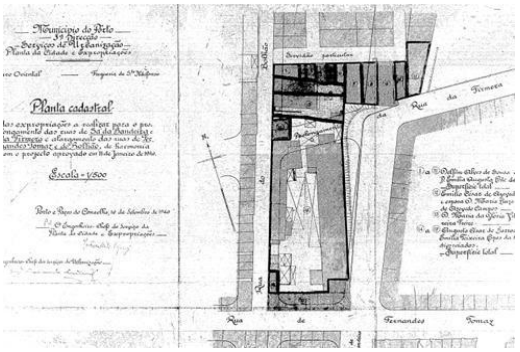


Fig. 437 - Planta Cadastral das expropriações arealizar para o prolongamento das ruas Sá da Bandeira e da Firmeza e alargamento das ruas de Fernandes Tomás e do Bolhão, projeto aprovado em 11 de janeiro de 1940. AHMP – D-CMP-05-025

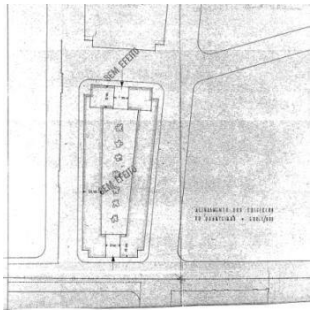


Fig. 438 -Alinhamento dos Edifícios do Quarteirão,1941. AHMP/D-CMP-05-025-011

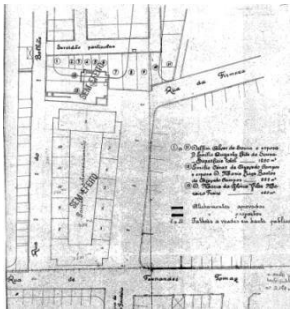


Fig. 439 - Talhões a vender em hasta pública, 1941. AHMP/D-CMP-05-025-012

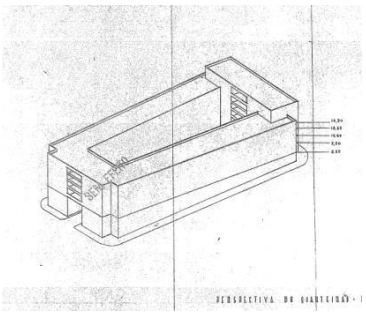


Fig. 440 -Perspetiva do Quarteirão, 1941. AHMP/D-CMP-05-025-013

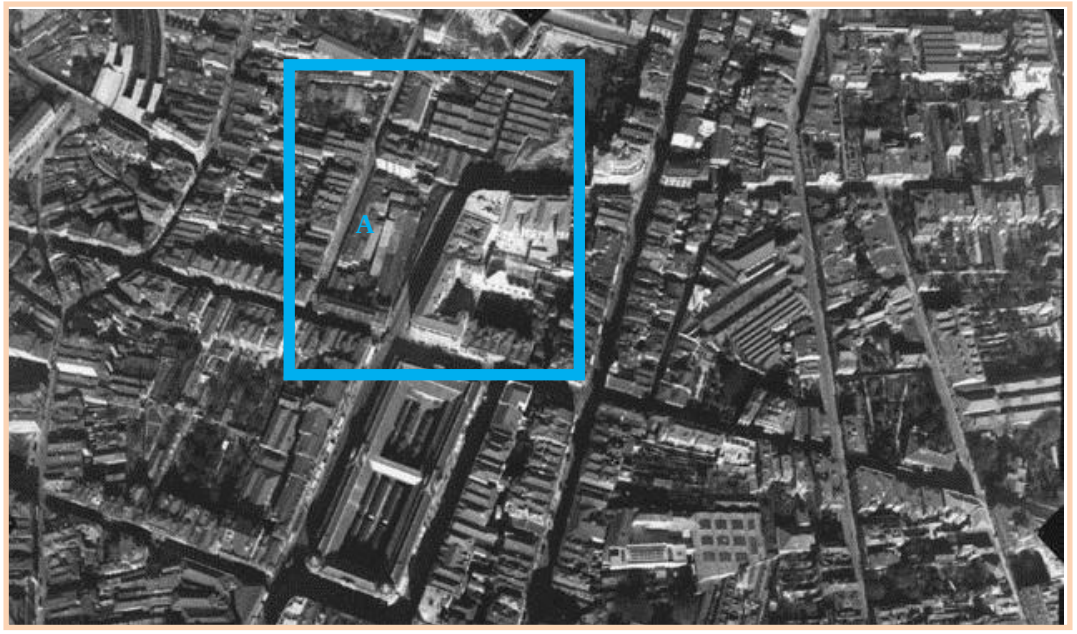


Fig. 441 - Fotografia aérea AHMP, zona de estudo

A – Fundição do Bolhão



Fig.442 - Construção do Palácio de Comércio, R. Fernandes Tomás, Arquivo do CPF – FOT/AL/007/004502



Fig. 443 - Construção do Palácio do Comércio, Rua Sá da Bandeira/Rua do Bolhão, Arquivo do CPF – Fot/ALV/007/030658



Fig. 444 - Construção do Palácio do Comércio, Rua Sá da Bandeira/Rua do Bolhão, Arquivo do CPF – Fot/ALV/002/028958



Fig. 445 -Construção do Palácio do Comércio, Rua Sá da Bandeira/Rua do Bolhão, Arquivo do CPF – Fot/ALV/004501

De um espaço materializado e memorizado, possuidor ainda de um aqui e agora, pretendemos captar simultaneamente o seu tempo e lugar imediatamente anteriores e contemporâneos à sua génese, tal como o vemos no presente, e tentar perceber como se deu a transição, em todas as suas vertentes, do lugar original para aquele que agora encontramos perfeitamente consolidado no tecido urbano.

O nosso olhar parte dos documentos iconográficos (fotografias, plantas da cidade, projetos de melhoramento e de urbanização urbanas, plantas/fachadas e cortes de edifícios) e dos escritos (legislação, memórias descritivas e justificativas, imprensa, correspondência/ofícios entre dono de obra, Câmara Municipal, Serviços Urbanos, registos prediais e ateliê) para criarmos os nossos próprios esquemas/representações de concetualização/interiorização e compreensão do lugar e edifício quer a nível simbólico, quer a nível antropológico e sociológico.

Do espaço urbano a que um edifício-quarteirão - o Palácio do Comércio - pertence e define, pretende-se apreender toda a *humanidade viva*[516], pessoas, intenções, vontades e época – fatores que se encontram na essência da sua criação e ainda desses mesmos enunciados, mas transpostos para o nosso tempo – novas vivências de outras realidades; entender de que forma o espaço ainda existente e no qual se integra, convive com um outro que não aquele que presidiu à sua conceção, e é vivenciado – o espaço atual.

O Palácio do Comércio ainda hoje subsiste com a mesma monumentalidade e importância ainda que outra para a qual foi pensado, continuando a ser uma referência/ um ícone[517] da cidade: *Trata-se de um edifício da apropriação de modelos fachadistas de influência francesa, afirmando um desejo claro de monumentalização do imóvel e da própria rua.*[518] Quando referimos ser um espaço edificado para ser habitado e simultaneamente constituir um símbolo e referência dos tempos atuais queremos sublinhar que continua a impor-se ao cidadão e, na linha do pensamento Michel

[516] SENA, Jorge de - *Metamorfoses.* Lisboa: Moraes Editora, 1963. Este termo pretende significar o mesmo que a expressão *Humanidade Viva* utilizada por Sena: *[…] E a alegria que sinto, no Museu Britânico ou no Louvre,* **[…]** *uma humanidade viva, gente viva, pessoas, sobretudo pessoas".*

[517] LAMEIRA, Maria Gisela Antunes – *A Rua Sá da Bandeira no Porto. Topologia(s) do habitar colectivo*. Vols. I e II. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, Dissertação para obtenção de Mestrado em Estudos do Espaço e do Habitar em Arquitetura, junho de 2010. Vol. I p. 32. Nesta tese a autora considera o Palácio de Comércio um ícone do poder.

[518] *Idem*.

Foucault, *[…] uma arquitectura que olha, espia, vigia*[519] – Edifício cujo caráter de referência arquitetónica e artística domina um espaço e todos aqueles que nele habitam, nos revela a sua relação com os anteriores e atuais poderes económico, social e político e se afirma com a mesma força, enquanto forma geométrica, silenciosa mas impositiva.

Vemo-nos assim tentados a olhá-lo de um modo que tenta colmatar algumas das interrogações/lacunas que estiveram presentes aquando da sua conceção, agora perdidas, validando hipóteses reveladas pela vasta informação constante das fontes primárias e pelo seu cruzamento, estabelecendo ligações. *Os estudos da relação entre a cidade e o indivíduo colocam, por vezes, questões bem complexas dadas a dificuldade em abrangê-las. É compreensível, dada a dificuldade em abrangê-las num pensamento ou imagem de síntese* [520]. No entanto, conscientes que partimos de informação oficial e particular de fontes díspares, a nossa síntese é interpretativa apesar da nossa intenção de objetividade nas relações do edificado com as exigências económicas políticas, sociais e territoriais, numa cidade que, como qualquer outra, resulta da materialização de espaços e vivências e, neste caso, da forma como olhamos, valorizamos, experienciamos esse espaço particular.

Iniciamos a abordagem ao nosso objeto de estudo a partir de um momento específico de transformação de um espaço no qual o edifício se insere enquanto expressão de um determinado grupo social e da ação do poder sobre ele.

Na cidade, na década de mil novecentos e vinte, o poder municipal enceta um processo de transformação do seu tecido urbano, através da abertura, prolongamento e retificação de vias que visam sobretudo facilitar a circulação, o desenvolvimento de uma nova centralidade pensada para habitação, comércio e serviços de uma cidade em expansão. Estudos estes incluídos noutros cujo planeamento se torna obrigatório para esta cidade e para Lisboa, por diploma de 1865, altura em que se cria *a figura do Plano Geral de Melhoramentos que vigorará até 1934*[521], em consequência do grande crescimento das duas principais cidades.

Urbanizar torna-se sinónimo de planear um determinado território/aglomeração de forma a ordenar, embelezar, higienizar e melhorar a vida de qualquer cidadão, e

[519] CORTÉS, José Miguel – *Políticas do Espaço. Arquitectura, Gênero e Controle Social*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008, p. 7.
[520] CRAVEIRO, Maria José Rainho - "A visão da Cidade em Nelly Sachs. Espaço de Opressão ou de Libertação". In SILVA, Helena Gonçalves da (org.) – *A Poética da Cidade.* Lisboa: Edições Colibri, 2003, p. 67.
[521] LÔBO, Margarida, ob. cit., p. 13.

constituir ainda uma metáfora do poder político e social que se encontra por trás da transformação da cidade que se pretende enquanto *espaço de representação*[522] e *planejamento social e de institucionalização das tecnologias de poder*[523]. Desta época são as plantas representadas nas duas figuras supra (Figs. 430 a 439) que propõem a intervenção e a transformação da cidade, particularmente para este espaço cujas pré-existências serão sacrificadas em prol de uma nova organização, uma vez que a rua de Sá da Bandeira deixa de ser encarada de uma forma isolada para passar a ser pensada como um dos muitos espaços que integram a cidade. Assim, deve articular-se quer com o seu espaço principal (Praça do Município) quer com outros, de molde a facilitar toda a circulação e a contribuir para toda a organização urbana[524]. Nesta lógica de organização urbana o município define os quarteirões situados em Sá da Bandeira entre as ruas Fernandes Tomás e Gonçalo Cristóvão e legisla no sentido de definir prazos e normas de edificação. Toda esta ação deve ser compreendida no contexto da década de 1940, logo após o decreto-lei nº 24.802 de 27 de dezembro de 1934, em que o Estado Novo, através do MOPC e do seu ministro Duarte Pacheco, impõe a todas as câmaras municipais a realização de planos de urbanização flexíveis e adaptados à medidas das novas necessidades dos espaços a urbanizar e sem as quais não permitem a realização de qualquer obra. Para além da obrigatoriedade da realização de plantas topográficas deverão ainda os municípios elaborar planos gerais de urbanização *em ordem a obter a transformação e desenvolvimento segundo as exigências da vida económica e social, da estética, da higiene e da viação, com o máximo proveito para os seus habitantes* [525]. Para a apresentação ao Estado das plantas topográficas define-se um período máximo de três anos para a abertura e organização de concursos e outros três a partir da data de aprovação destas para a realização dos planos gerais de urbanização[526]. Neste caso pode o Governo aceitar a alteração/prorrogação do prazo por razões devidamente justificadas.

A Câmara do Porto devia elaborar, no prazo de cinco anos, o seu Plano Geral de Urbanização. Desta decisão surgiram os estudos realizados pelo engenheiro Ezequiel de Campos (1932) e pelos urbanistas italianos arquitetos Marcello Piacentini (1938-40) e

[522] CORTÉS, ob. cit., p. 39.
[523] *Idem*, p. 41.
[524] Ver Fig. 432. AHMP – Planta Geral 13 abril de 1939 – GEPGU in AHMP-- D-CMP-03-066-005
[525] Artigo 1º do Decreto-lei nº 24.802 de 27 de dezembro de 1934 e Projeto de Alinhamento nas ruas Fernandes Tomás, Sá da Bandeira, do Bolhão e da Firmeza, Abril 1942 Aprovado em Sessão de 11/1/1942, AHMP-D-CMP-03-062-007.
[526] Artigos 6º e 8º do Decreto-lei nº 24.802 de 27 de dezembro de 1934.

posteriormente Giovanni Muzio (1940-1943), estudos esses que antecederam o Plano Regulador do Porto, da autoria do engenheiro Antão de Almeida Garrett – 1947-54 (apreciado e aprovado pelo Conselho Superior de Obras Públicas) e o Plano Diretor da Cidade do Porto, sob a direção de Robert Auzelle - 1960-62- (apreciado e aprovado pelo Conselho Superior de Obras Públicas)[527]. A conceção do edifício em estudo é simultâneo ao da conceção e construção de um outro tipo de cidade.

Nas figuras 430 e431, representam-se as propostas de prolongamento da rua Sá da Bandeira, expropriações e definição do quarteirão, num estudo integrado entre 1939 e 1942. Com a criação do Gabinete do Estudo do Plano Geral de Urbanização, em 1939, iniciam-se estudos de pormenor de várias zonas da cidade a partir dos quais se conclui exigir que qualquer intervenção na cidade deve ter em conta fatores tal como refere a arquiteta Gisela Lameira

> *[…] os processos de intervenção urbana são um sistema cada vez mais complexo que a todos os outros factores […] (as preexistências, proprietários,* topografia, expropriações, etc.), *se juntam agora as questões da definição do espaço livre da cidade, a configuração das unidades quarteirão, a regulamentação da edificação, sob o ponto de vista higiénico e também estético, e a própria consideração dos alinhamentos e traçados desse ponto de vista* [528].

Integramos ainda fotografias existentes no AHMP e CPF, documentos que nos permitem visualizar o espaço, entre 1939/40, representado na fotografia aérea. Nesta se vê o tipo de ocupação desordenada dos terrenos ocupados pela Fundição do Bolhão e do espaço urbano situado a norte Fernandes Tomás até à rua de Gonçalo Cristóvão. Constituiu isso uma justificação para a sua regularização e para a demolição de uma pré-existência - a Fundição do Bolhão – e para o início da construção de infraestruturas/alicerces do futuro edifício-quarteirão do Palácio do Comércio.

Partimos de uma ata de reunião da Câmara Municipal do Porto, de 7 de setembro de 1939, para contextualizarmos o início do estudo e da aprovação da realização daquele edifício-quarteirão, pensado e integrado num novo espaço originado pela vontade de transformação e modernização urbana do Porto. Este edifício como qualquer outro encontra-se ligado à cidade e esta a ele, o espaço estudado gera-o e ele próprio

[527] LAMEIRA, op. cit., p. 26.
[528] LAMEIRA, op. cit., p. 43.

configura um novo espaço. Na ata lê-se a urgência de concluir os projetos de prolongamento e regularização da rua de Sá da Bandeira entre a rua Firmeza e a rua Fernandes Tomás[529], e *de alargamento das Ruas Fernandes Tomaz e Bolhão e prolongamento da Rua Firmeza*[530]. Para que este projeto pudesse ser realizado havia que expropriar, entre outros, todos os terrenos e prédios que pertenciam ao Dr. Augusto César Barros e a dona Emília Teixeira Lopes, proprietários de casas de habitação nas rua do Bolhão (com os números 86 a 94) e prédio de várias construções, barracões, alpendres e terrenos com 3216 m^2 onde se encontrava instalada a Fundição do Bolhão, (no nº 32 da rua do Bolhão)[531]; e outras casas da mesma rua; na rua Fernandes Tomás, casas de rés-do-chão,1 andar e sótão (com os nºs 740-742 e 744); casas, terreno e anexos onde se encontrava instalada a Fundição do Bolhão.

---

[529] AHCMP – Boletim da Câmara Municipal do Porto nº 180 de 16 de Setembro de 1939, Acta da reunião de 7 de setembro de 1939, p. 119. Projeto aprovado no dia 25 de outubro de 1934.

[530] *Idem*. Projeto aprovado em 13 de abril de 1939.

[531] 1ª CRPP – Livros de Descrição Predial: B 52, fl. 8; B 145, fl. 73; B 147, fl. 77v; B150, fls. 147v- 149; B 151, fl. 24v. Livros de Inscrições de Transmissão nºs: G 16,fls. 150v/151; G 17, fl. 150v; G 50, fl. 6; G 55, fl. 62; G 51, fl. 191; G 55, fl. 62; G 56, fls. 116-116v; G 57, fl. 49v e fl. 100v.

No livro B 52, fl. 8, Nº 14.903 – *Casa d'um andar para a frente e nas trazeiras* [?] *edificações, onde se acha montada uma fábrica de fundição de moldes e outras oficinas, denominada Fundição do Bolhão – é situada na rua Fernandes Thomaz nºs 350 a 366, com frente para a travessa do Bolhão nº 2 a 14 – freguezia de Santo Ildefonso.*

Confronta do Norte com Joaquim de [?], *do sul com a rua, do nascente com Joaquim António da Silva Guimarães e outro e do poente com a travessa do Bolhão e* [?] *[…]1876.*

No livro G16, fls. 150v/151: N.º 9457 *Em 19 de Fevereiro de 1887 D. Maria da Glória Ribeiro Faria Guimarães, proprietária d'esta cidade, representada por seu procurador, António José da Costa Bastos […] pela apresentação nº 5 de 31 de Março de 1885, apresentou sob o nº 4 do diário n'esta conservatória uma carta regia de remissão passada em Lisboa aos 19 de Janeiro de 1887, referendada pelo Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Fazenda Marianno Cyrillo de Carvalho, registada sob o nº 4991 fl.191 do Lº 17 […]*

Por esse documento inscrevo definitivamente [fl. 151] em favor da apresentante a transmissão do domínio directo de um foro annual de quinze reis em dinheiro com o laudemio de quatro um [*?*] *, que se pagava á Mitra do Porto, sendo-lhe permitida a remissão dito foro e laudemio pela quantia de seiscentos setenta e cinco mil duzentos e três reis, de que se pagou a respectiva contribuição de registo; e que era imposto nos prédios d'ella apresentante situados na rua do Bonjardim e travessa do Bolhão, já descriptos no Lº B 51 fl 199 sob os nºs 4887 e 1488, no Livro B 52 fl. 8 sob o nº 14903 e no Livro B 84 fl. 17 sob o nº* 27381*¸os quaes ficam livres d' esse encargo em virtude da referida remissão e pela consolidação dos dois domínios.*

No Livro B 150, fl. 148, sob o n.º 53281: *Prédio composto por várias construções, barracão, alpendres, e terreno, com a superfície total de três mil duzentos e dezasseis metros quadrados, onde se encontrava instalada a Fundição do Bolhão, sita à Rua do Bolhão, nº 32, da freguesia d e Santo Ildefonso. Confronta do norte com Dona Maria da Gloria Vilar Moreira Freire, do sul com o Dr. Augusto Cesar de Barros e outros, do nascente com terreno sobrante da expropriação da Estamparia do Bolhão, para prolongamento da Rua de Sá da Bandeira, e do poente com o Dr Augusto de Cesar Barros e outros, e com a rua do Bolhão.*

No Livro de Inscrição de Transmissão G 56, fl. 116v, sob o nº 44.812 de 24 de Setembro de *1941 Fica inscrita a favor da Camara Municipal do Porto, a transmissão, no valor de oitocentos e vinte e quatro contos, do prédio nº 53.281 fl 148 do Livro B150, por lhe ter sido adjudicado por sentença de 1 de Abril de 1941, com transito em julgado, nos autos de expropriação para utilidade publica em que o registante é expropriante e expropriados o Doutor Augusto Cesar de Barros, medico e proprietário […] fl 116v desta cidade e Dona Emília Teixeira Lopes da Rocha, da rua Diogo Cassels, 106, em Vila Nova de Gaia.*

Numa outra reunião de 19 de outubro e 1939, determina-se que para o alinhamento da rua Sá da Bandeira se deve expropriar todo o prédio que integra a área necessária[532] e possibilitar, assim, de uma forma rápida, a urbanização desta área da cidade. Já nesta reunião o Dr. Espregueira Mendes manifesta o desejo de construir naquela zona um *edifício condigno*[533] só possível com a expropriação total de uma área central da cidade cuja estética é considerada manifestamente prejudicada pela fundição e cujos edifícios, que agora se encontram visíveis, são julgados indignos de continuar a ocupar aquela zona do Porto. O projeto de urbanização aprovado para aquele espaço teve em conta as necessidades de estacionamento que deveriam estar solucionadas perto de um edifício importante *e com possível derivação nova da Praça do Município através do quarteirão limitado pelas ruas Bomjardim, Formosa, Sá da Bandeira e Fernandes Tomaz.* Na planta constante da fig.437, encontra-se delimitado todo o quarteirão a expropriar por decisão desta reunião de 19 de outubro de 1939.

[532] AHMP - Boletim da Câmara Municipal do Porto nº 189 de 18 de Novembro de 1939, Acta da reunião de 19 de Outubro de 1939, pp. 462-463.
[533] *Idem*, p. 462.

4.1.1.2 O processo de aquisição do terreno, o cliente e encomenda do edifício

No mês de setembro de 1941, fica inscrita a favor da Câmara Municipal do Porto, a transmissão dos prédios e terrenos que integravam aquela zona da cidade, por adjudicação de sentença dos meses de março, abril e setembro, expropriação realizada de uma forma amigável e datada daquele ano, com o Dr. Augusto César de Barros e D. Emília Teixeira Lopes da Rocha[534].

Em 1 de julho do ano de 1942, a Companhia de Seguros Império, Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada, com sede em Lisboa compra este terreno à Câmara Municipal do Porto, por dois milhões e quinhentos escudos com as condições de construção previamente definidas pelo Município[535] e, em 26 de fevereiro de 1943, esse mesmo espaço encontra-se agora inscrito em nome da Firma Ferreira & Filhos Limitada, por aquisição de Delfim Ferreira a essa Companhia de Seguros, compra realizada pelo mesmo valor da anteriormente mencionada, no dia 21 de janeiro de 1943, tendo de observar as condições anteriormente referidas para construção. Essas condições impõem: a utilização do terreno para construção de um edifício destinado a atividades comerciais ou a habitação, estando a sua utilização para a atividade industrial proibida; o projeto do edifício a CONSTRUIR terá de ser realizado e apresentado num prazo de um ano, a partir do dia de 1 de julho anterior; a construção do edifício deve começar 60 dias após a licença municipal e concluído dois anos passados sobre essa licença, podendo este último prazo ser prorrogado uma só vez pela Câmara, desde que esta considerasse justificável.

No caso das condições anteriormente referidas não serem respeitadas o terreno e todas as benfeitorias nele realizadas poderão passar para a posse da Câmara no caso de: o projeto não ser aprovado, se a empresa adjudicatária não fizer as modificações sugeridas pelos Serviços Competentes, no período de quatro meses posteriores à notificação; se não forem respeitados os prazos enunciados nas 2º e 3ª condições. O

[534] 1ª CRPP – Livros de Inscrição de Transmissão G 56 fls. 116-116v, inscrições nºs 44.811, 44.812, 44.813, 44.814 os prédios com os nºs 53.280; 53.281; 53.282; 53.283 do livro de Descrição predial B 150, fls. 147v a 149.

[535] 1ª CRPP – Livro de Inscrição de Transmissão G 57 fls. 49v e 100v, inscrições nºs 45.357, 45.549, o terreno descrito com o nº 53.408 do Livro de Descrição Predial B 151, fl. 24v. A inscrição de transmissão foi realizada no dia 1 de Outubro de 1942.

Município compromete-se a devolver o dinheiro pago pelo terreno e a pô-lo à venda em hasta pública, no caso de se verificar esta situação.

A Fundição do Bolhão começa a ser demolida e no espaço que anteriormente ocupava inicia-se a construção daquele edifício que viria a ser uma referência da arquitetura da cidade, o edifício-quarteirão do palácio do Comércio integrado na política de planeamento urbano da cidade. Lembramos e as palavras do arquiteto Manuel Mendes relativamente ao arranjo urbanístico daquela zona e à necessidade do prolongamento da Rua Sá da Bandeira *(entre as ruas Fernandes Tomás e Gonçalo Cristóvão) encarada como numa unidade espacial cuja conformação se perspectivaria no complexo morfológico e circulatório do centro da cidade*[536].

A fisionomia do anterior espaço, considerada indigna por parte de um dos Vereadores da Câmara Municipal do Porto[537], ocupado por casas, anexos e terrenos da antiga Fundição, seria alterada por iniciativa deste órgão municipal. Concretizar-se-ia um dos seus objetivos – a urbanização rápida e condigna de um dos seus espaços com a demolição de uma pré-existência. A cidade impunha a criação de novas infraestruturas viárias, comerciais e de serviços

A Câmara assume um papel de mediador ao expropriar todos os prédios, terrenos e ao impor condições de edificação naquela zona, excluindo qualquer possibilidade da existência de atividade industrial naquela área. Define, desta forma, o tipo de ocupação ao nível formal e funcional daquele espaço urbano e humano que deveria responder a todas as necessidades da cidade e dos seus habitantes[538]. Define o tipo de ocupação do quarteirão, a parte destinada à edificação e a pátio que deve ter as valências de parque de estacionamento arborizado e área destinada a carga e descarga de mercadorias, com acesso pelos seus lados menores (Ruas Fernandes Tomás e Firmeza). Este edifício foi inicialmente pensado para ter rés-do-chão, quatro andares, ser ocupado no seu subsolo e com a mesma cércea dos outros edifícios. Impõe-se a ocupação do rés-do-chão para comércio, os outros pisos para escritórios, consultórios e habitação, a cobertura em terraço ou telhados de quatro águas. Relativamente aos

[536] MENDES, Manuel - "Rua Sá da Bandeira" In *Porto, Guia da arquitectura moderna".* Ficha 5. Porto; Secção Regional do Norte da Ordem dos Arquitectos e Livraria Civilização Editora, 2001.
[537] AHMP - Boletim da Câmara Municipal do Porto nº 189 de 18 de Novembro de 1939, Acta da reunião de 19 de Outubro de 1939, p. 463.
[538] PIRES, Maria do Carmo – *Palácio do Comércio.* Porto: Fundação Instituto Arquiteto Marques da Silva – FIMS, (documento digital). Disponível em WWW.URL: http://fims.up.pt/index.php?cat=45&subcat=15&subsubcat=17&proj=13

materiais a utilizar na fachada há uma clara instrução para que seja de cantaria de granito no rés-do-chão e 1º andar. Esta é uma de algumas memórias descritivas realizadas para esta zona, em inícios da década de quarenta, com o objetivo de pensar a edificação num quarteirão que deve ser entendido como um todo e construir um novo tipo de espaço urbano, mais uniforme, mais digno. Daí a necessidade de regular todas as etapas de construção desde as cota, aos materiais, às coberturas.

Surge assim, na cidade um novo espaço urbano, uma nova forma de *habitar*[539], *uma nova identidade construída no tempo*[540]. Este novo lugar é entendido aqui como um espaço existencial de todos os seus habitantes que o escolhem como residência e convívio, local de trabalho e/ou de circulação *de estar-entre e ser-com*[541].

De acordo com palavras de Maria Filomena Mónica[542] a fundição do Bolhão não era, na altura, uma indústria concorrencial e representava um agente de poluição no centro da cidade. Quando foi oportuno, Delfim Ferreira, um dos criadores e herdeiro da fortuna de uma das famílias mais poderosas da época, ligada à indústria têxtil, e como representante da Firma Ferreira e Filhos, Lda., continua a investir num outro setor, o da especulação imobiliária, ao comprar o terreno delimitado pelas ruas da Firmeza, Sá da Bandeira, Fernandes Tomás e Bolhão para construir edifícios mistos de rendimento. Este industrial é o terceiro filho de Narciso Ferreira, industrial de Riba d'Ave, nascido em Riba d'Ave, em 13 de dezembro de 1888, *estudou na Alemanha, na Real e Imperial Escola de Reichenberg, onde completou o curso de técnico industrial […]*[543]. A sua formação desde sempre pensada/desejada pelo pai originaria um dos grandes homens de negócios da época - Delfim Ferreira um homem de grande visão estaria na origem do aparecimento de novas indústrias têxteis das quais destacamos a: Fábrica de Fiação e Tecidos de Vila do Conde, a Empesa Têxtil de Arcozelo, na Granja, a Empresa Industrial de Sedas, em Vila Nova de Gaia, a Sociedade Industrial do Mindelo. O seu nome esteve também ligado ao desenvolvimento do setor hidroelétrico do país,

[539] PEREIRA, Paula Cristina - *Condição humana e condição urbana*. Porto: Edições Afrontamento, 2011, p. 35.
[540] *Idem*.
[541] *Idem, ibidem*, p. 37.
[542] MÓNICA, Maria Filomena – Capitalistas e Industriais (1870-1914). IN Análise Social, vol. XXIII (99), 1987-5º, pp. 819-863. Disponível em WWW. URL:http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223028371 W4lFY9ix0Ky28XO1.pdf, p. 834 […] *O caso mais patético era o da Fundição do Bolhão: depois de dezenas de experiências, continuava a fazer tachos que pesavam mais de 400gr do que os importados. Sempre que os fundidores os tentavam fazer mais leves estalavam! [..] O leitor estará certamente cansado de fábricas, fumos e fuligem. […]*.
[543] Ferreira. Delfim in BARRETO, António; MÓNICA, Maria Filomena (coord.) - *Dicionário de História de Portugal*. vol. VIII. Suplemento F/O. Porto: Figueirinhas, 1999, p. 29.

promovendo a fundação das Companhias Hidro-Elétrica do Varosa e do Ermal cuja fusão, permitida por Duarte Pacheco (1943), daria origem Á CHENOP (Companhia Hidro-Elétrica do Norte de Portugal). Mais tarde, criou, a convite do governo, a empresa HIDOURO (Hidro-Elétrica do Douro)[544]. Destacou-se na atividade industrial concebida de acordo com as mais inovadoras e avançadas técnicas da altura, e também numa outra atividade económica – a agrícola. Nesta área, desempenhou, ainda, um papel de referência ao fomentar a modernização das suas propriedades *no Minho e Douro, onde introduziu novos métodos de roteamento e plantação de vinha* [545]. No setor imobiliário, para além da participação na abertura da zona em estudo na cidade do Porto, a rua Sá da Bandeira, e da construção de grandes blocos mistos de residência e comércio, entre os quais o Palácio do Comércio e do Hotel Infante de Sagres, na Praça D. Filipa de Lencastre, também, em Lisboa, investiu em empreendimentos urbanos nas avenidas António Augusto de Aguiar e Sidónio Pais.

Nesta zona da cidade já tinha iniciado a construção, nos dois gavetos da rua Sá da Bandeira e Firmeza, com edifícios de rendimento encomendados ao ateliê de Passos Júnior [546]. Na cidade do Porto seria mecenas e ajudaria em diversas obras (adro/ portão e Igreja de Nossa Senhora da Conceição) e a nível político, enquanto Procurador à Câmara Corporativa, comendador da Ordem Militar de Cristo e da Ordem de Mérito Industrial[547]. Mais tarde, na década de cinquenta, com a colaboração dos arquitetos deste ateliê, adquiria Delfim Ferreira a Quinta de Serralves ao conde de Vizela, Carlos Alberto Cabral, por *quinze mil contos*[548]. José Moreira da Silva, pai e sogro dos

---

[544] *Idem*.
[545] *Idem, ibidem*.
[546] 1ªCRPP – Livros de Descrição Predial B149, fls. 198v/199; B 151, fls. 88,113, 174v; B 153, fls. 38v/39 e livros de Inscrições de Transmissão G 55, fl. 81.
[547] *Idem, ibidem*.
[548] 2ª Conservatória do Registo Predial do Porto (2ªCRPP) - Livro de Descrições Prediais B 13, fl. 143v, nº 4628 *Predio denominado "casal de Serralves", actualmente "Casal de Santa Maria", todo murado, sito em Serralves, comfrontado pela rua de Serralves, nºs 873 a 999 e lado norte da mesma rua por um portão sem número, pela rua da Pasteleira n.º 400, e pela Avenida marechal Gomes da Costa, n.º 349, freguesia de Lordelo do Ouro, formando um lado e composto de um palacete, casal, capela, parque, jardim, piscina, tanques de água, mata de eucaliptos e pinheiros e terra a lavradios, com todas as suas águas, pertenças e servidões activas e passivas, parte dele atravessado no extremo norte pela rua de Serralves, no sentido nascente e poente, a confrontar do norte com o Clube Infante de Sagres, Zeferino Gomes da Silva, Manuel Fonseca,* [?] *Lopes, rua de Serralves e Avenida Marechal Gomes da Costa, do sul com a rua da Pasteleira, […];* Livro de Inscrições Prediais G 12, fl. 124, Nº 13239 de 6 de janeiro de 1955: *Fica inscrita a favor de Delfim Ferreira, casado, industrial, morador da rua D. João IV, n.º 239, a transmissão do prédio inscrito no L.º B 13, fl. 143v sob o n.º 4628 que comprou por quinze mil contos a Carlos Alberto Cabral, Conde de Vizela, solteiro, maior, também industrial, morador na rua de Serralves n.º 977, ambos nesta cidade. Escritura lavrada em 3 de Janeiro de 1955 no 1º cartório notarial do Porto. O req.º no maço 83.* Em 1982 os herdeiros de Delfim Ferreira (Sylvia Gomes Ferreira- viúva-; filhos:

arquitetos objeto deste estudo, colaborou com este industrial, enquanto sócio gerente da Sociedade Cooperativa dos Pedreiros, e terá sido por seu intermédio que o projeto para o Palácio do Comércio foi encomendado ao filho, David Moreira da Silva.

O edifício-quarteirão do Palácio do Comércio construído por este ateliê torna-se um sinal exterior do estatuto do seu proprietário, Delfim Ferreira. Materializava-se um edifício-ícone[549], um volume impositivo no tecido urbano e imagem-símbolo de alguém possuidor de estatuto social, escrito e lido a partir da sua dimensão e do seu carácter monumental expresso em todas as suas fachadas pela composição, pelos materiais e decoração utilizados numa clara intensão de ultrapassar qualquer efemeridade.

Lemos a intenção de colocar uma representativa escultura alusiva à atividade que projetou toda uma família, a indústria têxtil (num edifício e espaço urbano em que tinha existido a Fundição do Bolhão), atividade essa que se excluiu deste centro urbano e do edifício projetado em cujo programa de construção o poder proibia a existência de qualquer dispositivo espacial destinado à indústria. Neste edifício destinado a serviços, comércio e habitação, ele próprio designado como Palácio do Comércio, a colocação de uma imagem alusiva à indústria entre o *lettering* de Palácio do Comércio, designada pelo seu autor, o escultor Henrique Moreira, como *O Triunfo da Indústria*, sublinha sem dúvida o estatuto social e o poder económico do seu proprietário que se impõe à cidade. O espaço material construído é ainda um espaço com um código social que representa acima de tudo o estatuto do proprietário. Num espaço imposto para se destinar a habitação, serviços e comércio, a indústria enquanto atividade proibida pelo poder local para se encontrar naquela zona da cidade, é de uma forma subtil afirmada pelo seu símbolo que atrás de uma função estética esconde a valorização daquela vertente económica que presidiu à prosperidade e à projeção social daquela família – legitima desta forma o seu poder através da imagem que encima a fachada voltada para a rua de Sá da Bandeira e para toda a cidade (Fig. 446).

Este é um espaço de intervenção de vários níveis de poder: o Estado através do decreto-lei de 1934 que torna obrigatória a realização de planos de urbanização, o poder municipal que ao elaborar estudos de planeamento urbano regula o seu traçado e o tipo de edificação, o cliente que através de signos impõe ao espaço o seu estatuto e

Delfim Alexandre Ferreira; Maria de Lourdes Gomes Ferreira Leão; Maria Sylvia Gomes Domes Ferreira de Carvalho e Maria Alice Gomes Ferreira de Almeida e Silva) venderiam ao Estado a quinta de Serralves.

[549] LAMEIRA, op. cit.

finalmente o arquiteto através da concetualização e concretização de um edifício-quarteirão que marca de uma forma indelével esta nova centralidade.



Fig. 446 - Pormenor da parte central/superior da fachada nascente do Palácio do Comércio, voltada para a Rua Sá da Bandeira no Porto, com a escultura denominada O Triunfo da Indústria do escultor Henrique Moreira. Disponível em WWW.URL.http://www.panoramio.com/photo/48066867



Fig. 447 - http://www.flickr.com/photos/heldercotrim/2423604209/

4.1.1.3. Primeiro Projeto do Palácio do Comércio 1940-1942

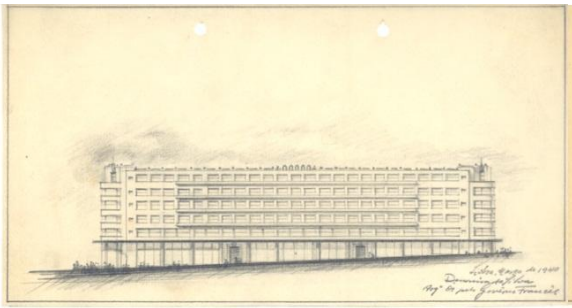


Fig. 448 - Fachada Principal do Palácio do Comércio rua Sá da Bandeira, Lisboa, março de 1940. FIMS/MSMS/1519- 0004

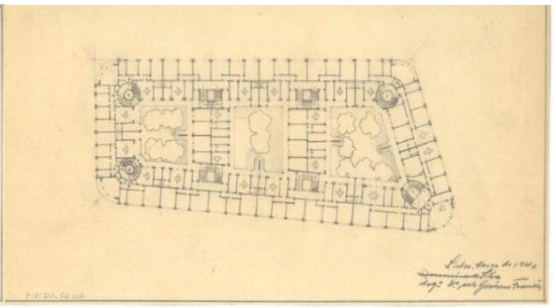


Fig.449 - Planta de rés-do-chão do Palácio do Comércio rua Sá da Bandeira, Lisboa, março de 1940. FIMS/MSMS/1519-0029

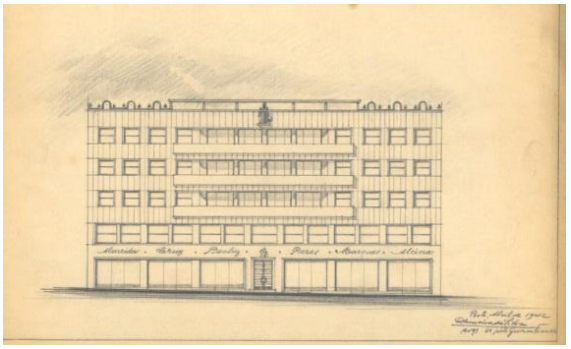


Fig. 450 - Fachada norte do Palácio do Comércio, rua da Firmeza, abril de 1942. FIMS/MSMS/1519- 0007

O ateliê de David Moreira da Silva, numa primeira etapa datada de inícios da década de 1940, inicia o estudo daquele edifício que será mais tarde designado o Palácio do Comércio. O primeiro estudo data de março de 1940, numa altura em que o arquiteto-urbanista se encontra em Lisboa e já desenha a fachada principal e a planta, pensadas para um edifício-quarteirão com três espaços ajardinados no seu pátio e definidos por três corpos de ligação entre as fachadas nascente (Rua de Sá da Bandeira) e poente (Rua do Bolhão). Na planta lê-se a representação de três pátios interiores destinados à iluminação/ventilação, circulação e de dispositivos espaciais destinados à atividade comercial[550].

Neste primeiro projeto existe a tripartição da fachada nascente, voltada pra a Rua Sá da Bandeira, com a demarcação do rés-do-chão do resto do corpo do edifício através de impositiva pala e uma platibanda com pérgula, correspondendo a diferentes

[550] Cf. III vol., ficha n.º 56.

funcionalidades dos três espaços, respetivamente, comércio, serviços/habitação e terraço. Os ângulos da edificação neste primeiro estudo são definidos por três torreões que o monumentalizam o edifício que se pretende de exceção, possuindo no andar térreo lojas recuadas da frente da rua, acompanhando a pendente da rua de Sá da Bandeira e encimadas por pronunciada pala que define uma zona de transição da fachada dos cinco pisos – uma fachada de leitura horizontal dada pela fenestração e pela pala. No coroamento lê-se um pequeno motivo geométrico circular que marca o seu eixo principal e uma pérgula que cria cheios e vazios, claro-escuro.

De abril de 1942 é o projeto da fachada lateral norte, voltada para a rua da Firmeza, já elaborado no Porto, com uma grafia mais simples marcada por uma leitura horizontal da fenestração, com o destaque de um corpo central de varandas que avança e conquista algum espaço ao da rua, encimado por escultura e pérgula ladeada pelos mesmos motivos geométricos que ritmam esta fachada e repetem os do eixo da fachada principal. Nos dois projetos descritos há uma clara preocupação em transmitir/projetar a partir das suas fachadas de frente urbana, uma imagem de prestígio, reveladora do estatuto socioeconómico do proprietário, dada simultaneamente pela sua valorização estética e pela qualidade técnica, funcionando enquanto invólucro maciço-fortaleza do espaço privado, e protetor de riscos vindos do espaço público/urbano.

A arquiteta Gisela Lameira no seu estudo sobre a Rua Sá da Bandeira na cidade do Porto[551] distingue três etapas *no processo de abertura, consolidação e prolongamento da rua […] que traduzem de uma forma clara a metamorfose das lógicas do pensamento urbano*[552]. Essas três fases correspondem a três períodos delimitados cronologicamente: 1839-1919 – Melhoramento. Retificação. Alargamento; 1924- 1935- Na transição de lógicas e pós 1935 – Obrigatoriedade do Plano Urbano.

No segundo período definido por esta autora existem já diversos estudos e projetos para os possíveis prolongamentos desta rua, no troço compreendido entre Fernandes Tomás e Gonçalo Cristóvão, tendo em atenção aspetos de ordem topográfica e das pré-existências a suprimir ou a manter, como foram os casos da Fundição e da Estamparia do Bolhão[553]. A partir de 1935, inicia-se o planeamento urbano, integrando

[551] LAMEIRA, Maria Gisela Antunes - *A Rua de Sá da Bandeira no Porto. Topologia(s) do habitar colectivo*. Vol. I. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Dissertação para obtenção de Mestrado em Estudos do Espaço e do Habitar em Arquitectura, Junho de 2010, pp. 32 – 52.
[552] *Idem*, p. 32.
[553] Esta estamparia tinha ardido em 1924 e pensou-se na sua reconstrução que não chegou a ser efetuada.

a rua numa lógica mais abrangente em relação com a cidade e pretendendo *melhorar a CIRCULAÇÃO e CONFIGURAÇÃO de quarteirões, numa estratégia integrada de ORGANIZAÇÃO DO CENTRO da cidade*[554].

Nas figuras 430 e 431de 1939 a 1942, encontram-se representadas propostas para o prolongamento da rua Sá da Bandeira e intervenção na cidade, ambas pensadas e representadas de uma forma complementar, isto é, ligando a cidade, ao quarteirão e ao edifício. A partir de 1939, uma série de estudos/projetos sobre esta área e outras, têm em atenção as preexistências, a topografia, o interesse dos proprietários, as expropriações, a definição do espaço livre, *a configuração das unidades de quarteirão, a regulamentação da edificação, sob o ponto de vista higiénico e estético [….]*[555].

De acordo com as duas últimas fases, incluímos nas figuras 431, 432, 434 e 435, algumas plantas, de 1926 a 1942, que integram estudos/projetos para prolongamento e alinhamento desta via desde a rua de Fernandes Tomás a Gonçalo Cristóvão. Várias soluções são propostas[556] tendo em conta todos os fatores a atender por parte de todos os que (re)pensam e (re)desenham a cidade, visando a melhoria das condições urbanas. O sítio onde se encontra atualmente o Palácio do Comércio foi durante décadas alvo de estudo antes de se determinar a configuração definitiva do quarteirão, explicando-se desta forma os primeiros desenhos realizados por David Moreira da Silva, para este espaço sujeito a várias propostas, como se pode comprovar pelos estudos de ocupação do quarteirão, representados nas figuras 434, 436, 437 e 440 propostas essas em que existe uma concordância formal com estes projetos do arquiteto.

[554] LAMEIRA, op. cit., p. 39.
[555] *Idem*, *ibidem*, p. 43.
[556] *Idem*, *ibidem*. A autora analisa aprofundadamente cada um dos documentos relativos à evolução das propostas de prolongamento da rua.

4.1.1.4. O projeto de Viana de Lima para o edifício-quarteirão das ruas Sá da Bandeira, Firmeza, Bolhão e Fernandes Tomás.





Fig.451 - *O Pôrto Moderno.* Projeto do arq. Viana de Lima. In O Primeiro de Janeiro 27 de junho de1943.



Fig. 452 -*Unidade de habitação*, R. de Sá da Bandeira – estudo de
Viana de Lima In Desenho *Projecto de desenho* MC/IAC.2002.

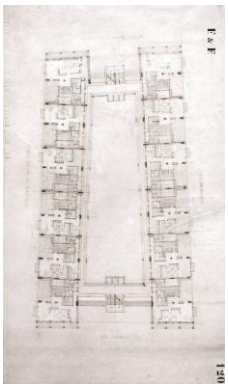


Fig. 453 -Viana de Lima - *Bloco Sá da Bandeira*. Planta.
Viana de Lima. Arquiteto 1913-1991. FCG/Coop. Árvore, 1996, p. 116.

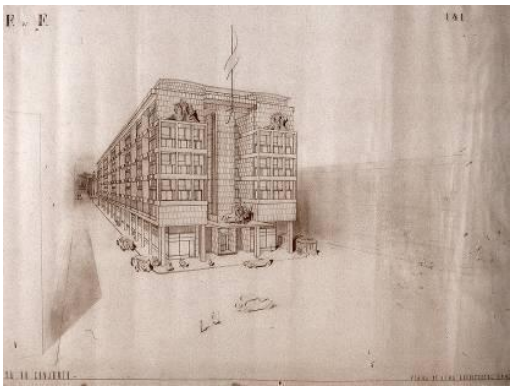


Fig. 454 - Viana de Lima - *Bloco Sá da Bandeira*. Perspetiva de Conjunto
Viana de Lima. Arquiteto 1913-1991. FCG/Coop. Árvore, 1996, p. 114.

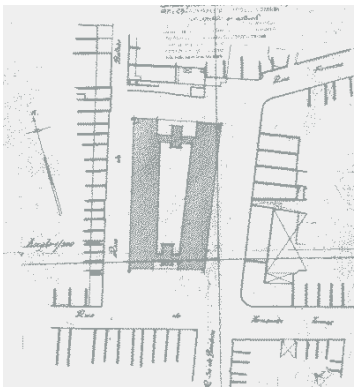


Fig. 455 - Quarteirão definido pelas ruas Sá da Bandeira, Firmeza, Bolhão e Fernandes Tomás.
AHMP Livro de LO 1947-0051-fl.192

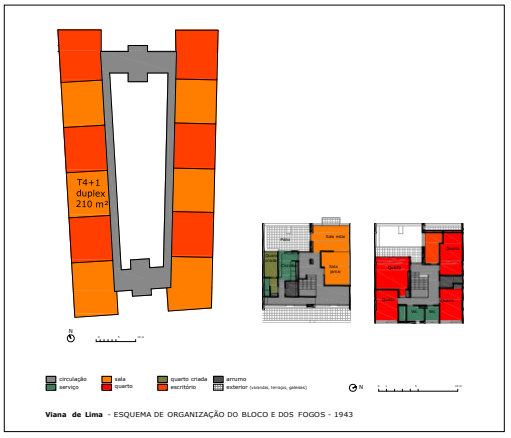


Fig.456 - Plantas do edifício projetado pelo arquiteto Viana de Lima, 1943.
Autor: arq. Miguel Tomé

Numa notícia de 27 de junho de 1943, do jornal O Primeiro de Janeiro, a propósito de uma entrevista realizada, anteriormente, à conceituada violoncelista Guilhermina Suggia, escreve-se um artigo intitulado *O Pôrto Moderno* (Fig. 451), ilustrado por um projeto de um edifício a construir entre as ruas de Fernandes Tomás, Sá da Bandeira, Firmeza e Bolhão, no espaço anteriormente ocupado pela Fundição do Bolhão. Nesta notícia, o jornalista revela o desejo manifestado pela artista, no sentido de haver mais salas de espetáculo a utilizar em diversos eventos culturais nacionais – concertos, palestras - com uma ocupação de 600 a 800 pessoas, com boa acústica e conforto. O seu autor afirma ter sido esta entrevista realizada no mês de janeiro imediatamente anterior, ter tido repercussões e a opinião da artista ter sido escutada entre os setores governamentais. Transcrevendo parte de um discurso realizado por António Ferro: *Quanto á grande sala de concertos que o Pôrto precisa, como Lisboa aliás, não desejo cometer inconfidências, nem quebrar segredos que não me pertencem, mas a grande Guilhermina Suggia – aqui presente – poderia dizer-vos alguma coisa a êste respeito, poderia revelar-vos, se quisesse, certa promessa que já lhe foi feita …* [557]

A tão desejada sala de espetáculos – *um teatro moderno* - integraria um edifício projetado para uma zona central da cidade, um dos muitos dispositivos espaciais pensados para esse imóvel, com uma sala própria para a realização de concertos, espetáculos vários e conferências.

O jornalista revela no seu artigo, a entrega do projeto na Câmara Municipal da cidade para ser submetido à apreciação da Comissão de Estética e que identificamos como aquele que foi realizado pelo arquiteto Viana de Lima[558], pelas semelhanças e caraterísticas evidentes (figs. 452, 453 e 454). O autor do artigo localiza-o no quarteirão atrás referido e descreve a sua estrutura: *A ossatura do imóvel seria inteiramente metálica* e *os pavimentos em tijolo armado, ficando o prédio dotado de central telefónica e de diversos ascensores*[559], com cave, rés–do-chão, um andar destinado a escritórios, cinco pisos duplos para habitação e ainda dois andares recuados com terraços. Dos diversos espaços referem-se: uma sala de exposições e de festas, uma sala para conferências e concertos com capacidade para 900 espetadores, localizada no piso

[557] BPMP_IX-5-73 - Extrato do discurso proferido pelo ministro António Ferro, na cerimónia da inauguração do Emissor Regional do Norte, na cidade do Porto. In *O Primeiro de Janeiro*, 27 de junho de 1943.
[558] Ver figs. 452, 453 e 454
[559] BPMP_IX-5-73 "O Pôrto Moderno" in *O Primeiro de Janeiro*, 27 de junho de 1943.

que se encontra abaixo do nível da rua - com plateia e balcão, foyers, palco, café bar, salas para o maestro e músicos e para a guarda dos instrumentos musicais -; moradias e estabelecimentos comerciais.

O requerimento para construção do projeto de Viana de Lima dá entrada na Câmara em novembro de 1943 e é assinado em nome da Firma Ferreira & Filhos.

O engenheiro civil António Bonfim Barreiros assume a responsabilidade dos cálculos de betão armado e assina a memória descritiva do projeto datado de 27 de novembro de 1943[560]. Nesta memória descritiva especifica-se sobretudo as caraterísticas do solo em que irá assentar o edifício projetado e cujas sondagens revelaram localizar-se *numa das margens do antigo ribeiro desenvolvendo-se a linha de talvegue de Norte a Sul sob os edifícios a Nascente da Rua de Sá da Bandeira, e as profundidades a que se encontra o terreno firme, constituído por saibro duro, vão desde 1 m a junto à Rua do Bolhão até 10m e mais junto à Rua de Sá da Bandeira* [561]. As fundações propostas para os sítios menos profundos são sapatas de alvenaria ou betão armado e, nas maiores, estacaria de betão armado *moldada no solo*[562].

O projeto deste arquiteto alicerça-se, como se poderá constatar mais tarde, numa outra forma de pensar, desenhar e realizar edifícios para a cidade, nas lições de Le Corbusier:

> *Viana de Lima, teve uma participação activa no mítico congresso Nacional de 1948, apresentando "O Problema da Habitação", onde reflecte claramente a pretensão da aplicação princípios enunciados na Carta de Atenas e por Le Corbusier, e, com um carácter humanista, a responsabilidade do arquiteto de construir um mundo melhor. […] "Quem habita vive: logo a habitação tem que ser reorganizada, de forma a adaptar-se aos meios modernos da época" [1º Congresso Nacional de Arquitectura Moderna. Relatório da comissão Executiva e Votos do Congresso". Lisboa, Maio /Junho1948*[563].

O projeto de Viana de Lima possui uma linguagem bastante diferente daquela que o ateliê de David Moreira da Silva propôs e proporá. De acordo com o arquiteto

[560] AHMP – LO 51/47, fls. 188 a 191.
[561] *Idem*. Fls. 190/191
[562] *Idem*, ibidem
[563] RODRIGUES, I*nês Lima – Quando a habitação Colectiva era Moderna. Desde Portugal a outros territórios de expressão Portuguesa. 1940-1974.* Trabalho desenvolvido no âmbito da Tese de doctorado, Departamento de Projectos Arquitectónicos. ESTAB. UPC. Janeiro de 2009, p. 58. Disponível em WWW:URL. http://www.ineslima.com/pdf/habitação_Moderna_Portuguesa_1pdf.

Pedro Vieira de Almeida[564] *Viana de Lima foi, como seria natural, influenciado formalmente pelos trabalhos de Le-Corbusier[…]*. Um edifício mais linear, com fachadas feitas de texturas de vidro e cantaria, funcionalista, cujo *ritmo dado pela simetria das formas espírito de ordem e sentido das relações*[565]. Na nossa opinião e a partir de uma análise atenta formal dos *immeubles villas* de Le Corbusier[566] constatamos a influência, a nível formal, do arquiteto que sensível a esta nova linguagem arquitetónica projeta o edifício para este quarteirão.

Bloco destinado a ocupar e a dignificar um quarteirão inteiro e central da cidade do Porto, é formado por dois corpos quase paralelos unidos nas suas extremidades por dois blocos verticais situados nos lados menores, norte e sul do quarteirão e destinados a abrigar acessos - escadas e elevadores - aos diversos andares e aos corredores de circulação/acesso às habitações. Estes dois corpos mais pequenos estabelecem uma articulação vertical com os outros dois de leitura horizontal e monumentalizam o seu espaço fronteiro.

De conceção formal mais modernista, de grafia *Corbusiana* onde se encontram expressos alguns dos princípios da sua arquitetura: fachada livre – na qual os muros das suas fachadas não têm uma função de suporte; cobertura de terraço-jardim; pilotis que libertam parte do rés-do-chão que recua e criam um espaço livre que pode ser usado para circulação pedonal; fenestração e terraços dos apartamentos duplex que conferem à fachada uma leitura horizontal; células que se repetem em apartamentos de tipologia T2 e T4+1.

---

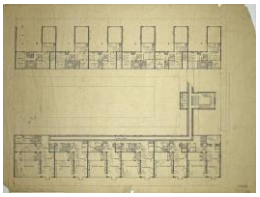
564 *Viana de Lima Arquitecto, 1913-1991*. [s.l]: Árvore – Centro de Actividades Artísticas, CRL, 1996, p. 55.

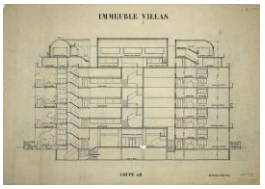
565 *Idem, ibidem,* p. 37.

566 Inserimos imagens de um projeto de um *Immeuble Villa* (1922) "Sans Lieu" da autoria de Le Corbusier, para ilustrar a nossa afirmação de que o projeto do arq. Um corpo lateral mais pequeno destinado aos acessos dos diferentes pisos (escadas e ascensores) e a um corredor-galeria comum a várias habitações que permite o acesso a cada habitação duplex e localizado no pátio interior (A e C), cinco andares duplos; fachadas envidraçadas e possuidoras de terraços nos dois pisos e voltadas para o espaço exterior (A; B e C), um Terraço – Jardim (D), um piso enterrado e um rés-do-chão.


A - Fachada


B -Pormenor Fachada


C - Planta



D – Corte longitudinal

Imagens acessíveis a partir de http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysName=home&sysLanguage=fr-fr&sysInfos=1

A nossa leitura do projeto modernista nas imagens das fachadas representadas nas figuras (A, B, C e D) leva-nos a constatar a proposta de uma outra conceção dessas frentes de rua, as quais não estabelecem os tradicionais limites entre exterior e interior, possibilitam olhar a cidade de dentro para fora, mas também de forma inversa, tornando público o lar, permitindo a invasão desse espaço íntimo/interior tornando-o permeável àquela que devia ser a sua fronteira protetora, questionando o sentido de privacidade tão cara à burguesia que, na intimidade do lar, pretendia o distanciamento do olhar enquanto julgamento, lugar de descanso e de recuperação de energias – um refúgio.

Nos "Immeubles-Villas" Le Corbusier propõe *Uma nova fórmula de habitação de grande cidade. Cada apartamento é, na realidade, uma pequena casa com jardim, situada a qualquer altura […]*[567].

O estudo de Viana de Lima, um pouco na direção de Le Corbusier, propõe outro tipo de relações entre a demarcação dos espaços interior e exterior. Na nossa opinião, a sua proposta para aquele espaço central da cidade pode facilitar o olhar para o espaço exterior e abarcar a maior parte da cidade, mas por outro lado, as varandas e janelas resultam inibidoras da tão preciosa privacidade e da sensação de proteção, porque parecem nada *ocultar do olhar público*[568] sobretudo se pensarmos no movimento e nas atividades propostas para aquela zona urbana, realidade ainda hoje presente e caraterizada pelo intenso habitar do cidadão: residir, trabalhar, circular, passear … Como José Miguel Cortés refere

> *[…] Historicamente, o significado da casa e do lar baseou-se em uma série de relações entre conceitos dialeticamente opostos: dentro/fora, casa/viagem, familiar/estranho, segurança/perigo, ordem/caos, privado/publico, identidade/comunidade. Por isso, o núcleo doméstico foi visto como um refúgio diante das ameaças e dos perigos, físicos e morais, […]*[569].

Este significado é um valor caro à burguesia de então e, neste caso particular, à burguesia portuense para a qual os muros vistos como invólucros protegem do olhar e dos perigos exteriores; o espaço interior e acessos encontram-se devidamente hierarquizados (espaço doméstico e familiar) e não permitem a invasão do íntimo ao

[567] *Idem.* In *Immeubles-villas, Sans lieu, 1922.*
[568] CORTÉS, op. cit., p. 76.
[569] *Idem, ibidem.*

mesmo tempo que sedimentaram práticas sociais e políticas. Na nossa opinião lê-se, relativamente à conceção do lar finissecular e de transição para as primeiras décadas de Novecentos, uma alteração dos espaços domésticos que refletem as transformações sociais[570].

Passando agora a analisar o espaço distributivo interior e partindo da observação (fig. 456) atenta da planta de uma tipologia T4+1 lemos a separação dos espaços destinados à sociabilidade familiar e aos domésticos e aos percursos circulares permitidos entre a sala de jantar, a sala de visitas, o terraço e o das escadas no primeiro piso. Toda a intimidade se encontra localizada no piso superior destinado aos quartos, ao escritório e quartos de banho, todos eles servidos por luz natural através do terraço e janelas.

Este edifício destinado a uma clientela pertencente à alta e média burguesias, não seria o escolhido para ser edificado naquele quarteirão da cidade do Porto, por motivos que desconhecemos, mas dos quais podemos inferir alguns, entre os quais o facto de ser demasiado modernista para o gosto quer do cliente quer eventualmente para alguns dos elementos da Câmara que o analisaram; por não estabelecer uma hierarquia social ao nível das circulações exteriores, uma vez que a existência de um único corredor/galeria levava à circulação simultânea de domésticos e moradores e a circulação a nível do espaço interno seria realizada pela mesma escada; por ser demasiado aberto à cidade – as varandas e texturas de vidro – interferindo no desejo de refúgio na intimidade do núcleo familiar e, por último, por não otimizar toda a rentabilidade da ocupação do espaço[571].

---

[570] PIRES, Maria do Carmo Marques - *A Rua Álvares Cabral (1895-1940). Formas de Habitar*. Porto: FAUP publicações, 2000. Neste nosso trabalho estudámos uma rua maioritariamente residencial de transição entre os séculos XIX e XX, pertencente à alta e média burguesias portuenses e em cujas habitações unifamiliares provámos existir uma hierarquização do habitar. Aqui se observou a separação das zonas destinadas à receção voltadas para a fachada principal, os espaços de sociabilidade familiar posicionados na fachadas posterior voltados para o logradouro mas com ligações aos outros e, nos pisos superiores e recuados, os dispositivos de intimidade familiar. Os acessos e espaços destinados ao pessoal doméstico eram separados dos do núcleo familiar. Sendo muitas delas construídas em série (8) para arrendamento/especulação, indo esta nossa conclusão ao encontro de uma de Barata Fernandes [*Transformação e Permanência na Habitação Portuense. As Formas da casa na Forma da cidade*. Porto: FAUP publicações, 1999] quando afirma que o burguês portuense assim como o britânico preferem investir neste tipo de construção, mesmo quando dispõem de vários lotes, do que num prédio de rendimento. Nesse seu estudo conclui localizarem-se os quartos para a frente de rua e os serviços e a cozinha para a fachada posterior.

[571] No exemplo dado anteriormente relativo aos *Immeuble-Villas* de Le Corbusier e de acordo com o texto que acompanha as imagens da nota 50, do site referido, esse projeto destinava-se a zonas em que este tipo de habitação se encontrava afastado da rua e rodeado por uma área arborizada. Este não era o caso da

Há outros dados que nos levam a pensar da razão da hipotética não aceitação por parte do dono da obra, Delfim Ferreira, do projeto de Viana de Lima datado de novembro de 1943[572]: o facto de peças desenhadas da autoria deste arquiteto e da sua equipa de engenheiros, estranhamente integrarem o processo do ateliê do casal de arquitetos. Pensamos que esses desenhos foram cedidos posteriormente pelo industrial ao referido ateliê. Dos elementos de estudo que se encontram no processo de obras de 1947, encontramos peças escritas: o requerimento assinado pela Firma Ferreira e Filhos, pedido para autorização da *construção das fundações*[573], o termo de responsabilidade de construção da estrutura de betão armado da responsabilidade de António Bomfim Barreiros, professor catedrático da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto[574], uma memória descritiva na qual se descreve a geologia do terreno apartir de sondagens realizadas e a justificação do tipo de fundações a adotar, uma planta do local com a planta do edifício desenhada entre as ruas Sá da Bandeira, Firmeza, Bolhão e Fernandes Tomás, uma planta das Fundações à escala de 1/100- todo o anterior estudo realizado e presente nestas peças foram posteriormente aproveitadas e integradas no projeto de 1946. Uma carta escrita por David Moreira da Silva ao pai, sócio-gerente da Cooperativa dos Pedreiros Portuenses colaboradora em várias encomendas da Firma de Delfim Ferreira e por nós referenciada de uma forma mais pormenorizada no ponto seguinte, constitui um fator que nos leva a acreditar que o projeto foi pessoalmente encomendado ao ateliê do arquiteto, resultando numa clara opção do cliente que pretendia uma outra imagem para um edifício considerado de importância excecional pela autoridade camarária para aquela nova centralidade.

zona destinada ao projeto de Viana de Lima que pretendia edificar um quarteirão da cidade rodeado por outras habitações próximas.

[572] Data do matrimónio, 8 de Setembro de 1943, da arquiteta Maria José Marques da Silva Martins com o arquiteto-urbanista David Moreira da Silva e sua deslocação em viagem de negócios e de lua-de-mel ao Funchal e Luanda, partida em 21 de Setembro de 1943.

[573] AHMP - LO 1947-0051- fl. 188. De 26 de novembro de 1943.

[574] AHMP- LO 1947-0051- fl. 189. De 27 de novembro de 1943.

4.1.1.5. O Palácio do Comércio - o edifício projetado pelo ateliê de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins

Uma carta escrita[575] por David Moreira da Silva ao pai, sócio gerente da S.C.P.O.P.P., no ano de 1944, e numa altura em o casal regressara recentemente de Luanda via Funchal, pode contribuir para esclarecer, em parte, a escolha daquele ateliê para a realização do edifício do Palácio do Comércio. David Moreira da Silva acusa a receção de um telegrama anteriormente enviado pelo pai para a capital angolana:

> *Meu Pai*
>
> *Como já tive de viva voz ocasião de lhe dizer, é a um lamentável erro de leitura que se deve o facto de, em devido tempo, eu não lhe ter respondido ao telegrama que fez o favor de enviar para Luanda, informando-me da abertura de uma espécie de concurso para a elaboração do anteprojecto dum edifício a construir nos terrenos da antiga Fundição do Bolhão.*
>
> *Com efeito, estando eu longe, não sabendo ao certo quanto tempo demoraria, julgando que não chegaria a tempo e, sobretudo, tendo partido do princípio de que o telegrama era da sua exclusiva iniciativa, preferi refugiar-me no silêncio, a ter-lhe dado uma resposta vaga,* a *única que então se me afigurava possível, pois, sabia-o bem, ela só o poderia ter desgostado.*
>
> *Tendo, porêm, por elucidação sua e no próprio dia do meu regresso, sabido que o envio daquele telegrama teve a aprovação do Ex.mo Snr. Delfim Ferreira, venho, por meio desta, apresentar-lhe mil desculpas por prova tão grande de involuntária má creação, ao memso tempo que lhe peço o favor de vivamente agradecer àquele Ex.mo Senhor o honroso convite que por seu intermédio me fez, e do qual, por motivo de deficiente leitura e consequente mau raciocínio, vim a saber.[…]*[576].

Da leitura desta carta poder-se-á inferir da proposta de execução da obra feita pelo próprio Delfim Ferreira a este ateliê por intermédio do pai, numa altura em que este industrial se encontrava a construir no Gaveto este da Rua Sá da Bandeira com a Rua Firmeza, um prédio de rendimento encomendado ao ateliê do arquiteto Passos Júnior e

[575] FIMS/MSMS/4228 - Carta de David Moreira da Silva a José Moreira da Silva de 29 de Abril de 1944.
[576] *Idem*.

pensaria certamente na realização de um outro no outro gaveto das mesmas ruas que encomendaria ao mesmo ateliê[577].

[577] 1ªCRPP – Livros de Descrição Predial B 149, fls.198v/199; B 151, f1s. 88, 113/113v,174v; B 153, fls. 38v/41 e 163v/164v; Livros de Inscrições de Transmissão G55, fl.81; G 51, fl. 97;G58, fls. 38v/39G 61, fls. 97/98; G 62 109/109v; G 108, fl. 13v; G 58, fl. 38v. Transcrevemos parte da descrição do livro B 149, fls. 198v/199 e B151, fl. 174v: *Nº 53017 – Terreno em forma poligonal, destinado a edificação, com a área aproximada de dois mil e quinhentos metros quadrados, com frente para a parte nova da Rua Firmeza, […] existindo nele três barracões feitos recentemente para guarda de materiais e que vão ser demolidos. Confronta do norte com Pedro Alvela Franco, do sul com a parte nova da Rua Firmeza, do nascente com José Francisco Penêda e outros, e do poente com Delfim Alves de Sousa. Averbamento nº 1. Pela apresentação […] de 16 de Setembro de 1943, e a requerimento da Firma Ferreira & Filhos, limitada, devidamente representada pelo seu sócio gerente, Delfim Ferreira, fica declarado que da área de terreno de dois mil e quinhentos metros quadrados, acima descrita, foram expropriados pela Camara Municipal do Porto, seiscentos e sessenta metros quadrados, aproximadamente, ficando a restar dela mil oitocentos e trinta metros quadrados aproximadamente e que a esta área de terreno foi junta a superfície municipal de cento e trêz metros e vinte decímetros quadrados, constituindo agora um só todo que passa a descrever-se da forma seguinte: descrita no livro B 151 fl. 88 sob nº 53.523, constituindo agora um só todo que passa a descrever-se da seguinte forma: terreno sito no prolongamento da Rua Firmeza, […] com uma superfície aproximada de mil novecentos trinta e três metros e vinte decímetros quadrados, a confrontar do norte com Pedro Alvela Franco, do sul com o prolongamento da citada rua, do nascente com prédio de Emília Ferreira Cavadinha Penêda, […] e do poente com terreno Camarário. 1945 Março 20 Nº 2 = A requerimento da firma Ferreira & Filhos, Limitada, representada pelo seu sócio gerente Delfim Ferreira, fica declarado que na área de terreno a que se refere o averbamento anterior, estão presentemente construídos os seus dois seguintes prédios: Uma Casa de seis andares e cave, sita no prolongamento da Rua Firmeza, com os nºs 464 a 480, […] com uma superfície coberta de tresentos setenta e sete metros quadrados e noventa e quatro decímetros, ficando com uma área de terrenos descoberta, destinada a logradouro, com uma superfície de dez metros e cinco decímetros quadrados, a confrontar do nascente com herdeiros de José Ferreira Penêda, e outros, do poente com a firma requerente, do sul com a Rua Firmeza, e do norte com terreno municipal. Outra casa de seis andares e cave sita na mesma rua com os nºs 482 a 502 […] com uma superfície coberta de dusentos setenta e oito metros e vinte e seis decimetros quadrados, ficando com uma área de terreno descoberta destinada a logradouro, com uma superfície de vinte e seis metros e setenta e cinco decímetros quadrados, a confrontar do nascente com a requerente ou seja o predio anterior, do poente com a mesma requerente ou seja com o prédio anterior, do sul com a Rua e do norte com terreno municipal. Nas trazeiras deste prédio, com entrada pelo nº 464, existem vinte cabines para guarda de automóveis, parte das quais serão utilizadas pelos inquilinos deste prédio e as restantes utilizadas pelos inquilinos do prédio nº 480. […] 1946 Setembro 2 Averbamento nº 3. O requerimento da firma Ferreira & filhos, limitada. representada pelo seu sócio gerente Delfim Ferreira, fica declarado que à área de terreno constante no averbamento nº 2 à descrição 53.017, foi acrescentado terreno descrito no livro B151 fl.118 sob nº 53.570, em cujo todo, além da construção dos dois prédios já declarados[…] tem mais presentemente construídos os seguintes prédios, a saber: Casa de sete pavimentos, com a área coberta de trezentos e cincoenta metros quadrados, de construção moderna, fachada rebocada e categoria média, que para a rua Firmeza tem os nºs 512 a 520 , tendo para a Rua Sá da Bandeira os nº 562 a 578, da freguesia de Santo Ildefonso[…] Casa de oito pavimentos, com a área coberta de duzentos e noventa metros quadrados, de construção moderna, fachada rebocada e categoria media, situada na rua de Sá da Bandeira com os nºs 592 a 596, da freguesia de Santo Ildefonso […] E outra casa de oito pavimentos, com a área coberta de quatrocentos cincoenta e quatro metros quadrados, de construção moderna, categoria media e fachada rebocada, situada na mesma rua, situada na mesma rua Sá da Bandeira nº 610 a 614, da freguesia de Santo Ildefonso, [...]* No Livro G 55, fl. 81: 1939 Junho 2 - Nº 43.870— *Inscrevo a favor da firma Ferreira & Filhos, Limitada, Sociedade comercial por quotas, com sede em Riba d'Ave, Concelho de Famalicão, a transmissão do terreno descrito no L.º B 149 fl. 198v sob nº53.017, por o haver comprado, pelo preço de cento e cinquenta contos, a Dona Clotilde Neves de Castro de Passos Angelo e marido Abilio de Passos Angelo, proprietários, residentes na rua de Faria Guimarães, 646, nesta cidade. Escritura de 17 de Maio de 1939, outorgada nos autos do notário Dr. Ponce de Leão* E no livro G 58, fls. 38v/39 de 11 de abril de 1944 com o nº 46.061 *Fica inscrita em favor da firma Ferreira & Filhos, Limitada,, com sede nesta cidade e domicílio na rua de Sá da Bandeira, nº 468, a transmissão dos*

Ou o projeto de Viana de Lima não terá passado na Câmara Municipal do Porto e/ou não terá sido do agrado do cliente quer por motivos de gosto daquele tipo de linguagem quer por não otimizar a exploração daquele tipo de prédio de rendimento e não se increver nos códigos sociais de uma burguesia portuense que valorizava a hierarquização na habitação, ou ainda por outros pressupostos por nós já referenciados no ponto anterior.

terrenos municipais, descritos sob os nºs 53570 e 53571 a fls. 113 e 113v do livro B 51, por o haver comprado pelo preço de um milhão quinhentos e dez mil e trezentos escudos, à Excelentíssima Câmara Municipal do Porto, com a obrigação de construção de prédios em toda a extensão do talhão constituído por aqueles terrenos á face do alinhamento aprovados e nos termos e condições que da escritura constante, devendo apresentar no praso de sessenta dias, a contar da data da adjudicação, ante -projecto da infra-estrutura da rua e da fachada, afim de serem apreciados; e no praso de um ano, a partir da mesma data, o projecto dos edifícios e da infra estrutura, satisfazendo as normas que lhe forem estabelecidas pela Camara em face do ante-projecto, - devendo as respectivas obras ser iniciadas no praso de um ano e concluídas no prazo de quatro anos a contar da data da aprovação do projecto, […]referem-se apenas à construção a levar a efeito de um dos lados da rua; e para as construções do lado oposto, esses prasos serão acrescidos de mais três anos […]

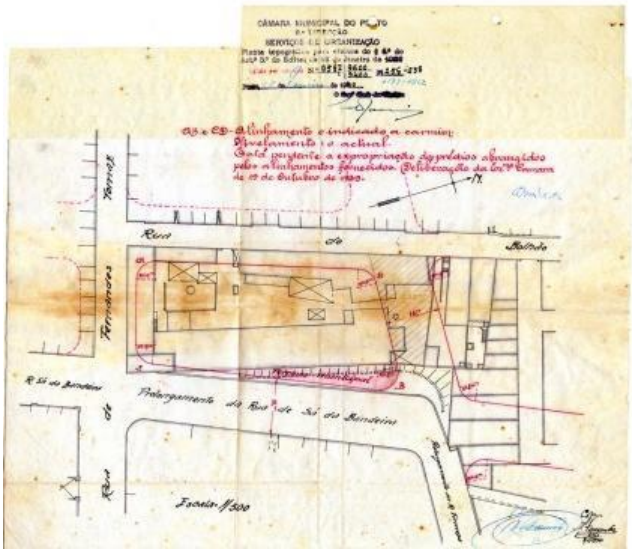


Fig. 457 - Terreno pertencente, em 1940, à Câmara Municipal do Porto - representado a carmim, definindo o quarteirão FIMS/MSMS/1529-pd0005



Fig. 458 - Fachada nascente do Palácio do Comércio, 1944. FIMS/MSMS/1519-pd0008

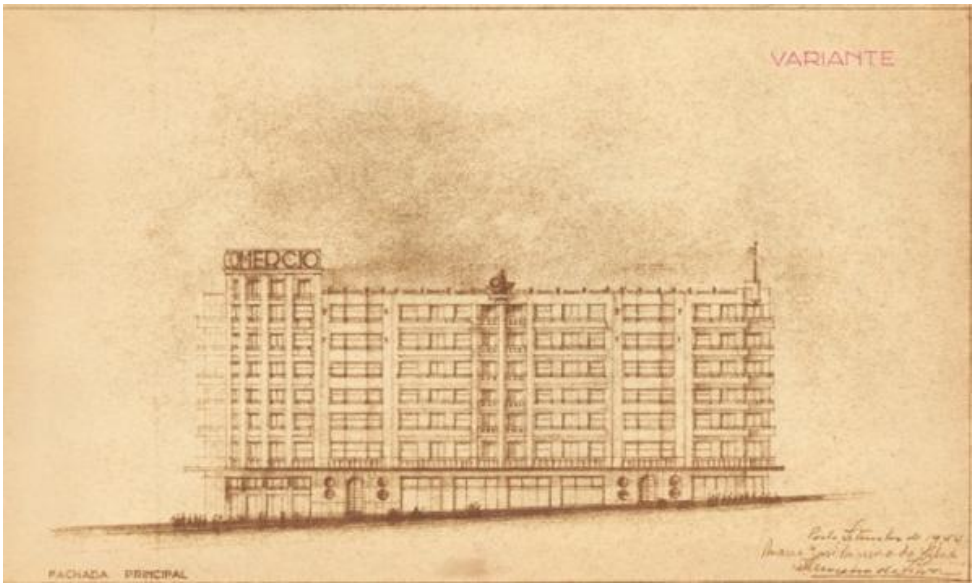


Fig. 459 - Fachada Nascente do Palácio do Comércio, 1944 – Variante. FIMS/MSMS/1519-pd0012



Fig. 460 - Fachada Norte do Palácio do Comércio, 1944. FIMS/MSMS/1519-pd0011



Fig. 461 - Fachada Sul do Palácio do Comércio, 1944. FIMS/MSMS/1519-pd0006

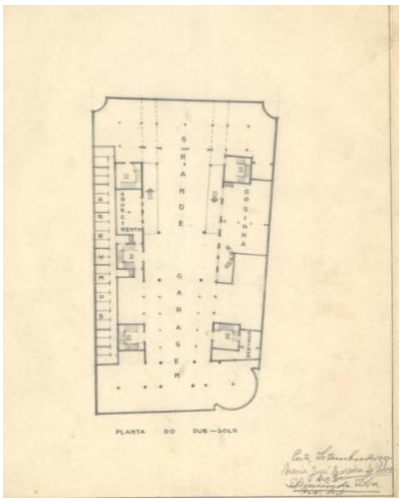


Fig. 462 - Planta do subsolo do Palácio do Comércio, 1944. FIMS/MSMS/1519-pd0026

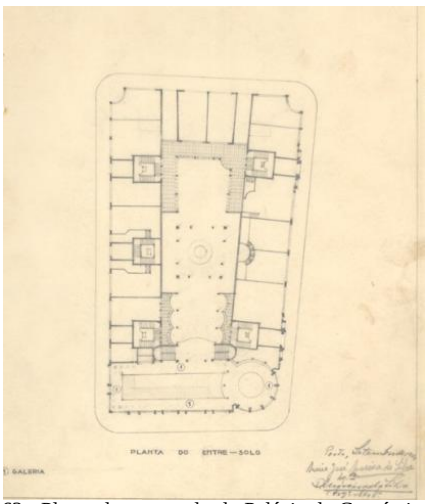


Fig. 463 - Planta do entre-solo do Palácio do Comércio, 1944. FIMS/MSMS/1519-pd0027

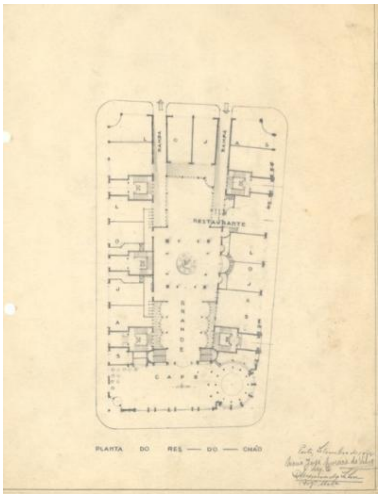


Fig. 464 - Planta do rés-do-chão do Palácio do Comércio, 1944. FIMS/MSMS/1519-pd0007

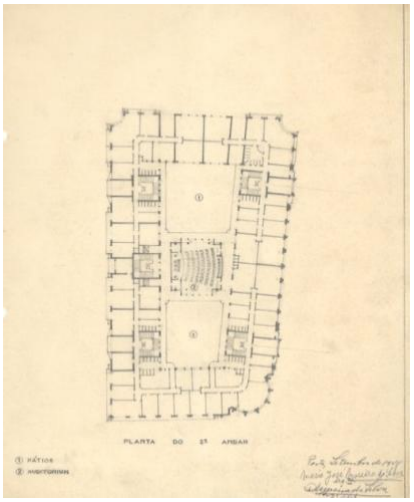


Fig. 465 - Planta do 2º andar do Palácio do Comércio, 1944. FIMS/MSMS/1519-pd0009

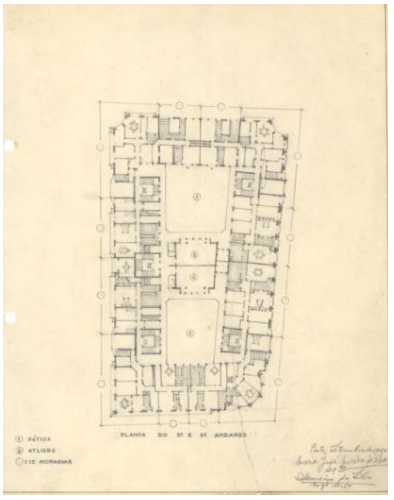


Fig. 466 - Planta dos 5º e 6º andares do Palácio do Comércio, 1944. FIMS/MSMS/1519-pd0033

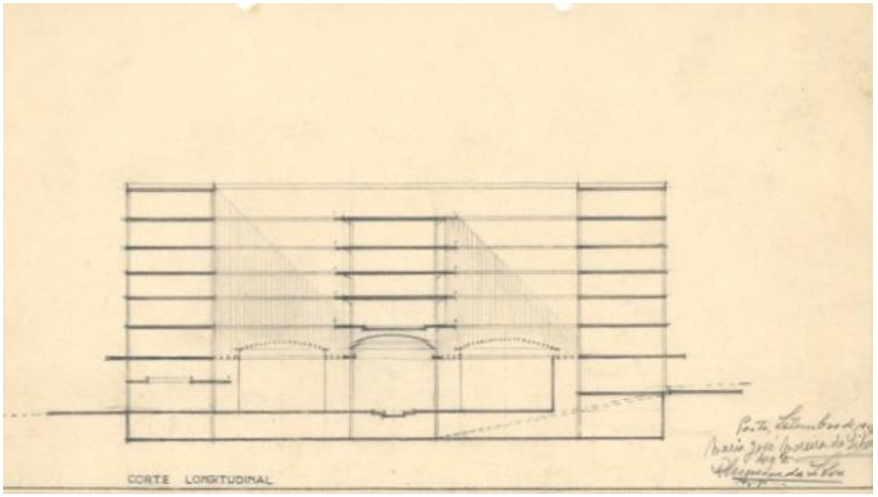


Fig. 467 - Corte longitudinal do Palácio do Comércio, 1944. FIMS/MSMS/1519-pd0008

4.1.1.5.1. O Projeto de 1944

Este projeto de julho de 1944[578] teve quatro programas que diferiram no tipo de ocupação para cada um dos seus pisos. Contudo, todos eles previam a ocupação do seu subsolo e mais oito pisos (rés-do-chão, seis andares e um último piso uma cobertura jardim). Em todos eles havia uma enorme preocupação com os acessos feitos por elevadores e com a existência de sanitários e/ou lavabos para os primeiros pisos ocupados por serviços.

No primeiro programa, o ateliê projetou um edifício com um subsolo ocupado por Bar/Dancing, salão de Bilhar, piscina, cozinha e anexos, garagens e ascensores; no seu rés-do-chão um grande café/restaurante (Salão, palco para orquestras e espetáculos, aquário; montras de perfumaria, moda e desporto), cozinha, lavabos, animatógrafo de atualidades internacionais destinado a sessões contínuas; nos primeiro e segundo andares um grande salão e galerias de chá e pastelaria, pequeno dancing/bar, sala de festas, de banquetes e passagem de modelos, uma sala para reuniões de assembleias, cozinha, copa e escritórios destinados a consulados, grandes companhias, agências, empresas, grémios, sindicatos, etc. Do terceiro ao sexto andares previa moradias e estúdios para famílias de diferentes agregados (pequeno, médio e grande) e, finalmente a cobertura com um jardim, um solário e um parque infantil.

No segundo programa, o seu subsolo seria ocupado com uma garagem, caves; o rés-do-chão com estabelecimentos médios (exposição e venda de automóveis, máquinas, alimentação, eletrodomésticos), pequeno café/restaurante, um animatógrafo também de atualidades internacionais e funcionando continuamente. Os primeiro e segundo andares eram ocupados por vários escritórios destinados ao mesmo tipo de ocupação e funções referidas no primeiro programa, um auditório destinado a reuniões daqueles que aqui tinham os escritórios. Os terceiro e quarto andares teriam médios e pequenos escritórios e ateliês. Os quinto e sexto andares destinam-se a moradias e a estúdios para famílias de todas as dimensões e a cobertura com o mesmo tipo de ocupação citado.

[578] FIMS/MSMS/1529-0001- projeto do ateliê, com cálculos de betão armado do engenheiro civil Teixeira Rego.

O terceiro destes programas previa o mesmo número de pisos, tendo no subsolo uma oficina de reparações, depósito de material e acessórios, uma Auto estação central para a recolha de autocarros de transporte coletivo de passageiros que se localizaria num outro centro do Porto e considerada *útil, para descongestionar algumas praças públicas*[579]. O rés-do-chão com dispositivos a servir a garagem, com vestíbulo, bilheteiras, escritórios, salas de bagagens, plataformas de embarque e desembarque de passageiros, café-restaurante. Nos primeiro e segundo andares escritórios para grandes companhias, consulados, agências, empresas, auditório e nos terceiro e quarto pisos, médios e pequenos escritórios e ateliês. Os quinto e sexto pisos teriam o mesmo tipo de ocupação dos anteriores programas assim como a cobertura.

O quarto e último programa com o mesmo número de pisos, diferia dos anteriores na ocupação dos pisos até ao quinto andar. No subsolo a ocupação seria feita com oficina de reparações, *garagem central para exposição e recolha, compra e venda de meios rápidos de transporte, esta situada no coração citadino poderia, pelas suas proporções, conceção e funcionamento vir a ser a primeira e única do país*[580]. No seu subsolo estava ainda previsto um animatógrafo, no rés-do-chão um dispositivo destinado a exposição e venda permanente de automóveis, avionetas e planadores, sala de receção e escritórios, um café-restaurante, estabelecimentos. O primeiro andar ocupado por um vestíbulo amplo, salas, galerias e cabines de recolha e os segundo, terceiro e quarto andares destinados a três grandes salões e cabines de recolha, três pequenos escritórios.

Destes programas sublinha-se a disparidade a nível de ocupação espacial de alguns deles, sendo por nós considerados mais equilibrados os dois primeiros programas. Para os subsolos se prevê a existência de vários tipos de garagem: garagens individuais destinadas aos veículos dos moradores e proprietários/inquilinos; uma garagem coletiva destinada aos mesmos; uma garagem de recolha e oficina de reparações de transportes coletivos e uma Auto estação para recolha, igualmente com oficina de reparações, mas ainda para exposição, compra e venda de veículos.

Há na elaboração deste projeto uma consciência das novas necessidades da cidade quer ao nível da circulação automóvel (escoamento de trânsito), quer das novas

[579] *Idem*, p. 1.
[580] *Idem, ibidem.*

exigências comerciais desta nova e grande centralidade, a par da máxima rentabilização deste espaço.

Como podemos verificar através das figuras (458 a 461) as peças desenhadas do projeto de 1944 incluem fachadas dignas e monumentais para as quatro frentes de rua e as plantas ilustram a existência de amplos espaços, sobretudo no subsolo ocupado por uma grande garagem, cozinha, arrumos e aquecimento, no rés-do-chão com dispositivos destinados a um grande café voltado para a rua Fernandes Tomás e pátio, um restaurante, lojas voltadas para as ruas Sá da Bandeira e Bolhão e rampas para a Firmeza. O primeiro andar com sala de espetáculos/auditório, segundo, terceiro e quarto andares ocupados preferencialmente por escritórios e quinto e sexto andares para habitação, com acessos feitos por escadas e elevadores situados nas quatro ruas com circulação pelo interior e voltada para o pátio, com tipologias T3 e T4.

Nestes desenhos, as fachadas monumentalizam as frentes de rua sobretudo a fachada nordeste voltada para a rua Sá da Bandeira, acompanhando a sua pendente e com um torreão de gaveto com a rua Fernandes Tomás. Esta torna-se, assim, a fachada principal (3 propostas) com uma estátua (Triunfo da Indústria)[581] colocada na parte central da sua platibanda e no meio do *lettering* do Palácio do Comércio e da pérgula. Todas as outras frentes, tal como esta, possuem uma marcação tripartida, sendo o espaço do rés-do-chão destacado por uma pala definidora, ao nível da rua, do espaço destinado ao comércio; uma platibanda encima o corpo ocupado pelos andares destinados a serviços e habitações. Esta fachada de grafia *art déco* é movimentada através dos seus vãos que marcam os cheios e vazios, claro-escuro, as pilastras que definem eixos verticais numa superfície de leitura predominantemente horizontal e

[581] A autoria da escultura *O Triunfo da Indústria* pertence ao escultor portuense Henrique Moreira e a obra data do ano de 1947 como se pode constatar em várias fontes primárias que integram o espólio dos arquitetos David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva na FIMS, nomeadamente um caderno manuscrito e datilografado de cota FIMS/MSMS/4315 – 0082;0084;0085; 0099 processo do Palácio do Comércio correspondência trocada com Delfim Ferreira, Fundição de Arte (antiga Fundição da Empresa Art. Teixeira Lopes) de José de Castro Guedes, Lda., datada dos meses de abril a novembro de 1949. Nesta fonte consta que, no dia 7 de abril, José de Castro Guedes escreve a David Moreira Da Silva, para perguntar se a escultura podia ser colocada, por necessitar de espaço na oficina para outra encomenda; em 21 de junho os arquitetos escrevem a Delfim Ferreira, informando-o que tendo sido contactados pelo estatuário Henrique Moreira para liquidação de pagamento aguardam a conclusão do trabalho o *Triunfo da Indústria*, assente no Palácio do Comércio, ainda em construção. Informam ainda que a patine não teve o efeito esperado na obtenção da cor de bronze da escultura quando colocada ao ar livre e por isso exigiram ao fundidor e execução da patine a purpurina; em 28 de junho, Delfim Ferreira escreve a David Moreira da Silva comunicando-lhe que informou o escultor Henrique Moreira que só lhe pagaria quando estivesse satisfeito com o trabalho. Finalmente em 16 de novembro de 1949, o fundidor escreve a DMS sobre o destino a dar ao molde de gesso da escultura, por falta de espaço e uma vez que tem outra obra de grande envergadura para realiza, a Estátua a Diogo Cão.

ampla. O rés-do-chão é o piso com envidraçamentos de maior dimensão. O Torreão Circular monumentaliza o edifício e contribui para o ritmar, também ele acrescentando elementos cadenciados através da sua volumetria e da movimentação da sua própria superfície encimada por pérgulas e animada por colunelos e vãos.

A Fachada sul é definida nos dois gavetos por diferentes grafias: no gaveto Este, com a rua Sá da Bandeira, uma solução curvilínea do torreão compassado por pilastras e varandas e, no outro ângulo, Oeste, com a rua do Bolhão, uma solução retilínea encimada por acentuada pérgula.

Na fachada norte voltada para a rua Firmeza, um corpo central avança sobre a rua, rematado por pérgula e limitado a Este por um pequeno ângulo curvilíneo sobre a rua Sá da Bandeira.

4.1.1.5.2. Projetos de 1946 a 1954



Fig. 468 - Composição fotográfica a partir de Planta da autoria do arquiteto Miguel Tomé.

Autoria dos projetos e Cronologia

1- Arq. Júlio José de Brito (dois projetos: 1935 e 1937);
2-Eng.º Joaquim de Oliveira Ribeiro Alegre e arq.º José Porto (1937-1939)**;**
3-Arq.º José Ferreira Peneda (1938);
4- Arq.º José Ferreira Peneda (1938);
5- Arq.º José Ferreira Peneda (1938);
6- M.O. José Domingues de Almeida (1942);
7- Ateliê do arq.º Passos Júnior (1943);
8- Ateliê do Arq. Passos Júnior (1945);
9- Arq.º Rogério de Azevedo (1945);
10- Arq. Agostinho Ferreira d'Almeida (1º projeto 1945) e Arq. Arménio Losa (2º projeto, 1947);
11- Ateliê dos Arq.s David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins (1946);
12- Arq.º José Porto (1947);
13- Ateliê do Arq.º Passos Júnior (1948)



Fig. 469 - Planta da edificação dos lotes, propriedade de Delfim Ferreira.
Autor: Arq. Miguel Tomé

Paulatinamente, entre os anos de 1935 e 1949, os quarteirões da Rua Sá da Bandeira, entre as Ruas Fernandes Tomás/Rua Firmeza e Guedes de Azevedo, configuram-se de acordo com normas e regulamentos municipais, gosto do cliente e opções dos arquitetos, em espaços e edifícios de grandes fachadas destinados a comércio, serviços e habitação e erguem-se com diferentes grafias, como se pode observar no quadro da fig.

Arquitetos de referência da cidade atuam neste espaço urbano: Júlio José de Brito (edifício de gaveto das ruas Fernandes Tomás/Sá da Bandeira e parte nascente da última Rua), José Ferreira Peneda (a meio do lado nascente da Rua Sá da Bandeira e gaveto desta com a rua Firmeza), Passos Júnior (gavetos nascente e poente da rua Sá da

Bandeira com a Rua Firmeza a norte - com frentes que se estendem na rua Sá da Bandeira e rua do Bolhão), David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins (lado poente da rua Sá da Bandeira e edifício quarteirão delimitado a norte pela rua Firmeza, a poente pela Rua do Bolhão e a sul pela rua Fernandes Tomás), José Porto (prédio de habitação e comércio, na rua Sá da Bandeira, entre os edifícios de Júlio José de Brito e José Ferreira Peneda e ainda no gaveto nascente de Sá da Bandeira e Guedes de Azevedo), Arménio Losa (Gaveto poente de Sá da Bandeira com a rua Guedes de Azevedo) e Rogério de Azevedo (Gaveto das ruas Guedes de Azevedo com a Rua do Bolhão).

Todos estes edifícios são destinados a habitação, serviços, e atividade comercial situada nos seus rés-do-chãos, destinando-se os outros pisos superiores para as outras duas funções. A sua ocupação é mais ou menos profunda no lote, possuidores de uma grande variedade compositiva ao nível das fachadas, excetuando-se o caso do edifício do Palácio do Comércio de quatro fachadas voltadas para a rua, ocupando todo um lote, pátio interior e com entrada para a garagem do seu subsolo pela rua do Bolhão.

Todas as fachadas situadas e alinhadas pela frente de rua são cuidadas, rebocadas e pintadas – com rés-do-chão coberto a granito polido, contrariamente às fachadas voltadas para o logradouro que se destinam às zonas de serviços, e sem grande preocupação estética. O Palácio do Comércio distingue-se mais uma vez dos outros por ser inteiramente revestido a granito tendo, no entanto, o mesmo sistema de tripartição da fachada com marcação do rés-do- chão através de pala separadora do seu corpo principal rematado por pérgula.

No segundo quadro lemos a apropriação destes quarteirões, destacando-se como principal empreendedor o industrial Delfim Ferreira que adquire e edifica no quarteirão ocupado pelo edifício do Palácio do Comércio, edifício na rua do Bolhão (do Túnel até ao Gaveto com a rua Firmeza), edifícios nos dois gavetos, rua do Bolhão/Rua Firmeza e Firmeza/R. Sá da Bandeira – quarteirão a norte do Palácio do Comércio-, e ainda no gaveto Rua Sá da Bandeira/Rua Firmeza a poente do Palácio do Comércio. Toda a área a cinzento se refere a vários outros proprietários e/ou empresas que edificaram na zona representada.

Nos dois quadros há diversidade do enquadramento cadastral dos edifícios. Todos os que se encontram implantados no quarteirão definido pelas ruas Sá da Bandeira, Guedes de Azevedo e Firmeza se caracterizam por grandes frentes urbanas e

valorização da sua fachada-rua, *num plano compacto, interpretada em edifícios em bloco*[582]. Os outros edifícios que se localizam no lado nascente da rua Sá da Bandeira e/ou fazendo gaveto com as ruas Guedes de Azevedo e Firmeza, possuidores das mesmas características apontadas, distinguem-se, entre outras razões, por ocuparem em maior profundidade os lotes. O Palácio do Comércio como podemos observar é o único edifício-quarteirão da zona em estudo, portanto, um caso particular no conjunto do edificado da Rua Sá da Bandeira. Como se escrevia a propósito desta obra *Paredes exteriores de pedra, fachadas revestidas a placagem de granito polido e a granito lavrado a pico fino, estrutura de betão armado. De granito duro e forte […] feito à imagem da cidade, cidade eterna […] os seus muros, os seus palácios, os seus monumentos […]*[583].

[582] LAMEIRA, op. cit., p. 103.
[583] SOUSA, Francisco de Almeida e - "Obras para a Eternidade. A Cooperativa de Produção dos Pedreiros Portuenses". In Tripeiro, Série Nova, Ano 9, nº 8 (1990), p. 234.



Fig. 470 - Fotografia de edifício do Gaveto das ruas Sá da Bandeira e Firmeza lado Poente. FIMS/MSMS/Foto1703



Fig. 471 - Fotografia de edifício do Gaveto das ruas Sá da Bandeira e Firmeza lado Nascente. FIMS/MSMS/Foto1706



Fig.472 - Fotografia de edifício do Gaveto das ruas Sá da Bandeira e Firmeza lado Nascente. In arquivo do CPF/ALV/004591



Fig. 473 - Rua de Sá da Bandeira (de norte para Sul), vendo ao fundo do lado direito. O Palácio do Comércio. In Arquivo do CPF/ALV/005460



Fig. 474 - Construção do Palácio do Comércio, gaveto da rua Firmeza com Sá da Bandeira.FIMS/MSMS/Foto1145



Fig. 475 - Palácio do Comércio gaveto de Sá da Bandeira com a rua Firmeza, 1953FIMS/MSMS/Foto1676



Fig. 476 - Palácio do Comércio gaveto de Sá da Bandeira com a rua Fernandes Tomás, 1953. FIMS/MSMS/Foto1678



Fig.477 - Palácio do Comércio gaveto de Fernandes Tomás com a rua do Bolhão, 1953. FIMS/MSMS/Foto1802

Fotografias Atuais



Fig. 478 - Palácio do Comércio gaveto de Sá da Bandeira com a rua Firmeza. Fotografia do arq.º Miguel Tomé, 2012



Fig. 479 - Palácio do Comércio gaveto de Sá da Bandeira com a rua Fernandes Tomás. Fotografia do arq.º Miguel Tomé, 2012



Fig. 480 - Palácio do Comércio gaveto de Fernandes Tomás com a rua do Bolhão. Fotografia do arq.º Miguel Tomé, 2012

Em 20 de setembro de 1946, a Firma Ferreira & Filhos requer à Câmara Municipal do Porto, autorização para construir o prédio quarteirão. Maria José assinava e assumia a responsabilidade pela obra (enquanto técnica escrita na Câmara Municipal do Porto) segundo estudo elaborado pelo ateliê, de 16 de setembro do referido ano. Os cálculos de betão armado seriam da responsabilidade do engenheiro civil António Augusto Guimarães Teixeira Rego em cuja memória descritiva considera tratar-se de uma *construção invulgarmente grande e complexa*[584]. Transcrevemos aqui a parte inicial dessa memória descritiva e justificativa por considerarmos que nenhuma palavra nossa possa testemunhar o espírito que presidiu à elaboração deste projeto e à importância atribuída:

> *Concebido de modo a poder contribuir, em elevado grau, para a plena valorização estética e funcional do núcleo central citadino, êste edifício, que tanto pela sua privilegiada situação, grande composição, invulgares dimensões, como pelos nobres e ricos materiais com que deverá a vir a ser construído, não poderá deixar de ser, para os vindouros, um bem marcante, expressivo e dignificador PADRÃO da nossa época – graças à larga capacidade realizadora e ao tão notável como louvável espírito bairrista e de sacrifício da firma que o pretende construir […] êste valioso conjunto isolado e inteiramente revestido a placagem de granito polido na altura do rés-do-chão e a granito lavrado e a pico fino na altura dos restantes andares, terá por estrutura resistente uma série de pórticos, lages e vigas de betão armado […] além dos necessários apoios de pedra […]*[585].

Na sua memória descritiva os arquitetos referem a intenção de construir um edifício que pela sua dimensão e situação privilegiada valorize a *nível estético e funcional*[586] aquele espaço da cidade. Indicam ainda a intenção de utilizarem os melhores materiais, granito polido e granito lavrado (respetivamente no rés-do-chão e andares) de forma a garantir a execução de um imóvel que se pretende ser um bem patrimonial e uma referência futura da cidade. Neste primeiro projeto terá dois subsolos e sete pisos (rés-do-chão e seis andares), privilegiando o gaveto entre a rua Sá da Bandeira e a rua Fernandes Tomás para o qual desenham um imponente torreão.

[584] AHMP – LO 1947-051, fl. 0024.
[585] *Idem*.
[586] AHMP – LO 1947-051, fl. 003.

O projeto e o processo construtivo iniciados em 1946 só viriam a ser terminados no ano de 1954[587], tendo sofrido alguns aditamentos e transformações ao estudo inicialmente proposto.

O projeto de 1946 determinaria a maior parte da conceção/estrutura do edifício construído (inserção urbana, a sua configuração, as principais características das suas fachadas, a distribuição e funções dos seus dispositivos espaciais internos e acessos). Os aditamentos ao projeto inicial datam de agosto de 1948, janeiro de 1949, dezembro de 1952, janeiro de 1953, fevereiro e agosto de 1954 e referem-se a algumas alterações: à elevação de um andar recuado (sétimo); moradia nos sétimo e oitavo andares do torreão (anteriormente destinado a escritórios) e moradias nos terceiro e quarto pisos; ligeiras alterações à ocupação do primeiro subsolo (plantas) e às plantas do primeiro e sétimo andares; alterações de pormenor de planta do entre solo, primeiro subsolo, rés-do-chão e entre solo do café; plantas do rés-do-chão e sétimo andar a concluir numa terceira fase.

De 1955 existe um importante documento datilografado, na FIMS[588], informando que quer *in loco* quer fora do terreno nele trabalharam milhares de operários, num edifício que ocupa todo o quarteirão com dois subsolos, rés-do-chão e sete andares, destinando-se a habitação (*moradias independentes*), escritórios, consultórios, estabelecimentos, armazéns e uma garagem/estação de serviço. Aquecido eletricamente e por água quente, com comunicações verticais feitas através de quatro escadas principais e quatro elevadores, uma escada de serviço e monta-cargas (entre a garagem e o sétimo andar) e catorze escadas secundárias privativas.

---

[587] *1ªCRPP* – No livro B 151, fl. 24v, no 2º averbamento, de 10 de março de 1954 a descrição predial nº 53.408 refere*: A requerimento da empresa têxtil D. Ferreira, Sociedade Anonima de responsabilidade limitada, com sede e estabelecimento fabril na freguesia de Arcozelo, concelho de Vila Nova de Gaia, fica declarado que o prédio em construção a que se refere o averbamento anterior, já se acha concluído, formando dois blocos que se descreve assim: 1º) Bloco: uma propriedade de onze pavimentos ou seja caves, rez-do-chão, subsolo e oito andares Esquerdos e Direitos, e mais pertenças, denominado Palácio do Comércio, sita na rua Sá da Bandeira com os nºs 481 a 531, tendo para a rua Firmeza os nºs 561 a 571, e para a rua do Bolhão os nºs 52 e 54, da freguesia de Santo Ildefonso, tem uma área coberta de mil cento setenta e dois metros quadrados e está inscrita na matriz predial sob o artigo 5.861. 2º Bloco): Predio composto de vinte e dois fogos com seis pavimentos, entre-solo, terceiro, quarto quinto, sexto e sétimo andares, cinco pavimentos com três estabelecimentos e escritórios, primeiro sub-solo, rez-do-chão, entre-solo, primeiro e segundo andares e dois estabelecimentos, situado na rua do Bolhão com os nºs 36, 42, 48,60, 66 e 72, com frente para a Rua Sá da Bandeira nº 467 e Rua Fernandes Tomaz, ainda sem números, da freguesia de Santo Ildefonso. … os dois blocos no seu todo confrontam do norte com a Rua Firmeza, do sul com a rua Fernandes Tomaz, do nascente com a Rua Sá da Bandeira e do poente com a Rua do Bolhão. […]*. Só no 3º averbamento datado de 8 de junho de 1964, se refere que o prédio descrito anteriormente está inscrito na matriz como sendo um só edifício.

[588] FIMS/MSMS/4315-0023.1 e 0023.2 - documento no qual o ateliê fornece relevantes informações sobre a importância do edifício para a valorização urbana e outras como os materiais utilizados, o número de pisos, as funcionalidades, o tipo de energia utilizada.

O projeto inicial e aditamentos incluíam as respetivas peças escritas (memórias descritivas-justificativas elaboradas pelos arquitetos e engenheiro civil, dados relativos ao saneamento) e desenhadas (plantas topográficas, alçados, plantas, cortes) assim como pareceres diversos emanados dos técnicos municipais responsáveis pela fiscalização e aprovação da obra. Nas memórias descritivas são referidos materiais, dispositivos e outro tipo de informação relevante: paredes exteriores de pedra revestidas a granito e interiores duplas de tijolo vazado e rebocadas, caixilharia exterior de metal e interior de castanho, pavimentos de madeira (*parquet*), cozinhas, copas e quartos de banho forrados a mosaico, azulejo ou mármore, evacuação de lixo feita por conduta vertical perto da entrada de serviço, garagem com acesso pela rua do Bolhão – túnel no subsolo da rua Firmeza onde se encontrará um posto de transformação.

4.1.1.5.2.1. O acesso à garagem do segundo subsolo



Fig. 481 - Quarteirão do Palácio do Comércio
Fotografia aérea.

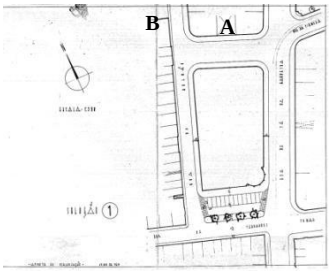


Fig. 482 - Estudo de organização da praceta entre a rua Fernandes Tomás e o edifício em construção e representação do terreno municipal com comunicação para a rua Firmeza – solução 1. De 27 de julho de 1949. In AHMP – D-CMP- 04-096-004

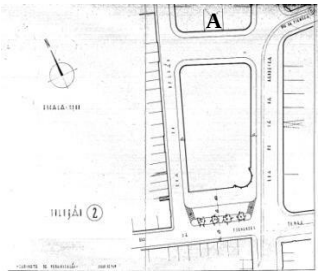


Fig. 483 - Estudo de organização da praceta entre a rua Fernandes Tomás e representação do terreno municipal com comunicação para a rua Firmeza – solução 2. De 27 de julho de 1949. In AHMP – D-CMP- 04-096-005



Fig.484 - **A** Fachada norte do edifício de Passos Júnior, onde se pensava abrir a comunicação entre a serventia municipal e acesso à rua particular feito através da rua Firmeza e representada no esquema das duas figuras anteriores.



Fig.485 - **B-** Entrada pela rua do Bolhão para o pátio do quarteirão a norte do Palácio do Comércio pelo qual se tem acesso à garagem do 2º subsolo do edifício.



Fig. 486 - Garagem Palácio do Comércio.
FIMS/MSMSMS/Foto2709



Fig. 487 -Acesso à garagem do Palácio do Comércio FIMS/MSMS/Foto1669



Fig. 488 -Garagem no Subsolo do Palácio do Comércio.
FIMS/MSMS/Foto1979

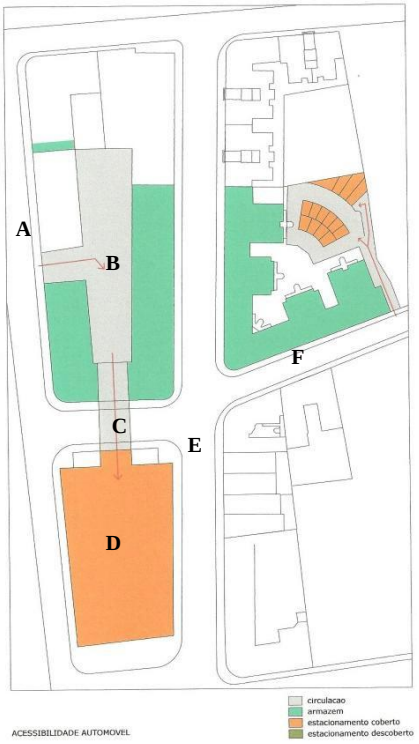


Fig. 489 - Acesso à garagem do Palácio do Comércio, quadro da autoria do arq. º Miguel Tomé

A - Rua do Bolhão; **B** - Pátio do quarteirão situado a norte do Palácio do Comércio/acesso à entrada para a garagem no 2º subsolo do Palácio do Comércio; **C**- Rua Firmeza/passagem subterrânea para a garagem**; D** - Garagem do 2º subsolo do Palácio do Comércio. **E** - Rua Sá da Bandeira; **F** - Rua Firmeza

Nas figuras 482 e 483 encontra-se representado o estudo para o arranjo fronteiro ao Palácio do Comércio para o qual se propõe a existência de uma praceta no lado sul do edifício que na altura se encontrava em construção. Na (fig.482) solução 1, pensou-se numa faixa de estacionamento para doze automóveis, com 4,5m de espaço destinado a manobras, um espaço arborizado com 3,5m e passeio com 4m perto do edifício; na solução nº 2, a diferença consiste na utilização desse espaço sem prever estacionamento, mantendo a área arborizada, um passeio maior – 8,5m – e uma rua destinada a serviços com 6m. Na atualidade a praceta mantem-se arborizada e destinada à circulação e descanso de peões.

Uma outra questão na altura considerada problemática foi a da comunicação entre o interior do quarteirão a norte do Palácio do Comércio e a via pública, estando inicialmente proposta a existência de uma abertura/túnel da fachada do edifício que fizesse a ligação entre o pátio e a rua da Firmeza (fig.482). Em 1946, um aditamento alteraria esta proposta, passando o acesso ao pátio a fazer-se pela rua do Bolhão,

existindo no subsolo um acesso feito entre a rua particular e o terreno localizado a sul da rua Firmeza para se poder futuramente fazer a ligação com o subsolo do edifício a construir nele. A firma Ferreira & Filhos propõe a construção de uma passagem por baixo do leito da Rua Firmeza. A "Comissão Coordenadora de Obras e Contencioso" no parecer dado não admitia a existência dessa passagem. Contudo, a necessidade de instalação de um novo posto de transformação de energia elétrica e gás, numa área onde se pensavam construir muitos e grandes imóveis e o consequente aumento de consumo de energia elétrica levou a municipalidade, em dezembro de 1946, a autorizar a abertura no subsolo da Rua Firmeza e o prolongamento da servidão. O pagamento e a responsabilidade de toda a estrutura da construção do túnel sob o seu prédio ficavam a cargo da firma, aproveitando a municipalidade a oportunidade para a construção do posto de transformação. Delfim Ferreira assume todas as despesas para construção do túnel.

A garagem do Palácio do Comércio, situada no subsolo do terreno quarteirão, passa a utilizar o túnel existente (com entrada pela servidão municipal localizada a norte da rua Firmeza e situado por baixo desta rua) como acesso automóvel que passa a fazer-se pela rua do Bolhão até aos dias de hoje.

4.1.1.5.2.2 O Palácio do Comércio (1946 a 1954) – Análise da evolução no processo construtivo



Fig. 490 - Fachada nascente sobre a rua Sá da Bandeira, 1946.
AHCMP- LO 1947/0051-018



Fig. 491 - Fachada poente sobre a rua do Bolhão, 1946.
AHCMP- LO 1947/0051-0121



Fig. 492 - Fachada norte sobre a rua Firmeza, 1946.
AHCMP- LO 1947/0051-020

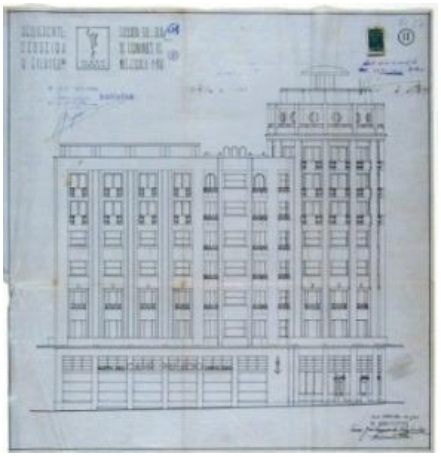


Fig. 493 - Fachada sul sobre a rua Fernandes Tomás, 1946
AHCMP- LO 1947/0051-017

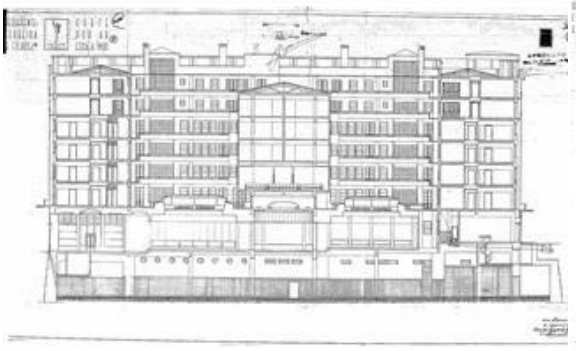


Fig. 494 - Corte por A-B , 1946.
AHCMP- LO 1947/0051-022

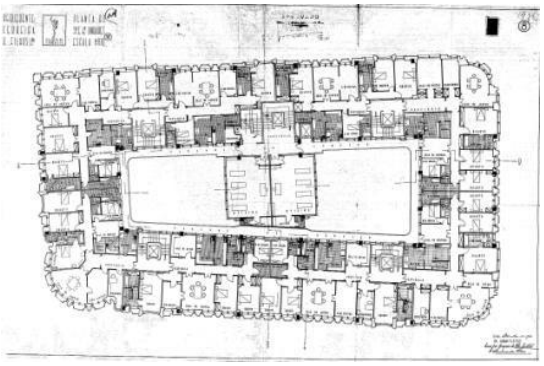


Fig. 495 - Plantas do 5º e 6º º andares,1946.
AHCMP- LO 1947/0051-014

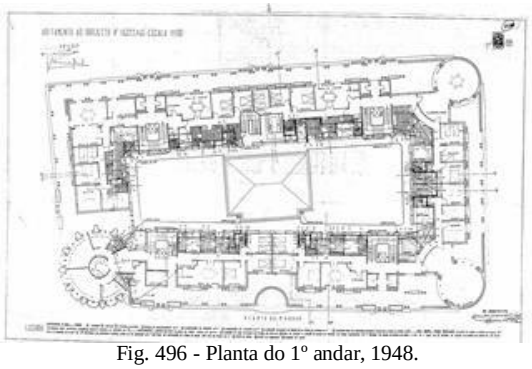


Fig. 496 - Planta do 1º andar, 1948.
AHCMP- LO 1947/0051-111

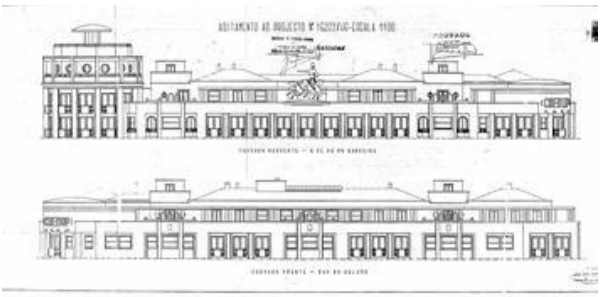


Fig.497 - Fachadas Nascente e Poente do andar recuado, 1948.
AHCMP- LO 1947/0051-112

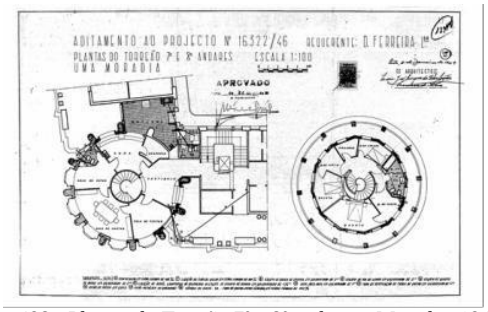


Fig. 498 - Plantas do Torreão 7º e 8º andares - Moradia, 1949.
AHCMP- LO 1947/0051-139

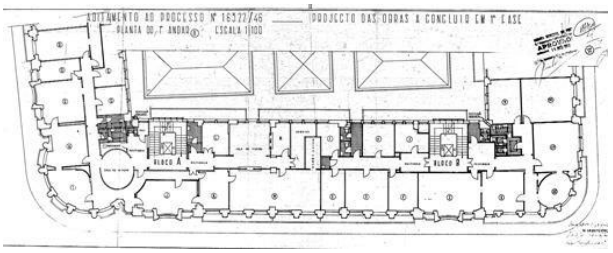


Fig. 499 - Plantas do 1º andar- Moradia, 1952.
AHCMP- LO 1947/0051-177

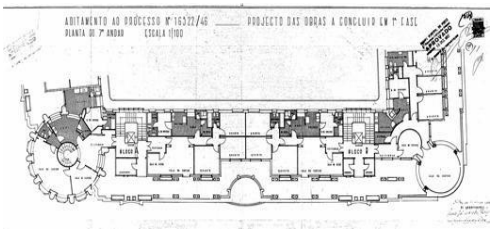


Fig. 500 - Plantas do 7º andar, 1952.
AHCMP- LO 1947/0051-181

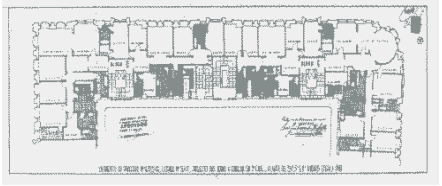


Fig. 501 - Plantas dos 3º,4º,5º,6º andares, 1954.
AHCMP- LO 1947/0051-247



Fig. 502 - Quadro com plantas do Palácio do Comércio de 1940 a 1952. Autor: Arq.º Miguel Tomé.

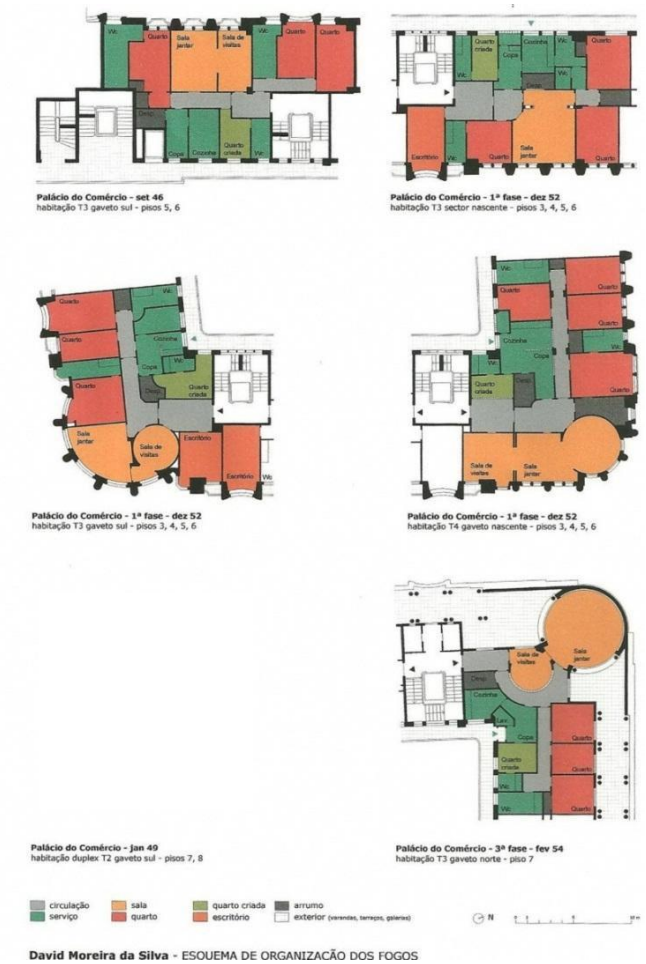


Fig. 503 - Quadro com distribuição dos Fogos do Palácio do Comércio. Autor: Arq. Miguel Tomé.

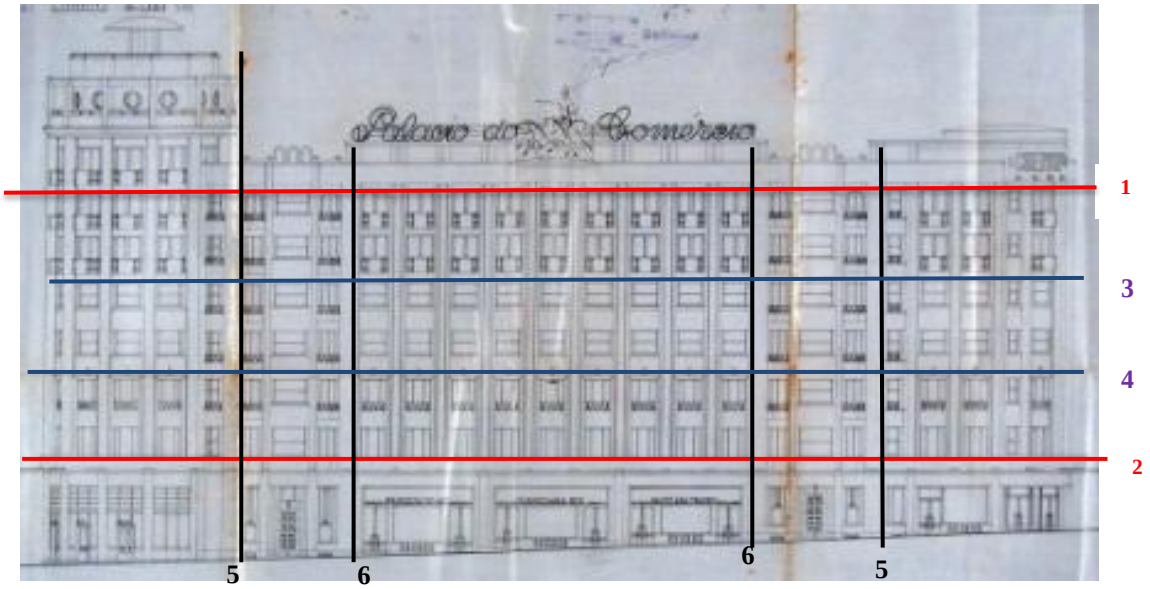


Fig. 504 - Esquema de tripartição do Palácio do Comércio: 1 Entablamento- platibanda; 2 Embasamento- rés-do-chão; 3/4 Eixos de demarcação dos tipos de fenestração; 6/6 moldura central do edifício; 5/6 e 6/5 Corpos definidores do corpo central.



Fig. 505 - Iluminação interior do edifício do Palácio do Comércio. FIMS/MSMSMS/Foto2707



Fig. 506 - Um dos acessos interiores do Palácio do Comércio. Escadas e ascensores. FIMS/MSMS/Foto2708

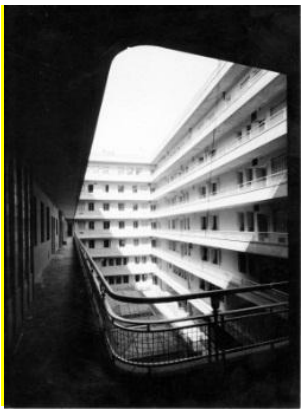


Fig. 507 - Pátio do Edifício, 1953. FIMS/MSMS/Foto1679



Fig. 508 - Pérgula sul do Palácio do Comércio. FIMS/MSMSMS/Foto2709

Todas as fachadas desenhadas e projetadas no primeiro projeto de 1946 (Figs. 490, 491, 492, 493, 494 e 495), foram passadas para o granito e são aquelas que ainda hoje se encontram ao alcance de qualquer observador/cidadão mais atento que percorra este espaço da cidade atual.

Há uma clara e clássica tripartição vertical das suas frentes de rua cobertas de granito e pontuadas por pala e platibanda que demarcam os seus três corpos de qualquer uma delas: uma afirmativa pala separa o rés-do-chão (pontuado por pesadas portas de bronze e janelas que interrompem a superfície de granito e destinado à atividade comercial) dos seis andares para serviços e habitação. Aqui a tripartição representada no edifício respeita o modelo clássico de embasamento/rés-do-chão através de uma Pala (fig.504); corpo central e o entablamento - andar ático/platibanda com pérgula (Fig. 504).

Lemos ainda uma outra tripartição vertical na fachada do corpo voltado para a rua Sá da Bandeira e que compreende os seis andares, sendo mais evidente nesta fachada nascente na qual há um corpo central emoldurado por uma geometria quadrangular e separado dos outros dois laterais através de pilastras (Fig.504). Nos dois eixos laterais, a superfície desta fachada e a do sul são movimentadas por planos côncavos e bow-windows poligonais que fazem a transição entre os eixos laterais (Fig. 490, 493) e o Torreão cuja verticalidade e movimentação nos é transmitida através de colunelos e vãos com diferentes enquadramentos, formas e materiais. Em três dos ângulos situados entre as fachadas sul/nascente, nascente/norte e norte/poente existem torreões que antagonizam claramente com o cunhal poente/sul profundamente anguloso.

Nestas fachadas os vãos/janelas têm uma composição distinta: agrupam-se dois a dois diferenciando leituras horizontais dadas pelas guardas de serralharia, pelas varandas poligonais com laterais no mesmo material e de temática geometrizante ou ainda sem qualquer elemento distintivo (Fig. 2/4; 4/3 3 3/1).

As fachadas possuem uma leitura complexa de um formulário diverso que estabelece hierarquias entre os pisos. É manifesta a utilização de regras de composição clássicas: tripartição, unidade, igualdade (repetição, ritmo e equilíbrio), contraste, proporção, escala[589] conjugadas/associadas a vários materiais e linguagens - elementos compositivos da *art déco (lettering*, pérgulas, torreões destacados dos panos das

[589] RODOLFO, João de Sousa - *Luís Cristino da Silva e a Arquitectura Moderna em Portugal.* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 131.

fachadas, superfícies movimentadas, volumes geométricos e elementos decorativos de geometrias lineares).

No quadro comparativo das plantas lê-se uma clara evolução da ocupação do espaço, inicialmente pensado um maior número de pequenas habitações com tipologias diversificadas que se distribuem do T1 ao T3+1, passando por todas as outras tipologias intermédias, para uma ampliação gradual das áreas do habitar, diminuição do número de moradias por piso e inclusão de escritórios localizados no pátio em corpos que ligam as duas maiores fachadas. No projeto definitivo, as tipologias variam entre o T3+1 e o T5+1.

As células encontram-se entre a fachada principal e a posterior possuidora de uma galeria de serviço à volta de todas as fachadas interiores e definidora de um pátio, entendido como um espaço privado, impermeável, com iluminação, ventilação e circulação.

Cada piso do projeto mais recente possui oito habitações dispostas em fila, disposição longitudinal e em cada uma delas há uma clara hierarquização dos seus dispositivos espaciais.

Como podemos concluir pela análise do quadro relativo à distribuição dos fogos, desde o primeiro projeto datado de 1946 até ao aditamento de 1954, constata-se que o núcleo composto pelas zonas de intimidade e de sociabilidade – vestíbulo, quartos, salas (jantar, de visitas), escritório e WC –, se encontram agrupadas e localizadas na fachada principal, separadas por corredor que remete para a fachada posterior a zona destinada a serviços (copa, cozinha, despensa, sala de costura) e a dependências destinadas ao pessoal doméstico, com entrada de serviço pela galeria localizada no pátio. Concordando com o estudo realizado pela arquiteta Gisela Lameira chegamos à mesmas conclusões: no interior de cada moradia *a configuração do plano potencia uma bipartição dos espaços, mas o objectivo é a tripartição: representação/quotidiano/serviços*[590].

Desde o início da sua conceção a construção vai sendo apurada, amadurecida, aumenta em altura, inclui um andar recuado no seu piso superior e os seus espaços interiores mais caracterizados e individualizados, com uma área cada vez maior e espaços mais amplos, e iluminados.

[590] LAMEIRA, op. cit., vol. II.

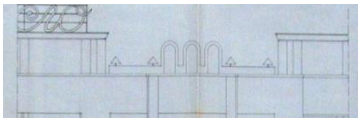
Nesta habitação coletiva continua a existir uma preocupação pela preservação da intimidade familiar dos seus proprietários, membros da alta e média burguesias, distanciando na medida das possibilidades o olhar de estranhos ao núcleo familiar. Esta separação mais ténue em relação àquela que existe na habitação unifamiliar é feita através do corredor e da entrada de serviço.

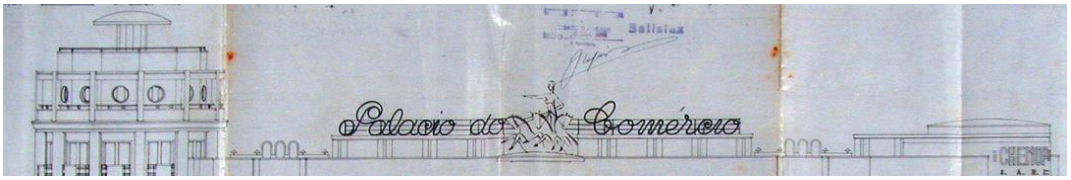
A zona destinada a habitação obedece também a uma hierarquização vertical, pela localização nos andares mais altos do edifício, e horizontal pela distribuição dos núcleos destinados à receção e à intimidade voltados para a fachada principal e, remetendo para a fachada posterior, a área dos serviços e dos dispositivos destinados aos domésticos, cuja entrada independente se faz pela galeria de serviços, dois núcleos separados pelo corredor.

4.1.1.5.2.3 A diversidade compositiva da fachada – linguagem/símbolo de um estatuto social


1

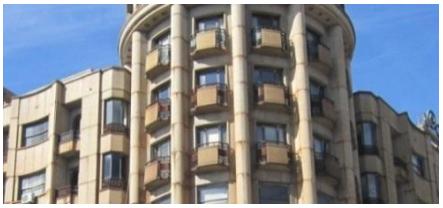

2

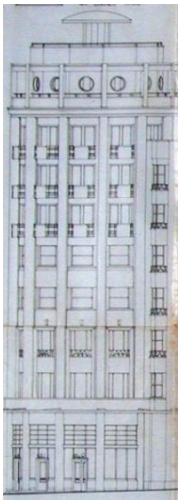

3



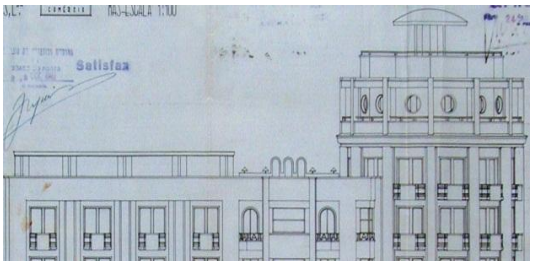
4


5

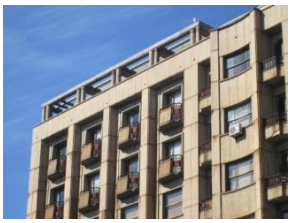

6


7

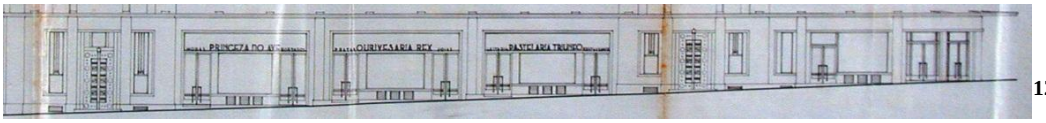

8



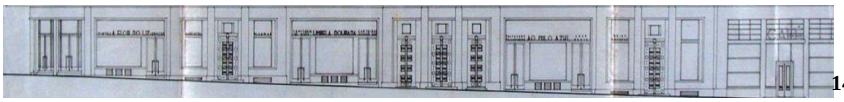
9


10

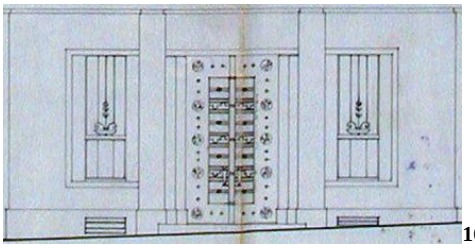

11


12


13


14


15


16


17

Imagens sem legenda, pormenores que obrigam a percorrer e a parar o olhar nos detalhes ornamentais e compositivos que de outro modo se perdem num todo complexo de informação visual em que se integram. Obrigam a refletir, a identificar os espaços a que pertencem ou a seguir percursos através da releitura de outras páginas referentes ao edifício. Pelo documento se procura descobrir e valorizar uma nova releitura – um outro olhar.

Fotografias/fragmentos, desenhos/fragmentos de fachada(s) urbana(s) que comprovam uma enorme diversidade de soluções adotadas/aplicadas pelo ateliê e que associadas em diferentes panos das superfícies voltadas para o espaço público, animam pelos seus cheios - geometrias e volumetrias dos elementos de composição arquitetónica de granito e ferro - ou através das formas dos seus vazios a imagem que nos é dada a ver de uma forma sóbria mas simultaneamente monumental.

Aqui colocamos propositadamente de uma forma aparentemente aleatória alguns elementos decorativos e compositivos. Na página anterior, agrupamos elementos que coroam a fachada (do número 1 ao 5), o corpo das fachadas (6 ao 11), do rés-do-chão (12 e 14) e dos vãos – portas e bandeiras de portas (13 e do 15 ao 17). Partimos do coroamento no qual destacamos elementos simbólicos e que através da interrupção dos seus cheios e vazios e geometrias ritmam o edifício. Aqui o *lettering* e a escultura do *Triunfo da Indústria* monumentalizam e hierarquizam o seu espaço, as geometrias e as pérgulas pontuam-no com ritmos de luz/sombra. Os corpos das fachadas movimentam-se em côncavos e convexos, em linhas curvas e retas, com colunelos adossados, em panos solidamente feitos e fechados pelo granito, interrompidos por vãos de molduras retangulares, varandas e bow-windows poligonais pontuados por serralharia de grafia geometrizante. O corpo do rés-do-chão, totalmente revestido a granito polido, é animado pela alternância de alguns dos seus vãos cujas montras, portas, bandeiras de portas e janelas laterais se ornamentam com elementos geométricos feitos de bronze. Finalmente, imagens/pormenores dos vãos do piso térreo atestam a sua robustez.

A sua solidez é inquestionável e parece garantir um abrigo realizado desde sempre e para sempre, uma presença que nos vê e testemunha a vivência de todos os atores passados e presentes. Tudo muda à sua volta mas este espaço permanece com a mesma aparência com a qual foi projetada e materializada, mesmo que viaturas, modas, sinaléticas várias, enfim equipamentos e funções antes pensadas para este espaço

sucedam à sua volta. O seu espaço interior é percecionado para além daquele edifício muralha – monumento. Convida-nos a entrar.

O exterior permanece um signo de autoridade, de referência e os seus muros apaziguam pela solidez, em tempos conturbados, e harmonizam-se continuamente com todo o espaço envolvente.

Do cimo deste edifício uma imagem de arquitetura/cidade a todos os títulos notável. Uma fotografia a preto branco[591] tirada do terraço/telhado capta o silêncio de uma ideia construída *Es idea materializada con medidas que hacen relacion al hombre, centro de la Arquitectura. Es idea construída [….] Las formas se destruyen com el tiempo pero las ideas permanecem, son eternas*[592]. A cidade, a luz, o movimento, o silêncio, os espaços interior e exterior, criadores do espaço matéria luz por cima do edifício, da cidade para a cidade total imagem que repousa *reunia-se o espaço, unificava-se o tempo num presente que parecia estar em toda a parte, para sempre, ao mesmo tempo*[593].

No cimo do edifício e do seu lado nascente, vigiando a cidade, uma imagem evoca o *triunfo* que se sobrepõe à efemeridade, à transitoriedade, aos tempos difíceis, de uma forma anímica, quando somos confrontados com esse espaço que nos afeta e ao nosso olhar.

[591] FIMS/MSMS/Foto1679 - autoria Teófilo Rego.
[592] CAMPO BAEZA, Alberto – *La idea construída.* Libreria Técnica/Universidade de Palermo/ASPPAN, 2000, p 10.
[593] GIL, José - *Movimento Total o corpo e a dança*. Lisboa: Relógio de Agua, p. 13.

4.1.2. O Santuário de Nossa Senhora da Conceição do Monte Sameiro



Fig. 509 - Sameiro vista geral do santuário. Disponível em WWW:URL: www.delcampe.net



Fig. 510 - Sameiro vista geral do santuário. Disponível em WWW:URL: www.delcampe.net



Fig.511 - Igreja e Monumento a Nossa Sr.ª da Conceição do Monte. Sameiro. FDM/00773



Fig. 512 -Templo e monumento de Nossa Senhora do Sameiro. 1920
Disponível em WWW:URL: www.delcampe.net

I

Ei-la, em fim, sobre o alto monte!
Cingem-lhe as nuvens a fronte,
Descobre-a largo horizonte,
De longe o viandante a vê:
E logo que a avista a alcança,
Iris d'eterna bonança,
Cresce mais firme a esperança,
Surge mais vivida a fé!
[…]
[594]

" E o peregrino vem
Reza devotamente.
Põe no altar o que tem.
E regressa mais livre e mais contente …
Assim faço eu também"

Miguel Torga. *Portugal*

[594]FIMS/MSMS/PU 7966 - BRAGA, Almeida – "A Inauguração do Monumento da Immaculada Conceição no Monte Sameiro". In *Memorias do Sameiro ou Narração Circunstanciada da Origem e Realização das Obras do Monumento da Immaculada Conceição e da Capella Commemorativa da Definição Dogmática da Infallibilidade Pontifícia Projectada no Monte Sameiro, Suburbios de Braga.* Coimbra: Typographia da "Ordem", 1882, p. 11.

4.1.2.1. **Origem do culto**

Em finais do século XIX *o Sameiro era um monte bravio, pertencente a vários proprietários, sem estrada nem fácil acesso*[595]. O Santuário tal como existe hoje demoraria a ser projetado e materializado, integrando pouco a pouco um conjunto de infraestruturas várias e espaços cultuais num monte sacralizado: monumentos, escadório, avenidas, esplanada, terreno arborizado, estradas, arruamentos parques e centro apostólico.

Durante quase todo o século XX e fruto da iniciativa de entidades religiosas, da devoção de fiéis e da atribuição de milagres locais, do Estado e da contribuição dos crentes (em bens: pecuniários, géneros, matérias-primas, alfaias litúrgicas e serviços prestados gratuitamente), de subscrições várias, do labor de vários artistas e do ateliê dos arquitetos Maria José Marques da Silva Martins e David Moreira da Silva foi possível criar um espaço tão complexo ao nível simbólico e espacial – *Lugar com narrativa de edificações em actualização permanente*[596].

A peregrinação iniciada, a partir de meados do século XIX, a este lugar situado no alto do monte do Sameiro, ainda hoje um importante espaço de culto Mariano[597] e onde se testemunha sempre a presença de inúmeros fiéis, nasce da devoção do padre Martinho António Pereira da Silva a Nossa Senhora da Conceição. De acordo com informações constantes na obra do padre Fernando Leite e do livro *Memorias do Sameiro*, este sacerdote que passeava pelo monte Sameiro na companhia do amigo, o padre Manuel Antunes dos Reis, em Setembro de 1861, terá lembrado e contado *as festas que tinham havido em Roma, por ocasião da definição dogmatica da Immaculada Conceição da SS. Virgem, em 8 de Dezembro de 1854*[598].

No início, o padre Martinho pensou em erguer um monumento à Imaculada Conceição, tendo sido colocada a primeira pedra no dia 14 de junho 1863[599] e, seis anos

---

[595] LEITE, Padre Fernando - *História do Sameiro*. Braga: Edição da Confraria de Nossa Senhora do Sameiro, 2004, p. 173.
[596] LOURO, Leopoldo Miguel Sousa - *Sameiro*. [s. l.]: Confraria de Nossa Senhora do Sameiro, 2005, p. 50.
[597] Vide LEITE, op. cit. e *Memorias do Sameiro ou Narração Circumstanciada da Origem e Realização das Obras do Monumento da Immaculada Conceição e da Capella Commemorativa da Definição Dogmática da Infallibilidade Pontifícia Projectada no Monte Sameiro, Suburbios de Braga*. Coimbra: Typographia da "Ordem", 1882.
[598] *Idem*, pp. 23-24.
[599] *Idem*, p. 57.

mais tarde, seria inaugurado e benzido o tão desejado monumento (1869), daquela que é a padroeira de Portugal e cujo dogma tinha sido definido e proclamado a 8 de dezembro de 1854 pelo Papa Pio IX[600], para sempre uma referência deste espaço devocional. Este sacerdote, o padre Martinho inicia o culto neste local à Virgem, com a elevação do monumento, fomenta a peregrinação popular, inicia o culto mariano no Sameiro e dá origem à construção deste espaço sagrado e da sacralização do monte [601].

> *É no alto do monte do Sameiro, continuação do monte Espinho, para o lado do meio dia. D'alli se avistam, além de toda a cidade de Braga, a de Guimarães, a entrada da do Porto pela parte do norte, n'ella a egreja da Lapa e outros pontos […] o alto de Santa Luzia de Vianna ….] Um sitio tão vistoso e que não é de diffícil acesso, suscitou a lembrança d'um projecto, que, parece, merecerá a approvação de todas aa pessoas que se interessam pelos melhoramentos religiosos e materiaes do nosso paiz. E' colocar n'esta eminencia sobre elevado pedestal uma grande e magestosa estatua da Virgem Santissima, com a invocação da Immaculada Conceição, na atitude de abençoar esta cidade e provincia […]*[602].

Oferecidos os terrenos[603] para a colocação do monumento a erguer no alto do monte (fig.511), encomendar-se-ia a obra em mármore da Virgem ao *insigne estatuário da cidade do Porto, Emygdio Carlos Amatucci*[604] que a terminaria no ano de 1869 e, em agosto desse mesmo ano, seria colocada no monumento do cimo do monte Sameiro. Este apenas duraria catorze anos, tendo sido destruído na noite de 9 de janeiro de 1883 e, no mesmo ano e sete meses depois do incidente, pensou-se na reconstrução de um novo monumento que seria inaugurado em 1886 no dia 9 maio.

Associado ao primeiro monumento foi necessário projetar um templo cuja colocação da primeira pedra se faria em 1873[605] , dois anos anteriores à morte do padre Martinho. A capela que se encontrava terminada e seria benzida em 28 de agosto de 1880 receberia uma nova imagem de Nossa Senhora, realizada em Roma e benzida pelo

---

[600] *Idem*, p. 21.
[601] LEITE, op. cit., pp. 180-182- Vários milagres foram atribuídos a N.ª Sr.ª do Sameiro.
[602] *Memorias do Sameiro ou Narração Circunstanciada da Origem e Realização das Obras do Monumento da Immaculada Conceição e da Capella Commemorativa da Definição Dogmática da Infallibilidade Pontifícia Projectada no Monte Sameiro, Suburbios de Braga.* Coimbra: Typographia da "Ordem", 1882, pp. 33-34.
[603] *Idem*, p. 39. *Por um casal de lavradores da freguesia de Espinho – Manuel José Gomes e mulher Anna Joaquina e por D. Flaviana Claudina Rebello da Silva Lima, filha de José António Rebello da Silva correio-mor de Braga.*
[604] *Idem*, p. 45.
[605] *Idem*, p. 223.

Papa Pio IX. Esta imagem aguardou a finalização deste templo, tendo permanecido dois anos na igreja do Pópulo de Braga e sido conduzida posteriormente numa procissão para o monte Sameiro, lugar onde seria celebrada uma missa no altar junto ao monumento, após a qual *acorreu um fluxo contínuo de peregrinos* [que] *por ali passou a venerar a Mãe de Deus*[606].

Grassava pela europa, no ano de 1885, uma epidemia de cólera-morbo que ceifava vidas quando na igreja do Pópulo, na cidade de Braga, se fazia a promessa à Virgem do Sameiro da realização de uma peregrinação ao monte Sameiro se esta epidemia não atingisse Braga e Portugal, tendo vindo a ser atribuído à Virgem o milagre de não afetar o povo português[607].

No ano de 1884 iniciava-se a construção do novo monumento, tendo sido inaugurado em maio 1886[608]. Em 31 de Agosto de 1890, é colocada a primeira pedra para o novo e atual templo[609] uma vez que o templo anterior se revelava demasiado pequeno para o crescente número de fiéis.

Este espaço religioso pensado e nascido com o culto à Virgem, no século XIX, com o Padre Martinho, continuaria a atrair até aos nossos tempos milhares de fiéis que por iniciativa particular e coletiva sobem esta *colina sagrada*[610] para rezarem, à procura de cura para os seus males, proteção, e em agradecimento pelo atendimento dos seus pedidos. As peregrinações oficiais realizavam-se em Maio e em Agosto, partindo respetivamente de Braga da Sé e do santuário do Bom Jesus do Monte até à esplanada onde uma multidão de peregrinos assistia à missa campal.

A agitada conjuntura político-religiosa portuguesa das primeiras décadas de 1900 atrasaria a conclusão do Templo que demoraria até inícios da década de 1940. Até 1969 se continuaria neste santuário a realizar diversas obras: inauguração dos novos Monumentos ao Sagrado Coração de Jesus, a Nossa Senhora e ao Papa Pio IX (junho de 1954); inauguração do monumento ao padre Martinho (maio de 1957); inauguração do monumento a S. Cirilo de Alexandria (agosto de 1959); Inauguração do monumento a Sto. António de Lisboa (dezembro de 1959); inauguração do monumento a S. Bernardo de Claraval (maio de 1960); inauguração do monumento a S. Afonso Maria de Ligório

606 *Idem*, p. 91.
607 LEITE, op. cit., pp. 63-34.
608 *Idem*, p. 223.
609 *Idem*, *ibidem*, p. 70.
610 *Idem*, *ibidem*, p. 133.

(agosto de 1960); sagração do Templo e colocação da primeira pedra para o Centro Apostólico (agosto de 1963) e a bênção e inauguração do Centro Apostólico do Sameiro (agosto de 1969)[611] onde se radicarão a Fraternidade Sacerdotal e a Casa do Retiro para o Clero da Diocese[612].

> *[…] Construído o Centro Appostólico, ele será, além do Monumento comemorativo do Centenário e do Concílio Vaticano II, o refúgio de muitos enfermos e inválidos, tento física como espiritualmente […] será também o grande Seminário para a formação dos leigos católicos, a Casa de Retiros e de actualização pastoral do Clero [….][613].*

Há aspetos comuns e obrigatórios aos sítios destinados ao culto:

> *[…] carácter social do culto […]; condição simbólica dos actos que compõem o culto (ritos, orações, sacrifícios, cânticos celebrações) e que exigem determinados objectos sacros (imagens, estátuas, altares, cruzes […]a repetição periódica dos actos cultuais […]; a existência de um local (gruta, capela, igreja ou santuário) onde a acção simbólica se realiza [….] procissões ou peregrinações […]*[614].

Lugar destinado ao culto à Virgem Maria, inicialmente ao monumento erguido em sua honra e objeto de culto, posteriormente e com a ereção de um templo e de dispositivos espaciais vários e acessos a peregrinações.

---

[611] *Idem*, *ibidem*, pp. 223-226.
[612] *Idem*, *Ibidem*, p. 120.
[613] D. Francisco Maria da Silva, "Exortação Pastoral sobre o Centenário do Sameiro". In LEITE, Padre Fernando, op. cit., p. 120.
[614] PINTO, Elisabete; BARROSO, Paulo - *Penha. Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*. Guimarães: Edição de Autor, 2005, p. 45.

4.1.2.2. O Lugar



Fig. 513 - Monumentos à Virgem e ao Sagrado Coração de Jesus. Santuário do Sameiro. Disponível em WWW. URL: http:/www.delcampe.net



Fig. 514 - Monumentos à Virgem e ao Sagrado Coração de Jesus. Santuário do Sameiro. In LOURO, Leopoldo Miguel Sousa - Sameiro. [s. l.]: Confraria de Nossa Senhora do Sameiro, 2005, p. 45.

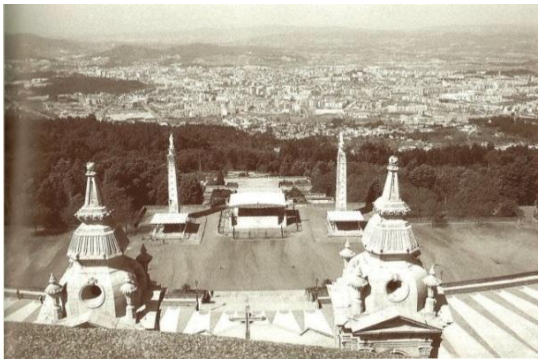


Fig. 515 - Vista a partir do Zimbório da Basílica do Sameiro. In LOURO, Leopoldo Miguel Sousa - *Sameiro*. [s. l.]: Confraria de Nossa Senhora do Sameiro, 2005, p. 67.

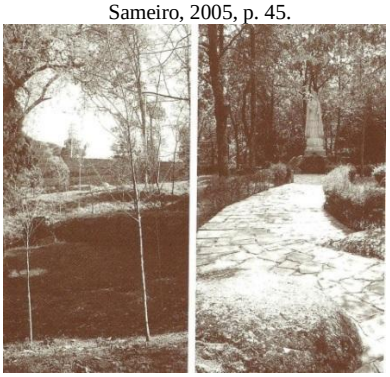


Fig. 516 -Imagens da Envolvente do Santuário do Sameiro. In LOURO, Leopoldo Miguel Sousa - Sameiro. [s. l.]: Confraria de Nossa Senhora do Sameiro, 2005, p. 138.



Fig. 517 - Fotografia do Escadório, Monumentos ao Sagrado Coração de Jesus e Virgem. Fotografia: Maria do Carmo Pires



Fig. 518 - Fotografia do Túnel sob o Escadório. Fotografia: Maria do Carmo Pires

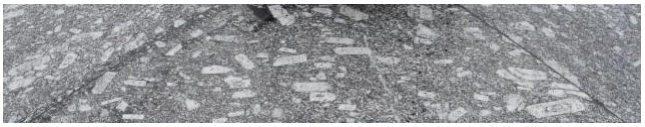




Fig. 519 - Granito do Sameiro e vegetação. Pormenores de fotografias ao monumento ao Padre Martinho. Fotografias: Maria do Carmo Pires

A eleição de um lugar destinado a culto e a peregrinação não é arbitrária, deve possuir determinados atributos naturais de forma a despertar determinadas emoções e a conduzir à prática de ritos vários – culto. Nas *Memorias do Sameiro* o momento em que o sacerdote se lembra de erigir um monumento à Virgem é registado da seguinte forma: *quando o sol começava a declinar para o ocaso e a brisa agitava brandamente as folhas do copado arvoredo, os dois Sacerdotes, gozando da frescura do entardecer, sobem até ao alto do monte Sameiro*[615]. O Sameiro torna-se assim um *sacro-monte* de culto mariano, que a partir do momento em que se inicia o culto à Virgem se converte num centro de devoção, um lugar em *que as alturas e deslumbramento paisagístico favorecem o numinoso, facilitam as possibilidades de hierofanias e predispõem para o sagrado* [616] - de acordo com estas palavras de Carlos Alberto Ferreira de Almeida[617] para um outro santuário mariológico (o da Penha). Pensamos que se aplicam também a este que consideramos ser um espaço cujo itinerário, condições naturais e significado, propiciam aos devotos que a ele acorrem, uma experiência única pelo enorme simbolismo, pela esperança de proteção, a crença da cura e de recordações indizíveis que os unem.

A sua localização num espaço que domina uma vasta área onde existem várias aglomerações, possibilita a devoção das populações mais próximas que a este sítio acorrem em momentos de devoção e de aflição; em procissões/peregrinações na altura de celebração de cerimónias religiosas, lugares de um lugar simultaneamente humano e sagrado *Montes-sacros, ermidas e religiosidade popular com os seus ritos e cerimónias são temas onde se pode sondar as profundidades da alma colectiva e das pessoas*[618].

Um sítio detentor de beleza única que convoca à subida, ao esforço do corpo num percurso libertador, a desfrutar os silêncios e sons harmoniosos de um espaço natural apropriado pelo homem para se aproximar do divino no momento em que se deslumbra com a aparição da imagem de uma igreja imponente e dos seus espaços simbólicos. Citando Gresleri num artigo de uma obra dedicada aos aspetos simbólico, sagrado e à espiritualidade em Le Corbusier, escreve: *Aos olhos daqueles que vivem uma experiência religiosa, toda a Natureza pode, sabemo-lo, revelar-se como uma*

[615] LEITE, op. cit., p. 54.
[616] FERREIRA DE ALMEIDA, Carlos Alberto – "A Penha e a Senhora da Lapinha. Elementos para a compreensão da religiosidade popular." In *Actas do Santuário de N.ª S.ª da Penha. Simpósio Mariológico*. Braga Universidade Católica Portuguesa e Irmandade de N.ª S.ª do Carmo da Penha, 1994, p. 96.
[617] *Idem, ibidem.*
[618] FERREIRA DE ALMEIDA, op. cit., p. 105.

realidade cósmica […][619] *[…] do ponto de vista do contexto como do psicológico: a solidão, a escolha do lugar (a paisagem, a montanha-pirâmide que brota do mar e termina na capela da Virgem)*[620].

António Cardoso descreve de uma forma poética e enfatiza as emoções que este tipo de lugares este tipo de lugares despertam, partindo do exemplo do santuário da Penha, descrição essa que nos permite a total interiorização/perceção do espaço e do seu significado e a visualização de uma imagem unitária *A montanha é quase por definição "ponto de encontro e de fusão dos elementos primeiros", eixo do mundo, casamento da terra e do céu, reduto das forças vitais a que se adequam concepções simbólicas e existenciais […] É nesta religação que está, ainda, o fenómeno religioso*[621].

Este como qualquer outro santuário possibilita *uma vivência colectiva [….] faz viver e experimentar a comunidade dos homens […]. Ir à Penha, a Fátima, ao Sameiro, é também um acto social de apropriação do sagrado que regenera a vida concreta de todos os dias […]*[622]*. A mobilidade e vontade de conhecer são próprias da natureza humana. "Para saber, passear ou ler", diz um velho ditado popular*[623].

A arquitetura e a organização dos diversos espaços servem no santuário um ritual, participam e organizam as cerimónias e práticas religiosas de que a procissão é apenas uma delas *encontra-se convocada uma prática cerimonial que podemos ler como um outro tipo de passeio arquitectónico: a procissão*[624].

Rémi Papillault[625], a propósito da obra de Le Corbusier, interroga-se sobre o que poderá conferir ao lugar um espírito sagrado, de que forma se traduz na sua plástica e luz, entre outros aspetos. Continua e expressa algumas considerações relativas à definição corrente de sagrado: *o sagrado pertence a uma forma de existência superior*,

---

[619] GRESLERI, Giuliano – «Le Corbusier: itinéraires du sacré». In Le Corbusier. *Le symbolique, le sacré, la spiritualité*. Paris: Éditions de La Villette, 2004, p. 13.
[620] *Idem*, p. 14.
[621] CARDOSO, António – "O santuário da Penha e a sua Arquitectura". In *Actas do Santuário de N.ª S.ª da Penha. Simpósio Mariológico.* Braga Universidade Católica Portuguesa e Irmandade de N.ª S.ª do Carmo da Penha, 1994, p. 139.
[622] LIMA, José da Silva - " A Piedade Popular Mariana" In *Actas do Santuário de N.ª S.ª da Penha. Simpósio Mariológico.* Braga Universidade Católica Portuguesa e Irmandade de N.ª S.ª do Carmo da Penha, 1994, pp. 185-186.
[623] FERREIRA DE ALMEIDA, Carlos Alberto – "Caminhos medievais no Norte de Portugal*".* IN *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago. Itinerários Portugueses.* [s.l.]: Xunta de Galicia/Centro de Artes Tradicionais, 1995, p. 345.
[624] POTIÈ, Philippe – "De la spiritualité cathare à l'initiation puriste» In *Le Corbusier. Le symbolique, le sacré, la spiritualité.* Paris : Éditions de La Villette, 2004, p. 33.
[625] PAPILLAULT, Rémi "La tentation du sacré sur Capitole de Chandigarth», In *Le Corbusier. Le symbolique, le sacré, la spiritualité.* Paris: Éditions de La Villette, 2004, p. 68.

transcendente, separado do mundo considerado profano e possuidor de uma força sobrenatural. Afasta-se a priori do pensamento do arquiteto que coloca o homem "nos seus gestos quotidianos, na sua vida diária" no centro do seu conceito[626]. Este professor, arquiteto e urbanista francês considera existir de uma forma transversal na vida do arquiteto, várias referências ou projetos relativos a espaços de alto e marcante significado religioso. Pensa mesmo que Le Corbusier terá experienciado as maiores emoções perante construções sagradas, partindo do exemplo da Acrópole de Atenas, obra na qual o arquiteto se terá inspirado para transmitir no Capitólio de Chandirghar, edifício destinado ao homem, a dimensão do sagrado. Esta dimensão é-lhe atribuída a partir do lugar; um espaço de conciliação de opostos, em que a horizontalidade do sítio em que se implanta se articula com a verticalidade/elevação das montanhas sagradas dos Himalaias.

O sítio influencia, noutros e em tempos atuais, a conceção da obra de um arquiteto e por isso é necessário entender o lugar em toda a sua complexidade, pensar as suas funções, para quem se edifica e criar uma obra que se harmonize com o espaço envolvente visível e que com ele se una.

Aqui neste lugar qualquer visitante sente o *Genius Locci* - tudo o que o torna num lugar especial, com carácter capaz de afetar, emocionar e apaziguar quem o procura. A Natureza impõe-se e submete qualquer obra humana, aproximando-a do divino – da perfeição, do inatingível de uma forma impossível de traduzir por palavras.

No cimo do monte sob o céu, tudo parece contribuir para pacificar os conflitos e as incertezas humanas: luz, cor, vastidão, movimento ténue, atmosfera, briza, verde, azul, infinito dominam e fazem esquecer a efemeridade da existência humana. O exterior é aqui também interior e o interior é exteriorizado pelo homem individual e coletivamente em todos os lugares delimitados ou dentro dos volumes da obra edificada. A arquitetura, os cheios e os vazios não se encontram isolados, comungam com o lugar, possibilitam a ligação do humano com o divino, dão a perceção divina ao humano – não se sentem limites.

Neste santuário edifica-se no centro deste lugar alto e elevado. À sua volta são disponibilizados ao peregrino e ao homem, meios para ascender à montanha sagrada e nela partilhar culto/ rituais a partir de estradas e avenidas que se adaptam ao relevo e comungam com a Natureza. Vencido o percurso, o crente ou visitante abarca a

[626] *Idem*, pp.68-69.

imensidão do espaço – descansa, abriga-se, refaz as suas forças e, tendo encontrado a tranquilidade e encontrando-se consigo próprio, disponibiliza o seu corpo para um outro diálogo silencioso e solitário ou em íntima união com os outros.

Lugar de reunião de crentes, afastado das aglomerações e das suas vivências quotidianas, a sua sacralização prende-se, como já referimos, com a promoção do culto a Nossa Senhora da Conceição por iniciativa do padre Martinho, no século XIX ao propor a realização de um monumento à Virgem, acontecimento agregador de uma comunidade católica que a partir de então passa a deslocar-se frequentemente ao monte em peregrinação.

O monumento localizado no cimo do Sameiro determinou outras obras que tornariam este lugar um santuário, a partir da lenta apropriação por construções que resultam de diálogos entre o material e o espiritual e originam um espaço com as mesmas valências - espaço simbólico.

A ligação entre o humano e o cósmico, entre o humano e o sagrado/religioso, ritual com calendário religioso de comunhão através da construção que se subordina ao lugar e que se torna um refúgio de um refúgio, oração e um reencontro consigo, repouso, reflexão, alimento. Pedra e vegetação, céu e terra, natural e construído, luz e sombra harmonizam-se e tornam este lugar único.

Encontrar-se acima do escadório à frente do templo olhando para a imensidão do espaço e do tempo pode ser uma experiência única, indizível e inexplicável.

4.1.2.3 A génese do Lugar Religioso: modelo, processo de construção e ocupação

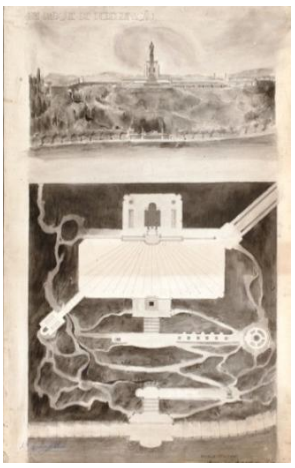


Fig. 520 - *Um Parque e Esplanada de um Templo de Peregrinação*, 2ª Medalha, Escala 0,002 PM. Assinado: Maria José Marques da Silva, 20-05-1938. FIMS/MSMS/1921-2592

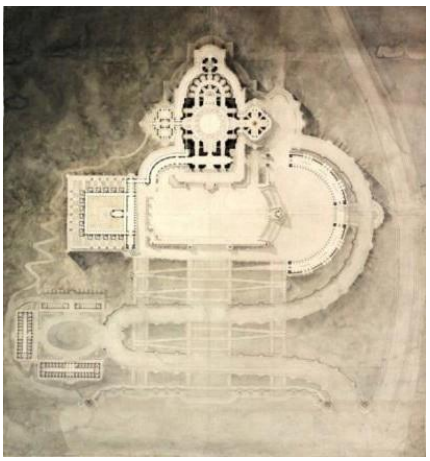


Fig. 521 - DUQUESNE, Eugène-Joseph-Armand – *Une Église votive dans un lieu de pèlerinage célèbre*, Grand Prix de Rome, 1897

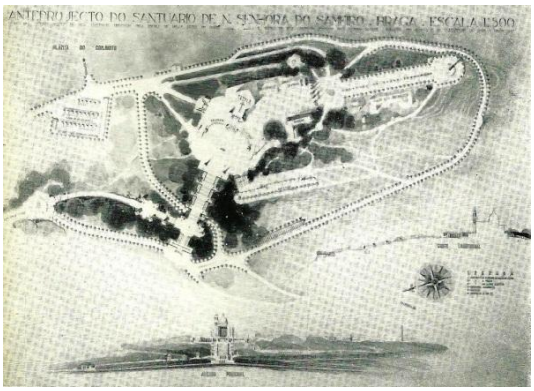


Fig. 522 - Anteprojeto do Santuário de Nossa Senhora da Conceição do Monte Sameiro, 1947. FIMS/MSMS/DMS567

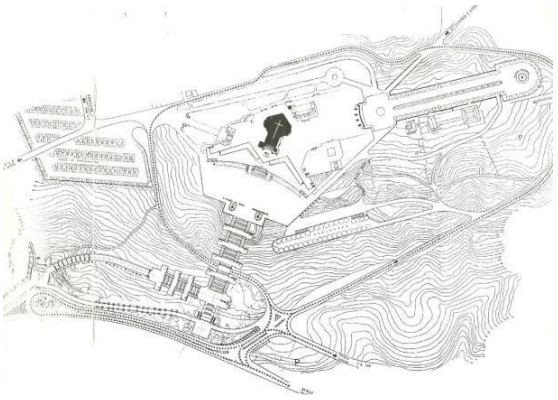


Fig. 523 - Planta geral do projeto do Santuário, com a representação do que já foi construído, 1961 FIMS/Monografia/DMS567, pp. 106-107



Fig. 524 - Fotografia aérea do atual santuário do Sameiro Google maps

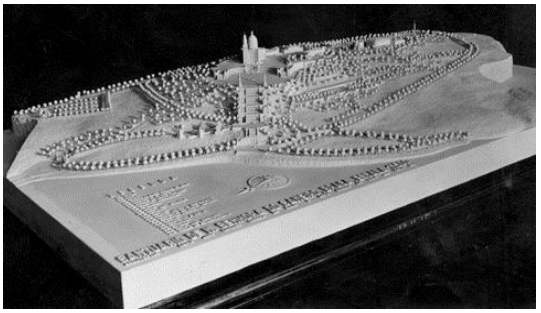


Fig. 525 - *Maqueta do Sameiro*, 1947. FIMS/MSMS/Foto1673

A organização e construção dos diversos monumentos, espaços e edifícios neste santuário, por parte do ateliê em estudo, fez-se em diversos ritmos. Aqui tempo e espaço são vetores importantes para fazer um lugar diferente, neste caso um espaço religioso. É importante parar, refletir, analisar as suas diferentes etapas para realizar uma síntese e interiorizarmos o todo, aqui o tempo é outro *E a Arquitectura [….] também precisa de tempo e do seu tempo*[627].

As características do espaço em que se insere o santuário e a forma como tem sido apropriado, ao longo dos tempos, depende de vários fatores como a localização geográfica – montanha e atmosfera -, e o impacto estético da sua arquitetura. A beleza da sua envolvente, as geometrias dos seus jardins que ajudam um envolvimento vivo e vivido, as fontes, os seus monumentos embelezam e convidam a vivenciá-lo. Este espaço que se eleva torna-se também um símbolo do sagrado, ligação do mundo terreno ao divino (céu). Um lugar de peregrinação, uma viagem de saída do lugar de quem quotidianamente o habita e da saída de si na certeza de retorno mais leve e compensatório- que se pretende nunca esquecido e interiorizado. Uma experiência pessoal com o divino/sagrado.

A interiorização de aprendizagens e a aquisição de competências projetuais a nível da futura atividade profissional é resultante de lições anteriores e/ou de modelos e tipologias de espaços vários de que os trabalhos académicos das figuras são disso exemplo. O trabalho académico, de 1938, de Maria José Marques da Silva Martins realizado durante a sua frequência no Curso Superior da EBAP e o do Grande Prémio de Roma (fig. 521), subordinados ao mesmo tema - a Peregrinação, apresentam características comuns a um qualquer santuário enquanto lugar possuidor de uma dinâmica espacial muito própria que nos transcende e onde se sente a presença de Deus: os templos ou casas de deus são imponentes, localizados no cimo de um monte de difícil acesso e cujo percurso se faz através de um terreno acidentado mas possuidor de atributos únicos (arvoredo, água, luz, horizonte), de sinuosos caminhos e/ou escadórios que obrigam o peregrino a vencer a fadiga física para chegar ao lugar de culto. O conjunto simbólico convoca ao sagrado. Tal como todos os santuários também estes representados em projetos académicos possuem amplos e belos espaços exteriores destinados a albergar multidões, no cimo do monte, em lugares de difícil acesso, no

[627] CAMPO BAEZA, Alberto - *La idea construída*. Madrid: ASPPAN, 2000, p. 26.

meio de vasto arvoredo e possuem dispositivos realizados com o propósito de satisfazer as necessidades do homem-peregrino.

Se compararmos os trabalhos académicos com o projeto realizado pelo ateliê para o Sameiro detetamos neles os mesmos atributos necessários a um espaço-santuário: a localização do templo no cimo de um monte, espaços amplos de receção a uma multidão de peregrinos, acessos, o isolamento relativamente a outras povoações e a sua ligação única ao espaço natural.

A duração da construção deste espaço parece-nos demorada (das décadas de 40 a 80), mas esta deve-se, entre outros aspetos, à contínua materialização da ideia do que se quis construído para a eternidade, a concretização de algo impalpável do domínio do pensamento e por isso um espaço simbólico.

Este santuário tal como vários sítios sagrados obedecem a *um modelo italiano de ocupação sagrada do espaço, à imagem dos sacros-montes italianos: capelas evocativas, fontes, escadórios, terreiros, pórticos e templos principais*[628].

Na criação das suas infraestruturas e de todo o tipo de equipamentos necessários à prática devocional num santuário, há a observar: a localização num sítio elevado, isolado e de difícil acesso que permita uma visualização de um amplo espaço natural circundante e possuidor de certos atributos que apelem aos sentidos (luz, cor, vegetação, água silêncio); um templo monumental que permita a receção e lugar de culto de um número significativo de fiéis e dedicado à entidade objeto de culto; monumentos, um espaço fronteiro amplo ou esplanada destinado a determinadas cerimónias em que participe uma multidão de peregrinos: parques de lazer, estradas, parques de estacionamento automóvel, escadório, estabelecimentos destinados a fins turísticos (restaurantes, hotéis, lojas de recordações, casas de estampas)[629].

Todos estes atributos que existem no santuário do Sameiro foram pensados e construídos, inicialmente ligados ao culto de uma imagem santa e, mais tarde, ainda para receber e responder a todas as necessidades/exigências dos muitos fiéis. É *um lugar com narrativa de edificações em actualização permanente*[630], preparado para alterações a práticas religiosas e expressões artísticas de cada época.

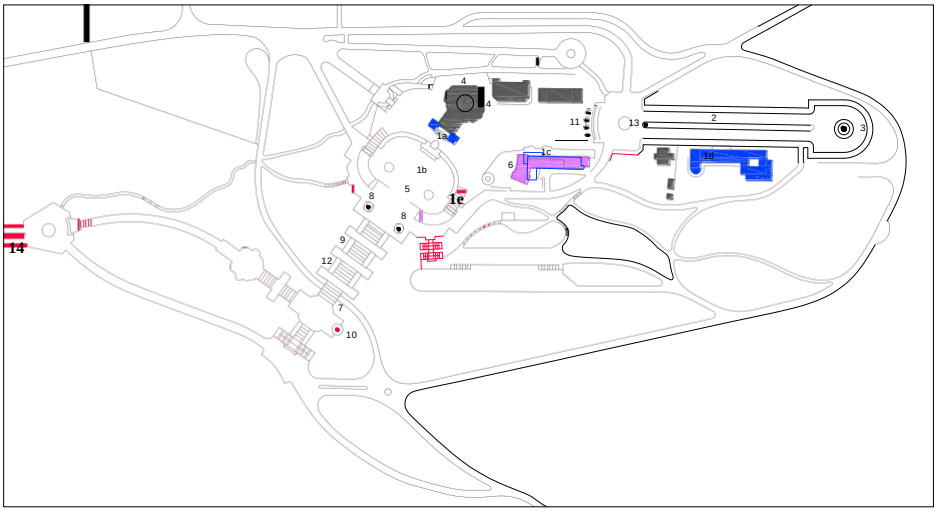
---

[628] PINTO, Elisabete; BARROSO, Paulo, op. cit., p. 53.
[629] *Idem, ibidem*.
[630] LOURO, Leopoldo Miguel Sousa - *Sameiro*. [s. l.]: Confraria de Nossa Senhora do Sameiro, 2005, p. 50.

Neste miradouro e sacro-monte de Braga, o ateliê foi respondendo quer às exigências do culto quer às necessidades de todo o crente enquanto homem e devoto, integrando as suas intervenções com outras pré-existentes, dependendo da disponibilidade económica local e oficial para a sua edificação.

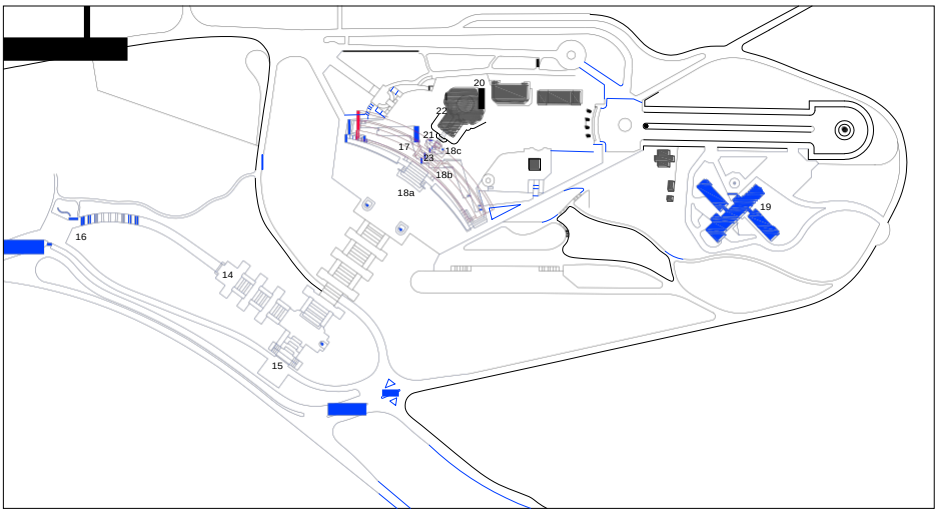
Na imagem da fig. quatro anjos, esculturas contemporâneas de simbólica religiosa [631] que assumem neste espaço, uma valência unificadora/apaziguadora importante e coerente com os anteriores lugares. Eles são uma manifestação de uma nova religiosidade, testemunhada através de uma outra linguagem plástica mais mediática.

[631] Anjos da autoria da escultora Clara Menéres. Fotografias de Leonor Soares.



1 Anteplano do Santuário (dezembro 1947)
a. Nova fachada da igreja
b. Adro
c. Hospital
d. Grande hotel
2 Avenida Padre Martinho (novembro 1948)
3 Cruzeiro (abril 1949)
4 Capelas laterais (agosto 1949)
5 Adro (dezembro 1949)
6 Colónia infantil (janeiro 1952)
7 Túnel (maio 1953)
8 Monumento à Virgem e ao Sagrado Coração de Jesus (maio 1953 / maio 1954)
9 Escadório (março 1954 / julho 1955)
10 Monumento a Pio IX (março 1954)
11 Porta dos Qautro Doutores da Igreja (julho 1955 / agosto 1959)
12 Escadório - 2ª fase (julho 1956)
13 Monumento ao Padre Martinho (abril 1957)

Existente
Construído (plano de 1947)
1ª proposta (não realizado)
2ª proposta (não realizado)
1ª proposta (alterado)



Construído (plano 1947)
Construído (a partir de 1960)
Alterado

14 Escadório – 3ª fase (junho 1958)
15 Escadório – 2ª fase b (janeiro 1959)
16 Escadório – 4ª fase (abril 1960)
17 Adro (agosto 1959)
18 Novo projeto para o Adro e para a Cripta
a. Adro (novembro 1960 / dezembro 1961 / fevereiro 1973 / julho 1973 / Setembro 1973) b. Cripta (novembro 1960 / dezembro 1961 / fevereiro 1973 / julho 1973 / Setembro 1973) c. Altar Campal (novembro 1960 / dezembro 1961 / fevereiro 1973 / julho 1973 / Setembro 1973 / janeiro 1978)
19 Centro Apostólico (maio 1964 / agosto 1972)
20 Alteração do Altar-Mor da Basílica (agosto 1972)
21 Túnel de acesso à cripta (julho 1973 / janeiro 1978 / abril 1978)
22 Escadas do túnel para a cripta (janeiro 1978)
23 Altar da Cripta (janeiro 1978)

Fig. 526 - Evolução da urbanização do santuário do Sameiro Projeto. Autor Arq. Miguel Tomé.

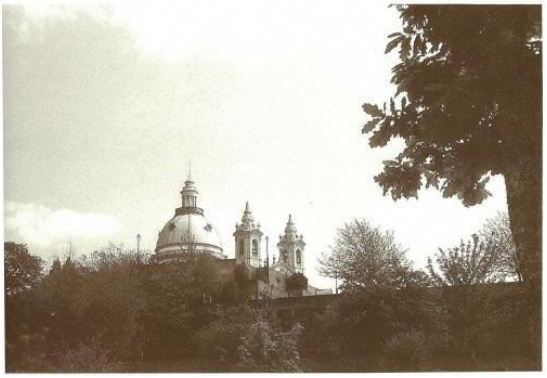


Fig. 527 - Fotografia do templo do Sameiro. LOURO, op. cit., p. 65.

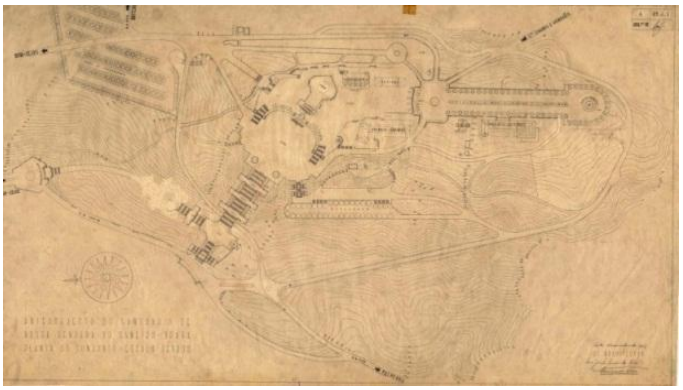


Fig. 528 - Anteprojeto do Santuário de Nossa Senhora do Sameiro - Planta de Conjunto, escala 1/1000, 1947. FIMS/MSMS/pd7982

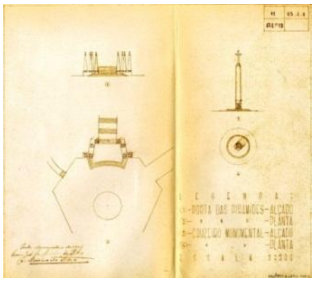


Fig. 529 - *Porta das Pirâmides, Alçado e planta, Cruzeiro Monumental*, 1947, esc. 1:500. FIMS/MSMS/1899-4134 -0020 pormenor

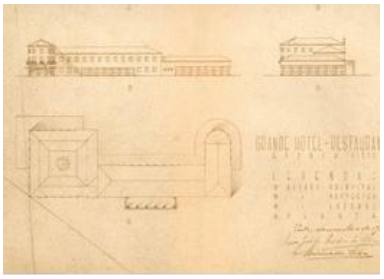


Fig. 530 - *Grande Hotel - Restaurante*. alçado principal, posterior, plantas, 1947. FIMS/MSMS/ 1899-4134 -0007 pormenor

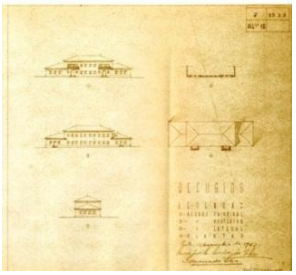


Fig. 531 -*Refúgios*, Alçado Principal, posterior, plantas, 1947. FIMS/MSMS/1899-4134-0018 pormenor

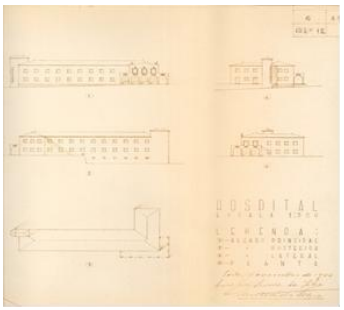


Fig. 532 - Hospital do Sameiro. Alçado, 1947. FIMS/MSMS/1899-4134-pd0008 pormenor

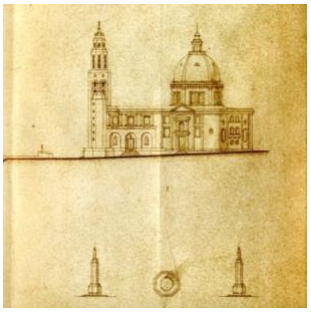


Fig. 533 - Basílica do Sameiro. Alçado, 1947. FIMS/MSMS/1899-4134-pd0021b pormenor



Fig. 534 - Basílica do Sameiro, corte. 1947. FIMS/MSMS/1899-294-pd0021a pormenor

Quem se aproxima deste lugar é confrontado com uma Basílica imponente inscrita na leitura/grafia do lugar natural[632]. O templo afirma-se e assume uma monumentalidade e leitura espaciais únicas pelo contraste da fachada de esquema clássico de tripartição que constrasta com uma imponente cúpula e corpo de geometria curvilínea de alvenaria rematada a cantaria. Edificado em granito, de linguagem classicizante. As suas torres sineiras destacam-se numa fachada movimentada pelos avanços e recuos das suas superfíficies, pelo arco triunfal do seu portal encimado por generoso janelão com balaustrada e frontão triangular partido.

Os dois arquitetos trocariam demorada correspondência sobre o projeto e aqui realizariam numerosas e frequentes deslocações para a sua execução.

Entre 1945 a 1981, o ateliê contacta com a Direção Geral dos Serviços de Melhoramentos Urbanos e Rurais da MOPC, a Direção dos Serviços de Urbanização do Norte, os vários elementos que integravam a Confraria de N.ª S.ª do Sameiro, todos os responsáveis pela execução da obra de marmorista, de escultura, de cantaria, de fundição, de eletricidade, entre outros e, também, os sacerdotes daquele templo e da diocese de Braga a propósito desta importante encomenda. Semanalmente deslocar-se-iam, ao santuário para acompanhar *in loco* os trabalhos.

De 1945 a 1946 a principal preocupação, enquanto se pensava na realização de um projeto de urbanização desejado e encomendado pela Confraria, é a abertura e construção de uma acessibilidade ao Sameiro. O engenheiro diretor do MOPC remete o parecer sobre a decisão da sua abertura para David Moreira da Silva cuja apreciação à variante da estrada projetada é considerada exequivel com o projeto de urbanização daquele sítio [633] e perfeitamente adequada, podendo ser iniciada. A Confraria solicita ao Estado comparticipações várias para a consecução do projeto, tendo sido a construção da estrada circundante do Sameiro a primeira infraestrutura pensada e construída. Encontramo-nos perante uma obra que foi sendo realizada ao longo de cinco décadas e comparticipada por diversas entidades, como já referimos anteriormente: o Estado, a

[632] LEITE, p. Fernando S. J. - *História do Sameiro.* 2ª edição. Braga: Confraria de Nossa Senhora do Sameiro, 1964, p. 108 e p. 277. O autor afirma pertencer o projeto da basílica ao arquiteto José Vilaça. Refere também a intensa atividade do santuário ao mesmo tempo que lamenta a falta de harmonia e de unidade do conjunto a nível arquitetónico/estético, composto por monumentos de diferentes linguagens (escadório, basílica, zimbório, altar-mor, capelas-laterais, estátuas dos doutores marianos, cruzeiro monumental) na montanha sagrada.

[633] FIMS/MSMS/4233, ofícios e cartas de 9, 18 de abril de 1945.

confraria, os crentes e pelos próprios arquitetos que reduziram os honorários a cobrar à Confraria.

No programa inicial para o plano de obras a realizar para a Confraria de Nossa Senhora da Conceição do Monte Sameiro e com a indicação de que esta contaria com a comparticipação do Estado[634], constava para o ano de 1946 a 1951, a construção da estrada que circunda o Santuário (2ª fase – empedramento e obras acessórias); terraplanagens, escadório, santuário, ampliação da esplanada, altares, saneamento…

Em 1947, o ateliê elabora e apresenta ao MOPC o seu anteprojeto para o santuário (Fig.522) planta geral, alçado principal e corte longitudinal) e propõe à Confraria a realização de uma maqueta do Sameiro proposta essa que foi de imediato aceite[635] e realizada pela oficina Franklim, sedeada no Porto, na Av. Rodrigues de Freitas, em maio de 1947. Esta maqueta integraria a exposição de Obras Públicas realizada no Instituto Superior Técnica subordinada ao tema *15 Anos de Obras Públicas. 1932-1947.*

Pensado desde o seu início para vencer os limites do terreno, considerado acidentado e apertado, deste santuário quis-se fazer um estudo que resultasse num conjunto simples mas monumental, imponente e harmonioso dedicado ao culto a Nossa Senhora da Conceição do Monte Sameiro. A conclusão de cada uma das etapas de execução de cada espaço esteve sempre ligada a momentos importantes de celebração para aquela comunidade religiosa: a comemoração do mês de Maria, maio de 1953[636], realização do Segundo Congresso Mariano Nacional, 8 a 13 de junho de 1954, com a participação do Cardeal D. Manuel Cerejeira[637]; a comemoração do Primeiro Centenário do Sameiro e do II Concílio do Vaticano, 15 de agosto de 1963[638]; Festas do Sameiro e Inauguração do Centro Apostólico com a presença de suas Eminências os Srs. Cardeais Maximiliano de Fürstenberg e Gonçalves Cerejeira, agosto de 1969 [639], Congresso Mariano comemorativo do centenário do santuário presidido pelo Cardeal D. Manuel

[634] FIMS/MSMS/4233. O Estado comparticiparia, nas obras realizadas entre 1946 a 1951, para: a construção da estrada, santuário, altares, pesquisa e captação de águas, adução e distribuição, rede de esgotos alargamento de esplanada, terraplanagem, escadório, etc., numa estimativa que rondaria cerca de 3 000 00 escudos.
[635] *Idem*. Telegrama de 27 de Julho de 1947.
[636] FIMS/MSMS/4233 – Correspondência do Sameiro. No dia 6 de fevereiro de 1953 Monsenhor Manuel Peixoto da Costa e Silva da Confraria de Nossa Senhora do Sameiro, comunica ao ateliê que pretende inaugurar os altares laterais no mês de maio desse mesmo ano.
[637] LEITE, op. cit., p. 225 e FIMS/MSMS/4233 – Correspondência com o Sameiro.
[638] *Idem*, p. 226 e FIMS/MSMS/4233 – Correspondência com o Sameiro. Novas diretrizes religiosas emanadas da reforma litúrgica de acordo com o Concílio do Vaticano II.
[639] FIMS/MSMS/4233 – Correspondência do Sameiro de 9 de agosto de 1969.

Cerejeira; a visita do Papa João Paulo II ao santuário e celebração de Missa na Esplanada, em 15 de maio de 1982.

O projeto de 1947 incluia peças desenhadas e escritas: uma planta de conjunto, alçado principal e corte logitudinal (fig. 522) à escala de 1/5000, aguarelada e 2 volumes encadernados; alçados dos edifícios e monumentos projetados à esc. 1/500 e uma planta de conjunto à escala de 1/1000; aterros, muros de suporte, guardas das capelas, pavimentos de basalto e vidraço, colunas, pilares; escadórios monumental e das pirâmides, adro, colunata, esplanadas, escadas de acesso ao adro, avenida do Padre Martinho, transformação e ampliação do templo.

Como podemos constatar pela leitura da memória descritiva e justificativa e pela análise do projeto[640] delineado para o monte Sameiro, pretendem os clientes e autores dignificar e monumentalizar este espaço de culto frequentado por milhares de crentes e peregrinos. Este estudo adapta-se ao terreno muito acidentado e as suas edificações ocuparão todo o seu lado poente e o cimo do monte. Os dispositivos serão os necessários a qualquer espaço cultual e simples e de acordo com o projeto: *a) – Ampliação do templo actual* [1a)] *; b) grande colunata e altar campal* [1e)]*; c) – Adro*[1b)] *– Novos monumentos à Virgem e ao sagrado Coração de Jesus* [8]*; e) – Escadório monumental; f – Capelas* [4]*; g) – Avenida do Padre Martinho* [2]*; h – Cruzeiro* [3]*; i) – pórtico; j) – Monumento a Pio IX* [10]*; K – Monumento ao Padre Martinho* [13]*; l) – Hospital* [1c]*; m) – Casa das Estampas (existentes); n – refúgios; o – Porta das Pirâmides* [14]*; p – 1 grande parque arborizado*[641].

Todas as transformações e construções propostas na anterior memória descritiva serão executadas durante as décadas seguintes, exceto o Grande Hotel, a Colónia Infantil, o Hospital e as catorze capelas[642] propostas para flanquearem o escadório e possuidoras de iconografia representativa de cada um dos Mistérios do Rosário.

A igreja e a Casa das Estampas, lugar onde os peregrinos podem comprar as suas recordações, são duas pré-existências que se mantiveram e mantêm até hoje, tendo sofrido a primeira um arranjo da sua fachada principal e envolvente e a segunda o dos seus espaços interiores.

---

[640] Ver III vol. Ficha nº 7.
[641] FIMS/MSMS/4134 - Projeto de 2 de dezembro de 1947. Os números entre parêntesis referem-se à localização dos dispositivos na planta da fig.
[642] Ver III vol. Ficha nº 7. Na memória descritiva de 26 de outubro de 1956- o ministro das obras públicas e os dois arquitetos não foram favoráveis à sua edificação, estando prevista a sua substituição por catorze estelas com inscrições.

A ampliação da Igreja é tida em conta por ser insuficiente para albergar um cada vez maior número de fiéis, sendo a nova fachada e a construção de duas novas capelas laterais uma das propostas realizadas, assim como a ampliação do adro que teve de ser rebaixado para ampliar o espaço considerado exíguo. Este lugar fronteiro ao templo é, na proposta inicial (fig. 557), encimado por uma grande colunata destinada a proteger o altar exterior e todos os fiéis durante a celebração da missa campal, prevê a criação de um embasamento para enobrecer e elevar a basilica e dois novos monumentos dedicados respetivamente à Nossa Senhora da Conceição e ao Sagrado Coração de Jesus, execução ditada por exigências estéticas de conjunto (nova fachada, escadório e capelas) e questões técnicas ligadas ao rebaixamento do solo.

O projeto deste monumental santuário integra na sua organização/arranjo: *uma praceta de entrada, de forma octogonal, em cujos pequenos lados se encontram 4 capelas e um monumento; 4 pracetas entre estas e o adro; tendo cada uma, nos respectivos topos, mais 2 capelas; e finalmente, vários lanços de escada, patamares, canteiros e fontes decorativas*[643]. O arranjo da Avenida do padre Martinho que passará a ter um perfil transversal mais profundo e de maior largura, terminando numa praceta a sul e no centro do qual se erguerá um cruzeiro monumental (fig. 537) com cerca de 30 m de altura e no seu topo norte um pórtico monumental com pilares encimados por estátuas dos quatro doutores da Igreja (S. Cirilo de Alexandria, S. Bernardo de Claraval, St.º António de Lisboa e S. Afonso Maria Ligório); um monumento ao Papa Pio IX, em baixo, na praça central do escadório e um monumento considerado mais modesto o do padre Martinho; a porta das Pirâmides (fig. 529) numa cota inferior ao santuário e no acesso ao santuário do Bom Jesus do Monte, praça principal do santuário destinada aos peregrinos.

No ano seguinte, em 1948, na Avenida do Padre Martinho, espaço importante para a realização de procissões e afluência de peregrinos e turistas[644], encontravam-se concluídas as obras complementares de terraplanagem e muros de suporte, comparticipadas pelo Estado, encontrando-se em andamento a pavimentação das faixas de rodagem e passeios da avenida, os coletores destinados a escoar as águas pluviais, uma placa ajardinada, a construção de uma rotunda e nela um cruzeiro monumental. O projeto do cruzeiro data de 1949 – elemento valorizador a nível estético e valor

[643] Ver III vol., Ficha nº 7.
[644] Ver Fig. 536

simbólico da Fé *e do limite natural do caminho a percorrer, pelas procissões, peregrinos e devoto*[645], sendo visível da cidade de Braga e previsto para ser revestido a granito (trabalhado a pico grosso, fino ou lavrado), sobre estrutura de betão de cimento armado assente em rocha natural. Espaços com projetos datados respetivamente de 1947/48 e 1949/1953 e concluídos em 1954 o cruzeiro Monumental /Av. P. Martinho, importantes espaços comparticipados pelo Estado[646] e concluídos em 1953.

Estes dispositivos e outros foram sendo construídos (Fig. 526) durante as décadas de 1940 a 1981. Como se pode constatar no mapa de urbanização do Sameiro da fig. 526, do projeto de 1947 foram concluídos: o arranjo do espaço que envolve a Basílica adro e balaustrada em cantaria, degraus, pavimentação, grande esplanada, monumentos à Virgem e ao Sagrado Coração de Jesus, capelas e altares laterais do templo, cripta, altar campal, praceta e monumento ao Papa Pio IX, centro apostólico no lugar do Grande Hotel, avenida do padre Martinho, cruzeiro monumental, porta dos quatro doutores da Igreja, alteração do altar-mor da Igreja.

O projeto das capelas laterais do templo em estilo neoclássico foi encomendado ao ateliê que o apresentou em 1949 (fig. 541)[647]. Obra pensada para ser executada a mármore seria adjudicada à Firma Sousa Baptista de mármores, cantarias e materiais de construção, sediada em Lisboa [648] que se comprometeu a realizar esta obra, por escritura assinada em 25 de janeiro de 1950, na cidade de Braga. As abóbadas das capelas são de mármore maciço, a fundição dos bronzes destas capelas da responsabilidade da ourivesaria portuense *Aliança* a partir de modelos executados por Franklim Ramos Pereira[649] que tinha já efetuado trabalhos para o altar-mor. De acordo com correspondência trocada com o ateliê, os temas tratados dos baixos-relevos modelados seriam os de S. José na oficina; a morte de S. José; a Aparição do Sagrado Coração de Jesus a St.ª Margarida e o Coração de Jesus, encomendados ao escultor Leopoldo de Almeida[650] que os concluiria em 1952. Da autoria de José Ferreira Tedim seriam as

[645] *Idem.*
[646] FIMS/MSMS/4233 – Correspondência de 12/0/51. O Estado comparticipou com 321 000$00 para a obra de conclusão do Alargamento da Avenida do Padre Martinho. DMS além do projeto estrutural das capelas laterais seria também responsável, pelo desenho das cancelas do altar-mor.
[647] Ver vol. III, Ficha nº 7.
[648] FIMS/MSMS/4233 – Correspondência de 9/7/1949 e31/01/1950, Fernando Vilaça secretário da Confraria transmite a DMS, em carta da mesma data, a intenção de encomenda dos dois altares laterais para serem sagrados no ano seguinte.
[649] FIMS/MSMS/4233 – Correspondência de 18/6/51 e FIMS/MSMS/4233 – correspondência de 24/9/51.
[650] FIMS/MSMS/4233 – Correspondência de 19 de janeiro de 1952.

imagens do Sagrado Coração de Jesus e de S. José [651]. A conclusão das capelas laterais, inicialmente previstas para maio de 1950 só seriam terminadas no ano de 1953.

Deste mesmo ano seriam os primeiros projetos relativos aos monumentos à Nossa Senhora da Conceição e ao Sagrado Coração de Jesus localizados no exterior em frente ao templo e encimando o escadório monumental, concluídos no ano seguinte. Esta realização surgiu na sequência da necessidade em rebaixar o solo do adro-esplanada que obrigou a substituir os anteriores monumentos já danificados pelos atuais que se pensaram mais belos, expressivos e mais simples, mas que monumentalizassem o lugar a que se destinavam. Sob pedestais decorados com estrelas e palma de louros e cruz (Fig. 549), com vinte metros de altura para venceram o rebaixamento do solo e se erguerem no horizonte. Ao ateliê pertencem os desenhos dos ornatos e motivos inscritos na cantaria dos dois monumentos. A sua realização deve-se, possivelmente, a Joaquim Francisco da Silva, construtor civil[652].

De 1953 data o primeiro projeto para o monumento do padre Martinho concluído e inaugurado em 1957, tendo havido um anterior projeto datado do mês de abril[653]: um canteiro de flores rodeando a calote esférica[654] e coluna canelada de granito daquela região e busto de Bronze do escultor Raul Xavier.

Em 1954/55, iniciam-se os projetos de outros dois monumentos: o do Papa Pio IX, e o dos quatro doutores da Igreja (Figs. 551, 552, 553 e 554), pertencendo a autoria do segundo monumento igualmente a Raul Xavier e os pedestais em cantaria de granito ao ateliê de DMS. Destas duas obras destacamos as dos quatro doutores da igreja, feitas em mármore, incluídas no anteprojeto de urbanização (1947) deste santuário (Fig. 553 e 554) e integrando a porta que de uma forma simbólica rematava a avenida do padre Martinho, e, do lado sul a parte superior da igreja, espaço destinado às cerimónias religiosas que à sua volta se realizavam[655]. Porta ou pórtico constituído por quatro

[651] FIMS/MSMS/4233 – Correspondência de 30 de novembro de 1952.
[652] FIMS/MSMS/4233 – Correspondência 20 de outubro de 1953. Monsenhor Manuel Peixoto da Costa e Silva solicita o envio rápido dos desenhos para serem entregues ao construtor civil referido.
[653] Cf. III vol., Ficha nº 7.
[654] Na base encontram-se as seguintes inscrições: *Nasceu Em Braga, Em 8-X-1812 E Faleceu Em Vila do Conde em 8.IV-1875.Ao Grande e saudoso Apóstolo Da Imaculada Conceição, P.de Martinho António Pereira Da Silva, Santo Fundador deste Glorioso Santuário. Oferece, Dedica E Consagra Toda A Nação Portuguesa Agradecida. Foi Benzido E Inaugurado Pelo Eminentíssimo Cardeal Patriarca de Lisboa, Em 19-V-1957. Os Seus Restos Mortais Foram Transferidos Solenemente Para o Sameiro Onde Repousam Em Sarcófago Privativo Desta Basílica.*
[655] Esculturas inauguradas entre 1959 e 1960.

esculturas referentes aos quatro doutores marianos: S. Cirilo de Alexandria, S. Bernardo de Claraval, St.º António e S. Afonso de Ligório.

Documentação dos diferentes projetos
Avenida do Padre Martinho, cruzeiro monumental; Altar-mor; Capelas laterais



Fig. 535 - Cruzeiro Monumental. Av. Do Padre Martinho. 1953. FIMS/MSMS/Foto0848



Fig. 536 - Av. Do Padre Martinho. Procissão In LEITE, p. Fernando S.J.- *História do Sameiro.* Braga: Confraria de Nossa Senhora do Sameiro, 2ª edição, 1964.

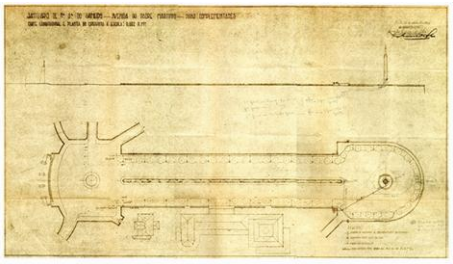


Fig. 537 - Av. Do Padre Martinho. 1948 FIMS/MSMS/1899-4249-0065 pormenor

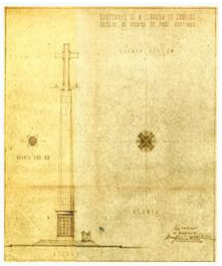


Fig. 538 - Cruzeiro da Av.do Padre Martinho, **1**949. FIMS/MSMS/1899-4249-0063 pormenor

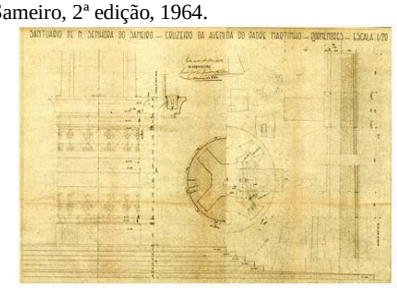


Fig. 539 -Cruzeiro da Av.do Padre Martinho, 1949. FIMS/MSMS/1899-4249-0109 pormenor

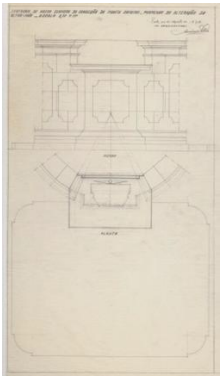


Fig. 540 - Projeto do altar-mor, 1972 FIMS/MSMS/pd7973



Fig. 541 - Capelas Laterais da Basílica do Santuário do Sameiro, 1949. FIMS/MSMS/pd7952

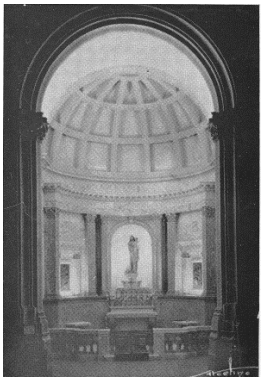


Fig. 542 - *Capela do Sagrado Coração de Jesus.* Santuário do Sameiro. LEITE, p. Fernando S. J. -*História do Sameiro.* Braga: Confraria de Nossa Senhora do Sameiro, 1964.



Fig. 543 - Capela Lateral Sagrado Coração de Jesus. Fotografia Maria do Carmo Pires, 2010.



Fig. 544 - Capela do Sagrado Coração de Jesus. Fotografia: Maria do Carmo Pires, 2010.



Fig. 545 - Capela de S. José. Fotografia Maria do Carmo Pires, 2010.

Documentação dos diferentes projetos
Monumentos ao Padre Martinho, á virgem e ao sagrado Jesus, Papa Pio IX e os Quatro Doutores da Igerja



Fig. 546 - Monumento ao Padre Martinho. Fotografia: Maria do Carmo Pires



Fig. 547 - Monumento ao Padre Martinho. Fotografia Maria do Carmo Pires

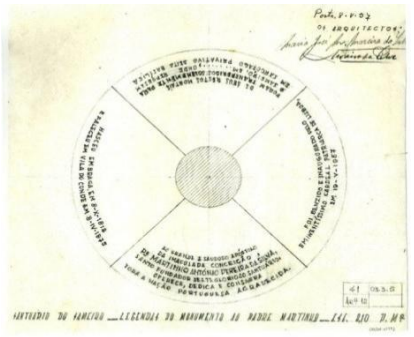


Fig. 548 - Projeto do monumento ao Padre Martinho – base com inscrições, 1957. FIMS/MSMS/pd07993

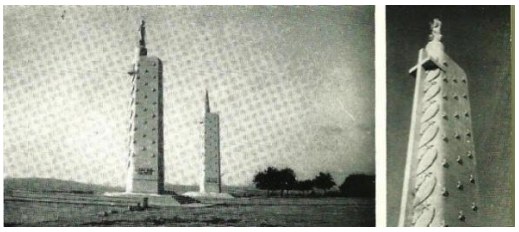


Fig. 549 - Monumentos à Virgem e ao Sagrado Coração de Jesus. 1954. FIMS/Monografia/DMS 567

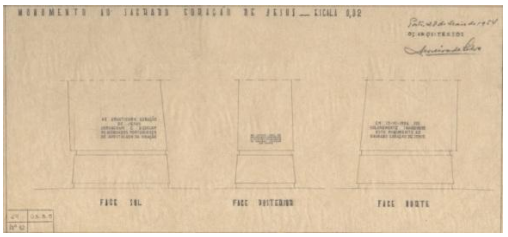


Fig. 550 - Monumento ao Sagrado Coração de Jesus. 1954. FIMS/MSMS/pd7949

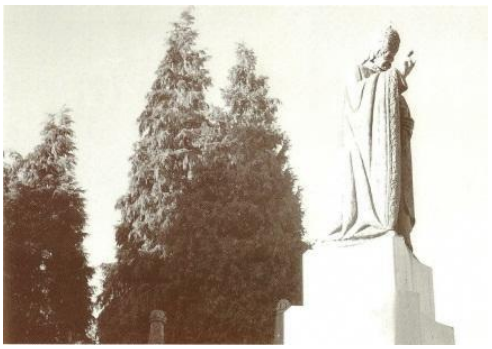


Fig. 551 – Monumento de Pio IX In LOURO, op. cit., p. 145

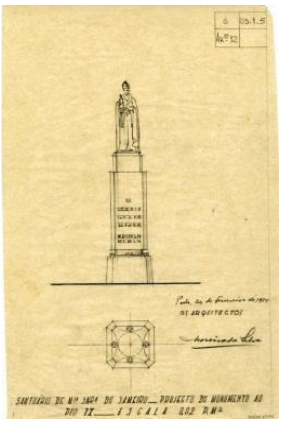


Fig. 552 - Monumento ao Papa Pio IX. 1954 . FIMS/MSMS/pd7994

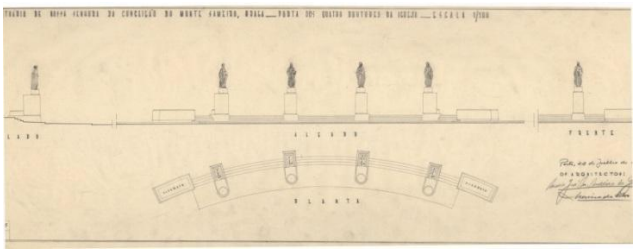


Fig. 553 - Porta dos Quatro Doutores da Igreja, 1955. FIMS/MSMS/pd7945

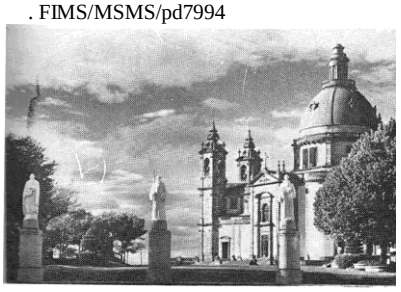


Fig. 554 - Os quatro Doutores Marianos: S. Cirilo de Alexandria, S. Bernardo de Claraval, S, António de Lisboa e S. Afonso Maria de Ligório, *são a guarda nobre do solar da Mãe de Deus.* Inaugurados entre 1959 e 1960. In LEITE, op. cit.

Em maio de 1953, já existia o projeto do Túnel por cima do qual se edificaria o Escadório Monumental. Este separa a circulação automóvel da multidão de peregrinos, evitando acidentes, um dispositivo que permitiria a construção do futuro escadório sobre a variante da estrada de circunvalação no prolongamento da EN Nº 309. Os muros que ladeiam o túnel serviriam de suporte às terras da encosta (Figs.574 e 575)[656].

O Escadório Monumental construir-se-á em várias fases, uma inicial de 1954 – construção e aterro –, a segunda iniciada em 1956 e terminada na década de 1960, construção entre o adro-esplanada e a EN 309, incluindo a Praça Pio IX. Obra realizada em alvenaria e silharia de granito, vidraço e basalto nos patamares e degraus do escadório de cantaria lavrada. Dispositivo possibilitador e facilitador do acesso dos peregrinos ao adro esplanada (Figs. 572-573, 576-582)[657]. No ano de 1963, inicia-se uma nova fase na construção desta obra, com um novo projeto de obras complementares para o Escadório[658].

O adro previsto no primeiro anteplano de urbanização, iniciado em 1949, foi um dos projetos que sofreu vários aditamentos. Foi modificado em 1959 e terminado na década de 1970. Obras comparticipadas pelo Estado, numa primeira empreitada rebaixou-se o solo para ampliar o espaço de forma circular destinado a acolher um maior número de crentes e para aí edificar um pórtico. Em 1959, encontrava-se já rebaixado o solo e iniciados os trabalhos de construção dos alicerces e do muro da igreja, obras concluídas no ano seguinte. Só doze anos depois se aprovou a última fase, após a execução do escadório monumental, monumentos ao Sagrado Coração de Jesus e Imaculada Conceição, a Pio IX, Padre Martinho e doutores da Igreja, a Alameda dos Peregrinos (a decorrer) e duas estelas dos Mistérios do Rosário[659].

A esplanada foi projetada em arco abatido (fig. 562)[660] com colunata que servia também de embasamento à Basílica e destinada a receber um altar campal, na plataforma inferior, com acesso pelo escadório monumental e escadarias laterais que permitiam comunicação com a plataforma superior. Ela seria alterada com a eliminação da colunata e sua substituição por cripta, dispositivo que permitia aumentar a superfície coberta para acolher um maior número de fiéis que aí podiam-se abrigar, rezar e

[656] CF. III vol. Ficha nº 7.
[657] CF. III vol. Ficha nº 7.
[658] FIMS/MSMS/4233. Correspondência com o Sameiro.
[659] FIMS/MSMS/4233 – Correspondência com o Sameiro.
[660] CF. III vol. Ficha nº 7.

confessar. O acesso a essa cripta (Fig. 564), um vasto espaço subterrâneo que aproveitava o desnível existente entre as diferentes plataformas, era feito exteriormente por amplas entradas (Fig. 565) e pelo interior da Igreja por duas galerias subterrâneas e escadas. Na cripta, uma grande nave com cerca de 90m por 26m, altar, confessionários, com dezoito pórticos de betão de cimento armado para apoio das abóbadas e lajes da cobertura e das plataformas da grande esplanada. Da década de 1970 datam os projetos e as obras de execução da esplanada, altar campal e da cripta (acessos, altar).

Em 1963, o ateliê inicia o processo de realização daquele que será o Centro Apostólico do Sameiro com o envio da planta de localização aproximada daquele edifício[661]. Só no ano seguinte, iniciaria o projeto completo do centro cuja maqueta foi uma vez mais executada pela oficina de Franklim Ramos Pereira, na cidade do Porto. Os cálculos de betão armado pertencem ao eng. Civil Fernando Malheiro da Silva de Braga. O edifício localizado do lado poente da avenida do Padre Martinho foi uma das outras obras subsidiadas pelo Estado (MOP) com trabalho de estucador da oficina de escultura decorativa Baganha localizada na rua do Rosário no Porto[662].

Do exterior se leem fachadas ritmadas por vãos de molduras retilíneas distintas e dispostos de uma forma profusa, na vertical e horizontal (de janelas, caixas de escada e portas) e de diferentes dimensões. Todos os lados dos três corpos que acompanham o desnível do terreno, são rasgados por pequenos e grandes vãos quadrangulares e retangulares ritmados e responsáveis pela imagem de leveza e movimento das fachadas, criado pelos pequenos corpos que avançam e recuam e pelos ziguezagues das linhas do telhado da capela (A). Em todas as frentes existe leveza, plasticidade, dinâmica e luz num edifício feito para o exterior – paisagem e lugar (B)[663].

[661] FIMS/MSMS/4233 – Correspondência com o Sameiro. No 28 de maio de 1963.
[662] FIMS/MSMS/4233 – Correspondência com o Sameiro.
[663] Centro Apostólico do Sameiro. FIMS/MSMS/pd0794

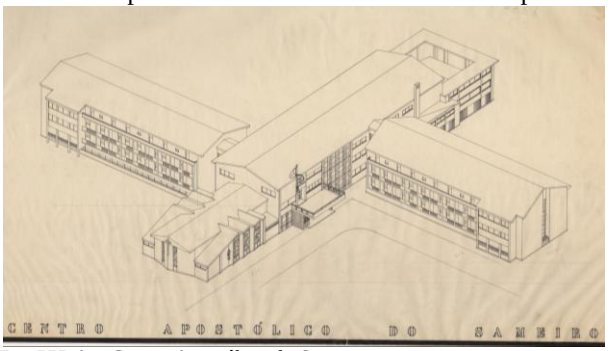


Fig. 555 A – Centro Apostólico do Sameiro


Fig. 556 – B – Centro Apostólico do Sameiro. Fotografia de Maria do Carmo Pires.

O projeto deste centro apostólico integra o edifício (quartos, camaratas, auditório, biblioteca, refeitório, salão, cozinha …) capela e todo o mobiliário civil e religioso e vitrais. Foi sem dúvida o projeto construído mais rapidamente, uma vez que pensado e iniciado em 1964 viria a ser inaugurado no ano de 1969, no momento em que tinham lugar festividades no santuário do Sameiro. Ao ato inaugural, no mês de agosto, estiveram presentes *suas Eminências os Srs. Cardeais Maximiliano de Fürstenberg e Gonçalves Cerejeira, vários Venerandos Prelados, Membros do Governo e outras altas Individualidades*[664].

Durante cinquenta anos o ateliê estaria envolvido no complexo processo de urbanização de um santuário cujo ritmo e execução do enorme volume de obras dependeria dos subsídios estatais e municipais, de comparticipações dadas por particulares e do trabalho dos arquitetos, na maior parte dos casos, com baixos honorários.

[664] FIMS/MSMS/4303. Correspondência com o Sameiro de 9 de agosto de 1969, ofício 245/ Proc. CA/69.

Documentação dos diferentes projetos
Adro e Grande Esplanada

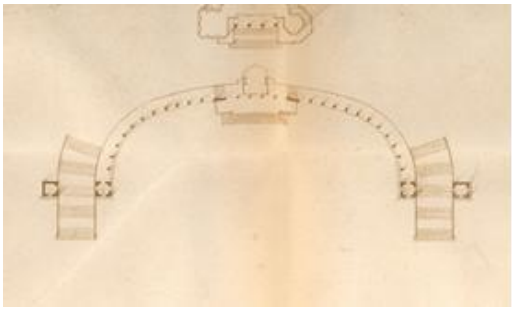


Fig. 557 - Projeto do Adro daBasílica do Sameiro, 1947. Planta, plantas. FIMS/MSMS/1899-294-0018



Fig. 558 - Maqueta do Santuário do Sameiro. 1947 FIMS/MSMS/Foto5019

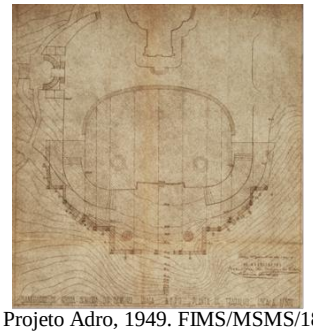


Fig. 559 - Projeto Adro, 1949. FIMS/MSMS/1899-4171-pd0028

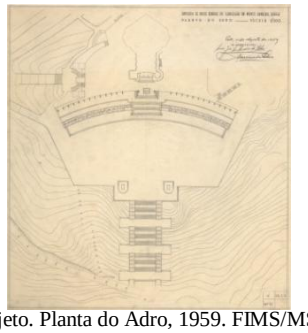


Fig. 560 - Projeto. Planta do Adro, 1959. FIMS/MSMS/pd7954

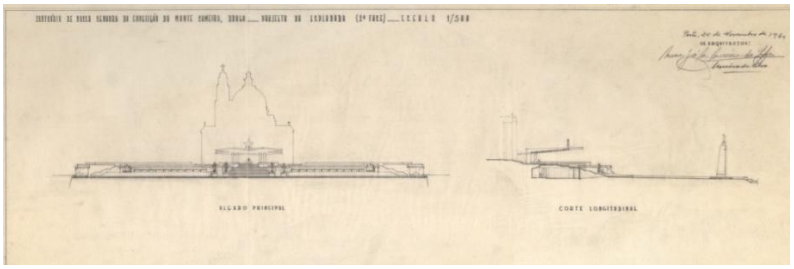


Fig. 561 - Projeto da Grande Esplanada (2ª Fase), 1960. FIMS/MSMS/pd7955

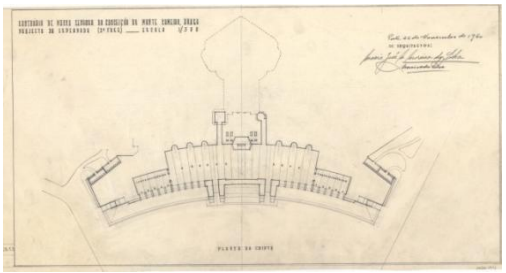


Fig.562 - Projeto Grande Esplanada (2ª Fase). 1960. FIMS/MSMS/pd7953



Fig. 563 - Projeto Grande Esplanada (2ª Fase). 1961. FIMS/MSMS/pd7965

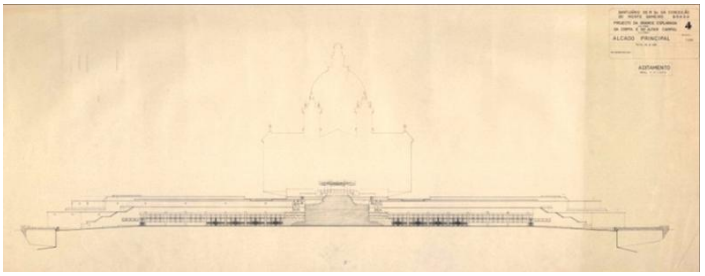


Fig. 564 - Grande esplanada e cripta (2ª Fase), 1973. FIMS/MSMS/7984

Documentação dos diferentes projetos
Cripta e Altar Campal

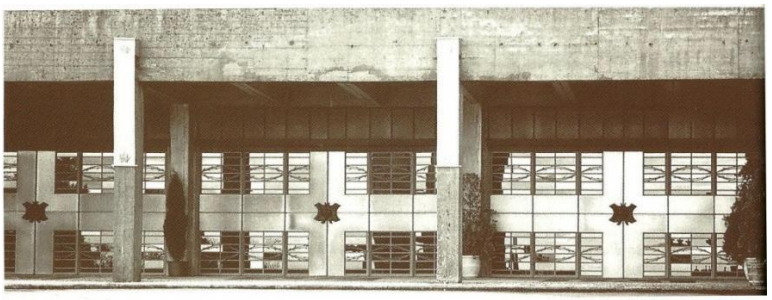


Fig. 565 - Portas de acesso exterior à cripta. LOURO, op. cit. p., 100



Fig. 566 - Cripta. Fonte de Imagem: Miguel Tomé



Fig. 567 - Cripta. Fonte de Imagem: Miguel Tomé

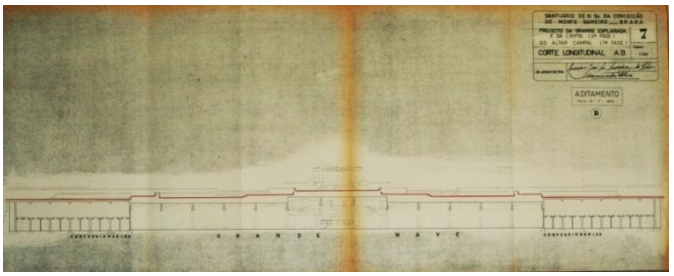


Fig. 568- Cripta e altar campal. 1973. FIMS/MSMS/1899-4184-pd0009

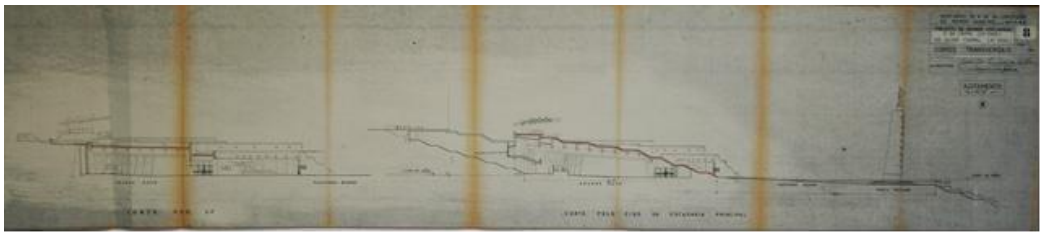


Fig. 569 - Cripta e altar campal. 1973. FIMS/MSMS/1899-4184-pd0010

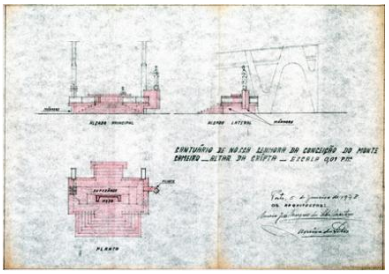


Fig. 570 - Altar da Cripta, 1978.
FIMS/MSMS/1899-4205-pd0037

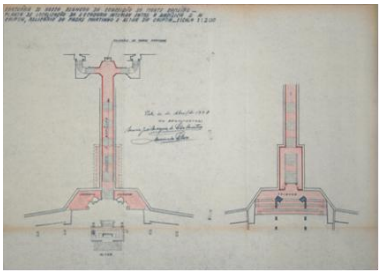


Fig. 571 - Escadaria entre a Basílica e a cripta,1978.
FIMS/MSMS/1899-4187-pd0016

Documentação dos diferentes projetos
Túnel/Escadório Monumental/Porta de Acolhimento e Alameda dos Peregrinos

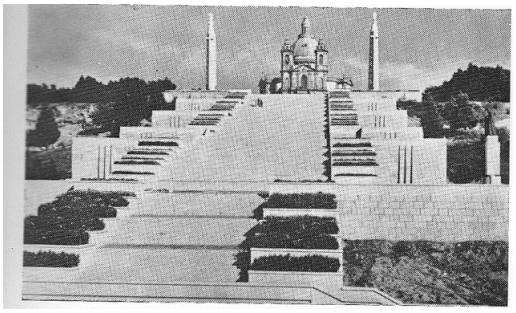


Fig. 572 - O grande escadório que conduz ao templo da Imaculada Conceição do Sameiro. IN LEITE, op. cit.



Fig. 573 - Escadório Monumental. FIMS/MSMS/Foto2535

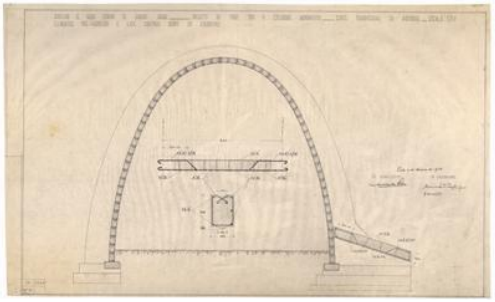


Fig. 574 - Túnel do Santuário. 1953. FIMS/MSMS/pd7959



Fig. 575 - Túnel sob Escadório do Santuário do Sameiro. Fotografia de Maria do Carmo Pires

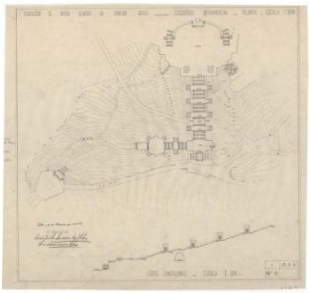


Fig. 576 - Escadório Monumental,1954. FIMS/MSMS/pd7956

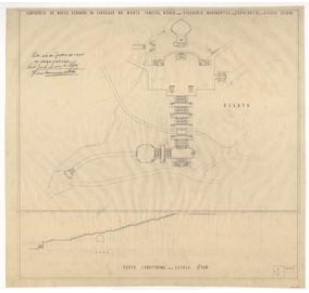


Fig. 577 - Escadório Monumental, 1955.FIMS/MSMS/pd7957

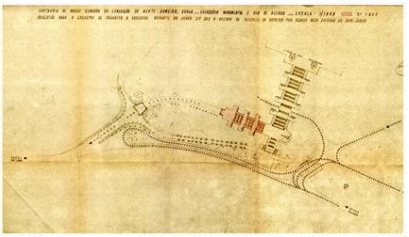


Fig. 578 - Escadório monumental e via de acesso,1958**.** FIMS/MSMS/7983



Fig. 579 - Escadório Monumental. Corte longitudinal, 1956. FIMS/MSMS/1899-4171-pd7957

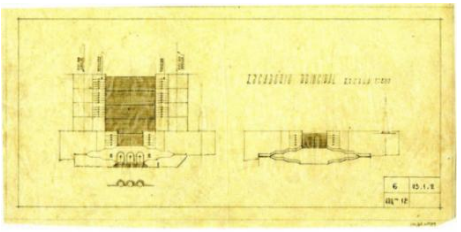


Fig. 580 - Escadório Monumental. Corte longitudinal. 1956. FIMS/MSMS/1899-4171-pd7957

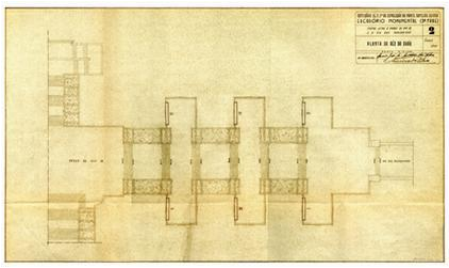


Fig. 581 - Escadório monumental, 1958. FIMS/MSMS/1899-4247-pd0004

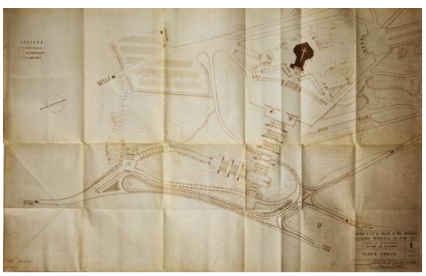


Fig. 582 - Escadório monumental,1960. FIMS/MSMS/1899-4177-pd0001

Documentação dos diferentes projetos
Porta do Acolhimento e Alameda dos Peregrinos/Centro Apostólico

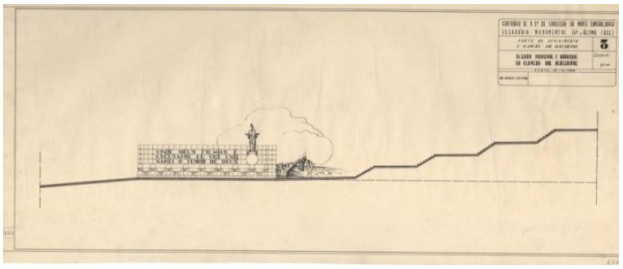


Fig. 583 - Porta do Acolhimento e alameda dos peregrinos. 1960. FIMS/MSMS/pd7960

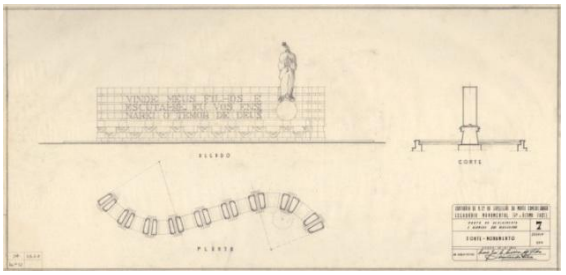


Fig. 584 - Porta do Acolhimento e alameda dos peregrinos. 1960. FIMS/MSMS/1899-4177-pd0007

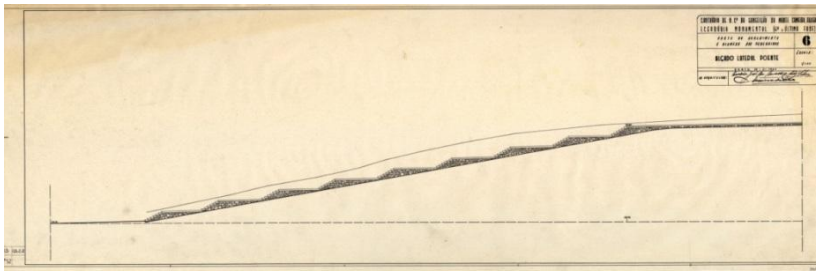


Fig. 585 - Porta do Acolhimento e alameda dos peregrinos. 1960. FIMS/MSMS/pd7963

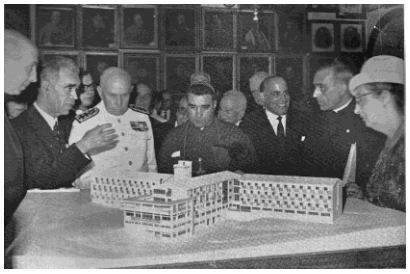


Fig. 586 - Maqueta do Centro Apostólico em 21-6-1964. Presidente da República Contra-Almirante Américo Deus Rodrigues Tomás, Arcebispo Primaz, Ministro das Obras Públicas e Maria José Marques da Silva Martins IN LEITE, op. cit.



Fig. 587 - Fachadas do Centro Apostólico. Fotografia de Maria do Carmo Pires



Fig. 588 - Centro Apostólico do Sameiro. Fotografia do Arq. Miguel Tomé [pormenor]

Documentação dos diferentes projetos
Porta do Acolhimento e Alameda dos Peregrinos/Centro Apostólico



Fig. 589 - Fachada nordeste da Capela do Centro Apostólico. Fotografia: Arq. Miguel Tomé, 2010



Fig. 590 - Entrada principal situada na fachada nordeste do Centro Apostólico. Fotografia: Arq. Miguel Tomé, 2010



Fig.591 - Escada do Centro Apostólico. Fotografia: Arq. Miguel Tomé, 2010



Fig. 592 - Escada do Centro Apostólico. Fotografia: Arq. Miguel Tomé, 2010.



Fig. 593 - Teto da Capela do Centro Apostólico. Fotografia: Arq. Miguel Tomé, 2010.



Fig. 594 - Altar da capela do Centro Apostólico. Fotografia: Arq. Miguel Tomé, 2010.

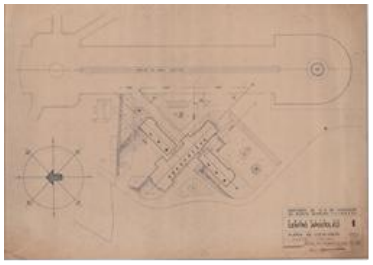


Fig. 595 - Planta do Centro Apostólico, 1964.FIMS/MSMS/1977-pd04849

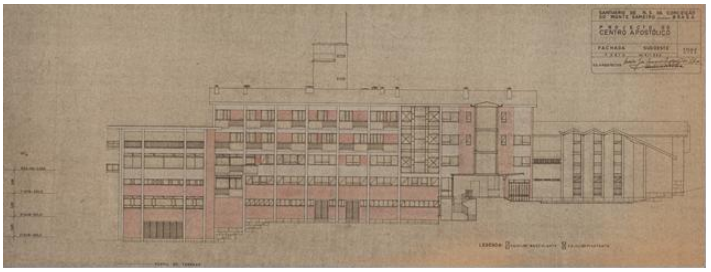


Fig. 596 - Corte da Fachada sudeste do Centro Apostólico, projeto de 1964. FIMS/MSMS/1977-pd04865

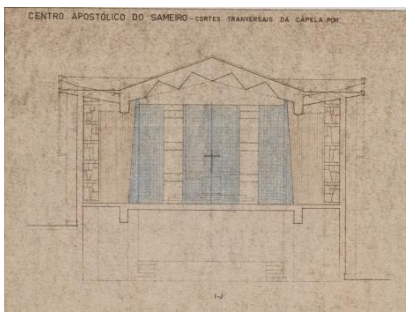


Fig. 597 - Corte Transversal da capela do Centro Apostólico, projeto de 1966. FIMS/MSMS/1977-pd04880

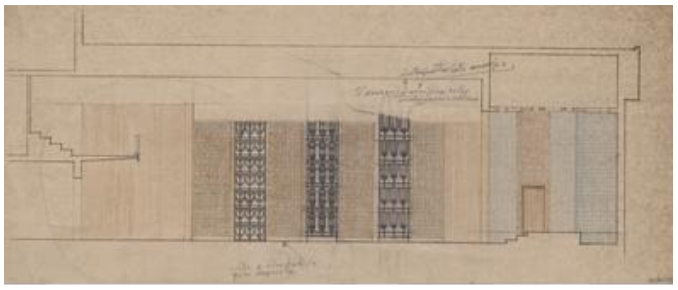


Fig. 598 - Corte longitudinal da capela do Centro Apostólico, projeto de 1966. FIMS/MSMS/1977-pd04877

4.1.2.5.4. Leitura do Espaço



Fig. 599- Desenho s/título, s/dta. FIMS/MSMS/pd07950



Fig.600 - Anjos – Espaço exterior à casa das Estampas/Esmolas Basílica adro e monumentos à Virgem e ao Sagrado Coração de Jesus [segundo plano]. Em primeiro plano e esculturas dos arcanjos S. Gabriel e S. Miguel […] *anjos atuais mas mais tradicionais, chamados a representar o seu papel de figura nos santuários, como os anjos do Sameiro, representações tradicionais que Clara Menéres atualiza inocuamente, num diálogo de materiais em que a metáfora é dada pela leveza e brilho dos metais* [665], numa conciliação de representações de diferentes épocas e linguagens plásticas. Fotografia de Maria Leonor Soares.

[665] BARREIRA, Hugo; SOARES, Maria Leonor Barbosa - "Procurando Anjos na Arte Contemporânea". In GRAÇA, Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo - *Angelorum. Anjos em Portugal.* Guimarães: Museu Alberto Sampaio, 2012, p. 204.

O estudo deste espaço religioso remete-nos no presente para várias imagens e significações de um mesmo lugar de acordo com as motivações que o levam a procurar e para ele viajar.

Localizado numa zona periférica de uma grande cidade (Braga), este sacro monte encontra-se associado ao imaginário de muitos crentes que nele procuram o apaziguamento para os seus anseios e a cura para os seus males espirituais e físicos – um espaço de salvação e de negação de finitude.

A fotografia transporta-nos no presente para um momento em que a câmara captou todos os momentos e tempos e os condensou num só.

O tempo parece ter parado naquele lugar que recentemente visitámos e se materializou através da relação entre o edificado, a paisagem, a luz de um dia ensolarado - toda a ambiência para que foi concebido pacientemente e para – *[…] dar um sentido ao lugar do homem sobre a terra*[666]. Uma paisagem produzida pelo homem, uma intervenção *que visa dar de uma forma intencional o arranjo dos lugares nos quais se desenrola a vida dos homens, uma configuração estética precisa […]*[667].

Um lugar detentor de beleza, projetado e construído para ser contemplado, dar prazer e apaziguar o espírito de todos os que a ele acorrem. Um produto humano e cultural no qual a paisagem se articula com a arquitetura, transmite serenidade e convida à reflexão.

A luz une os vários tempos expressos nos cheios e nos vazios deste lugar sem limites físicos, tornado intemporal.

No primeiro plano da fotografia, esculturas recentes de seres referenciais e sempre apropriados pelo homem com significados vários: protetores, mensageiros, intermediários ou guardiões[668].

Como já referimos anteriormente este *é um lugar com narrativas de edificação em actualização permanente*[669] [670], como podemos ver na fig. nele se conciliam espaços

[666] BRUNON, Hervé – "Avant Propos". In ASSUNTO, Rosario - *Retour au jardin. Essais pour une philosophie de la nature, 1976-1987*. Besançon: Les Éditions de L'Imprimeur/collections Jardins et Paysages, 2003, p. 10.
[667] FERRIOLO, Massimo Venturi – " Le reflet de la beauté absolue». In ASSUNTO, op. cit., p. 154.
[668] BARREIRA, Hugo; SOARES, Maria Leonor Barbosa - "Procurando Anjos na Arte Contemporânea". In GRAÇA, Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo - *Angelorum. Anjos em Portugal.* Guimarães: Museu Alberto Sampaio, 2012, p. 179.
[669] LOURO, op. cit. p. 50.
[670] Fotografia de Maria Leonor Soares.

de diferentes estéticas e épocas. Quatro anjos humanizados, imagens símbolos deste lugar que protegem e vigiam. No artigo recentemente escrito *Procurando anjos na arte contemporânea* escreve-se

> *[…] É nesta recuperação de temas e figuras do passado, e na sua renovação, que devemos pensar as abordagens mais recentes ao anjo por parte dos artistas contemporâneos […] condição do próprio humano, que transcende as fronteiras físicas do mundo com os seus meios de comunicação […] É como uma busca incessante de superação das limitações humanas, um temor do outro, quando já não se consegue conceber o anjo da guarda, ou o protetor (que o século anterior tanto explorava), agente de um ser superior no qual já não se acredita. Por outro lado, os anjos aproximam-nos dos humanos […]*
> *[…] o humano identifica-se com o anjo e deseja recomeçar, ser melhor, seguindo ou não determinada doutrina, mas procurando sempre a superação e o reencontro com a dimensão mais pura e pacífica de si mesmo, ser mesmo ele o anjo, ou procurando-o (ao transcendente) na busca desesperada para o seu próprio caminho.[…]*[671]

Espaço estrategicamente localizado é um ponto de chegada quer para inúmeros crentes que para ele viajam por devoção de lugar, e dele guardam um imaginário construído por relatos vários de viagens encetadas outrora, quer para todos os que a ele acorrem por curiosidade de um lugar enquanto imagem mental - observador. Para todo aquele que aqui termina um percurso se impõe uma imagem forte de um lugar com diferentes leituras de um lugar síntese.

Uma fotografia de 2012 que ilustra a adaptação das edificações do santuário a novas funcionalidades, uma anterior porta agora transformada numa caixa multibanco.



[671] BARREIRA, op. cit., pp. 179-213.

4.1.3. As edificações da SCPOPP: oficinas edifício sede e edifício - Torre Miradouro

4.1.3.1 A SCPOPP



Fig. 601 - Vista aérea da parte nascente da cidade do Porto – Edifício Miradouro e instalações da sede Social, 1968. FIMS/MSMS/Per 182,-p. 10



Fig. 602 - Outra vista para norte, vendo-se o Edifício Miradouro e o conjunto das instalações 1968. FIMS/MSMS/Per 182,-p. 11

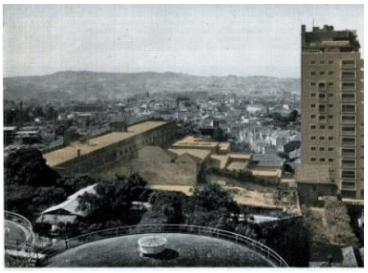


Fig. 603 - Vista lateral norte do Edifício Miradouro e o conjunto das instalações, 1968. FIMS/MSMS/Per 182-p. 17

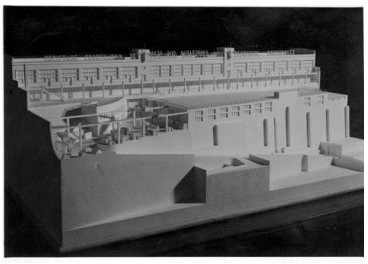


Fig. 604 - Maqueta das Oficinas da SCPOPP, R. Anselmo Braancamp, 1953. FIMS/MSMS/Foto1681

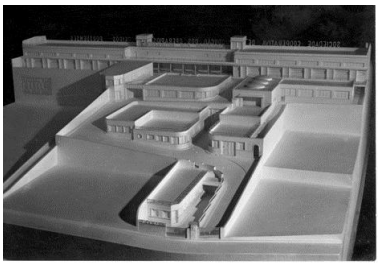


Fig. 605 - Maqueta das Oficinas da SCPOPP, R. da Alegria, 1953. FIMS/MSMS/Foto1682



Fig. 606 - Edifício Torre Miradouro, 1968. FIMS/MSMS/Per 182-p. 1

4.1.3.1.1. Tempos, intenções e projetos

A Sociedade Cooperativa de Produção dos Operários e Pedreiros Portuenses[672], fundada em 9 de março de 1914[673], com sede no edifício nº 18 – 1º da Travessa das Almas, surge da iniciativa de José Moreira da Silva[674] e de mais nove operários que assim criaram esta instituição com a finalidade de promoverem a cooperação entre os pedreiros e defenderem os interesses de classe, garantindo apoio social a todos os cooperantes, numa época de grandes dificuldades e de forte instabilidade social. *[…] Com a inauguração em 1953 do Edifício Trabalho Reforma, que permitiu iniciar a concessão da reforma aos nossos cooperadores, mesmo antes da Previdência instituída pelo Estado e desde aquela data os subsídios por doença e reforma têm aumentado anualmente […]*[675].

No que concerne a importância do corporativismo Rui Namorado escreve:

> *[…] No entanto, as cooperativas eram mais do que alguns pilares do movimento operário, já que, como a sua própria designação sugere, sempre foram também uma expressão organizada da cooperação entre os homens. Uma expressão organizada da cooperação que a tem como eixo. Ora, como sabemos, a cooperação é o verdadeiro tecido conjunto das sociedades humanas. […]*[676].

[672] FIMS/MSMS/4388, pp. 1 - 2. Os fundadores desta Cooperativa foram: *Alexandre Marques, Domingos Marques, Delfim da Silva, Joaquim Marques Barbosa, Augusto dos Santos, José Moreira da Silva, António Vieira Neves, António da Silva (Real), Joaquim José Farinha e António da Silva (Matos.)*
[673] FIMS/MSMS/4388 – artigo escrito pelos arquitetos para comemorar o 75º aniversário da SCPOPP.
[674] *Idem*, p. 1. Referido neste texto como *um jovem e promotor idealista cooperativo […] que durante toda a sua vida pugnou sempre pelo bem estar dos seus companheiros […]*.



Nesta Placa de granito polido colocada nas instalações atuais da Cooperativa, na Rua dos Fundadores se encontram registados os nomes daqueles que integraram os primeiros Corpos Gerentes:
Assembleia Geral: António Marçal da Cunha (presidente), Joaquim José Farinha Júnior (1º secretário), David Cruz (2º secretário). Comissão Executiva: Delfim da Silva (Presidente); Manuel de Oliveira (1º secretário); Alexandre Marques (2º secretário) e os vogais Joaquim de Oliveira e António da Silva. Comissão Técnica: José Moreira da Silva (Encarregado Geral); António Vieira Neves (2º membro), António Ferreira da Silva (2º membro). Conselho Fiscal: Domingues Marques (Presidente), Manuel Rodrigues (1º secretário), Albino Joaquim de Oliveira (vogal), Manuel Domingos Pereira e Manuel da Silva Prata (vogais).

[675] *Idem*, p. 8.
[676] NAMORADO, Rui - *Cooperativismo – um horizonte possível.* Disponível em WWW.URL. http://www.ces.uc.pt/publicações/oficina/fichas/229.pdf

Esta organização distribuía pensões a viúvas de antigos cooperadores, subsídios de funeral, assistência médica, entre outro tipo de ajuda, através de rendimentos obtidos em investimentos feitos nos edifícios que tinham construído, investindo ainda na aquisição de terrenos destinados a pedreiras ou a futuras edificações[677].

Moreira da Silva, pedreiro especializado e um dos idealizadores da criação desta cooperativa[678] foi o responsável pela introdução dos granitos polidos em Portugal:

> *Em 1937 a extraordinária visão de José Moreira da Silva foi visitar a Exposição Universal de Paris e admirando os magníficos granitos polidos da Escandinávia, já não saiu de França sem fazer um contrato exclusivo com a SOCIETE MARBRIERE DE PARIS com ensinamentos de trabalhar granitos e aquisição das respectivas máquinas.*
>
> *Foram instaladas as primeiras oficinas junto à Sede, na Rua D. João IV, e foram utilizando vários departamentos alguns que se destinavam a dormitórios e seus anexos sociais, que devido aos operários terem facilidades de transportes terem deixado de dormir no Porto [...]*[679].

---

[677] *Idem*, p. 7. Adquiriram terrenos/propriedades:
- nas ruas da Alegria, D. João IV e Anselmo Braancamp onde edificaram as oficinas, escritórios a partir de 1953, à família Vasconcelos (Lê-se No Livro G 49 , fls. 114v a 115, da 1ª Conservatória do Registo Predial: *1927 maio 23, Nº 38.445. Inscrevo a favor da Sociedade Cooperativa de Produção de Operários Pedreiros Portuenses, com sede na travessa das Almas, nº36, primeiro andar, d'esta cidade, - a transmissão do terreno inscrito no Lº B 145 fl. 72v sob nº51.357, que pela quantia de cinquenta e três mil escudos, comprou a António Maria de Miranda Vasconcelos e mulher Estefânia Martins de Miranda Vasconcelos, proprietários, moradores na rua da Alegria , nº 603 d'esta mesma cidade*). O terreno encontra-se descrito no Livro B 145, fl. 72 v da seguinte forma: *Nº 51.357 – Terreno com a superfície aproximada de oito mil e quatrocentos metros quadrados, com uma casa de lavoura em ruínas, sito entre prédios das ruas Anselmo Braancamp, Alegria e Herois de Chaves, freguesia do Bomfim, tendo para esta ultima rua uma frente de três metros e meio em esquadria, com entrada também pela rua da Alegria nº 598, servidão comum a este prédio e ao de D. Maria Raimunda Martins. Confronta do norte com o dito caminho de servidão, Jerónimo Caetano Ribeiro, Joaquim Cesar Ferreira Bandonim e Alexandre Antonio de Miranda Vasconcelos, - do sul com José do Nascimento Monteiro, Augusto Joaquim Mendes e outros, - do nascente com Joaquim Cesar Ferreira Bandonim e outros, por uma linha paralela à rua Anselmo Braancamp e dela distante cincoenta metros (por demarcar), - e do poente com a rua Herois de Chaves, na frente atrás referida, herdeiros de Pedro Joaquim Martins, José do Nascimento Monteiro, Alfredo da Rocha Matos, e Dona Maria Raimunda Martins, que nesta confrontação tem uma janela fixa gradeada a ferro e rua da Alegria (servidão comum)….*
- Terrenos: na rua Nossa Senhora de Fátima onde edificaram o Edifício Trabalho e Reforma da autoria do ateliê em estudo; das oficinas da Areosa; instalações de Ponte do Moreira; pedreira de S. Gens; pedreira de Arouca; pedreira de Montalegre; da fábrica de Papel de Barcelos; de Valbom na rua dos Bombeiros Voluntários (que viriam a construir na década de 1980 um edifício misto também da autoria do ateliê); em Coimbrões, rua de Contumil (permuta com andares); da Entulheira da Zona Industrial da Maia I; da rua de Oliveira Monteiro (permuta com andares).

[678] *Idem*, p. 1.

[679] *Idem.*

Na data em que José Moreira da Silva visitou a Exposição Universal de Paris, também oficialmente denominada de " Artes e Técnicas da Vida Moderna", na qual Portugal pretendia "*mostrar a contribuição portuguesa para a civilização do mundo; a obra e o pensamento do Estado Novo […]* "[680] e numa exposição em que *tratava-se de demonstrar "que a arte e técnica devem estar indissoluvelmente ligadas e que o progresso natural se desenvolve sob o signo da Arte"*[681]*;* altura na qual o filho DMS se encontrava nessa cidade a frequentar a ENSBAP e o IUUP. De sublinhar o facto de ser desta data o primeiro projeto realizado para a SCPOPP, assinado pelo engenheiro Bástian e por David Moreira da Silva que o terão pensado e desenhado de acordo com as novas intenções do pai e um dos sócios-gerentes da Cooperativa.

Pelos documentos supra transcritos se pode depreender o espírito de iniciativa, capacidade de previsão e realização e ideais de defesa dos direitos profissionais e sociais dos pedreiros e do pai do arquiteto urbanista.

A esta Cooperativa se devem importantes trabalhos realizados por todo o país e em vários países de todos os Continentes[682] e se sublinha toda a sua atividade em prol da defesa dos direitos de uma classe e da cooperação. Pela importância desta instituição nas áreas económico-social e artística toda a sua ação devia ser objeto de estudo num trabalho de investigação a desenvolver.

Evidenciamos aqui alguns daqueles projetos que o ateliê edificou sob sua encomenda ou nos quais participou com o ateliê, como o do Monumento aos Heróis da

---

[680] ACCIAUOLI, Margarida - *Exposições do Estado Novo: 1934-1940*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998, pp. 39-40.

[681] *Idem, ibidem*, p. 41.

[682] FIMS/MSMS/4388, pp. 3-6 e 10-12. Neste documento se refere a maior parte dos edifícios construídos pela Cooperativa e os locais de encomenda. Alguns exemplos: na cidade do Porto alguns hotéis como os do Infante Sagres (Praça Filipa de Lencastre, ruas de Avis e da Fábrica), da Batalha, Albergaria Miradouro e restaurante Portucale, hotel da Termas da Curia, Companhias de Seguros a Nacional (Praça da Liberdade), Garantia (Av. Dos Aliados), Cafés – Imperial na Praça da Liberdade, Avis, Excelcior na Rua Sá da Bandeira, Java na Praça da Batalha; teatro Rivoli e todos os edifícios construídos até ao Quartel dos Bombeiros Voluntários do Porto, Jornal de Notícias – Av. Dos Aliados, Câmara Municipal do Porto Edifício da Faculdade de Engenharia, Remodelação do edifício da Faculdade de Ciências, Pelourinho, balaustrada e Terreiro e Largo da Sé, Garagem Passos Manuel, Edifício do Porto Garagem na Av. Camilo, ampliação do Jornal o Primeiro de Janeiro; Bairros Viterbo de Campos (Ponte de Arrábida), a Mundial em Vila do Conde, Bairro de Ramalde; Habitações: Cupertino de Miranda na Av. Dos Combatentes, José M. Brito em Vila do Conde e Porto; José Rodrigo de Carvalho em Vila do Conde. Lisboa Monumento a Pedro Alvares Cabral. Obras de Granito Polido em Lisboa, Coimbra, Guimarãe s, Braga, Espinho, Almada, Trancoso, Nisa, Covilhã, Elvas, Abrantes, Guarda, Bragança. No estrangeiro realizaram obras na: Europa: Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Luxemburgo, Suécia, Suíça; África: África do Sul, Angola, Moçambique, Zimbabué; América do Norte: Canadá, Estados Unidos; América do Sul: Brasil, Venezuela; Ásia: Índia, Iraque, Macau, Japão, Kuwait, Singapura…

Guerra Peninsular, concluído e inaugurado no mês de junho de1952[683], o Palácio do Comércio, o altar de Nossa Sr.ª da Conceição do Monte Sameiro, o Edifício Reforma Trabalho, o conjunto de oficinas, sede, Torre Miradouro, Albergaria e Restaurante Portucale, edifícios mistos na rua Anselmo Braancamp, oficinas da SCPOPP em Ponte do Moreira, edifício de rendimento em Valbom.

[683] AHMP Guia 5/2003 nº 17.

4.1.3.1.2. Programas dos diferentes projetos

4.1.3.1.2.1. Projetos 1930-1951

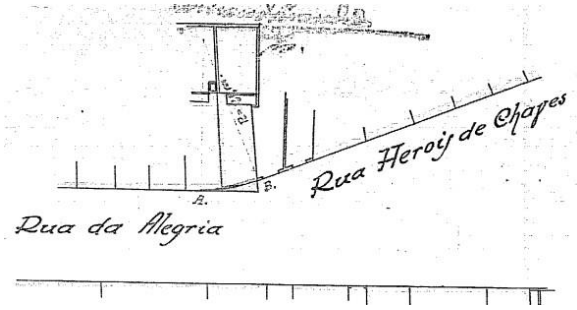


Fig. 607 - Modificação de Fachada do prédio nº 566 da rua da Alegria, 1930. AHMP LO 1930-0515-092 [pormenor do documento]

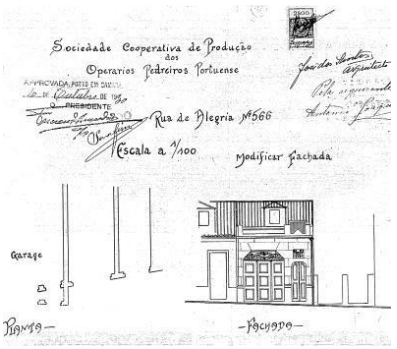


Fig. 608 - Modificação de Fachada do prédio nº 566 da rua da Alegria, 1930. AHMP LO 1930-0515-093 [pormenor do documento]

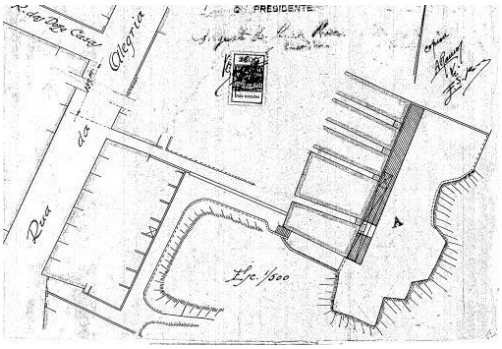


Fig. 609 - A - Planta topográfica com as construções (ampliação do refeitório, depósito de carvão e arrecadações) afastadas da rua da Alegria, 1931. AHMP LO 1931-0851-376 [pormenor do documento]

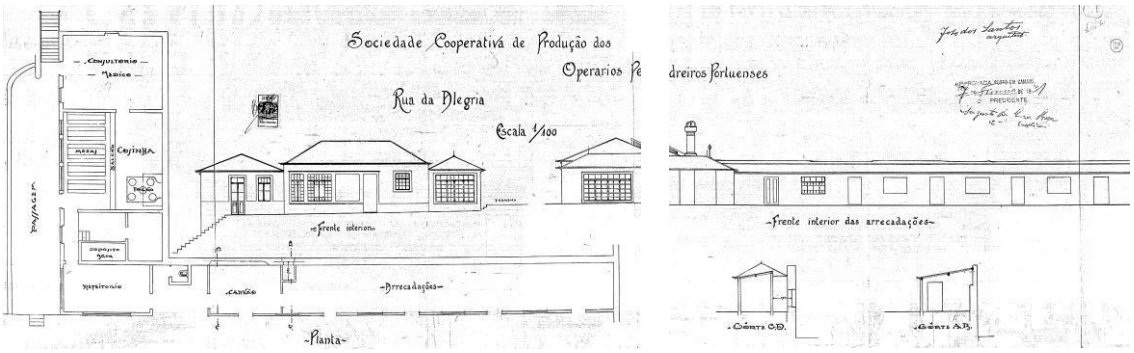


Fig. 610 - Construções (ampliação do refeitório, depósito de carvão e arrecadações) afastadas da rua da Alegria, 1931. AHMP LO 1931-0851-377 [pormenor do documento].



Fig. 611 - Fotografia aérea da zona onde se encontram as instalações da SCPOPP. Fonte de imagem: Google maps.

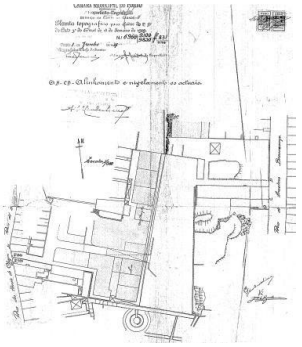


Fig. 612 - Planta topográfica com construções a realizar afastadas da rua da Alegria, 1937
AHMP LO 1937-0335-327 [pormenor do documento]

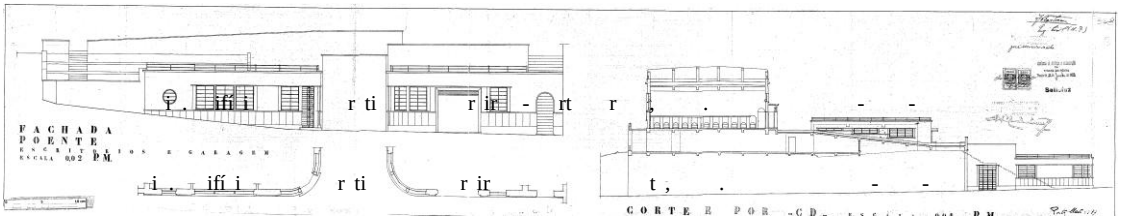


Fig. 613 - Edifício da Cooperativa dos Pedreiros – Fachada Poente- escritórios e garagem, 1937. AHMP LO 1937-0355- 328



Fig. 614 - Edifício da Cooperativa dos Pedreiros – Corte por AB, 1937. AHMP LO 1937-0355- 329

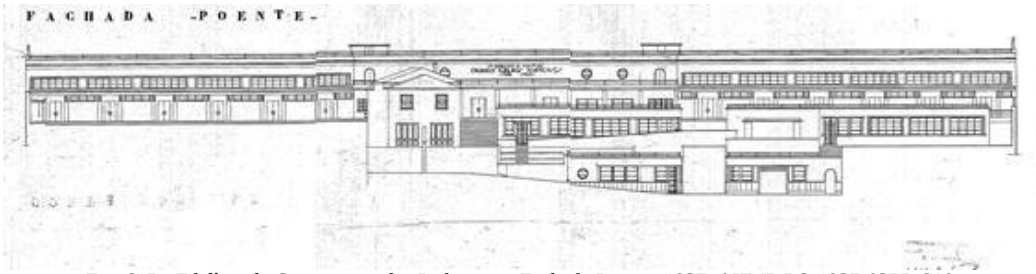


Fig. 615 - Edifício da Cooperativa dos Pedreiros – Fachada Poente, 1937. AHMP LO 1937-0355- 329

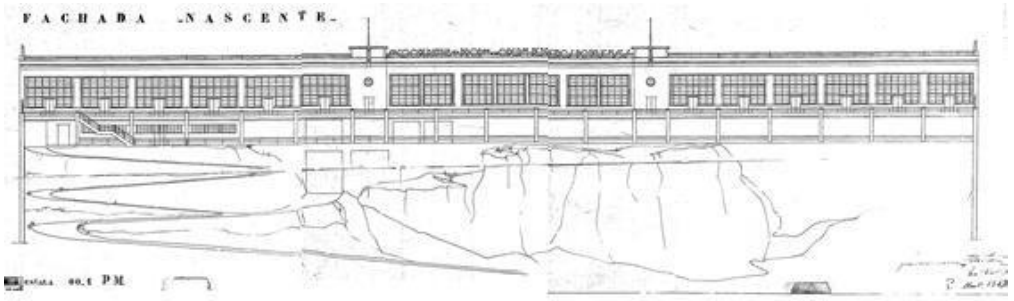


Fig. 616 - Edifício da Cooperativa dos Pedreiros – Fachada Nascente, 1937. AHMP LO 1937-0355- 329

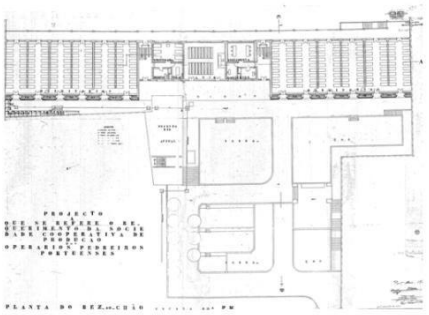


Fig. 617 - Edifício da Cooperativa dos Pedreiros Planta do rés-do-chão, 1937. AHMP LO1937-0335-331

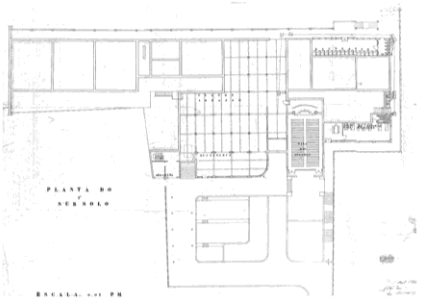


Fig. 618- Edifício da Cooperativa dos Pedreiros Planta do 1º subsolo, 1937. AHMP LO1937-0335-33

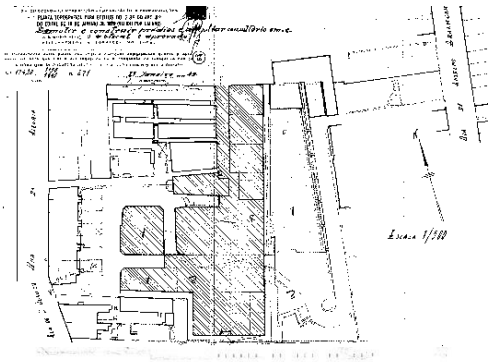


Fig.619 - Planta Topográfica com a localização dos prédios a demolir e a construir, ampliação de consultório, 1949. AHMP LO 1949-0619-004

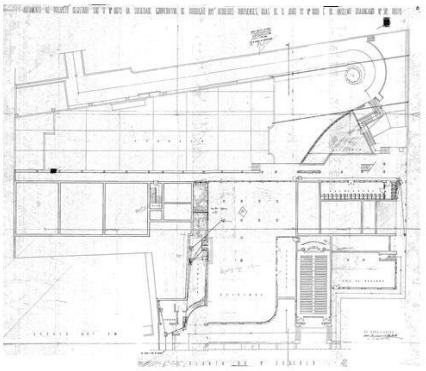


Fig. 620 - Edifício da Cooperativa dos Pedreiros Planta do rés-do-chão, 1949. AHMP LO 1949-006

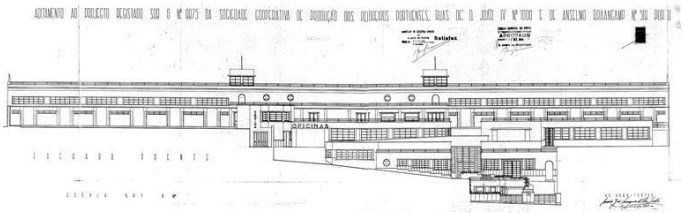


Fig. 621 - Edifício da Cooperativa dos Pedreiros Fachada Poente, 1949. AHMP LO 1949-0619-009

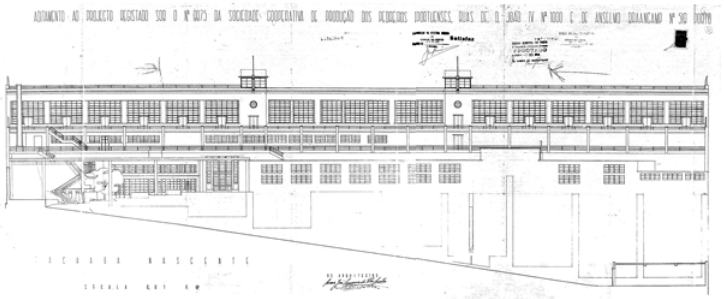


Fig. 622 - Edifício da Cooperativa dos Pedreiros- Fachada Nascente, 1949. AHMP LO 1949-0619-008

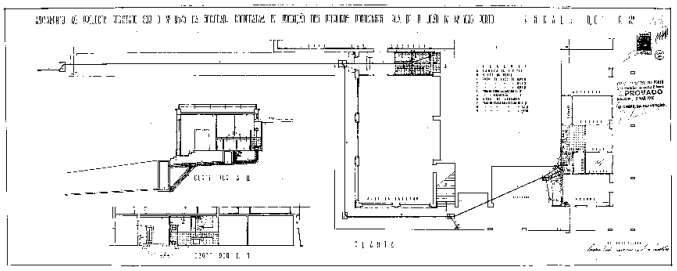


Fig. 623 - Edifíco da Cooperativa dos Pedreiros – Planta e cortes por A-B e C-D, 1950 AHMP LO 1949-0619-037

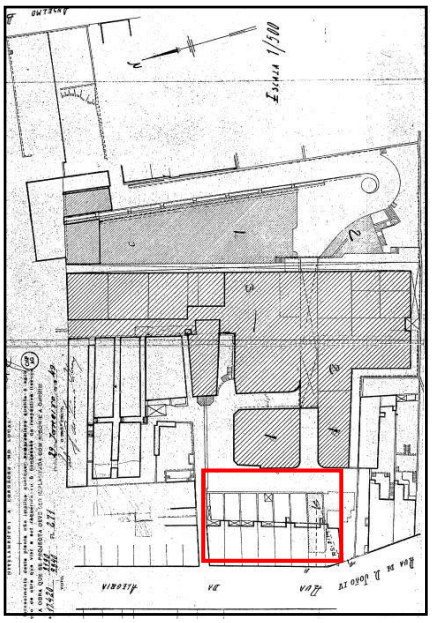


Fig. 624 - Planta topográfica – localização dos corpos a construir. AHMP LO 1949-0619-04 – pormenor

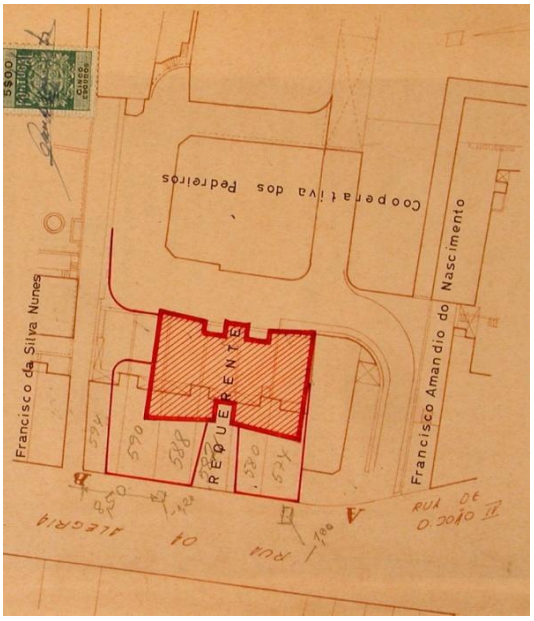


Fig.625 - Planta topográfica – localização dos corpos a construir. Processo da Torre Miradouro AHMP LO 1964-67-07 pormenor

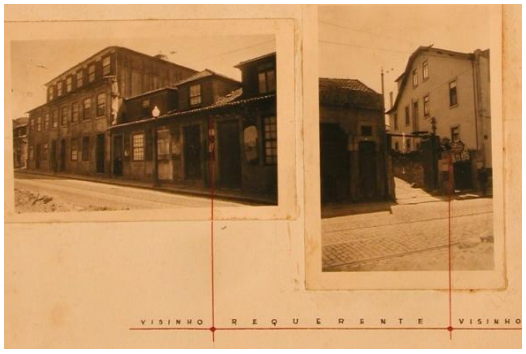


Fig. 626 - Habitações a demolir. AHMP LO 1949-619-0412



Fig. 627 - Habitações a demolir. AHMP LO 1964-67-07 Processo da Torre Miradouro



Fig. 628 - Entrada para a SCPOPP, 1953 FIMS/MSMS/Foto0090



Fig. 629 - A mesma entrada em 2011. Fotografia de Maria do Carmo Pires

Uma das primeiras referências e descrição ao sítio no qual se irá erguer o conjunto de edificações da SCPOPP, data de 1876 e da seguinte forma *[…] Pelos documentos inscrevo em favor do apresentante* [Pedro Joaquim Martins] *a transmissão de vários prédios sitos nas ruas d'Alegria, Sancta Catharina e Monte dos Congregados, d'esta cidade, […]*[684]. Do prédio da época localizado na rua da Alegria existe ainda a seguinte descrição:

> *Nº 14.917 – Predio rústico, que se compõe de dois campos de lavradio, dois terrenos em socalcos, pinhal, casas de lavoura, eira, poço, nora e pertenças, sito no monte dos Congregados, com entrada por um portão nº 576, da rua d'Alegria, freguezia do Bomfim.[…] Confronta do nascente e norte com Thadeu Antonio de Faria, do sul com Pedro Joaquim Martins, do poente com o mesmo e Maria Raimundo Martins*[685].

Do mesmo ano se encontra descrita, no Livro de descrições prediais[686], parte da referida propriedade

> *Nº 14.918 – Uma ilha que se compõe de 36 casas e um terreno na frente, sita no monte dos Congregados, com entrada pela rua d' Alegria pelo portão nº 576. Freguezia do Bonfim. […] Confronta do poente com Pedro Joaquim Martins, do norte com Maria Raimundo Martins, do sul com o mesmo Pedro e do nascente com Thadeu António de Faria […].*

Até 1927[687] o terreno e edificações mudam de proprietário por razões várias e, neste ano, encontra-se registada a inscrição da sua transmissão nos seguintes termos:

> *Inscrevo a favor da Sociedade Cooperativa de Produção de Operarios Pedreiros Portuenses, com sede na travessa das Almas, nº36, primeiro andar, d'esta cidade, - a transmissão do terreno inscrito no LºB 145 fl. 72v sob nº51.357, que pela quantia de cinquenta e três mil escudos, comprou a Antonio Maria de Miranda Vasconcelos e mulher Estefania Martins de Miranda Vasconcelos, proprietários, moradores na rua da Alegria, nº 603 d'esta mesma cidade.*

---

[684] 1ªCRPP Livro G 5, fl. 153v
[685] 1ªCRPP Livro B52, fl. 15.
[686] 1ª CRPP Livro B 52, fl. 52v.
[687] 1ª CRPP Livro G 49, fls. 114v-115. Inscrição de transmissão do prédio com o nº 38.445 de 23 de Maio de 1927.

O terreno inscrito a favor da Cooperativa descreve-se sob o Nº 51.357:

> *Terreno com a superfície aproximada de oito mil e quatrocentos metros quadrados, com uma casa de lavoura em ruínas, sito entre prédios das ruas Anselmo Braancamp, Alegria e Herois de Chaves, freguesia do Bomfim, tendo para esta ultima rua uma frente de três metros e meio em esquadria, com entrada também pela rua da Alegria nº 598, servidão comum a este prédio e ao de D. Maria Raimunda Martins.*

Em 1966,a SCPOPP comprava na zona, o terreno com a área de 1670 m^2 onde, anteriormente, tinha existido um bairro de trinta e sete casas de três divisões[688]. Em 1968, a Cooperativa adquiria e inscrevia a sua transmissão na CRPP um prédio na mesma zona[689].

> *Prédio urbano composto de uma casa de três pavimentos e quintal, sita na rua da Alegria, nº 598, a confrontar do nascente com o prédio seguinte, do norte com o mesmo prédio e com Jerónimo Caetano Ribeiro, do poente com Miguel dos Santos e do sul com a calçada da rua da Alegria*[690].

Este foi o percurso cronológico da aquisição dos terrenos ligados a nível espaciotemporal às diferentes fases da sua edificação. Estudo realizado através do recurso a um tipo de documentação muito pouco utilizado, mas que consideramos ser uma fonte extremamente fiável por conter dados oficiais precisos relativos a descrições de terrenos e suas diversas transformações, transmissão que contém sempre os nomes, profissões dos proprietários e compradores, valores da aquisição e escrituras. Fontes cuja análise permite o cruzamento de informação com outro tipo documentação de outros arquivos nomeadamente do AHMP, possibilitando, assim, a compreensão de todo o processo de apropriação/transformação formal de um espaço ao longo do tempo e de todos os aspetos associados aos estatuto social, económico e institucional dos proprietários.

A Sociedade Cooperativa dos Pedreiros inicia a sua atuação nesta área urbana, pela alteração, em 1931, da fachada do prédio que possui e que foi sujeito a corte para

688 1ª CRPP, Livros B 157, fl. 45 e Livro G 68, f. 26.
689 1ª CRPP, Livro G 69, fl. 60. Inscrição de transmissão de 21 de novembro de 1968.
690 1ª CRPP, Livro B 155, fl. 67.

alinhamento na rua da Alegria. O projeto é da autoria do arquiteto José dos Santos que, no ano seguinte, é também responsável por uma série de alterações a realizar na área pertencente à Cooperativa, nomeadamente alterações na cantina com a ampliação do refeitório, criação de um depósito de carvão e arrecadações[691] numa parte do edifício afastada da rua (Figs. 610).

No ano de 1937, inicia-se o projeto mais representativo de edificação do conjunto de instalações daquela Cooperativa – Habitação Social –, compreendendo a edificação da sede, das oficinas e dos vários dispositivos destinados à saúde, à leitura, à educação, ao acolhimento e à higiene dos cooperantes. Neste projeto inicial valoriza-se o alojamento e o bem-estar destes operários pedreiros, como tão bem se encontra referido no requerimento feito à Câmara Municipal do Porto para apreciação e autorização para a realização do projeto[692].

> *[…] dando assim início à execução de um novo tipo de habitação que destina oas operários pedreiros, tem em vista […] contribuir para a solução do grande problema da habitação, proporcionando-lhes em alojamento embora modesto mas higiénico e salubre.*
>
> *São por mais conhecidos os péssimos e deploráveis alojamentos em que no Porto vivem os numerosos operários que, vindos dos arrabaldes, trabalham nesta cidade e aqui permanecem durante a semana, empregados principalmente na construção civil. […]*[693].

Também a memória descritiva deste projeto é um manifesto de solidariedade social a favor da dignificação da vida dos operários pelas propostas apresentadas de alojamentos coletivos que deveriam ser confortáveis, higiénicos e que *ficar*[iam] *a contrastar com os tugúrios miseráveis e imundos que infelizmente e criminosamente ainda existem em longa escala pela cidade*[694]. José Moreira da Silva nunca se terá esquecido das duras condições de vida por que terá passado durante a sua infância e adolescência: *A sua vida a partir da infância foi a dura provação e de constante labor*[695] *enquanto rapaz de pedreiro no Porto de Leixões, na construção do molhe norte […]* e enquanto trabalhador na Estação de S. Bento e noutras obras. Tal como muitos

691 AHMP LO 1931- 0851 Construção de barracão e ampliação de prédio.
692 AHMP LO 1937- 0335-322 e 322v Assinado por José Moreira da Silva em 17 de maio de 1937.
693 *Idem*, fl. 322.
694 *Idem*, fl. *329.*
695 FIMS/MSMS/4387

moreirenses trabalhava na construção civil. *O Porto, a "grande cidade", com as suas contínuas obras, e várias povoações circunvizinhas […] absorviam a maior fatia desta mão-de-obra*[696]. Também José Moreira da Silva permanecia durante toda a semana na cidade do Porto, onde residia num modesto quarto na Rua da Regeneração nºs 10 a 12 *por cima da tasca propriedade da D. Cândida*[697], regressando apenas ao fim de semana, à sua casa na Maia.

Este projeto, datado do mês de maio de 1937[698], tem a assinatura do eng. civil J. Bastian responsável pelos cálculos de betão armado e de DMS. Esta construção destinada a habitação social será edificada num terreno muito irregular, tendo de ser constituída por diversos corpos que acompanhem os declives e se adaptem à sua topologia. Esta circunstância torna mais dispendiosa a sua execução mas apresenta vantagens, entre elas de ordem higiénica, arejamento e exposição à luz solar.

A frente voltada para a rua da Alegria encontra-se ocupada por várias e antigas habitações geminadas ou associação por repetição que ocupam o pequeno lote, com logradouro e anexos.

O corpo principal do edifício situado ao fundo do terreno com entrada pela rua da Alegria, com frente para esta (sudeste) e para a rua Anselmo Braancamp (nordeste), integra respetivamente nos seus dois subsolos: no primeiro, um grande refeitório, um armazém, casa da caldeira, a sala de sessões, um balneário e um salão de repouso para inválidos; no segundo, mais próximo da rua da Alegria, escritórios, armazém e garagem e numa zona mais afastada, dormitórios coletivos. No rés-do-chão situa-se o corpo mais importante: dois grupos de dormitórios coletivos, um de cada lado da enfermaria, gabinete médico, sala de aula, biblioteca, gabinete da direção, balneário e W.C.

O aditamento ao projeto datado de 1949 respeita algumas alterações ao anterior estudo (Figs. 620-622). A construção do pavilhão destinado à gerência perto da rua D. João IV com vestíbulo, escritório, gabinete de gerência, sala de contabilidade, arquivo, sala de espera, uma pequena rampa para a garagem (destinada a carros ligeiros, sob este pavimento) e instalações sanitárias. Contempla ainda a construção de um muro de vedação, posto do porteiro (na rua D. João. IV), construção de um bow-window no

[696] MARQUES, José Augusto Maia - *Moreira da Maia no Século XIX. Segundo o manuscrito do Padre Joaquim de Antunes Azevedo.* Maia: Câmara Municipal da Maia, 1998, pp. 38-39.
[697] Expressão por nós utilizada no primeiro capítulo desta dissertação, p. 7, por ser extremamente significativa e resultar de uma entrevista concedida por David Moreira da Silva, quatro anos antes do seu falecimento, à técnica de museologia do anterior Instituto José Marques da Silva, Dr.ª Inês Sarmento.
[698] CF. III vol. Ficha nº 57.

antigo edifício da cantina, ampliação da sala de sessões e da de desenho, substituindo a anteriormente prevista sala de repouso para inválidos; o aproveitamento do subsolo do dormitório sul para depósito de materiais; construção de um vestiário sobre a oficina de ferreiro e vestiário já existentes em 1949/50[699]. No aditamento de 1950, projeta-se a construção do pavilhão da gerência a partir da demolição de uma pequena casa e projeta-se ainda a edificação de alojamento para um empregado especializado da Cooperativa. Deste novo estudo resulta uma pequena habitação (com sala de entrada, dois quartos, cozinha, despensa, arrumos, casa de banho, WC); na parte baixa do corpo dos dormitórios, um aposento para o guarda (inicialmente destinado a balneários) e sanitários para a sala de sessões da sala de desenho. Em 1951, num outro aditamento para alteração do pavilhão da gerência, prevê-se a ampliação da garagem e a dependência para o arquivo.

Em 1953, a SCPOPP informa da conclusão das obras: no 2º subsolo, garagem, oficina de serralheiro, serração, oficina de ferreiro, vestiários e duas oficinas de polimento; no 1º subsolo, sala de desenho, sala das sessões, oficinas com armazém anexo e vestiário; no rés-do-chão, consultório médico e sala de tratamentos (aditamento de 1950), pequena habitação na parte baixa do corpo dos dormitórios e aposento para o guarda; um pavilhão para a Gerência (aditamento de 1952).

Quem observa, atualmente, o edifício do seu lado nascente, lê-o inserido numa amálgama de muros, afloramentos rochosos e vegetação espontânea de um terreno em declive no meio da cidade. Um enorme bloco desenvolve-se em comprimento, feito de cantaria interrompido por fenestração entre impositivas colunas. Esta é a imagem do corpo destinado às anteriores oficinas e armazéns, visível num dos pontos mais altos da cidade e encimado por um outro edifício da Cooperativa a Torre Miradouro dos anos Sessenta.

Do seu lado poente uma outra leitura mais urbana se impõe. Um baixo e sólido muro separa as instalações das ruas da Alegria e de D. João IV (do seu lado direito de quem sobe), através de portão que deixa antever o símbolo da Cooperativa. Um acesso-rampa possibilita a visualização de uma série de corpos que ritmicamente acompanham o declive e se veem como geometrias baixas, retas ou curvilíneas, sólidas, sequenciadas e rasgadas por grandes vãos delimitados por molduras de cantaria. Dispositivos

[699] AHMP LO 1949-0619-0015 Os cálculos de betão armado são da responsabilidade do Engº. civil António Augusto Guimarães Teixeira Rego.

pensados/projetados para um espaço amplo e para servirem uma função ligada à produção de componentes de pedra e granito polido, reveladores de preocupações higienistas: iluminação e ventilação.

4.1.3.2. Projetos para o Edifício - Torre Miradouro 1963-1969

Projeto de 1963



Fig. 630 - Casas que existiam no terreno onde foi edificada a Torre Miradouro e demolidas para a sua construção. AHMP LO 1964-0067-007 pormenor.

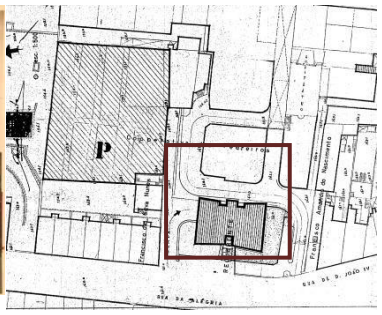


Fig. 631 - Localização da futura Torre Miradouro, assinaladas no terreno ocupado, anteriormente, pelas casas referidas na figura anterior, 1963, AHMP – LO 1964-0067-018 pormenor.

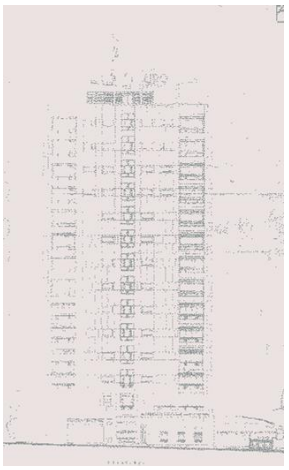


Fig. 632 - Edifício Miradouro, alçado principal, 1963. AHMP LO 1964-0067-013

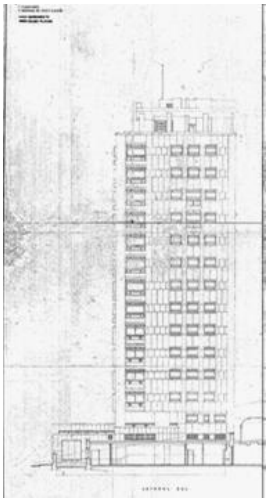


Fig. 633 - Edifício Miradouro, alçado lateral sul, 1963. AHMP LO 1964-0067-0014

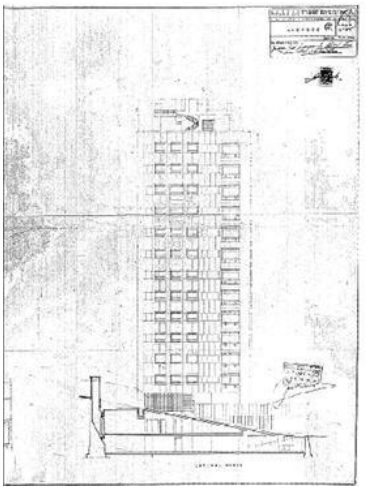


Fig. 634 - Edifício Miradouro, alçado lateral norte, 1963. AHMP LO 1964-0067-0014

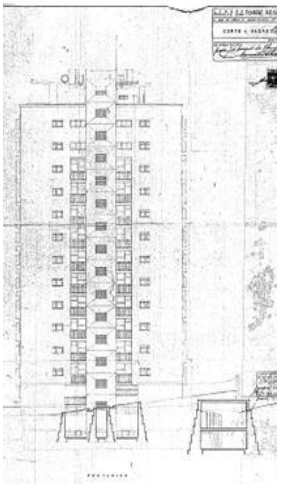


Fig. 635 - Edifício Miradouro, alçado posterior, 1963. AHMP LO 1964-0067-0014

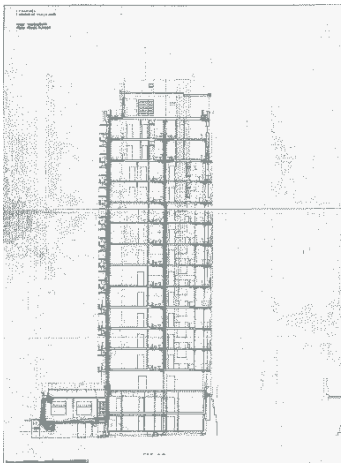


Fig. 636 - Edifício Miradouro, Cortes, 1963. AHMP LO 1964-0067-0015 [pormenor]

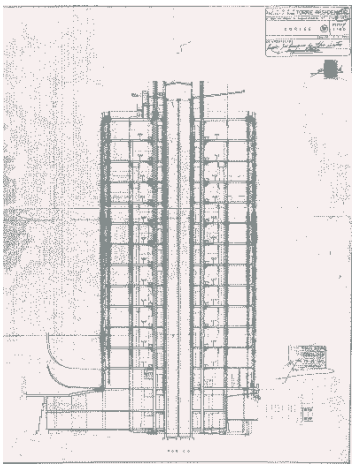


Fig. 637 - Edifício Miradouro, Cortes, 1963. AHMP LO 1964-0067-0015 [pormenor]

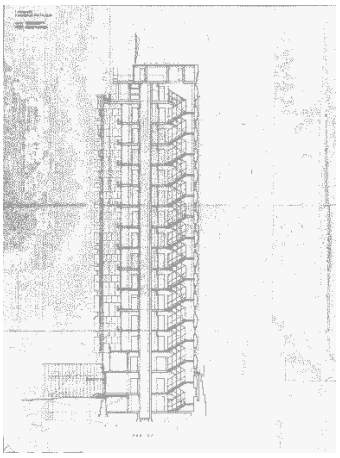


Fig. 638 - Edifício Miradouro, Corte e Alçado, 1963.
AHMP LO 1964-0067-0016 [pormenor]

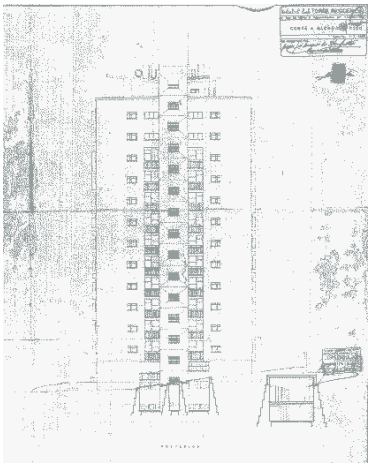


Fig. 639 - Edifício Miradouro, Corte e Alçado, 1963. AHMP LO 1964-0067-0016 [pormenor]



Fig. 640 - Aditamento, agosto de 1963. AHMP LO 1964-0064-0018.

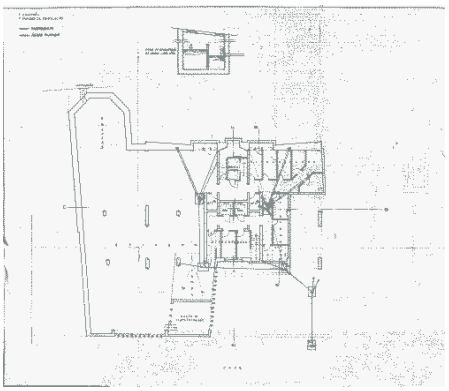


Fig. 641 - Edifício Miradouro, Planta da Cave, 1963. AHMP LO 1964-0067-009 [pormenor]

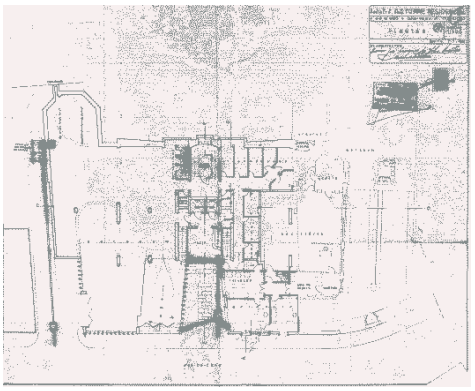


Fig. 642 - Edifício Miradouro, Planta do R/do chão, 1963. AHMP LO 1964-0067-009 [pormenor]

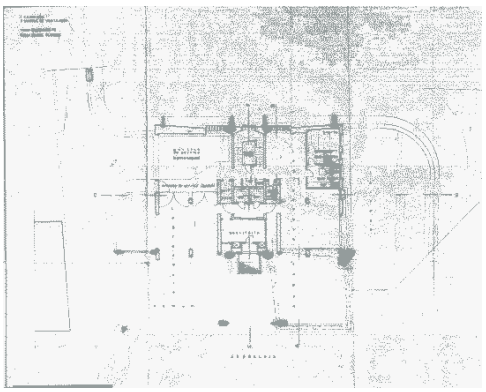


Fig. 643 - Edifício Miradouro, Planta de Sobreloja, 1963. AHMP LO 1964-0067-010 [pormenor]

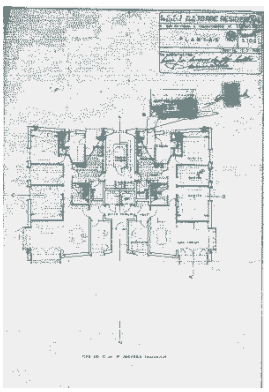


Fig. 644 - Edifício Miradouro, Planta do 1º ao 8º andares, 1963. AHMP LO 1964-0067-010 [pormenor]

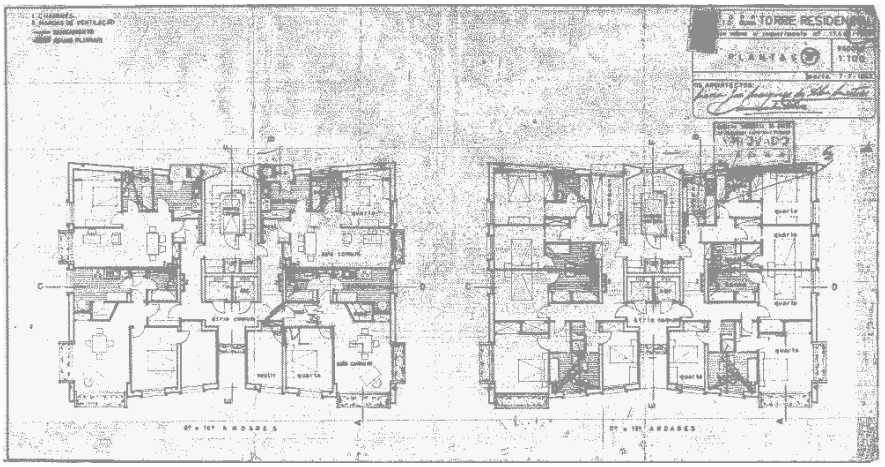


Fig. 645 - Edifício Miradouro, Planta do 9º ao 10º andares e 11º e 12º andares, 1963. AHMP LO 1964-0067-011

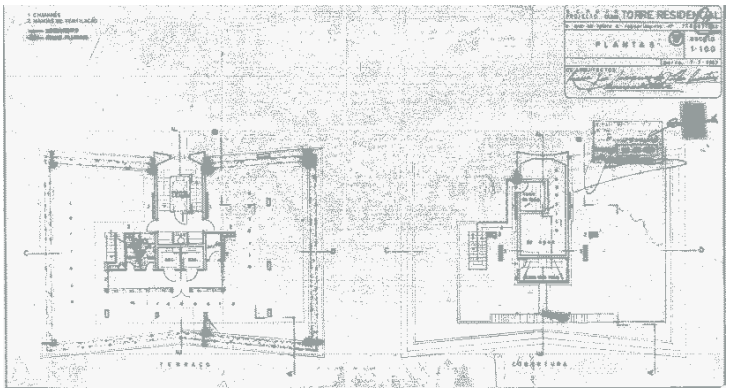


Fig. 646 - Edifício Miradouro, Planta do terraço e Planta da Cobertura, 1963. AHMP LO 1964-0067-012

Projeto de 1966

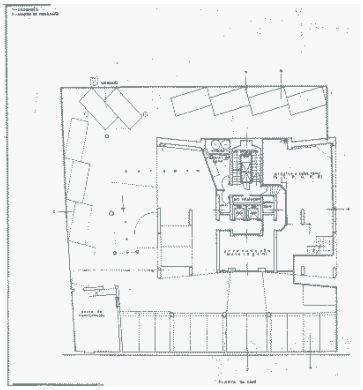


Fig. 647 - Edifício Miradouro, Planta da Cave, 1966. AHMP
LO 1964-0067-0098 [pormenor]

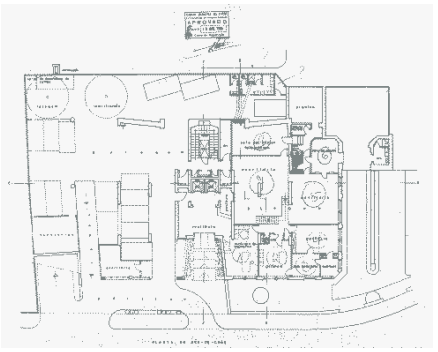


Fig. 648 - Edifício Miradouro, Planta do R/chão, 1966. AHMP
LO 1964-0067-0098 [pormenor]

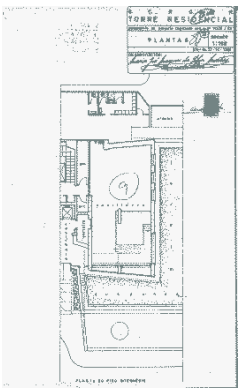


Fig. 649 - Edifício Miradouro, Planta do piso intermédio, 1966. AHMP
LO 1964-0067-0098 [pormenor]

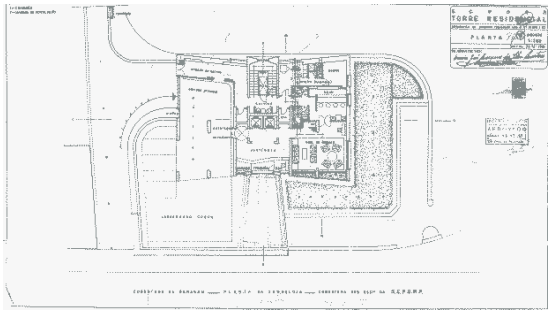


Fig. 650 - Edifício Miradouro, Planta da cobertura da garagem – Planta da Sobreloja – Planta da Cobertura 1966. AHMP LO 1964-0067-0099

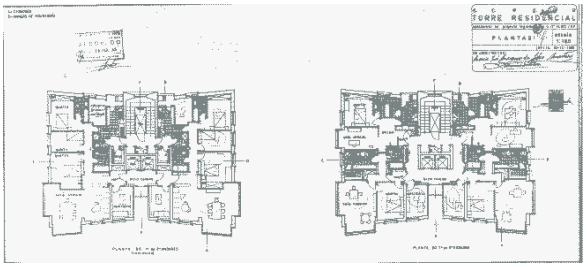


Fig. 651 - Edifício Miradouro, Planta do 1º ao 6º andares e Planta do 7º ao 9º andares 1966. AHMP
LO 1964-0067-0100

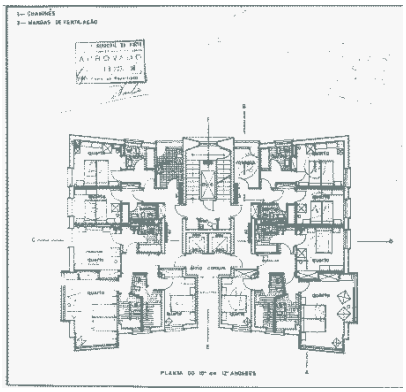


Fig. 652 - Edifício Miradouro, Planta do 10º ao 12º andares 1966. AHMP
LO 1964-0067-0101

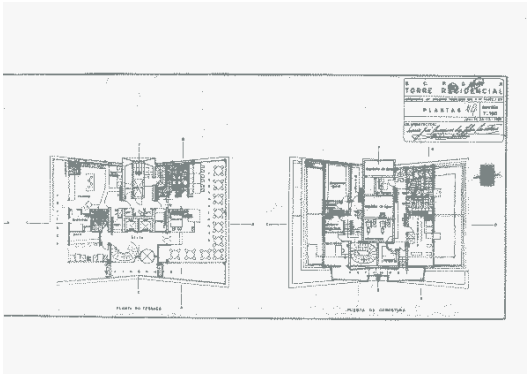


Fig. 653 - Edifício Miradouro, Planta do terraço e Planta da cobertura, 1966. AHMP
LO 1964-0067-0101

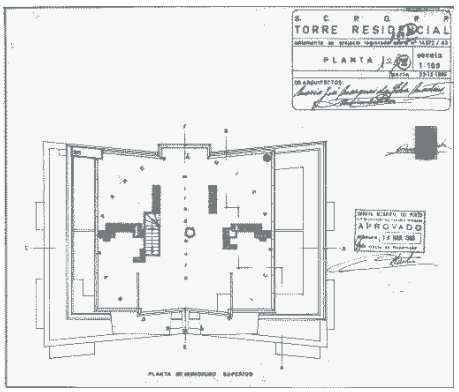


Fig. 654 - Edifício Miradouro, Planta do Miradouro superior, 1966. AHMP
LO 1964-0067-0102

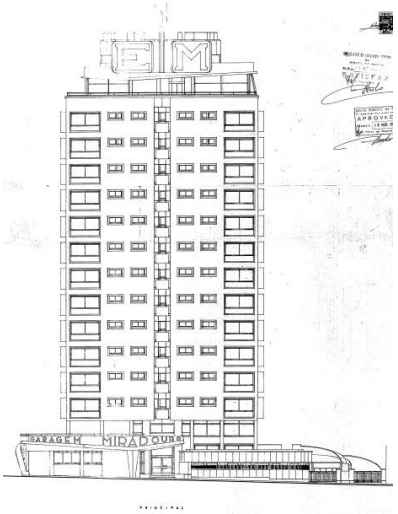


Fig. 655 - Edifício Miradouro, alçado principal,1966
AHMP LO 1964-0067-104

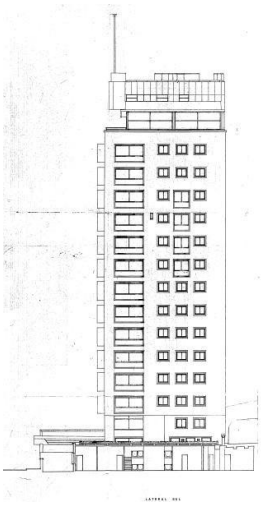


Fig. 656 - Edifício Miradouro, alçado lateral sul,1966
AHMP LO 1964-0067-105

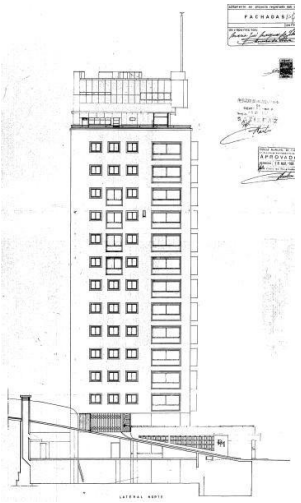


Fig. 657 - Edifício Miradouro, alçado lateral norte,1966
AHMP LO 1964-0067-105

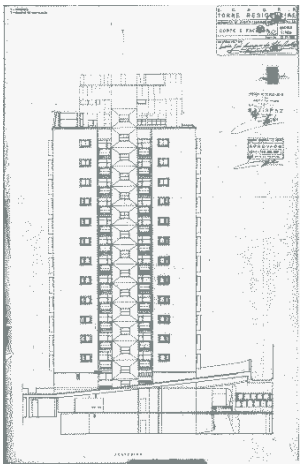


Fig. 658 - Edifício Miradouro, alçado lateral norte,1966
AHMP LO 1964-0067-106

Projeto de 1967

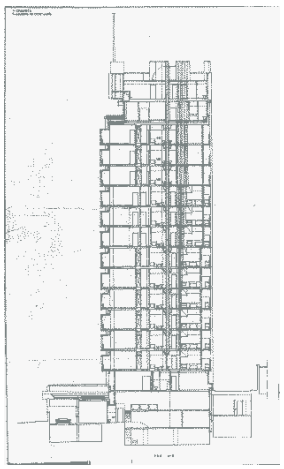


Fig. 659 - Edifício Miradouro, corte por AB,1967
AHMP LO 1964-0067-107

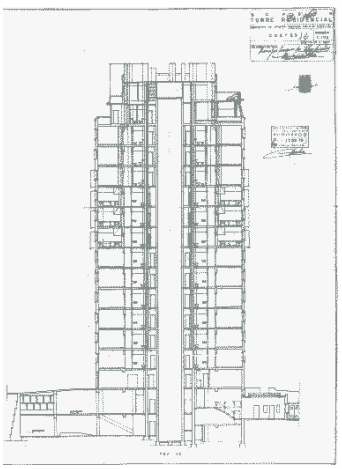


Fig. 660 - Edifício Miradouro, corte por CD,1967
AHMP LO 1964-0067-107

Aditamento de 1969

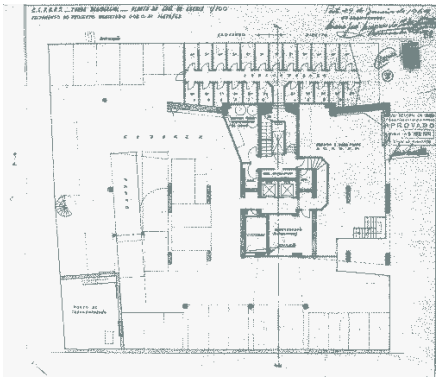


Fig. 661 - Edifício Miradouro, Planta da Cave,1969 (aditamento ao projeto). AHMP LO 1964-0067-155

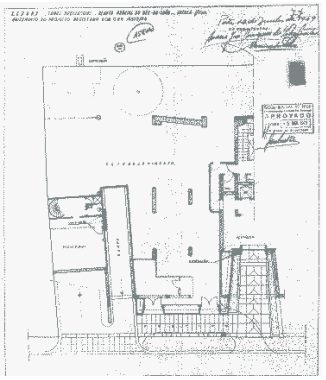


Fig. 662 - Edifício Miradouro, Planta parcial do R/Chão, 1969 (aditamento ao projeto) AHMP LO 1964-0067-156

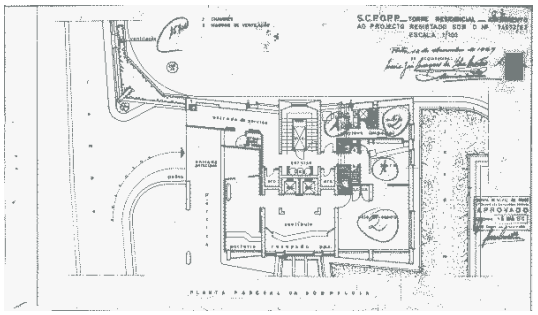


Fig.663 - Edifício Miradouro, Planta Parcial da Sobreloja, 1969 (aditamento). AHMP LO 1964-0067-157

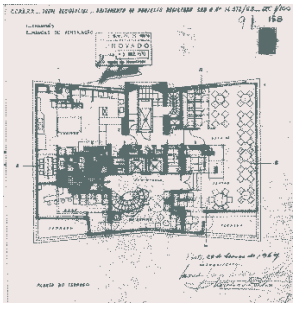


Fig. 664 - Edifício Miradouro, Planta Parcial da Sobreloja, 1969 (aditamento). AHMP LO 1964-0067-158

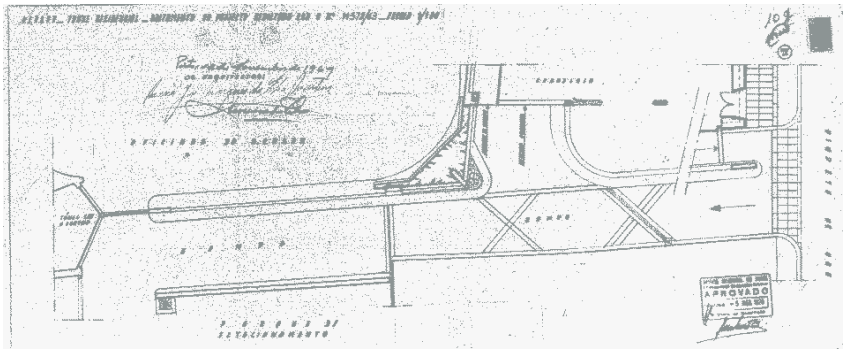


Fig. 665 - Edifício Miradouro, Planta do parque de estacionamento, 1969 (aditamento). AHMP LO 1964-0067-159

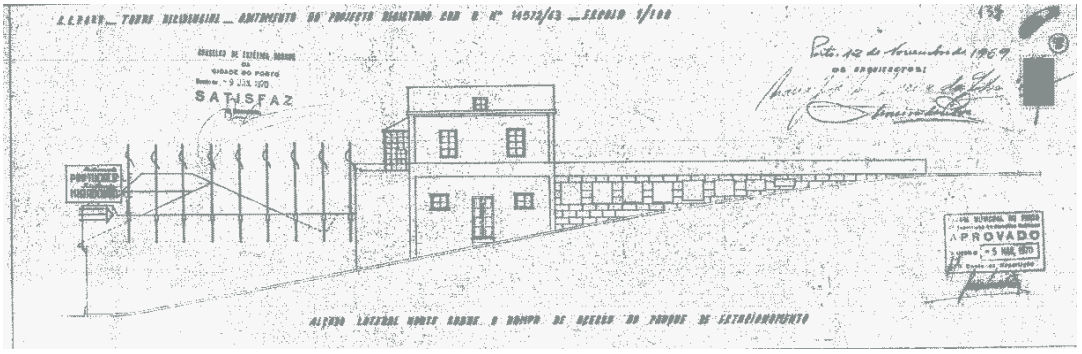


Fig. 666 - Edifício Miradouro, Alçado lateral norte sobre a rampa de acesso ao parque de estacionamento, 1969 (aditamento).
AHMP LO 1964-0067-162

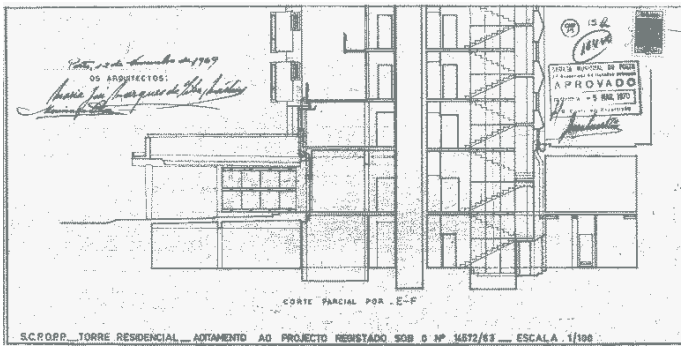


Fig. 667 - Edifício Miradouro, Aditamento ao projeto
AHMP LO 1964-0067-164

Como se pode observar nas (figs. 630-631), existiam nas frentes das ruas D. João IV e da Alegria, casas geminadas e de repetição, encontrando-se localizadas as edificações e respetivos logradouros pertencentes à SCPOPP nas suas traseiras. A entrada encontrava-se entre duas habitações das ruas atrás referidas. Em 1966 e em 1968, a SCPOPP comprava a área do terreno correspondente à anterior zona ocupada pelas casas que tinham sido demolidas e onde se edificaria o futuro Edifício Torre Miradouro e o muro de vedação[700].

Os vários projetos[701] deste *movimentado e, ao mesmo tempo harmonioso conjunto*[702], são datados de 1963, 1966, 1967, 1969 e 1972, para a Torre Residencial. No primeiro estudo era intenção dos arquitetos a construção de um edifício-Torre com doze andares e com cave, sobreloja, rés-do-chão. A cave seria destinada a garagem, com

[700] 1ª CRPP, Livros B 155, fl. 67 e G 69, fls. 60v e 61; B 157, fl. 45 e Livro G 68, f. 26.
[701] CF. III vol. Ficha nº 61.
[702] AHMP LO 1964-064-003v.

entrada pela rua da Alegria, dezasseis arrecadações, posto de transformação de energia elétrica e secção de lavagem de carros. No rés-do-chão garagem e sanitário; na sobreloja, pórtico de serviço para automóveis e peões, monta-cargas e escada; do primeiro ao oitavo andares, duas moradias independentes de tipologia T 3; nos nono e décimo andares, quatro moradias independentes de tipologia T1; nos décimo primeiro e décimo segundo andares, dez quartos de dormir em cada andar para os hóspedes da Estalagem Miradouro, outros dez quartos de banho e roupeiros, oito antecâmaras e serviços. No terraço um miradouro e um solário com instalações sanitárias e na cobertura, duas casas de máquinas para os elevadores, um depósito de água potável. Os acessos são feitos por duas rampas, dois elevadores, um monta-cargas, escada de serviço e conduta de lixo com boca de entrada em cada andar.

Localizado numa zona privilegiada da cidade, a cota elevada e sobre afloramento granítico este edifício-torre impõe-se na paisagem urbana. *[…] O papel do arranha-céu, como imagem emblemática da cidade do século XX, desembarca no mundo contemporâneo ainda como representação do poder corporativo, do avanço tecnológico e da chegada da modernidade.*[703]

A nível estético, nas fachadas exteriores, conjuga-se o revestimento a azulejo com o cimento armado dos pilares e molduras, a cantaria nos vãos, soluções transversais a todos os projetos deste edifício.

O aditamento ao projeto de 1967, foi realizado por uma questão de rentabilização e melhor aproveitamento do espaço, propondo algumas alterações designadamente o aumento do número de quartos da estalagem (mais dez), localizada nos andares superiores, uma sala de espera, bares, restaurantes e outros serviços num edifício detentor de uma panorâmica privilegiada. Para isso, os arquitetos propuseram, entre muitas, as alterações de que destacamos: a redução da área do terraço e seu melhor aproveitamento com dispositivos para serviços; a ampliação da área destinada a garagem e deslocação do acesso (cave); a supressão de arrecadações e sua substituição pelos escritórios da cooperativa e remodelação dos acessos à garagem e à torre (rés-do-chão); a substituição do escritório da estalagem por um vestíbulo, portaria e receção (sobreloja); a redução da área de cozinha, a deslocação e inclusão de mais um sanitário,

[703] CÓRTES, José Miguel – *Políticas do Espaço. Arquitetura, Gênero e Controle Social.* São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008, p. 14.

o acréscimo de um novo dispositivo destinado a sala de passar a ferro e costura, a abertura de mais duas janelas em cada andar (dos primeiro ao sexto andares); o décimo andar passa a ser utilizado para estalagem; há uma ampliação do restaurante em detrimento do solário e diminuição do terraço e miradouro para instalação dos serviços; e inclusão na cobertura de um corpo destinado a escritório da estalagem, garrafeira e outros.

Num outro aditamento apresentado em 1969, propõe-se acrescentar vinte e quatro arrecadações correspondentes às moradias (cave), a supressão do escritório da garagem, o arranjo das montras do estabelecimento do rés-do-chão.

4.1.3.3. Análise de Fachadas



Fig. 668 - Fachada Principal, Poente, Torre Miradouro. Fotografia de Maria do Carmo Pires.



Fig. 669 - Fachada Posterior, Nascente, Torre Miradouro. Fotografia de Maria do Carmo Pires.



Fig. 670 - Fachada Lateral Norte, Torre Miradouro. Fotografia de Maria do Carmo Pires.



Fig. 671 - Fachada principal/lateral sul da Torre Miradouro. Fotografia de Maria do Carmo Pires.

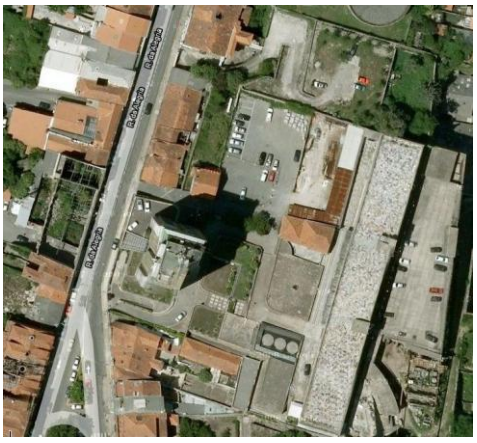


Fig. 672 - Fotografia aérea da SCPOPP. Google maps.



Fig. 673 – Entrada do Edifício-Torre Miradouro.
Fotografia Maria do Carmo Pires



Fig. 674 – Entrada do Edifício-Torre Miradouro.
Fotografia Maria do Carmo Pires



Fig. 675 - Edifício-Torre Miradouro. Pormenor da Fachada.
Fotografia Maria do Carmo Pires



Fig. 676 d- Edifício-Torre Miradouro. Pormenor da Fachada.
Fotografia Maria do Carmo Pires



677 - Edifício-Torre Miradouro. Revestimento da fachada.
Fotografia Maria do Carmo Pires

Localizado entre as ruas da Alegria e a rua de Anselmo Braancamp, este edifício torre encontra-se numa das cotas mais altas do Porto e constitui um novo símbolo visual da cidade a par de outros, concorrendo na sua verticalidade com um antigo símbolo, a torre dos Clérigos. Um volume impositivo dos anos 60 e uma referência na habitação coletiva. No seu interior, num núcleo central, encontram-se situados os acessos aos diferentes andares e à sua volta distribuem-se as habitações. Prédio em que o seu programa funcional inclui lojas, a sede da Cooperativa dos Pedreiros, habitações, o hotel e no seu topo o restaurante domina uma paisagem urbana privilegiada. Na base da fachada principal, a ocidental, há dois elementos de ligação entre o espaço exterior da rua e o espaço interior do edifício- uma laje e um pilar indicam um caminho. O corpo do

edifício, em todas as suas fachadas, é explorado de uma forma plástica através da utilização e combinação dos materiais empregues. Os azulejos policromos e o granito das molduras dos vãos ou das varandas que avançam, interagem a nível da distribuição da luz, acentuam as suas volumetrias e conferem-lhe uma certa unidade. Estes materiais usados no revestimento das suas fachadas são no entender de Lousa *apostam materiais de acabamento tradicionais na cidade histórica – granito, azulejo – pretende acentuar um sentido de continuidade formal com a herança construída* [704].

[704] LOUSAN, António Portovedo – "Edifícios – Torre 1961-1973". In *Guia de Arquitectura Moderna.* Porto: Ordem dos Arquitectos, 2001.

4.1.4. O Savoy Hotel

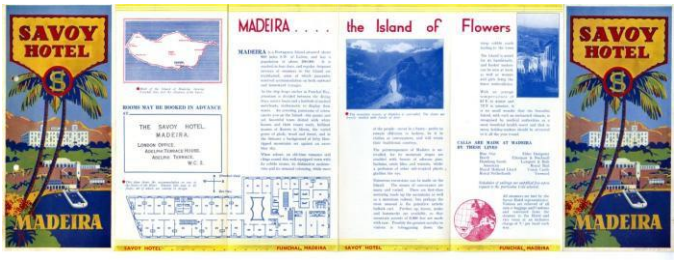


Fig. 678 - Desdobrável Turístico da Madeira. FIMS/MSMS/2039-4351-0048



Fig. 679 - Imagem do antigo Savoy [705]

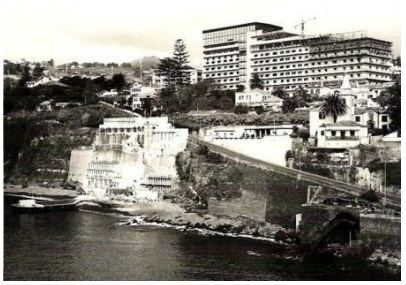


Fig. 680 - Imagem do Último Savoy [706]

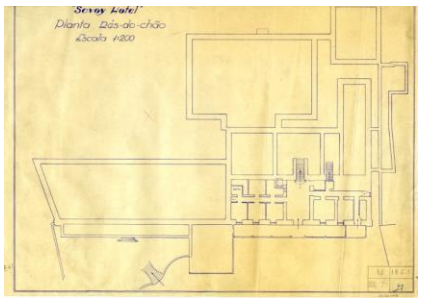


Fig.681 - Planta do r/ch do Hotel Savoy.
FIMS/MSMS/2039-pd6181

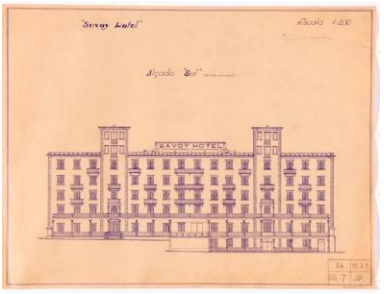


Fig. 682- Fachada Sul do Hotel Savoy.
FIMS/MSMS/2039-pd6190

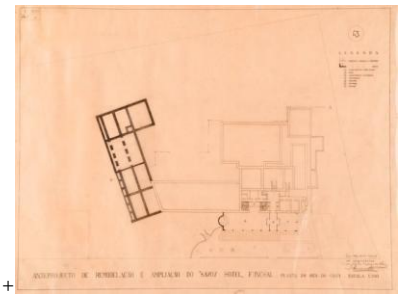


Fig. 683 - Nova planta do r/ch do Hotel Savoy.
FIMS/MSMS/2039-pd6177

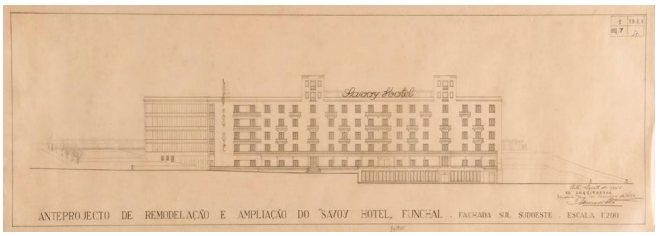


Fig. 684 -Nova Fachada Sul do Hotel Savoy.
FIMS/MSMS/2039-pd6166

[705] Imagem do antigo Savoy Disponível em WWW.URL: http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=300002&page=9
[706] *Idem.*

Hotel propriedade de José Dias que *em 1902 lançou-se no negócio da hotelaria, com o pequeno Hotel Royal, ampliado dez anos depois para 40 quartos, que se evidenciou pequeno face à crescente procura*[707]. Em 1926, o proprietário inicia a construção de um hotel que seria inaugurado no ano de 1929 com 141 quartos[708].

Equipamento turístico de grande envergadura[709], situado num lugar privilegiado da cidade e com acesso privativo ao mar, torna-se na década de 1940, mais uma vez insuficiente, razão pela qual a empresa desta unidade hoteleira pensa a sua remodelação e ampliação face às transformações urbanísticas que se vinham operando na cidade. Uma das razões da realização de um novo projeto para o hotel terá sido a recente abertura de uma das acessibilidades importantes da época, a Avenida do Infante que localizada na sua fachada norte impunha, esta nova via de circulação, um consequente arranjo da sua entrada.

Em Setembro de 1945, e face à desistência do arquiteto Raul Lino para elaborar o projeto do Hotel Savoy[710], a direção deste equipamento turístico abre um concurso destinado à apresentação de projetos de arquitetura para remodelação e ampliação do Hotel. Um dos membros da direção da empresa do Savoy, engenheiro Vasco Paiva Brites, tinha encomendado um projeto de construção de habitação própria a David Moreira da Silva, em 1944, e em carta trocada com o arquiteto tinha-o já informado do projeto de ampliação daquele hotel, cerca de um ano antes da abertura do concurso.

O ateliê em estudo recebe o programa do concurso[711] no qual se especificam criteriosamente, todos os aspetos a observar na elaboração dos projetos, dos que se destacam a preocupação estética a ter, particularmente, na fachada principal que se pretende mais ampla (vestíbulo, portaria, escritórios direção), voltada a norte para a Avenida do Infante, acessibilidade essa que passou a contar com o movimento automóvel que anteriormente era feito pela Rua Imperatriz D. Amélia. Para o muro de vedação do lado norte, voltado para a nova artéria, e servindo aquela que será a sua

[707] MENDES, José Manuel Melim - *Memórias do Funchal. O Bilhete Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*. Funchal: edição do Autor, 2007, pp. 59 e 201-202
[708] *Idem*, p. 202.
[709] Ver Vol. II, pp. 313 – 322.
[710] FIMS/MSMS/2039-4351-0160, 29 de julho de 1944, em carta dirigida a David Moreira da Silva pelo engenheiro Paiva Brites a propósito da encomenda do projeto de uma habitação a construir na Avenida do Infante. Nesta carta o engenheiro escreve o seguinte […] *Sobre o assunto do projecto das modificações e ampliação Hotel, dias antes da minha ida para Lisboa foi cá recebida carta do Arquitecto Raul Lino, desistindo do trabalho. Ainda não tive ocasião de falar com o meu cunhado sobre o caso, o que farei por estes dias, mesmo para se começar a pensar nos elementos de trabalho nessecarios. O terreno a O. do Hotel já foi por nós adquirido e vai ser levantada a respectiva planta. […]*
[711] FIMS/MSMS/2039-4351-0101, 14 de setembro de 1945.

entrada principal, a direção da empresa do Savoy solicita particular atenção ao seu embelezamento através de flores e trepadeiras.[712] A gerência do hotel pretendia, ainda, aumentar o número e a qualidade dos quartos (cerca de sessenta), com banho privativo, uma nova sala de jantar [713] e dispositivos de apoio e de lazer. A zona proposta para a ampliação em altura do hotel localizar-se-ia a oeste, num terreno recém-adquirido pela empresa.

O ateliê do Porto enviaria um projeto de remodelação deste equipamento, estudo esse composto por peças desenhadas plantas dos 1º, 2º andares, fachadas su-sudoeste, norte-nordeste, este e oeste, corte por A-B. Essas peças desenhadas são enviadas por via marítima e feito um seguro pelos riscos que envolvia o seu envio por mar e pelo clima de guerra que na altura se vivia [714].

Na memória descritiva e justificativa, o ateliê considera inestético o aspeto das fachadas e modestos os seus dispositivos internos, fatores que se opunham à beleza natural do local em que se implanta, propondo alterações várias à sua organização, funcionalidade e área dos dispositivos espaciais do hotel. Entre os que foram enunciados, destacamos os seguintes: a sala de jantar demasiado pequena e mal localizada, ao nível dos cheiros da cozinha, muito próxima dela, uma má iluminação dos seus espaços; ausência de ajardinamento na sua entrada principal.

Propõe-se a realização de uma sala de jantar para o primeiro andar, mais ampla e melhor orientada para sul para participar de uma panorâmica privilegiada sobre/voltada para o mar e, para o por do sol, precedida por esplanada. Os arquitetos consideravam inconcebível o facto de se encontrar o hotel à beira-mar e esta sala estar de costas voltadas para ele; remetem o espaço anteriormente destinado a sala de jantar para salão de festas; para a cozinha propõem algumas alterações, nomeadamente a sua ampliação, com uma secção de pastelaria, copa e, melhorados os seus restantes anexos; para o acesso norte, propõem um espaçoso vestíbulo comunicando com a portaria, escritório, sala de espera, uma nova e ampla escada e ascensor; um muro de vedação, no alinhamento da avenida do Infante com um largo portão em ferro forjado destinado à circulação de peões e veículos e uma pérgula cobrindo-o. Propõem ainda o embelezamento das fachadas: um alto mastro na fachada norte depois de limpa, e

[712] FIMS/MSMS/2039-4351-0100, 14 de setembro de 1945.
[713] A sala de Jantar localizada no lado norte, prevendo o memorial enviado ao arquiteto, a sua deslocação para leste, sendo ocupada por salão principal.
[714] Consultar Vol. II pp. 313– 322.

encimando-o letras em Néon com o nome do hotel; fachada sul simplificada com pérgula e tabuleta luminosa; ampliação do hotel, aumento do número de quartos, cerca de 70, e arrecadações no terreno previsto para expansão da unidade hoteleira, cada quarto com varanda, 1 quarto de banho privativo.

Numa carta enviada ao ateliê pela empresa daquele hotel, no último dia de 1945, e recebida no Porto no dia 13 de janeiro de 1946, os arquitetos são informados da aceitação do projeto, pelas razões de mais nenhum outro arquiteto ter concorrido e/ou enviado no prazo estabelecido e pela qualidade do trabalho dos dois arquitetos. Na carta falam da impossibilidade, por questões estritamente económicas, da construção de uma nova sala de jantar, das demolições propostas para as dependências de entrada, por riscos de estabilidade do edifício. A empresa concorda com a remodelação da fachada e com a ampliação, pedindo para incluir no 1º andar do novo edifício, uma sala de leitura e uma pequena biblioteca e aproveitar assim o espaço da sala de jantar existente. No local proposto por DMS para a nova sala de jantar propuseram a inclusão de um pequeno Dancing, um pequeno bar e sala de bilhar, com sanitários; cozinhas e anexos aproveitados e melhoradas, o arranjo dos jardins, um corte de ténis, um muro exterior e uma avenida de acesso à entrada principal.

Tendo o projeto sido atribuído ao ateliê este, em setembro de 1947, envia os desenhos com as plantas do R/Ch, 1º e 2º andares; de todas as fachadas e do corte por A-B; projeto do muro de vedação com o alçado de conjunto e pormenor do seu corpo central, em papel tela e três cópias e um pormenor do portão e respetivas memórias descritivas.

A troca de correspondência entre as duas partes vai-se arrastando no tempo a par da perda dos desenhos realizados. Em 31 de maio de 1954, o ateliê escreve à Empresa do Savoy Hotel, passados anos sobre a seleção do seu projeto de remodelação, manifestando um claro desagrado como todo o processo se tinha desenrolado (falta de pagamento do prémio, realização de outros projetos sem remuneração, do arrastamento de um processo, da falta de pagamento da fatura de 26 de maio 1950), tendo por esse motivo entregue o processo ao seu gabinete jurídico para resolução.

Este projeto ficaria por realizar tal como todos os outros pensados para o Funchal. Só em1966, se iniciariam obras de transformação e ampliação deste hotel entregue a outro arquiteto, equipamento que se manteve até 2009, ano da sua demolição e a partir do qual um novo e arrojado projeto se encontra em curso.

4.1.5. A Habitação de Vasco Paiva Brites na Avenida do Infante

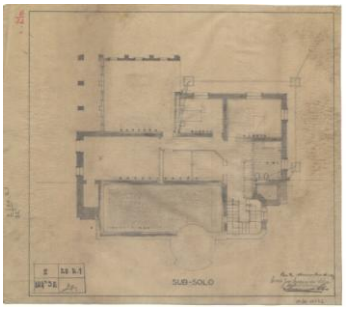


Fig. 685 - Planta do subsolo
FIMS/MSMS/4472-pd05242

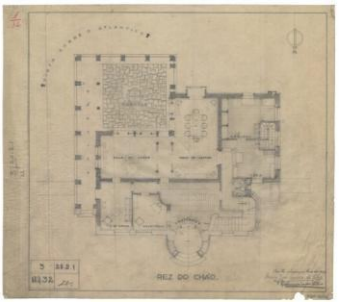


Fig. 686 - Planta do rés-do-chão
FIMS/MSMS/4472-pd05246

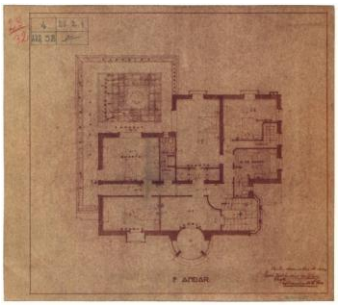


Fig. 687 - Planta do 1º andar
FIMS/MSMS/4472-pd05241

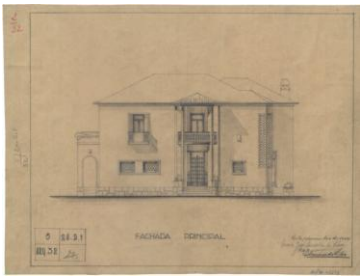


Fig. 688 - Fachada Principal - Norte.
FIMS/MSMS/4472-pd5243

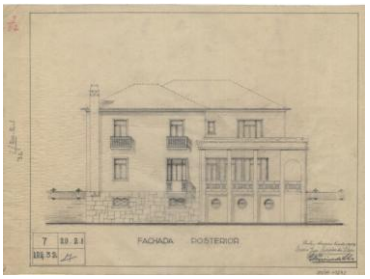


Fig. 689 - Fachada Po sterior – Sul.
FIMS/MSMS//4472-pd5245

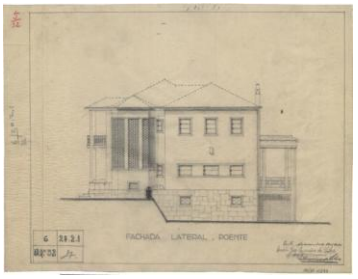


Fig. 690 - Fachada Lateral Poente
FIMS/MSMS//4472-pd4472

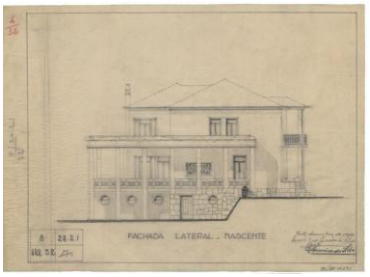


Fig. 691 - Fachada Lateral Nascente
FIMS/MSMS//4472-Pd.5247

Ao ateliê, o engenheiro Paiva Brites encomendou um projeto de construção de uma habitação unifamiliar, num sítio privilegiado da cidade – no lado poente perto do futuro Parque de Santa Catarina e do Hotel Savoy,e no lado sul da Avenida do Infante. Edificação com fachada principal recuada nove metros da frente daquela avenida e fachada posterior porticada, voltada a sul, numa zona de declive, com uma vista privilegiada sobre o Atlântico. Construção a implantar a meio do lote e rodeada de terreno ajardinado, um pouco maior do que todas as que tinham sido construídas

naquela zona da cidade, e pensada para três pisos. Aproveitando o declive, incluiu-se no projeto uma cave assim como um rés-do-chão e um primeiro andar.

Esta localização privilegiada na parte ocidental do Funchal simboliza o estatuto social de quem nela constrói para nela habitar. O projeto devia respeitar as diretrizes emanadas da Junta Geral do Funchal que em 19 de Março de 1934, definia as condições de construção para aquela área referencial da cidade[715],

> […] *moradias isoladas, não terem menos de rés-do-chão, primeiro e segundo andar, quanto ao estilo, determinou-se que deveriam possuir, um "cunho madeirense devidamente modernizado", que proporcionasse uma agradável disposição e proporcionalidade de volumes.* […][716]

Como se pode observar pelas peças desenhadas supra (figs. 387-393) estas condições encontram-se presentes nos desenhos. Moradia isolada de três pisos, cave, rés-do-chão e primeiro andar detentora de fachada principal sóbria e distinta

> *[…] ornamentada e ritmada pelo pórtico circular e escadaria, encimados por varanda, elementos definidores de um claro eixo vertical. A sua fachada posterior pretende-se voltada a sul, numa exposição solar claramente favorável, para um espaço envolvido por jardins*[717]. A única solução dissonante dessas directrizes encontrava-se no distanciamento de 9 metros em vez dos 5 metros das posturas camarárias cujas normas estabeleciam *Habitações essas unifamiliares com fachadas principais "arquitectonicamente trabalhadas", recuadas cinco metros da via publica, com garagem, pérgolas, baixos muros de vedação, amplos terrenos envolventes ajardinados e projectadas exclusivamente por arquitectos e engenheiros*[718].

Paiva Brites pertencente a uma família local possivelmente abastada, sonhava com a materialização de uma habitação que exteriorizava, desta forma, um certo estatuto social, quer pelo sítio, quer pelo projeto elaborado por um ateliê de arquitetura

[715] SOUSA, João Figueira, 2004 – O Porto do Funchal no Contexto do Sistema Portuário Insular Regional: As Infraestruturas, os Tráfegos e as Funções Portuárias. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, p. 292.
[716] *Idem*.
[717] PIRES, Maria do Carmo Marques " O Atelier de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins: projetos para o Funchal (1942-1947)". In FERREIRA-ALVES, Natália Marinho - *A Encomenda. O Artista. A Obra.* Porto: CEPESE, 2010, pp. 415- 433.
[718] SOUSA, op. cit., p. 292.

do continente quer pela dimensão e hierarquização dos seus dispositivos interiores, quer ainda pelos materiais a empregar nela (mármores, madeiras de castanho e carvalho, cantaria).

A memória descritiva e as peças desenhadas remetem para um lar, para uma forma distinta de habitar, assim na cave encontrar-se-iam: a garagem separada dos outros dispositivos e um espaço destinado a aposentos (dois), sanitários do pessoal doméstico e arrecadações. No rés-do-chão, um vestíbulo com uma escada de acesso ao primeiro andar, uma escada de serviço entre a cozinha e a copa, as salas de estar e de jantar situadas na fachada posterior, voltada a sul, para um terraço *semi-coberto em forma de pérgola*[719].Neste piso encontravam-se ainda a cozinha, a copa e um W.C., na fachada lateral poente –ao lado da sala de jantar e voltada para a fachada posterior. O escritório e sala de visitas voltados para a fachada principal – espaços de receção. No primeiro andar localizavam-se os espaços de intimidade: quatro quartos de dormir, uma saleta voltada para o pórtico da fachada principal, um quarto de banho, um chuveiro com W.C.. Havia ainda na habitação anexos e um pátio voltado a sul com floreiras. A circulação fazia-se através de corredores, do vestíbulo do rés-do-chão e de duas escadas, sendo a principal destinada aos proprietários e convidados e a de serviço ao pessoal doméstico.

Projeto desejado mas nunca concretizado.

[719] FIMS/MSMS/2039-4351-0150F

4.1.6. Casas geminadas em Luanda

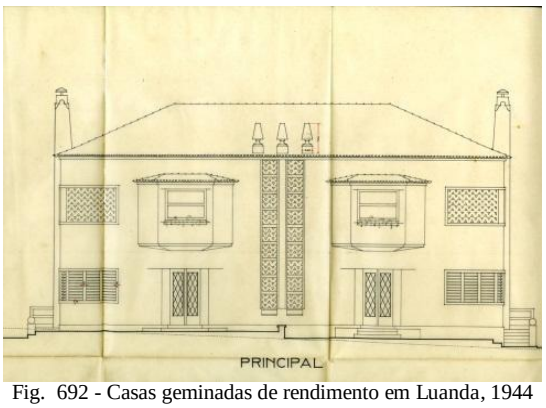


Fig. 692 - Casas geminadas de rendimento em Luanda, 1944
FIMS/MSMS/4004 pd.0007

Outro projeto realizado por David Moreira da Silva destinou-se à firma Lagos & Irmão[720] de duas moradias de rendimento geminadas e encomendadas no ano de 1943-44 para Av. Álvaro Ferreira em Luanda. Cada habitação tinha dois pisos, um subsolo e r/ch e 1º andar, o primeiro piso destinar-se-ia a uma arrecadação, a dois pequenos quartos, a um WC e um chuveiro para empregados; no segundo piso, um vestíbulo a seguir ao pórtico, um escritório, sala de estar, sala de jantar, copa e cozinha. No primeiro andar, uma sala, três quartos, uma casa de Banho, um WC e um terraço. Habitações geminadas com separação de cozinhas, recuadas 5 m da frente de rua, com fachadas principais possuidoras de um bow-window correspondente a uma saleta interior, volumetria essa que encimava o pórtico. A sua separação fazia-se através da caixa de escadas de grafia vertical.

Em 1944 um outro projeto encomendado ao arquiteto urbanista pelo representante da D. Palmira Carmina dos Santos para a construção de sete moradias em parte da sua propriedade em Brito Godins e uma parte dos que se situam na estrada de Catete. Das sete 3 serão individuais/isoladas no lote e quatro geminadas.

[720] FIMS/MSMS/4004 projeto de construção de duas moradias geminadas na Av. Alvaro Ferreira, Luanda, maio de 1944. FIMS/MSMS/B0513 correspondência trocada com cidades angolana, carta de Lagos & Irmãos para David Moreira da Silva para a realização de casas geminadas para João e Manuel Lagos, Pedro Lemos e Dr. Carlos Moura Carvalho, em 5 de Junho de 1943, 23 de junho de 1943 27 de maio de 1944, 15 de junho de 1944,

4.2. Conclusões

A obra arquitetónica deste ateliê pautou-se por uma enorme diversidade de tipologias, e programas funcionais ligados ao tipo de clientes, aos lugares a que se destinavam, mantendo, no entanto, alguma coerência formal ao nível das opções tomadas.

O edifício do Palácio do Comércio é por nós considerado um edifício-síntese das opções estéticas dos arquitetos ao longo de toda a sua carreira. Nele existem aspetos que evoluirão ao longo do tempo, numa depuração das formas, mas que manterão a mesma lógica: movimentação da fachada (côncavos/convexos; circular/retilínea; planos interrompidos; cheios e vazios, volumes cúbicos e paralelepipédicos, afirmação dos ângulos, marcação vertical e criação de simetria), revestida a granito, com utilização do metal em alguns apontamentos dos vãos (ferro e bronze); a marcação clássica de embasamento, corpo e platibanda); o agrupamento de vãos na fachada delimitados por moldura quadrangular; a ornamentação através da utilização do ferro das guardas de varandas, janelas, portas e bandeiras de portas maciças do primeiro piso, utilizando motivos estilizados de formas geometrizantes dos seus bow-windows poligonais; padrões geométricos estilizados, geometrias enquanto motivos utilizados nas portas e lanternins. Marcação dos corpos centrais das fachadas através pilastras e pilares definindo eixos e permitindo várias leituras das frentes do edifício.

Em todas as fachadas existem elementos que ao nível da grafia permanecem como uma escolha do ateliê ao longo das suas diversas fases. Os materiais utilizados, no revestimento das fachadas e na sua marcação, são predominantemente o granito (polido ou não), o reboco estucado, o ferro. Estes materiais são utilizados, ainda, nos volumes impositivos dos vãos e varandas[721] (de todos destacam-se um edifício na rua da Constituição, o da Torre Miradouro e o edifício da avenida Brasil)[722] e bow-windows (Moradia Vilaça em Braga, Moradia em Pedro Hispano, projeto de moradias em Luanda). A movimentação das superfícies em côncavos e convexos, pilastras e colunelos, com marcação de um eixo central do edifício para o qual convergem as suas

[721] Os bow-windows, as varandas e as caixas das janelas são volumes que se destacam das fachadas de uma forma afirmativa em edifícios de várias épocas. CF. III Vol. Bow-window: Prédio misto em Braga de1949-55 (ficha 8); nas habitações projetadas para Luanda, de 1943 (Ficha 94); solução que encima, na fachada principal, a porta da moradia da rua Pedro hispano, no Porto, de 1954 (Ficha 46).
[722] Cf. III Vol. III Fichas nºs. 44, 50 e 61.

movimentações (Palácio do Comércio[723], o edifício da rua da Fábrica[724], o edifício do Trabalho e Reforma na rua de Nossa Sr.ª de Fátima[725], todos na cidade do Porto). Portas impositivas de metal com padrões geométricos e vegetalistas estilizados, em diversos edifícios projetados e construídos dos anos 40 a finais dos anos 80, os edifícios da rua da Fábrica, da rua Nossa Senhora de Fátima, do Palácio do Comércio, da Av. Brasil, da rua da Constituição.

No santuário do Sameiro a concretização de um projeto de urbanização que demoraria cerca de quarenta anos, projeto complexo que partiu do lugar com significado religioso para a realização de espaços e construções destinadas ao culto e a equipamentos assistenciais a peregrinos, num lugar natural privilegiado.

No projeto realizado para as oficinas da SCPOPP sublinhamos o caráter funcionalista das suas instalações, conjunto ao qual se associou, em finais dos anos 60, um novo tipo de construção - o do arranha-céus, edifício de várias valências (comercial, residencial, serviços).

No Funchal e em Luanda, os projetos aqui apresentados não foram concretizados, mas ilustram o tipo de opções do ateliê e, tal como os outros aqui estudados, são projetados e pensados de forma a conjugar a obra com o lugar a que se destina, pensados numa outra escala, contribuem para a transformação do espaço e da paisagem em que se inserem.

[723] Cf. III Vol. Ficha nº 55
[724] Cf. III Vol. Ficha nº 67
[725] Cf. III Vol. Ficha nº 47

Conclusão

A meta traçada, para o projeto que agora apresentamos, era a de fornecer um estudo completo sobre o ateliê, pouco conhecido e de grande longevidade, dos arquitetos David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins, partindo do estudo de todo o espólio existente no IMS/FIMS. Para a alcançar definimos como objetivos principais e estruturadores desta nossa dissertação de doutoramento: o levantamento de todo o *corpus documental* que integra o arquivo dos dois arquitetos no IMS/FIMS; a análise e organização dos diversos documentos de acordo com os seus vários percursos pessoais e profissionais; o cruzamento de informação contida nos diversos registos; a realização de quadros-síntese organizados por temas e seguindo uma ordem cronológica; a obtenção de toda a informação relevante de índole biográfica (formação académica, profissional, viagens realizadas, correspondência, fotografias …) e da obra projetada e realizada no âmbito da arquitetura e do urbanismo; a divulgação de todas as fontes existentes na instituição; uma análise sistematizada de toda a sua produção; a compreensão da obra enquanto produto das suas formações e vivências (pessoais, culturais, profissionais); a elaboração de um catálogo analítico sobre a obra arquitetónica e de urbanização.

Iniciámos este nosso projeto em finais de 2005 no então IMS (Instituto arquiteto José Marques da Silva), continuamos até ao presente na FIMS (Fundação Instituto arquiteto José Marques da Silva), de acordo com uma metodologia inicial baseada num levantamento exaustivo de todas as fontes primárias existentes e muitas vezes dispersas. Esta fase foi talvez uma das mais importantes e a mais morosa, exigindo da nossa parte uma enorme disponibilidade por se encontrar ligada um arquivo em formação que acompanhamos, contribuindo para o esclarecimento de algumas dúvidas e transmitindo algumas informações às técnicas. Este nosso contributo facilitou a identificação, organização e descrição de alguns documentos. O limite temporal imposto para a concretização do nosso trabalho e a situação de reestruturação do arquivo levou-nos a recorrer a outras instituições desta e de outras cidades para a obtenção mais rápida ou

colmatar algumas lacunas de informação do arquivo. O nosso percurso não foi linear, mas feito de mudanças de acordo com o diverso tipo de obstáculos que íamos ultrapassando.

Reunida a maior parte da documentação existente neste e nos outros arquivos (ESBAP, AHMP, AMAP, DGOTDU; MOP,…), havia que organizar o grande volume de informação (a fase mais complexa antes de iniciar a seleção), o cruzamento de informação e a reflexão.

Os objetivos anteriormente enunciados foram na sua maioria atingidos, não tendo conseguido realizar todo o levantamento, mas uma grande parte a mais significativa da documentação que permitiu a construção sólida do conhecimento da formação e realização da obra que integra o ateliê dos arquitetos.

O conhecimento do tipo de informação e de fontes existentes foi sem dúvida uma das fases mais importantes do nosso trabalho. Nunca tínhamos lidado com tal volume e diversidade de fontes primárias das quais obtivemos a informação necessária para responder a outros objetivos do nosso trabalho. O Tratamento da documentação permitiu revelar registos importantes para a construção do conhecimento em diferentes áreas: na pedagógica/académica (programas, professores, organização pedagógica e curricular, avaliação, prémios, realização de eventos, reformas educativas), na cultural (viagens, exposições, congressos), na história da arte (arquitetura e do urbanismo), na histórica (conjunturas nacional e internacional)…

Outros objetivos desta nossa investigação foram: o estudo complementar e comparado destas fontes com bibliografia nacional e internacional; a divulgação de outros documentos existentes noutras instituições e que poderão promover o intercâmbio institucional; o estudo das circunstâncias, dos compromissos e de todas as problemáticas ligadas às opções dos artistas; a relação entre os diferentes tipos de organização do ateliê com a obra realizada; identificação de influências, de apropriações e de aspetos permanentes na obra; realização de duas biografias completas e produção nas áreas da arquitetura e do urbanismo.

Recolhemos um enorme volume de informação e documentação que não utilizamos na sua totalidade, mas tivemos a preocupação de o incluir na presente

dissertação de forma a dar a conhecer a sua existência assim como as suas cotas nos respetivos arquivos possibilitando e facilitando futuras investigações em diversas áreas.

No I volume desta dissertação realizamos uma biografia dos dois arquitetos, valorizando, inicialmente, a sua formação académica no quadro institucional nacional pelas reformas de 1911 e pelo Decreto nº 5:053 de 30 de novembro de 1918, David Moreira da Silva e, pelas de 1931/32, Maria José Marques da Silva Martins, a primeira arquiteta formada na EBAP. Constatamos terem sido distintos os contextos académicos frequentados pelos dois arquitetos, embora sujeitos a modelos semelhantes de aprendizagem: o sistema das Beaux-Arts. Aqui destacamos a formação de DMS em urbanismo pelo IUUP, contextualizamos o seu percurso académico parisiense e detivemo-nos sobre a organização e a importância do ensino na ENSBAP e no IUUP.

Defendemos ter sido a formação em urbanismo, aquela que mais terá marcado DMS, em Paris, e a que terá privilegiado durante a sua carreira profissional. Esta área exige por parte do arquiteto competências como as da reflexão, da capacidade de estabelecer diálogos e da realização de um trabalho colaborativo e de equipa com técnicos e especialistas de diferentes áreas e, ainda, com diversas instituições e poderes na planificação do espaço.

O arquiteto colaboraria em Portugal (metrópole, zonas insular e ultramarina), com De Gröer e com Maria José em vários planos de urbanização, num contexto marcado por uma forte política intervencionista estatal e pela preocupação de renovação da imagem do país que se pretendia mais urbana, através da criação de infraestruturas e da imposição dos planos de urbanização.

DMS exerceria ainda a docência na Escola de Belas-Artes do Porto, inicialmente na 16ª cadeira, Projetos e Obras de Urbanização e, mais tarde, enquanto professor interino da cadeira do 2º grupo Urbanologia, até Dezembro de 1961, quando a escola se encontrava sob a direção de Joaquim Lopes (1945-52) e posteriormente com Carlos Ramos (1952-68), ambas com metas educativas diferenciadas.

Enquanto vogal da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia da Câmara do Porto demonstra o seu conhecimento, a sua competência e pragmatismo em questões na área de urbanismo. Sempre atento à complexidade das questões levantadas pela cidade, David Moreira da Silva pensa todas a intervenções à sua escala, propondo soluções de

intervenção numa perspetiva global e tendo em conta os diferentes aspetos: estético, circulação e integração dos edifícios, social, da higiene e salubridade.

Uma das primeiras lições dadas pelo casal foi o trabalho realizado por ambos em equipa e entre pares, numa altura em que a mulher tinha um papel subvalorizado na sociedade.

Estabelecemos quatro fases para o trabalho realizado pelo ateliê de acordo com critérios definidos a partir do tipo de organização do trabalho, da formação dos colaboradores, da distribuição e controlo de projetos e tarefas, do tipo de trabalhos gráficos ou escritos e da clientela.

A maior parte da atuação dos arquitetos localiza-se em território continental, numa mancha que abrange o litoral norte e continuando pelo litoral para sul, nesta última zona com pouco representatividade, circunscrevendo-se às cidades de Lisboa, Setúbal e Elvas. No território insular na ilha da Madeira (Funchal) e no ultramarino, em Angola (Luanda e Gabela).

A obra arquitetónica deste ateliê de grande diversidade tipológica e programática estreitamente ligada ao tipo de clientes e aos espaços a que se destinava, manteve alguma coerência formal ao nível das opções tomadas.

Nos seus projetos de urbanismo e na linha de Étienne De Gröer os arquitetos acreditam e aplicam elementos morfológicos referentes à cidade-jardim e o zonamento funcional enquanto facilitador da vida na cidade.

Os II e III Volumes foram organizados de forma a dar visibilidade aos documentos e obras consideradas mais ilustrativas e representativas do ateliê numa recolha de fontes que não foram estudadas na sua totalidade e constituem, por isso, pretextos para futuros estudos.

Mapa do Porto com a localização das obras realizadas pelo Ateliê

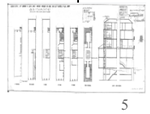
Obras do Ateliê na cidade do Porto


1


2


3


4


5


6


7


8


9


10


11


12


13


14


15


16


17


18


19


20


21


22


23

Legenda:

1- Bloco misto de habitação e comércio – Avenida do Brasil, Rua Barbosa e Rua de Gondarém, Porto / 1980-1992

2 - Muro e portão – Rua de Serralves, Porto / 1948 - 1949

3 - Remodelação de Prédio – Rua Ferreira Borges, Porto / 1964 - 1968

4 - Prédio de Rendimento - Rua da Fábrica, Porto / 1948-1951

5 - Alteração do Edifício – Rua 31 de Janeiro, Porto / 1975

6 - Palácio do Comércio – Rua Sá da Bandeira, Porto / 1940-54

7 - SCPOPP – Edifício da Cooperativa dos Pedreiros – Rua da Alegria, Porto / 1934 – 1981

8 - Academia Moreira da Silva – Rua da Alegria, Porto / 1988 – 1989

9 - Torre do Miradouro Rua da Alegria, Porto / 1962 - 1976

10 - Blocos Mistos de residência e comércio – Rua Anselmo Braancamp, Porto / 1973-1982

11 - Prédio de comércio, habitação e escritórios – Rua Anselmo Braancamp, Porto / 1968 – 1972

12 - Monumento à Guerra Peninsular – Praça Mouzinho de Albuquerque, Porto

13 – Edifício, trabalho e reforma – Rua Nª Srª de Fátima, Porto / 1949 – 1952

15 - Edifício de habitação bifamiliar – Rua Pedro Hispano, Porto / 1954 – 1955

16 – Prédio de Rendimento – Rua da Constituição, Porto / 1960 – 1964

17 – Moradia unifamiliar – Rua da Constituição, Porto / 1949 – 1950

18 - Edifícios residenciais de rendimento plurifamiliar – Latino Coelho e Gil Vicente, Porto / 1975

19 - Oficina de reparação automóvel – Rua Visconde Setúbal, Porto / 1950 – 1952

20 - Padaria Cunha – Travessa das Almas, Porto / 1954

21 - Transformação parcial e ampliação de prédio Apartamento Vinagre – Rua Sá da Bandeira / 1944

22 - Remodelação do edifício da Cooperativa dos Portuense - Rua de Camões, Porto / 1954

23 - Conde de Vizela, Porto

Biografias

David Moreira da Silva
Maria José Marques da Silva Martins



(1909 - 2002)
Arquiteto e Urbanista

Biografia

David Moreira da Silva

1909

- Nasce na Maia, no Lugar da Guarda, freguesia de Moreira da Maia, em 28 de Janeiro.
- Filho de José Moreira da Silva, construtor civil e co-fundador da Sociedade Cooperativa dos Operários Pedreiros Portuenses, e de Lucinda Alves da Silva, doméstica.

1921

- Conclui o exame de admissão ao Liceu Central de Rodrigues de Freitas, em 5 de Agosto.
- Inscreve-se no curso preparatório da Escola de Belas Artes do Porto, em 23 de Setembro.

1924

- Matricula-se no Curso Especial de Arquitetura Civil na E.B.A.P.

1929

- Conclui o Curso Especial de Arquitetura Civil, em 31 de Julho.

1931

- Inicia estágio no Ateliê Laloux – Lemaresquier, onde prepara a admissão à Escola de Belas Artes de Paris.
- Reside em Paris até 1939.
- Sócio Benemérito dos Bombeiros Voluntários de Moreira da Maia, em 11 de Janeiro.

1934

- Bolseiro da Junta de Educação Nacional e do Instituto para a Alta Cultura.
- Matricula-se na *École Nationale Supérieure des Beaux-arts de Paris.*

1935

- Matricula-se no *Institut D'Urbanisme de L'Université de Paris*.
- Faz uma viagem de estudo a Haia, Amsterdão, Hilversum, Roterdão, Antuérpia, Bruxelas, Bruges e Gand.

1937

- Realiza com engenheiro J. Bastián, o seu primeiro projeto de arquitetura para a SCPOPP, na Rua de D. João IV - Porto.

1939

- Conclui os Cursos de Arquitetura (13 de junho) e de Urbanismo (17 de junho), em Paris.
- Obtém os títulos de Arquiteto (La Section D'Architecture D'Une Cite Universitaire) e de Urbanista (Les Villes Qui Meurent Sans se Dépeupler).
- É-lhe atribuída uma Medalha no Concurso do Melhor diploma pela Société des Architectes Diplômés par le Gouvernement, em 4 de Julho.
- Realiza uma Viagem a Londres.

1940

- Torna-se membro titular da Associação de Arquitetos diplomados pelo governo francês, 15 de setembro.
- Viaja para Luanda, Benguela, Catumbela e Lobito.
- Colabora com De Gröer no Plano de Urbanização de Coimbra.
- Realiza o Anteplano de Urbanização de Moledo do Minho.
- Elabora o Anteprojeto de remodelação dos Largos de Infias e Monte d'Arcos (Braga).
- Publica alguns artigos no jornal "O Primeiro de Janeiro", intitulados: "Ordem e desordem urbana – origens, causas e efeitos", "A ordem urbana e o Estado", "A ordem urbana, as câmaras municipais e o público".

1941

- Viaja para Luanda, Gabela Nova Lisboa e Malange.
- Anteprojeto de remodelação da zona marginal da cidade do Funchal.
- Executa com De Gröer o plano de urbanização de Luanda.
- Assina o contrato de elaboração do plano de urbanização de Luanda, em 24 de outubro.
- Projeta para Elvas a abertura das muralhas da cidade e da Avenida do Presidente Carmona e dos seus acessos.
- Anteplano de Urbanização de Águeda.
- Projeta e executa a casa de habitação para Delfim Vinagre, Vila da Póvoa de Varzim.
- Publica um artigo no Jornal "O Primeiro de Janeiro", intitulado "A ordem urbana e o culto das aparências".

1942

- Anteprojeto de remodelação da zona marginal da cidade do Funchal.
- Anteplano de Urbanização de Paredes.
- Anteplano de Urbanização de Monte Real.
- Inicia os primeiros projetos para o Palácio do Comércio.
- Estuda e efetua o Projeto de Modificação do edifício do casino da Madeira.

De (1943 a 1994) Biografia Conjunta com Maria José Marques da Silva

Biografia

Maria José Marques da Silva Martins



(1914-1994)

Arquiteta

1914

- Nasce no Porto, em 7 de setembro.
- Filha do Arquiteto Marques da Silva e de Maria Júlia Lopes Martins e irmã de Maria Amélia Lopes Martins.

1933

- Matricula-se da EBAP no Curso Especial de Arquitetura.

1937

- Concluí o Curso Especial de Arquitetura.
- Matricula-se no curso Superior de Arquitetura.

1938

- Frequenta o Curso Superior de Arquitetura.

1939

- Concluí o Curso Superior de Arquitetura.
- Inicia o tirocínio sob orientação do arquiteto Marques da Silva.

1943

- Concluí o tirocínio.
- Presta provas para obtenção do diploma perante um Júri.
- Obtém o Diploma de Arquiteta, passado em 17 de agosto.



(1943 a 2002)

Biografias

David Moreira da Silva / Maria José Marques da Silva Martins

1943

- Casamento de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins, em 8 de setembro.
- A partir desta data, todos os trabalhos do casal são realizados em colaboração.
- Viajam em Lua-de-mel e em trabalho ao Funchal, Luanda, Gabela e Porto Amboim.
- Estada do casal em Angola onde contactam com várias câmaras e particulares (Benguela, Lubango, Vila de Robert Williams, Caála, Vila Teixeira da Silva, Gabela e Malange) para possível realização de planos de Urbanização e obras de caráter arquitetónico.
- Anteplano de Urbanização da Vila de Matosinhos.
- Anteplano de Urbanização da Vila de Gabela.
- Anteprojeto de Urbanização da Construção da Avenida do Infante - Funchal.
- Executam o esboceto de remodelação da Praça do Município - Funchal.
- Projetam duas moradias germinadas na Avenida Álvaro Ferreira, em Luanda.

1944

- Anteplano de Urbanização das Termas do Gerês.
- Anteprojeto do Parque da Cidade do Funchal.
- Anteprojeto de Urbanização do Largo da Camacha- ilha da Madeira.
- Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro.
- Anteplano de Urbanização da Vila de Amares.
- Urbanização da Vila de Paredes.
- Projeto de casa de habitação para Eng.º Paiva Brites, Avenida do Infante, cidade do Funchal.
- Projeto do Palácio do Comércio - Porto.
- Ampliação do Prédio na Rua Sá da Bandeira para António Vinagre - Porto.
- Jardim, Quinta de Cantim.

1945

- David Moreira da Silva - Técnico Consultor da SCPOPP.
- Anteplano de Urbanização da Vila de Valongo.
- Anteplano de Urbanização de Águeda.
- Anteplano de Urbanização de Aveiro.
- Anteplano de Urbanização da cidade de Chaves.
- Remodelação do Largo de Arrabalde – arranjo de espaço público - Chaves.
- Projeto de Remodelação e ampliação do Savoy Hotel na Cidade do Funchal (1.º prémio do concurso).
- Projeto das Oficinas Parry & Son Ldª - Matosinhos.
-Anteplano de Urbanização da Cidade de Barcelos.
- Anteplano de Urbanização da cidade de Elvas.

1946

- David Moreira da Silva toma posse como professor na 16ª cadeira da EBAP, Projetos e Obras de Urbanização, 28 de janeiro a 31 de dezembro de 1957.
- Viagem de Estudo a Vichy e Paris.
- Projeto do Palácio do Comércio.
- Vogal da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia da Câmara Municipal do Porto, março a setembro de 1974.
- Projeto da Esplanada sobre o Cávado - Barcelos.
- Anteplano de Urbanização da Vila de Valongo.
- Anteplano de Urbanização de Aveiro, Aditamento.

1947

- Morte do arquiteto Marques da Silva, pai de Maria José Marques da Silva, 6 de junho.
- Maria José e David Moreira da Silva iniciam a direção e conclusão dos vários projetos de Marques da Silva (edifício da Sociedade Martins Sarmento/ Mercado Municipal/ Santuário da Penha/ Igreja de S. Torcato - Guimarães; prédio da rua Barjona de Freitas- Barcelos; Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular- Porto).
- Anteprojeto de Urbanização do Santuário da Nossa Senhora da Conceição do Sameiro (início) – Braga.
- Anteplano de Urbanização de S. Jacinto.
- Projeto do arranjo geral do Campo da Feira- Barcelos.
- Projetos de casas de renda económica das Aldeias de Gondim e Cruz de Pau - Matosinhos.
- Projeto da Sociedade Martins Sarmento - Guimarães.
- Anteplano de Urbanização de Aveiro.

1948



- Projeto e direção de obras no Mercado de Guimarães até 1954.
- Projeto e direção de Obras de Construção do Cruzeiro Monumental, Sameiro – Braga.
- Participação no I Congresso Nacional de Arquitetura – Lisboa. DMS, Presidente da Mesa do Congresso (Tema I – Arquitetura no Plano Nacional).
- Direção e conclusão do Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular, concluído em 1952.
- Projeto da Garagem da rua Alferes Malheiro - Porto.
- Projeto de prédio de rendimento, na Rua da Fábrica - Porto.
- Obras no Palácio do Conde de Vizela - Porto.
- Projeto e construção de portão e muro na quinta de Serralves - Porto.
- Projeto da avenida do Padre Martinho no santuário do Sameiro - Braga.

- Anteplano de Urbanização de Aveiro.
- Projeto do Mercado – Guimarães.

1949

- Viajam para Vichy, Lyon, Genebra, Lausane, Berna, Zurique e Basileia.
- Projeto de casa de habitação, Fernando Costa Vilaça - Braga.
- Projeto de casa de habitação, Dr. Carlos Alberto da Rocha, R. da Constituição - Porto.
- Projeto de prédio de rendimento "Trabalho e Reforma", Rua de Nª Srª de Fátima – Porto.
- Projeto de Cruzeiro Monumental no santuário do Sameiro - Braga.
- Projeto de duas capelas laterais do templo do Sameiro - Braga.
- Empreitada para a fundição em bronze de vários motivos arquitetónicos para as capelas laterais do templo do Sameiro - Braga.
- Vários Projetos para o Santuário do Sameiro - Braga.
- Anteplano de Urbanização da cidade de Elvas.
- Anteplano de Urbanização da cidade de Guimarães.
- Obras no edifício da Sociedade Martins Sarmento - Guimarães.

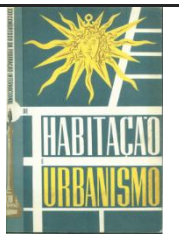
1950

- Projeto de prédio de Rendimento, na Rua da Fábrica - Porto.
- Viajam para Santiago de Compostela e para a Corunha.
- Projeto de conjunto de edifícios, na Rua D. João IV e Anselmo Braamcamp - Porto.
- Monumentos ao Dr. Lourenço Peixinho e a Gustavo Ferreira Pinto Basto - Aveiro.
- Anteplano de Urbanização de Vizela.

1951

- Projeto de garagem e abertura de um portão, Rua Latino Coelho - Porto.
- Projeto de oficina de reparações de automóveis, Rua Visconde Setúbal - Porto.
- Projeto de moradia, Rua da Alegria - Porto.
- Anteplano de Urbanização da Avenida projetada entre os Largos do Município e de José Novais - Barcelos.
- Anteplano de Urbanização de Chaves.
- Arranjo e vedação do adro da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Praça do Marquês de Pombal - Porto.

1952



- Participam no XXI Congresso Internacional de Habitação e Urbanismo – Lisboa.
- Projeto do Patronato dos Pobrezinhos, anexo á Igreja de Nossa Senhora da Conceição -Porto
- Anteprojeto do edifício para a Colónia Infantil de Nossa Senhora do Sameiro – Braga.

1953



- Projeto da Casa de Chá de Boa Nova, em Leça da Palmeira.
- Participam no III Congresso da União Internacional dos Arquitetos - Lisboa.
- David Moreira da Silva urbanista Consultor da Câmara Municipal de Guimarães.
- David e Maria José sócios Honorários da Sociedade Martins Sarmento e Irmãos Benfeitores da Irmandade de N. Sr.ª do Carmo da Penha - Guimarães.
- Construção do Padrão Comemorativo do 1.º Centenário, da Vila de Matosinhos.
- Projeto da Escadaria fronteira à Igreja da Penha - Guimarães.
- Casa dos Milagres da Igreja de S. Torcato - Guimarães.
- Projeto dos Monumentos à Virgem e Sagrado Coração de Jesus do santuário do Sameiro - Braga.
- Projeto do Miradouro Abrigo de António Lima, em Guimarães.
- Projeto do Muro de suporte do Adro - Braga.
- Desenho de mobiliário para o ateliê do Palácio do Comércio - Porto

1954

- Projeto do Novo Escadório e alargamento lateral do adro do templo de S. Torcato - Guimarães.
- Projeto de prédio de rendimento para Sr. José de Bessa Menezes - Barcelos.
- Projeto do monumento ao Papa Pio IX no santuário do Sameiro - Braga.
- Projeto dos prédios de rendimento, Rua Pedro Hispano - Porto
- Reconstrução parcial de prédio da Travessa das Almas - Porto.
- Construção de claraboia para edifício na Rua Cândido dos Reis - Porto.
- Anteplano de Urbanização de Caldas das Taipas.

1955

- Anteplano de Urbanização de Amares – 2.º remodelação.
- Projeto do Pórtico dos Doutores Marianos no Santuário do Sameiro - Braga.
- Escadório Monumental no Santuário do Sameiro - Braga.
- Projeto de adega da Quinta de São Roque - Vieira do Minho.

- Anteplano de Urbanização de S. Jacinto, Aditamento.
- Projeto de prédio de Rendimento Largo da Porta Nova - Barcelos.
- Prédio de Rendimento no gaveto de António Barrosa e Barjona de Freitas - Barcelos.
- Anteplano de Urbanização de Valongo, aditamento.

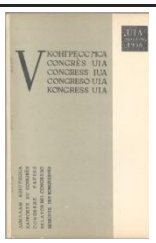
1956

- Viajam para Lourdes, Toulouse, Carcassonne, Barcelona, Madrid, Toledo, Burgos e Salamanca.
- Projeto do Escadório Monumental no Santuário do Sameiro - Braga.
- Projeto Porta dos Quatro Doutores da Igreja e Monumentos á Virgem e Sagrado Coração no Santuário do Sameiro - Braga.
- Anteplanos de Urbanização de Cacia - Sarrazola.
- Processo de construção da ponte móvel - Matosinhos.
- Projeto das Pracetas e de acessos ao viaduto do Porto Comercial de Leixões - Matosinhos

1957

- Projeto do Miradouro abrigo de António Lima, Penha - Guimarães.
- Urbanização do Bairro do Dr. Álvaro Sampaio - Aveiro
- Monumento ao Padre Martinho no Santuário do Sameiro - Braga.
- Anteplano de Urbanização de Guimarães, aditamento.
- Anteprojeto da Fonte Luminosa na Praça Marquês de Pombal - Aveiro.
- Projeto de Garagem - Maia.
- Projeto do Mostruário para feira Industrial - Porto.
- Projeto e direção de obras das pracetas e arruamentos de acesso ao viaduto da ponte móvel do Porto de Leixões.

1958





- David Moreira da Silva- Professor interino da cadeira do 2.º Grupo Escola Superior de Belas Artes do Porto, desde 2 de Janeiro a Dezembro de 1961.
- Viajam para Bruxelas, Estocolmo, Moscovo, Leninegrado, Varsóvia, Berlim, Colónia e Paris.
- Participam no V Congresso da União Internacional dos Arquitetos - Moscovo
- Projeto de habitação a construir em Rio Tinto - Gondomar.

1959

- Viagem a Nîmes, Toulouse, Genebra, Paris, Bordéus, Tours e Burgos.
- Anteplano de urbanização de Vizela, esboceto.
- Obras de remodelação parcial de escada e duas salas do 1º andar R. Stº António, no Porto.
- Anteplano de Urbanização de Aveiro, aditamento.

1960

- Projeto de prédio de rendimento para o Sr. António Ferreira de Andrade, Rua da Constituição - Porto.
- Anteprojeto de Urbanização e remodelação dos principais arruamentos e praças no centro citadino - Aveiro.
- Projeto de casa de habitação para o Dr. Flores dos Santos Leite - S. João da Madeira.
- Projeto de casa de habitação para o Sr. José da Silva Teixeira - Moreira da Maia.
- Projeto da porta de acolhimento e Alameda dos Peregrinos no santuário do Sameiro: Planta Parcial e Fonte Monumento - Braga.
- Projeto de arruamento da zona da Igreja Senhora da Hora -Matosinhos.
- Projeto Prédio de rendimento no gaveto da Rua da Constituição - Porto.

1961

- Participam no VI Congresso da União Internacional dos Arquitetos - Londres.
- Viajam para Paris, Lourdes, Edimburgo, Perth e Glasgow.
- Projeto da cripta e altar campal 1ª fase no santuário do Sameiro – Braga.
- Projeto de obras complementares do escadório monumental no santuário do Sameiro – Braga.

1962

- Viajam para Bratislava e Viena de Áustria.
- Anteprojeto dos Paços do Concelho - Valongo.

1963

- Esboceto Geral da Urbanização de Barcelos.
- Projeto de duas moradias Térreas em Airó - Barcelos.
- Projeto construção de Torre Residencial na Rua D. João IV – Porto.

1964

- Projeto do Centro Apostólico, no Santuário do Sameiro - Braga.
- Torre residencial, SCPOPP, rua D. João IV - Porto
- Projeto do Subposto da G.N.R., S. Torcato - Guimarães.
- Arranjo da sala de leitura, Mobiliário diverso, planta do museu e portões de acesso, vitrinas para o Museu de Etnografia, lustre para o teto da Galeria dos Passos Perdidos.
- Anteprojeto dos Paços do Concelho de Valongo

1965

- Projeto de remodelação do Paço de Vilar de Perdizes.
- Projeto de moradia unifamiliar na Avenida António Henriques - S. João da Madeira.
- Projeto de habitação - Setúbal.

1967



- Participação no Congresso da União Internacional dos Arquitetos – Praga.
- Viajam para Bratislava e Viena de Áustria.
- Projeto de oficina de confeções de artigos para escritório - Moreira da Maia.

1968

- Desenhos de mobiliário do centro apostólico do santuário do Sameiro - Braga.

1969

- Projeto de ampliação do Restaurante Miradouro Portucale, SCOPP - Porto.

1970

- Irmãos Beneméritos da Confraria de Nossa Senhora da Conceição do Monte Sameiro.

1973

- Projeto da Cripta (2º fase) e altar campal (3º fase), aditamento no Santuário do Sameiro - Braga.
- Projeto da Grande Esplanada e Cripta (2º fase) no Santuário do Sameiro, aditamento - Braga.

- Projeto de três blocos mistos residência/comércio, Rua Anselmo Braamcamp - Porto.
- Projeto do edifício Miradouro, Rua D. João IV - Porto.

1974

- Novas Oficinas de Serração e Polimento de granito da SCPOPP - Ponte do Moreira.
- Projeto de prédio de rendimento misto residência Comércio, na Rua Cândido dos Reis – Amarante.
- Projeto de supermercado Domus - Amarante.

1975

- Projeto de Moradia na Quinta da Balsa - Moreira da Maia.
- Projeto de Prédios (3) mistos residência - comércio, R. Anselmo Braamcamp - Porto.
- Remodelação de prédio na rua 31 de janeiro - Porto.
- Projeto de construção de 3 prédios de rendimento nos terrenos das casas 33 e 34 da casa do Marquês de Pombal - Porto.

1976

- Projeto de bloco misto de residência e comércio na Rua dos Bombeiros Voluntários - Valbom.
- Projeto da Cripta e altar campal santuário do Sameiro - Braga.

1978

- Projeto de escadas de ligação da Nave à Cripta do santuário do Sameiro - Braga.
- Projeto do relicário do Padre Martinho no santuário do Sameiro – Braga.

1979

- Projeto das portas das capelas penitenciais da Cripta santuário do Sameiro - Braga.

1981

- Projeto de construção de prédio misto de habitação e comércio na Avenida Brasil, Rui Barbosa e Rua de Gondarém - Porto.

1982

- Projeto para o Centro Comercial Almirante Reis - Lisboa

- Maria José Marques da Silva Martins, Presidente da Direção da Associação dos Arquitetos da Zona Norte.

1985

- Projeto de Habitação para o Dr. Miguel de Barros Santos Leite - S. João da Madeira.

1986

- Participação no IV Congresso AAP – Inserção da prática Nacional dos Arquitetos na Sociedade Nacional Portuguesa - Porto.



1994

- Morte de Maria José a 13 de maio - no Porto.

2002

- Morte de David Moreira da Silva a 9 de maio no Porto.

Registos Fotográficos

David Moreira da Silva
Maria José Marques da Silva Martins

Registo fotográfico

David Moreira da Silva



Pais de David Moreira da Silva - José Moreira da Silva e Lucinda Alves da Silva

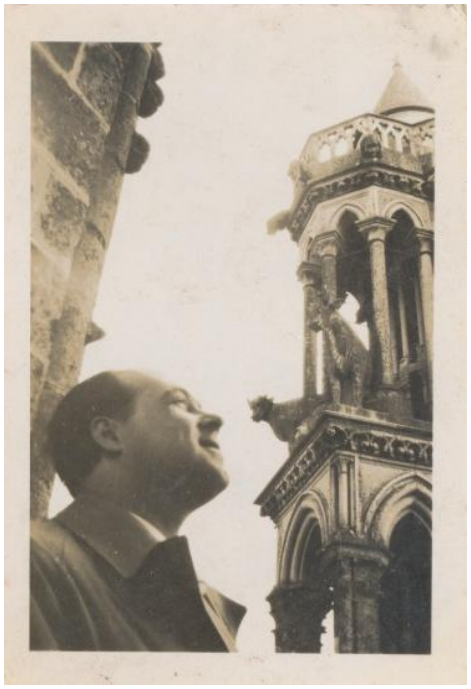
FIMS/MSMS/Foto1104
Fotografias existentes no Centro Social da Maia



Registo Fotográfico
David Moreira da Silva

David Moreira da Silva e família

FIMS/MSMS/Foto1107



David Moreira da Silva

FIMS/MSMS/Foto1288

Registo Fotográfico
David Moreira da Silva



Registo Fotográfico
David Moreira da Silva

David Moreira da Silva

FIMS/MSMS/Foto2237
FIMS/MSMS/Foto6012
FIMS/MSMS/Foto1598
FIMS/MSMS/Foto2236
FIMS/MSMS/Foto1969







David Moreira da Silva – Viagem a Luanda, 1941

FIMS/MSMS/Foto2735
FIMS/MSMS/Foto2741
FIMS/MSMS/Foto1944






David Moreira da Silva – Viagem a Luanda em 1941

FIMS/MSMS/Foto2738
FIMS/MSMS/Foto2742
FIMS/MSMS/Foto2743
FIMS/MSMS/Foto2740







David Moreira da Silva – Viagem a Luanda

FIMS/MSMS/Foto1949
FIMS/MSMS/Foto1959
FIMS/MSMS/Foto1965

Registo Fotográfico
David Moreira da Silva

Registo Fotográfico

Maria José Marques da Silva Martins









Pais de Maria José - José Marques da Silva e Maria Júlia Lopes

FIMS/MSMS/Foto1103
Fonte de imagem: http://fims.up.pt/index.php?cat=45
FIMS/MSMS/Foto6008
FIMS/MSMS/Foto0406

Registo Fotográfico
Maria José Marques da Silva Martins





Maria José Marques da Silva

FIMS/MSMS/Foto3575
FIMS/MSMS/Foto3576







Maria José Marques da Silva

FIMS/MSMS/Foto1470
FIMS/MSMS/Foto6011
FIMS/MSMS/Foto0036







Maria José Marques da Silva

FIMS/MSMS/Foto0016
FIMS/MSMS/Foto0017
FIMS/MSMS/Foto0601



Maria José Marques da Silva com seus pais

FIMS/MSMS/Foto1106











Maria José Marques da Silva na Escola de Belas Artes - 1941

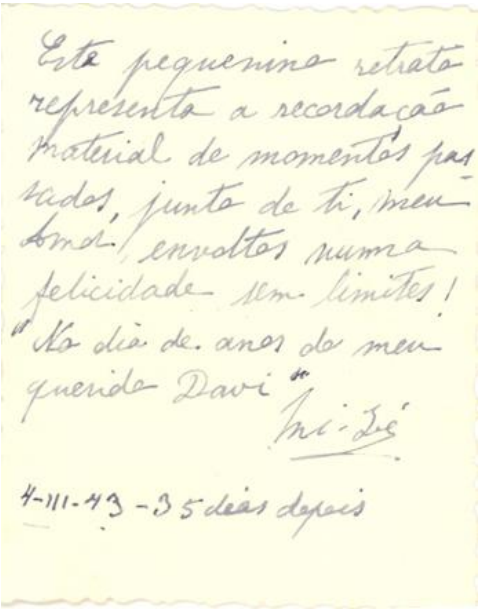
FIMS/MSMS/Foto6009
FIMS/MSMS/Foto6010
FIMS/MSMS/Foto3501
FIMS/MSMS/Foto3424
FIMS/MSMS/Foto0035



Maria José Marques da Silva na defesa da sua tese

FIMS/MSMS/Foto2041





Maria José Marques da Silva

FIMS/MSMS/Foto6014
FIMS/MSMS/Foto6014v



Registos Fotográficos

David Moreira da Silva / Maria José Marques da Silva Martins



Casamento de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins

FIMS/MSMS/Foto0318
FIMS/MSMS/Foto0002







Casamento de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins no Convento de Santa Clara Vila do Conde

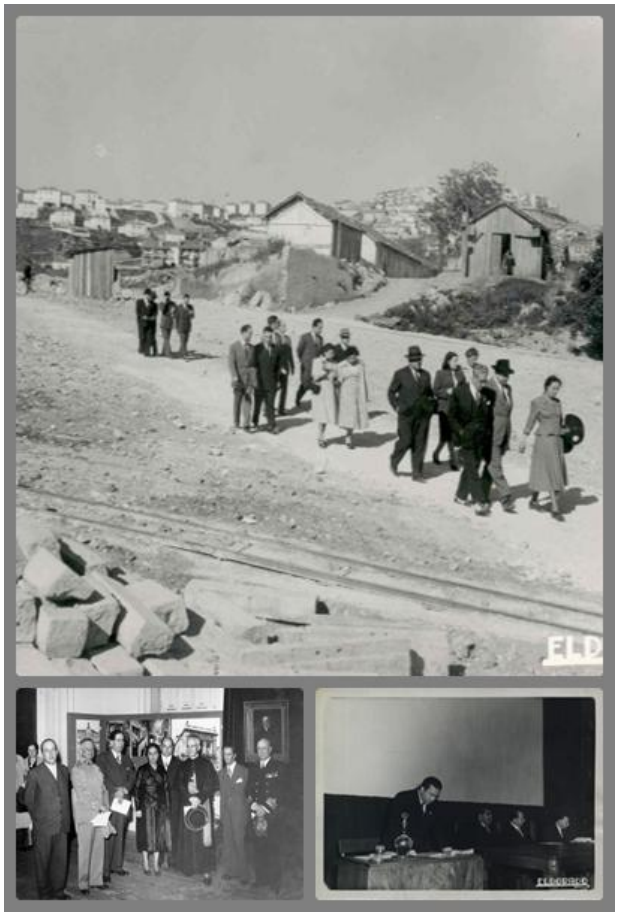
FIMS/MSMS/Foto0014
FIMS/MSMS/Foto0001
FIMS/MSMS/Foto0018
FIMS/MSMS/Foto0037



David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins num congresso em Mafra, 1948

FIMS/MSMS/Foto1129

Registo Fotográfico
David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins



Registo Fotográfico
David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins

David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins

FIMS/MSMS/Foto1132
FIMS/MSMS/Foto1130
FIMS/MSMS/Foto0001



David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva e Família

FIMS/MSMS/Foto1255
FIMS/MSMS/Foto3572
FIMS/MSMS/Foto2255
FIMS/MSMS/Foto2257
FIMS/MSMS/Foto2256









David Moreira da Silva

FIMS/MSMS/Foto1134
FIMS/MSMS/Foto2006
FIMS/MSMS/Foto2302
FIMS/MSMS/Foto2314







David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva - Angola

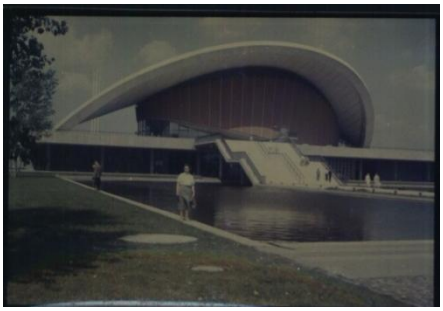
FIMS/MSMS/Foto3639
FIMS/MSMS/Foto3638
FIMS/MSMS/Foto1962

Registo Fotográfico
David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins









Registo Fotográfico
David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins

David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva

FIMS/MSMS/Foto2096
FIMS/MSMS/Foto3375
FIMS/MSMS/Foto2507
FIMS/MSMS/Foto3434



David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva

FIMS/MSMS/Foto2232
FIMS/MSMS/Foto2677
FIMS/MSMS/Foto2718



David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva

FIMS/MSMS/Foto2368
FIMS/MSMS/Foto2369







David Moreira da Silva

FIMS/MSMS/Foto2314
FIMS/MSMS/Foto2287
FIMS/MSMS/Foto1135
FIMS/MSMS/Foto2302
FIMS/MSMS/Foto2006

Registo Fotográfico
David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins

Fontes e Bibliografia

ARQUIVOS CONSULTADOS

ACP - Arquivo Central do Porto (Registo Civil)

ADCMP - Arquivo Distrital da Câmara Municipal do Porto

ADGOTDU - Arquivo da Direção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano

AESBAP - Arquivo da Escola Superior de Belas Artes do Porto

AGCMG - Arquivo Geral da Câmara Municipal de Guimarães

ACMM - Arquivo da Câmara Municipal de Matosinhos

AHMP - Arquivo Histórico Municipal do Porto

AMOPTC - Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas e Transportes

ASMS – Arquivo da Sociedade Martins Sarmento

AMAP – Arquivo Municipal Alfredo Pimenta – Guimarães

BPMP - Biblioteca Pública Municipal do Porto

CPF – Centro Português de Fotografia

CRPP - Conservatória do Registo Predial do Porto

DGOTDU - Direção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano

DPPU / CMG – Departamento de Projetos e planeamento Urbanístico

ESBAP - Escola de Belas Artes do Porto

IMS/FIMS - Fundação Instituto do Arquiteto José Marques da Silva

IUUP - Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris

MOPC – Ministério das Obras Públicas e Comunicações

ARQUIVO ACP – ARQUIVO CENTRAL DO PORTO

Arquivo	Fontes	Descrição do documento
ACP		- Certidão de Nascimento nº 1629 de 1914 da 1ª Conservatória - Certidão de Óbito Nº 330 de 1994 da 1ª Conservatória - Certidão de Óbito Nº 362 de 2002 da 1ª Conservatória

ARQUIVO ADCMP – ARQUIVO DISTRITAL DA CMP

Arquivo	Fontes	Descrição do documento
ADCMP	557/K/12/2-306-4	
ADCMP	G/20/3/1-3.12 E 13	

ARQUIVO ADGOTDU – ARQUIVO DA DIRECÇÃO GERAL DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO E DESENVOLVIMENTO URBANO

Arquivo	Fontes	Descrição do documento
		Processo do Anteplano de urbanização de Guimarães Processo do Anteplano de urbanização de Valongo
ADGOTDU	PU 03-02	Anteplano de Urbanização de Barcelos (1949/51), da autoria de Maria José Marques da Silva (Arqtª) e David Moreira da Silva (Arqtº/ Urbanista)
ADGOTDU	PU 03-02	Esboceto Geral de Urbanização da Cidade de Barcelos (1963), da autoria de Maria José Marques da Silva (Arqtª)

		e David Moreira da Silva (Arqtº/ Urbanista)
ADGOTDU	Nº 01.03.02.001. A.95	Plano Diretor Municipal de Barcelos
ADGOTDU	PU 06.03	Anteplano de urbanização de Coimbra da autoria de De Gröer, 1940
ADGOTDU	PU 06.03	Anteplano de urbanização de Coimbra da autoria de Antão de Almeida Garrett, revisão do plano de De Gröer, 1955
ADGOTDU	PGU 13-08-06	Anteplano de Urbanização de Matosinhos (1944), da autoria de Maria José Marques da Silva (Arqtª) e David Moreira da Silva (Arqtº/ Urbanista)
ADGOTDU	Pasta U 789-2	Plano Geral Regulador do Concelho de Matosinhos, 1966
ADGOTDU	PGU 03-01 U-166	AntePlano de Urbanização de Amares (1949), da autoria de Maria José Marques da Silva (Arqtª) e David Moreira da Silva (Arqtº/ Urbanista)
ADGOTDU	PGU 03-01	Ante-Plano de Urbanização de Amares 2º Remodelação (1955), da autoria de Maria José Marques da Silva (Arqtª) e David Moreira da Silva (Arqtº/ Urbanista)
ADGOTDU	PU 01-01-04	Anteplano de urbanização de Águeda (1945), da autoria de Maria José Marques da Silva (Arqtª) e David Moreira da Silva (Arqtº/ Urbanista)
ADGOTDU	PGU- 10- 09- 16	Ante-plano de urbanização de Monte-Real (1941), esboceto de David Moreira da Silva (Arqtº/ Urbanista)
ADGOTDU	PGU- 10- 09- 16	Ante-plano de urbanização de Monte-Real (1942), esboceto de David Moreira

		da Silva (Arqtº/ Urbanista)
ADGOTDU	PGU 03.10	Ante-plano de Urbanização das Termas do Gerês (1969), da autoria de António Meneres e Duílio Silveira, arquitetos, Jorge Canto Moniz, Colaborador.
ADGOTDU	PGU 03.10	Anteplano de Urbanização das Termas do Gerês (1935-1949), da autoria de Maria José Marques da Silva (Arqtª) e David Moreira da Silva (Arqtº/ Urbanista)
ADGOTDU	PGU 16.02	Anteplano de Urbanização de Moledo Minho (1941), da autoria de David Moreira da Silva (Arqtº/ Urbanista)
ADGOTDU	PGU 16.02	Ante-plano de Urbanização de Moledo Minho- Revisão (1962), da autoria de Felgueiras? e Carlos Carvalho Dias.
ADGOTDU	PU 01-05	Anteplano de Urbanização de Aveiro da autoria de Maria José Marques da Silva (Arqtª) e David Moreira da Silva (Arqtº/ Urbanista).
ADGOTDU	U624	Esboceto Cacia- Sarrazola- 1956- da autoria de Maria José Marques da Silva (Arqtª) e David Moreira da Silva (Arqtº/ Urbanista).
ADGOTDU	U624	Anteplano de Urbanização de Chaves 1951 da autoria de Maria José Marques da Silva (Arqtª) e David Moreira da Silva (Arqtº/ Urbanista).
ADGOTDU	PU-01-03-016 PU-01-05	S. Jacinto, 1955- da autoria de Maria José Marques da Silva (Arqtª) e David Moreira da Silva (Arqtº/ Urbanista).
ADGOTDU	PU	Anteprojeto do Plano de Urbanização da Vila de Paredes, 1945 - da autoria de

		Maria José Marques da Silva (Arqtª) e David Moreira da Silva (Arqtº/ Urbanista).
ADGOTDU	PU	Anteprojeto do Plano de Urbanização da Vila de Valongo, 1955 - da autoria de Maria José Marques da Silva (Arqtª) e David Moreira da Silva (Arqtº/ Urbanista).
	PGU 19-09-16 U-27	Anteprojeto de urbanização de Monte Real

ARQUIVO AESBAP – ARQUIVO DA ESCOLA DE BELAS ARTES DO PORTO

Arquivo	**Fontes**	**Descrição do documento**
AESBAP	Diários do Governo nºs: 290 de 7 de Dezembro de 1836 67 de 26 de Março de 1881 258 de 15 de Novembro de 1901 291 de 24 de Dezembro de 1902 124 de 29 de Maio de 1911 26 de Maio de 1914? 270 DE 13 de Dezembro de 1918 199 de 17 de Setembro de 1925 116 de 20 de Maio de 1931	Legislação

	34 de 11 de Fevereiro de 1936 15 de Maio de 1945 133 de 10 de Julho de 1950	
AESBAP		Processos dos alunos: David Moreira da Silva 17 documentos Maria José Marques da Silva Martins 14 documentos Rogério dos Santos Azevedo Júlio José de Brito António Peres Dias Guimarães Manuel Marques Agostinho Ricca Gonçalves João Henrique Melo Breiner Andresen José Fernandes da Silva Mário Augusto Ferreira de Abreu Mário Ferreira Bonito Manuel da Silva Passos Júnior José Maria Moura da Costa Fernando Resende da Silva M. Lanhas
AESBAP		Processo de Professor David Moreira da Silva
AESBAP	109	Livro de Atas [1928?] Livro de Atas das Conferências Ordinárias 1920-1940
AESBAP	110	Livro de Atas das Sessões Ordinárias e Extraordinárias do Conselho Escolar 1940 a 1961
AESBAP	153	Livro de Atas de Concursos para provimento de lugares de pessoal

		docente 1961/63
		2º Livro de Autos e termos de Posse 1939 a 1949
AESBAP	378	Livro de Inscrições no Curso Superior Anos letivos de 1934/35 a 1937/38 (?)
AESBAP	284	Livro de Matrícula nos Cursos Especiais Nº 1 de 1931 a 1948 (?)
AESBAP		Livro de Ponto 1947/57
AESBAP		Livro de Matrículas 1924 a 1930
AESBAP		Livro de Matrículas 1924 a 1928
AESBAP	170 – A, fls. 13, 47, 59, 88, 111, 183	Livro de Índices do Curso Especial
AESBAP	172 – A, fl. 15	Livro de índices do Curso Preparatório Programa dos Cursos Preparatório e Especial
AESBAP		*II Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto*. Ministério da Educação Nacional Direção Geral do Ensino Superior E Das Belas Artes, Outubro de 1953, 1954 e 1955.
AESBAP		*VI Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto*. Ministério da Educação Nacional Direção Geral do Ensino Superior E Das Belas Artes, Novembro de 1957.
AESBAP		*VII Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto*. Ministério da Educação Nacional Direção Geral do Ensino Superior E Das Belas Artes, Dezembro de 1958 e 1959.
AESBAP		*IX Exposição Magna da Escola*

	Superior de Belas Artes do Porto. Ministério da Educação Nacional Direção Geral do Ensino Superior E Das Belas Artes, Outubro de 1960, 1961 e 1962.
AESBAP	*XII Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto*. Ministério da Educação Nacional Direção Geral do Ensino Superior E Das Belas Artes, Novembro de1963.
AESBAP	*XIII Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto*. Ministério da Educação Nacional Direção Geral do Ensino Superior E Das Belas Artes, Dezembro de1964, 1965.
AESBAP	*XIV Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto*. Ministério da Educação Nacional Direção Geral do Ensino Superior E Das Belas Artes, Março de 1966
AESBAP	*XV Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto*. Ministério da Educação Nacional Direção Geral do Ensino Superior E Das Belas Artes, Outubro de1966
AESBAP	Marques da Silva. Exposição Conjunta das Principais Obras do Mestre e de Alguns dos seus Discípulos. Porto: ESBAP, Dezembro de 1953
AESBAP	Decreto – lei nº 34.607 de 15.05.1945

ARQUIVO AGCMG – ARQUIVO GERAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃES

Arquivo	Fontes	Descrição do documento
AGCMG	Livro Remessa nº 1/ Antigo	Planos de Urbanizações Parciais 1949 a 1955, correspondência
AGCMG		Livro de Atas de Estética, Arte e Arqueologia, de 1968 a 197?
AGCMG		Anteplano de Urbanização de Guimarães, 1949 peça escrita
AGCMG		Anteplano de Urbanização de Guimarães, 1953 peça escrita
AGCMG		Processo de Guimarães

ACMM – ARQUIVO HISTÓRICO DA CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS

Arquivo	Fontes	Descrição do documento
AHCMM	Nº 27 de 29/8/42 a 30/8/45 Nº 31 de 5/7/52 a 26/12/53	Livros de Atas das Sessões da Câmara Municipal do Concelho de Matosinhos
AHCMM	nº 1 de 15/3/37 a 15/9/59	Atas do Conselho Municipal
AHCMM	1956/63	Processo de construção da Ponte Móvel
AHCMM	1956	Pracetas e ruas de acesso ao Porto Comercial de Leixões
AHCMM	FELGUEIRAS, Guilherme – *Monografia de Matosinhos*	Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1958.

AHMP – ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DO PORTO

Arquivo	Fontes	Descrição do documento
AHCMP	261 fiada 15; 263 fiada 15; 289 fiada 16; 441 fiada 20; 409 fiada 19 ; 447 fiada 21 ; 479 fiada 21	Levantamento aéreo de 1939/42
AHCMP	Guia 5/2003 nº 57.	Processo do Monumento à Guerra Peninsular [1945]
AHCMP	nºs: 252/51; 381/49; 717/49; 485/54; 51/47; 619/49; 515/30; 851/31; 1335/37; 174/49; 477/51; 70/51; 251/42; 334/58; 67/64, 730/64, 52/61, 33/68, 334/48, 30/82; 393/43; 272/45; 369/82; 428/1944; 96/1948; 218/1945; 55/1933;385/1940; 157/1964;396/1957; 210/1945; 797/1937;1746/1936	Livros de Licenças de Obras
AHCMP	L/E – 262 1945: Processo nº 16. 1941 – L/E 260, 1942/43 – L/E - 261, 1947/48 L/E - 264, 1949/50 L/E - 265, 1951/1953 – L/E 266, 1959/1960 L/E - 272, 1961, 1962, 1963	Registo de Inscrição de Técnicos – Edificações Urbanas

AHCMP	D CMP – 2 - 343; D CMP – 3 – 418 – 01; D CMP – 3 – 418 – 02; D-TGN – CMO – 02 -091	Carta da Cidade
AHCMP		Planta do Porto
AHCMP		Plantas de Pormenor: Praceta na confluência das Ruas do Bolhão, de Sá da Bandeira e de Fernandes Tomaz (194?); Variante ao Projeto do prolongamento das Ruas de Sá da Bandeira e do Bolhão, 1942; Arranjo da Praça Filipa de Lencastre 1950
AHCMP	1936, 1937, 1939,1940, 1946, 1953, 1953, 1954, 1965	Boletins da CMP
AHCMP	B I/2: 1942 a 8/6/1950; B I/3: 5/1960 a 18/1/1968; B I/4: 1968 a 7/1970; B I/5: 2/1970 a 15/11/1972 B I/6: 1972 a Dez/1974	Livros de Atas das Reuniões da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia
AHCMP	D – CMP-02-455-03-001	Prolongamento da Rua Sá da Bandeira entre as ruas Fernandes Tomás e Gonçalo Cristovão, 1924
AHCMP	D-CMP-02-455-01 027	Prolongamento da rua Sá da Bandeira entre as ruas Fernandes Tomás e Gonçalo Cristovão, 1926
AHCMP	D-CMP-03-066-005	Planta geral 13, abril de 1939
AHCMP	D-CMP-03-066-010	Projetos de Alinhamentos à volta do terreno ocupado pela Fundição do Bolhão1940
AHCMP	D-CMP-03-062-007	Projeto de Alinhamento nas ruas Fernandes Tomás, Sá da Bandeira, do Bolhão e da Firmeza, Abril 1942

		Aprovado em Sessão de 11/1/1942
AHCMP	D-CMP-03-062-008	Projeto de Alinhamento nas ruas Fernandes Tomás, Sá da Bandeira, do Bolhão e da Firmeza, Abril 1942. Aprovado em Sessão de 11/1/1942
AHCMP	D-CMP-05-025-058	Projeto de Prolongamento das Ruas Elísio de Melo e Sá da Bandeira, 1942
AHCMP	D-CMP-05-025	Planta Cadastral das expropriações arealizar para o prolongamento das ruas Sá da Bandeira e da Firmeza e alargamento das ruas de Fernandes Tomás e do Bolhão, projecto aprovado em 11 de janeiro de 1940.
AHCMP	D-CMP-05-025-011	Alinhamento dos Edifícios do Quarteirão,1941
AHCMP	D-CMP-05-025-012	Talhões a vender em hasta pública, 1941
AHCMP	D-CMP-05-025-013	Perspetiva do Quarteirão, 1941
AHCMP	LO 51/47, fls. 188 a 191	Rua Sá da Bandeira
AHCMP	LO 1947-0051-fl.188 LO 1947-0051-fl. 189 LO 1947-0051-fl. 0024 LO 1947-0051-fl. 0003	Processos de obras
AHCMP	LO 1947-0051-018	Fachada nascente sobre a rua Sá da Bandeira, 1946
AHCMP	LO 1947-0051-0121	Fachada poente sobre a rua do bolhão, 1946
AHCMP	LO 1947-0051-020	Fachada norte sobre a rua Firmeza, 1946
AHCMP	LO 1947-0051-017	Fachada sul sobre a rua Fernandes Tomás, 1946

AHCMP	LO 1947-0051-022 LO 1947-0051-014 LO 1947-0051-111 LO 1947-0051-112 LO 1947-0051-139 LO 1947-0051-177 LO 1947-0051-181 LO 1947-0051-247 LO 1947-0051	Palácio do comércio
AHCMP	Guia 5/2003 n.º 17	África do Sul
AHCMP	LO 1930-0515-092	Modificação de fachada do prédio da Rua da Alegria
AHCMP	LO 1930-0515-093	Modificação de fachada do prédio da Rua da Alegria
AHCMP	LO 1931-0851-376	Planta topográfica do prédio da Rua da Alegria
AHCMP	LO 1931-0851-377	Construções (ampliação do refeitório, depósito de carvão e arrecadações) afastadas da rua da Alegria, 1931
AHCMP	LO 1937-0335-327	Planta topográfica com construções a realizar afastadas da rua da Alegria, 1937
AHCMP	LO 1937-0335-328	Edifício da Cooperativa dos Pedreiros – Fachada Poente- escritórios e garagem, 1937
AHCMP	LO 1937-0335-329	Edifício da Cooperativa dos Pedreiros – Corte por AB, 1937
		Edifício da Cooperativa dos Pedreiros – Fachada Poente
AHCMP	LO 1937-0335-331	Edifício da Cooperativa dos Pedreiros Planta do rés-do-chão, 1937
AHCMP	LO 1937-0335-322	
AHCMP	LO 1937-0335-33	Edifício da Cooperativa dos Pedreiros

		Planta do 1º subsolo, 1937.
AHCMP	LO 1949-0619-004	Planta Topográfica com a localização dos prédios a demolir e a construir, ampliação de consultório, 1949
AHCMP	LO 1949-006	Edifício da Cooperativa dos Pedreiros Planta do rés-do-chão, 1949
AHCMP	LO 1949-0619-009	Edifício da Cooperativa dos Pedreiros Fachada Poente, 1949
AHCMP	LO 1949-0619-008	Edifício da Cooperativa dos Pedreiros- Fachada Nascente, 1949
AHCMP	LO 1949-0619-0015	Os cálculos de betão armado são da responsabilidade do Engº. civil António Augusto Guimarães Teixeira Rego
AHCMP	LO 1949-0619-037	Edífico da Cooperativa dos Pedreiros – Planta e cortes por A-B e C-D, 1950
AHCMP	LO 1949-0619-04	Planta topográfica – localização dos corpos a construir.
AHCMP	LO 1964-0067-007	Planta topográfica – localização dos corpos a construir. Processo da Torre Miradouro
AHCMP	LO 1949-619-0412 LO 1964-67-07	Habitações a demolir – torre miradouro
AHCMP	Guia 5/2003	Monumento á Guerra Peninsular
AHCMP	LO 341/61	Processo da Obra da Escada na Rua Ferreira Borges
AHCMP	730/64	Processo de obra do Prédio na Rua Ferreira Borges
AHCMP	LO 67/64, 1963/73	Processo de obra da rua da Fábrica
AHCMP	LO 333/69	Processo da obra do Prédio na Rua Anselmo Braancamp
AHCMP	LO 12/75, 13/75, 14/75	Processo da obra do Bloco misto na Rua Anselmo Braancamp
AHCMP	LO 0526/59	Processo da Obra na Rua 31 de Janeiro

AHCMP	LO 67/64, 1963/73	Processo da obra – Torre do Miradouro
AHCMP	LO 477/51	Processo da obra da Rua da Alegria
AHCMP	LO 335/37 e 619/49	Processo da SCOPP
AHCMP	LO 334/55 LO 334/56 LO 334/58 LO 334/60	Processo da obra do Patronato dos Pobrezinnhos
AHCMP	LO 252/1951	Processo da obra Garagem do Marquês
AHCMP	LO 234/52 LO 251/42	Processo da obra do Adro da Igreja Nossa Senhora da Conceição
AHCMP	LO 5/61	Processo da obra do Prédio na Rua da Constituição
AHCMP	LO 174/49	Processo da obra de uma moradia na Rua da Constituição
AHCMP	LO 70/51	Processo da Obra da Oficina Visconde Setúbal
AHCMP	LO 717/49	Processo da Obra Nossa Senhora de Fátima
AHCMP	LO 0485/54	Processo da obra na Rua Pedro Hispano
AHCMP	LO 369/82 LO 1982-0369-001 até LO 1982-0369-501	Processo da obra de Gondarém

AMOPTC – ARQUIVO DO MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E TRANSPORTES

Arquivo	**Fontes**	**Descrição do documento**
AHMOPTC	Processo nº 1350	Parecer do Conselho Superior da Obras Públicas, sobre o projeto de Conclusão da Igreja de S. Torcato, Guimarães, 1942
AHMOPTC	livro nº 6, de Fev de 1944 a Nov de 1945	Livro de Atas do Conselho Superior das Obras Públicas, reunião conjunta das Secções

AHMOPTC	Legislação: 1934 Decreto-Lei nº 24:802	Comparticipação do Governo nos trabalhos de urbanização das câmaras municipais; obrigatoriedade das câmaras possuírem plantas topográficas para trabalhos de urbanização; planos de urbanização da iniciativa das câmaras; normas para os planos de urbanização; prazos, concursos e técnicos; a aprovação de planos são submetidos obrigatoriamente ao Ministério da Obras Públicas …
AHMOPTC	Legislação: 1944 Despacho Ministerial 6 Jan. 1944	Casas económicas
AHMOPTC	Legislação: 1944 Decreto nº 33:522	Levantamentos topográficos Madeira
AHMOPTC	Legislação: 1944 Decreto-Lei nº 33:863	Abastecimento de Água e Saneamento
AHMOPTC	Legislação: 1944 Decreto-Lei nº 33:921	Reunião de legislação dispersa, em vigor, e alterações aos levantamentos topográficos e planos de urbanização.
AHMOPTC	Legislação: 1944 Decreto-Lei nº 33:922	Portos
AHMOPTC	Legislação: 1945 Decreto-Lei nº 34:486	Casas económicas
AHMOPTC	Legislação: 1945 Decreto-Lei nº 34:993	zonas de proteção dos edifícios públicos

AHMOPTC	Legislação: 1945 Despacho Nov, 1945	Territórios que integram a Nação, cidadãos, família, organismos corporativos
AHMOPTC	Legislação: 1947 Decreto – lei nº 36:212	Problema da habitação: casas económicas construídas pelo Estado, nova construção de casas de rendas económicas para famílias pobres; construção ou ampliação de prédios de rendimento; rendas livres
AHMOPTC	Legislação: 1947 Decreto – lei nº 36:256	Critérios equitativos na distribuição de moradias económicas
AHMOPTC	Legislação: 1947 Decreto – lei nº 36:277	O estado apoia o interesse demonstrado pelos engenheiros e arquitetos portugueses, na participação em congressos nacionais (problemas técnicos)

AMAP – ARQUIVO MUNICIPAL ALFREDO PIMENTA - GUIMARÃES

Arquivo	Fontes	Descrição do documento
AMAP	M – 1779, fls 17v-22v M – 1766, fls. 28v- 38	Notariado privativo
AMAP	fls. 5-7	Fundo Municipal: Planta da Cidade de 1863, engº Manuel de Almeida Ribeiro [iniciada em 1863 e terminada em 1867]
AMAP	M- 2126 100/A M – 2127 – nº 100 2ª parte	Processo do Mercado de Guimarães

	M – 2127 – livro 489 Duplicado M -2127 – Livro Aditamento M- 2128 M – 1899 – 20 de Ag 1943 a Nov 1944 vi até p. 54v	
AMAP	B-22-2-72	Processo de Guimarães
AMAP	B-21-3-41	Obras no Concelho de Guimarães
AMAP	B-20-240	Cópias de Projetos de Obras da Câmara
AMAP	B-23-5-50	Livros de obras rurais
AMAP	B-23-143	Participação de obras
AMAP	B-23-5-54	Projeto com plantas para obras diversas no concelho
AMAP	A-9-3-541	Projeto de ligação da cidade de Guimarães com a (?) do caminho de ferro
AMAP	B-11-61	Livro de requisições projetos informações de obras
AMAP	A-6-3-52 A-6-3-53	Licenças para edificações e outras obras
AMAP	B-13-4-79	Documentos de Melhoramentos na Cidade, monu. e edifícios públicos
AMAP	B-13-4-81	Documentos de obras no Mercado de Guimarães
AMAP	B-4-4-8	Mercado Municipal - obras
AMAP	M – 1900	– Livro de Atas da Câmara Municipal de Guimarães [9 Nov. 1944 a 9 Janeiro de 1946] v
AMAP	M – 1901	Livro de Atas da Câmara Municipal de Guimarães [2 Jan. 1946 a 18 de Junho de 1947] v

AMAP	M- 624	Anteplano de Urbanização de Cacia - Sarrazola
AMAP	M - 560	Anteplano de Urbanização de S. Jacinto
	M-1766	Anteplano de urbanização de Guimarães
	M - 1900	
AMAP	M – 1902	Livro de Atas da Câmara Municipal de Guimarães [2 Julho 1947 a 25 de Agosto de 1948] v
AMAP	M - 1906	Livro de Atas da Câmara Municipal de Guimarães
AMAP	M - 264	Anteplano de Urbanização de Chaves
AMAP	M – 2558 – 1955/68Processo 14/U/56	correspondência com a CMG – Vizela e plantas – anteplano de Urbanização de Vizela 1965
AMAP		Processo de construção dos bairros para as classes pobres em Guimarães – correspondência e plantas, 1956, 1958, 1957, (Creixomil, Urgezes)
AMAP	M – 1203	Bairro da Madre de Deus, Guimarães
AMAP	P o 54	Relação toponímica de: Guimarães, Taipas – 1970 e Denominação de Ruas e Praças, reunião de 17 de Julho de 1962: Guimarães

ASCPOPP

Arquivo	Fontes	Descrição do documento
ASCPOPP		Estatutos da Cooperativa de produção dos operários pedreiros portuenses, 1984

ASMS – ARQUIVO DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO - GUIMARÃES

Arquivo	Fontes	Descrição do documento
ASMS		1 Álbum de Fotografias da década de 60, com aspetos das obras em curso e outras já concluídas no Palácio da Sociedade Martins Sarmento
ASMS		Projeto e Pormenores dos Acabamentos de pedreiro, carpinteiro, trolha e marmorista, de 1963
ASMS		Projeto da sanca Luminosa da Sala de leitura e cinco Lustres para a Galeria dos Passos Perdidos, 1966
ASMS		Projeto com 10 peças desenhadas, 1964: Vitrines para o Museu de Etnografia, Planta da sala de Leitura, Estantes e arranjo do conjunto da Sala de Leitura
ASMS		Peças desenhadas avulsas – Projeto e pormenor em tamanho natural do guarda-vento do Vestíbulo, alçado da Porta com a sigla SMS, de 1964
ASMS		Projeto dos Portões de Ferro de Acesso ao Museu e Guardas de Ferro da galeria da sala de Leitura, 1964.
ASMS		Projeto das Vitrines da Sala de Etnografia e Painéis e Plintos da Sala de Pintura e Escultura., 1964
ASMS		Projeto do Mobiliário da Sala de Leitura (Mesas e cadeiras) e Bancos do Museu e Sofás dos Passos Perdidos, 1964

ASMS		Projeto de Obras de Acabamento no Museu e depósito de Livros, 1951
ASMS		Projeto da Escada Nobre, 1957
ASMS		Projeto da Escada Nobre, 1953

ARQUIVO BPMP – BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO

Arquivo	Fontes	Descrição do documento
BPMP	P-B-4213	Instituto para a Alta Cultura XIV - *Relatório dos trabalhos efectuados em 1936; 1937; 1938; 1939*. Coimbra: Coimbra Editora, 1937

CMG – DPPU – CÃMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃES – DIVISÃO DE PATRIMÓNIO E PLANEMANETO URBANISTICO

Arquivo	Fontes	Descrição do documento
CMG		Planta atual de Guimarães, Esc. 1: 25 000 Planta toponímica
CMG	1954	Igreja da Penha- Retratos a óleo de DMS e MJMS da autoria de Abel Cardoso. 1977 DMS desaprova o desenho dos candelabros e ofereceu-se para fazer desenho
CMG	5/02/1941	Comércios do Porto- Quando serão arrasados os velhos barracões da Fundição do Bolhão
CMG	16/02/1942	Comércios do Porto - Os terrenos da antiga Fundição do Bolhão foram arrematados por 2 mil contos e

		quinhentos escudos
CMG	27/07/1943	O Primeiro de Janeiro- Projeta-se a construção de um edifício
CMG	27/07/1944	Jornais de Notícias- Todos os prédios contíguos à antiga Fundição do Bolhão começaram a ser demolidos

CPF – CENTRO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA

Arquivo	**Fontes**	**Descrição do documento**
CPF	AL004501	Fotografias
	AL004501p	
	AL004502	
	AL004566	
	AL004697	
	AL00004723	
	AL004724	
	AL005460	
	AL005528	
	TAVLO0029008	
	TAVLO0029013	
	TAVLO0047024p	
	TAVLO0047024	
	TAVLO0047084	
	TAVLO0047084p	
	TAVLO0047084p1	
	TAVLOC0047338	

ARQUIVO CRPP – CONSERVATÓRIA DO REGISTO PREDIAL DO PORTO

Arquivo	Fontes	Descrição do documento
CRPP	Livros B 3, B 4, B 5, B 13; B 19, B 31, B 36, B 39, B 51, B 52, B58, B 59, B 60, B 76, B 84, B 90, B 91, B 93, B 95, B 99, B 139, B 144, B145, B147, B 149, B 150 B 151, B 153, B 155, B 157, Livros G2, G 4, G 5, G 8, G 12; G 15, G 16, G 17, G 18, G 19, G 22, G 23, G 33,G 34, G 26, G 27, G 37, G 43, G 44, G 46, G 49, G 50, G 51, G 52, G 55, G 56, G 57, G 58, G 61, G 63, G 64, G 65, G 62, G 64, G 68, G 69, G 88, G 89, G 93, G 108, G 110,G 114, G 121,	1ª e 2ª Conservatória do Registo Predial do Porto

DGOTDU – ARQUIVO DA DIREÇÃO GERAL DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO E DESEMVOLVIMENTO URBANO/BIBLIOTECA

Arquivo	Fontes	Descrição do documento
DGOTDU		Antecedentes e enquadramento Histórico, Legislação de 1934 In LOBO, Margarida Sousa, *Urbanistas Estrangeiros em Portugal 1930-1960.* Lisboa: DGOTDU, 2005 (DVD).

ARQUIVO FIMS – FUNDAÇÃO INSTITUTO DO ARQUITETO MARQUES DA SILVA

Fontes - Documentos Pessoais/Académicos e Profissionais de David Moreira da Silva

Arquivo	Fontes	Descrição do Documento
FIMS	FIMS/MSMS/4387 FIMS/MSMS/4388	Documento datilografado de dezasseis páginas, com os dados biográficos do pai José Moreira da Silva
FIMS	FIM/MSMS/4612f	Identificação de David Moreira da Silva como aluno da EBAP – Ano letivo de 1927/28
FIMS	FIMS/MSMS/4612v	Identificação de David Moreira da Silva como aluno da EBAP – Ano letivo de 1927/28
FIMS	FIMS/MSMS/2539	Diploma de Arquiteto, EBAP, 1950
FIMS	FIMS/MSMS/2554f	Cartão de aluno da ENSBAP, 1934-1938
FIMS	FIMS/MSMS/2554v	Cartão de aluno da ENSBAP, 1934-1938
FIMS	FIMS/Monografias/ DMS-567	- Diploma de Arquiteto pela ENSBAP

		- Medalha atribuída a David Moreira da Silva pela Société des Architectes - Diplômés par le Gouvernement Concurso de melhor diploma. - Diploma de Urbanista pelo IUUP
FIMS	FIMS/Monografias/DMS-567	Currículo Vitae de DMS
FIMS	FIMS/MSMS/4390	Currículo Vitae de DMS
FIMS	FIMS/MSMS/3745	Membro titular da Associação de Arquitetos diplomados pelo governo francês
FIMS	FIMS/MSMS/PostE0016	Correspondência de David Moreira da Silva, aluno em Paris, com o arquiteto José Marques da Silva
FIMS	FIMS/MSMS/PostE0016v	Correspondência de David Moreira da Silva, aluno em Paris, com o arquiteto José Marques da Silva
FIMS	FIMS/MSMS/PostE0141	Pavillon de La Ville de Paris Carte officielle de L'Exposition de Bruxelles 1935. Bruxelles e Parque de Exposição 8/9/35
FIMS	FIMS/MSMS/PostE0141v	Pavillon de La Ville de Paris Carte officielle de L'Exposition de Bruxelles 1935. Bruxelles e Parque de Exposição 8/9/35
FIMS	FIMS/MSMS/0081	Carta de DMS a José Marques da Silva de Paris,1938
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0001 FIMS/MSMS/1853-0002	Capa. École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, Histoire Générale de l'Architecture. Moreira Élève de Mr. Hautecoeur Professeur. Assinatura David Moreira da Silva.
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0003	ENSBAP – Histoire Géneral

		D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Palais de La Chancellerie. Palais de La Chancellerie. Cópia de GROMORT, Mr – L'Architecture en Italie.
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0004	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (S. Pierrede Rome. Plan de Michel-Ange)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0005	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Rome -Loges du Vatican par Raphaël)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0006	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (L'Église du Gésu par Vignole. H. Martin G. des Styles)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0007	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (S. Maria di Galeai;- Carigmano Allessi. Église du Redentor Par Palladio 1576. Église du Gésu Par Vignole 1568)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0008	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Porte du Palais de Capraro Le Dûe à Vignole. ESQUIÉ, P. - Traité

		Élémentaire D'Architecture)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0009	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Villa Médicis. Rome.G. GROMORT)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0010	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Voûte d'Église de Tillireres E. Rouger L'Arch.e Française)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0011	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Château De Chambord, Voute Du Vestibule D'Accès Un Grand Escalier. Par Troncault)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0012	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Chapelle Du Chateau D'Am[?].)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0013	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Chateau de Chambord. J.M.L. Durand 1526)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0014	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Chateau de Sully, 1567)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0015	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS

		(La Maison des Bateliers à Gand. Plamat)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0016	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Maisons du Quai d'Horloge. Calliat et Lance, E. d'Arch.e)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0017	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Église de S. Gervais, 1616. Blondel, L'Arch.e Fr.s)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0018	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Église do Val de G? par Mansart (F.); Dôme des Invalides Par Mansart (J. H.), (G. Gromort); Église des Filles de S. Marie Par Mansart (F.))
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0019	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Charpente à La Mansart. Hôtel Lambert à Paris. Blondel L'architecture Française)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0020	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Chapelle de Versailles Par Mansart 1687.1710)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0021	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr.

		Hautecoeur – Desenhos de DMS (Chaire de L'Église de S. t Étienne du Mont à Paris)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0022	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Appartements D'Apparat Louis XIII, Palais de Fontainebeau =R, Pemor)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0023	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Palais de Fontainebleau. Chambre à Coucher De La Reine=Style Louis XIV)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0024	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Palais de Fontainebleau. Salle du Conseil Louis XV. R. Fenor)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0025	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Château de François F. à S. Germain En Laye. Cheminé de La Salle De Mars. XVI Siècle Palais. Château et maisons de France. C. Sauvageot)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0026	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Château de Tanlay. Cheminée de la Chambre de L'Archevêque.

		Sauvageot. P. G. M)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0027	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Style Louis XVI École Militaire. Par Plamat)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0028	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (François 1er, Palais de L'Institut, Collège Mazarin)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0029	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Place Louis XV. Léonce Reynaud)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0030	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Les Trianons 1687. 1766. Versailles G. Gromort)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0031	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Baldaquin du Maître. Autel de S. Pierre de Rome D'Après un livre sur les Proj. de S. Pierre)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0032	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Hotel Lambert; Hotel Deyrenc 1729. Par Gabriel (G. Gromort))
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0033	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr.

		Hautecoeur – Desenhos de DMS (Eglise Des PP. Augustins Déchaussés Nommés Les Petits Pères = Blondel, L'Ar.re F.se)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0034	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Marteau de Porte XVIIIe H. Clouzot. Le Fer Forgé Balcon Louis XV= G. des Styles)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0035	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Portail de Maison Au XVIII Siècle)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0036	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Palais du Petit Trianon Vestibule. Détail Louis XVI. R. Penor (**Décor**.n Et ?))
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0037	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Plafond Du Salon Des Saisons Hotel Deau. Harmais. À Paris G. Des Styles. Danseuses Réplique du Bas-Relief Du Musée du Louvre.)
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0038	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Notre Dame Lorette. Dumoulin & Outardel)

FIMS	FIMS/MSMS/1853-0039	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Église de Belleville Par Lassus (XIX^{e} S.))
FIMS	FIMS/MSMS/1853-0040	ENSBAP – Histoire Géneral D'Architecture – Professeur Mr. Hautecoeur – Desenhos de DMS (Halle en Fer. XIX ^{E} Siècle Ile De La Réunion. Le Socle Et Son Massif En Maçonnerie La Colonne Et Son Archivolt. La Ferme)
FIMS	FIMS/MSMS/3279 FIMS/MSMS/3255 FIMS/MSMS/3258 FIMS/MSMS/3260 FIMS/MSMS/3254 FIMS/MSMS/3282 FIMS/MSMS/3256 FIMS/MSMS/3829 FIMS/MSMS/3257 FIMS/MSMS/3253 FIMS/MSMS/3259 FIMS/MSMS/3089 FIMS/MSMS/3280 FIMS/MSMS/2205 FIMS/MSMS/3827 FIMS/MSMS/3825 FIMS/MSMS/3826 FIMS/MSMS/3828 FIMS/MSMS/3824 FIMS/MSMS/3830 FIMS/MSMS/3822	Obras Académicas de David Moreira da Silva

	FIMS/MSMS/3823 FIMS/MSMS/3831	
FIMS	FIMS/MSMS/Per 281	Junta de Educação Nacional XII Relatório dos trabalhos efetuados em 1933-34, Coimbra: Coimbra Editora. Relatório de 1937
FIMS	FIMS/MSMS/Per 20	Documentos da Associação da Escola Nacional Superior de Belas Artes
FIMS	FIMS/MSMS/Per 20	Bulletin de L'École des Beaux Arts, pp.1018-1019
FIMS	FIMS/MSMS/Per 20	Bulletin de L'École des Beaux Arts, pp.999-1001
FIMS	FIMS/MSMS/Per 20	Bulletin de La Grande Masse de LÉcole des Beaux Arts, pp.1226-1228/estampa 228
FIMS	FIMS/MSMS/Per 257	Les Concours D'Architecture de l'Ánnée Scolaire 1936-1937 Vingt-Huitième Année. École Nationale Supérieure des Beaux-Arts. Paris: Ancienne Maison Auguste Vincent, Freal & C^{ie}, Successeurs, pp.21-22
FIMS	FIMS/MSMS/Per 257	ENSBAP Les Concours d'Architecture de l'Année Scolaire 1936-37, pp.20-22
FIMS	FIMS/MSMS/Per 257	ENSBAP - Les Concours d'Architecture de l'Année Scolaire 1937-38, Paris, pp 21-22
FIMS	FIMS/MSMS/Per 20	Bulletin de la. Grande Masse.-pp.1147-48 [Programa]
		BPMPP- P-B-4213 Instituto para a Alta Cultura, XIV - Relatório dos

		trabalhos efetuados em 1936. Coimbra: Coimbra Editora, 1937, p.50
FIMS	FIMS/MSMS/Per 20	Bulletin de la Grande Masse De L'École Des Beaux-Arts, pp. 1105-1106
FIMS	FIMS/MSMS/Per 20	Bulletin de la Grande Masse De L'École Des Beaux-Arts, pp.1191/1193
FIMS	FIMS/MSMS/Per 20	Bulletin de la Grande Masse De L'École Des Beaux-Arts, pp. 1229-1230
FIMS	FIMS/MSMS/Per 20	Bulletin de la Grande Masse De L'École Des Beaux-Arts, pp. 1263-1264
FIMS	FIMS/MSMS/Per 20	Bulletin de la Grande Masse De L'École Des Beaux-Arts,pp. 1330
FIMS	FIMS/MSMS/Per 20	Bulletin de la Grande Masse De L'École Des Beaux-Arts, p. 1395
FIMS	FIMS/MSMS/Per 20	Bulletin de la Grande Masse De L'École Nationale Superieure des Beaux – Arts. Paris ; Punlication de L'Qua, anos de 1936 a 1939
FIMS	FIMS/MSMS/Per 219	Le Concours du grand prix de Rome en 1930 à L'école Nationale des Beaux-Arts – Section D'architecture. Project Definitif une École Supérieure des Beaux-Arts. Paris : Vincent, Fréal & C^{ie}, Successeurs, 1930
FIMS	FIMS/MSMS/3258	Programas dos Concursos em que participou David Moreira da Silva na ENSBAP S/ Título [Une Église

		Votive?] 8 de junho de 1934
FIMS	FIMS/MSMS/3254 FIMS/MSMS/3256	Concurso da 2ª Classe da École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris/ Atelier Laloux-Lemaresquier
FIMS	FIMS/MSMS/3829 FIMS/MSMS/3257	Programas dos Concursos em que participou David Moreira da Silva na ENSBAP Menção num concurso 2.ª Classe de Estereotomia ENSBAP Atelier Laloux Lemaresquier Voute en arc de cloitre, 13 de dezembro de 1934
FIMS	FIMS/MSMS/3253	Programas dos Concursos em que participou David Moreira da Silva na ENSBAP 2.ª Medalha do Concurso de emulação da 2ª Classe da École Nationale Supérieure des Beaux Arts de Paris/ Atelier Laloux-Lemaresquier
FIMS	FIMS/MSMS/2205	Programas dos Concursos em que participou David Moreira da Silva na ENSBAP 2ª medalha do Concours 1e classe rendu d'Architecture de l'Année Scolaire de 1936/37 Un Orphelinat Agricole. Novembre 1936
FIMS	FIMS/MSMS/0281	Programas dos Concursos em que participou David Moreira da Silva na ENSBAP Concours 1e classe rendu d'Architecture de l'Année Scolaire de 1936/37 Un Parc Zoologique 1936
FIMS	FIMS/MSMS/3827	Programas dos Concursos em que

		participou David Moreira da Silva na ENSBAP LES CONCOURS DE L'ÉCOLE Concurso da 1ª classe secção de arquitectura da ENSBAP Atelier Laloux-Lemaresquier Une Académie de Médicine, 1936
FIMS	FIMS/MSMS/3825	Programas dos Concursos em que participou David Moreira da Silva na ENSBAP Concours de l'École 1ª classe Cours d'architecture – Project Rendu - Menção Atelier de Laloux - Lemaresquier Une Bibliothèque Publique, 1936
FIMS	FIMS/MSMS/3826	Programas dos Concursos em que participou David Moreira da Silva na ENSBAP CONCOURS DE L'ÉCOLE Concours de la 1ª classe - Cours d'architecture Atelier Laloux-Lemaresquier Un centre d'Entrainement Hippique, 1936
FIMS	FIMS/MSMS/3828	Programas dos Concursos em que participou David Moreira da Silva na ENSBAP CONCOURS DE L'ÉCOLE 1ª classe Cours D'Ornement et d'Ajustement Prix des Fondations Rougevin et Henri-Eustach Project Rendu - Menção Atelier de Laloux - Lemaresquier Année Scolaire 1936-37
FIMS	FIMS/MSMS/3824	Programas dos Concursos em que participou David Moreira da Silva na ENSBAP CONCOURS

		D'ORNEMENT ET D'AJUSTEMENT PRIX DES FONDATIONS ROUGEVIN ET Henri-Eustache 1re Classe - Menção Année Scolaire 1936-37, Atelier Laloux-Lemaresquier Un Motif Décoratif Provisoire d'une Fête Locale Dans Une Grande Ville, 29 Janvier 1937
FIMS	FIMS/MSMS/3830	Programas dos Concursos em que participou David Moreira da Silva na ENSBAP LES CONCOURS DE L'ÉCOLE Cours D'Architecture 1ª classe - Menção Atelier de Laloux - Lemaresquier Un Musée des Sciences Naturelles, 1937
FIMS	FIMS/MSMS/3822	Programas dos Concursos em que participou David Moreira da Silva na ENSBAP CONCOURS DE L'ÉCOLE COURS D'ARCHITECTURE 1ª CLASSE MENÇÃO Atelier de Laloux - Lemaresquier Une Aérogare, Novembre 1937
FIMS	FIMS/MSMS/3823	Programas dos Concursos em que participou David Moreira da Silva na ENSBAP CONCOURS DE L'ÉCOLE COURS D'ARCHITECTURE 1ª CLASSE MENÇÃO Atelier de Laloux - Lemaresquier Une Halte pour Cyclistes, 1937
FIMS	FIMS/MSMS/3831	Programas dos Concursos em que

		participou David Moreira da Silva na ENSBAP CONCOURS DE L'ÉCOLE COURS D'ARCHITECTURE
FIMS	FIMS/Monografias/DMS - 567	Exame Final de David Moreira da Silva na ENSBAP para obtenção do Diploma de Arquiteto diplomado pelo Governo Francês
FIMS	FIMS/MSMS/0530	Cartaz edital
FIMS	FIMS/MSMS/2555	Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris (IUUP) Exercícios do 1º ano (1935/36) do IUUP, de David Moreira da Silva para o professor J. Gréber
FIMS	FIMS/MSMS/5255	Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris (IUUP) Exercícios de Urbanismo de David Moreira da Silva
FIMS	FIMS/MSMS/5256	Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris (IUUP) Apontamentos de aulas de Mr. Sentenac
FIMS	FIMS/MSMS/1817	Exercícios e Apontamentos de aulas tirados por David Moreira da Silva em 12 de Novembro de 1935
FIMS	FIMS/MSMS/4074 FIMS/MSMS/4074-0002 FIMS/MSMS/4074-0093 FIMS/MSMS/4074-0004 FIMS/MSMS/4074-0005 FIMS/MSMS/4074-0008 FIMS/MSMS/4074-0011 FIMS/MSMS/4074-0014	Documentos de David Moreira da Silva relacionados com as Cidades-Jardim

	FIMS/MSMS/4074-0018	
	FIMS/MSMS/4074-0022	
	FIMS/MSMS/4074-0012	
	FIMS/MSMS/4074-0012v	
	FIMS/MSMS/4074-0013	
	FIMS/MSMS/4074-0013v	
	FIMS/MSMS/4074-0013v	
	FIMS/MSMS/4074-0021.1	
	FIMS/MSMS/4074–0021.1v	
	FIMS/MSMS/4074-0021.2	
	FIMS/MSMS/4074-0021.2v	
	FIMS/MSMS/4074-0021.3	
	FIMS/MSMS/4074-0021.3v	
	FIMS/MSMS/4074-0021. 4	
	FIMS/MSMS/4074-0021.4v	
	FIMS/MSMS/4074-0021.5	
	IMS/MSMS/4074-0021.5v	
	FIMS/MSMS/4074-0021.6	
	FIMS/MSMS/4074-0021.6v	
	FIMS/MSMS/4074-0021.7	
	FIMS/MSMS/4074-0021.7v	
	FIMS/MSMS/4074-0021.8	
	FIMS/MSMS/4074-0021.8 v	
FIMS	FIMS/MSMS/4406	Exame final de DMS na ENSBAP para obtenção de diploma do arquiteto diplomado pelo governo Francês
FIMS	FIMS/MSMS/3994	Projeto da Escola de Belas Artes do Porto, planta geral JMS, Maio de 1935
FIMS	FIMS/Monografias/MSMS/Div0240	DMS – Subsidios para a elaboração do código urbanistico Português, Porto Imprensa Portuguesa 1962

FIMS	FIMS/MSMS/4228	Documentos diversos (carta pessoal ao pai, Congresso de Arquitetura de 1948, Sindicato nacional dos Arquitetos, SCPOPP, legislação, programa de Belas Artes, apontamentos pessoais sobre urbanismo, construção para a orla marítima da Foz do Douro, remodelação de jazigo, anteprojetos de hotel no Gerez, abaixo assinado de estudantes EBAP sobre a criação das cadeiras de urbanologia e projeto, contrato de professor na EBAP, …
FIMS	FIMS/MSMS/1873	Classificações Ano letivo de 1947-48
FIMS	FIMS/MSMS/1551 FIMS/MSMS/1560 FIMS/MSMS/1571 FIMS/MSMS/1577	Trabalhos dos alunos de DMS - 16ª Cadeira, Anteprojeto do arranjo Urbanístico de uma faixa adjacente Marginal do Douro, Porto de 1951
FIMS	FIMS/MSMS/2541	Diploma de Sócio Honorário da Sociedade Martins Sarmento de DMS, EM 1953
FIMS	FIMS/MSMS/2487	Tese de DMS, Concurso de 1962
FIMS	FIMS/MSMS/2574	Diploma de Sócio honorário dos Bombeiros de Barcelos de DMS
FIMS	FIMS/MSMS/4070	Apontamentos do Arquiteto JMS
FIMS	FIMS/MSMS/4225	Capa com o trabalho defendido por DMS na EBAP para concurso de professor em 1961. Trabalho esboceto de remodelação de 1 sector da zona arqueológica da cidade do Porto

FIMS	FIMS/MSMS/4223	Folhas de ponto com os sumários da EBAP 1958/59
FIMS	FIMS/MSMS/4386	Documento dirigido ao Ministro para instauração de inquérito ao processo de provimento de professor do 2º grupo da ESBAP
FIMS	FIMS/MSMS/0080	DMS sócio da Novinco
FIMS	FIMS/MSMS/0004	Legalização dos arquitetos José Marques da Silva, Manuel Marques e David Moreira da Silva
FIMS	FIMS/MSMS/4236	Minutas das Atas da Comissão Municipal de Arte Arqueologia de 1970 a 1974

Fontes - Documentos Pessoais/ Académicos e Profissionais de Maria José Marques da Silva Martins

Arquivo	**Fontes**	**Descrição do Documento**
FIMS	FIMS/MSMS/3746	Bilhete de Identidade de aluna da EBAP de Maria José Marques da Silva Martins Ano letivo de 1935/36
FIMS	FIMS/MSMS/2583	Diploma de Arquiteta Maria José Marques da Silva Martins, com a menção de ter obtido 18 valores (distinta) passado em 17 de Agosto de 1943
FIMS	FIMS/MSMS/2541	Diploma de Sócia Honorária da Sociedade Martins Sarmento
FIMS	FIMS/MSMS/1153	Notícia da conclusão do curso de Arquitetura de Maria José Marques da Silva Martins
FIMS	FIMS/MSMS/1550	Caderno de Apontamentos da EBAP de

		Maria José Marques da Silva Martins
FIMS	FIMS/MSMS/1550-0004 FIMS/MSMS/1915-4074 FIMS/MSMS/1915-4081 FIMS/MSMS/1915-4076 FIMS/MSMS/1915-4073	Desenhos Académicos de Maria José Marques da Silva Martins na EBAP 1933/1934 – 1º Ano – 1ª Cadeira – 1ª parte
FIMS	FIMS/MSMS/3807	Desenhos Académicos de Maria José Marques da Silva Martins na EBAP 1933/1934 – 1º Ano – 2ª Cadeira – 1ª parte
FIMS	FIMS/MSMS/3129 FIMS/MSMS/3275 FIMS/MSMS/3808	Desenhos Académicos de Maria José Marques da Silva Martins na EBAP 1933/1934 – 1º Ano – 3ª Cadeira – 1ª parte
FIMS	FIMS/MSMS/1913-3278 FIMS/MSMS/ 1913-0071 FIMS/MSMS/1913-04072 FIMS/MSMS/1913-04073 FIMS/MSMS/1913-4073 FIMS/MSMS/1913-4314	Desenhos Académicos de Maria José Marques da Silva Martins na EBAP 1933/1934 – 1º Ano – 8ª Cadeira – 1ª parte
FIMS	FIMS/MSMS/1550-0003 FIMS/MSMS/1550-0005 FIMS/MSMS/1550-0022 FIMS/MSMS/1915-4078 FIMS/MSMS/ 1915-4077 FIMS/MSMS/1915-4079 FIMS/MSMS/1915-4082 FIMS/MSMS/ 1915-4084	Desenhos Académicos de Maria José Marques da Silva Martins na EBAP 1934/1935 – 2º Ano – 1ª Cadeira – 2ª parte
FIMS	FIMS/MSMS/3810	Desenhos Académicos de Maria José Marques da Silva Martins na EBAP 1934/1935 – 2º Ano – 3ª Cadeira – 2ª parte
FIMS	FIMS/MSMS/2054	Desenhos Académicos de Maria José

	FIMS/MSMS/ 1928-2598	Marques da Silva Martins na EBAP 1934/1935 – 2º Ano – 4ª Cadeira – 1ª parte
FIMS	FIMS/MSMS/2605-4561 FIMS/MSMS/ 2605-4565 FIMS/MSMS/2605-2605	Desenhos Académicos de Maria José Marques da Silva Martins na EBAP 1935/1936 – 3º Ano – 2ª Cadeira – 2ª parte
FIMS	FIMS/MSMS/1949-2595 FIMS/MSMS/1949	Desenhos Académicos de Maria José Marques da Silva Martins na EBAP 1935/1936 – 3º Ano – 4ª Cadeira – 2ª parte
FIMS	FIMS/MSMS/ 1935- 2591	Desenhos Académicos de Maria José Marques da Silva Martins na EBAP 1935/1936 – 3º Ano – 4ª Cadeira
FIMS	FIMS/MSMS/1934-04337 FIMS/MSMS/1934-4333 FIMS/MSMS//1934-4336 FIMS/MSMS/1934-4334 FIMS/MSMS/1934-2586 FIMS/MSMS/1934-2586 FIMS/MSMS/1940-2589 FIMS/MSMS/1940- 2580 FIMS/MSMS/2291-2604 FIMS/MSMS/2291-2587 FIMS/MSMS/1946-4595 FIMS/MSMS/1946-4348 FIMS/MSMS/1946-2597 FIMS/MSMS/1937-0005 FIMS/MSMS/1937-2031 FIMS/MSMS/1937-2608 FIMS/MSMS/1937-2034 FIMS/MSMS/1937-2048	Desenhos Académicos de Maria José Marques da Silva Martins na EBAP 1936/1937 – 4º Ano – 4ª Cadeira – 3ª parte
FIMS	FIMS/MSMS/1932-2606	Desenhos Académicos de Maria José

	FIMS/MSMS/1932-2607	Marques da Silva Martins na EBAP 1936/1937 – 4º Ano – 14ª Cadeira – 2ª parte
FIMS	FIMS/MSMS/ 1950-4576 FIMS/MSMS/1950-4578 FIMS/MSMS/1950-3263 FIMS/MSMS/ 1950-3263	Desenhos Académicos de Maria José Marques da Silva Martins na EBAP 1937/1938 – 1º Período - 4º cadeira – 4ª parte
FIMS	FIMS/MSMS/1942-4325 FIMS/MSMS/1942-2599 FIMS/MSMS/1942-2603	Desenhos Académicos de Maria José Marques da Silva Martins na EBAP 1937/1938 – 2º Período
FIMS	FIMS/MSMS/1921-2592	Desenhos Académicos de Maria José Marques da Silva Martins na EBAP 1937/1938 – 3º Período – 4ª cadeira – 4ª parte
FIMS	FIMS/MSMS/1953-4591 FIMS/MSMS/1953-2588	Desenhos Académicos de Maria José Marques da Silva Martins na EBAP 1937/1938 – 4º Período – 10ª cadeira – 2ª parte
FIMS	FIMS/MSMS/1933-2587 FIMS/MSMS/1933-2594 FIMS/MSMS/1933-2594	Desenhos Académicos de Maria José Marques da Silva Martins na EBAP 1938/1939 – 1º Período
FIMS	FIMS/MSMS/2583 FIMS/MSMS/3555 FIMS/MSMS/1928-2598	Programas dos Concursos/Exames em que participou Maria José Marques da Silva Martins na EBAP Curso Especial de Arquitetura Entrada principal de um Campo Desportivo Ano Letivo de 1934/35 2º Ano – 4ª cadeira – 1ª parte
FIMS	FIMS/MSMS/2605-2605 FIMS/MSMS/3555	Programas dos Concursos/Exames em que participou Maria José Marques da Silva Martins na EBAP Curso Especial de Arquitetura Uma Coluna Decorativa

		Ano Letivo de 1935/36 2º Ano – 4ª cadeira – 1ª parte
FIMS	FIMS/MSMS/ 1949-2595 FIMS/MSMS/3555 FIMS/MSMS/1935-2591	Programas dos Concursos/Exames em que participou Maria José Marques da Silva Martins na EBAP Curso Especial de Arquitetura Uma Coluna Decorativa Ano Letivo de 1935/36 3º Ano – 4ª cadeira – 2ª parte
FIMS	FIMS/MSMS/1935-2591 FIMS/MSMS/3555	Programas dos Concursos/Exames em que participou Maria José Marques da Silva Martins na EBAP Curso Especial de Arquitetura Uma Coluna Decorativa Ano Letivo de 1935/36 3º Ano – 4ª cadeira – 2ª parte
FIMS	FIMS/MSMS/1943-2586 FIMS/MSMS/3555 FIMS/MSMS/1940-2589 FIMS/MSMS/1940-2580 FIMS/MSMS/1937-2597 FIMS/MSMS/1975-2609 FIMS/MSMS/1937-2593 FIMS/MSMS/1937-2608 FIMS/MSMS/ 1937-2600 FIMS/MSMS/1947-2606	Programas dos Concursos/Exames em que participou Maria José Marques da Silva Martins na EBAP Curso Especial de Arquitetura Uma Casa Oficina de um Artista Pintor Ano Letivo de 1936/37 4º Ano – 4ª cadeira – 3ª parte
FIMS	FIMS/MSMS/1950-3263 FIMS/MSMS/1950-2791 FIMS/MSMS/3555	Programas dos Concursos em que participou Maria José Marques da Silva Martins na EBAP Curso Superior de Arquitetura Um Baptistério Ano Letivo de 1937/38 1ª Menção 1º Período – 4ª cadeira – 4ª parte
FIMS	FIMS/MSMS/1942-2599 FIMS/MSMS/1942-2603 FIMS/MSMS/3555	Programas dos Concursos em que participou Maria José Marques da Silva Martins na EBAP Curso Superior de

		Arquitetura Um Museu Histórico – 1ª Medalha Ano Letivo de 1937/38 1ª Medalha 2º Período – 4ª cadeira – 4ª parte
FIMS	FIMS/MSMS/1921-2592 FIMS/MSMS/3555	Programas dos Concursos em que participou Maria José Marques da Silva Martins na EBAP Curso Superior de Arquitetura Um Parque e Esplanada de um Templo de Peregrinação 2ª medalha Ano Letivo de 1937/38 3º Período
FIMS	FIMS/MSMS/1953-2588	Programas dos Concursos em que participou Maria José Marques da Silva Martins na EBAP Curso Superior de Arquitetura Ano Letivo de 1937/38 Projeto de Restauro de Igreja Demolida 1ª Menção 4º Período
FIMS	FIMS/MSMS/1933-2594 FIMS/MSMS/3555	Programas dos Concursos em que participou Maria José Marques da Silva Martins na EBAP Curso Superior de Arquitetura Ano Letivo de 1938/39 Uma Igreja Paroquial 2ª Medalha 1º Período
FIMS	FIMS/MSMS/3989 FIMS/MSMS/3989 – pd0037 FIMS/MSMS/3989-pd0037D FIMS/MSMS/3989-pd0037A FIMS/MSMS/3989–pd0037B FIMS/MSMS/3989pd-0037C FIMS/MSMS/3989-pd0038 FIMS/MSMS/3989-0003 FIMS/MSMS/3989-pd0022	Tirocínio realizado por Maria José Marques da Silva Martins sob orientação do arquiteto José Marques da Silva de 1939 a 1943

	FIMS/MSMS/3989-pd0013 FIMS/MSMS/3989 -pd0016 FIMS/MSMS/0149	
FIMS	FIMS/MSMS/4389	Curriculum Vitae de MJMSM
FIMS	FIMS/MSMS/1954	Esbocetos de MJMSM
FIMS	FIMS/MSMS/1540 FIMS/MSMS/1603 FIMS/MSMS/2088	Trabalho académico intitulado "A Casa – oficina das Rendilheiras" integrado no projeto para a obtenção do diploma de arquiteta.
FIMS	FIMS/MSMS/1596	Apontamentos de MJMSM
FIMS	FIMS/MSMS/1550	Caderno de apontamentos de MJMSM
FIMS	FIMS/MSMS/3920	Inscrição de MJMSM como Técnico da CMP e Gondomar 1994/95
FIMS	FIMS/MSMS/4384	Carta de DMS para JMS

Fontes Diversas – David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins

Arquivo	**Fontes**	**Descrição**
FIMS	FIMS/MSMS/0681	Certidão de Casamento na Igreja de Santa Clara de Vila do Conde, no dia 8 de Setembro de 1943. ACP- Registo de Nascimento Nº 1629, fl. 812, Averbamento no 1 e Assento de óbito nº 330. Assento de Casamento nº 407
FIMS	FIMS/MSMS/4224	Apontamentos de Trabalho
FIMS	FIMS/MSMS/4397 a 4401	Generalidades (programa, informação, visitas às fazendas) sobre o 1º Cruzeiro de Férias às Colónias Portuguesas.- 1935
FIMS	FIMS/MSMS/4224	Imposto profissional, proposta Anteplano Geral de Urbanização de Cacia-Sarrazola, urbanização de Coimbra (De Groer) …

		Programa de construção da igreja paroquial do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa
FIMS	FIMS/MSMS/4237	Notícia de jornal, bilhetes de Viagem no paquete Angola, documento consulado britânico, fotografias passe, viagem da Madeira para Lisboa, correspondência com De Groer sobre a urbanização de Luanda
FIMS	FIMS/MSMS/3975	Centro Social José Moreira da Silva e Lucinda Alves da Silva, doação da casa de família no lugar da Guarda, Moreira da Maia à C.M. da Maia para Centro Social – Lar de 3ª Idade e Infantário
FIMS	FIMS/MSMS/4315-0023.1 e 0023.2	Documento no qual o ateliê fornece relevantes informações sobre a importância do edifício para a valorização urbana e outras como os materiais utilizados, o número de pisos, as funcionalidades, o tipo de energia utilizada

Congressos em que David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins participaram

Arquivo	Fontes	Descrição
FIMS	FIMS/MSMS/4407	1º Congresso Nacional de Arquitetura de 1948 – Relatório do C. Executivo
FIMS	FIMS/MSMS/4484 FIMS/MSMS/4355 FIMS/MSMS/4356 FIMS/MSMS/4357 FIMS/MSMS/4371	Congressos

Agendas

Arquivo	Fontes	Descrição
FIMS	FIMS/MSMS/1367	Agendas de Maria José Marques
FIMS	FIMS/MSMS/1516	Agendas/blocos dos arquitetos que trabalharam entre 1946 a 1950 [arquiteto Eduardo R. Matos, José Carlos Loureiro de 1946, Fernando d'Oliveira, Manuel Pizarro Monteiro, Madureira
FIMS	FIMS/MSMS/3842	Agendas e livrinhos de D. Júlia Marques da Silva, de David Moreira da Silva, 1936 a 1999

Agendas/ Pagamentos a Arquitetos

Arquivo	Fontes	Descrição
FIMS	FIMS/MSMS/1516	Registo de trabalhos dos arquitetos: Ângelo Bastos Peres, Fernando António Pereira, Américo Alves, Madureira, Domingos José da Silva, Fernando

		Oliveira, Guilherme Correia dos Santos, Domingos José da Silva Aroso, José Carlos Loureiro, Eduardo R. Matos, Afonso Martins Moutinho, Manuel Pizarro Monteiro, Fernando Resende Lanhas, Acácio Antero de Magalhães Brochado.
FIMS	FIMS/MSMS/3871 FIMS/MSMS/3932 FIMS/MSMS/4451 FIMS/MSMS/4454 FIMS/MSMS/4021 FIMS/MSMS/3933 FIMS/MSMS/3916 FIMS/MSMS/4471 FIMS/MSMS/4466 FIMS/MSMS/4467	Pagamentos a Desenhadores

Fontes Exposição de 1953

Arquivo	**Fontes**	**Descrição**
FIMS	FIMS/MSMS/0044	Prédio no ângulo das Ruas Morgado Mateus e Visconde Bóbeda, Porto – arquiteto José Maria Moura da Costa. Exposição de 1953.
FIMS	FIMS/MSMS/0081	Palácio do Comércio, Porto – David Moreira da Silva /Maria José Marques da Silva Martins. Exposição de 1953.
FIMS	FIMS/MSMS/?	Residência na Póvoa de Varzim, David Moreira da Silva, Exposição de 1953.
FIMS	FIMS/MSMS/0094	David Moreira da Silva /Maria José Marques da Silva Martins. Exposição de

		1953.
FIMS	FIMS/MSMS/0097	Ante Projeto “Uma Casa de Chá”, Boa Nova, Matosinhos, 1952/53. David Moreira da Silva
FIMS	FIMS/MSMS/0114	Fábrica Triunfo, Coimbra – arqtº Alfredo Duarte Real Machado. Exposição de 1953.
FIMS	FIMS/MSMS/0118	Pousada do Marão, arqtº s Rogério de Azevedo/Januário Godinho. Exposição de 1953.
FIMS	FIMS/MSMS/0142	Prédio de Rendimento, Porto – arqtºs Fernando de Sá/Santos Ferreira. Exposição de 1953. arqtºs Fernando de Sá/Santos Ferreira. Exposição de 1953
FIMS	FIMS/MSMS/0144	Imóvel de Habitação na Rua Carlos Malheiro Dias, Porto – Arménio Losa/Cassiano Barbosa. Exposição de 1953
FIMS	FIMS/MSMS/0151	Prédio de Rendimento, Porto - arqtºs Fernando de Sá/Santos Ferreira. Exposição de 1953.
FIMS	FIMS/MSMS/0152	Casa de Habitação no Porto - arqtºs Fernando de Sá/Santos Ferreira. Exposição de 1953.
FIMS	FIMS/MSMS/1738	Imóvel de Rendimento Av. De Montevideu, Porto – arqtº Homero Ferreira Dias. Exposição de 1953.
FIMS	FIMS/MSMS/1680	Palácio do Comércio, Porto - David Moreira da Silva /Maria José Marques da Silva Martins. Exposição de 1953.
FIMS	FIMS/MSMS/1804	
FIMS	FIMS/MSMS/1817	Bloco de Habitações, Av,. Da Boavista,

FIMS	FIMS/MSMS/1822	Porto – arqtº Artur Almeida Júnior. Edifício de Rendimento Porto, - arqtºs Fernando de Sá/Santos Ferreira. Exposição de 1953.
FIMS	FIMS/MSMS/1804	
FIMS	FIMS/MSMS/1610	Pousada de Salamonde ext – arqtª Januário Godinho
FIMS	FIMS/MSMS/1611	Pousada de Venda Nova, arqtº Januário Godinho
FIMS	FIMS/MSMS/1676	Palácio do Comércio David Moreira da Silva /Maria José Marques da Silva Martins. Exposição de 1953
FIMS	FIMS/MSMS/1707	Edifício de Rendimento, rua de Stª Catarina, Porto – arqtº António Teixeira Lopes, Exposição de 1953

Fontes - Correspondência

Arquivo	Fontes	Descrição
FIMS	FIMS/MSMS/0398-0012	Telegrama enviado por?
FIMS	FIMS/MSMS/PostE0016 FIMS/MSMS/PostE0016v FIMS/MSMS/PostE0141 FIMS/MSMS/PostE 0141v	Correspondência de David Moreira da Silva aluno em Paris com o arquiteto José Moreira da Silva.
FIMS	FIMS/MSMS/0081	Carta de David Moreira da Silva a José Marques da Silva, Paris
FIMS	FIMS/MSMS/4384	Carta de DMS para D-JMS
FIMS	FIMS/MSMS/4229	Correspondência diversa entre DMS e Câmara Municipal de Guimarães, M.O.P

FIMS	FIMS/MSMS/4347 FIMS/MSMS/4347 – oficio 80-S	Correspondência de Guimarães Oficio dirigido pelo Vice-Presidente da Câmara Municipal de Guimarães José de Oliveira Pinto a DMS
FIMS	FIMS/MSMS/3941	Correspondência - Aveiro
FIMS	FIMS/MSMS/3936	Correspondência - Aveiro
FIMS	FIMS/MSMS/3906	Correspondência expedida e correspondência recebida relativas ao plano de urbanização - Aveiro
FIMS	FIMS/MSMS/3912	Correspondência expedida e correspondência recebida relativas ao plano de urbanização - Aveiro
FIMS	FIMS/MSMS/3913	Correspondência expedida e correspondência recebida relativas ao plano de urbanização - Aveiro
FIMS	FIMS/MSMS/3929	Correspondência trocada entre DMS e a Câmara Municipal de Aveiro relativas a construções em Aveiro
FIMS	FIMS/MSMS/3936	Correspondência trocada entre a Câmara Municipal de Aveiro e DMS relativo a arranjos urbanísticos em Aveiro
FIMS	FIMS/MSMS/3940	Correspondência trocada entre a Câmara Municipal de Aveiro e DMS relativo a arranjos urbanísticos em Aveiro
FIMS	FIMS/MSMS/3941	Correspondência trocada entre a Câmara Municipal de Aveiro e DMS relativo a arranjos urbanísticos em Aveiro
FIMS	FIMS/MSMS/3999	Correspondência expedida trocada entre DMS e a Câmara Municipal de Aveiro relativas a urbanismo e arquitetura em

		Aveiro
FIMS	FIMS/MSMS/4040	Correspondência recebida emitida pela Câmara de Aveiro
FIMS	FIMS/MSMS/4229	Correspondência Diversa Guimarães
FIMS	FIMS/MSMS/4272	Correspondência Guimarães
FIMS	FIMS/MSMS/4347	Correspondência diversa - Guimarães
FIMS	FIMS/MSMS/4303	Correspondência - Sameiro
FIMS	FIMS/MSMS/4233	Correspondência - Sameiro
FIMS	FIMS/MSMS/4302	Correspondência – Sociedade Martins Sarmento
FIMS	FIMS/MSMS/4145	SMS Projecto
FIMS	FIMS/MSMS/4352	Correspondência – Angola, Câmaras de: Malange; Benguela; Cidade de Sá da Bandeira; Robert Williams; V. Teixeira da Silva; Mampeza e outra; engº Pedro Lemos e outros, C. M Gabela
FIMS	FIMS/MSMS/0398-0009	Carta enviada por De Gröer ao eng.º Rogério Cavaca, diretor geral do ministério das Colónias, sobre a sua visita à exposição da Construção Colonial
FIMS	FIMS/MSMS/0398-0012	Carta timbrada de De Gröer a David Moreira da Silva, informando da realização em Lisboa da Exposição colonial, entre outros
FIMS	FIMS/MSMS/0398-0011	Carta timbrada de De Gröer a David Moreira da Silva, sobre a descrição do Plano de Urbanização de Luanda, solicitando a David que vá a Lisboa aquando da Exposição da Construção colonial
FIMS	FIMS/MSMS/4237 0032.2 ; 0034.1 ;	Processo de Angola Correspondência Luanda

	0034.2 ; 0010 ; 008.1 ;008.2 ;008.3 ;003 3.1 ; 0033.2 ;0033.3 ;0033.4 ; 0033.5 ; 0033.6 ;0033.7 ;0028.1 ; 0028.2 ; 0031 ;0027.1;0027.2 ;00. 20.1 ; 0020.2 ;0022 ;0019.2 ;00 18.1 ;0018.2 ;0018.3 ;00 7 ;0001 ;0005 ;0004 ; 0009 FIMS/MSMS/4237- pd0023 FIMS/MSMS/4237- pd0024 FIMS/MSMS/4237- pd0025 FIMS/MSMS/4641	
FIMS	FIMS/MSMS/2039- 4351-fl-0053;0036; fl- 0015; fl-0037;0038	Correspondência Funchal
FIMS	FIMS/MSMS/4086	Correspondência Funchal
FIMS	FIMS/MSMS/2039- 4351-fl- 0030;0031;0032;0033 FIMS/MSMS/1537-1.12- 1.13 FIMS/MSMS/2039- 4351-fl-0010	Correspondência Parque Stª Catarina Funchal
FIMS	FIMS/MSMS/2039-	Correspondência Hotel Savoy

	4351-fl-0100;0101-fl0075F-0076; fl-0065v-0065F-0066; fl0103-0103v; fl-0048	
FIMS	FIMS/MSMS/2039-4351	Correspondência para Eng. Paiva Brites
FIMS	FIMS/MSMS/4235	Correspondência Matosinhos
	FIMS/MSMS/4312	
	FIMS/MSMS/4309	
	FIMS/MSMS/4310	
	FIMS/MSMS/4293	

Fontes – Jornais

Jornais Madeirenses

Fontes
Índice de Jornais Madeirenses, nº 1, fls. Fls. 54v, 55, 62v e 63
gm@savoyresort.com
CAMACHO PEREIRA, João – Coleção de gravuras portuguesas. V série: Ilha da Madeira.
Lisboa, 1998, CBDM.
JUNTA AUTÓNOMA DAS OBRAS DO PORTO DO FUNCHAL – LEI Orgânica da Junta autónoma das Obras do Porto do Funchal. Funchal: typ., Bazar do Povo, 1914.
MACHADO, José Rafael Basto – Relatório da Delegação de Turismo da Madeira.
PEREIRA, Eduardo C. N. – As Ilhas de Zargo. 4ª Edição. Funchal: edição da Câmara Municipal
do Funchal/Centro de Estudos de História do Atlântico, 1989, 2 vols.
VIEIRA, Gilda França; FREITAS, António Aragão de – Madeira – Investigação Bibliográfica.
Fundo: Centro de Ciências, 3 vols. LO 018,

Jornais do Porto

Fontes
Comércio do Porto: 5/2/1941 – Quando serão arrasados os velhos barracões da Fundição do Bolhão? 16/2/1942 – Os terrenos da antiga Fundição do Bolhão foram arrematados por 2 mil contos e quinhentos escudos O Primeiro de Janeiro: 27/7/1943 – Projeta-se a construção de um edifício …. Jornal de Notícias: 27/3/1944 – Todos os prédios contíguos à antiga Fundição do Bolhão começaram a ser demolidos

Jornal de Guimarães

Fontes
Jornal Povo de Guimarães 10 h do dia 24/05/06 SMS reunião com o Presidente da SMS Dr. Amaro das Neves, Inês Sarmento, Mª José Meireles, engº Eduardo Ribeiro da CARI, Patrícia Aguiar (Técnica de restauro)

Fontes – Obras de Arquitetura

Núcleo Valença		
Arquivo	**Fontes**	**Documentos**
FIMS	FIMS/MSMS/3795 FIMS/MSMS/3795-pd0001	Adaptação de edifício a pastelaria e salão de chá

Núcleo Chaves		
Arquivo	**Fontes**	**Documentos**
FIMS	FIMS/MSMS/1973-pd4769	Largo do Arrabalde Remodelação do largo, arranjo público

FIMS	FIMS/MSMS/4770 FIMS/MSMS/4771	Largo do Arrabalde
FIMS	FIMS/MSMS/3797-pd0001 FIMS/MMSS73797-pd0002	Casa na Avenida da Muralha

Núcleo Montalegre		
Arquivo	**Fontes**	**Documentos**
FIMS	FIMS/MSMS/3959-0001; 0002; 0003; 0004; 0005; 0006; 0007;0008; 0009; 0010; 0021;0022; 0023; 0024; 0025; 0026; 0027;0028	Paço de Vilar Perdizes

Núcleo Vieira do Minho		
Arquivo	**Fontes**	**Documentos**
FIMS	FIMS/MSMS/4039 FIMS/MSMS/4269 FIMS/MSMS/4039-4269-pd0018; 0022; 0023; 0024; 0025; 0026; 0027; 0028; 0029; 0030; 0031	Adega Vieira

Núcleo Braga		
Arquivo	**Fontes**	**Documentos**
FIMS	FIMS/MSMS/2075-pd7340; 7342; 7343; 7344; FIMS/MSMS/pd0004 FIMS/MSMS/3994	Largo Infias
FIMS	FIMS/MSMS/4390 FIMS/MSMS/4240 FIMS/MSMS/4249	Sameiro Avenida do Padre Martinho e Cruzeiro Monumental.

FIMS	FIMS/MSMS/4390 FIMS/MSMS/4170	Monumentos à Virgem e ao Sagrado Coração de Jesus
FIMS	FIMS/MSMS/4390	Monumento ao Papa Pio XI
FIMS	FIMS/MSMS/4390 FIMS/MSMS/4245	Porta dos Doutores Marianos
FIMS	FIMS/MSMS/4390 FIMS/MSMS/4139 FIMS/MSMS/4169 FIMS/MSMS/4247 FIMS/MSMS/4177	Escadório Monumental Obras complementares do Escadório Monumental 3ª fase, peças desenhadas 4ª e última fase
FIMS	FIMS/MSMS/4390	Monumento ao padre Martinho
FIMS	FIMS/MSMS/4390	Só Projeto da Porta do Acolhimento
FIMS	FIMS/MSMS/4390 FIMS/MSMS/4184 FIMS/MSMS/4240 FIMS/MSMS/4182	Cripta e altar Campal Regularização dos pavimentos interiores sobre a cripta da Basílica e anexos 1ª fase
FIMS	FIMS/MSMS/4173	Aditamento Projeto da Grande Esplanada e Cripta (2ª fase)
FIMS	FIMS/MSMS/4390 FIMS/MSMS/4022 FIMS/MSMS/4222	Centro Apostólico
FIMS	FIMS/MSMS/4390	Cripta e altar campal, aditamento, em construção (ainda em 1977)
FIMS	FIMS/MSMS/4022	Projeto do Centro Apostólico
FIMS	FIMS/MSMS/3978	Minuta, caderno de encargos serralharia
FIMS	FIMS/MSMS/4242	Esplanada e Altar Campal
FIMS	FIMS/MSMS/4178	Túnel sob escadório

		Monumental
FIMS	FIMS/MSMS/4205	Projeto das Escadas de Ligação da Nave à Cripta, projeto do relicário do padre Martinho, Planta de localização da escadaria interior entre a basílica e cripta, altar da cripta.
FIMS	FIMS/MSMS/4240	Construção de 2 capelas laterais do Templo de Nª Srª do Sameiro Fundição em Bronze de motivos arquitetónicos pª as Capelas Laterais
FIMS	FIMS/MSMS/4240 FIMS/MSMS/4244	Anteprojeto do Edifício para a colónia Infantil de Nª Srª do Sameiro
FIMS	FIMS/MSMS/4171	Muro de suporte do Adro
FIMS	FIMS/MSMS/4241	Projeto do túnel sob o escadório
FIMS	FIMS/MSMS/4205 FIMS/MSMS/4181	Obras complementares de pedreiro e marmorista Pedreiro
FIMS	FIMS/MSMS/4245 FIMS/MSMS/4170	Porta dos 4 doutores da Igreja Monumentos à Virgem e ao Sagrado Coração de Jesus
FIMS	FIMS/MSMS/4168	?
FIMS	FIMS/MSMS/4180	Desenhos do Mobiliário do centro apostólico do Sameiro
FIMS	FIMS/MSMS/3978 FIMS/MSMS/4022 FIMS/MSMS/4134 FIMS/MSMS/4113 FIMS/MSMS/4132 FIMS/MSMS/4133	Santuário do Sameiro

	FIMS/MSMS/4135	
	FIMS/MSMS/4136	
	FIMS/MSMS/4137	
	FIMS/MSMS/4138	
	FIMS/MSMS/4175	
	FIMS/MSMS/4139	
	FIMS/MSMS/4172	
	FIMS/MSMS/4173	
	FIMS/MSMS/4178	
	FIMS/MSMS/4186	
	FIMS/MSMS/4205	
	FIMS/MSMS/4240	
	FIMS/MSMS/4246	
	FIMS/MSMS/4247	
	FIMS/MSMS/4249	
	FIMS/MSMS/4390	
	FIMS/MSMS/4170	
	FIMS/MSMS/4171	
	FIMS/MSMS/4177	
	FIMS/MSMS/4180	
	FIMS/MSMS/4179	
	FIMS/MSMS/4181	
	FIMS/MSMS/4184	
	FIMS/MSMS/4186	
	FIMS/MSMS/4187	
	FIMS/MSMS/4183	
	FIMS/MSMS/4185	
	FIMS/MSMS/4243	
	FIMS/MSMS/4391	
	FIMS/MSMS/1949-pd4561	
FIMS	FIMS/MSMS/1977	SAMEIRO
	FIMS/MSMS/1977-pd4837	Peças Desenhadas

FIMS/MSMS/1977-pd4838	
FIMS/MSMS/1977-pd4839	Fachada Sudoeste
FIMS/MSMS/1977-pd4844	Corte
FIMS/MSMS/1977-pd4846	Corte
FIMS/MSMS/1977-pd4847	
FIMS/MSMS/1977-pd4848	Fachada sudeste
FIMS/MSMS/1977-pd4849	Fachada Nordeste
FIMS/MSMS/1977-pd4852	
FIMS/MSMS/1977-pd4853	Obra de marmorista
FIMS/MSMS/1977-pd4854	Corte transversal da capela
FIMS/MSMS/1977-pd4855	Grades de Ferro e escada de
FIMS/MSMS/1977-pd4856	acesso ao 1.º subsolo
FIMS/MSMS/1977-pd4857	Balaustra do coro
FIMS/MSMS/1977-pd4858	Grades do Átrio
FIMS/MSMS/1977-pd4859	Corte transversal da capela
FIMS/MSMS/1977-pd4859	Corte Central da fachada
FIMS/MSMS/1977-pd4860	nordeste
FIMS/MSMS/1977-pd4862	Pavimentação do claustro do 1.º
FIMS/MSMS/1977-pd4863	andar do corpo n.º 2
FIMS/MSMS/1977-pd4864	
FIMS/MSMS/1977-pd4865	Plantas de localização
FIMS/MSMS/4865	
FIMS/MSMS/4863	
FIMS/MSMS/4848	
FIMS/MSMS/4561	
FIMS/MSMS/4830	
FIMS/MSMS/4832	
FIMS/MSMS/4862	
FIMS/MSMS/4846	
FIMS/MSMS/4856	
FIMS/MSMS/4857	
FIMS/MSMS/4837	
FIMS/MSMS/4838	

	FIMS/MSMS/4847 FIMS/MSMS/4844 FIMS/MSMS/4955 FIMS/MSMS/4839 FIMS/MSMS/4855 FIMS/MSMS/4839 FIMS/MSMS/4864 FIMS/MSMS/4859 FIMS/MSMS/4853 FIMS/MSMS/4869 FIMS/MSMS/4870 FIMS/MSMS/4871 FIMS/MSMS/4875 FIMS/MSMS/4876 FIMS/MSMS/4877 FIMS/MSMS/4878 FIMS/MSMS/4879 FIMS/MSMS/4880 FIMS/MSMS/4881 FIMS/MSMS/4883 FIMS/MSMS/1337 FIMS/MSMS/4878	
FIMS	FIMS/MSMS/1899/4205-pd0036	Planta da Escadaria entre a Basílica e a Cripta, braga 1978
FIMS	FIMS/MSMS/1899/4205-pd0037	Projeto do altar da cripta, braga 1978
FIMS	FIMS/MSMS/1899/4180-0488	Centro apostólico do santuário do Sameiro, mobiliário, 1968
FIMS	FIMS/MSMS/1899/4180-0035	Projeto mobiliário centro apostólico do Sameiro, barga 1968
FIMS	FIMS/MSMS/1899-pd07984	Projeto da grande cripta e do

	FIMS/MSMS/1899-pd0034	altar-campal, 1973
FIMS	FIMS/MSMS/1899-pd04878	Projeto centro apostólico do Sameiro, braga 1966
FIMS	FIMS/MSMS/4140 FIMS/MSMS/4390 FIMS/MSMS/2351	Casa Vilaça

Núcleo Barcelos		
Arquivo	**Fontes**	**Documentos**
FIMS	FIMS/MSMS/1990 FIMS/MSMS/pd4087	Alcaides de Faria
FIMS	FIMS/MSMS/0149 FIMS/MSMS/0149-pd0001; pd0013; pd0016; pd0018; pdoo37; pd0038 FIMS/MSMS/2287-f10; f10v; f30; f30v;f31; f31v FIMS/MSMS/3989	Barjona de Freitas
FIMS	FIMS/MSMS/1991 FIMS/MSMS/1991-05089	Jardim na Quinta de Cantim
FIMS	FIMS/MSMS/1990 FIMS/MSMS/05061; 05062; 05063; 05065; 05067; 05069; 05070; 05071; 05072; 05073; 05074; 05076; 05080; 05081; 05082; 05084	Quinta de Santa Maria
FIMS	FIMS/MSMS/4130	Esplanada sobre o Cávado
FIMS	FIMS/MSMS/4000	Moradias em Airó
FIMS	FIMS/MSMS/4222 FIMS/MSMS/4222-pd0001	Via de acesso ao estádio

Núcleo da Vila de Valongo		
Arquivo	**Fontes**	**Documentos**
FIMS	FIMS/MSMS/3957	Paços do Concelho
	FIMS/MSMS/3957-pd0001;	
	0004; 0005; 0006; 0007	
	FIMS/MSMS/3958	
	FIMS/MSMS/4390	

Núcleo Póvoa de Varzim		
Arquivo	**Fontes**	**Documentos**
FIMS	FIMS/MSMS/4108	Moradia na Praia
	FIMS/MSMS/4110	
	FIMS/MSMS/4390	
	FIMS/MSMS/3895	
	FIMS/MSMS/4350	
	FIMS/MSMS/1864-pd4412	

Núcleo Ribeira da Pena		
Arquivo	**Fontes**	**Documentos**
FIMS	FIMS/MSMS/pd04038 FIMS/MSMS/pd04039 FIMS/MSMS/pd04041	Chafarizes no campo da Feira

Núcleo Guimarães		
Arquivo	**Fontes**	**Documentos**
FIMS	FIMS/MSMS/4390	Sociedade Martins Sarmento
	FIMS/MSMS/4302	
	FIMS/MSMS/4260	
	FIMS/MSMS/4143	
	FIMS/MSMS/4144	
	FIMS/MSMS/4145	
	FIMS/MSMS/3973	
	FIMS/MSMS/pd02651	

	FIMS/MSMS/pd02670 FIMS/MSMS/0462 FIMS/MSMS/0463 FIMS/MSMS/0464 FIMS/MSMS/0465 FIMS/MSMS/0466 FIMS/MSMS/0467 FIMS/MSMS/0468 FIMS/MSMS/0121 FIMS/MSMS/0124 FIMS/MSMS/0126 FIMS/MSMS/0393 FIMS/MSMS/0394 FIMS/MSMS/04045 FIMS/MSMS/1337-pd00001 FIMS/MSMS/1337-pd00002 FIMS/MSMS/1337-pd00003 FIMS/MSMS/1337-pd00004 FIMS/MSMS/1337-pd00005 FIMS/MSMS/1337-pd02651; 02670; 04878	
FIMS	FIMS/MSMS/4390 FIMS/MSMS/4229 FIMS/MSMS/1855-4136- pd0018; FIMS/MSMS/1855- 4136-pd0019; FIMS/MSMS/1855-4136- pd0020; FIMS/MSMS/1855- 4136-pd0021; FIMS/MSMS/1855-4136- pd0022; FIMS/MSMS/1855- 4136-pd0023;	Mercado de Guimarães

	FIMS/MSMS/1855-4136- pd0025 FIMS/MSMS/1885-pd0006 FIMS/MSMS/pd02288; 02334	
FIMS	FIMS/MSMS/1074-pd04775; 04777; 04778; 04782; 04784; 04772; 04774 FIMS/MSMS/1525-4448- pd0001; 0002; 0003 FIMS/MSMS/4340	GNR S. Torcato
FIMS	FIMS/MSMS/4083 FIMS/MSMS/3813-4083- pd0162 FIMS/MSMS/3813-4083- pd0163 FIMS/MSMS/3813-4083- pd0164 FIMS/MSMS/3813-4083- pd0165 FIMS/MSMS/0396 FIMS/MSMS/4006 FIMS/MSMS/4007 FIMS/MSMS/4235 FIMS/MSMS/4390 FIMS/MSMS/3813	Miradouro Penha
FIMS	FIMS/4340 FIMS/MSMS/ 4080 FIMS/MSMS/1525/4080- pd0012; 0013; 0014; 0015 FIMS/MSMS/4340	Igreja de S. Torcato
FIMS	FIMS/MSMS/3813 FIMS/MSMS/3813-pd0006	Monumento Pio

FIMS	FIMS/MSMS/3813/4083-0165; 0166; 0164; 0163; 0162 FIMS/MSMS/4083	Miradouro – Abrigo de António Lima

Núcleo Amarante		
Arquivo	**Fontes**	**Documentos**
FIMS	FIMS/MSMS/3966	Prédio de Rendimento
	FIMS/MSMS/3962	Supermercado Domus

Núcleo Maia		
Arquivo	**Fontes**	**Documentos**
FIMS	FIMS/MSMS/1994-05150; 05151; 05152; 05153; 05154; 05157; 05158; 05159; 05160; 05163; 05168; 05169; 05170; 05171; 05172; 05173	Cineteatro Projeto do quartel 1ª Fase
FIMS	FIMS/MSMS/3795 FIMS/MSMS/3795-pd0001	Garagem privada – Lugar do Carvalhinho
FIMS	FIMS/MSMS/4270 FIMS/MSMS/4270-pd0005	Garagem – Lugar da Guarda
FIMS	FIMS/MSMS/4106 FIMS/MSMS/4350 FIMS/MSMS/3913-4106-pd0011 FIMS/MSMS/3913-4106-pd0012 FIMS/MSMS/3913-4106-pd0005	Quinta da Balsa
FIMS	FIMS/MSMS/4122 FIMS/MSMS/4390 FIMS/MSMS/1980-4923	Oficina de confeção de acessórios para escritório

	FIMS/MSMS/1980-4925 FIMS/MSMS/1980-4931 FIMS/MSMS/1981-4997	
	FIMS/MSMS/4129 FIMS/MSMS/3939-4129-pd0010; 0011; 0012; 0013; 0014	Habitação na Quinta da Balsa
FIMS	FIMS/MSMS/ 3799-pd0001; 0002; 0003; 0004; 0005; 0006	S.C.P.O.P.P
FIMS	FIMS/MSMS/1529 FIMS/MSMS/4231 FIMS/MSMS/3975	Centro Social

Núcleo Matosinhos		
Arquivo	**Fontes**	**Documentos**
FIMS	FIMS/MSMS/3964 FIMS/MSMS/4204 FIMS/MSMS/4235 FIMS/MSMS/4309 FIMS/MSMS/4310 FIMS/MSMS/4312 FIMS/MSMS/4293 FIMS/MSMS/4268	Casa para Delmina Sotto Mayor Leça do Balio
FIMS	FIMS/MSMS/4390 FIMS/MSMS/0097	Casa de chá da Boa Nova Leça da Palmeira
FIMS	FIMS/MSMS/1859 FIMS/MSMS/1859-pd04351; 04352; 04354; 04355; 04359; 04361; 04362; 04368; 04371; 04380; 04384; 04388 e 04389 FIMS/MSMS/2092 FIMS/MSMS/2092-pd0006 FIMS/MSMS/2092-pd0008 FIMS/MSMS/4204	Casas de renda económica - Cruz de Pau e Gondim

	FIMS/MSMS/4205	
	FIMS/MSMS/2023	
FIMS	FIMS/MSMS/4390	Padrão Comemorativo
	FIMS/MSMS/4390	Acesso à ponte Leixões
	FIMS/MSMS/4364	
	FIMS/MSMS/4365	
	FIMS/MSMS/4367	
FIMS	FIMS/MSMS/4390	Parry & Son
	FIMS/MSMS/1929	
	FIMS/MSMS/1929-pd5630	
	FIMS/MSMS/1929-pd5631	
	FIMS/MSMS/1929-pd5632	
	FIMS/MSMS/1929-pd5633	
	FIMS/MSMS/1929-pd5636	

Núcleo S. Mamede Infesta		
Arquivo	**Fontes**	**Documentos**
FIMS	FIMS/MSMS/3801	Novinco - Fábrica

Núcleo Porto		
Arquivo	**Fontes**	**Documentos**
FIMS	FIMS/MSMS/3949	Bloco misto em Gondarém
	FIMS/MSMS/3950	
	FIMS/MSMS/3951	
	FIMS/MSMS/3952	
	FIMS/MSMS/3953	
	FIMS/MSMS/3954	
	FIMS/MSMS/3955	
	FIMS/MSMS/3956	
	FIMS/MSMS/4025	
	FIMS/MSMS/4026	
	FIMS/MSMS/4027	
	FIMS/MSMS/4028	

	FIMS/MSMS/4029 FIMS/MSMS/4030 FIMS/MSMS/4031 FIMS/MSMS/4032 FIMS/MSMS/4033 FIMS/MSMS/4036 FIMS/MSMS/4037 FIMS/MSMS/4038 FIMS/MSMS/4113	
FIMS	FIMS/MSMS/2508	Serralves
FIMS	FIMS/MSMS/ 3802	Pedro Hispano
FIMS	FIMS/MSMS/3960 FIMS/MSMS/4390	Nossa Senhora de Fátima
FIMS	FIMS/MSMS/4001-0001 até 0016 FIMS/MSMS/4001-pd0001; 0002; 0003; 0004; 0005; 0006; 0007	Povo Portuense
FIMS	FIMS/MSMS/4107 FIMS/MSMS/4390	Moradia Rua da Constituição
FIMS	FIMS/MSMS/3965 FIMS/MSMS/4390	Prédio na Rua da Constituição
FIMS	FIMS/MSMS/1324-pd0050 FIMS/MSMS/pd07977; FIMS/MSMS/pd07978	Arranjo do Adro da Igreja Nossa Senhora da Conceição
FIMS	FIMS/MSMS/4262; FIMS/MSMS/4390 FIMS/MSMS/1324-pd0001; FIMS/MSMS/pd-7934; FIMS/MSMS/1324-pd0003	Patronato dos Pobrezinhos
FIMS	FIMS/MSMS/0389;0476; 0551; 1198; 1529; 2478; 1533	Palácio do Comércio

	FIMS/MSMS/1519-pd0007; 0008;0009;0011;0012; 0026; 0027;0029; 0033	
FIMS	FIMS/MSMS/4109 FIMS/MSMS/4109-pd0016 FIMS/MSMS/4350	Apartamento Vinagre
FIMS	FIMS/MSMS/4118 FIMS/MSMS/4119 FIMS/MSMS/4120 FIMS/MSMS/4390 FIMS/MSMS/3892	SCPOPP - edifício
FIMS	FIMS/MSMS/ 3800	Academia Moreira da Silva
FIMS	FIMS/MSMS/1987-pd0001	Glorieta
FIMS	FIMS/MSMS/1988-3961-0015; 0016; 0017; 0018; 0019; 0020 FIMS/MSMS/3963 FIMS/MSMS/4390 FIMS/MSMS/1988-4070-007; 008; 009; 010; 011; 012; 013; 014 FIMS/MSMS/1988 – 05017; 05020; 05023; 05024; 05025; 05026; 05027; 05028; 05030; 05032; 05036; 05037; 05039; 05040; 05060	Edifício Miradouro
FIMS	FIMS/MSMS/4124	Padaria Cunha
FIMS	FIMS/MSMS/2577 FIMS/MSMS/2577-pd0001; 0002; 0006; 0010; 0013; 0018; 0019; 0020; 0021; 0023; 0029 FIMS/MSMS/4121 FIMS/MSMS/4117	Rua 31 de janeiro

FIMS	FIMS/MSMS/4123	Rua Latino Coelho
FIMS	FIMS/MSMS/4024 FIMS/MSMS/4390	Blocos Mistos na Rua Anselmo Braancamp
	FIMS/MSMS/4118 FIMS/MSMS/4119 FIMS/MSMS/4120 FIMS/MSMS/4390	Prédio na Rua Anselmo Braancamp
FIMS	FIMS/MSMS/1988-3961-0015; 0016; 0017; 0018; 0019; 0020 FIMS/MSMS/3963 FIMS/MSMS/4390 FIMS/MSMS/1988-4070-007; 008; 009; 010; 011; 012; 013; 014 FIMS/MSMS/1988 – 05017; 05020; 05023; 05024; 05025; 05026; 05027; 05028; 05030; 05032; 05036; 05037; 05039; 05040; 05060 FIMS/MSMS/4141 FIMS/MSMS/4158	Prédio de Rendimento na Rua da Fábrica
FIMS	FIMS/MSMS/2408 FIMS/MSMS/2409 FIMS/MSMS/2410 FIMS/MSMS/3590 FIMS/MSMS/3890 FIMS/MSMS/3934 FIMS/MSMS/4088 FIMS/MSMS/4089 FIMS/MSMS/4115 FIMS/MSMS/4206 FIMS/MSMS/4207	Rua Ferreira Borges

	FIMS/MSMS/4219 FIMS/MSMS/4354	
FIMS	FIMS/MSMS/ 3801 FIMS/MSMS/4128	Pavilhão Cicla Novinco – Palácio de Cristal
	FIMS/MSMS/4002	Projeto mostruário da Novinco
FIMS	FIMS/MSMS/4003-0001 a 00023	Garagem Nascimento
FIMS	FIMS/MSMS/4090	Monumento á Guerra Peninsular

Núcleo Gondomar		
Arquivo	**Fontes**	**Documentos**
FIMS	FIMS/MSMS/4005 FIMS/MSMS/4390 FIMS/MSMS/3796-pd0001	Casa Lusitana
FIMS	FIMS/MSMS/3794	Casa para Abel Pereira da Silva
FIMS	FIMS/MSMS/4258 FIMS/MSMS/4094 FIMS/MSMS/4100 FIMS/MSMS/4151 FIMS/MSMS/4255 FIMS/MSMS/4257 FIMS/MSMS/4258 FIMS/MSMS/4251 FIMS/MSMS/4252 FIMS/MSMS/4254 FIMS/MSMS/4250 FIMS/MSMS/4390 FIMS/MSMS/4095 FIMS/MSMS/4096 FIMS/MSMS/4097 FIM/MSMS/4098 FIMS/MSMS/4099 FIMS/MSMS/3411	Bloco Misto - Valbom

Núcleo São João da Madeira		
Arquivo	**Fontes**	**Documentos**
FIMS	FIMS/MSMS/4111 FIMS/MSMS/3918-4111-pd0013; 0014; 0015; 0016; 0006; 0007	Moradia unifamiliar para Barros Leite
	FIMS/MSMS/4390; FIMS/MSMS/4114; FIMS/MSMS/3918-4114-pd0098; 0099: 0107; 0108	Moradia para Santos Leite

Núcleo Aveiro		
Arquivo	**Fontes**	**Documentos**
FIMS	FIMS/MSMS/4449	Pórtico da feira
FIMS	FIMS/MSMS/4071 FIMS/MSMS/pd7873 FIMS/MSMS/pd7872	Fonte Luminosa

Núcleo Lisboa		
Arquivo	**Fontes**	**Documentos**
FIMS	FIMS/MSMS/3969 FIMS/MSMS/3972 FIMS/MSMS/3973 FIMS/MSMS/3974 FIMS/MSMS/3976 FIMS/MSMS/3970 FIMS/MSMS/3971 FIMS/MSMS/3775-3969	Centro Comercial Almirante Reis

Núcleo Setúbal		
Arquivo	**Fontes**	**Documentos**
FIMS	FIMS/MSMS/4261	Habitação

	FIMS/MSMS/4068-4261- pd0017; 0018; 0019	

Núcleo Funchal		
Arquivo	**Fontes**	**Documentos**
FIMS	FIMS/MSMS/ 4390 FIMS/MSMS/4351 FIMS/MSMS/2039-4351-0160; 0100; 0103F	Savoy-hotel
FIMS	FIMS/MSMS/4351-0044 FIMS/MSMS/4247 FIMS/MSMS/4240 FIMS/MSMS/4086 FIMS/MSMS/04018; 04019; 04026; 04029; 08540; 08541; 08542; 08544; 08545 FIMS/MSMS/Foto2027; 2028	Remodelação do casino
FIMS	FIMS/MSMS/4350 FIMS/MSMS/4351-0037 FIMS/MSMS/1537 FIMS/MSMS/4086 FIMS/MSMS/2039-4086 FIMS/MSMS/2039-4086-0024F a 0025V FIMS/MSMS/2039-4351-0020 FIMS/MSMS/2039-4351-0013; 0010 FIMS/MSMS/Foto2025; 2030;2034; 2023; 2024; 2027; 2028; 2032; 2031; 2029; 2026; 2035	Parque da cidade
FIMS	FIMS/MSMS/4084 FIMS/MSMS/4092	Avenida do Infante

	FIMS/MSMS/0252	
FIMS	FIMS/MSMS/4086 FIMS/MSMS/2039-4086	Praça do Município
FIMS	FIMS/MSMS/4092 FIMS/MSMS/3899-4092- pd04460; 0041; 0042; 0044; 0045; 0046; 0093	Porto do Funchal
FIMS	FIMS/MSMS/4350 FIMS/MSMS/4653 FIMS/MSMS/4653-pd5224; 5225; 5226; 5227; 5228; 5229; 5230; 5231; 5232; 5233; 5234; 5235; 5236; 5237; 5238; 5239; 5240; FIMS/MSMS/4351 FIMS/MSMS/2039-4351-0150F	Casa Paiva Brites

Núcleo Angola		
Arquivo	**Fontes**	**Documentos**
FIMS	FIMS/MSMS/4352 FIMS/MSMS/4352-pd0033; 0034	Edifício misto - Mampeza
FIMS	FIMS/MSMS/1122	Loteamento Palmira Santos
FIMS	FIMS/MSMS/4390 FIMS/MSMS/3952 FIMS/MSMS/3993 FIMS/MSMS/4004- fl17;18;19;28;29;30;31;32;33;34; 35; até fl53 FIMS/MSMS/4004-pd0001; 0002; 0003; 0004; 0005; 0006; 0007	Moradias geminadas

Fontes – Planos de Urbanização

Anteprojeto do Plano de Urbanização da Praia de Moledo do Minho	
Arquivo	**Fontes**
FIMS	FIMS/MSMS/4390
	FIMS/MSMS/2074
	FIMS/MSMS/2074-pd0004; 0009?, 0003; 0005; 0006; 0007; 0008
	FIMS/Monografias/DMS567/p.123

Anteplano de Urbanização de Chaves	
Arquivo	**Fontes**
FIMS	FIMS/MSMS/4390
	FIMS/MSMS/2612
	FIMS/MSMS/1973-pd4769; 4770; 4771

Anteplano de Urbanização das Termas do Gerês	
Arquivo	**Fontes**
FIMS	FIMS/MSMS/4390
	FIMS/MSMS/2616

Anteplano de Urbanização da Vila de Amares	
Arquivo	**Fontes**
FIMS	FIMS/MSMS/4390
	FIMS/MSMS/2613
	FIMS/MSMS/2095
	FIMS/Monografias/DMS567p.130

Anteplano de Urbanização de Caldas das Taipas	
Arquivo	**Fontes**
FIMS	FIMS/MSMS/4390
	FIMS/MSMS/4229
	FIMS/MSMS/4350
	FIMS/MSMS/2670-pd0001

Anteplano de Urbanização de Barcelos	
Arquivo	**Fontes**
FIMS	FIMS/MSMS/4390
	FIMS/MSMS/2618
	FIMS/MSMS/4536
	FIMS/Monografias/DMS567p.129

Anteplano de Urbanização de Caldas de Vizela	
Arquivo	**Fontes**
FIMS	FIMS/MSMS/3262
	FIMS/MSMS/2672-pd0001; 0002
	FIMS/MSMS/4061
	FIMS/MSMS/4229
	FIMS/Monografia/DMS657p.21

Anteprojeto do plano de Urbanização de Paredes	
Arquivo	**Fontes**
FIMS	FIMS/MSMS//4390
	FIMS/MSMS/2627

Anteplano de Urbanização de Valongo	
Arquivo	**Fontes**
FIMS	FIMS/MSMS/4390
	FIMS/MSMS/3957
	FIMS/MSMS/3958
	FIMS/MSMS/2611

Anteprojeto do plano de urbanização da Vila de Matosinhos	
Arquivo	**Fontes**
FIMS	FIMS/MSMS/4390

Anteplano de Urbanização de S. Jacinto	
Arquivo	**Fontes**
FIMS	FIMS/Monografias/DMS567
	FIMS/MSMS/4390

Anteplano de Urbanização da cidade de Aveiro	
Arquivo	**Fontes**
FIMS	FIMS/MSMS/4390
	FIMS/MSMS/2617
	FIMS/MSMS/2478
	FIMS/MSMS/2477
	FIMS/MSMS/3905
	FIMS/MSMS/3906
	FIMS/MSMS/3912
	FIMS/MSMS/3913
	FIMS/MSMS/3929
	FIMS/MSMS/3936
	FIMS/MSMS/3940
	FIMS/MSMS/3941
	FIMS/MSMS/3999
	FIMS/MSMS/4040
	FIMS/MSMS/pd7841
	FIMS/MSMS/pd7920
	FIMS/MSMS/pd8536
	FIMS/MSMS/pd8537
	FIMS/MSMS/Monografias/DMS567, fls. 111ª a 119

Anteplano de Urbanização (esboceto) da Cacia - Sarrazola	
Arquivo	**Fontes**
FIMS	FIMS/Monografias/DMS567, fl. 120
	FIMS/MSMS/4390

Anteprojeto do plano de urbanização da Vila de Águeda	
Arquivo	**Fontes**
FIMS	FIMS/MSMS/4390
	FIMS/MSMS/2034
	FIMS/MSMS/2615
	FIMS/MSMS/0988
	FIMS/MSMS/pd4038; 4039; 4041

Plano, arranjo e urbanização de Coimbra	
Arquivo	**Fontes**
FIMS	FIMS/MSMS/4390

Anteprojeto de Urbanização de Monte Real	
Arquivo	**Fontes**
FIMS	FIMS/MSMS/4390
	FIMS/Monografias/DMS567/p123

Anteplano de Urbanização da cidade de Elvas	
Arquivo	**Fontes**
FIMS	FIMS/MSMS/4390
	FIMS/MSMS/4082
	FIMS/MSMS/2614
	FIMS/MSMS/1956
	FIMS/Monografias/DMS657p.22

Plano de Urbanização de Luanda	
Arquivo	**Fontes**
FIMS	FIMS/MSMS/4237
	FIMS/MSMS/pd4641
	FIMS/MSMS/1122
	FIMS/MSMS/1122-pd7613; 7614; 7615; 7616; 7617; 7618; 7619; 7620; 7621; 7622; 7623
	FIMS/MSMS/4352

	FIMS/MSMS/4237
	FIMS/MSMS/1532
	FIMS/MSMS/1532-pd6114; 6115
	FIMS/MSMS/1944
	FIMS/MSMS/4237
	FIMS/Monografias/DMS567p.132

Anteprojeto do plano de urbanização da Vila de Gabela	
Arquivo	**Fontes**
FIMS	FIMS/MSMS/4390
	FIMS/MSMS/0211/0040
	FIMS/MSMS/0211/0043

Fontes – Entrevistas

Entrevistado	Data da Entrevista
Dr.ª Inês Sarmento	17 de outubro de 2005
Sr. Américo Costa (SCOPP)	22 de dezembro de 2005
Arqtº José Carlos Loureiro	5 de janeiro de 2006
Sr. Jorge Portela	1 de fevereiro de 2006
Dr.ª Inês Sarmento	29 de março de 2006
Sr. Jorge Portela	29 de outubro de 2009
Sr. Carlos Pinheiro Torres	6 de outubro de 2008
Engº Baptista Barros	31 de outubro de 2008
Arqtº Menéres	1 de novembro de 2008
Arqtº Madureira	4 de novembro de 2008
Arqtº Tasso de Sousa	5 de novembro de 2008

Fontes – Fotografias Pessoais / Académicas e Profissionais de DMS e MJMSM

Arquivo	Fontes	Fotografia
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1104	Casal Moreira da Silva, 1941
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1107	Família Moreira da Silva, 1941
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1135	Jantar do casal DMS/MJMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1255	Marques da Silva / DMS e MJMSM - Gerês, 1934
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1287	DMS num Claustro
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1288	DMS perto de uma igreja gótica
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1596	Foto de Maria José Marques da Silva
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1598	Foto de DMS, 1953
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1621	MJMS e DMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1698	
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1847	Casal Moreira da Silva
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1848	Jantar DMS/MJMS/JMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1855	MJMSM e DMS na casa D. Infante
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1908	DMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1948	S. Tomé e Príncipe
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1944	DMS, Luanda
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1950	Casa S. Tomé e Príncipe
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1951	Habitações de S. Tomé e Príncipe
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1952	DMS numa canoa Luanda
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1953	DMS numa canoa Lunda
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1954	DMS/MJMSM e amigos – Funchal
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1955	DMS – Luanda?
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1959	DMS num paquete rumo a Angola
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1962	DMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1965	DMS – aeródromo
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1966	DMS/MJMSM e amigos
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1968	DMS retrato?
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1969	DMS retrato

FIMS	FIMS/MSMS/Foto3501	MJMSM com colegas do curso de Arquitetura
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3424	MJMSM e professor Acácio Lino
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1682	
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0001	Casamento DMS/MJMSM e D. Júlia
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1103	Retrato JMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0002	Casamento de DMS com MJMSM
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0035	Foto de grupo MJMSM / DMS e colegas
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0036	JMS / D. Júlia / MJMSM e Beatriz
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0318	Casamento de DMS e MJMSM
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0406	D. Júlia
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0619	Medalha de JMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1041	MJMSM
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1104	Pais de DMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1006	MJMSM
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1107	Família de DMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1135	JMS / MJMSM e DMS num jantar
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1255	JMS /MJMSM e DMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto6007	MJMSM
FIMS	FIMS/MSMS/Foto6008	D. Júlia
FIMS	FIMS/MSMS/Foto6012	DMS, 1943
FIMS	FIMS/MSMS/Foto6013	MJMSM
FIMS	FIMS/MSMS/Foto6014	MJMSM, 1943
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3745	Diplomas - DMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1609	
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0114	Fotografia de MJMSM
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0114v	Verso da fotografia que MJMSM enviou a DMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto018-1	Exposição, 1953
FIMS	FIMS/MSMS/Foto018-2	Exposição, 1953
FIMS	FIMS/MSMS/Foto018-3	Exposição, 1953
FIMS	FIMS/MSMS/Foto018-4	Exposição, 1953

FIMS	FIMS/MSMS/Foto1663	Palácio do Comércio, exposição, 1953
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1130	Exposição de José Marques da Silva
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0460	D. Júlia
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1611	
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1676	
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1761	Casa
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1771	Casa
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1798	Casa
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1799	Casa
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1288	DMS numa visita?
FIMS	FIMS/MSMS/Foto017	MJMSM e D. Júlia
FIMS	FIMS/MSMS/Foto018	Casamento de MJMSM e DMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0037	Casamento de MJMSM e DMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0018	Casamento de DMS e MJMSM
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2096	DMS E MJMSM
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2236	DMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2237	DMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2255	DMS E MJMSM na casa da maia
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2256	DMS / MJMSM / JMS e D. Júlia
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2257	JMS, D. Júlia / esposa e filha na Maia
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2302	JMS E DMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2314	DMS com os pais
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2321	Medalha
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2322	Medalha
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2368	MJMSM com Carlos Ramos
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2677	MJMSM e DMS em Paris
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2718	MJMSM e DMS na Côte d'Azur
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2908	Pista Aérea
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2909	Pista Aérea
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3394	MJMSM e Carlos Ramos
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3424	MJMSM com Acácio Lino e colegas
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3434	Fotografia de família
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3453	MJMSM

FIMS	FIMS/MSMS/Foto3471	Dona Júlia
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3501	MJMSM e colegas
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3570	MJMSM na rua
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3572	MJMSM e DMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3575	MJMSM adolescente
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3576	MJMSM
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1470	MJMSM e casal amigo
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0016	MJMSM com família
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0017	MJMSM com família
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2666	
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2074	
FIMS	FIMS/MSMS/Foto442	
FIMS	FIMS/MSMS/Foto443	
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1923	Foto de família
FIMS	FIMS/MSMS/Foto 3747	
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1106	MJMSM adolescente
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0014	Casamento MJMSM e DMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0016	Foto de familia
		JMS /MJMSM
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1240	Foto de grupo
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2657	Obras Académicas DMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2658	Obras Académicas DMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1108	Obras Académicas DMS, 1928
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1109	Obras Académicas DMS, 1928
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2926	Obras Académicas DMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2927	Obras Académicas DMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2655	Obras Académicas DMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2041	Maria José defendendo a prova final
		para obtenção do diploma de Arquiteta
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3493	Trabalhos Académicos
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0848	Cruzeiro Monumental, Av. P.
		Martinho, Sameiro
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0701	Prédio Barjona de Freitas – Habitação

		Coletiva
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1113	Plano de Urbanização de Angola
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1114	
FIMS	FIMS/MSMS/Foto6003	R. Latino Coelho conjunto de edifícios residenciais
FIMS	FIMS/MSMS/Foto6004	R. Latino Coelho conjunto de edifícios residenciais
FIMS	FIMS/MSMS/Foto6002	R. Latino Coelho conjunto de edifícios residenciais
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1633	Palácio do comércio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1947	Angola
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0124	Serralves
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0126	Serralves
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0146	Serralves
FIMS	FIMS/MSMS/Foto5017	Padaria Cunha ?
FIMS	FIMS/MSMS/Foto 5018	Padaria Cunha ?
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1147	Palácio do comércio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3643	Gabela
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2092	Sameiro
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0211_0027	Gabela
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0211_0029_01	Gabela
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0211_0043	Gabela
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0211_0029_02	Gabela
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0211_0040	Gabela
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3638	MJMSM em Angola
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3639	MJMSM em Angola
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3647	Pista aérea ?
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2024	Funchal
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2025	Funchal
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2026	Funchal
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3498	Igreja Paroquial
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3499	Planta de uma igreja
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3492	Trabalho de um museu histórico

FIMS	FIMS/MSMS/Foto3493	Trabalho um museu histórico
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3494	Trabalho um museu histórico
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3495	Trabalho um pavilhão de caça
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3496	museu
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3497	motivo central de uma escadaria
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3284	Angola
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3325	Angola ?
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3329	Santuário ?
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2934	Plano de Urbanização ?
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2976	Capela Sameiro
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2719	Padrão Matosinhos
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2833	MJMSM no restaurante Portucale
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2904	Angola
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2693	Portão da Igreja
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2699	Projeto Cooperativa dos Pedreiros
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2700	Projeto Cooperativa dos Pedreiros
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2701	Projeto Cooperativa dos Pedreiros
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2702	Casa Delfim Vinagre na Póvoa
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2705	Palácio comércio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2707	Interior Palácio comércio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2708	Interior Palácio Comercio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2709	Pergola Palácio do Comércio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2712	Garagem Palácio do Comercio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2531	Sameiro
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2535	Escadório do Sameiro
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2538	Sameiro
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2287	Torre Miradouro
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2232	Congresso Moscovo
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0155	Projeto da Cooperativa dos Pedreiros, 1937
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0156	Projeto da Cooperativa dos Pedreiros, 1937
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0171	Avenida - Funchal

FIMS	FIMS/MSMS/Foto0500	Projeto Barjona de Freitas Barcelos
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0502	Projeto Barjona de Freitas Barcelos
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0948	Trabalho Ateliê
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1187	Sociedade Martins Sarmento
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1188	Sociedade Martins Sarmento
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1129	Congresso – Mafra
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1132	Congresso
FIMS	FIMS/MSMS/Foto3375	Viagens DMS/MJMSM
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2507	Viagens DMS/MJMSM
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1134	Congresso
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1777	Biblioteca no Jardim na Praça Marques de Pombal
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1770	Prédio de rendimento
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1707	Prédio de rendimento
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1710	Prédio de rendimento
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1719	Prédio de rendimento
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1721	Praça da Liberdade
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1722	Sinagoga
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1723	Prédio no Gaveto da Rua Aníbal Cunha com a Rua da Torrinha
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1724	Prédio na Rua Antero de Quental
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1726	Fábrica
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1740	Prédio de Rendimento e comércio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1753	Garagem
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1754	Garagem
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1774	Guimarães
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1806	Garagem
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1933	Sociedade Martins Sarmento
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0044	Prédio rendimento R. Morgado Mateus
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0081	Pátio do palácio do comércio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0082	Padrão Matosinhos
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0090	SCOPP

FIMS	FIMS/MSMS/Foto0094	Capela Sagrado Coração de Jesus Sameiro
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0097	Anteprojeto de uma casa de chá DMS
FIMS	FIMS/MSMS/Foto6011	MJMSM - Praça Marques de Pombal
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0112	Monumento aos heróis da Guerra Peninsular
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0165	Sociedade Martins Sarmento
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1621	Exposição de 1953
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1623	Exposição de 1953
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1913	Monumento aos heróis da Guerra Peninsular
FIMS	FIMS/MSMS/Foto6009	MJMSM numa aula da EBAP s/d [1934] 2ª cadeira prof. Manuel Marques
FIMS	FIMS/MSMS/Foto6010	MJMSM numa aula da EBAP s/d [1934] 2ª cadeira prof. Manuel Marques
FIMS	FIMS/MSMS/2538	Diploma de Arquiteta passado pela EBAP em 17 de Agosto de 1943
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2006	DMS Torre Miradouro
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1216	Sociedade Martins Sarmento
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1090	Sociedade Martins Sarmento
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0797	Sociedade Martins Sarmento
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0798	Mercado de Guimarães
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1098	Prédio no gaveto das ruas de D. António Barroso, Barjona de Freitas - Barcelos
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0847	Braga
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0062	Serralves
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2065	Maia
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2066	Maia
FIMS	FIMS/MSMS/Foto5006	Matosinhos
FIMS	FIMS/MSMS/1112	Anteplano de urbanização de gabela

FIMS	FIMS/MSMS/Foto1689	Póvoa
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1866	Funchal – ante projetos Avenida do Infante
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0090	SCOPP
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1681	Maia
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2023	Funchal
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2027	Funchal
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2028	Funchal
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2029	Funchal
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2030	Funchal
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2031	Funchal
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2032	Funchal
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2033	Funchal
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2034	Funchal
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2035	Funchal
FIMS	FIMS/MSMS/Foto2910	A Nacional
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1947	DMS/Luanda
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1222	DMS/Luanda
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1949	DMS/Luanda
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1112	Anteprojeto do plano de urbanização da Vila de Gabela, 1944
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1113	Anteprojeto do plano de urbanização da Vila de Gabela
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1115	Anteprojeto do plano de urbanização da Vila de Gabela
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1116	Anteprojeto do plano de urbanização da Vila de Gabela
FIMS		Avenida Monte vídeo
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1610	Pousada de Venda Nova
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0152	Casa de Habitação no Porto – Rua Santos Pousada?
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1145	Palácio do Comércio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1706	Palácio do Comércio

FIMS	FIMS/MSMS/Foto1703	Palácio do Comércio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1809	Prédio Gaveto
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1979	Garagem do Palácio do Comércio, 2.º subsolo
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0081	Pátio Interior do Palácio do Comércio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0082	Padrão de Matosinhos
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0090	Instalações da SCOPP – Rua da Alegria
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0097	Anteprojeto duma casa de Chá
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0094	Santuário de Nossa Conceição do Monte do Sameiro, Capela do Sagrado Coração de Jesus
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0044	Prédio de Rendimento no ângulo das Ruas Morgado Mateus e Visconde de Bóbeda
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0114	Fábrica Triunfo, Coimbra
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0118	Pousada do Marão
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0142	Prédio de Rendimento no Porto
FIMS		Prédio de Rendimento na Rua Carlos Malheiro Dias no Porto
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0151	Prédio de Rendimento no Porto
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1802	Palácio do Comércio (Bolhão/F. Tomás)
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1694	Pérgula do Palácio do Comércio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1695	Pátio do Palácio do Comércio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1696	Palácio do Comércio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1697	Plano de Urbanização Gerês
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1679	Palácio do Comércio – Pérgula 7º andar
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1680	Pátio do Palácio do Comércio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1681	SCPOPP R. D. João IV – Maqueta
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1682	SCPOPP R. D. João IV – Maqueta
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1683	Santuário do Sameiro – Maqueta

FIMS	FIMS/MSMS/Foto1684	Anteplano de Urbanização da Vila de Valongo
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1685	Anteplano de Urbanização da Vila de Paredes, 1944
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1686	Anteplano de Urbanização de Amares
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1687	Projeto de Urbanização Matosinhos (pormenor), 1943
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1688	Pérgula do Palácio do Comércio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1689	Residência na Póvoa de Varzim
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1690	SCPOPP R. Nª Srª de Fátima, no Porto
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1691	Palácio do Comércio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1692	Palácio do Comércio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1693	Palácio do Comércio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1664	Padrão Matosinhos, 1953
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1665	Edifício ACPOPP, R. Nª Srª de Fátima Porto
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1666	Palácio do Comércio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1667	Palácio do Comércio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1668	Padrão de Matosinhos
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1669	Palácio do comércio – garagem
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1670	Palácio do Comércio
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1671	Plano de Urbanização de Barcelos
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1672	Sede Cooperativa dos Pedreiros - maqueta
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1673	Santuário de Nª Srª do Sameiro – Maqueta
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1674	Santuário de Nª Srª do Sameiro – Maqueta
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1675	Palácio do Comércio (Sá da Bandeira/Firmeza)
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1676	Palácio do Comercio (Sá da Bandeira/Firmeza – envolvente)
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1677	Palácio do Comércio (Sá da

		Bandeira/Firmeza)
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1678	Palácio do Comércio – Pérgula 7.º andar
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1658	Anteplano de urbanização de Guimarães
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1659	Plano de urbanização do Gerês, 1944 - 45
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1660	Portão e gradeamento da Igreja de Nª Srª da Conceição, Porto
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1661	Pormenor do portão e gradeamento da Igreja de Nª Srª da Conceição, Porto.
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1662	Pormenor do portão e gradeamento e envolvente da Igreja de Nª Srª da Conceição, Porto.
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1663	Palácio do Comércio, exposição, 1953
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1589	Prédios na Praça da República no Porto
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1108	Uma Escola de Belas Artes, Planta, 1928
FIMS	FIMS/MSMS/Foto1109	Fachada Principal de uma Escola de Belas Artes, 1928
FIMS	FIMS/MSMS/Foto0398	Fotografia notícia do jornal – Angola
FIMS	FIMS/MSMS/Foto5018	Travessa das Almas, Porto, 1954

Bibliografia consultada

ÁBALOS, Iñaki - *A Boa-Vida. Visita guiada às casas da modernidade.* Barcelona: Gustavo Gili, SA, 2003.

ACCIAIUOLI, Margarida – Exposições do Estado Novo: 1934 – 1940. S.L: Livros Horizonte, 1998.

ACCIAIUOLI, Margarida – *Os anos 40 em Portugal. O País, o Regime e as Artes. "Restauração e Celebração*. 2 vol.s Dissertação de Doutoramento em História de Arte. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Urbanas, Universidade Nova, Lisboa, 1991.

ALMEIDA, António Ramalho de – *O Porto e a Tuberculose. História de 100 Anos de Luta.* Porto: Fronteira do caos editores, 2005.

ALMEIDA, Pedro Vieira de - *A Arquitectura do Estado Novo. Uma leitura crítica. Os Concursos de Sagres.* Lisboa*:* Livros Horizonte, 2002.

ALMEIDA, Pedro Vieira de - *Apontamentos para uma Teoria da Arquitectura.* Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

ANDRESEN, João - *Para Uma Cidade Mais Humana.* Porto: Imprensa Social, 1962.

ANDRESEN, Teresa; SÁ, Manuel Fernandes de; ALMEIDA e João (coord.]- *Jacques Gréber*. Porto: Fundação de Serralves, 2011.

ANTUNES, Marco Roque [Coord.] - *Falemos de Casas: Entre o Norte e o Sul.* Lisboa: Athena, 2010.

ANOS 40 NA ARTE PORTUGUESA (OS). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

APPLETON, João – *Reabilitação de Edifícios Antigos. Patologias e tecnologias de intervenção.* Mafra: Edições Orion, 2003.

ARAGÃO, António de [coord.] – *A Madeira Vista por Estrangeiros (1455- 1700).* Funchal: Secretaria Regional de Educação e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos.

ARQUITECTURA do Movimento Moderno – Inventário DOCOMOMO Ibérico 1925-1965. Porto: AAP, 1984.

ARQUITECTURA MODERNA PORTUGUESA 1920-1970. Lisboa: IPPAR/MC, 2004.

Arquitectura, Pintura, Escultura, Desenho, Património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Porto: Universidade do Porto, 1987.

ASSUNTO, Rosário - *Retour au Jardin. Essais pour une philosophie de la nature, 1976-1987.* [s.l] : Les Editions de l'Imprimeur, 2003.

AUZELLE, Robert - *Tecnique de L'Urbanisme.* Paris: PUF, 1953.

BACHELARD, Gaston – *L'Air et les Songes. Essai sur l' imagination du mouvement.* Paris: Librairie José Corti, 1943.

BACHELARD, Gaston – *La poétique de l'espace.* Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

BAKER, Geoffrey - *Le Corbusier. Uma análise da forma.* São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BENEVOLO, Leonardo – *A Cidade e o Arquitecto.* Lisboa: Edições 70, 2006.

BENEVOLO, Leonardo – *A Cidade na História da Europa.* Lisboa: Editorial Presença, 1995.

BENEVOLO, Leonardo – *As Origens da Urbanística Moderna.* Lisboa: Editorial Presença, 1994.

BENEVOLO, Leonardo – *História da Cidade. 4ª ed.* S. Paulo: Perspectiva, 2005.

BENEVOLO, Leonardo - *Historia de la Arquitectura Moderna. 8ª ed.* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1999.

BENEVOLO, Leonardo – *Último Capítulo da Arquitectura Moderna.* Lisboa: Edições 70, 2009.

BAÑÓN, José Joaquin Parra - *Pensamento Arquitectónico na Obra de José Saramago. Acerca da Arquitectura da Casa.* Lisboa: Caminho, 2004.

BERDOULAY, Vicent; CLAVAL, Paul [dir] - *Aux Débuts de L'Urbanisme Francais.* Paris: L'Harmattan, 2001.

BASILICO, Gabriele - *Arquitectura em Portugal.* Porto: Dafne Editora, 2006.

BETHENCOURT, Francisco*;* CHAUDHURI, Kirti [Dir.] - *História da Expansão Portuguesa.* [s.l]: Círculo de Leitores, 1998, Vols. 4 e 5.

Boletim das Provas dos Concursos para Professores de Arquitectura, Urbanologia, Pintura, Escultura e Desenho, 1962/1963. Porto: Ministérios da Educação Nacional – Direcção do Ensino Superior / Escola de Belas Artes do Porto.

BURNS, Carol; KAHN, Andrea [edi.] - *Site Matters. Design, Histories, and Strategies.* London And New York: Routledge, 2005.

CADETE, Teresa – *A Cidade Labiríntica entre Liberdade e Necessidade, Subterrâneos e Superfícies. A poética da Cidade.* Lisboa: Colibri, 2003.

CALVINO, Ítalo - As Cidades Invisíveis. *6ªa ed. Lisboa* [s.l]: Editorial Teorema, 2003.

CAMPO BAEZA, Alberto - *La idea construída.* Palermo: Libreria Técnica/ Universidad de Palermo/ASPPAN, 2000.

CANCELA DE ABREU, A. - *Duas Palavras.* Lisboa: Boletim da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização. MOP, 1945-46, I vol.

CANTO MONIZ – Gonçalo Esteves de Oliveira do - *O Ensino Moderno da Arquitetura. A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (*1931-69). Coimbra: Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2011, dissertação de Doutoramento em Arquitetura, 2 vols.

CANTO MONIZ – Gonçalo Esteves de Oliveira do - *Arquitectura e Instrução. O projecto Moderno do Liceu 1836/1936*. Coimbra: e/d/arq, 2007.

CARDOSO, António – "O santuário da Penha e a sua Arquitectura". In *Actas do Santuário de N.ª S.ª da Penha. Simpósio Mariológico.* Braga Universidade Católica Portuguesa e Irmandade de N.ª S.ª do Carmo da Penha, 1994.

CARDOSO, António – *J. Marques da Silva Arquiteto*. *1869-1947*. Porto: AHMP, FAUP, 1986.

CARDOSO, António – *O Arquiteto Marques da Silva e a arquitetura no norte do país na primeira metade do séc. XXI*. Porto: FAUP, 1997.

CARITA, Rui - *Funchal 500 Anos de História.* Funchal: Funchal 500 anos, nº 9, 2008.

COELHO, Sofia Thenaise - *A Cidade em Suspenso. Projectos em Torno da Sé do Porto (1934-2001).* Porto: CUC, 2001.

COLLINS, Peter - *Los ideales de La Arquitectura Moderna; Su Evolución (1750-1950).* Barcelona: Gustavo Gili, 1998.

CONGRESSO (1º) Nacional de Arquitectura Maio/Junho de 1948. Relatório da Comissão Executiva Teses Conclusões e Votos do Congresso. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008.

CONRADS, Urich – *Programmes et Manifestes de L'Architecture du XXème Siècle.* Paris: Éditions de La Villette, 1996.

CORDEIRO, Graça Índias; VIDAL, Frédéric [org.] – *A Rua. Espaço, Tempo e Sociabilidade.* Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

CORNOLDI, Adriano – *La Arquitectura De La Vivienda Unifamiliar.* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999.

COSTA, João Pedro – *Bairro de Alvalade. Um Paradigma do Urbanismo Português*. Lisboa*:* Livros Horizonte, 2006.

COTTINELLI, Telmo – *Arquitectos e Urbanismo.* Lisboa: Boletim da Direção – Geral dos Serviços de Urbanização. MOP, 1945-46, I vol.

CULTURA: Origem e destino do Movimento Moderno - Equipamentos e Infra-estruturas Culturais 1925-1965. In Terceiro Seminário DOCOMMO Ibérico. Porto: 2001.

CHARAGEAT, Marguerit - *L'Art des Jardins.* Paris: Librairie Garnier Frères, 1930.

CHOAY, Françoise- *A Alegoria do Património.* Lisboa: Edições 70, 2000.

CHOAY, Françoise – *Regra e o Modelo (A). Sobre a Teoria da Arquitectura e do Urbanismo.* Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.

CHOAY, Françoise – *O Urbanismo. Utopias e Realidades. Uma Antologia. 5ª edição.* São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

CROIZÉ, Jean – Claude; FREY, Jean Pierre; PINON, Pierre [org.] – *Recherches Sur La Typologie Et Les Types Architecture. Actes de la Table ronde internationle.* [s.l]: L'Harmattan, 1991.

DE GRÖER, Ètienne - *Anteprojeto de urbanização, de embelezamento e de extensão da cidade de Coimbra.* Coimbra: Câmara Municipal, 1948.

DE GRÖER, Ètienne – *Introdução ao Urbanismo*. Boletim da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização. Lisboa: MOP, 1945-46.

DESENHO DE ARQUITETURA *Património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da universidade do Porto.* Porto: Universidade do Porto, 1987.

Desenho *Projeto de Desenho*. [s.l]: Ministério da Cultura/Instituto de Arte Contemporânea, 2002.

DIREITO DO URBANISMO – 2ª edição. Lisboa: INA, 1990.

DO HABITAR. Matosinhos: Edições ESAD, 2005.

DOMINGUES, Álvaro [coord.] - *Cidade e Democracia. 30 Anos de Transformação Urbana em Portugal.* Lisboa: Argumentum, 2006.

DONNADIEU, Brigitte – *L' Apprentissage du regard. Leçons d 'architecture de Dominique Spinetta.* Paris: Éditions de La Villette, 2002.

DUPUY, Gabriel – *O Automóvel e a Cidade*. Lisboa: BBCC/Instituto Piaget, 1998.

DREXLER, Arthur - *The Architecture of the École des Beaux-Arts.* London: Secker & Warburg, 1977.

EDIFICAÇÕES URBANAS Legislação geral de Uso Corrente; Regulamentos e Posturas das Câmaras Municipais de Lisboa, Porto e Coimbra. Porto: edições Lopes da Silva, 1944.

ESCOLA Superior de Belas Artes do Porto - Marques da Silva. Exposição Conjunta das Principais Obras do Mestre e de Alguns dos seus Discípulos. Porto: ESBAP, 1953.

ESQUIER, Geneviève - *La Liturgie selon Vatican II.* Paris : François Xavier de Guibert, 2003.

ÉTUDES In 4814 La Revue du Musée d'Orsay, Automme 2008.

FERNANDES, Eduardo Jorge Cabral dos Santos – *A Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola.* Guimarães: Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, 2011. Tese de doutoramento em Arquitetura, Área de Conhecimento de Teoria e Projetos.

FERNANDES, Francisco Barata – *Transformação e Permanência na Habitação Portuense. As formas da casa na forma da cidade. 2 Edição.* Porto: FAUP publicações, 1999.

FERNANDES, Joaquim [et. al.] - *Guimarães do Passado e do Presente.* Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães/Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

FERNANDES, José Manuel – *Arquitectura Portuguesa. Temas Actuais II.* Lisboa: José Manuel Fernandes e Edições Cotovia, 2005.

FERNANDES, José Manuel - *Arquitetura e Urbanismo na África Portuguesa.* [s.l]: Caleidoscópio, 2005.

FERNANDES, José Manuel - *Arquitetura Modernista em Portugal.* Lisboa: Gradiva, 1993.

FERNANDES, José Manuel - *Da Sé ao Casino. O eixo histórico de crescimento do Funchal. Monumentos.* Lisboa: Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais/ministério das Obras Públicas, Transportes e Habitação, nº 19, 2003.

FERNANDES, José Manuel – *Geração Africana. Arquitetura e Cidades em Angola e Moçambique*, *1925-1975.* [s.l]: Livros Horizonte, 2002.

FERNANDES, José Manuel - *O Funchal e o Urbanismo de Raiz Portuguesa No Atlântico. Estudo comparativo e de enquadramento histórico-estrutural. Colóquio Internacional de História da Madeira.* Funchal: Secretaria Regional de Educação e Cultura, Direção Regional dos Assuntos Culturais da Madeira, 1986.

FERNANDES, José Manuel - *Português Suave. Arquitecturas do Estado Novo*. [s.l]: IPPAR, 2003.

FERNANDES, Sérgio – *Percurso da Arquitectura Portuguesa 1930-1974.* Porto: FAUP, 1985.

FERNANDO TÁVORA. Lisboa: Editorial Blau, 1993.

FERRÃO, Bernardo - *A Ampliação e Renovação Moderno-Monumental da Cidade (1926 a 1974). In Guimarães Património Cultural da Humanidade.* Guimarães: CMG – GTL, 2002.

FERREIRA DE ALMEIDA, Carlos Alberto – «A Penha e a Senhora da Lapinha. Elementos para a compreensão da religiosidade popular ». *In Actas do Santuário de N.ª S.ª da Penha. Simpósio Mariológico*. Braga : Universidade Católica Portuguesa e Irmandade de N.ª S.ª do Carmo da Penha, 1994.

FERREIRA DE ALMEIDA, Carlos Alberto – "Caminhos medievais no Norte de Portugal*"*. IN *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago. Itinerários Portugueses.* [s.l.]: Xunta de Galicia/Centro de Artes Tradicionais, 1995.

FERREIRA, Alfredo Durão de Matos - *Aspectos da Organização do Espaço Português.* Porto: Publicações, 1995.

FONSECA, João Pedro Esteves de Carvalho - *Forma e Estrutura no Bloco de habitação em Portugal.* Porto: FAUP, 2005. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Metodologias da Intervenção no Património Arquitectónico.

Funchal uma Porta para o Mundo. Lisboa: CTT Correios de Portugal, 2008.

FRAMPTON, Kenneth – *Historia Critica da Arquitectura Moderna.* São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FRANÇA, José-Augusto - *A Arte em Portugal no século XIX. 3ª Edição,* Lisboa: Bertrand Editora, 1990. 2 vols.

FRANÇA, José-Augusto - *A Arte em Portugal no século XX: 1911-1961. 3ª ed.* Lisboa: Bertrand Editora; 1991.

FRANÇA, José-Augusto - *História da Arte Ocidental 1780-1980.* Lisboa: Livros Horizonte, 1987.

FRANÇA, José-Augusto - *Lisboa: urbanismo e Arquitectura.* Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

FRANÇA, José-Augusto – *O Modernismo na Arte Portuguesa. 3ª ed*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1991.

FRANCISCO MARTINS SARMENTO. *Vida e Obra.* Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1999.

FREITAG, Michel - *Arquitetura e Sociedade.* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2004.

FREY, Jean-Pierre - *La Ville industrielle et ses urbanités. La distinction ouvriers/employés. Le Creusot 1870-1930.* Bruxelles: Architecture Recherches/Pierre Mardaga, 1986.

FREY, Jean-Pierre*, « Henri Prost 1874-1959».* In PAQUOT, Thierry- *Les faiseurs de villes*. [s.l] : infolio/ Collection Archigraphy Poche, 2010.

FRONTIÈRES DE L' URBANISME. Bruxelles: Editions Art et Tecnique – "Chantiers Dans Le Monde, 1950.

GARCIA LAMAS, José M. Ressano – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/JNICT, 1993.

GARRETT, Antão Almeida - *Plano Regulador da Cidade do Porto.* Porto: Câmara Municipal do Porto, Separata da Revista "Civitas" vol. VIII, Nº 2 – 1952.

GIL, José – *Movimento Total o corpo e a dança*. Lisboa Relógio de Água, 2001.

GONÇALVES, José Fernando - *Edifícios Modernos de Habitação Colectiva – 1948/61. Desenho e Standard na Arquitectura Portuguesa.* Tesis Doctoral, Catalunha: UPC, 2007.

GUIA DE ARQUITECTURA MODERNA. Porto 1901-2001. Porto: Ordem dos Arquitectos/Civilização, 2001.

GUIMARÃES uma página da História Pátria. Catálogo da Exposição Histórica da Cidade. Guimarães: CMG, 1953.

GRAÇA, Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo [coord.] - *Angelorum. Anjos em Portugal.* Guimarães: Museu Alberto Sampaio, 2012.

GRAVATO, Maria Adriana Pacheco Rodrigues – *TRAJECTO DO RISCO URBANO. A Arquitectura na Cidade do Porto. Nas Décadas de 30 a 50 do Século XX. Através do*

Estudo do conjunto da Avenida dos Aliados à Rua de Ceuta. Porto Faculdade de Letras da universidade do Porto, 2004. Dissertação de Mestrado em História de Arte em Portugal, Arquitectura do século XX. 3 vols..

GRESLERI, Giuliano – «Le Corbusier: itinéraires du sacré». In Le Corbusier. *Le symbolique, le sacré, la spiritualité*. Paris: Éditions de La Villette, 2004.

HEIDEGGER, Martin - *Éssais et Conférences.* Paris: Editions Gallimard, 1958.

HITCHCOCK, Henry-Russel – *Architecture: Nineteenth and Twentieth Centuries. 4ª ed. New 1988.Haven and London:* Yale University Press, 1987.

INQUÉRITO Á ARQUITECTURA *Do Século XX Em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2006.

J-A JORNAL ARQUITECTOS *A Questão do Alojamento 2.* Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2002.

JACOBS, Jane – *Morte e Vida de Grandes Cidades.* São Paulo: Martins Fontes, 2007.

JACQUES, Annie; SWARTZ, Emmanuel Schwartz [col.] - *Les Beaux-Arts, de l' Académie aux Quat'z'arts*. Paris : Ècole Nationale Supérieure des Beaux-Arts, Paris 2001.

JOSÉ PORTO (1883-1965). *Desvendando o arquitecto de Vilar de Mouros.* Vilar de Mouros: Centro de Instrução e Recreio Vilarmourense/Junta de Freguesia de Vilar de Mouros, 2003.

KIECKHEFER, Richard - *Theology in Stone. Church Architecture From Byzantium to Berkeley.* Oxford: University Press, 2004.

LAMAS, José M. Ressano Garcia – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/JNICT, 1993.

LAMEIRA, Maria Gizela Antunes – *A rua Sá da Bandeira no Porto. Topologia (s) do habitar colectivo. Vols. I e II.* Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, 2010. Dissertação para obtenção de mestrado em Estudos do Espaço e do Habitar em Arquitetura.

LE CONCOURS DU GRAND PRIX DE ROME EN 1930 À L'École Nationale des Beaux-Arts – Section d'Architecture. Project Definitif UNE ÉCOLE DES BEAUX-ARTS. Paris: Vincent, Fréal & C.ie, Successeurs, 1930.

LE CORBUSIER - *Le symbolique, le sacré, la spiritualité.* Paris : Éditions da La Villette, 2004.

LE CORBUSIER – *A Viagem do Oriente.* Paris: Cosacnaify, 2007.

LEITE, Padre Fernando - *História do Sameiro.* Braga: Edição da Confraria de Nossa Senhora do Sameiro, 2004.

LIMA, Álvaro da Silva - *As Estradas e a Urbanização.* Lisboa: Junta Autónoma das Estradas/Planeamento local e urbano, 1954.

LÔBO, Margarida Sousa – *Planos de Urbanização*. *A Época de Duarte Pacheco*. Porto: FAUP, 1995.

LOGIS ET LOISIRS. In *" 5e Congrés CIAM".* Paris: Editions de L'Architecture D'Aujourd'hui, 1937.

LOPES, Agostinho Amaral - *A Obra de Fernão de Ornelas na Presidência da Câmara Municipal do Funchal 1935-1946l.* Funchal: Empresa Municipal "Funchal 500 Anos", 2008.

LOUIS ROGER, M. - *Sur l'Enseignement à l'École des Beaux-Arts.* Bulletin de La Grande Masse de l'École des Beaux-Arts. Paris, juin 1936.

LOURO, Leopoldo Miguel Sousa – *Sameiro.* [s.l.]: Edição Confraria de Nossa Senhora do Sameiro, 2005.

LOYER, François - *Paris XIXe siècle. L 'Immeuble et la rue.* Paris: Fernand Hazan, 1994.

LUCAN, Jacques – *Compostion, non-composition. Architecture et theories, XIX^{e}-XX^{e} siècles.* Lausanne: Presses polytechniques et universitaires romandes, 2009.

LYNCH, Kevin – *A Boa Forma da Cidade.* Lisboa: Edições 70, 1999.

Marcel Poëte in CHOAY, Françoise - *O Urbanismo.* São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2003.

MARQUES, José Augusto Maia Marques - *Moreira da Maia no século XIX. Segundo o Manuscrito do Padre Joaquim de Azevedo.* Maia: Câmara Municipal da Maia, 2006.

MASBOUNGI, Ariella; BOURDIN*; Alain – Un urbanisme des modes de vie.* Paris: Éditions du Moniteur, 2004.

MATOS, Lúcia Almeida - *Escultura em Portugal no século XX (1910-1969).* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, coleção Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, 2007.

MATTEI, Roberto de – *Pio IX.* Porto: Livraria Civilização. 2001.

MEIRELES, Maria José Marinho de Queirós - *o Património Urbano de Guimarães no Contexto da Idade Contemporânea (séc.s XIX-XX).* Braga: Universidade do Minho, 2000. Dissertação de Mestrado em Arqueologia Urbana Braga: defendida na Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais.

MEMÓRIAS DO SAMEIRO *ou Narração Circunstanciada da Origem e realização das Obras do Monumento da Immaculada Conceição da SS. Virgem e da Capella Commemorativa da Definição Dogmática da Infallibilidade Pontifícia Projectada no Monte Sameiro, Súburbios de Braga.* Coimbra: Typographia da "ordem", 1882.

MENDES, José Manuel Melim - *Memórias do Funchal*. *O Bilhete Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*. Funchal: edição do Autor, 2007.

MOSSER, Monique; NYS, Philippe [dir.] - *Le Jardin, art et lieu de mémoire.* Besançon: Les Éditions de L'Imprimeur, 1995.

MOTA, Nelson - *A Arquitectura do Quotidiano Público e Privado no Espaço Doméstico da Burguesia Portuense no Final do século XIX.* Coimbra: e/d/arq, 2010.

NORBERG-SCHULZ, Christian – *Intenciones En Arquitectura.* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., 1998.

OLIVEIRA, J. M. de - *O Espaço Urbano do Porto. Condições Naturais e Desenvolvimento.* Porto: Edições Afrontamento, 2007,2 vols.

OLIVEIRA, Manuel Alves de – *Guimarães numa resenha urbanística do século XIX.* Guimarães, 1986.

PACHECO, Alexandra Trevisan da Silveira - *A arquitectuira Artes Déco no Porto.* Porto: FLUP, 1996. Dissertação de Mestrado apresentada na FLUP.

PAÇO, António Simões [coord.] – "1940-1942 a Grande Exposição do Mundo Português". *In Os Anos de Salazar. O que se contava e o que se ocultava durante o Estado Novo.* [s.l.]: Planeta Agostini, 2008.

PAPILLAULT, Rémi "La tentation du sacré sur Capitole de Chandigarth», In *Le Corbusier. Le symbolique, le sacré, la spiritualité.* Paris: Éditions de La Villette, 2004.

PAQUOT, Thierry - *Les Faiseurs de Villes.* [s. l.]: Infolio éditions, 2010.

PAQUOT, Thierry [et. al.] *Habiter, le propre de L'Humain. Tilles, territoire et philosophie.* Paris: Éditions du La Découverte.

PARIS FORMES URBAINES ET ARCHITECTURES. Paris: Editions Recherches/Ipraus, 1998.

PEDREIRINHO, José Manuel – *Dicionário dos Arquitetos ativos em Portugal do séc. I à atualidade.* Porto: Edições Afrontamento, 1994.

PEREIRA, Paula Cristina - *Condição humana e condição urbana.* Porto: Edições Afrontamento, 2011.

PEREIRA, Paulo [dir.] - *História da Arte Portuguesa.* [s.l.]: Círculo de Leitores, 1995 vol. III.

PERNES, Fernando [coord.] – *Panorama Arte Portuguesa no Século XX.*. Porto: Campo das Letras, Editores e Fundação de Serralves, 1999.

PERNES, Fernando [coord.] – *Panorama da Cultura Portuguesa no Século XX.* Porto: Edições Afrontamento Lda. e Fundação de Serralves, 2002, 3 vols.

PINGUSSON, Georges-Henri - *L'Espace et L'Architecture.* Paris: Éditions du Linteau, 2010.

PINTO, Elisabete; BARROSO, Paulo - *Penha – Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha.* Guimarães: edição de autor, 2005.

PINTO, Paulo Tormenta – *Cassiano Branco – arquitectura e artifício 1897-1970.* Casal de Cambra : Caleidoscópio – Edição e artes gráficas S.A., 2007.

POËTE, Marcel – "Introduction à l'urbanisme". Paris: Boivin, 1929.ln CHOAY, Françoise - *O Urbanismo.* São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2003.

PORTAS, Nuno – *A Cidade Como Arquitectura. 2ª edição.* Lisboa: Livros Horizonte, 2007.

PORTAS, Nuno – *Arquitecturas. Teoria e Desenho, Investigação e Projectos. História e Crítica, Ensino e Profissão.* Porto: FAUP, 2005, 2 vols.

POTIÈ, Philippe – "De la spiritualité cathare à l'initiation puriste» In *Le Corbusier. Le symbolique, le sacré, la spiritualité.* Paris : Éditions de La Villette, 2004.

Prefácio de Fernando Távora. In PORTAS, Nuno - *A cidade como arquitectura.* Lisboa: Livros Horizonte, 2007.

QUINZE ANOS de Obras Públicas 1932-1947. Lisboa: Comissão Executiva da Exposição de Obras Públicas, 1948.

RA, REVISTA DE ARQUITECTURA Da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: FAUP, Ano I Nº 0, Outubro de 1987.

RAMALHO, Pedro - *Itinerário.* Porto: edições da FAUP, 1989.

RAMOS, Tânia Liani Beisl - *Os Espaços do Habitar Moderno: Evolução e Significados. Os Casos Português e Brasileiro.* Lisboa: FCG/FCT, 2006.

REGATÃO, José Pedro – *Arte Pública e os Novos Desafios das Intervenções em Espaço Humano.* [s.l.]: Bond, 2007.

REGULAMENTO GERAL das Edificações Urbanas. Lisboa: Imprensa Nacional, 1961.

RIBEIRO, Ana Isabel de Melo – *Arquitectos Portugueses : 90 anos de vida associativa 1863-1953.* Porto : FAUP, 2002.

RODOLFO, João de Sousa – *Luís Cristino da Silva e a Arquitectura Moderna em Portugal*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 2002.

RODRIGUES, A. Jacinto - *Urbanismo e Revolução.* Porto: Edições Afrontamento, 1975.

RODRIGUES, Inês Lima – *Quando a Habitação colectiva era Moderna. Desde Portugal a outros territórios de expressão portuguesa. 1940-1974.* ESTB UPC, 2009. Trabalho realizado no âmbito da tese de Doutoramento, Departamento de Projectos Arquitectónicos.

RONCAYOLO, Marcel*;* PAQUOT*,* Thierry [dir.] - *VILLES & CIVILISATION URBAINE XVIIIe – XXe Siècle.* Paris: Larousse, 1992.

ROSAS, Lúcia Maria Cardoso - *Monumentos Pátrios. A Arquitectura Religiosa Medieval - Património e Restauro (1835-1928),* Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995.

ROUX, Simone – La Maison dans L' Histoire . Paris : Albin Michel, 1976.

SANSOT, Pierre – *Poétique de la Ville. 5º ed.* Paris: Méridiens Klincksieck, 1994.

SANTOS, Boaventura de Sousa – *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna.* 4ª edição. Porto: Edições Afrontamento, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa – *Um Discurso sobre as Ciências* 8ª edição. Porto: Edições Afrontamento,1987.

SANTOS, Carlos Oliveira – *O Nosso Niemeyer Our Niemeyer.* Lisboa: Editorial Teorema, 2007.

SANTUÁRIO DE N.ª S.ª DA PENHA *Actas do Simpósio Mariológico.* Braga: Universidade Católica Portuguesa/ Irmandade de N.ª S.ª do Carmo da Penha, 1994.

SCHOONBRODT, Rene – *Sociologie de L'Habitat Social. Comportement des Habitants et Architecture des Cites.* Bruxeles: Archives d'Architecture Moderne, 1979.

SECHI, Bernardo – *Primeira Lição de Urbanismo.* São Paulo: Perspectiva, 2006.

SEGRÉ, Monique - *L' École des Beaux-Arts XIX e- XXe siècles.* Paris: L' Harmattan – Logiques Sociales, 1998.

SEISDEDOS, Virgílio - *Paróquia Senhora da Conceição. Elementos para a sua História (1927-1997).* Porto: Edição Paróquia Senhora da Conceição, 1997.

SICA, Paolo – *Historia del urbanismo. El Siglo XX.* Madrid: Instituto de Administracion Local, 1981.

SILVA, Helena Gonçalves da [org.] - *A Poética da Cidade.* Lisboa: Edições Colibri, 2003.

SILVA, Rafael Santos - *Praça da Liberdade: 1700-1932. Uma História de Arquitectura e Urbanismo no Porto.* Porto: FLUP. Dissertação de Mestrado em História da Arte.

SITE MATTERS. *Design concepts, Histories, and Strategies.* New York: Routledge, 2005.

SITTE, Camillo - *l' art de batir les villes.* [s.l.]: Éditions l'Équerre, 1980.

SIZA, Álvaro - *Imaginar a Evidência.* Lisboa: Edições 70, 2000.

SMEDT, Marc - O Elogio do Silêncio. Cascais: Sinais de Fogo, 2001

SOCIEDADE Cooperativa de Produção dos Operários Pedreiros Portuenses - *relatório de Contas da Comissão Executiva e Parecer do Conselho Fiscal – exercício de 1969.* Porto: Imprensa Social, 1970.

SOCIEDADE Cooperativa de Produção dos Operários Pedreiros Portuenses - *relatório de Contas da Comissão Executiva e Parecer do Conselho Fiscal – exercício de 1976.* Porto: Imprensa Social, 1977.

SOCIEDADE MARTINS SARMENTO. Breve resumo da sua história e actividades culturais. 2ª edição. Guimarães: SMS, 1982.

SOUSA, Fernando de; ALVES, Jorge Fernandes - *A Associação Industrial Portuense. Para a História do Associativismo Empresarial.* Porto: Associação industrial Portuense, 1996.

SOUSA, Francisco de Almeida e – *"*Obras para a Eternidade. A Cooperativa de Produção dos Pedreiros Portuenses*"*. In Tripeiro. Porto: Série 7, Ano novo, Ano 9, n.º 8 (1990).

SOUSA, João Figueira – *O Porto do Funchal no Contexto do Sistema Portuário Insular Regional: As Infraestruturas, os Tráfegos e as Funções Portuárias*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. 2004

TALENTI, Simona – *L' Histoire de L' Architecture en France. Émergence d' une discipline (1863-1914).* [s.l]: Picard, 2000.

TAVARES, André – *Arquitectura Antituberculose. Trocas e tráficos na construção terapêutica entre Portugal e Suiça. 1ª edição.* Porto: FAUP publicações, 2004.

TAVARES, André – *Os fantasmas de Serralves.* Porto: André Tavares & Dafne Editora, 2007.

TAVARES, Domingos - *Francisco Farinhas. Realismo Moderno.* Porto: Equações de Arquitectura. Porto: Dafne Editora, 2008.

TÁVORA, Fernando – *Da Organização do Espaço.* Porto: FAUP publicações, 2004.

TEYSSOT, Georges – *Da Teoria de Arquitectura: doze Ensaios.* Lisboa: Edições 70, 2010.

TOMÉ, Miguel – *Património e Restauro em Portugal (1920-1995).* Porto: FAUP publicações, 2002.

TOSTÕES, Ana – *Arquitectura Portuguesa Contemporânea.* Lisboa: CTT Correios de Portugal, 2008.

TOSTÕES, Ana - *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50.* Porto: FAUP, 1997.

TOSTÕES, Ana [coord.] – *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970.* [s.l.]: IPPAR, 2004.

TOSTÕES, Ana [coord.] – *Keil do Amaral no centenário do seu nascimento.* Lisboa: Argumentum/ Ordem dos Arquitectos, 2010.

UM PROCESSO ACONSELHÁVEL PARA CONSTRUÇÃO DE CASAS DE RENDA BARATA. Boletim da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização. MOP, 1947, I vol.

VASCONCELOS, Teresa - *O Plano Ventura Terra e a Modernização do Funchal (1ª metade do século XX)*. Funchal: Empresa Municipal "Funchal 500 Anos", 2008.

Ventura Miguel Terra. *A Arquitectura enquanto Projecto de Vida.* Esposende: C. M. Esposende, 2006.

VIANA DE LIMA *Arquiteto 1913-1991*.[s.l.]: Árvore – Cooperativa de Actividades Artísticas, CRL, 1996.

VIOLLET-LE-DUC – *Entretiens sur l'architecture.* Liège : Pierre Márdaga Editeur, 1986.

Catálogos

CATÁLOGO - *Arquitectura e Cidadania. Atelier Nuno Teotónio Pereira. Catálogo da Exposição Centro Cultural de Belém 26 de Junho a 31 de Outubro.* Lisboa: Quimera Editores, 2004.

CATÁLOGO Carlos Ramos – *exposição retrospectiva da sua obra.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO 40 Anos de Arquitectura 1950-1990. Um Gabinete do Porto. J. Carlos Loureiro, L. Pádua Ramos, J. Manuel Loureiro. Porto: Árvore, 1992.

*C*ATÁLOGO *da Exposição Marques da Silva e a fotografia. Imagens de uma Época* Porto: IMS/UP, 2005.

CATÁLOGO da Exposição Marques da Silva em Barcelos. Porto: IMS/UP/CM Barcelos, 2005.

CATÁLOGO *da Exposição Marques da Silva em Guimarães.* Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 2006.

CATÁLOGO da Exposição *Os Anos 40 na Arte Portuguesa.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

CATÁLOGO *Desenho Projecto De Desenho.* [s.l.]: Instituto de Arte Contemporânea, 2002.

Bibliografia Eletrónica

ALVES, Jorge Fernandes – "Fundação Narciso Ferreira. Indústria e Obra Social na Têxtil Nortenha". In *O TRIPEIRO*, I 7ª série, ano XV, nº 8, pp. 242-248.
Disponível em WWW.URL: http://ler.letras.up.pt/upçoads/ficheiros/1189.pdf

ALVES, Jorge Fernandes – *Riba d'ave na memória da indústria algodoeira.* Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal, 1999.
Disponível em WWW.URL: http://ler.letras.up.pt/upçoads/ficheiros/1193.pdf

Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, tese de doutoramento, Março 2010.
Disponível em WWW.URL:
http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde_22062010_140410/es.php

BETTENCOURT, Luísa Catarina Freitas Andrade - *A Morfologia Urbana da cidade do Funchal e seus espaços públicos estruturantes*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em Morfologia Urbana e Espaço Público Universidade Lusófona, 2007.
Disponível em WWW:URL:
http://www.urbanismoportugal.net/index.php?option=com_content&view=article&id=44&Itemid=60

BRUCCULERI, Antonio - *Renewal and Tradition in the Teaching of Buiding Construction at the École des Beaux-Arts of Paris: the Course of Edouard Arnaud, 1920 – 1934*.
Disponível em WWW:URL:
http://www.arct.com.ac.uk/personal-page/james/ichs/vol%201%20417-440%20Brucculeri.pdf

CERQUEIRA, Hugo Philippe Herrenschmidt de Nazareth Fernandes de –

Contributos para uma Hermenêutica da Tradição no Modernosmo Português: composição, traçado e simbólica de uma Arquitecto à sombra de Gigantes (1930-1940). Lisboa.

CRUZ, Luís André Salgueiro Freire da - *O ESTÁDIO NACIONAL E OS NOVOS PARADIGMAS DO CULTO Miguel Jacobetty Rosa e a sua Época.* Lisboa: Universidade Lusíada. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre Outubro de 2005, p. 224 Anteprojecto do Parque da Cidade do Funchal (Colecção de Fernanda Rute Jacobetty Vieira).
Disponível em WWW.URL:
http://ulusofona.academia.edu/Andr%A9Cruz/Books/202385/O_Estadio_Nacional ...

CARVALHO E SILVA, Joana Mello - *O arquitecto e a produção da cidade: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva (1930-1960)*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e de Urbanismo da Universidade de S. Paulo, 2010, pp. 31-32. tese de doutoramento
Disponível em WWW.URL:
http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde_22062010_140410/es.php

FERNANDES, Eduardo Jorge Cabral dos Santos - *A Escolha do Porto: contributos para a atualização de uma ideia de Escola*. Guimarães: tese de Doutoramento em Arquitetura, Área de Conhecimento de Teoria e Projecto, Julho de 2010.
Disponível em WWW.URL.:
http://www.google.com/webhp?source=search_app#hl=ptPT&gs_nf=1&pq=eduardo%20fernandes%20a%20escolha%20do%20porto&cp=5&gs_id=2v&xhr=t&q=tese+eduardo+santos+fernandes+a+escolha+do+porto&pf=p&sclient=psy-ab

FREY, Jean Pierre – «Henri Prost (1874-1959), parcours d'un urbaniste discret (Rabat, Paris, Istambul …)», In *Urbanisme*, nº 336 : Utopie(s), mai-juin 2004, Disponível em WWW.URL:
http://urbanisme.u-pec.fr/.../com.univ.collaboratif.utils.pdf.

FREY, Jean Pierre - «Être Architecte et devenir urbaniste», in: EPAU, *Actes du*

Séminaire internacional Enseignement et pratique de l'architecture, quelles perspective?, EPAU, Alger du 23 au 26 avril 2001, Alger EPAU, avril 2001, WWW.URL:
http://urbanisme.u-pec.fr/presentation/enseignants/etre-architecte-et-devenir-urbaniste-237526.kjsp?RH=URBA_2Ens

FREY, Jean Pierre - « La Morphologie des petites villes», In CERAMAC-, *L' Avenir des petites villes, Actes du Colloque internationnal de Clermont-Ferrand, 20 et 21 novembre* 2002, Clermont-Ferrand : Presses universitaires Blaise Pascal, 2004. Disponivel em WWW.URL:
http://urbanisme.u-pec.fr/presentation/enseignants/la-morphologie-des-petites-villes-237537.kjsp?RH=URBA_2Ens

FREY (Jean-Pierre)*, "Trocas internacionais, especificidades locais e desenvolvimento urbano",* In *:* Colóquio Internacional *Os Desafios do planeamento estratégico*. Comunicações. Loulé (Portugal): Câmara municipal de Loulé, 1998.
Disponível em WWW. URL*:*
http://urbanisme.u-pec.fr/presentation/enseignants/echanges-internationaux-specificites-locales-et-developpement-urbain-237513.kjsp?RH=URBA_2Ens

FERRÃO, Bernardo; AFONSO, José Ferrão – *A Evolução da Forma Urbana em Guimarães e a Criação do seu Património Edificado.*
Disponível em: WWWURL:
http://cmguimaraes.pt/document/447692/470409.pdf.

GÉRARD, Chevalier: "L'entrée de l'urbanisme à L'université: la création de l'Institut d'urbanisme (1921-24)", Genéses.
Disponível em: WWWURL:
http://www.cairn.info/revue-geneses-2000-2-page-98.html

GUTIÉRREZ, Ramón - *O princípio do urbanismo na Argentina*. Parte 1- *O aporte*

francês. Arquitextos. S. Paulo, [aug.2007] [Consult. 28 Julho. 2011].
Disponível em WWWURL:
http: //www.vituvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/216.p. 2

LAROUSSE DU XXE SIECLE EN SIX VOLUMES, FREY, Jean- Pierre, «Généalogie do mot «urbanisme» In *Urbanisme, nº 304, janvier février 1999.*
Disponível em WWW.URL*:*
http://urbanisme.u-pec.fr/servlet/com.univ.collaboratif,utils.Lectu

MATUS CARRASCO, Daniel - *La Thése en Urbanisme de 1922 À 1937 : Les Étudiants et les Sources Bibliografiques.* Paris: Institut d'Urbanisme de Paris. Master «Urbanisme et Territoires» Mention «Urbanisme». Mémoire de Recherche 2ème année, 2009.
Disponível em WWW.URL:
http:/www.urbanismo.u-pecfr/…/com..univ.collaboratif.utils

MÓNICA, Maria Filomena – *Capitalistas e Industriais (1870-1914).* IN Análise Social, vol. XXIII (99), 1987-5º.
Disponível em WWW.URL:
http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223028371 W4lFY9ix0Ky28XO1.pdf,

NOIZETTE, Jérémie - *La Grande Masse des Beaux-Arts* .1926 site oficial da Grande Masse des Beaux-Arts.
Disponível em WWW.URL:
http.//www.grandemasse.org

PAOLERA, Maria della; VAUTER, Ernesto – *Jacques Gréber: o director de ensino de Ernesto Estrada.*
Disponível em WWW.URL:
http://www.vitruvius.com.br/revistas

PAYRE, Renaud – *Un savoir "scientifique, utilitaire et vulgarisateur": la ville de la Vie Urbaine, Object de Science et Object de Réforme (1919-1939).* Géneses, 2005-03 nº60,
Disponível em WWW:URL:
http://www.cairn.info/revue-geneses-2005-3-page-5.htm

PIRES, Maria do Carmo – *Palácio do Comércio.* Porto: Fundação Instituto Arquiteto Marques da Silva.
Disponível em WWW.URL:
http://fims.up.pt/index.php?cat=15&subcat=17&proj=13

PIRES, Maria do Carmo - *Palácio do Comércio.* Porto: Fundação Instituto Arquiteto Marques da Silva.
Disponível em WWW.URL:
http://fims.up.pt/index.php?cat=45&subcat=15&subsubcat=17&proj=13

RODRIGUES, Inês Lima – *Quando a habitação Colectiva era Moderna. Desde Portugal a outros territórios de expressão Portuguesa. 1940-1974. Trabalho desenvolvido no âmbito da Tese de doctorado, Departamento de Projetos Arquitetónicos.* Janeiro de 2009.
Disponível em WWW:URL.
http://www.ineslima.com/pdf/habitação_Moderna_Portuguesa_1pdf.

SALTET, M. Marc - *Notice Sur la Vie et Travaux de Mr. Charles LEMARESQUIER (1870-1972*). *Institut de France, Academie des Beaux-Arts,* [01-08-2011] Disponível em WWW.URL:
htpp://www.academie-des-beaux-arts.fr/membres/actuel/architecture/saltetdiscours_ hommage _lemaresquier.htm

SEIXAS, Paulo Castro; SEABRA, Daniel- "Centro Residencial Conde de Riba d'Ave: A Produção Simbólica de Um Espaço". In José Amado MENDES e Isabel FERNANDES (coord.), Património e Indústria no Vale do Ave . Um Passado com

Futuro, Vila Nova de Famalicão: ADRAVE, de 2002
Disponível em WWW.URL:
http://homepage.ufp.pt/pseixas/artigospub/Antropologia%20e%20urbanismo/ribadave.pdf

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2009.
Disponível em
WWW.URL:http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=134X117O48189.805358&profile=bn&uri=link=3100018~!1462120~!3100024~!3100022&aspect=basic_search&menu=search&ri=1&source=~!bnp&term=Cerqueira%2C+Hugo+Philippe+Herrenschmidt+da+Nazareth+Fernandes+

Artigos Eletrónicos

WWW.URL: http://fariadacosta.no.sapo.pt. — Biografia João Guilherme Faria da Costa

WWW.URL: http://inha.revues.org./1354 — Collections électroniques de l'INHA [en ligne]. Repenser l'architecturer à travers l'espace, le temps et les disciplines, limites temporelles

WWW.URL: http://fims.up.pt/ — TAVARES, André – " A Morte e a Vida da Cidade do Porto. Apontamentos de leitura a propósito da tese de David Moreira da Silva" in MOREIRA DA SILVA, David - *Les villes qui meurent sans se dépeupler*. [Edição Digital] Porto: Editora Fundação Instituto Arquitecto Marques da Silva, 2009, 150 pp., p. 6, ISBN 978-972-99852-4-9

WWW.URL:http://www.cairn.info/revue-geneses-2000-2-page-98.htm.

GÉRARD, Chevalier – «L'entrée de l'urbanisme à L'Universitè: la création de l'Institut d'urbanisme (1921-1924)» In Genéses, 2000/2 nº 39, pp. 98-120. ISSN 155-3219, p. 106.

WWW.URL:http:// www.cairn.info/revue-geneses-2000-2-page-98, p. 100

GÉRARD, Chevalier: "L'entrée de l'urbanisme à L'université: la création de l'Institut d'urbanisme (1921-24) », Genèses, 2000/2 no 39, pp.98-120. ISSN 155-3219

WWW. URL: http://www. urbanisme.u-pec.fr/.../com.univ.collaboratif.utils

FREY, Jean Pierre; FOURCAUT, Annie - «L'Urbanisme en quête des revues», in PLUET-DESPATIN, Jacqueline; LEYMARIE, Michel & MOLLIER, Jean-Yves sous la dir. *De La belle Époque des revues. 1880-1914,* actes du colloque tenu à l'abbaye d'Ardenne, Caen, les 20, 21 et 22 janvier 2000, caen, Edditions de l'IMEC, 2002, 440p., pp. 285-304.

WWW.URL:http://www.anparq.org.br/congressos/index.php/ENANPARQ

AZEVEDO, Marlice Nazareth Soares de – «Attilio Corrêa de Lima (1901/1943): Uma produção moderna em diferentes escalas – do objeto à cidade" in *Percursos profissionais: Arquitetos e Urbanistas, a contribuição para a teoria e prática no Brasil, 1920-1960*. Simpósio Temático.

WWW.URL: http://www.citechaillot.fr/ressources/expositions_virtuelles/portraits_architectes

PROST, Henri – Biografia

/biographie_PROST.html

WWW.URL:http:// archiwebture.citechaillot.fr/fonds/ FRAPN02_PROST/inventaire ?cid=objet-21577

PROST, Henri. Portrait d'Henri Prost : l'architecte devant la vue aérienne du centre de la Corne-d'Or avant la construction du pont Atatürk, n.d. (cliché anonyme). (Objet PROST-A-01. Dossier 343 AA 60/9. Doc. HP-PHO-080-01-26)

WWW.URL: http://archiwebture.citechaillot.fr/fonds/ FRAPN02_PROST

WWW.URL: ttp://archiwebture.citechaillot.fr/fonds/FRAPN02_PROST

WWW.URL: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/216

Ramón Gutiérrez – "O princípio do urbanismo na Argentina" – Parte I – O aporte francês; - Parte II – La acción de Ernesto Estrada.

WWW.URL. http://www.ces.uc.pt/publicações/oficina/fichas/229.pdf

NAMORADO, Rui - *Cooperativismo – um horizonte possível.*

WWW.URL: http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=300002&page=9

Imagem do antigo Savoy

Disponível em WWW.URL:

http://www.turismoculturalmacaronesia.com/Regi%C3%B5es/Madeira/Roteiros/Cidades/Urbanismo/A_Cidade_e_e_Na

Parque de Santa Catarina

tureza-1.aspx

Disponível em WWW.URL: http://fims.up.pt/index.php?cat=15&subcat=17&proj=13

PIRES, Maria do Carmo – *Palácio do Comércio.* Porto: Fundação Instituto do Arquiteto Marques da Silva